



INICIATIVA OUTROS BAIRROS

UM URBANISMO INVISÍVEL,
RELACIONAL E COMPROMETIDO
COM AS LUTAS SOCIAIS
DE ALTO DE BOMBA, CABO VERDE

i2ADS.edições





Outros Bairros Initiative

AN INVISIBLE, RELATIONAL
FORM OF URBANISM
COMMITTED TO THE SOCIAL
STRUGGLES OF ALTO
DE BOMBA, CABO VERDE



INICIATIVA OUTROS BAIROS

um urbanismo invisível, relacional
e comprometido com as lutas sociais
de Alto de Bomba, Cabo Verde

EDIÇÃO/EDITION

Porto, 2024

i2ADS edições – Instituto de Investigação
em Artes, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto

i2ADS edições – Institute of Research
in Art, Design and Society Faculty
of Fine Arts, University of Porto

EDITADO POR/EDITED BY

Nuno Flores e Rita Rainho

TRADUÇÃO/TRANSLATION

Luís Paupério
[Capítulos/Chapters 1.1, 1.3, 2.1, 2.3, 2.4, 2.5,
3.1, 3.5, 4.1, 4.2, 5.6, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.6]

TRANSCRIÇÃO/TRANSCRIPTION

Rúben Neves e Inês Alves

PROJETO GRÁFICO/GRAPHIC DESIGN PROJECT

i2ADS – Thiago Liberdade

PAGINAÇÃO/LAYOUT AND TYPESETTING

Hana Luzia e Filipe Aca

FOTOGRAFIA DA CAPA/COVER PHOTOGRAPH

Alto de Bomba, Nuno Flores, 2022.

FOTOGRAFIA DAS BANDANAS/INSIDE FLAP PHOTOGRAPH

Diagnóstico IOB, Alto de Bomba,
Diogo Bento, 2019.

ISBN

978-989-9049-85-7

DEPÓSITO LEGAL/ LEGAL DEPOSIT

560172/26

IMPRESSO/PRINTED 2026

Penagráfica

INICIATIVA OUTROS BAIRROS

**UM URBANISMO INVISÍVEL,
RELACIONAL E COMPROMETIDO
COM AS LUTAS SOCIAIS
DE ALTO DE BOMBA, CABO VERDE**

SUMÁRIO

- 12** **Iniciativa Outros Bairros – Outros Valores**
Initiative Outros Bairros – Other Values
Noura Al Sayeh Holtrop
- 14** **Outros Bairros – um urbanismo invisível, relacional e comprometido com as lutas sociais de Alto de Bomba, Cabo Verde**
Outros Bairros – an invisible, relational urbanism committed to the social struggles of Alto de Bomba, Cabo Verde
Nuno Flores, Rita Rainho
- 28** **CAPÍTULO 1**
Scritor morod na Olt de Bomba e Olt de Bomba morod na scritor
O escritório que mora em Alto de Bomba e Alto de Bomba que mora no escritório
The office that lives in Alto de Bomba and Alto de Bomba who lives in the office
- 31** **1.1 Outros Bairros: vida para todos**
Outros Bairros: Life for all
Nuno Flores
- 45** **1.2 Defender o nosso papel social é defender a própria Arquitetura**
Defending our social role is defending Architecture itself
Ângelo Lopes, Elaine de Pina, Ema Barros, Erickson Fortes e Jakob Kling
- 69** **1.3 Bomba ao Alto**
Bomba ao Alto
Grace Ribeiro
- 75** **1.4 Outros Bairros não tem explicação. É só visto, só sentido**
Outros Bairros defies explanation. It is only seen, only felt
Jason Ferreira, Miriam Lopes e Nelida Ferreira
- 89** **1.5 Um one de traboi seguid [Um ano seguido de trabalho]**
One year of continuous work
Amilcar Gomes, João Cardoso, Elízio Neves, Eros Silva, Davi, Willy Rodrigues

112 CAPÍTULO 2

Pedra calcetód é txon calçod

Calcetar pedra é calçar o chão

A stone paved is a worn pavement

- 115 2.1 **Escutas a partir de conversas com Amdjer na Obra, mulheres calceteiras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente**
Listenings from conversations with Amdjer na Obra, women pavers from Alto de Bomba, São Vicente island
Adelaide Gomes, Cilésia Lopes, Edinélia Veríssimo, Eliana Brito, Leila Fortes, Máisa Fortes e Samira Rocha
- 137 2.2 **“Fazer mestras” calceteiras: da Carriçal da Ilha de São Nicolau ao Alto de Bomba em São Vicente**
Making Master Pavers: from Carriçal on the Island of São Nicolau to Alto de Bomba in São Vicente
Maria de Monte, Etaulina Faria, Arcângela Faria, Angela Brito, Maria de Brito
- 153 2.3 **Educação artística em Alto de Bomba, Cabo Verde – uma aprendizagem com as mulheres e escuta do devir da própria zona**
Artistic Education in Alto de Bomba, Cabo Verde: a learning experience with women and listening to the very area’s becoming
Rita Rainho
- 165 2.4 **“Oh J pagá Luz!”**
“Oh J pagá luz!”
Vanessa Monteiro
- 171 2.5 **Entre o sonho e a realidade: a luta das Mulheres Calceteiras do Alto da Bomba**
Between dream and reality: the struggle of Alto de Bomba’s Women Pavers
Fabiana Vencezlau

176 CAPÍTULO 3

Kubaka – d’studi té um residência criativ hip-hop

Kubaka – do estúdio caseiro à residência criativa hip-hop

Kubaka – from the home studio to the hip-hop creative residency

- 179 3.1 **Experiência Kubaka: rap enquanto plataforma de emancipação social e política**
The Kubaka Experience: Rap as a platform for social and political emancipation
Redy Wilson Lima

- 201 3.2 ***Pta voz de maltas de zona na muzca*** [Por as vozes das pessoas do bairro nas músicas]: Escutas a partir de conversas com Kubaka, jovens músicos
Bringing the voices of the neighborhood into the music: insights from conversations with Kubaka, young Musicians
Manu, Jason, Nonock, Gzoo, Revan e Letra
- 215 3.3 **Tecnologia Afrodiaspórica**
Afro-Diasporic Technology
Bia Ferreira
- 221 3.4 **O verbo de uma classe gritando sua história**
The verb of a class shouting its history
Elisa Lucinda
- 225 3.5 **Iniciativa Outros Bairros – Projeto Kubaka**
Outros Bairros Initiative – Kubaka project
Telmo Luz
- 231 3.6 **Movimento de pessoas, um grito social**
Movements of people, a social outcry
António Tavares

240 CAPÍTULO 4

Matriz d' jog e dsén na Olt d' Bómba

Matrizes do jogo e do desenho em Alto de Bomba

Matrices of Play and of Drawing in Alto de Bomba

- 243 4.1 **Não é ficção – falamos de pessoas**
It is not fiction — we are talking about people
Irlando Ferreira
- 249 4.2 **A teia e o cerco**
The web and the siege
Raquel da Silva
- 255 4.3 **Quando pensaríamos que uma calceteira em Cabo Verde iria fazer xilogravura?**
When would we think that a road worker in Cabo Verde would make woodcuts?
Bento Oliveira

262 CAPÍTULO 5

Nha casa, nha paloss: têm lugar na política pública pa urgência d' territórios é k ta resisti?

A minha casa, o meu palácio: existe lugar nas políticas públicas para as urgências dos territórios em resistência?

My house, my palace: is there room in public policy for the urgencies of territories in resistance within?

- 265 5.1 Entrevista com Ministra de Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde, Eng.^a Eunice Silva**
Interview with the Minister of Infrastructure, Territorial Planning, and Housing of the Government of Cabo Verde, Eng. Eunice Silva
- 269 5.2 Entre iniciativas disruptivas e o tempo das políticas públicas em Cabo Verde**
Between disruptive initiatives and the timing of public politics in Cabo Verde
Carlos Silva
- 281 5.3 Base territorial da Iniciativa Outros Bairros**
Territorial basis of the Other Neighborhoods Initiative
João Pedro Matos Fernandes
- 289 5.4 A dimensão humana na transformação de assentamentos**
The human dimension in the transformation of settlements
Helena Guerreiro
- 295 5.5 Proximidade e impacto: reflexões sobre a Iniciativa Outros Bairros e a Cooperação em Cabo Verde**
Proximity and impact: reflections on the Outros Bairros Initiative and cooperation in Cabo Verde
Alexandra Carvalho
- 303 5.6 *Kasa própria* [casa própria]**
Own Home
Rosário da Luz
- 309 5.7 Entender a realidade das pessoas, uma experiência académica no IOB**
Understanding People's Realities: an Academic Experience within the IOB
Samuel Santos

322 **CAPÍTULO 6**

Prendê má Olt d'Bomba - visita implicod

Aprender com Alto de Bomba - Visitas Implicadas

Learning from Alto de Bomba – Engaged Visits

325 6.1 **Algumas notas sobre informalidade**

A few notes on informality

Francisco Rabaça Vaz Craveiro

341 6.2 **O mundo ao contrário. Teorias de justiça urbana do sul global**

The world turned upside down. Urban justice theories from the global south

Giacomo Pozzi

363 6.3 **A Bomba que levou o sangue ao Alto**

Pump to the Top

Verónica Pinto

369 6.4 **Direito ao lugar e ao espaço público nas áreas autoproduzidas: reflexões a partir do Alto de Bomba, Mindelo, Cabo Verde**

The right to the place and public space in self-produced areas: reflections from Alto de Bomba, Mindelo, Cabo Verde

Ana Silva Fernandes

387 6.5 **Outros Bairros em Alto de Bomba: por uma política para o *habitar***

Other Neighbourhoods in Alto de Bomba: for a politics of dwelling

Adelino Gonçalves

407 6.6 **Outros Bairros – uma reflexão sobre as políticas para a urbanização da pobreza e a construção de cidadania**

Outros Bairros: a reflection on the policies for the urbanisation of poverty and the construction of citizenship

Álvaro Domingues

422 **BIOGRAFIAS**

INICIATIVA OUTROS BAIRROS – OUTROS VALORES¹

Noura Al-Sayeh Holtrop

Lembro-me perfeitamente da primeira vez que vi as ilhas de Cabo Verde, um conjunto de rochas vulcânicas escuras no meio do Oceano Atlântico, ou no meio do nada, como parecia ser a vista da janela do avião – sentir que era um dos lugares mais remotos que já tinha visitado – em missão para fazer a revisão em Alto de Bomba da Iniciativa Outros Bairros, já que este tinha sido pré-selecionado para o Prémio Aga Khan de Arquitetura. Estava muito familiarizada com o projeto em si, mas não com o país e o território onde se situava e, ao chegar, percebi que, dada a intimidade e as qualidades urbanas do projeto que tinha visto através de imagens, não tinha imaginado o quão remoto é o lugar onde se encontra.

Isso tornou a descoberta do projeto ainda mais surpreendente e impressionante. Poucas horas após aterrarmos na pequena pista de aviação, fizemos o nosso caminho na companhia do arquiteto Nuno Flores, desde o centro de Mindelo até ao bairro de Alto de Bomba, por uma estrada pavimentada com basalto, subindo até ao sopé da montanha onde o projeto estava situado. A estrada pavimentada continuava até ao início das primeiras intervenções, ancorando e conectando o projeto à cidade que tenta excluí-lo. A rua pavimentada conduzia a uma primeira pequena praça sombreada por uma grande árvore debaixo da qual os residentes locais se reúnem ao longo do dia, com vista para a cidade de Mindelo e o vasto oceano além. A partir daí, um terraço no espaço público levava a outro, guiando-nos através das diferentes intervenções no bairro.

Descobrimos rapidamente que o Programa de Reabilitação de Outros Bairros oferece um modelo exemplar para intervir de forma sensível e positiva em assentamentos informais. O local da intervenção, um bairro informal nos arredores da cidade de Mindelo, em São Vicente, Cabo Verde, representa questões sobre habitação informal que merecem mais atenção. Tendo em conta a

considerável quantidade de habitação necessária em todo o mundo, o projeto baseia-se na habitação informal como uma solução em vez de um problema, guiando-se pela engenhosidade das pessoas em reutilizar recursos, materiais e apropriar-se de geografias difíceis para criar habitação viável que podem melhorar gradualmente ao longo do tempo. O envolvimento de Nuno Flores no tema, começando como um projeto de pesquisa universitária e evoluindo para um projeto físico implementado pelo Ministério da Infraestrutura, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde, onde o arquiteto estava inserido, demonstra a importância e o impacto do envolvimento com instituições governamentais públicas.

Para além do contexto do projeto, a qualidade das intervenções e o processo são exemplares. O envolvimento da comunidade local, não apenas na consulta sobre o design, mas como uma componente integral e força de trabalho para o projeto, reflete-se em muitos níveis. O design das intervenções do projeto foi adaptado ao saber local e reflete-se na qualidade e sensibilidade do projeto. A combinação de obras de infraestrutura com intervenções em microescala, à escala do indivíduo e da fauna local, estabelece um precedente para intervenções públicas que podem reconciliar as necessidades coletivas e individuais para fornecer espaços públicos de qualidade e criar as tão necessárias oportunidades de emprego, de modo que o projeto não só resolva as necessidades físicas, mas também as necessidades económicas da comunidade.

Lembro-me muito nitidamente da nossa última paragem do dia, era um pouco depois do meio-dia, o sol estava escaldante, refletindo na pedra vulcânica escura que flanqueia as encostas da montanha e pavimentava as estradas. Estávamos a visitar a casa auto-construída de uma das mulheres que tinha sido formada para se tornar calceteira. Mãe solteira de três filhos, o interior da sua casa estava perfeitamente decorado, apesar da aparência exterior degradada². Ilustrava perfeitamente o sucesso do projeto, tecendo o social, físico e moral juntos, restaurando, em última análise, a dignidade e a agência de uma comunidade negligenciada.

1 Texto original em inglês, tradução livre dos editores.

1

[Nota Editorial] Noura refere-se à calceteira Maisa Fortes, uma líder do grupo Amdjer na Obra ["Mulheres na Obra"] (formado no âmbito da Iniciativa Outros Bairros), que tem trabalhado com a Câmara Municipal de São Vicente desde dezembro de 2021.

2

Atualmente, Maisa vive com seus 5 filhos numa casa que já conseguiu transformar com paredes de blocos de cimento, enquanto, na altura da visita mencionada, era ainda construída principalmente de material de tambor. Atualmente, a luta pela transformação da precariedade laboral persiste, e os moradores da área de Alto de Bomba continuam a lutar pelo direito a uma habitação digna e ao local onde vivem.

INITIATIVE OUTROS BAIRROS – OTHER VALUES

Noura Al-Sayeh Holtrop

I remember vividly the first time I saw the islands of Cabo Verde, as a speckling of dark volcanic rocks in the midst of the Atlantic Ocean, or in the middle of nowhere as it appeared to be from the airplane window- it felt like one of the most remote places I had ever been to. On a mission to review the project of Alto de Bomba in the Initiative Outros Bairros as it was shortlisted for the Aga Khan Award for Architecture, I was very familiar with the project itself but not with the country and territory it was and realized on arrival that given the intimacy and urban qualities of the project I had seen through images, I had not imagined the remoteness of the land it sits on.

This made the discovery of the project only more surprising and astonishing. A few hours after landing on the small airstrip, we made our way in the company of the architect Nuno Flores from the centre of Mindelo to the neighborhood of the Outros Barrios through a basalt lined road that ascended to the mountain foothill where the project was perched. The paved road continued to the start of the first interventions, anchoring and connecting the project with the city that attempts to exclude it. The paved street led to a first small square shaded by a large tree under which local residents gather throughout the day overlooking the city of Mindelo and the vast ocean beyond. From there one, one terrace and public space led to another taking us through the different interventions in the neighborhood.

We would very soon discover that the Outros Barrios Rehabilitation Programme offers an exemplary model for intervening in a sensible and positive manner in informal settlements. The site of the intervention, an informal neighborhood on the outskirts of the city of Mindelo in Sao Vicente, Cabo Verde, represents issues on informal housing that deserve more attention. Taking into consideration the considerable amount of

housing needed across the world, the project builds upon informal housing as a solution rather than a problem, guiding itself by people's ingeniousness in reusing resources, materials and appropriating difficult geographies to create viable housing that they can gradually improve over time. The engagement of Nuno towards the topic, that started as a university research project and then evolved into a physical project implemented by the Ministry of Infrastructure, Urban Planning and Housing where the architect was embedded demonstrates the importance and impact of engaging with public governmental institutions.

Beyond the context of the project, the quality of the interventions and the process are exemplary. The involvement of the local community not only in consultation on the design but as an integral component and workforce for the project is reflected at many levels. The design of the project interventions has been tailored around the local know-how and are reflected in the quality and sensitivity of the project. The combination of infrastructural works with micro-scale interventions at the scale of the individual and the local wildlife set a precedence for public interventions that can reconcile the collective and individual needs to provide quality public spaces and create much needed job opportunities, so that the project not only solves the physical but equally the economic needs of the community.

I remember very vividly our last stop of the day, it was a bit after noon, the sun was blistering hot reflecting on the dark volcanic stone that flanks the slopes of the mountain and pave the roads. We were visiting the self-built home of one of the women that had been trained to become a stone paver. A single mother of three children, her interiors were perfectly appointed despite the outwardly shabby appearance of her home¹. It perfectly illustrated the success of the project, weaving the social, physical and moral together in ultimately restoring dignity and agency to a neglected community.

[Editorial Note] Noura references the woman paver Maisa Fortes, a leader of the group *Amdjer na Obra* ["Women in the Working Site"] (formed within the scope of the Initiative Outros Bairros), which has been working with the Municipality of São Vicente since December 2021. Today, Maisa lives with her 5 children in a house that she has already managed to transform with concrete block walls,

whereas at the time of the mentioned visit, it was still primarily constructed of drum material. Currently, not only does the struggle for transforming labor precariousness persist, but the residents of the Alto de Bomba area continue to struggle for the right to dignified housing and the place where they live.

OUTROS BAIRROS – UM URBANISMO INVISÍVEL, RELACIONAL E COMPROMETIDO COM AS LUTAS SOCIAIS DE ALTO DE BOMBA, CABO VERDE

Nuno Flores
Rita Rainho

A urbanização forma-se para além dos discursos clássicos que definem a cidade, centrados na civitas (a sociedade); na pólis (o poder) e na urbis (o ambiente construído). Ela caracteriza-se pela valorização do processo de urbanização em si, sem se restringir a um lugar específico, tomando forma em qualquer lugar. O capitalismo global produz um tecido informal que, por si só, constitui um modo de urbanização que requer, tanto a compreensão do modo de vida das populações por parte dos envolvidos, quanto uma reflexão crítica sobre a aplicação de modelos hegemónicos externos aos lugares, frequentemente importados de outras geografias e previamente concebidos.

Foi neste sentido que a Iniciativa Outros Bairros (IOB) se desenvolveu, sobretudo a partir da cumplicidade nas lutas sociais e da vivência de um presente feito por esforços coletivos e transformadores – um processo aberto e dinâmico. Os territórios autoproduzidos nas cidades, em Cabo Verde, tornaram necessária a IOB, que se configurou e se tornou financeiramente possível como iniciativa governamental associada ao MIOTH – Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território de Habitação do Governo de Cabo Verde, acompanhada por um compromisso técnico e científico do MA – Ministério do Ambiente e da Ação Climática do Governo de Portugal. A base conceptual desta iniciativa política e social garantiu um processo de envolvimento entre a equipa, as pessoas e os seus territórios autoproduzidos.

A iniciativa propôs-se reabilitar os bairros (localmente chamados de zonas) de Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando Pó, a partir do modo de vida da população local, perseguindo um urbanismo relacional, uma suspensão dos planos em favor do tempo de escuta das necessidades, dos desejos e desígnios de quem pertence ao lugar. Desse entendimento, as equipas reviram o seu papel e modo de atuação, a população sentiu a sua capacidade, o seu lugar e a sua força coletiva – reconheceu-se a escuta e a partilha no seio das próprias zonas. Neste caso



Vista do Monte Cara a partir de Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019.

específico, as relações tinham-se iniciado com o trabalho “No te ne kemin” de extensão académica do M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, Mindelo, 2015. E foi desse deslocamento e afeto semeado que se deu corpo ao compromisso com as zonas, implementando-se a IOB a partir do centro nevrálgico das políticas públicas do território de Cabo Verde, o MIOTH.

O exercício constante de escuta conduziu a IOB a uma dinâmica social e cultural própria, nascida de desejos comuns num determinado momento, da qual vieram a resultar: encontros às quartas-feiras na Praça Nho Jon para conversas temáticas ou cinema; formação de um grupo de dez mulheres calceteiras na própria zona; criação de um álbum de hip-hop sobre a vida e os ofícios de moradores por parte de um grupo de jovens; germinação de hortas comunitárias; realização de oficinas de xilogravura; encontros para jogos de basket e ainda surgiu a Brigada de Intervenção Política – BIP e a Associação Comunitária Alto Bomba Unido. Foi nesse contexto de dinâmica social e cultural que se realizaram os trabalhos de reabilitação do espaço público físico



View from Monte Cara a partir de Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019.

OUTROS BAIROS – AN INVISIBLE, RELATIONAL URBANISM COMMITTED TO THE SOCIAL STRUGGLES OF ALTO DE BOMBA, CABO VERDE

Nuno Flores
Rita Rainho

Urbanization develops beyond the classic discourses that define the city, centered on *civitas* (society), *polis* (power), and *urbs* (the built environment). It is characterized by valuing the process of urbanization itself, rather than being confined to a specific place, taking shape in various contexts. Global capitalism produces an informal fabric that, on its own, constitutes a form of urbanization that requiring both an understanding of the populations' way of life and a critical reflection on the application of hegemonic models, often imported from other geographies and preconceived.

In this context, the Outros Bairros Initiative (IOB) was developed, grounded in solidarity with social struggles and the lived experiences

of a present shaped by collective and transformative efforts –

a dynamic and open-ended process. Self-produced territories in Cabo Verdean cities made the IOB necessary, becoming financially viable as a government initiative associated with the MIOTH – Ministry of Infrastructure, Territorial Planning, and Housing of the Government of Cabo Verde, supported by technical and scientific commitment from the MA – Ministry of Environment and Climate Action of the Government of Portugal. The conceptual foundation of this political and social initiative ensured a process of engagement between the team, the people, and their self-produced territories.

The initiative aimed to rehabilitate the neighborhoods (locally called “zones”) of Alto de Bomba, Covada de Bruxa, and Fernando Pó, based on the local population's way of life, promoting a relational urbanism – a suspension of formal plans in favor of listening to the needs, desires, and aspirations of those who belong to the place. From this understanding, the teams re-evaluated their role and approach, the population felt empowered, found their place, and recognized their collective strength – the spirit of listening and sharing was embraced within the zones themselves. In this specific case, relationships began with the “No te ne kemin” academic extension project of M_EIA – Institute of Art, Technology, and Culture, Mindelo, in 2015. Through this act of displacement and the care it fostered, the commitment to the zones took shape, and the IOB was implemented from the nerve center of public policy in Cabo Verde, the MIOTH.

The continuous practice of listening guided the IOB to cultivate its unique social and cultural dynamics, born from shared desires at a specific moment, which resulted in: weekly meetings on Wednesdays at Praça Nho Jon for thematic discussions or cinema; the formation of a group of ten women pavers in the area; the creation of a hip-hop album about the lives and trades of residents by a group of young people; establishment of community gardens; workshops on woodblock printing; gatherings for basketball games; and the emergence of the Political Intervention Brigade (BIP) and the Alto Bomba Unido Community Association. It was within this social and cultural dynamic that work was carried out to rehabilitate

que afetou positivamente 171 habitações da própria zona.

A obra física planeada ficou incompleta, as necessidades de infraestruturas apenas em parte suprimidas. Em dezembro de 2021 a Iniciativa Outros Bairros (IOB) na zona de Alto de Bomba, na ilha de São Vicente, Cabo Verde, foi abruptamente interrompida, deixando suspensas as expectativas de melhores condições de vida desta população, o abastecimento de água, o saneamento, os acessos, o trabalho, o rendimento, a imagem de si, o fortalecimento das dinâmicas coletivas, etc, etc. A IOB concretizara apenas 30% do concebido e discutido para Alto de Bomba e para as zonas de Fernando Pó e Covada de Bruxa, com quem se havia assumido um compromisso em 2019.

Através do envolvimento do Coletivo de Ação e Investigação do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (ID_CAI/ i2ADS) durante a IOB, desejamos estar de novo juntos para construir este livro, para entender o pensamento e o movimento que ficou, bem como o modo de agir num futuro outro. A referida interrupção da IOB marcou o início do desejo e do processo que nos levou a este objeto: um livro que nasce a partir da impossibilidade de continuar o trabalho com as pessoas e transforma esse impedimento em relações sonhadoras como um contributo para futuras iniciativas de urbanismo invisível, relacional e comprometido com as lutas sociais de cada lugar. Com a contingência de não continuar, canalizamos as energias para mapear todas as pessoas que se tinham envolvido no processo e que queriam conversar connosco sobre isso. Não tivemos a intenção de criar uma medida de intensidade do envolvimento, um modo de o registar ou avaliar. O contacto foi feito a partir das relações e vínculos que se tinham estabelecido e os formatos de guardar e partilhar as conversas, o pensamento e a percepção do vivido foram diferenciadas, tendo-se materializado em:

- Entrevistas organizadas individualmente e em grupos de pessoas envolvidas diretamente na IOB, transcritas, editadas e posteriormente validadas pelas pessoas entrevistadas;
- Depoimentos de pessoas que, não sendo de

Alto de Bomba, se envolveram indiretamente na IOB;

- Artigos científicos de arquitetos(as) e investigadores(as) que visitaram Alto de Bomba em algum momento e se impactaram;
- Documentos de ações de movimento público e político da população;
- Esquços dos processos participados;
- Fotografias dos diferentes fotógrafos(as) envolvidos(as) ao longo do processo.

Estes formatos evidenciam a diversidade e representatividade de quem aceitou a proposta de participar no livro, integrando pessoas sobretudo de Alto de Bomba, mas também de outras zonas e de outros países, pessoas das equipas técnicas, homens e mulheres calceteiros e calceteiras, jovens e ainda pessoas em representação de instituições públicas promotoras e cooperantes.

Procuramos que a multiplicidade de formatos contribuísse para a inclusão de mais pessoas emitindo a sua própria opinião, partilhando a sua vivência em primeira pessoa, independentemente da sua afinidade (ou não) com a expressão escrita. Assumimos que a oralidade foi a base da relação com a população e que poderia, no processo de preparação de conteúdos para o livro, recuperar a continuidade das conversas e o à vontade franco dos diálogos. Isso tornou o processo mais lento e laborioso, apresentando dificuldades nas várias fases da transcrição e edição. Reconhecemos a importância da língua materna, o crioulo cabo-verdiano, nas suas variantes de São Vicente, São Nicolau e Santiago e encaramos os desafios e incompletudes de tradução. Por fim, as imagens também se tornaram material subjetivo de pensamento que incorpora o livro. Elas não se limitam a esboços, plantas participativas e desenhos técnicos; incluem também o trabalho de fotografia e narrativa visual no livro. Cada uma delas expressa uma posição, um encontro, uma necessidade de aproximação ao lugar. Não são, portanto, neutras; elas integram o desconforto diante da discriminação que a população enfrenta, ao mesmo tempo que reconhecem a dimensão de participação na visibilidade

the public physical space, positively impacting 171 homes in the area.

The planned physical works remained incomplete, with infrastructure needs only partially addressed. In December 2021, the Outros Bairros Initiative (IOB) in the Alto de Bomba area on the island of São Vicente, Cabo Verde, was abruptly interrupted, leaving hopes for better living conditions for this population – such as water supply, sanitation, access, employment, income, self-image, and strengthening collective dynamics – uncertain. The IOB had only realized 30% of what was conceived and discussed for Alto de Bomba, as well as for the zones of Fernando Pó and Covada de Bruxa, with which a commitment had been made in 2019.

Through the involvement of the Action and Research Collective of the Research Institute in Art, Design, and Society (ID_CAI/i2ADS) during the IOB, we wish to come together again to create this book to understand the thoughts and movements that remained, as well as the ways of acting in a different future. The previously mentioned interruption of the IOB initiated the desire and process that brought us to this work: a book that arises from the impossibility of continuing the work with the people and transforms this impediment into aspirational relationships, serving as a contribution to future initiatives of invisible, relational urbanism committed to the social struggles of each place. Given the inability to continue, we channeled our energies to map all the individuals who had engaged in the process and wished to discuss it with us. We did not intend to create a measure of the intensity of involvement, nor a way to record or evaluate it. The contact was made through the relationships and bonds that had been established, and the methods for preserving and sharing conversations, thoughts, and perceptions of lived experiences varied, materializing in:

- Interviews organized individually and in groups with people directly involved in the IOB, transcribed, edited, and subsequently validated by the interviewees;

- Testimonies from individuals who, while not from Alto de Bomba, were indirectly involved in the IOB;
- Scientific articles by architects and researchers who visited Alto de Bomba at some point and were impacted by it;
- Documents of individual and collective public and political;
- Sketches of participatory processes;
- Photographs from various photographers involved throughout the process.

These formats highlight the diversity and representativeness of those who accepted the invitation to participate in the book, incorporating people mainly from Alto de Bomba but also from other areas and countries, including technical team members, male and female pavers, youth, and representatives from promoting and cooperating public institutions. We aimed for the multiplicity of formats to contribute to the inclusion of more voices, allowing individuals to express their opinions and share their experiences in the first person, regardless of their affinity (or lack thereof) with written expression. We recognized that orality was the foundation of our relationship with the community and that it could, during the process of preparing content for the book, recover the continuity of conversations and the candidness of dialogues. This made the process slower and more labor-intensive, presenting challenges at various stages of transcription and editing. We acknowledge the importance of the mother tongue, Cabo Verdean Creole, in its variants from São Vicente, São Nicolau, and Santiago, and we embraced the challenges and incompleteness of translation. Finally, the images also became subjective material for thought incorporated into the book. They extend beyond sketches, participatory plans, and technical drawings; they also include photographic work and visual narratives within the book. Each of them expresses a position, a meeting, and a need to approach the place. They are, therefore, not neutral; they convey the discomfort regarding the discrimination faced by the population, while also recognizing the importance of participation in the visibility

dos movimentos de resistência locais, com os quais a IOB se propôs aliar.

Acreditamos que esse processo garantiu uma amplitude de perspectivas que dão corpo ao livro, aquelas que integram histórias de sucesso, histórias de descontentamento, histórias de incompletude, histórias de transformação e, por fim, as que juntam um pouco de cada.

O capítulo 1. **Scritor morod na Olt de Bomba e Olt de Bomba morod na scritor [O escritório que mora em Alto de Bomba e Alto de Bomba que mora no escritório]** reúne uma série de textos das várias equipas que atuaram diariamente na IOB. Uma das principais decisões que expressou a necessidade de escuta e partilha entre as equipas e população foi a instalação do escritório no próprio bairro de Alto de Bomba.

O capítulo começa com 1.1 **Outros Bairros: Vida para todos**, um texto introdutório de Nuno Flores, enquanto coordenador do projeto, estabelecendo os pressupostos conceptuais e políticos da IOB em torno do urbanismo nas zonas autoproduzidas com caráter participativo e comprometido com um bem comum para todos. Reconhecendo este modo de urbanização, o desenho rizomático da Iniciativa cresceu como uma raiz que se aprofundou na sua zona e com sua população. Ao contrário da habitual tendência de chamar de “comunidade” a locais fisicamente delimitados, de precariedade física, a IOB contribui para construir pontes e redes baseadas no modo de vida local, ativando espaços públicos para fomentar o espírito comunitário e a conceção do “comum”.

Segue-se 1.2 **Defender o nosso papel social é defender a própria Arquitetura**, uma conversa da equipa de arquitetos(as), estudantes/ estagiários(as) que, entretanto se consolidaram arquitetos(as) no decorrer da própria IOB, compondo a equipa. As suas discussões giram em torno da experiência vivida, do seu entendimento sobre o papel de arquiteto(a), sua dimensão social e sua reflexão sobre a própria arquitetura.

No seguinte subcapítulo, 1.3 **Bomba ao Alto** consta o depoimento da Grace Ribeiro que, entre outros(as) fotógrafos(as), documentou visualmente a IOB. A sua perspectiva acrescenta não só um olhar íntimo dos processos da IOB, como chegou a formar um grupo local de registo audiovisual de pessoas, saberes e ofícios no Alto de

Bomba. Os jovens da zona também integraram estas equipas em vários momentos da IOB.

No subcapítulo 1.4 **Outros Bairros não tem explicação. É só visto, só sentido** fica patente a perceção de um grupo de jovens sobre a zona, a consciencialização sobre os seus direitos, o seu sentimento de pertença coletiva, mas também sonhos e dificuldades de integrar IOB.

Por fim, no subcapítulo 1.5 **Um one de traboi seguid [Um ano seguido de trabalho]** estão representados os trabalhadores de construção civil locais que, ao longo dos vários anos, estiveram diariamente no trabalho da IOB. Em termos contratuais ficou estipulado que pelo menos 50% dos trabalhadores das obras seriam moradores desempregados da zona. Essa norma determinou que se contrariasse a precariedade financeira destes trabalhadores, contratando-os e garantindo-lhes salário durante um período longo, o que lhe ofereceu um horizonte para organizar as suas vidas.

O segundo capítulo do livro, 2. **Pedra calcetód é txon calçod [Calcetar pedra é calçar o chão]** trata das dinâmicas de reivindicação, reconhecimento, formação e coletivização de um grupo de mulheres calceteiras no bairro de Alto de Bomba. O capítulo explora como a atribuição inicial de trabalhos de calcetamento para homens moradores da zona provocou uma resposta das mulheres moradoras, que também queriam participar e garantir um rendimento regular através da IOB. Nesse contexto, a IOB organizou uma formação em contexto, específica para mulheres da comunidade, ampliando um direito que inicialmente era previsto para trabalhadores inscritos (homens, no caso). Esse processo evidenciou o impacto da escuta e do diálogo contínuo entre as equipas da IOB e a população local, no caso garantindo maior inclusão e a equidade no acesso ao trabalho na IOB.

O subcapítulo 2.1 **Escutas a partir de conversas com Amdjer na Obra, mulheres calceteiras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente** articula as suas vozes, conversando sobre como tudo começou e como se desenrolou a superação de estigmas. Ao longo da conversa é expressiva não só a entrega do grupo na nova profissão, como a magia sentida por serem as próprias moradoras a pavimentar as ruas da sua zona, restituindo a devida dignidade ao lugar. Também se destaca a auto e heterovalorização em torno do grupo, patente em pequenos

of local resistance movements, with which the IOB sought to align itself.

We believe that this process ensured a broad range of perspectives that give substance to the book, including those that encompass stories of success, stories of discontent, stories of incompleteness, stories of transformation, and, finally, those that combine a little bit of each.

Chapter 1. *The office that resides in Alto de Bomba and Alto de Bomba that resides in the office*, brings together a series of texts from the various teams that worked daily on the IOB. One of the main decisions that expressed the need for listening and sharing between the teams and the community was the establishment of the office right in the neighborhood of Alto de Bomba.

The chapter begins with 1.1 *Outros Bairros: life for all*, an introductory text by Nuno Flores, the project coordinator, which establishes the conceptual and political foundations of the IOB regarding urbanism in self-produced areas with a participatory character, committed to a common good for all. Recognizing this mode of urbanization, the rhizomatic design of the Initiative grew like a root that delved deeper into its area and with its population. Contrary to the usual tendency to label physically bounded areas of precariousness as “community,” the IOB contributes to building bridges and networks based on local ways of life, activating public spaces to foster community spirit and the conception of the “common”.

Next is 1.2 *Defending our social role is defending architecture*, a discussion by the team of architects and students/interns who have since become architects during the course of the IOB, thus forming the team. Their discussions revolve around lived experiences, their understanding of the role of an architect, its social dimension, and their reflections on architecture itself.

In the following subsection, 1.3 *Bomba to the Top*, features a testimony from Grace Ribeiro, who, along with other photographers, visually documented the IOB. Her perspective adds not only an intimate view of the IOB processes but also helped form a local group for audiovisual recording of people, knowledge, and trades in Alto de Bomba. The youth from

the area also participated in these teams at various moments throughout the IOB.

In subsection 1.4 *Outros Bairros has no explanation. It can only be seen, only felt*, the perceptions of a group of young people about the area are evident, as well as their awareness of their rights, their sense of collective belonging, and also their dreams and challenges in integrating into the IOB.

Finally, in subsection 1.5 *A Year of Continuous Work*, the local construction workers who were involved daily in the IOB over the years are represented. It was stipulated contractually that at least 50% of the workers on the projects would be unemployed residents from the area. This requirement ensured that the financial precariousness of these workers was addressed by hiring them and guaranteeing them a salary for an extended period, which provided them with a pathway to organize their lives.

The second chapter of the book, 2. *Pedra calcetód é txon calçod* [To pave stone is to shoe the ground], addresses the dynamics of claiming, recognition, training, and collectivization within a group of female pavers in the Alto de Bomba neighborhood. The chapter explores how the initial assignment of paving jobs to male residents of the area triggered a response from the women residents, who also wanted to participate and secure a regular income through the IOB. In this context, the IOB organized a specific on-site training for the women of the community, expanding a right that had initially been reserved for registered workers (in this case, men). This process highlighted the impact of ongoing listening and dialogue between IOB teams and the local population, ultimately ensuring greater inclusion and equity in access to work within the IOB.

Subchapter 2.1 *Listenings from conversations with Amájer na Obra, women pavers from Alto de Bomba, São Vicente Island* articulates their voices, discussing how it all began and how they overcame stigmas. Throughout the conversation, it is striking not only the group’s dedication to the new profession but also the sense of magic they felt from being the ones to pave the streets of their own neighborhood, restoring the

gestos de elogio, entreaduda, mas também na estética de autopromoção coletiva.

No subcapítulo seguinte **2.2 “Fazer mestras” calceteiras: da Carriçal da ilha de São Nicolau ao Alto de Bomba em São Vicente** conhece-se o grupo de calceteiras mulheres que vieram de outra ilha para formar o novo grupo de calceteiras. A linha mestra do pavimento da calçada, assim como o metro quadrado, servem a esta conversa como chaves que permitiram desbloqueios, na prática da calçada (devido à determinação espacial ou cálculo matemático) partilhadas por trabalhadores(as), calceteiras e arquitetos(as). Os desígnios de cada grupo não se encerraram. Consolidaram-se conquistas e afirmações coletivas, mas muitos direitos e necessidades estão por cumprir.

No texto do subcapítulo **2.3 Educação Artística em Alto de Bomba, Cabo Verde – uma aprendizagem com as mulheres e escuta do devir da própria zona**, Rita Rainho constrói um argumento de desconstrução sensível sobre o que se espera de uma consultoria de educação artística e estética numa iniciativa de urbanismo. As aprendizagens com este grupo de mulheres foram-se multiplicando e impactando outros interstícios das lutas inerentes.

No subcapítulo **2.4 Oh J pagá Luz!** [Oh Jesus apaga a luz!] consta o depoimento de Vanessa Monteiro que se afetou pelo trabalho duro de sol a sol do grupo *Amdjer na Obra* e criou um conjunto de acessórios de proteção no trabalho na calçada. Os objetos, chapéu, cinta e joelheiras, foram desenhados a partir das necessidades específicas do grupo e num trabalho estreito com artesãos(ãs) locais de cesteria e trabalho em couro.

O último subcapítulo **2.5 Entre o sonho e a realidade: a luta das Mulheres Calceteiras do Alto da Bomba** é também um depoimento, de Fabiana Vencezlau, que partilhou histórias de resistência lideradas por mulheres no quilombo de Conceição das Crioulas, Brasil, tornando-se também ela cúmplice das lutas no Alto de Bomba contra as desigualdades e injustiças sociais que mais atingem as mulheres nesta zona.

O capítulo **3. Kubaka – do estúdio caseiro à residência criativa hip-hop** trata de evidenciar como um grupo de jovens ocupou o espaço público na sua zona. A partir de um estúdio caseiro existente na zona foi promovida,

no âmbito da IOB, uma residência criativa de hip-hop para jovens da zona com: encontros na Praça Nho Jon sobre história do hip-hop, sobre o hip-hop crioulo e sobre a afirmação identitária e política; sessões de conversas com a população; escrita criativa; gravação e lançamento do álbum.

No subcapítulo **3.1 Experiência Kubaka: Rap enquanto plataforma de emancipação social e política**, Redy Lima, coordenador da Residência, discute a potencialidade do rap questionar o legado colonial, com foco no debate sobre classe, lugar, raça, cultura e memória, abrindo a reflexão do papel da juventude no entendimento da zona de Alto de Bomba na história da cidade e das barreiras simbólicas instituídas que a marginaliza.

No subcapítulo **3.2 Pta voz de malta de zona na muzca [Pôr as vozes das pessoas do bairro nas músicas]: Escutas a partir de conversas com Kubaka**, jovens músicos, segue-se a conversa dos próprios jovens rappers moradores da zona e de dois rappers cabo-verdianos convidados. Também eles se deparam com a necessidade de ouvir a população, incorporando suas vozes e problemas nas próprias músicas, fazendo delas palavra de expressão estética e musical de uma luta partilhada.

Durante a pandemia foram organizadas várias atividades na Praça Nho Jon, convidando para participação virtual várias pessoas amigas da IOB, referência internacional em vários temas, tais como o urbanismo, a gestão, o género, a violência, o desporto, a saúde, mas também o próprio rap. Os dois subcapítulos seguintes são parte de duas participações especiais **3.3 Tecnologia afrodiaspórica**, de Bia Ferreira e **3.4 O verbo de uma classe gritando sua história**, de Elisa Lucinda, qualquer uma delas partilhando sua poética, resistência e expressão do povo negro, sintonizadas com Alto de Bomba para fortalecer a palavra destes jovens.

Da diáspora se compõe a voz do subcapítulo **3.5 Iniciativa Outros Bairros – projeto Kubaka**, depoimento de Telmo Luz, que reconheceu a importância do álbum Kubaka e do trabalho realizado no âmbito da IOB para a população: “uma arma que é muito maior que as calçadas: uma mente pensante e revolucionária.”

Do mesmo modo, no subcapítulo **3.6 Movimento de pessoas, um grito social**, António

due dignity to the place. The subchapter also highlights the self- and hetero-valuation surrounding the group, evident in small gestures of praise, mutual help, and in the collective aesthetic of self-promotion.

In the following subchapter 2.2 “*Making Masters*” paving women: from *Carrical on the island of São Nicolau to Alto de Bomba in São Vicente*, the group of female pavers who came from another island to form the new group of pavers is introduced. The master line of the pavement, as well as the square meter, serve in this conversation as keys that allowed breakthroughs in the practice of paving (due to spatial determination or mathematical calculation) shared by workers, pavers, and architects. The goals of each group were not fully realized. Collective achievements and affirmations were consolidated, but many rights and needs remain unfulfilled.

In the text of subchapter 2.3 *Artistic Education in Alto de Bomba, Cabo Verde – a learning experience with the women and listening to the becoming of the area*, Rita Rainho constructs a sensitive deconstruction argument about what is expected from an artistic education and aesthetics consultancy in an urban planning initiative. The learnings with this group of women multiplied and impacted other aspects of the inherent struggles.

In subchapter 2.4 *Oh J pagá Luz! [Oh Jesus, switch off the light!]*, there is the testimony of Vanessa Monteiro, who was moved by the hard, under the sun, from morning till night work of the *Amdjer na Obra* group and created a set of protective work accessories for paving. The objects – hat, belt, and knee pads – were designed based on the specific needs of the group, in close collaboration with local artisans working with basketry and leather.

The final subchapter 2.5 *Between dream and reality: the struggle of the women pavers of Alto de Bomba* is also a testimony, this time from Fabiana Vencezlau, who shared stories of resistance led by women in the quilombo of Conceição das Crioulas, Brazil, and who also became an ally in the struggles in Alto de Bomba against the inequalities and social injustices that most affect women in the area.

Chapter 3: *Kubaka – from the home studio to the hip-hop creative residency* aims to highlight

how a group of young people took over the public space in their neighborhood. Starting with an existing home studio in the area, a hip-hop creative residency for local youth was organized under the IOB framework.

The residency included: meetings at Praça Nho Jon about the history of hip-hop, Cabo Verdean hip-hop, and identity and political affirmation; conversations with the local population; creative writing sessions; and the recording and release of an album.

In subchapter 3.1 *Kubaka experience: rap as a platform for social and political emancipation*, Redy Lima, coordinator of the Residency, discusses the potential of rap to question the colonial legacy, focusing on the debate around class, place, race, culture, and memory. This opens up a reflection on the role of youth in understanding the Alto de Bomba neighborhood within the city’s history and the symbolic barriers that marginalize it.

In subchapter 3.2 *Pta voz de maltas de zona na muzca* [Putting the Voices of the People from the Neighborhood into the Music], the conversation continues with the young rappers from the area, alongside two invited Cabo Verdean rappers. They too face the need to listen to the population, incorporating their voices and issues into their music, making them words of aesthetic and musical expression in a shared struggle. During the pandemic, several activities were organized at Praça Nho Jon, inviting IOB’s international friends and experts in various fields such as urbanism, management, gender, violence, sports, health, and even rap itself, to participate virtually.

The next two subchapters feature special contributions: 3.3 *I will not walk with fear* by Bia Ferreira and 3.4 *The Verb of a Class Shouting Its History* by Elisa Lucinda, both sharing their poetic resistance and the expression of the Black community, resonating with Alto de Bomba to strengthen the voice of these young people.

From the diaspora, we hear the voice in subchapter 3.5 *Iniciativa Outros Bairros – Kubaka Project*, with a testimony from Telmo Luz, who recognized the importance of the Kubaka album and the work carried out within the IOB framework for the local population: “A weapon much greater than the sidewalks: a revolutionary and thinking mind.”

Tavares fala da autoestima das pessoas e do reconhecimento de pertença coletiva a um lugar que se impulsionou com a IOB.

O capítulo 4. **Matrizes do jogo e do desenho em Alto de Bomba**, fala do ponto de vista de outras relações afetivas e sensíveis que se estabeleceram no espaço público do Alto de Bomba. Os subcapítulos 4.1 **Não é ficção – falamos de pessoas**, Irlando Ferreira e no 4.2 **A teia e o cerco**, Raquel da Silva, trazem como depoimento o modo como as vivências dos jogos intergeracionais de basketball ao domingo em Alto de Bomba, ou às quartas-feiras conversas, filmes e outros na Praça Nho Jon, o e a afetaram aos problemas desta zona.

Por fim, no subcapítulo 4.3 **Quando pensaríamos que uma calceteira em Cabo Verde iria fazer xilogravura?** Bento Oliveira conversa sobre o entendimento da IOB na perspectiva duma educação sensível, a partir das relações que cuidou no espaço e no tempo da zona. Além disso, a sua perspectiva sobre “saber-fazer” no desenho ou na xilogravura desvela a magia vivida ao longo das oficinas no Alto de Bomba.

No capítulo 5. **Nha Casa, Nha Paloss: existe lugar para as urgências dos territórios em resistência nas políticas públicas?**, são aprofundadas as contradições inerentes à possibilidade da IOB se transformar numa política pública direcionada ao território das zonas autoproduzidas do Mindelo e que, a partir desta experiência piloto, se estendesse a Cabo Verde no futuro.

O subcapítulo 5.1 previa a inclusão da entrevista realizada pelos editores do livro à Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde, que tutelou a IOB. No entanto, a publicação da entrevista não foi autorizada.

No subcapítulo 5.2 **Entre Inicativas Disruptivas e o Tempo da política em Cabo Verde**, Carlos Silva, então Presidente do Conselho de Administração das Infraestruturas de Cabo Verde, entidade responsável pela gestão de todas as obras públicas de infraestrutura do país e por parte do apoio técnico / administrativo da IOB, traz como depoimento o lado disruptivo da IOB dentro da estrutura estatal; a necessidade de percorrer um tempo que dará maturidade às políticas cabo-verdianas para

o território, bem como a possibilidade de se considerar esta forma de urbanização como algo que reconhece o que existe e deve ser abraçado.

Seguem-se três subcapítulos com foco na cooperação internacional e suas ligações à IOB: 5.3 **Base territorial da Iniciativa Outros Bairros – perspectiva da Cooperação Portuguesa**; 5.4 **A dimensão humana na transformação de assentamentos**; e 5.5 **Proximidade e Impacto: Reflexões sobre a Iniciativa Outros Bairros e a Cooperação em Cabo Verde** de João Pedro Matos Fernandes, Helena Guerreiro e Alexandra Carvalho, respetivamente. Nestes três subcapítulos, discute-se a possibilidade da IOB, a partir de processos de cooperação internacionais totalmente desenvolvidos em Cabo Verde, ser posteriormente trasladada a outros contextos, nomeadamente em Portugal. Para o primeiro, é relevante o aprofundamento da cooperação portuguesa com os países parceiros; para a segunda, são importantes as relações humanas criadas pela IOB, distinguindo-a dos demais projetos de cooperação; e, por fim, para a última destaca-se o impacto direto que a IOB teve no território com a população.

Mas se a tónica incide sobretudo no território e no espaço público, no subcapítulo 5.6 **Kasa própria [casa própria]**, Rosário da Luz, com um depoimento crítico a partir de Cabo Verde, enfatiza a instrumentalização do défice de habitação desde a democratização política, a partir de 1991.

No subcapítulo 5.7 **Entender a realidade das pessoas, uma experiência académica no IOB** Samuel Santos, então docente universitário parceiro da IOB, evidencia a dificuldade de definir a IOB enquanto processo urbanístico, devido à sua contínua mutação e permanente dificuldade de estabilizar uma forma de atuação.

O último capítulo, 6. **Aprender com Alto de Bomba – Visitas Implicadas**, revela o alcance da IOB fora de Cabo Verde, envolvendo visitas de investigadores(as) e arquitetos(as) implicados(as) na compreensão do atual processo planetário de urbanização enquanto um conjunto dos processos sócioeconómicos de escala global que produzem efeitos em vários pontos do planeta.

O subcapítulo 6.1 **Algumas notas sobre informalidade** é assumido por Francisco

Similarly, in subchapter 3.6 *Movement of people, a social cry*, António Tavares talks about the self-esteem of the people and the recognition of collective belonging to a place, which was strengthened by the IOB.

Chapter 4. *Matrices of the Game and the Design in Alto de Bomba* discusses the perspective of other affective and sensitive relationships that were established in the public space of Alto de Bomba. Subchapters 4.1 *This Is Not Fiction - We Are Talking About People* by Irlando Ferreira and 4.2 *The Web and the Siege* by Raquel da Silva present testimonies on how the experiences of intergenerational basketball games on Sundays in Alto de Bomba, or the Wednesday meetings with conversations, films, and others at Praça Nho Jon, affected the issues of the area.

Finally, in subchapter 4.3 *When Would We Think a Paver in Cabo Verde Would Do Woodcutting?*, Bento Oliveira discusses the IOB's approach from the perspective of a sensitive education, based on the relationships he nurtured in the space and time of the area. Additionally, his perspective on "know-how" in design or woodcutting reveals the magic experienced throughout the workshops in Alto de Bomba.

Chapter 5. *Nha Casa, Nha Paloss: Is There Space for the Urgencies of Territories in Resistance in Public Policies?* delves into the inherent contradictions surrounding the possibility of the IOB becoming a public policy directed at the self-produced neighborhoods of Mindelo, which could, from this pilot experience, be extended to Cabo Verde in the future.

Subchapter 5.1 was intended to include an interview conducted by the book's editors with the Minister of Infrastructure, Spatial Planning, and Housing of the Government of Cabo Verde, who oversaw the IOB. However, the publication of the interview was not authorized.

In subchapter 5.2 *Between Disruptive Initiatives and the Political Time in Cabo Verde*, Carlos Silva, President of the Board of Directors of Infraestruturas de Cabo

Verde, the entity responsible for managing all public infrastructure works in the country and part of the technical/administrative support of the IOB, offers a testimony on the

disruptive side of the IOB within the state structure. He discusses the need to go through a period that will bring maturity to Cabo Verdean policies for the territory, as well as the potential for considering this form of urbanization as one that recognizes what exists and should be embraced.

The following three subchapters focus on international cooperation and its connection to the IOB: 5.3 *Territorial base of the Outros Bairros Initiative - The Portuguese cooperation perspective*, 5.4 *The human dimension in settlement transformation*, and 5.5 *Proximity and impact: reflections on the Outros Bairros Initiative and cooperation in Cabo Verde* by João Pedro Matos Fernandes, Helena Guerreiro, and Alexandra Carvalho, respectively. These three subchapters discuss the possibility of the IOB, from fully developed international cooperation processes in Cabo Verde, being later transferred to other contexts, particularly in Portugal. For the first, the deepening of Portuguese cooperation with partner countries is relevant; for the second, the human relationships created by the IOB are highlighted, distinguishing it from other cooperation projects; and finally, the last one focuses on the direct impact the IOB had on the territory and the population.

While the focus is primarily on the territory and the public space, in subchapter 5.6 *Kasa Própria [Own House]*, Rosário da Luz offers a critical testimony from Cabo Verde, emphasizing the instrumentalization of the housing deficit since the political democratization in 1991.

In subchapter 5.7 *Understanding the reality of the people, an academic experience at the IOB*, Samuel Santos, a university lecturer and IOB partner at the time, highlights the difficulty of defining the IOB as an urban process, due to its continuous mutation and the ongoing challenge of stabilizing a way of working.

The final chapter, 6. *Learning from Alto de Bomba - involved visits*, reveals the scope of the IOB outside of Cabo Verde, involving visits from researchers and architects engaged in understanding the current planetary process of urbanization as one of the socioeconomic processes on a global scale that produce effects in various parts of the world.

Craveiro, a partir de um estágio de seis meses com a equipa da IOB no âmbito do seu mestrado integrado em arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Nele pretende-se entender a informalidade enquanto um processo de urbanização que se constrói a partir de forças que se criam fruto da relação entre moradores(as) e Estado, fruto das relações entre cidadãos e de dinâmicas do capitalismo que se desdobram nos vários territórios da cidade.

Do mesmo modo, também Giacomo Pozzi se cruza com a IOB a partir de uma investigação em Cabo Verde que, apesar do fim da IOB, se alargou a outros territórios de pesquisa. No subcapítulo **6.2 O mundo ao contrário. Teorias de justiça urbana do sul global** traz a disponibilidade da IOB abordar o território por um caminho que enfrenta os impactos locais das políticas públicas para o território nas zonas autoproduzidas.

A visita curta de Verónica Pinto ao Alto de Bomba foi suficiente para construir, no subcapítulo **6.3 A Bomba que levou o sangue ao Alto**, uma visão implicada e emotiva sobre a ação da IOB de forte relação com os(as) moradores(as). Neste texto, evidencia a Iniciativa como uma esperança para o ofício da arquitetura, no sentido de, através de uma outra forma de fazer, a Arquitetura poder, além de requalificar fisicamente os lugares, produzir justiça urbana.

No subcapítulo **6.4 Direito ao lugar e ao espaço público nas áreas autoproduzidas: reflexões a partir do Alto de Bomba, Mindelo, Cabo Verde**, Ana Silva Fernandes perpassa a temática da urbanização acelerada, concluindo que, além da promoção do direito à cidade e de condições dignas do habitat, diferentes dimensões destes campos de ação se tornam essenciais para que as políticas públicas possam ir além de respostas habitacionais, abrangendo a melhoria dos tecidos urbanos existentes.

De igual modo, no subcapítulo **6.5 Outros Bairros em Alto de Bomba: Por uma política para o habitar**, Adelino Gonçalves não só aborda o habitar como um processo que deve considerar o ativismo que gera o direito à cidade, como sugere que, apesar do fim da IOB, esta forma de habitar será, agora, parte dos próprios moradores(as) de Alto de Bomba.

Por fim, no subcapítulo **6.6 Outros Bairros – uma reflexão sobre as políticas para a urbanização da pobreza e a construção de cidadania** Álvaro Domingues traz a possibilidade de olhar a urbanização das zonas autoproduzidas como um modo de urbanização, logo veiculando a relevância da IOB enquanto um processo piloto que possibilita constituir as prioridades de políticas públicas fundadas a partir de efeitos diretos e indiretos, implícitos nas práticas de projeto *in situ*.

A abertura da obra e os questionamentos que se soltaram dos processos da IOB tornam relevante o contributo para um urbanismo invisível, relacional e comprometido com as lutas sociais de zonas autoproduzidas. Embora a condição social dos moradores(as) de Alto de Bomba não seja totalmente determinada pelo ambiente construído, após os vários anos de atuação, surgiu uma nova expectativa sobre como atuar em zonas autoproduzidas. De igual modo, há a possibilidade de um importante contributo para o debate sobre urbanização em Cabo Verde e de uma consciência crítica sobre como esta forma de atuar pode reduzir desigualdades. É crucial, que as práticas transformem os conflitos em desafios, superando consensos que, em geral, obscurecem os efeitos contraditórios do atual processo planetário de urbanização.

Neste contexto, perguntamos: Como nos afetamos, individual e coletivamente, pela IOB? O que sentirão as mulheres calceteiras que fazem, agora, o chão da cidade? Qual o rasto do sujeito coletivo que surgiu com a IOB perante a urgência do novo compasso de tempo da cidade atual no processo de urbanização planetária? Como pode ser pensada a partir de outros lugares?

É importante compreender que o aprofundamento dos vários pilares da globalização, especialmente o económico, torna mais claro que o local não é estático; ele transforma-se permanentemente em função de dinâmicas e tensões globais. Isso gera implicações políticas de geografia móvel, onde discutir qualquer assunto rapidamente mobiliza, ao mesmo tempo, questões locais, regionais, nacionais e transnacionais. A dificuldade de operar nas diferentes escalas e de superar bloqueios estruturais e históricos da sociedade é uma das razões que permite intercalar os focos de resistência

Subchapter 6.1 *Some notes on informality* is written by Francisco Craveiro, based on a six-month internship with the IOB team as part of his integrated master's degree in architecture at the Faculty of Architecture of the University of Porto. The aim is to understand informality as an urbanization process that is built from forces created by the relationship between residents and the State, as well as the relationships between citizens and the dynamics of capitalism unfolding in various urban territories.

Similarly, Giacomo Pozzi intersects with the IOB through research in Cabo Verde, which, despite the end of the IOB, expanded to other research territories. In subchapter 6.2 *The world upside down: urban justice theories from the global south*, Pozzi explores the IOB's willingness to address the territory through an approach that tackles the local impacts of public policies on self-built zones.

Verónica Pinto's short visit to Alto de Bomba was enough to build, in subchapter 6.3 *The Bomb that brought blood to the heights*, an involved and emotional perspective on the IOB's work, which had a strong connection to the local residents. In this text, she highlights the Initiative as a source of hope for the field of architecture, in the sense that, through an alternative way of doing, architecture can not only physically requalify places but also produce urban justice.

In subchapter 6.4 *Right to place and public space in self-built areas: reflections from Alto de Bomba, Mindelo, Cabo Verde*, Ana Silva Fernandes addresses the theme of accelerated urbanization, concluding that, beyond promoting the right to the city and ensuring dignified living conditions, different dimensions of these areas of action are essential for public policies to go beyond housing responses and also cover the improvement of existing urban fabrics.

Similarly, in subchapter 6.5 *Outros Bairros in Alto de Bomba: for a policy of housing*, Adelino Gonçalves not only discusses habitation as a process that should consider activism that generates the right to the city but also suggests that, despite the end of the IOB, this way of living will now become part of the residents of Alto de Bomba themselves.

Finally, in subchapter 6.6 *Outros Bairros – a reflection on policies for the urbanization of poverty and the construction of citizenship*, Alvaro Domingues discusses the possibility of viewing the urbanization of self-built areas as a mode of urbanization, thereby emphasizing the relevance of the IOB as a pilot process that can help establish public policy priorities based on the direct and indirect effects implied in the in-situ design practices.

The opening of the work and the questions raised by the IOB processes make the contribution to an invisible, relational urbanism, committed to the social struggles of self-built areas, highly relevant. Although the social condition of the residents of Alto de Bomba is not entirely determined by the built environment, after several years of work, a new expectation has emerged regarding how to act in self-built areas. Similarly, there is the potential for a significant contribution to the debate on urbanization in Cabo Verde and a critical awareness of how this approach can help reduce inequalities. It is crucial that practices transform conflicts into challenges, overcoming consensus that, in general, obscures the contradictory effects of the current planetary process of urbanization.

In this context, we ask: How are we affected, individually and collectively, by the IOB? What will the women pavers, who are now paving the city's streets, feel? What is the trace of the collective subject that emerged with the IOB in the face of the urgency of the new rhythm of time in the current city amid the planetary urbanization process? How can it be thought about from other places?

It is important to understand that the deepening of the various pillars of globalization, especially the economic one, makes it clearer that the local is not static; it is permanently transformed by global dynamics and tensions. This generates political implications of mobile geography, where discussing any issue quickly mobilizes local, regional, national, and transnational questions. The difficulty of operating across different scales and overcoming structural and historical blockages in society is one of the reasons that allows us to intersect the focal points of resistance we have seen sprout in Alto de Bomba with the territorial struggles that define the *war of places* in the world.

que vimos geminar no Alto de Bomba com as lutas territoriais que configuram a *guerra dos lugares* no mundo.

Ou seja, voltando à urbanização em Cabo Verde, destacam-se dois pontos que evidenciam de forma muito evidente essa resistência: primeiro, a casa de tambor, primeira fase do processo habitacional local, razão primeira do movimento de pessoas para estas áreas, símbolo de um sonho que se constrói; segundo, o espaço público, como lugar de confluência, são fundamentais para entender as lutas por direitos e a construção de um futuro coletivo. À medida que os(as) moradores(as) enfrentam desigualdades estruturais e o abandono político, sua presença nos espaços urbanos torna-se uma forma de reivindicar visibilidade e a possibilidade de um novo ordenamento social que desafie dinâmicas globais. Assim, a reflexão sobre a urbanização em Cabo Verde, especialmente em Alto de Bomba, revela um quadro complexo onde o espaço público se torna um cenário vital de resistência e reconfiguração social.

O processo editorial levou quatro anos. No entanto, a determinação permaneceu inabalada, movida pela convicção de que a necessidade de melhores condições de vida para a população de Alto de Bomba, assim como para outras zonas, requer atenção urgente. Muito está por fazer para que as políticas públicas em zonas autoproduzidas ganhem corpo num tempo de reconhecimento das formas de urbanismo existentes, resultado de processos de resistência, emergência e determinação coletiva para garantir direitos humanos de base. Neste cenário, é vital criar espaço e tempo para as urgências das zonas autoproduzidas. Esse novo compasso será essencial para um debate mais amplo sobre como atuar nestas zonas, em suma, contribuindo para o desenho de políticas públicas que compreendam práticas urbanísticas capazes de acompanhar o ritmo das atuais transformações do território.

That is, returning to urbanization in Cabo Verde, two points stand out that clearly highlight this resistance: first, the *casa de tambor* [tin house], the first phase of the local housing process, which is the main reason for the movement of people to these areas, symbolizing a dream being built; second, public space, as a place of convergence, is fundamental to understanding the struggles for rights and the construction of a collective future. As residents face structural inequalities and political abandonment, their presence in urban spaces becomes a way of claiming visibility and the possibility of a new social order that challenges global dynamics. Thus, the reflection on urbanization in Cabo Verde, especially in Alto de Bomba, reveals a complex framework where public space becomes a vital arena for resistance and social reconfiguration.

The editorial process took four years. However, the determination remained unwavering, driven by the conviction that the need for better living conditions for the residents of Alto de Bomba, as well as for other areas, requires urgent attention. Much remains to be done for public policies in self-built areas to take shape in a time of recognition of existing forms of urbanism, the result of processes of resistance, emergency, and collective determination to ensure basic human rights. In this scenario, it is vital to create space and time for the urgencies of self-built areas. This new rhythm will be essential for a broader debate on how to act in these areas, ultimately contributing to the design of public policies that incorporate urban practices capable of keeping pace with the current transformations of the territory.



O ESCRITÓRIO QUE MORA
EM ALTO DE BOMBA E
ALTO DE BOMBA QUE
MORA NO ESCRITÓRIO

THE OFFICE THAT LIVES
IN ALTO DE BOMBA AND
ALTO DE BOMBA WHO
LIVES IN THE OFFICE

**SCRITOR
MOROD NA OLT
DE BOMBA
E OLT DE BOMBA
MOROD NA
SCRITOR**



Vista aérea Alto de Bomba, Nuno Flores, 2021.
Aerial view of Alto de Bomba, Nuno Flores, 2021.

Outros Bairros:

VIDA PARA TODOS

OUTROS BAIRROS: LIFE FOR ALL

NUNO FLORES

“...ir ao Alto de Bomba, despiu-me de preconceitos...”

Aluna do M_EIA, 2015, em entrevista à Rádio Cabo Verde
a propósito da investigação realizado em 2015 no Alto de Bomba

A Iniciativa Outros Bairros foi pensada como uma experiência piloto com o fim de acrescentar novas formas de atuação nas zonas auto-construídas do país às atuais políticas de nacionais de habitação, com potencial para se tornar num programa de Estado, a seu tempo aplicável a todo o território cabo-verdiano.

Para a enquadrar importa, desde logo, entender a sua história. Antes de se deslocar para o Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação, MIOTH, bem como, de se propor a suprir a falta de processos participativos do PRRA – Programa de Reabilitação, Revitalização e Acessibilidades, ganhou forma como um exercício académico do curso de arquitetura do M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, no Mindelo.

Durante três meses de imersão no Alto de Bomba, entre professores e alunos do M_EIA, propuseram-se leituras dos padrões urbanísticos e habitacionais da zona: o conhecimento construído desta realidade complexa. Em 2019, nesta deslocação para o MIOTH, a Iniciativa Outros Bairros foi criada, a partir de conteúdos redirecionados, reavaliados e, sobretudo, aprofundados, numa história construída passo a passo, permitindo iniciar-se a reabilitação Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando Pó, partindo da auscultação e compreensão do modo de vida da população local.

Sabendo da subjetividade e confusão da investigação científica sobre os estudos urbanos e, conseqüentemente, sobre o incómodo da classificação de “assentamentos informais” também o PRRA revela uma tendência para o planeamento previamente definido sem considerar os novos desafios e a rapidez da urbanização que, do outro lado dos discursos da cidade, se caracteriza pela valorização do processo que não designa um lugar específico e que acontece em qualquer lugar.

Décadas de estudos sobre informalidade urbana concentraram-se na dicotomia entre formal e informal. De autores como Castells, nos anos 80, a De Soto, até aos anos 2000, os estudos focaram-se, sobretudo, em análises de perspectiva económica, o que criou um entendimento da cidade com foco no determinismo, na produtividade, na rentabilidade e utilidades dos lugares, legitimando a segregação dos territórios das pessoas marginalizadas pela própria economia.

Não existe, nem nas cidades, nem na economia, espaço formal e legal para estas populações, levando-as a ocupar territórios não estruturados e em franca expansão para garantir o seu direito à habitação, à cidade e, enfim, à sobrevivência. É nesse entendimento que, mais recentemente, Ananya Roy sugere uma nova leitura centrada em padrões filosóficos que propõe a urbanização informal, ela própria e por si só, como um processo de urbanização. Paralelamente, outros reputados pensadores como Raquel Rolnik apontam para a situação de permanente transitoriedade dos lugares sujeitos a indeterminações geradas pelo legal/ilegal, planeado/não planeado ou a presença/ausência do Estado, enquanto Raúl Zibechi sugere a organização social das classes dominadas como forma de possibilitar uma ruptura no



Maisa Fortes com a vizinha em Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.



“...going to Alto de Bomba has freed me from prejudice...”

M_EIA¹ student, 2015, during an interview with Rádio Cabo Verde regarding the research conducted in the same year, in Alto de Bomba.



Maísa Fortes with her neighbor in Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

The Iniciativa Outros Bairros is thought as a pilot experiment aiming to add new ways of acting in the country’s self-built areas to the current national housing policies, with the potential of becoming a state programme, in due time applicable to the entire Caboverdean territory.

To frame it, it is important to, from the outset, understand its history. Before being relocated to the Ministry of Infrastructures, Territorial Planning and Housing, MIOTH², as well as proposing to overcome the PRRA’s³ lack of participatory processes, it gained shape as an academic exercise in M_EIA’s architecture programme, in Mindelo.

For three immersing months in Alto de Bomba, readings of the area’s urban and housing patterns were foregrounded amongst teachers and students from M_EIA, building the awareness before this complex reality. In 2019, during the mentioned relocation to the MIOTH, the Iniciativa Outros Bairros is created, setting off from reoriented, reassessed and, most importantly, deepened contents, within a step-by-step history, which allowed for initiating the rehabilitation of Alto de Bomba, Covada de Bruxa and Fernando Pó, sustained by the listening

and the understanding of the local populations’ way of life.

Knowing the scientific research’s subjectivity and confusion on the city and, consequently, on “informal settlements”, the PRRA also displays a tendency towards previously defined planning without considering informal urbanisation’s new challenges and quickness that, on the other end of discourses on planning, is characterised by the valorisation of a process that does not define a specific place and happens anywhere.

Decades of studies on urban informality have concentrated on the dichotomy between formal and informal. From Castells, in the 1980s, to De Soto, in the 2000s, such studies have focussed, mainly, on analysis from an economic perspective, which generated an understanding of the city centred on the sites’ determinism, productivity, profitability and utility, legitimising the segregation of marginalised populations’ territories by the very economy.

There is not, neither in cities nor in the economy, formal or legal space for these populations, leading them to the occupation of non-structured and in great expansion

T.N.: University Institute of Art, Technology and Culture.

T.N.: *Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde.*



Visita da Equipa Técnica IOB, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019. / Visit of the IOB Technical Team, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

sistema que não acontecerá apenas com uma pancada. O caminho da Iniciativa Outros Bairros, desde 2019, confronta-se com a ideia, quase geral, de que a produção de habitação em massa, como o modelo falido do Programa Casa Para Todos, é solução para aqueles que vulgarmente são adjetivados de ilegais ou clandestinos, o que ainda revela uma disponibilidade muito pequena dos poderes públicos para olhar o espaço público.

Contrariamente ao que era de esperar, também o Plano Nacional de Habitação reconhece indicadores muito graves de más condições de vida da população, mas repete a estratégia e sugere novamente a produção, quase exclusiva, de moradia social nova e ignora, quase na totalidade, o peso enorme dos bairros auto-construídos que, além de estarem visivelmente em franco crescimento, tantas melhorias requerem para que se cumpram os direitos básicos destes cidadãos.

A Iniciativa Outros Bairros, além da já referida reabilitação das zonas a partir do modo de vida da população local propôs, durante a fase piloto, a deslocalização do investimento público para as zonas de rápido crescimento. Entendendo o processo como o centro da atuação provocou a intensificação da contratação pública de empreiteiros das zonas e garantiu a utilização de mão de obra local. Esta atenção ao processo e à relação com os moradores, seu modo de vida, saberes e cosmovisão, determinou a inauguração de uma forma de trabalho que se baseia na inexistência de uma metodologia previamente definida, sabendo-se apenas de antemão, que os princípios de atuação não se encerram no processo e se fortalecem quanto mais constante, intensa e viva for a escuta dessa população.

O processo, portanto, reforça-se quanto mais fortes forem as relações com as instituições locais, com os poderes central e local e com todos aqueles que se disponibilizam para participar de uma ação que deve garantir lugar para todos. Durante a fase experimental intensificou-se o trabalho com instituições universitárias de ensino de arquitetura e engenharia, pelo envolvimento dos técnicos que assessoraram os projetos técnicos e pelo envolvimento de estagiários e recém licenciados que, hoje em dia, se constituem como uma força conhecedora de um tema e uma realidade de trabalho até aqui pouco falado e, normalmente, pouco desejado por futuros profissionais. A própria equipa nuclear da Iniciativa

Outros Bairros absorveu alguns desses futuros profissionais, capacitando-os e tornando-os protagonistas de uma aprendizagem em contexto na sua própria ilha. Ao longo desta fase também foi importante o trabalho com as entidades fornecedoras de serviços de água e luz e com a Câmara Municipal de São Vicente. Sobre a última entidade, responsável pela gestão local do território, cabe refletir que demonstrou



Transplante de árvore, Alto de Bomba, Elaine de Pina, 2021.
Tree Transplantation, Alto de Bomba, Elaine de Pina, 2021.

territories to secure their right to housing, the city, and, not least, survival. It is with this mind that, more recently, Ananya Roy suggests a new reading focussed on philosophic patterns, contemplating informal urbanisation, in and by itself alone, as a process of urbanisation. In parallel, other reputed thinkers like Raquel Rolnik point out the case of the permanent transience of places exposed to indeterminance engendered by legal/illegal, planned/unplanned or the state's presence/absence, whilst Raúl Zibechi suggests the social organisation of dominated classes as way to enable a rupture in the system, which will not happen merely with a blow. In parallel, other reputed thinkers like Raquel Rolnik point out the case of the permanent transience of places exposed to indeterminance engendered by legal/illegal, planned/unplanned or the state's presence/absence, whilst Raúl Zibechi suggests the social organisation of dominated classes as way to enable a rupture in the system, which will not happen merely with a blow.

The path of the *Iniciativa Outros Bairros*, since 2019, stands before the almost general idea that the mass production of housing, like the failed *Programa Casa para Todos*⁴, is a solution for those commonly referred to as illegal or clandestine, which still evidences a quite small readiness of public powers towards the public space.

Contrary to what would have been expected, the *Plano Nacional de Habitação*⁵ recognises very severe markers in the population's life conditions, but also repeats the strategy and again suggests the production, almost exclusively, of new social residences, ignoring, nearly in total, the massive influence of self-built neighbourhoods that, besides growing remarkably, are in need of many improvements so as to fulfil these citizens' basic rights.



Dia de Chuva, Covada de Bruxa, Jakob Kling, 2021.

Rainy Day, Covada de Bruxa, Jakob Kling, 2021.

ter um conhecimento redutor da realidade infraestrutural e social da zona. Entre outras coisas, tem demonstrado incapacidade de desbloquear processos burocráticos de legalização de lotes e casas, processos esses tão aguardados pelas pessoas que, em alguns casos, esperam períodos superiores a dez anos e vivem em situação de extrema vulnerabilidade.



Reunião, Fernando Pó, Jakob Kling, 2020.

Meeting, Fernando Pó, Jakob Kling, 2020.



Vista de Alto de Bomba, Ângelo Lopes, 2019.

View from Alto de Bomba, Ângelo Lopes, 2019.



Depósito de água, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

Water tank, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

The Iniciativa Outros Bairros, apart from the already mentioned rehabilitation of areas from the local population's way of life, has proposed, during the pilot stage, the reallocation of public investment to areas in rapid growth. Understanding the process as the centre for action gave way to highlighting the public hiring of local builders, guaranteeing the utilisation of local labour. This attention towards the process and the relationship with neighbours, their way of life, knowledges and worldview, determined the inauguration of a work mode based on the non-existence of a predefined methodology, only knowing beforehand that the principles for taking action in each location do not end in the process, and are stronger the more constantly, intensely, and lively one listens to those populations.

The process is thus bolstered as the relationships with local institutions, central and local powers become stronger, as well as with all those who commit to participate in an action that must guarantee a place for all. During the now terminating experimental phase, working with architecture and engineering academic institutions of has been crucial, by the involvement of the professionals who assisted the technical projects and the engagement of interns and new graduates that, currently, are a knowing driving force for this theme and for a reality up until now very little discussed, usually undesirable to future practitioners. The Iniciativa Outros Bairros' very core team took up some of these future professionals, training them and making them key players in a study contextualised in their own island. Throughout this phase, it was also important working with São Vicente Town Hall's water and electricity providers. On the former, responsible for the local territory's managing, it is important to reflect on its poor understanding of the area's infrastructural and social reality. So far, it has demonstrated incapacity, amongst other things, in unblocking bureaucratic processes for legalising houses and plots, processes which people eagerly await, many times over ten years, while living in a situation of extreme vulnerability.

“Grinhassim nos é guarda de nós praça.”

Moradora de Alto de Bomba. Testemunho em visita técnica à obra

Ir para o terreno apenas com uma ideia que não depende só de uma equipa técnica exige apenas uma certeza, escutar os moradores, escutarmo-nos enquanto equipa técnica que chega e, a partir daí, discutir uma estratégia que propõe decisões conjuntas.

Surge aqui uma questão permanentemente colocada durante todo o processo. Afinal, o que é e de quem é a Iniciativa Outros Bairros?

Ao contrário dos habituais programas de habitação social, a Iniciativa Outros Bairros não foi um programa de produção de habitação social, mas sim uma ação de reabilitação do espaço público de áreas auto-construídas, logo, que tem que ser entendida como uma ação coletiva de vários intervenientes, sejam eles técnicos, parceiros ou moradores.

Se, por um lado, é certo que devido à falta de infraestrutura e à debilidade física do espaço público se prevê uma obra financiada pelo MIOETH, por outro, o desenho e processo são participativos. Há lugar para tornar expressiva a memória coletiva do lugar e a forma como os moradores entendem a transformação que acontece. A título de exemplo, veja-se como a restituição da Praça Nho Jon, o campo de basquete, os espaços de estar coletivos, calcetados e com sombra ressignificam as relações em espaço público, as suas dinâmicas e o seu valor quer para a qualidade de vida da população, quer para seu sentido coletivo, sua autoestima e seu afeto comum. Estes processos promovem uma apropriação da Iniciativa por parte dos moradores, o que o MIOETH não controla – como já era esperado – nem o deve fazer.

No caso de Alto de Bomba, esse movimento de apropriação constituiu-se no hip-hop, a partir de um grupo de jovens que se uniu num estúdio de música caseiro e que ganhou voz no disco Kubaka; no grupo de calceteiras *Amdjer na Obra* que se uniu construindo o chão e hoje, além da entreatajuda pessoal, já discute a possibilidade de calcetar outras áreas da cidade; no grupo Dsinrascá que deu voz e rosto aos ofícios locais; na associação comunitária *Alto de Bomba Unid* que assume ter se formado a partir das conversas na Praça Nho Jon com a equipa técnica da Iniciativa; ou no BIP – Brigada de Intervenção Política – que se expressa através de *artivismo*, desde a colagem de cartazes com mensagens de consciencialização, ao hip-hop ou à xilogravura.

O desenho rizomático da Iniciativa, que cresce como uma raiz aprofundando-se na zona, com a sua população, garante a criação de pontes e eventuais redes que, ao contrário da habitual tendência de chamar comunidade a lugares fisicamente delimitados, de precaridade física, social e habitacional onde vivem pessoas com limitadíssimos recursos e mergulhadas na invisibilidade, avança-se no entendimento do modo de vida da população local para, através da ativação dos espaços públicos, novos ou não, contribuir para a construção do espírito comunitário do lugar e para a concepção do comum.

“Antes da eleição nós é gente, depois indigente.”

Moradora de Alto de Bomba em entrevista ao Porto Canal durante o evento Somá na Ponta

A insistência no processo, assim como, na desconstrução da forma institucional que habitualmente é dada às iniciativas públicas contribuiu para que Iniciativa Outros Bairros tenha aproximado os moradores dos poderes públicos, bem como, possibilitou a participação e a visibilidade que lhes abre caminho de se reconhecerem e serem reconhecidos como cidadãos.

São estas relações sociais que naturalmente surgiram, que se espera que sejam cada vez mais e mais sólidas, que permitiram construir as bases para criar uma política pública específica para as zonas auto-construídas ou para a alteração das políticas atuais através do reforço claro – quer do discurso, quer do financiamento – na reabilitação urbana das referidas áreas.



“Grihassim nos é guarda de nós praça.”

Alto de Bomba resident. Statement made during a technical visit to the construction site.

Going into the field merely with an idea that does not solely depend on a technical team requires a single certainty, listening to the residents, listening to ourselves as an arriving technical team and, from there, discuss a strategy that proposes joint decisions.

A question, permanently raised throughout the whole process, emerges at this point. After all, what is and whose is the Iniciativa Outros Bairros?

Contrarily to the usual social housing programmes, the Iniciativa Outros Bairros is not a programme for social housing production, but rather an action for rehabilitating the public space of self-built areas, therefore it must be understood as collective action by several actors; experts, partners and residents.

If, on the one side, it is certain that, due to the lack of infra-structuring and the public space’s physical weakness, a work financed by the MIOTH is envisaged, on the other, the design and the process are participative, and there is a place for the site’s collective memory and for the residents’ understanding of the transformation. As an example, let us regard how the restructuring of the Nho Djon square, the basketball court, the collective living areas, paved and shaded, give new meaning to the relations happening within the public space, along with the respective dynamics and value, both to the population’s quality of life, and to its collective meaning, in their self-esteem and common affect. The processes promote the initiative’s appropriation by the residents, which the MIOTH does not control – as expected – nor it should.

In the case of Alto de Bomba, such appropriation movement is constituted in hip-hop, from a group of young people who gathered in a home recording studio and gained voice in the album Kubaka; in the group of women pavers *Amdjer na Obra*⁶, who became closer to each other while paving the ground and who are, currently, besides the personal mutual help, discussing the possibility of paving other areas of the city; in the audiovisual group *Dsinrasca*⁷, who gave a voice and a face to local crafts; in the community association Alto de Bomba Unid, that confesses having been assembled from conversations that happened in the Nho Djon Square with the initiative’s technical team; or in BIP – *Brigada de Intervenção Política*⁸ –, a group which expresses itself through *artivism*, from placing posters with messages of awareness, to hip-hop, or woodcut.

The initiative’s rhizome-shaped design, that grows like a root in depth within the area, along with its population, secures the establishing of bridges and eventual networks that, unlike the usual tendency of naming as communities geographically delineated places, with social, housing and physical precariousness, where people live with quite limited resources and are buried in invisibility, are leveraged by the understanding of the local population’s way of life so as to, through the activation of public spaces, be it new or not, contribute to the construction of the site’s community spirit and to the conceiving of the common.

“Before the election we are people, then indigent.”⁹

Alto de Bomba resident during an interview with Porto Canal, during the event Somá na Ponta.

Insisting on the process as well as on deconstructing the institutional shape usually given to public initiatives, has contributed to the Iniciativa Outros Bairros bringing residents and public

T.N.: Caboverdean Creole for “Women in the Working Site”.

6

T.N.: Caboverdean Creole, from Portuguese *desenrascar*, used to refer to actions when available resources are limited, but are enough for the desired outcome’s practical aspects, sometimes exceeding expectations. It can be used for processes but also people, in the sense that one has made the best out of a situation, despite contingencies. A literal translation may aid to better grasp the possible usage: to *umentangle*.

7

T.N.: Political Intervention Brigade.

8

T.N.: Translated from the original text’s quote, *Antes da eleição nós é gente, depois indigente*, where the play on sound is clear.

9

Depois de três anos de trabalho e de uma experiência que se bateu com enormes dificuldades, com enormes conflitos e impossibilidades várias porque se abriu a todos os assuntos é urgente que não se abandone o caminho de aprofundamento do tema por retóricas antigas, normalmente assentes na construção de déficits habitacionais que justificam a construção de enormes conjuntos habitacionais, caros, com propostas arquitetónicas desajustadas do modo de vida local, mal localizados, que alimentam apenas o interesse do complexo imobiliário/financeiro em detrimento das estratégias pragmáticas de proximidade e resolução dos problemas reais do dia a dia da população.

Falando de financiamento e de custos importa salientar o esforço feito pelo Governo de Cabo Verde para aqui chegar. Se, por um lado, está dado o exemplo de como cerca de duzentos mil euros numa média de custo de construção de 30€/m² afetaram diretamente 171 famílias no Alto de Bomba, por outro lado, é importante referir que o caráter público da operação é determinante para a independência e autonomia do processo. E as razões são claras e fáceis de identificar.

Primeiro, sempre que financiados pelas agências de cooperação dos países estrangeiros, os projetos trazem um programa estabelecido, duram cerca de três anos e raramente se constituem capazes de se tornar numa política pública. Neste caso, desde o início de 2025, é público nos discursos do governo que a base criada pela Iniciativa Outros Bairros consubstancia parte do acordo com o Banco Mundial para a atual estratégia de atuação em áreas auto-construídas do país, mesmo sabendo que neste relançamento das obras em Alto de Bomba e dos projetos em Covada de Bruxa e Fernando Pó se abandonou a exigência de um escritório nas zonas enquanto forma de construir a relacionalidade diária que fundamenta o sentido coletivo das decisões. Além disso, importa esperar o evoluir desta nova fase para se verificar se neste novo formato de financiamento o processo é suficientemente robusto para que não se sujeite à interferência de estratégias importadas de outros lugares e interesses outros que não o Governo e o povo cabo-verdiano.

Segundo, porque, como vulgarmente acontece, pode também haver a tentação de parcerias com privados, nomeadamente como compensação de vantagens dadas a investidores da área do turismo e da imobiliária. Neste caso os riscos de fracasso são ainda maiores. Vejamos. Se já aludimos para a extrema dificuldade dos habitantes tratarem da legalização dos seus terrenos e casas a omissão do Estado da infraestruturação destas áreas e sua substituição por doações de privados, numa relação pouco clara entre privados e podes públicos, abre a possibilidade de fomentar processos de gentrificação que, normalmente, resultam em violentas expulsões das populações dos seus territórios/lugares. Além disso, a excelente localização onde muitas vezes se encontram, como no caso do Alto de Bomba – devido à vista sobre a baía do Porto Grande – também é, frequentemente, motivo para o interesse do investimento privado. Isto explica, o bloqueio burocrático permanentemente criado pelo poder municipal, colocando as zonas como territórios de reserva de futuras operações turísticas ou imobiliárias. Por isso, é uma presença forte do Estado, sobretudo na construção e na gestão da infraestrutura, bem como, na construção de políticas públicas que entendam a urgência de olhar a urbanização *informal* como um processo de urbanização igual a qualquer outro que garante a proteção social dos seus moradores e que permite um conjunto de relações que os aproxima dos técnicos, políticos ou qualquer outro cidadão.

Enquanto parte da equipa técnica, mesmo sabendo dos enormes constrangimentos, a permanente intensão de procurarmos uma suspensão sem nos exirmos de uma mútua contaminação tornou possível viver coletivamente este processo. Tudo isso com o cuidado para não projetarmos o nosso entendimento da vida (uma visão externa ao lugar e fundado noutra matriz socio-económico) no coletivo de moradores que constrói o seu próprio bairro e que tem o seu próprio sentido de pertença.

Este movimento que, como era de esperar, se apropriou da Iniciativa Outros Bairros, é dos cidadãos das próprias zonas. Cabe, agora, a continuidade das cumplicidades que configuram este lugar coletivo. É um tempo que visibiliza vidas, em geral, desconhecidas e invisíveis. Uma cumplicidade com o grito de uma



powers closer to each other, also making possible for the participation and visibility that paves the way for such residents to be recognised as citizens.

These are the social relations which have naturally emerged, expected to become more and more solid, that have allowed for the foundations of a specific public policy to self-built areas, or for the changing of the current ones through the clear bolstering – both the discursive and the financial – of the above-mentioned areas' urban rehabilitation.

After three years of work and of an experience that battled with tremendous and various challenges, conflicts and impossibilities, as it opened itself to every matter, it is urgent that this path of deepening the subject is not abandoned in favour of an old rhetoric, usually based on the construction of housing deficits which justify the building of enormous housing complexes, expensive, with architectural proposals misaligned with the local way of life, poorly located, that simply feed real estate/financial interests, in detriment of pragmatic strategies in proximity and resolution of the population's real everyday life issues.

Speaking of funding and costs, it is worth mentioning the effort made by the Caboverdean Government to get here. If, on the one hand, there is the given example on how 200 thousand euros, averaging thirty euros per square meter of construction costs, directly affect 171 families in Alto de Bomba; on the other hand, it is important to mention the operation's public nature is determinant to the process's autonomy and independence. And the reasons are clear and easily identifiable.

Firstly, every time projects are financed by foreign countries' cooperation agencies, the projects bring with them an established programme, they last for circa three years and rarely constitute themselves as potential public policies. In this case, since the beginning of 2025, it has been publicly stated in government discourse that the foundation laid by the *Outros Bairros* Initiative forms part of the agreement with the World Bank for the current strategy of intervention in the country's self-built areas, even though, in the relaunch of the works in Alto de Bomba and the projects in Covada de Bruxa and Fernando Pó, the requirement of maintaining an on-site office as a means of building the daily relationality that underpins collective decision-making was abandoned. Furthermore, it is important to observe how this new phase unfolds in order to assess whether, under this new financing model, the process is sufficiently robust not to be subject to interference from strategies imported from elsewhere, or to interests which are neither those of the Government nor of the Caboverdean people.

Secondly, because, as often happens, there may also be the temptation to form partnerships with private entities, particularly as a way to compensate for advantages granted to investors in the tourism and real estate sectors. In such cases, the risks of failure are even greater. Let us see; if we have already alluded to the residents' extreme challenges in taking care of their houses' and lands' legalisation, the state's eclipsing in these areas' infra-structuring and its replacement by private donations, in an unclear relationship between private entities and public powers, opens the possibility for feeding gentrification processes that, usually, result in the populations' violent eviction from their territories/sites. Besides, their often excellent locations, just like Alto de Bomba – given the view over Porto Grande's bay –, is also, frequently, a drive for private investment. This explains the bureaucratic blocking permanently created by the local municipality, placing these areas on hold as future territories for touristic or real estate operations.

Thus, there is a strong presence of the State, especially in the construction and management of infrastructure, as well as in the development of public policies that recognize the urgency of viewing *informal* urbanization as a legitimate urbanization process, equal to any other, that ensures the social protection of its residents and fosters relationships that bring them closer to technicians, politicians, and other citizens.

As part of the technical team, even knowing the enormous constraints, the constant intention to seek a suspension without exempting ourselves from a mutual contamination that made it possible to collectively live through this process. So that we do not project our own understanding of life – external to the place and grounded in a different socio-economic matrix – onto the community of residents who are building their own neighborhood and who have their own sense of belonging.

This movement, which – as expected – has appropriated the *Outros Bairros* Initiative, belongs to the citizens of these areas, and it is now up to them to continue

moradora que em entrevista ao Porto Canal durante o evento *Somá na Ponta* afirmara que antes das eleições os moradores são gente, depois indigentes.

Se nos focarmos no estado de indigência denunciado por esta moradora, que representa um sentimento recorrente a cada vez que um período eleitoral se completa, podemos, igualmente, encontrá-lo nesta equipa técnica no momento que o Governo de Cabo Verde decidiu alterar a estratégia implementada pela Iniciativa Outros Bairros, focando-se num processo próximo de uma conceção-construção que abandonava a construção coletiva nos lugares. Tudo isto, afetou o ímpeto apaixonante que, desde o início, se construiu entre nós e os moradores. No entanto, fruto do reconhecimento nacional e internacional sucedido a partir de 2022, atualmente, a força desse ímpeto inicial volta a captar a necessidade de refletirmos sobre a urgência de continuar a atuar nos territórios autoproduzidos da urbanização.

Será, por isso, que entramos em 2025 igualmente empenhados na execução do programa curatorial ISOB – *International Seminar on Outros Bairros*, premiado pelo prémio AMMODODO Architecture Award 2024, categoria Social Engagement – que objetiva uma ação alargada, a partir de oficinas, concursos, exposições, encontros e um sítio eletrónico que objetiva pensar de forma prótica a urbanização em Cabo Verde. Ou seja, através do papel direto dos moradores de uma forma que não é prescritiva e que, ao mesmo tempo, permitirá sistematizar e compartilhar as experiências coletadas pela Iniciativa Outros Bairros, esta curadoria promoverá um maior envolvimento dos moradores em bairros autoconstruídos, abordando o desinvestimento governamental na construção do Estado Social.

Portanto, contrariando a habitual lógica em que o exercício profissional do arquiteto / urbanista geralmente é colocado, apenas numa relação entre cliente e prestador de serviços, o pensamento gerado a partir da Iniciativa Outros Bairros multiplica os intervenientes no processo de decisão, colocando o arquiteto / urbanista no papel de coautor de políticas públicas e de mediador do processo, uma espécie de facilitador de relações possíveis face à necessidade de pensar uma nova condição urbana que, claramente, coloca as zonas autoconstruídas como uma parte central do processo planetário de urbanização.

Por essas razões, o futuro exigirá não focarmos apenas no agora: será necessário olharmos para as ações que nas últimas décadas aconteceram no território caboverdiano, aglutinando experiências que vão desde o bairro Craveiro Lopes, o PROMEBAD (Programa de Melhoramento de Bairros Degradados), ou o projeto XALABAS, na Praia; e no Mindelo, o PACIM (Projecto de Autoconstrução Assistida em Campinho e Ilha de Madeira) ou o trabalho realizado pela Associação Entre – Ajuda para Construção Voluntária de Habitações nos bairros da Bela Vista, de Chã de Alecrim, entre outros. Essas iniciativas podem contribuir para reforçar e globalizar um estado de consciência crítico perante o designio de diminuir desigualdades e de construir o território, a partir do próprio lugar. Contudo, forjando práticas que transformam os conflitos em novos desafios que abrem governos e sociedade ao necessário diálogo que abandona consensos que, em geral, impossibilitam a compreensão dos efeitos contraditórios do atual processo de urbanização planetária.

Queila Fernandes, 2019.





the alliances that shape this collective space. A time that brings visibility to lives that are generally unknown and invisible. A complicity with the cry of a resident who, in an interview with Porto Canal during the *Somá na Ponta* event, declared that before the elections the residents are people, afterwards, then indigent.

If we focus on the state of indigence denounced by this resident – a feeling that recurs each time an electoral cycle concludes – we can also find it within this technical team at the moment when the government of Cabo Verde decided to alter the strategy implemented by the *Outros Bairros* Initiative, shifting its focus closer to a design-and-build process that abandoned collective construction within the territories. All of this affected the passionate momentum that, from the beginning, had been built between us and the residents. However, as a result of the national and international recognition that followed from 2022 onwards, the strength of that initial momentum is once again drawing attention to the urgent need to continue engaging with the self-produced territories of urbanization.

This is why we enter 2025 equally committed to implementing the curatorial program ISOB – *International Seminar on Outros Bairros* – which aims for a broad-based action through workshops, competitions, exhibitions, gatherings, and an online platform designed to think prosthetically about urbanization in Cabo Verde. In other words, through the direct involvement of residents in a non-prescriptive way, while also enabling the systematization and sharing of the experiences gathered by the *Outros Bairros* Initiative, this curatorial effort will foster greater engagement of residents in self-built neighborhoods, addressing the government's disinvestment in the construction of the welfare state.

Thus, countering the usual logic in which the professional practice of the architect/urbanist is typically framed – merely as a relationship between client and service provider – the thinking generated by the *Outros Bairros* Initiative expands the number of actors involved in the decision-making process. It positions the architect/urbanist as a co-author of public policy and as a mediator of the process, a kind of facilitator of possible relationships in light of the need to conceive a new urban condition – one that clearly places self-built areas at the center of the global urbanization process.

For these reasons, the future will require us not to focus only on the present, but to look at the actions of the past few decades that have taken place in the Cabo Verdean territory, bringing together experiences ranging from the *Craveiro Lopes* neighborhood, *PROMEBAD* (Program for the Improvement of Degraded Neighborhoods), or the *XALABAS* project in Praia; and in Mindelo, *PACIM* (Assisted Self-Building Project in *Campinho* and *Ilha de Madeira*) or the work carried out by the *Entre – Ajuda* Association for the Voluntary Housing Construction in neighborhoods such as Bela Vista, Chã de Alecrim, among others. These initiatives can help to strengthen and globalize a critical state of consciousness regarding the goal of reducing inequalities and building the territory from within the place itself.

However, by forging practices that transform conflicts into new challenges, which open governments and society to the necessary dialogue that abandons consensuses that, in general, prevent the understanding of the contradictory effects of the current process of planetary urbanization.



**Defender
o nosso papel
social é
defender
a própria
Arquitetura**

**DEFENDING OUR SOCIAL ROLE IS
DEFENDING ARCHITECTURE ITSELF**

BARROS, ÂNGELO LOPES, JAKOB KLING



Apresentação aos moradores do 1º projeto pontual, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

Presentation to the residents of the 1st punctual project, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

Recuando na genealogia da Iniciativa Outros Bairros, chegamos ao tempo em que alunos, alunas e docentes do M_EIA Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, refletiam sobre formas possíveis de atuar em bairros como o Alto de Bomba. Essa energia, preocupação e humanização da aprendizagem em arquitetura chegou à Iniciativa, constituindo a própria equipa com elementos que fizeram parte dessa história. Essa experiência constituiu a possibilidade de escutar para compreender, executar para aprender, e dialogar para decidir as bases de uma política pública possível para a Urbanização em Cabo Verde.

Foram conversas organizadas em grupos pequenos entre abril e agosto de 2022 pelo editor e editora deste livro, gravadas e editadas seguindo os assuntos identificados e cujas ramificações são possíveis de ler a partir da cronologia que se segue. *Elaine de Pina, Erikson Fortes, Ema Barros, Ângelo Lopes, Jakob Kling* são vozes desta conversa.

Tracing back the genealogy of the Outros Bairros Initiative, we arrive at a time when students and faculty from M_EIA University Institute of Art, Technology, and Culture were reflecting on possible ways to work in neighborhoods like Alto de Bomba. This energy, concern, and humanization of architectural education carried through to the Initiative, forming a team with members who were part of that history. This experience provided the opportunity to listen in order to understand, to execute in order to learn, and to engage in dialogue to decide the foundations of a possible public policy for Urbanization in Cabo Verde.

These were conversations organized in small groups between April and August 2022 by the editors of this book, recorded and edited following the identified topics, whose ramifications can be traced in the chronology that follows. *Elaine de Pina, Erikson Fortes, Ema Barros, Ângelo Lopes, and Jakob Kling* are voices in this conversation.

[CRONOLOGIA]

MARÇO 2019

Início da atualização da base gráfica da Iniciativa Outros Bairros (IOB)

MAIO 2019

Início oficial da Iniciativa Outros Bairros

NOVEMBRO 2019

Início da primeira Obra (Pontual 01)

JULHO 2020

Início da primeira Obra (Pontual 02)

NOVEMBRO 2020

Início da primeira Obra (Pontual 03)

JULHO 2021

Somá na Ponta [Construção dos princípios orientadores do IOB: Seminário no Centro Cultural do Mindelo com investigadores/as, especialistas, responsáveis dos Municípios, membros do Governo e grupos organizados moradores/as do Alto de Bomba, visitas e oficinas no Alto de Bomba]

DEZEMBRO 2021

Encerramento do escritório IOB em Alto de Bomba e suspensão da iniciativa

[CHRONOLOGY]

MARCH 2019

Start of the update to the graphic base of the Outros Bairros Initiative (IOB)

MAY 2019

Official launch of the Outros Bairros Initiative

NOVEMBER 2019

Start of the first Work (Pontual 01)

JULY 2020

Start of the first Work (Pontual 02)

NOVEMBER 2020

Start of the first Work (Pontual 03)

JULY 2021

Somá na Ponta [Development of the guiding principles of the IOB: Seminar at the Mindelo Cultural Center with researchers, specialists, municipal officials, government members, and organized groups of residents from Alto de Bomba, including visits and workshops in Alto de Bomba]

DECEMBER 2021

Closure of the IOB office in Alto de Bomba and suspension of the initiative

Diagnóstico, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019 / Diagnosis, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.



MANERA Q COMEÇÁ?

ÂNGELO LOPES Primer vez kum uvi fala de Outros Bairros foi bo k falam lá na Sintanton. No encontra na cais, bo falam se um tava interessod pa participa na el, e klar, jam tava ness barco diaza. Fazem tud sentid kel envolviment.

JAKOB KLING Cond um txega, um entrá na M_EIA — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura — um proximá de bsot e um entende k tava ta contece um cosa diferente. Depois na lançamento na Estoril Club é kum bem ta entendel mas dret.

ELAINE DE PINA Mi primer vez kum uvi fala na Outros Bairros um ka consegui entende logo á

COMO É QUE COMEÇOU?

ÂNGELO LOPES Primeira vez que eu ouvi falar de Outros Bairros foste tu que me falaste lá em Santo Antão. Nós encontrámo-nos no cais, tu falaste-me se eu estava interessado em participar, e claro, já estava nesse barco há muito tempo. Fez todo o sentido o meu envolvimento.

JAKOB KLING Quando eu cheguei, entrei para o M_EIA — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura — aproximei-me de vocês e entendi que estava a acontecer algo diferente. Depois no lançamento no Clube Estoril é que entendi melhor.

ELAINE DE PINA A primeira vez que ouvi falar de Outros Bairros não consegui entender logo à primeira. Entendi que era

HOW DID IT START?

ÂNGELO LOPES The first time I heard about Outros Bairros was from you, when you mentioned it to me in Santo Antão. We met at the pier, and you asked if I was interested in participating. Of course, I had already been on board for a long time. It made perfect sense for me to get involved.

JAKOB KLING When I arrived and joined M_EIA I got closer to you all and realized that something different was happening. It was only at the launch event at Club Estoril that I understood it better.

ELAINE DE PINA The first time I heard about Outros Bairros, I couldn't understand it right away. I realized it was something we had to figure out along the way because it wasn't very defined. There were times when I stopped to think that I needed to change direction due to all this uncertainty. So, at the beginning, I felt a bit lost.

ERICKSON FORTES Since I already knew you, I think the first idea I formed about Outros Bairros was influenced by conversations we had from the first year at M_EIA. On the day of the launch, I was confused because we had already thought of things that you hadn't defined at all. I didn't fully understand, but it was

Visita da Equipa Técnica IOB, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021
Visit of the IOB Technical Team, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.



primeira. Um entende kel era um cosa k no tinha k pensa na caminha modkel ka tinha txeu definiçon. Tive vez kum pará pam pensa kum tinha k muda kemin, devid tud ess indefinição. Por iss, na início um fka um gzinha perdid.

ERICKSON FORTES Moda jam conxeb um toxa k primer ideia kum construi de Outros Bairros já tava influenciada po tud kes conversa k no tive desde primeiro ano lá na M_EIA. Na dia de lançamento um fka confuso modk já no tinha pensod cosas antes ma bsot ka defni nada. Um fka sem entendeu dret, mas foi bom modkum entende log nakel dia k conde bo ta ba atua num lugar moda Alto de Bomba bo ka ta pode ba kum ideia preconcebida.

EMA BARROS Um conxe Iniciativa Outros Bairros na época de pandemia, mod maltas de gabinete convdam pa participa num painel online e pam participa na kela es explicam manera kel tava ta funcioná.

uma coisa que tínhamos que pensar no caminho porque ele não tinha muita definição. Houve vezes que parei a pensar que tinha que mudar de caminho, devido a essa indefinição toda. Por isso, no início fiquei um pouco perdida.

ERICKSON FORTES Como já te conhecia acho que a primeira ideia que eu construí do Outros Bairros já foi influenciada por conversas que tivemos desde o primeiro ano lá na M_EIA. No dia do lançamento fiquei confuso porque já tínhamos pensado coisas mas vocês não definiam nada. Não entendi bem, mas foi bom porque entendi logo nesse dia que quando atua num lugar como o Alto de Bomba não podes ir com uma ideia predefinida.

EMA BARROS Conheci a Iniciativa Outros Bairros na época da pandemia, porque o pessoal do gabinete convidou-me para participar num painel online e para eu participar explicaram-me como é que funcionava.



Visita da Equipa Técnica IOB, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021
Visit of the IOB Technical Team, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

good because I realized that when you work in a place like Alto de Bomba, you can't go in with a predefined idea.

EMA BARROS I got to know about the Outros Bairros Initiative during the pandemia, because the team from the office invited me to participate in an online panel and explained to me how it worked.

RELAÇÃO K INTERVENIENTES

RITA RAINHO E manera k foi relaçon k tud gent k tava envolvid na processo?

EMA Esses relaçon es é naturalmente complexo,

RELAÇÃO COM INTERVENIENTES

RITA RAINHO E como foi a relação com todos os que estavam envolvidos no processo?

EMA Essas relações são naturalmente complexas, sobretudo porque elas estão

RELATIONSHIP WITH STAKEHOLDERS

RITA RAINHO And how was the relationship with everyone involved in the process?

EMA These relationships are naturally complex, especially because they are



Apresentação aos moradores do 1º projeto pontual, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019 / Presentation to the residents of the 1st punctual project, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.

sobretudo mod es ta inserido num contexto donde k sujeitos es ta envolvido. Na Olt de Bomba bo tinha diferentes agentes: moradores, poder local e técnicos. Na caso de kel equipa, um toxo k era kel parte k tinha k faze um grande ginastica mod, por um lod, el tinha k fala pa instituições, por outro lod, pa moradores de um forma totalmente diferente. Uke foi interessante pa mi é k escritório acaba po estabelecer um intimidade k moradores, um proximidad, kum ta acredita k kela foi resultado de um tempo grande de construção de um diagnóstico exaustivo. No

inseridas num contexto em que os sujeitos estão envolvidos. No Alto da Bomba, havia diferentes agentes: moradores, poder local e técnicos. No caso daquela equipa, houve uma parte que teve que fazer um grande malabarismo, pois, por um lado, precisavam falar com as instituições, e, por outro, com os moradores de uma forma totalmente diferente. O que foi interessante para mim é que o escritório acabou por estabelecer uma intimidade com os moradores, uma proximidade, que acredito ter sido o resultado de um longo período de construção de um diagnóstico exaustivo. No entanto, em processos com

embedded in a context where the people involved are directly affected. In Alto de Bomba, there were different agents: residents, local authorities, and technicians. In the case of that team, some had to perform a significant balancing act because, on one hand, they needed to communicate with institutions, and on the other hand, with residents in a completely different way. What was interesting to me is that the office ended up establishing a close relationship with the residents, a proximity that I believe was the result of a long period spent building a thorough diagnosis.



entanto, em processos k complexidades bo tem txeu armadilhas e txeu vezes tiro saí po culatra e txeu vezes maltas ka tava de acordo, mas um ta acredita k kela era um dado k maltas sabia k ta faz parte de processo.

ERICKSON Desde k mi era menino nunca me foi mut permitid ba pa lugares moda Alto de Bomb modk um toxa pessoal li de Soncent negelienciá kes lugares. Por isso, conde um ba moda estagiário faze kel levantamento de Outros Bairros foi bastante importante pa mi mod kel emerson ajudam a desconstruir ess entendimento..Ja nakel ote segunda vez, um oxa um processo k ja tava em construção e um consegui oia kel possibilidade de construi djunt k moradores k bsot fala na lançamento. Lembrança kum tem dess momento é kes reunion que no tinha tud hora e na tud lugar.

ELAINE Conde um sub k era pam ba trabaia ma Outros Bairro um senti medo porque um ka tinha percebido exatamente uke era pam faze. Um lembra de kes reunion k ninguém tava ta parecer mod tud gente tava desacredita de governo. Inverté esss manera de pensa foi txeu difícil.

ERICKSON Foi um gzinha estronhe nha integração na grupo mod tud gente ja tinha txeu relações na Olt de Bomba, mas kel processo de discutir interna e coletivamente qualquer assunto k tava ta parce foi essencial pam integra.

estas complexidades tens muitas armadilhas e muitas vezes o tiro saí pela culatra, muitas vezes as pessoas não estavam de acordo, mas eu acredito que isso era um dado que se sabia fazer parte de processo.

ERICKSON Desde menino nunca me foi muito permitido ir para lugares como o Alto de Bomba porque eu acho que as pessoas de São Vicente negligenciam esses lugares. Por isso, quando fui como estagiário fazer o levantamento do Outros Bairros foi muito importante para mim porque aquela imersão ajudou-me a desconstruir esse entendimento. Já da segunda vez, achei um processo em construção e consegui ver aquela possibilidade de construir com os moradores que vocês falavam no lançamento. A lembrança que tenho são aquelas reuniões que tínhamos constantemente e em todo o lugar.

ELAINE Quando eu soube que era para trabalhar no Outros Bairros senti medo porque não tinha percebido exatamente o que era para fazer. Eu lembro-me de reuniões que ninguém aparecia porque toda a gente desacreditava do governo. Inverter essa maneira de pensar foi muito muito difícil.

ERICKSON Foi um pouco estranha a minha integração no grupo porque toda a gente tinha muitas relações no Alto de Bomba, mas aquele processo de discutir interna e coletivamente qualquer assunto que aparecia foi essencial para eu me integrar.

However, in processes with such complexities, there are many pitfalls, and often things backfire; often, people didn't agree, but I believe that was something we knew was part of the process.

ERICKSON Since I was a kid, I was never really allowed to go to places like Alto de Bomba because I think the people of São Vicente tend to neglect those areas. That's why, when I went as an intern to conduct the survey for Outros Bairros, it was very important for me because that immersion helped me to deconstruct that understanding. By the second time, I saw a process still in construction and was able to see the possibility of building with the residents that you all talked about at the launch. What I remember are those meetings we constantly had, everywhere.

ELAINE When I found out it was to work on Outros Bairros, I felt scared because I hadn't fully understood what was expected of me. I remember meetings where no one showed up because everyone had lost faith in the government. Changing that mindset was very, very difficult.

ERICKSON My integration into the group was a bit strange because everyone had deep connections in Alto de Bomba, but that process of discussing any issue that came up internally and collectively was essential for me to fit in.

PAPEL DO ARQUITETO

RITA É um forma particular ta construí relação de arquiteto ma um lugar?

JAKOB Arquiteto na Olt de Bomba é mais um investigador de âmbito social k um desenhador. No vivê na construção de relações.

ÂNGELO Um toxa k no txega fala sobre conceito de Ator-Rede. Um toxa k Outros Bairros é essa construção de conexão k varios atores k ba ta envolve k projeto. É um papel más distant de kel arquiteto clássico, embora um toxa també k moda no defende kel componente social d project, ma na mesm temp, no ta defende kel própria arquitetura també. Um ka sentim autor de um project, mas parte de um discuçon que dps de passar po tud gente da origem tud kes cosa ta contece lá.

ELAINE Um toxa k primera cosa k um arquiteto devia faze, aoje em dia, era quebra kel preconceito que pessoas ja tem sobre arquiteto ta servi so pa faze casas.

ERICKSON Um toxa k question é k grinhassim cidades té tont necessidade diferente k papel de arquiteto ba ta caba po moldá de acordo donde kel ta inderid. É essencial kel possibilidade de discuti vários assuntos pa no consegui leva en conta necessidades de lugares.

PAPEL DO ARQUITETO

RITA E como foi a relação com todos os que estavam envolvidos no processo?

JAKOB O arquiteto no Alto de Bomba é mais um investigador de âmbito social do que um desenhador. Vivemos a construir relações.

ÂNGELO Eu acho que nós chegamos a falar sobre o conceito do Ator-Rede. Eu acho que Outros Bairros é essa construção de conexões com os vários atores que se vão envolvendo com o projeto. É um papel mais distante do arquiteto clássico, ao mesmo tempo, como nós defendemos um papel social também estamos a defender a própria arquitetura. Eu não me senti autor de um projeto, mas parte de uma discussão que depois de passar por todas as pessoas deu origem a tudo que aconteceu lá.

ELAINE Eu acho que a primeira coisa que um arquiteto devia fazer, hoje em dia, era quebrar aquele preconceito que as pessoas já têm sobre um arquiteto servir só para fazer casas.

ERICKSON Eu acho que a questão é que agora as cidades têm tantas necessidades diferentes que o papel do arquiteto tem que acabar por se moldar ao lugar onde está inserido. É essencial a possibilidade de discutir vários assuntos para conseguir levar as necessidades dos lugares em conta.

ROLE OF THE ARCHITECT

RITA And how was the relationship with everyone involved in the process?

JAKOB The architect in Alto de Bomba is more of a social researcher than a draftsman. We are constantly building relationships.

ÂNGELO I think we discussed the concept of the Actor-Network. I believe Outros Bairros is about building connections with the various actors involved in the project. It's a role that is quite different from the classic architect, but at the same time, as we advocate for a social role, we are also advocating for architecture itself. I didn't see myself as the author of a project, but rather as part of a discussion that, after involving many people, led to everything that happened there.

ELAINE I think the first thing an architect should do today is to break the prejudice that people have about architects only being there to build houses.

ERICKSON The issue is that cities now have so many different needs that the role of the architect has to adapt to the context where it is situated. It is essential to discuss various issues to take the needs of the places into account.



Escritório da IOB, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021 / Office of IOB, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

EMA Papel de arquiteto la éser um interlocutor de kes pessoas lá. El tek sabe le kes kestons de populaçon, mas arriba, e tek sabe entende kestons moda direitos kes tem.

EMA Papel do arquiteto lá é ser um interlocutor das pessoas. Ele tem que saber as questões da população e tem que saber entender essas questões como direitos que elas têm.

EMA The role of the architect there is to be a mediator for the people. They need to understand the population's issues and recognize these issues as rights that people have.

PARTICIPAÇÃO

NUNO Ess tentativa ta construi um process colectivo é k ta possibilitá participação?

ÂNGELO Participaçõn é um processo porque é difícil bo tma um decison kel é verificado po tud gente. Seja em reunion na praça, na escritório k equipa ou na escrtório k algum morador ba ta procura espaço pa criar ess discussão.

PARTICIPAÇÃO

NUNO Essa tentativa de construir um processo coletivo é que possibilitou a participação?

ÂNGELO A participação é um processo, já que é difícil tomares uma decisão que seja verificada por toda a gente. Seja na praça, no escritório com a equipa ou no escritório com algum morador, é preciso procurar espaços para criar essa discussão.

PARTICIPATION

NUNO Did this attempt to build a collective process enable participation?

ÂNGELO Participation is a process, as it's difficult to make a decision that is validated by everyone. Whether in the square, in the office with the team, or in the office with a resident, it's necessary to find spaces to create this discussion.

JAKOB Toxa k prop importante foi kes conversa nas praças. Foi importante ser feit com vários format: conversas, curtas metragens, eventos etc

ELAINE Tud era discutid e realizod, ka era só diiscutid.Pa mi é mas habititá duke reabilitá, modk lá k tem nada. Katem aga, katem luz, katem nada.

ERICKSON Um toxa k palavras tem um significod e na entendiment de entidades públicas, de poder, reabilitá po tud na msm plano. Ou seja, ka ta ajuda ta intendé modo de vida, moda no tentá faze.

EMA Moda el é um projectk parte de Estado el é txeu orgânico, tem alguma flexibiliidade, ta informa população, ta consulta população, ta motiva população e, por iss, um toxa k iss é kel diferencial k tornal participativo.

JAKOB Eu acho que mesmo importante foram aquelas conversas nas praças. Foi importante ser feito com vários formatos: conversas, curtas metragens, eventos, etc.

ELAINE Tudo era discutido e realizado, não era só discutido. Para mim é mais habilitar do que reabilitar, porque lá não tem nada. Não tem água, não tem luz, não tem nada.

ERICKSON Eu acho que as palavras têm um significado e no entendimento das entidades públicas, do poder, reabilitar põe tudo no mesmo plano. Ou seja, não ajuda a entender o modo de vida como nós tentamos fazer.

EMA Como é um projeto que parte do Estado ele é muito orgânico, tem alguma flexibilidade, informa a população, consulta a população, motiva a população e, por isso, acho que isso é um diferencial que o torna participativo.

JAKOB I think what was really important were those conversations in the squares. It was important to use various formats: conversations, short films, events, etc.

ELAINE Everything was discussed and carried out, not just discussed. For me, it's about enabling rather than rehabilitating, because there's nothing there. There's no water, no electricity, nothing.

ERICKSON I think words have meaning, and in the understanding of public entities and authorities, "rehabilitate" puts everything on the same level. In other words, it doesn't help to understand the way of life as we tried to do.

EMA As it is a state-led project, it is very organic, has some flexibility, informs the population, consults the population, and motivates the population. Therefore, I think this is a differentiator that makes it participatory.

ZONAS AUTO- CONSTRUIDAS

RITA Significod de palavras realmente é txeu importante, realmente. Txeu autores aoje, inclusive es tita diferenciá kes território. Manera k durante ess processo bsot oia a possibilidade dess zona autoconstruida ta produzi resistênciã?

ZONAS AUTO- CONSTRUÍDAS

RITA O significado das palavras é muito importante, realmente. Muitos autores, hoje, inclusive, diferenciam os territórios. Como é que durante este processo vocês viram a possibilidade dessas zonas produzirem resistênciã?

SELF- BUILT AREAS

RITA The meaning of words is very important, indeed. Many authors today, for example, differentiate between territories. How did you see the possibility of these areas producing resistance during this process?



Diagnóstico, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019 / Diagnosis, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.



ÂNGELO Sobre kes zonas um toxa k Iniciativa Outros Bairros prová k ses reabilitação é o futuro. El permiti intendé k ne mestid continua reproduzi err conde bo pode parti pa um processo de entendimento de kes áreas pa ess processo entende mane k bo ta pode fazé k moradores ganha condições de vida más dignas. Além diss, grinhassim també ta provod k Iniciativa Outros Bairros té um cust mas boxe e k impacto maior.

ERICKSON Pa mi sempre kes dzé informal, é mod kem fala da el ta fala de um lugar de poder. Sem cre romantizar, informal é mod bo ta forma da norma, enquanto resistênciã ta da força. Conde no fala de resistênciã, um toxá k no ta fala de maltas k tem conhhecimento de formado, ta estuda ou ta investiga.

ELAINE Sobre informal um toxa igual Erickson. Sobre resistênciã um toxa k maltas ta fala de direito a algo: “Um tem direito a aga, um tem direito a luz, um tem direito a um habitaçon...”

ÂNGELO Formalidad/ informalidad; legalidad/ ilegalidad ta tud misturad, bo ta encontral lá moda bo ta encontral li de boxe. Keston de resistênciã ta leva pensa pa luta po cosas básicas kes tem direito. Ao mesm temp, um ka sabe se maltas tem temp pa pensa na resistênciã modk es ta vive na um situação limite. Es ta tra um dia de traboi pas ta pode kme.

ÂNGELO Sobre essas zonas eu acho que a Iniciativa Outros Bairros provou que a reabilitação é o futuro. Permitted entender que não é preciso continuar a reproduzir erros se podes partir para um processo de entendimento daquelas áreas para esse processo entender de que maneira podes fazer os moradores ganharem condições de vida mais dignas. Além disso, agora também está provado que a Iniciativa Outros Bairros tem um custo mais baixo e com um impacto maior.

ERICKSON Para mim, sempre que se diz informal, é porque quem está a falar fala de um lugar de poder. Sem querer romantizar, informal é porque estás fora da norma, enquanto resistênciã dá força. Quando falamos de resistênciã, acho que falamos de quem tem um conhecimento formado, estuda e investiga.

ELAINE Sobre informal acho igual ao Erickson. Sobre resistênciã, acho que as pessoas falam de direito algo: “Eu tenho direito a água, tenho direito a luz, tenho direito a uma habitação...”

ÂNGELO Formalidade/ informalidade; legalidade/ ilegalidade está tudo misturado, e encontras lá como a encontras aqui em baixo. A questão da resistênciã leva-nos a pensar em lutar por coisas básicas que as pessoas têm direito. Ao mesmo tempo, não sei se as pessoas têm tempo para pensar em resistênciã porque vivem numa situação limite. Dão um dia de trabalho para poder comer.

ÂNGELO Regarding these areas, I think the Outros Bairros Initiative proved that rehabilitation is the future. It allowed us to understand that it's not necessary to continue reproducing mistakes if you can start a process of understanding those areas and find ways to help residents achieve more dignified living conditions. Furthermore, it is now also proven that the Outros Bairros Initiative has a lower cost and a greater impact.

ERICKSON To me, whenever “informal” is used, it is from a place of power. Without wanting to romanticize, “informal” means being outside the norm, while resistance comes from strength. When we talk about resistance, I think we are referring to those with formal knowledge, who study and research.

ELAINE Regarding “informal,” I agree with Erickson. About resistance, I think people are talking about asserting rights: “I have the right to water, I have the right to electricity, I have the right to housing...”

ÂNGELO Formality/ informality and legality/ illegality are all mixed together, and you find them there just as you do down here. The issue of resistance makes us think about fighting for basic things that people have a right to. At the same time, I don't know if people have the time to think about resistance because they live in extreme situations. They give a day's work just to be able to eat.



CONFLITOS

NUNO Dentro dess duvida constante k ta implicit na bsot discurso, ness passo a passo k bsot construí, manera k bsot enfrenta kes conflitos k parece?

ELAINE No tinha um conflito constante entre nós e entre nós e es k era um dificuldade constante na comunicação. Explica processos e t intendel era txeu difícil. Ma kes conflito é um parte importante pa tud gente ta avançar.

ERICKSON Apesar de um unanimidad entre tud gent k tud gent cre medjor zona, havia conflitos. Ma ess conflit, tont entre nós, como entre es, es era individual. Apesar de tud kel traboi caba pa desperta um consciencia. Um consciência k maltas ka tinha mod ses vida tem txeu dificuldade.

JAKOB Pa mi conflit maior foi relaçon k entidades políticas. É stronh moda es é tud ta parece kum surpresa k caba pa bloqueá nós cosas. Ao contrário relaçon k maltas de zona é simples mod es tem uns conflitos diários más parecidos k conflitos k tud nós tem, apesar de situação de pobreza k na generalidad tud gent ta prala.

ÂNGELO No caba pa da cara a um projet k depois kel parte politica recuá em relaçon à espectativa

CONFLITOS

NUNO Dentro dessa dúvida que está implícita no vosso discurso, nesse passo a passo que construíram, como é que enfrentaram os conflitos que apareceram?

ELAINE Nós tínhamos um conflito constante entre nós e entre nós e eles que era uma dificuldade constante em comunicar. Explicar e entender os processos era muito difícil. Mas esses conflitos eram uma parte importante para toda a gente avançar.

ERICKSON Apesar de melhorar a zona ser uma unanimidade entre toda a gente, havia conflitos. Mas esses conflitos, tanto entre nós, como entre eles, eram individuais. Apesar de tudo, o trabalho despertou uma consciência. Uma consciência que as pessoas tinham porque a suas vidas têm muitas dificuldades.

JAKOB Para mim o conflito maior foi a relação com as entidades políticas. É estranha a forma como eles constantemente aparecem com uma surpresa que acaba por nos bloquear coisas. Ao contrário, a relação com as pessoas da zona é simples porque eles têm conflitos diários mais parecidos com os que todos nós temos, apesar da pobreza que na generalidade toda a gente está lá.

ÂNGELO Acabamos por dar a cara a um projeto que depois o lado político recuou em relação à expectativa que tinha sido criada sobre esse

CONFLICTS

NUNO Within the doubts implied in your discourse, in the step-by-step process you developed, how did you address the conflicts that arose?

ELAINE We had a constant conflict between us and between us and them, which was a constant difficulty in communication. Explaining and understanding the processes was very difficult. But these conflicts were an important part of helping everyone move forward.

ERICKSON Although improving the area was a consensus among everyone, there were conflicts. But these conflicts, both between us and between them, were individual. Despite everything, the work raised awareness. An awareness that people had because their lives involve many difficulties.

JAKOB For me, the biggest conflict was the relationship with political entities. It's strange how they constantly come up with surprises that end up blocking things for us. On the other hand, the relationship with the people from the area is straightforward because they have daily conflicts similar to those we all have, despite the poverty that, in general, everyone there experiences.

ÂNGELO We ended up representing a project that the political side then backed away from regarding the expectations that had been

k fka criod sobre ess project. Kes ots conflit ka foi relevant mod no tinha txeu diálogo. Imagina k ess projeto tava ta acontece na kes três lugares que tava previsto, impacto kel tinha. Pensa na cosa essim ta sabe a pouco, mod el podia ta tem más impacto na vida de kes pessoas.

EMA Foi um grande aprendizado o cuidado k limites, mod kes limites num comunidade li na Cabo Verde es é txeu sensível. Por iss, ess proximidade de limites e manera de tratás caba por trazem um noção maior de importância na cuidad na relações. Meste primá k certs coisas.

projeto. Os outros conflitos não foram relevantes porque havia diálogo. Imagina que este projeto acontecia nos três lugares que estava previsto, o impacto que ele tinha. Pensar nas coisas assim sabe a pouco, porque ele podia ter mais impacto na vida daquelas pessoas.

EMA Foi um grande aprendizado o cuidado com os limites, porque os limites numa comunidade aqui em Cabo Verde são muito sensíveis. Por isso, essa proximidade dos limites e a forma de tratá-los acabou por trazer-me uma noção maior da importância no cuidado nas relações. Importa priorizar certas coisas.

created about it. The other conflicts were not significant because there was dialogue. Imagine if this project had happened in the three places it was planned for, the impact it could have had. Thinking about it this way feels inadequate because it could have had a greater impact on those people's lives.

EMA It was a significant learning experience to be mindful of boundaries, because boundaries in a community here in Cabo Verde are very sensitive. Therefore, this proximity to boundaries and the way they were handled gave me a greater understanding of the importance of care in relationships. It's important to prioritize certain things.

Visita da Equipa Técnica IOB, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019 / Visit of the IOB Technical Team, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019.





ZONA DE CONTACT

NUNO Tita volta pa um pergunta más teóric, na bsot opinião foi criod um zona de contact? Bsot ganhá algum proximidade kess conceito? Outros Bairros ta pode ser considerod um zona de contacto?

ELAINE Um zona de contacto ta pode ser um espaço pa transmiti conheciment e direit k bo tem mod bo é um humano, portanto direitos humanos, ou el ta pode ser um forma de conetar cidade fisicamente. Mas, sobretudo, é um espaço k ta cria consciência de sociedad.

ZONA DE CONTACTO

NUNO Voltando a uma pergunta mais teórica, na vossa opinião foi criada uma zona de contacto? Ganharam alguma proximidade com esse conceito? Outros Bairros pode ser considerado uma zona de contacto?

ELAINE Uma zona de contacto pode ser espaço para transmitir conhecimento e direito porque somos seres humanos, portanto direitos humanos, ou uma forma de conectar fisicamente a cidade. Mas, sobretudo, um espaço que cria consciência da sociedade.

CONTACT ZONE

NUNO Returning to a more theoretical question, in your opinion, was a contact zone created? Did you gain any proximity to this concept? Can Outros Bairros be considered a contact zone?

ELAINE A contact zone can be a space for transmitting knowledge and rights because we are human beings, thus human rights, or a way to physically connect the city. But, above all, it is a space that creates social awareness.

Diagnóstico, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019 / Diagnosis, Alto de Bomba, Queila Fernandes, 2019.



ERICKSON Um entende Outros Bairros moda um zona de contacto na dois planos: primeiro na ligação de pessoas na território, segundo na possibilidade de po entidades te fala. Ma kel segund entidades ka gosta, es ka gosta dess confronto político sobre cosas k contece na território.

ÂNGELO Um toxa k Iniciativa acaba pa subverte kel forma k habitualmente é usod, um projet k bem de cima pa boxe sem kel envolvimento de kem ta ba beneficia k process. A Iniciativa Outros Bairros caba pa ser construída de boxe pa cima e por iss teve um subversão.

OUTROS BAIRROS

RITA Última pergunta, maneira k bsot defini Outros Bairros?

ELAINE Ma Outros Bairros é definid? É k um toxa k el tem um linha de pensament, ma té kel linha de pensament txega um cert ponto e ba ta muda.

ERICKSON Mi ka ta consegui defini Outros Bairros. El é moda um gás model ba ta adapta a tud k parece.

JAKOB É um processo k ta faze txeu cosa k mut poc dinher.

ÂNGELO A IOB é um kemin k

ERICKSON Eu entendo Outros Bairros como uma zona de contacto a dois planos: primeiro na ligação de pessoas no território, segundo na possibilidade de pôr entidades a falar. Mas neste segundo as entidades não gostaram, eles não gostam desse confronto político sobre coisas que acontecem no território.

ÂNGELO Eu acho que a Iniciativa acabou por subverter a forma que habitualmente se usa, projetos que se fazem de cima para baixo sem o envolvimento de quem é o beneficiário do processo. A Iniciativa Outros Bairros acaba por ser construída de baixo para cima e por isso teve uma subversão.

OUTROS BAIRROS

RITA Última pergunta, como definem Outros Bairros?

ELAINE Mas Outros Bairros é definível? É que eu acho que tem uma linha de pensamento, mas até essa linha de pensamento chega a um momento que muda.

ERICKSON Eu não consigo definir Outros Bairros. É como um gás porque ele adapta-se a tudo que aparece.

JAKOB É um processo que faz muitas coisas com muito pouco dinheiro.

ÂNGELO A IOB é um caminho que não sei até que ponto as próprias entidades entenderam

ERICKSON I see Outros Bairros as a contact zone on two levels: first, in the connection of people in the territory, and second, in the possibility for entities to speak. However, in this second aspect, the entities did not like it; they do not like this political confrontation about things happening in the territory.

ÂNGELO I think the Initiative ended up subverting the usual way of doing things, projects that are done top-down without involving those who are the beneficiaries of the process. The Outros Bairros Initiative ended up being built from the bottom up, and that's why it had a subversive aspect.

OUTROS BAIRROS

RITA Final question, how do you define Outros Bairros?

ELAINE But can Outros Bairros be defined? I think it has a line of thought, but even that line of thought reaches a point where it changes.

ERICKSON I can't define Outros Bairros. It's like a gas because it adapts to everything that comes up.

JAKOB It's a process that does many things with very little money.

ÂNGELO The Outros Bairros Initiative is a path that I don't know to what extent



um ka sabe té k ponto kes entidades intende, uké ess kemin k no propo. Mod el é um kemim k no despi de nós papel de arquitep ta emergir na comunidade e ta entende kel comunidade. E dpois, próp comunidade, desenha kel project parecem um kemim más viável pa bo pode resolve problemas de vida desses lugares. Grinhassim, a partir de moment k bo ta senti k ess kemin ka é entendid moda um kemim possível mod, pelo menos aqui, ka tem kel atenção devida pa tornal num cosa más séria, pa tornal num programa nacional, kel msm despositiv público ta vra um obstáculo.

EMA Outros Bairros tive ote forma de olhar para kel lugares, mod el era totalmente diferente da forma institucional k habitualmente é usod na Cabo Verde. Realizar Outros Bairros da forma kel foi idealizado foi ingrot mod bo joga e bo apita ao mesmo tempo. Ou seja, bo tinha k dize população k bo tava na se lod, ma bo ka tava ta conseguí dzes k bo tava de lod de Governo e kel la era contraditório. Ma, aoje kum pensa k mais distância, parecem k kel li era um estratégia pa bo leva população, mas txeu ingrot pa kenhé k tava lá. Jam tinha estod em projectos moda ess li mas es era ONG's e era completamente diferente porque um ONG ka é Estado. Inton é um projeto diferente k tem um grande contradiçon porque o Estado promove, população apropriar,

o que é esse caminho que propusemos. Porque é um caminho em que nos despiamos do nosso papel de arquiteto para emergir na comunidade e entender essa comunidade. E depois, com a própria comunidade, desenhar o projeto parece-me um caminho mais viável para poder resolver os problemas da vida desses lugares. Agora, a partir do momento que sentes que esse caminho não é entendido como um caminho possível porque, pelo menos aqui, não há a atenção devida para o tornar numa coisa mais séria, para o tornar num programa nacional, o próprio dispositivo público vira um obstáculo.

EMA Outros Bairros teve outra forma de olhar para os lugares, porque era totalmente diferente da forma institucional que habitualmente é usada em Cabo Verde. Realizar o Outros Bairros da forma que ele foi idealizado foi ingrato porque tu jogavas e eras árbitro ao mesmo tempo. Ou seja, tinhas que dizer à população que estavas do seu lado, mas não lhes conseguias dizer que não estavas do lado do Governo e isso era contraditório. Mas, hoje que penso com mais distância, parece-me que era uma estratégia para levar população, mas muito ingrata para quem estava lá. Já tinha estado em projectos como este mas era do lado de ONG's e era completamente diferente porque uma ONG não é Estado. É um projecto diferente que tem uma grande contradição porque o Estado promoveu-o, a população apropriou-o, teve

the entities themselves understood what this path we proposed is. Because it's a path where we shed our role as architects to immerse ourselves in the community and understand that community. And then, with the community itself, designing the project seems to me a more viable way to address the issues in those places. However, once you feel that this path is not understood as a viable one — because, at least here, there is not the necessary attention to make it something more serious, to turn it into a national program — the public device itself becomes an obstacle.

EMA Outros Bairros had a different way of looking at places, because it was completely different from the institutional approach usually used in Cabo Verde. Carrying out Outros Bairros in the way it was designed was thankless because you were both player and referee at the same time. In other words, you had to tell the population that you were on their side, but you couldn't tell them that you were not on the side of the government, which was contradictory. But, now that I think about it from a distance, it seems to me that it was a strategy to engage the population, but very thankless for those who were there. I had been in similar projects before but on the side of NGOs, and it was completely different because an NGO is not a state. It's a different project with a great contradiction because the state promoted it, the population embraced

tive reconhecimento em vários lugares, inclusive fora de Cabo Verde, e kel próprio Estado abandonal.

JAKOB Na início um vivê um relação mute distante k moradores mod um ka falava kriol e porque um tinha um postura txeu europeia talvez. Más k tempo um consegui proxima de tud gente.

ÂNGELO Mi fui primero k tive na terreno e senti k moradores tava ta oiam sempre kum desconfiança. Tipo, más uns k ta bem prei promete algum kosa k ka ta bem contecé. Mas ess relação k tempo ba ta medjorá porque pessoas ba ta entende kual era nós intençon.

JAKOB Faze parte de Outros Bairros era dar seguimento a cosas k ja no tava fala. Um entra moda arquiteto e na final um senti kum era mais ativista. Um ta oia pa manera k kes pessoas pensa aoje e é um orgulho, se um ta para pa pensa na project é um frustração porque no ta faze tont cosa k ka foi realizada.

ÂNGELO Dpois de nha formaçon m decidi volta pa Cabo Verde e a Iniciativa Outros Bairros foi kel culminar de um processo k inclui ta pode contribui, li na Cabo Verde, enquanto arquiteto pa medjora condições de vida de pessoas. Por iss, um senti que a Iniciativa Outros Bairros era um oportunidade pam tem um impacto mas direto ness transformaçõ k jam pensava antes e kum tava envolvido desde tempo kum da aulas na M_EIA.

reconhecimento em vários lugares, inclusive fora de Cabo Verde, e o próprio Estado abandonou-o.

JAKOB No início vivi uma relação muito distante com os moradores porque eu não falava crioulo e porque tinha uma postura muito europeia talvez.

ÂNGELO Eu fui o primeiro que estive no terreno e senti que os moradores me olhavam com desconfiança. Tipo, mais uns que vêm para aqui prometer alguma coisa que não vai acontecer. Mas essa relação com o tempo melhorou porque as pessoas entenderam qual era a nossa intenção.

JAKOB Fazer parte de Outros Bairro era dar seguimento a uma coisa que já falávamos. Entrei como arquiteto e no fim senti que era um ativista. Olho para a maneira que as pessoas pensam hoje e é um orgulho, se parar para pensar no projecto é um frustração porque fizemos muita coisa que não foi realizada.

ÂNGELO Depois da minha formação decidi voltar para Cabo Verde e a Iniciativa Outros Bairros foi o culminar de um processo que incluía poder contribuir, aqui em Cabo Verde, enquanto arquiteto para melhorar as condições de vida das pessoas. Por isso, senti que a Iniciativa Outros Bairros era uma oportunidade com um impacto mais direto nessa transformação que eu já pensava e que estava envolvido desde o tempo que dei aulas na M_EIA.

it, it received recognition in several places, including outside Cabo Verde, and then the state abandoned it.

JAKOB At first, I had a very distant relationship with the residents because I didn't speak Creole and because I had a very European attitude, perhaps.

ÂNGELO I was the first to be on the ground and felt that the residents looked at me with distrust. Like, just another group coming here to promise something that won't happen. But that relationship improved over time because people understood our intentions.

JAKOB Being part of Outros Bairros was about continuing something we had already talked about. I started as an architect and in the end felt like an activist. Looking at how people think today is a source of pride, but if I stop to think about it, the project is a frustration because we did a lot that wasn't realized.

ÂNGELO After my training, I decided to return to Cabo Verde, and the Outros Bairros Initiative was the culmination of a process that included being able to contribute, here in Cabo Verde, as an architect to improve people's living conditions. That's why I felt that Outros Bairros was an opportunity with a more direct impact on the transformation I had been thinking about and involved in since the time I taught at M_EIA.

ELAINE Um ka toxa normal k entidades pública ba pa zona promete tud, mas um ta entende k gente ta aproveita de kel la modk es ta meste.

ELAINE Eu não acho normal que as entidades públicas vão para as zonas prometer tudo, mas entendo que as pessoas aproveitem isso porque precisam.

ELAINE I don't think it's normal for public entities to go to areas and promise everything, but I understand that people take advantage of this because they need to.

Reunião com o grupo Amdjer na Obra, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021
Meeting with Amdjer na Obra, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.



ERICKSON Um toxa k gente recusa txeu cosas, es recusa relaçon k entidades públicas modk es é elitizado e desacreditod, mas se bo pensá kes entidadod também ka ta abri porta moda es podia.

ELAINE Nós era cúmplice, no forma moda um família. El nera só traboi. Tem gente que aoje um tem sodad de forma contente kes tava ta oia gente.

ERICKSON Um toxa k nós era da equipa mod no tava ta trabaia la, mas nera só isso. Toxa k era precis moradores dob autorizaçon pa bo pertence à Iniciativa, ou seja, se es ka tava txoba a ses casa, nem na ses vida bo ka tava conseguiu entra na Iniciativa.

ELAINE Iniciativa Outros trazem um visão diferente até de nha própria vida, grinhassim té um ta da mas valor a vida kum ta vivé. Foi um aprendizado de várias áreas de conhecimento. Um vrá ote pessoa basicamente. Um construi nha pensament critico alla. Antes nunca um tava ta pensa num cosa antes de mi fazel e agora ka é essim.

ERICKSON Pois, é iss, um ta consegui entende perfectamente diferença entre pessoa k mi era concde um txega lá e pessoa k mi é aoje. Não é só na nha vida pessoal, ma é també manera kum ta estod na traboi kum tem grinhassim, manera kum fala ma pessoas e nha pensament

ERICKSON Eu acho que as pessoas recusam muitas coisas, recusam relações com entidades públicas porque elas são elitizadas e estão desacreditadas, mas se pensares, essas entidades também não abrem a porta como podiam.

ELAINE Éramos cúmplices, éramos como uma família. Não era só trabalho. Hoje tenho saudade só da forma como algumas pessoas ficavam contentes só por nos ver.

ERICKSON Eu acho que nós éramos da equipa porque nós trabalhávamos lá, mas não era só isso. Acho que era preciso os moradores darem-te licença para pertenceres à Iniciativa, ou seja, se eles não te deixavam entrar nas casas deles, nem na vida deles tu não conseguias entrar na Iniciativa.

ELAINE A Iniciativa Outros trouxe-me uma visão diferente até da minha própria vida, agora até dou mais valor à vida que eu vivo. Foi uma aprendizagem de várias áreas de conhecimento. Virei outra pessoa basicamente. Eu construí o meu pensamento crítico lá. Antes nunca pensava numa coisa antes de a fazer e agora não é assim.

ERICKSON Pois, é isso, consigo entender perfectamente a diferença entre a pessoa que eu era quando fui para lá e a pessoa que sou hoje. Não é só na minha vida pessoal, mas é também a forma como estou no trabalho, como falo com as pessoas e o meu

ERICKSON think people reject many things and refuse relationships with public entities because they are elitist and discredited. However, if you think about it, these entities also don't open the door as they could.

ELAINE We were accomplices; we were like a family. It wasn't just work. Today, I miss the way some people were just happy to see us.

ERICKSON I think we were part of the team because we worked there, but it wasn't just that. I believe it was necessary for the residents to give you permission to belong to the Initiative. In other words, if they didn't let you into their homes or into their lives, you couldn't be part of the Initiative.

ELAINE The Outros Bairros Initiative gave me a different perspective even on my own life. Now I value the life I live even more. It was a learning experience in various areas of knowledge. I basically became a different person. I developed my critical thinking there. I never used to think about things before doing them, but now I do.

ERICKSON Yes, I can perfectly understand the difference between the person I was when I went there and the person I am today. It's not just in my personal life, but also in how I am at work, how I talk to people, and my



critico kera pouc
apuradom mas, entretont,
um desenvolve.

ELAINE Maior falha de Outros Bairros foi ka conseguiu faze pessoas interessa. Tinha txeu pessoas k ba la, ma depois conde era preciso fazer iss ou kela es ka ta engaja, es ka ta pega pa faze es só. Cosa k mais um tava ta gosta de conseguiu fazer era convence maltas kes ta pode, bo tem direito a el. Um toxa k ess nós manera de traze tud de fora, ainda e nós ta ba paga txeu core pa el moda na Cabo Verde no ka construi cosas k pensamento critico k Outros Bairros tenta faze.

ERICKSON Um toxa k falta nós mas capacidade na nós pa txega na ots pessoas pa no te conseguiu descobri mas gente interessod moda kes calceteiras. As vez um sentim incompleto por iss. Um toxa k nós equipa era piknin, no tinha txeu cosas para faze, relaçon k empreiteiros era sempre difícil e isso impedi nós de oxa ots cosas k um tem certeza k tem lá.

ÂNGELO Foi txeu enriquecedor tud, mas kel keston politica desanimam txeu mod no ta fka ta da cara k pessoas e dpois bo ta senti que entidade promotora afinal tem mut discurso e ka ta faze tud kes podém.

pensamento crítico que
era pouco apurado mas,
entretanto, desenvolvi.

ELAINE A maior falha de Outros Bairros foi não conseguir fazer as pessoas se interessarem. Tinha muita gente que ia lá, mas depois quando era preciso fazer isto ou aquilo eles não se engajaram para fazer sozinhos. A coisa que eu mais gostava de ter conseguido fazer era convencer as pessoas que eles podem, que eles têm direito. Eu acho que o nosso hábito de trazer tudo de fora ainda nos vai custar caro, porque em Cabo Verde não construímos o pensamento crítico que o Outros Bairros tentou fazer.

ERICKSON Eu acho que nos faltou mais capacidade para chegar a outras pessoas para conseguirmos encontrar mais gente interessada como as calceteiras. Às vezes sinto-me incompleto por isso. Acho que a nossa equipa era pequena, nós tínhamos muitas coisas para fazer, a relação com os empreiteiros era sempre difícil e isso impediu-nos de encontrar essas outras coisas que eu tenho a certeza que existem.

ÂNGELO Foi tudo muito enriquecedor, mas a questão política desanimou-me muito porque nós damos a cara e depois sentes que a entidade promotora afinal tem muito discurso e não fazem tudo que podem.

critical thinking, which
was underdeveloped but
has since improved.

ELAINE The biggest failure of Outros Bairros was not managing to make people interested. Many people would come, but when it was time to do this or that, they didn't engage to do it on their own. The thing I would have liked most to achieve was convincing people that they can, that they have the right. I think our habit of bringing everything from outside is still going to cost us dearly because in Cabo Verde, we haven't developed the critical thinking that Outros Bairros trie I think we lacked the capacity to reach more people to find more interested individuals, like the bricklayers. Sometimes I feel incomplete because of that. I think our team was small, we had many things to do, the relationship with contractors was always difficult, and that prevented us from finding these other things that I'm sure exist.

ÂNGELO Everything was very enriching, but the political aspect discouraged me a lot because we put ourselves out there, and then you feel that the promoting entity actually has a lot of talk but doesn't do everything they can.

Vista do Alto de Bomba, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.





View of Alto de Bomba, Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.



Bomba ao Alto

BOMBA AO ALTO¹

T.N: Literaly is Bomb to the Top.

1

GRACE RIBEIRO



Reunião com moradores, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Meeting with inhabitants, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

As cidades estão em constante mutação onde os processos de urbanização desgovernados trazem com eles problemas socioculturais, políticos, ambientais e económicos. Alto Bomba absorve na sua vivência todas essas dimensões problemáticas.

Uma zona periférica, que no decorrer de uma análise rigorosa revelou conflitos urbanos básicos tais como a falta de saneamento, a falta de luz eléctrica, em alguns casos a degradação das condições dignas das habitações, a ausência de equipamentos públicos adequados e com um elevado índice de criminalidade.

O processo de adição não planeado caracteriza não só o Alto de Bomba mas uma grande parte dos territórios caboverdianos. São territórios que apesar de assimilados por todos continuam invisíveis, não são tidos em conta por parte das políticas urbanas públicas, deste país, dito emergente.

Em diversos âmbitos, assistimos com frequência a momentos de discussão entre políticos, arquitectos, urbanistas, paisagistas, sociólogos com o intuito de reunir o maior e melhor número possível de informação para assim entender estes territórios.

Esse paleio constante deixa de fazer sentido quando os intervenientes não conhecem o verdadeiro *modus vivendi* do lugar. Desses encontros saem possibilidades



Cities are constantly mutating, where ungoverned urbanisation processes bring with them sociocultural, political, environmental and economic issues. Alto de Bomba absorbs all these problematic aspects in day-to-day life.

It is a peripheral area that, under a rigorous analysis, has demonstrated to hold basic urban conflicts, such as the lack of sanitation, the lack of electricity, in some cases the degradation of the housing's fitting conditions, the absence of adequate public equipment and a high level of crime.

The process of unplanned addition not only characterises Alto de Bomba, but also most of the Caboverdean territories. These territories, albeit assimilated by all, remain invisible and are not taken into consideration by the public urban policies of this so-called emerging country.

In several contexts, we frequently witness moments of discussion between politicians, architects, urbanists, landscapers, sociologists, that aim at the gathering of the most and best information possible so as to understand these territories.

That constant chitchat does not make sense when the intervenients are unaware of the places' real *modus vivendi*. Those encounters generate action possibilities, harmonising strategies and public space hierarchies that will never be appropriated by the population given the proposals' inadequacy.

How do these territories stop being invisible? What is the best process for analysing and approaching the population? How to potentiate the relations between people and space?

“To me, what seems to have a heuristic value for the discussion on public spaces’ contemporary nature is the overcoming of theoretical metanarratives in the nation-state’s context of crisis, and the rejecting of a philosophy of the subject, with its resulting decentralisation.”² (Leite, 2009, p. 189)

In the Iniciativa Outros Bairros, there has been the application of theoretical concepts that challenged residents in the urban spaces’ use and process of participative design, which contributed to the creation and consolidation of new ways of living and accessibilities, while also incrementing values to the population and the territory.

T.N: Translated from the original text's quote; *A que me parece ter relevante valor heurístico para a discussão sobre a natureza contemporânea dos espaços públicos é a superação das metanarrativas teóricas no contexto de crise do Estado-nação e a rejeição a uma filosofia do sujeito, com o seu consequente descentramento.*

de acções, estratégias de harmonização e hierarquias para espaços públicos que nunca serão apropriados pela população dado ao desajuste das propostas.

Como é que esses territórios deixam de ser invisíveis? Qual é o melhor processo de análise e abordagem à população? Como potenciar a relação entre as pessoas e o espaço?

“A que me parece ter relevante valor heurístico para a discussão sobre a natureza contemporânea dos espaços públicos é a superação das metanarrativas teóricas no contexto de crise do Estado-nação e a rejeição a uma filosofia do sujeito, com o seu consequente descentramento.” (Leite, 2009, p.189)

Na Iniciativa Outros Bairros foram aplicados conceitos teóricos que desafiaram os moradores no processo do desenho participativo e do uso dos espaços urbanos que contribuíram para criação e consolidação de novos estilos de vida, acessibilidades e também incrementaram valores à população e ao território.

O processo de trabalho da IOB iniciou com o método de observação do lugar, da conversa com os moradores e visitantes com o intuito de entender as suas necessidades, tirando partido dos espaços de maior convivência dos moradores e possíveis locais de actuação e valorização do mesmo. Um conjunto de arquitectos, técnicos e alunos de arquitectura ao invés de ficarem sentados em frente de uma plateia a debitar os conhecimentos que adquiriram durante os seus processos de formação, foram atrás dessa mesma camada de população para aprender o que não vem nos livros e assim entender como funciona o território de Alto de Bomba no seu todo.

No evento SOMÁ NA PONTA tivemos a oportunidade de assistir a um resumo das intervenções apresentado por aqueles que realmente passaram pela experiência de requalificação humana e urbana nos Outros Bairros.

Entendemos de forma clara como o processo foi enriquecedor para todos os intervenientes, a importância da origem de novos sentidos nos espaços urbanos criados, os valores adquiridos e a riqueza absorvida na troca de saberes e práticas culturais.

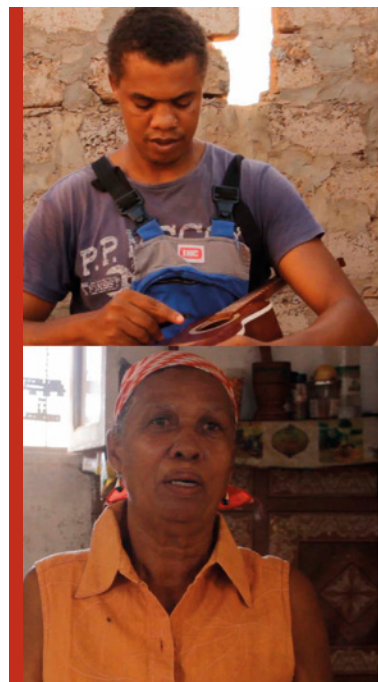
O impedimento de continuidade da IOB, por falta de verba ou de créditos por parte do Governo de Cabo Verde, não impossibilitou que os moradores dessem continuidade à vivência e cuidados da nova herança construída. Embora não tenham um livro de instruções podemos observar que é um território de resistência. A luta da zona é dirigida dia após dia pelos seus actores sociais.

O modo de actuação da IOB pode ser o primeiro exemplo/modelo de reprodução inicialmente proposto que abrangia as zonas de Fernando de Pó e Covada de Bruxa.

Como arquiteta e fotógrafa cabo-verdiana tive a oportunidade de registar a resiliência e a resistência através de imagens. Os momentos em que os espaços criados reconstruíram histórias, interligando pontos comuns de maior vivência com possibilidades de narrar e sentir tais espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE, Rogério Proença (2009). *Espaços públicos na pós-modernidade*, in Carlos Fortuna (org.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina.





Frame do Projeto Desinrascá, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

Frame of the Project Desinrasc, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

The IOB's work process began with the site observation method, conversing with residents and visitors with the goal of understanding their needs, drawing on the inhabitants' larger living spaces and the possible sites for intervention and their very valorisation. A group of architects, technicians and architecture students, rather than standing before an audience spouting the knowledge acquired during their training processes, went after that very population stratum to learn what is not included in books and thus understand how Alto de Bomba's territory functions, as a whole.

In the event **SOMÁ NA PONTA**, we were able to witness a summary of the interventions

performed by those who actually went through the Outros Bairros' experience of human and urban rehabilitation.

We clearly understand how rewarding the process was for all intervenients, the importance of giving rise to new meanings in the urban spaces created, the acquired values and the absorbed richness in the exchange of knowledge and cultural practices.

The impediment of the IOB's continuity, by lack of funding or credits from Cabo Verde's Government, did not preclude the residents to keep on the newly built heritage's living and caring. Even though they do not have an instruction manual, we can observe it is a territory of resistance. The struggle for the area is daily carried out by its social actors.

The IOB's mode of action can be the first example/model of the initially proposed replications that covered the areas of Fernando de Pó and Covada de Bruxa.

As a Caboverdean architect and photographer, I have had the chance to document resilience and resistance through images. The moments when the created spaces rebuilt histories, connecting common points of greater living with the possibilities of narrating and feeling such spaces.

BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

LEITE, Rogério Proença (2009). *Espaços públicos na pós-modernidade*, in Carlos Fortuna (org.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina.

**Outros
Bairros
não tem
explicação.
É só visto,
só sentido.**

**OUTROS BAIRROS DEFIES EXPLANATION.
IT IS ONLY SEEN, ONLY FELT.**

LOPES E NELIDA FERREIRA



Reunião com moradores, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Meeting with inhabitants, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

Da leitura deste livro e da interpretação de várias conversas, pode conhecer-se o dia a dia do escritório da Iniciativa Outros Bairros, no Alto de Bomba, vivido entre 2019 e 2021, mergulhando na forma como o corpo técnico que fez funcionar este escritório, sentiu um processo inundado de conflitos e dificuldades individuais que cada um conheceu.

As conversas que se seguem foram organizadas em grupos pequenos promovidas em abril de 2022 pelo editor deste livro, foram gravadas e editadas seguindo os assuntos identificados e cujas ramificações são possíveis de ler a partir da cronologia que se segue. *Nelida Correia, Miriam Lopes e Jason* são vozes desta conversa.

[CRONOLOGIA]

P
/76

MAIO 2019
Início do IOB

From reading this book and interpreting various conversations, one can understand the daily life of the office of the Outros Bairros Initiative in Alto de Bomba, experienced between 2019 and 2021. This immersion reveals how the technical team that operated this office navigated a process filled with conflicts and individual challenges faced by each member.

The following conversations were organized into small groups, held in April 2022 by the editor of this book, recorded and edited according to the identified topics. Their branches can be read from the following chronology. *Nelida Correia, Miriam Lopes, and Jason* are voices in this conversation.

[CHRONOLOGY]

MAY 2019
Start of the Outros Bairros Initiative (IOB)



Conversa com o fotógrafo José Pereira, Alto da Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Talk with the photographer José Pereira, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

NOVEMBRO 2019

Início da primeira Obra
(Pontual 01)

JULHO 2020

Início do trabalho no escritório da
Iniciativa Outros Bairros

FEVEREIRO 2021

Fim do trabalho no escritório
da Iniciativa Outros Bairros

JULHO 2021

Constituição da Associação
Alto de Bomba Unido
(Boletim Oficial n 188 II Série 2
Dezembro 2021)

DEZEMBRO 2021

Encerramento do escritório IOB
em Alto de Bomba e suspensão
da iniciativa

NOVEMBER 2019

Start of the first Project
(Pontual 01)

JULY 2020

Start of work at the Outros
Bairros Initiative office

FEBRUARY 2021

End of work at the Outros
Bairros Initiative office

JULY 2021

Formation of the Alto de
Bomba Unido Association
(Official Bulletin No. 188 II Series,
December 2, 2021)

DECEMBER 2021

Closure of the Outros Bairros office
in Alto de Bomba and suspension
of the initiative

MANERA Q COMEÇÁ E UKE BSOT SENTI

NELIDA FERREIRA

Um senti kum faze parte de um mudança. Um ka trabaia na kel obra, ma um senti que kes paredes tem um gzinha d mi.

JASON FERREIRA

No senti um cosa difícil de explicá. Outros Bairros foi um cosa txeu diferente.

NELIDA Senti um cosa estronh mod txeu gente dze kel é política, kel Outros Bairros tinha um lod. Mas el ka é assim, um fui uke kum kris ser.

NELIDA Maltas associam ma bsot, ma um portugueses. Kela ka era um cosa dret na opinon de maltas.

MIRIAM LOPES Conde um sabe de Outros Bairros um senti kel era um cosa para medjora nós zona, mas conde um ba trabaia pa escritório um senti txeu vergonha, mas um superal modk mi era parte dum cosa importante pa nha zona.

COMO É QUE COMEÇOU?

NELIDA FERREIRA

Senti que eu fiz parte de uma mudança. Não fiz parte daquela obra, mas sinto que aquelas paredes têm um bocadinho de mim.

JASON FERREIRA

Nós sentimos uma coisa difícil de explicar. Outros Bairros foi uma coisa muito diferente.

NELIDA Senti uma coisa estranha porque muita gente dizia que era só política, que Outros Bairros tinha um lado. Mas não é assim, eu fui o que eu quis ser.

NELIDA As pessoas associaram-me a vocês, a um português. Isso não era uma coisa boa na opinião das pessoas.

MIRIAM LOPES Quando soube do Outros Bairros senti que tudo era para melhorar a nossa zona, mas quando fui trabalhar para o escritório tinha muita vergonha, superei porque eu era parte de uma coisa que era muito importante para a zona.

HOW DID IT START?

NELIDA FERREIRA

I felt that I was part of a change. I wasn't involved in that project, but I feel that those walls have a bit of me in them.

JASON FERREIRA

We felt something hard to explain. Outros Bairros was something very different.

NELIDA I felt something strange because many people said it was just politics. That Outros Bairros had another side. But it's not like that; I was who I wanted to be.

NELIDA People associated me with you, a Portuguese person. That wasn't seen as a good thing in people's opinions.

MIRIAM LOPES When I learned about Outros Bairros, I felt that everything was meant to improve our area. But when I started working at the office, I was very embarrassed. I overcame it because I was part of something very important for the area.

ALT DE BOMBA UNID

ALTO DE BOMBA UNIDO

ALTO DE BOMBA UNITED

NUNO FLORES

Engraçod k pa maltas de equipa

NUNO FLORES Engraçado que para as pessoas da equipa do Outros Bairros

NUNO FLORES It's funny that for the Outros Bairros team, there was always a

de Outros Bairros fka sempre
sensação de um dificuldade
grande de djunta maltas de
zona, surpreendé txeu conde
bsot parce k ideia de forma
um associação, embora já
nós tinha falod na el na
kes reunião lá na praça.

ficou sempre a sensação
de uma dificuldade grande
de juntar pessoas da zona,
surpreendeu muito quando
vocês apareceram com a ideia
de formar uma associação,
embora já tivéssemos falado
disso nas reuniões da praça.

strong sense of difficulty
in bringing people from the
area together. It was very
surprising when you came
up with the idea of forming
an association, even
though we had discussed
it in the plaza meetings.



Conversa com o fotógrafo José Pereira, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020

Talk with the photographer José Pereira, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

NELIDA Tive um conversa
donde k surgi k no ka
tinha um associação na
Olt de Bomba. No mestid
um forma de no fka unid.

NELIDA Kes conversa
moda no faze na temp de
Outros Bairros era um
ideia que a nós tinha
decidido k era pa no
faze ote vez.

NELIDA Houve uma conversa
onde falamos que não tínhamos
uma associação no Alto de
Bomba. Precisamos de uma
maneira de ficarmos unidos.

NELIDA Aquelas conversas
como fizemos no tempo
do Outros Bairros eram
uma ideia que já tínhamos
decidido que era para
fazermos novamente.

NELIDA There was a
conversation where we
mentioned that we didn't
have an association in
Alto de Bomba. We needed
a way to stay united.

NELIDA Those
conversations we had
during the time of Outros
Bairros were an idea we had
already decided to revisit.



Conversa sobre Agroecologia, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021 / Talk about agroecology, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

MIRIAM Ideia de *Alto de Bomba Unid* parti de exemplo Outros Bairros. Moda no tava fala k um dia Outros Bairros tava ta Caba, nós djunta pa no ta continuar depois moda um grupo igual a bsot. Mas depois tud gente desintende e mi largal da mão.

NELIDA Un toxa k ma Outros Bairros a relação ka foi kul, algum kosa ka tive dret e fka um barreira entre associação e Outros Bairros. Toxa k na algum momento no fka txeu distanciadi.

JASON Fka faltá mas apoio de Outros Bairros. Bsot dze k destino de kel sentina um Centro Cultural e depois tive um recaída. Ka tive dinher, bsot ka da nós kel dinher k tava prometido. Grinhassim

MIRIAM Ideia de *Alto de Bomba Unid* partiu do exemplo do Outros Bairros. Como falavamos que um dia Outros Bairros ia acabar, juntamo-nos para continuar como um grupo igual a vocês. Mas depois todos se desentenderam e eu desisti.

NELIDA Acho que com o Outros Bairros a relação não foi boa, alguma coisa não esteve bem e ficou uma barreira entre a associação e o Outros Bairros. Acho que em algum momento alguma coisa ficou distanciada.

JASON Ficou a faltar apoio do Outros Bairros. Vocês disseram que o destino daquele depósito era um Centro Cultural mas houve uma recaída. Não houve dinheiro, vocês não nos deram o dinheiro que estava prometido. Agora temos outros parceiros, mas na

MIRIAM The idea for Alto de Bomba United came from the example of Outros Bairros. We said that one day Outros Bairros would end, so we came together to continue as a group similar to yours. But then everyone fell out, and I gave up.

NELIDA I think the relationship with Outros Bairros was not good; something wasn't right, and a barrier remained between the association and Outros Bairros. I think at some point, something became distant.

JASON There was a lack of support from Outros Bairros. You said that the purpose of that space was to be a Cultural Center, but there was a setback. There was no money; you didn't give us the promised funds. Now we have other partners, but at the City



no tem otes parceiros, mas na Câmara ninguém da cara pa no fka k kel sentina, moda Outros Bairros Ka faze nada po nós junt de Câmara.

NUNO Na nós opinião Alto de Bomba Unid ou grupo Amdjer na Obra era fundamental pela possibilidade de contece cosas independentemente obra k no propó, por isso, moda Centro Cultural da zona ka pude ser feit mod governo ka disponibilizá dinheir de ultima obra k era donde k tava orçamento de obra de centro cultural, pa nós, foi txeu importante tud bsot ação na espaço público moda kel manifestação pa reclama bsot direit na dia k ministros tive na zona.

Câmara ninguém dá a cara para a gente ficar com aquele depósito, como o Outros Bairros também não fez nada por nós junto da Câmara.

NUNO Em nossa opinião *Alto de Bomba Unid* ou grupo Amdjer na Obra era fundamental pela possibilidade de acontecerem coisas independentemente da obra que nós propusemos, por isso, como Centro Cultural da zona não pôde ser feito porque o governo não disponibilizou o dinheiro da última obra que era onde estava o orçamento de obra de Centro Cultural, para nós, foi muito importante toda a vossa ação no espaço público como aquela manifestação para reclamar os vossos direitos no dia que os ministros estiveram na zona.

Hall, no one is stepping up to help us secure that space. Outros Bairros also didn't do anything for us with the City Hall.

NUNO In our opinion, *Alto de Bomba United* or the Amdjer group in the project was crucial for the possibility of things happening, regardless of the project we proposed. Therefore, since the Cultural Center for the area couldn't be established because the government didn't provide the money for the last project, which included the budget for the Cultural Center, your public actions, like the demonstration to claim your rights on the day the ministers were in the area, were very important for us.

MANIFESTAÇÃO

JASON TCV é de Governo mas kel manifestaçõn ka pasa na televisão. Um toxa k governo ka gosta de se povo modk es bloquia tudo. Um fala k bo e bo dzem k brevemente tinha um visita de ministros. Um fala ma Gzoo e el apoiam txeu, por isso, é kum organiza ess manifestação.

NUNO Interessante bo pó ess responsabilidade na televisão, sobretudo, modk bsot tava ta trabia dentro de um estrutura pública k, moda televisão, também é parte de Governo e bsot admitti k tive um

MANIFESTAÇÃO

JASON A Televisão de Cabo Verde é do Governo vira aquela manifestação não passou na televisão. Penso que o Governo não gosta do povo porque bloqueia tudo. Falei contigo e tu disseste que ia haver brevemente uma visita dos ministros. Falei com o Gzoo e ele apoiou-me muito, por isso, é que organizei essa manifestação.

NUNO É interessante pores essa responsabilidade na televisão, sobretudo, porque vocês estavam a trabalhar dentro de uma estrutura pública que, como a televisão, também é parte do governo e vocês já admitiram que teve uma

MANIFESTATION

JASON The Caboerdean Television is government-run, but that demonstration didn't air on TV. I think the government doesn't like the people because it blocks everything. I talked to you, and you said there would be a visit from the ministers soon. I spoke with Gzoo, and he supported me a lot, which is why I organized that manifestation.

NUNO It's interesting that you place this responsibility on television, especially since you were working within a public structure that, like the television, is also part of the Government. You've already admitted that it

papel importante dentro de Olt de Bomba. Manera k foi trabaia dentro dess estrutura de Governo, ou seja, na nós escritório?

papel importante dentro do Alto de Bomba. Como foi trabalhar dentro dessa estrutura do Governo, ou seja, na nossa equipa?

played an important role within Alto de Bomba. What was it like working within this government structure, that is, within our team?

TRABALHAR NO ESCRITÓRIO

TRABALHAR NO ESCRITÓRIO

WORKING AT THE OFFICE



Projecto Somá na Ponta, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021 / Somá na Ponta project, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

MIRIAM Trabaia lá ca foi novidade, mod alguns cosa jam sabe. Am tinha trubaio d k computador, etc. Mas um ganha experiência k otes cosa moda kes palavra difícil k bsot tava ta fala e kum ca conxe ma um pude prende. Um senti chiqui. A sério. Um tava meio de bo (Nuno) k era coordenador

MIRIAM Trabalhar lá não foi novidade, porque algumas coisas já sabia. Já tinha trabalhado com computadores, etc. Mas ganhei experiência com outras coisas como aquelas palavras difíceis que vocês diziam que eu não conhecia mas pude aprender. Senti-me chique. A sério. Eu estava no meio de ti (Nuno) que coordenavas o Outros Bairros; da Rita

MIRIAM Working there wasn't new to me because I already knew some things. I had worked with computers and so on before. But I gained experience with other things, like those difficult words you used that I didn't know but was able to learn. I felt sophisticated. Seriously. I was in the middle of you (Nuno), who coordinated Outros Bairros, Rita,



de Outros Bairros, de Rita k era portuguesa; de Elaine, Erickson kes é cabo-verdiano e ja tava na arquitetura, e de Jakob e kes ote kes era arquiteto e txei de experiência; a bem dizer, um tava chiqui moda kum toxa kes era importante e kum tava na mei des.

JASON Um senti que Outros Bairros trazem um forma diferente de um expressa. El ka é um cosa só de maltas k tava na equipa de Outros Bairros, é um processo de tud gente.

que era portuguesa; da Elaine e do Erickson que eram cabo-verdianos e já estavam na arquitetura, e de Jakob e dos outros que eram arquitetos e cheios de experiência; a bem dizer, eu sentia-me chique porque achava que vocês eram importantes e eu estava lá no meio.

JASON Senti que Outros Bairros me trouxe uma forma diferente de me expressar. Não é uma coisa só das pessoas que estavam na equipa do Outros Bairros, é um processo de toda a gente.

who was Portuguese; Elaine and Erickson, who were Cabo Verdean and already in architecture; and Jakob and the others, who were architects with a lot of experience. To be honest, I felt sophisticated because I thought you were important and I was right there among you.

JASON I felt that Outros Bairros gave me a different way to express myself. It's not just something for the people who were on the Outros Bairros team; it's a process for everyone.

AMDJER NA OBRA

AMDJER NA OBRA

AMDJER NA OBRA¹

NUNO E ness processo de tud gente, manera k bsot oiá kes ote grupo moda Amdjer na Obra?

MIRIAM Moda um dzé um vez num entrevista ma Rita é ote cosa k também ca tem explicação. Am faze um data de formaçon mas kel foi especial. Um oia kes senhor ta tma formaçon e um pensa “kel traboi lá el é cansod, mas el é bnit...”

NELIDA Bsot dá formaçon só pa amdjer e bsot erra modk bsot larga home. Bsot dá um destaque brutal pa amdjer mas bsot eskce tud kes home de zona.

NUNO E nesse processo de toda a gente, como é que vocês olham outros grupos como o grupo Amdjer na Obra?

MIRIAM Como disse uma vez numa entrevista com a Rita é outra coisa que também não tem explicação. Já fiz muitas formações, mas aquela foi especial. Eu vi aquelas senhoras a ter uma formação e pensei “que trabalho cansativo, mas bonito...”

NELIDA Vocês deram formação só para mulheres e vocês erraram porque largaram os homens. Vocês deram um destaque brutal às mulheres, mas esqueceram todos os homens.

NUNO In this process involving everyone, how do you view other groups like the Amdjer group in the project?

MIRIAM As I once mentioned in an interview with Rita, it's another thing that can't be explained. I've done many training sessions, but that one was special. I saw those women undergoing training and thought, “What a tiring but beautiful job...”

NELIDA You only provided training for women, and you made a mistake by leaving out the men. You gave a tremendous focus to the women but forgot all the men.

MIRIAM Alto de Bomba tem tud kes grupo k bo ta conxe. Kel Associação e tud kes ote. Ma se bo kiser fazé realmente algum cosa ness lugar, bo ta consegui só k grupo Amdjer na Obra modkes é unid. Es ka ta dze k amdjer na volante é uma perigo? Ah pois, é prop kela. Kes amdjer djunt es ta faze tud, tud kes cre.

NUNO Um dia nós fala de kel formação de calceteiras e bo ba forma kel grupo de amdjeres laa de Olt de Bomba. Bo era unica amdjer de zona lá na nós equipa de escritório e, por iss, bo é k ba. Bo cre contam kela? Mané faze?

MIRIAM A partir de moment kum amdjer abri boca kel kre trabaia, uke k kre dze? Kre dze k cosa ka ta kul na kasa. E um amdjer k senti kel kre trabaia katem nada k torna pol na lugar. Por isso, um senti kes era um amdjer de pulso, modk ka é qualquer um k ta ba trabaia na calçada. Mas conde um fala ma es tud es ari, modk kes pensa kes nera capaz. Mas grinhassim tud gent dze kes po kel calçada mas bnit k kes home.

MIRIAM Durante a formação foi normal, ka senti preconceito. Mas conde es comexa trabaia tud gente dze kes nera capaz ta faze kel job. Tud es era home.

MIRIAM Alto de Bomba tem aqueles grupos todos que tu conheces. A Associação e os outros todos. Mas se quiseres fazer realmente alguma coisa neste lugar, só consegues com o grupo Amdjer na Obra porque elas são unidas. Não dizem que mulher ao volante é um perigo? Pois, mesmo isso. Aquelas mulheres juntas fazem tudo, tudo que elas querem.

NUNO Um dia falámos da formação de calceteiras e tu foste formar um grupo de mulheres lá do Alto de Bomba. Eras a única mulher da zona na nossa equipa e, por isso, tu é que foste. Queres contar-me? Como foi?

MIRIAM A partir do momento que uma mulher diz que quer ir trabalhar, o que é que quer dizer? Quer dizer que as coisas não estão bem em casa. E uma mulher que sente que quer trabalhar, ninguém a volta a pôr no lugar. Por isso, senti que elas eram mulheres de pulso porque não é qualquer um que trabalha com calçada. Mas quando eu falei com elas todas se riram porque pensaram que não eram capazes. Mas agora toda a gente diz que a calçada que elas fazem é mais bonita do que a que fazem os homens.

MIRIAM Durante a formação foi normal, não senti preconceito. Mas quando elas começaram toda a gente dizia que elas não seriam capazes de fazer aquele trabalho. Todos os homens.

MIRIAM Alto de Bomba has all those groups you know—the association and all the others. But if you really want to do something in this place, you can only succeed with the Amdjer group in the project because they are united. Don't they say that a woman driving is a danger? Well, it's the same with them. Those women together can do anything they want.

NUNO One day we talked about training for paving and you went to train a group of women from Alto de Bomba. You were the only woman from our team in the area, so you were the one who went. Do you want to tell me? How was it?

MIRIAM When a woman says she wants to go to work, what does that mean? It means that things are not going well at home. And a woman who feels she wants to work, no one will put her back in her place. So, I felt that they were strong women because not everyone works with paving stones. But when I spoke to them, they all laughed because they thought they weren't capable. But now everyone says that the paving they do is more beautiful than what the men do.

MIRIAM During the training, it was normal; I didn't feel any prejudice. But when they started working, everyone said they wouldn't be able to do the job. All the men.



SOMÁ NA PONTA

SEMINÁRIO NO
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

NUNO Por iss k bsot ba k tud pensod, até kel camisa k bsot fazé de propósito, pa kel evento la na Centro Cultural de Mindelo?

MIRIAM Moda k Maisa ta dze orgulho de nós traboi era faz kes camisa. Nera só dze k nós era calceteira, era comprova k nós era calceteira.

MIRIAM Um senti um emoção grande subi nakel palco. Senti k no pode fala de nós traboi e de uke k nós ta pode faze na futuro.

NUNO E agora? Uke k ta fka sabendo ka já katem um açon de Outros Bairros moda kel k nós vivé?

SOMÁ NA PONTA

SEMINÁRIO NO
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

NUNO Por isso que vocês foram com tudo pensado, até aquela camisa que fizeram de propósito, para aquele evento no Centro Cultural de Mindelo?

MIRIAM Como a Maísa diz o orgulho do nosso trabalho foi fazer aquelas camisas. Não era só dizer que éramos calceteiras, era comprovar que éramos calceteiras.

MIRIAM Senti uma emoção grande em subir naquele palco. Pudemos falar do nosso trabalho e do que é que podíamos fazer no futuro.

NUNO E agora? O que é que fica sabendo que já não tem uma ação do Outros Bairros como aquela que vivemos?

SOMÁ NA PONTA

SEMINAR AT THE
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

NUNO So, did you plan everything, even that shirt you made specifically for the event at the Centro Cultural do Mindelo?

MIRIAM As Maísa says, the pride of our work was visible by making those shirts. It wasn't just about saying we were pavers; it was about proving that we were pavers.

MIRIAM I felt a great emotion stepping onto that stage. We were able to talk about our work and what we could do in the future.

NUNO And now? What do you feel knowing that there will no longer be an initiative like Outros Bairros, like the one we experienced?

OUTROS BAIRROS

NELIDA Sem Outros Bairros tud fka estagnado, grinhassim tud fka sentod, tud fka parad.

JASON Outros Bairros muda tud, mesmo sem obra

OUTROS BAIRROS

NELIDA Sem o Outros Bairros tudo estagnou, agora toda a gente ficou sentada, parada.

JASON Outros Bairros mudou tudo, mesmo sem obra todas as outras

OUTROS BAIRROS

NELIDA Without Outros Bairros, everything stagnated; now everyone is just sitting around, stopped.

JASON Outros Bairros changed everything; even without the project, all

tud kes ote kosa fika na nós. Aoje dá nos esperança, vontod de lutá más.

JASON Pará kel ministra e mostral realidade, discuti problema de zona na se cara, foi o mais importante pa mi.

NELIDA Um conxe cosa de nha zona kum ka sabia.

JASON Na inicio um ka tinha entendid dret k objetif era nós comunidad

JASON Outros Bairros tinha k ser mas aberto. Conde kes corta bsot dinher bsot ftxa. No ka sabe até aoje modk dinher acaba.

MIRIAM Olt de Bomba nunca foi construid, um toxa k foi Outros Bairros que começa ta fazel. É moda uma dzeb sempre, pa alguem ta entende Outros Bairros, meste sentil... Ka tive Câmara, nem ninguem na Olt de Bomba antes de Outros Bairros. É k el é uma cosa prop difícil de explicar.

MIRIAM Na principio no ka senti txeu e é verdade k kosa k ta feit es ta lá. Mas agora, nós ta senti prop k Outros Bairros caba modk ninguem ka faze mas nada. É um tristeza nós pensa k Outros Bairros caba ma ka foi po bsot, foi modk governo ka cumpri. Kel dinheir kes dze kes tava ta da, es ka dá

MIRIAM Um toxa k nera prop Outros Bairros k na tinha que mudar, era Governo que nós tinha que mudar.

coisas ficaram. Hoje temos mais esperança, mais vontade de lutar.

JASON Parar a ministra e mostrar-lhe a realidade, discutir os problemas da zona cara a cara, foi o mais importante para mim.

NELIDA Entendi coisas que eu não sabia.

NELIDA No início nao tinha entendido que o objetivo era a nossa comunidade.

JASON Outros Bairros tinha que ser mais aberto. Quando cortaram o dinheiro vocês fecharam-se. Nós não sabemos até hoje porque é que o dinheiro acabou.

JASON Outros Bairros nunca foi construído, acho que foi Outros Bairros que começou a fazê-lo. É como eu sempre te disse, para alguém entender Outros Bairros é preciso sentir... Não houve Câmara, nem ninguém no Alto de Bomba antes do Outros Bairros. É uma coisa mesmo difícil de explicar.

MIRIAM No princípio não sentimos muito e é verdade que aquelas coisas que foram feitas estão lá. Mas agora, sentimos mesmo que o Outros Bairros acabou porque ninguém fez mais nada. É uma tristeza pensar que Outros Bairros acabou, mas não foi por vocês, foi porque o governo não cumpriu. O dinheiro que eles disseram que iam dar, não deram.

MIRIAM Eu acho mesmo que não era o Outros Bairros que tinha que mudar, era o Governo que tinha que mudar.

the other things remained. Today we have more hope, more will to fight.

JASON Stopping the minister and showing her the reality, discussing the problems of the area face-to-face, was the most important thing for me.

NELIDA I understood things that I didn't know before.

JASON At first, I didn't fully understand that the objective was our community.

JASON Outros Bairros needed to be more open. When they cut the funding, you closed off. We still don't know why the money ran out.

MIRIAM Outros Bairros was never built; I think Outros Bairros started to build it. As I always told you, to understand Outros Bairros, you need to feel it... There was no Town Hall or anything in Alto de Bomba before Outros Bairros. It's really hard to explain.

MIRIAM At first, we didn't feel much, and it's true that the things done are still there. But now, we really feel that Outros Bairros is over because no one has done anything more. It's sad to think that Outros Bairros ended, but it wasn't because of you; it was because the government didn't deliver. The money they said they would give, they didn't give.

MIRIAM I really think it wasn't Outros Bairros that needed to change; it was the Government that needed to change.



Sessão sobre Agroecologia, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021 / Session about agroecology, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

NUNO Nton é nós k tek ba prala?

MIRIAM Dentro de mi fka um kosa especial k tud ess história. Conde um tava na escritório um senti kum era arquiteta (ahahah). Mas conde um para pa pensá na tud k foi, nakel experiência kum tive e na kes kosas kum prende, um senti k grinhassim um sabe faze cosas k antes um ka sabia e k poc gente ta sabe faze. Code um bem trabaia pa *Hortifruti* um po na nha curriculum kum era calceteira e kel la foi importante pes contratam.

NUNO Exatamente, nós todos.

MIRIAM Dentro de mim ficou uma coisa especial com toda esta história. Quando estava no escritório senti que era arquiteta (ahahah). Mas quando parei para pensar em tudo, na experiência que tive e no que aprendi, senti que agora eu sei fazer coisas que antes não sabia e que pouca gente sabe fazer. Quando vim trabalhar para o *Hortifruti* pus no meu curriculum que eu era calceteira e isso foi importante para eles me contratarem.

NUNO Exactly, we all agree.

MIRIAM Inside me, there's something special with this whole story. When I was at the office, I felt like an architect (hahaha). But when I stopped to think about everything, the experience I had, and what I learned, I felt that now I know how to do things that I didn't know before and that few people know how to do. When I came to work at the fruit and vegetable shop, I put on my resume that I was a paver, and that was important for them to hire me.

**AMILCAR GOMES (XANDEI),
DAVI (BOCA), ELIZIO NEVES,**

Um ano de trabalho seguido¹

ONE YEAR OF CONTINUOUS WORK

T.N: Um ano de trabalho seguido.



**EROS (GUNSTER), WILLY (KROF),
JOÃO CARDOSO (KNISS)**

Não podendo, nem nós, nem a pessoa que lê este livro, saber como foi rigorosamente o processo de ocupação e construção que existia no Alto de Bomba em 2019 quando a Iniciativa Outros Bairros começou, conhecer a forma como um grupo de trabalhadores e trabalhadoras sentiram o processo de construção do espaço público do seu próprio bairro constitui uma possibilidade de entrar na compreensão individual de um sonho que há décadas se esperava realizar.

Foram conversas organizadas em grupos pequenos em abril de 2022 pelo editor deste livro, gravadas e editadas seguindo os assuntos identificados e cujas ramificações são possíveis de ler a partir da cronologia que se segue. *Amilcar Gomes, João Cardoso, Elizio Neves, Eros, Davi e Willy* são vozes desta conversa.

[CRONOLOGIA]

MAIO 2019

Início do IOB

NOVEMBRO 2019

Início da primeira Obra
(Pontual 01)

JULHO 2020

Início da primeira Obra
(Pontual 02)

NOVEMBRO 2020

Início da primeira Obra
(Pontual 02)

JULHO 2021

Somá na Ponta [Construção dos princípios orientadores do IOB: Seminário no Centro Cultural do Mindelo com investigadores/as, especialistas, responsáveis dos Municípios, membros do Governo e grupos organizados moradores/as do Alto de Bomba, visitas e oficinas no Alto de Bomba]

DEZEMBRO 2021

Encerramento do escritório IOB em Alto de Bomba e suspensão da iniciativa

Neither we nor the reader of this book can know exactly how the occupation and construction process in Alto de Bomba was in 2019 when the Outros Bairros Initiative - IOB began. However, understanding how a group of workers felt about the process of building public space in their own neighborhood offers a chance to grasp the individual comprehension of a dream that had been long awaited for decades.

These conversations were organized in small groups in April 2022 by the editor of this book, recorded, and edited according to identified topics, whose ramifications can be read from the following chronology. *Amilcar Gomes, João Cardoso, Elizio Neves, Eros, Davi, and Willy* are voices in this conversation.

[CHRONOLOGY]

MAY 2019

Start of the Outros Bairros Initiative (IOB)

NOVEMBER 2019

Start of the first Project
(Pontual 01)

JULY 2020

Start of work at the Outros Bairros Initiative office

NOVEMBER 2020

Start of the first Work
(Pontual 02)

JULY 2021

Somá na Ponta [Construction of the guiding principles of the IOB: Seminar at the Mindelo Cultural Center with researchers, specialists, municipal officials, members of the Government, and organized groups of residents of Alto de Bomba, visits, and workshops in Alto de Bomba]

DECEMBER 2021

Closure of the Outros Bairros office in Alto de Bomba and suspension of the initiative



Detalhe do Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019 / Detail of Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019.

MANERA Q COMEÇA

JOÃO Mi um ka faze inscrição na bsot. Um ba lá log na obra, mas es dze jam ka tava ta pode trabaia. Mas um fka contente modk otes pesssoa pode tra ses dias.

AMILCAR No ba na scritor pa es ranja gent traboi de servente.

EROS Mi conde um oia kes estudantes na zona um senti vontod de corre tras des pam espia uke kes tava ta faze.

DAVI Um senti k era um possibilidat de parce traboi pa um bocado de jovem k tava preí.

WILLY Um grande emoçon modk desde nós era menin no ouvi dizer sempre k Olt de Bomb tava pa se calcetod e só conde um tinha 18 anos é k tive um iniciativa de calcetar um bocod.

ELIZIO Mi foi primer pessoa kum começa trabaia na obra, e um sabe modk um oia bsot preí.

COMO É QUE COMEÇOU?

JOÃO Eu não fiz a inscrição convosco. Eu fui logo à obra, mas eles disseram que eu já não podia trabalhar. Mas fiquei contente porque outras pessoas puderam tirar dias de trabalho.

AMILCAR Fomos ao escritório para eles arranjam trabalho de servente.

EROS Quando eu vi aqueles estudantes por aqui, senti vontade de correr atrás deles para ver o que é que eles estavam a fazer.

DAVI Senti que era uma possibilidade de trabalho para muitos jovens daqui.

WILLY Uma grande emoção porque desde que éramos meninos ouviamos dizer que Alto de Bomba ia ser calcetado e só quando eu tinha 18 anos é que houve uma iniciativa para calcetar um bocado.

ELIZIO Eu fui a primeira pessoa a começar a trabalhar na obra e soube da obra porque vos vi por aí.

HOW DID IT START?

JOÃO I didn't sign up with you all. I went straight to the worksite, but they said I couldn't work anymore. But I was happy because other people were able to get workdays.

AMILCAR We went to the office so they could arrange laborer jobs for us.

EROS When I saw those students around here, I felt like running after them to see what they were doing.

DAVI I felt that it was an opportunity for many young people here to get work.

WILLY It was a big emotion because ever since we were kids, we used to hear that Alto de Bomba would be paved, and only when I was 18 years old did an initiative come to pave a bit of it.

ELIZIO I was the first person to start working on the project, and I found out about it because I saw you all around.

OBRA

NUNO E de repente começa um obra. Um obra k diazá txeu gente tava ta fala na el? Mané k foi um participa ness obra?

OBRA

NUNO E de repente começou uma obra. Uma obra que há muito tempo muita gente falava dela? Como foi participar nessa obra?

CONSTRUCTION SITE

NUNO And suddenly a project started. A project that many people had been talking about for a long time? How was it to participate in this project?



Trabalhador da obra, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Worker of the work construction, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

JOÃO Um senti alegria ness traboi. Um ka tem grande formação ma um ta trabaia diaza, só k ness obra é diferente moda k um prende. Ka sabe explicob. Tava fka dret um pessoa ta organiza, pa no ta pode faze nós mesm [sem empreiteiro].

AMILCAR Nós, no cre trabaia porque nós é um grupo sério.

WILLY No fka surpreendid k dimensão dess obra porque um vez li era um ladeira e agora até um pessoa k dificuldade jal ta pode anda.

WILLY Es obra muda nós. Agora já no tem nós casinha na txon k no tinha marcob. Antes no ka

JOÃO Eu senti alegria neste trabalho. Eu não tenho muita formação, mas eu trabalho há muito tempo, só que nesta obra aprendi. Não te sei explicar. Seria bom nos organizarmos para nós fazermos nós mesmo [sem empreiteiros].

AMILCAR Nós cremos trabalhar porque somos um grupo sério.

WILLY Nós ficamos surpreendidos com a dimensão desta obra porque dantes isto era uma ladeira e agora até uma pessoa com dificuldade já pode andar.

WILLY Esta obra mudou-nos. Agora já temos a nossa casinha em terrenos que já tínhamos marcado. Dantes não tínhamos

JOÃO I felt joy in this work. I don't have much formal training, but I've been working for a long time, and in this project, I learned. I can't really explain it. It would be good for us to organize ourselves so we could do it ourselves [without contractors].

AMILCAR We want to work because we're a serious group.

WILLY We were surprised by the scale of this project because before it was just a slope, and now even someone with difficulty can walk on it.

WILLY This project changed us. Now we have our little houses on the plots we had already marked. Before, we had

tinha nada, agora já no da um passo em frente.

EROS Um ka espera contece uke k contece li até agora. Modk normalmente é moda Câmara kes ka ta faz nada.

JOÃO Um toxa k se ess traboi tinha continuod, um toxa maioria de pessoal tava tud na traboi. Além diss um toxa k tem k ter um equipa moda bsot, mod ja bsot conxe quase tud Olt de Bomba, mod bsot tive tud dia li, bsot tava sempre li.

EROS Outros Bairros també devia ser empreiteiro. Bsot ba ranja kel dinheiro k nós ta recomeça obra sem Governo e sem Câmara Municipal.

JOÃO Empreiteiro ca pode ser so pa ganha dinheiro e escraviza pessoal modk essim é medjor trabaia direto ma bsot. [Outros Bairros]

nada, agora já demos um passo em frente.

EROS Não esperava acontecer o que aconteceu aqui até agora. Porque normalmente é como a Câmara que nunca faz nada.

JOÃO Eu acho que se este trabalho tivesse continuado, a maioria do pessoal estava todo a trabalhar. Além disso, eu acho que tem que haver uma equipa como vocês, porque vocês já conhecem quase tudo o Alto de Bomba, porque vocês estavam todos os dias aqui, vocês estavam sempre aqui.

EROS Outros Bairros também devia ser o empreiteiro. Vocês arranjem o dinheiro que recomeçamos a obra sem o Governo e sem a Câmara Municipal.

JOÃO O empreiteiro não pode ser só para ganhar dinheiro e para escravizar o pessoal, porque sendo assim é melhor trabalhar direto com vocês. [Outros Bairros]

nothing, but now we've taken a step forward.

EROS I didn't expect what has happened here so far because usually, it's like the City Hall that never does anything.

JOÃO I think if this work had continued, most of the people would have been employed. Besides, I think there needs to be a team like yours because you know almost everything about Alto de Bomba; you were here every day, always here.

EROS Outros Bairros should also be the contractor. You find the money, and we'll restart the project without the Government and without the City Hall.

JOÃO The contractor can't just be there to make money and exploit people; if that's the case, it's better to work directly with you. [Outros Bairros]

Trabalhadores da obra, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019 / Workers of the work construction, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2019.





ELIZIO Maioria de pessoas es ka tava ta acredita, depois agora quando no pega txeu gente dá valor. Mas k ess obra um senti k ja era possivel um fka kum traboi

ELIZIO Maioria das pessoas não acreditava, mas depois da gente começar passaram a dar-nos valor. Mas depois que começou, senti que já era possível ter um trabalho.

ELIZIO Most people didn't believe in it, but after we started, they began to value us. But once it started, I felt that it was finally possible to have a job.

LI NA ZONA BO TA FKA PERT DE CASA

AQUI NO BAIRRO FICAS PERTO DE CASA

HERE IN THE NEIGHBORHOOD, YOU STAY CLOSE TO HOME

NUNO Nton ess proximidade de casa, ess possibilidade de bsot participa de um traboi pa medjora bsot própria zona el tive um significado pa bsot?

NUNO Então essa proximidade de casa, essa possibilidade de vocês trabalharem, de um trabalho para melhorar a vossa própria zona teve um significado para vocês?

NUNO So, this proximity to home, this opportunity for you to work on a project to improve your own neighborhood, did it have a special meaning for you?

JOÃO Li na zona bo ta fka pert de casa, kel lá é o mais importante. Bo ka ta ba pa longe, bo ka ta faze horas prala e preli.

JOÃO Aqui na zona ficas perto de casa, isso é o mais importante. Não vais para longe, não ficas horas para cá e para lá.

JOÃO Here in the area, you're close to home, and that's the most important thing. You don't have to go far, you don't spend hours going back and forth.

EROS Mi foi o primer a inscrever na lista modk um ka tinha traboi.

EROS Eu fui o primeiro a inscrever-me na lista porque eu não tinha trabalho.

Trabalhadores da obra, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Workers of the work construction, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.





Trabalhadores da obra, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Workers of the work construction, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

DAVI Um senti k era um possibilidade de parce traboi pa um bocado de jovem k tava praí.

WILLY Bo conde bo é de zona ja bo sabe k bo ta faze um cosa não só po kel dinher. Bo cre ajudá zona, participa de vida de zona, de decisões de li.

EROS Às ves um ta imagina k nhas fidje ka ta ba crescer, moda mi, num lugar kel é só terra. Um toxa kum ta ba senti sab pam dzes k nós é k ta esforça ness obra.

ELIZIO Tinha txeu momentos k maltas tava mal. Tud gente tava ta bibê txeu moda kel dia de demoliçon de casa de Albertina, tud gent era confusent, mas k tempo foi tud resolvid e tud medjorá.

ELIZIO Por exemple, mi ca tem agua, mi ca tem luz, mi ca tem um estrada pa porta de nha casa, ma mesm essim um fka sab k ess traboi até donde kel ta ba. Mas Nuno

DAVI Senti que era uma possibilidade de trabalho para muitos jovens daqui.

WILLY Quando tu és da zona já sabes que não fazes as coisas só pelo dinheiro. Queres ajudar a zona, queres participar da vida da zona, das decisões daqui.

EROS Às vezes imagino que os meu filhos não vão crescer, como eu, num lugar que só tem terra. Eu acho que me vou sentir bem em dizer-lhe que a gente é que se esforçou nesta obra.

ELIZIO Tinha muitos momentos que as pessoas estavam mal. Toda a gente bebia muito como no dia da demolição da casa da Albertina, toda a gente provocava confusão, mas com o tempo tudo se resolveu e tudo melhorou.

ELIZIO Por exemplo, eu não tenho água, não tenho luz, não tenho uma estrada para a porta da minha casa, mas mesmo assim fico contente

EROS I was the first to sign up on the list because I didn't have a job.

DAVI I felt that it was an opportunity for many young people here to get work.

WILLY When you're from the neighborhood, you know you're not just doing things for the money. You want to help the neighborhood, you want to be involved in the life of the community, in the decisions made here.

EROS Sometimes I imagine that my children won't grow up, like I did, in a place that's just dirt. I think I'll feel good telling them that we were the ones who put in the effort on this project.

ELIZIO There were many moments when people were struggling. Everyone drank a lot, like on the day Albertina's house was demolished, everyone caused trouble, but over time everything got resolved and things improved.



Moradores de Alto de Bomba,
Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.
Inhabitants of Alto de Bomba,
Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

é um revolta, el tek continuar
modk es tra nós esperança
conde es paral.

NUNO Na bsot palavras parce
k bsot construí ot manera
de oia Olt de Bomba e mané
k Olt de Bomba oiá bsot?

MALTAS DZE K
NO TAVA TUD
TEMPO SENTOD
NA PONTA

AMILCAR Moda es tinha
ess traboi jas ka tinha temp
de ba pa ponta modkes
tinha um alternativa.

JOÃO Mi um toxa k conde
es levanta pa tra ses dia
de traboi jas ka ta fka
sentod na ponta.

P/97

Oficina local, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.
Atelier, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.



por este trabalho ter ido até
onde ele foi, mas ele tem que
continuar. Mas Nuno é uma
revolta, ele tem que continuar
porque eles tiraram-nos a
esperança quando o pararam.

NUNO Nas vossas
palavras parece que vocês
construíram outra maneira
de olhar para o Alto de
Bomba e como é que o
Alto de Bomba vos via?

AS PESSOAS
DIZIAM
QUE NÓS
PASSÁVAMOS
O TEMPO
TODO SEM
FAZER NADA

ELIZIO For example,
I don't have water, I don't
have electricity, I don't
have a road to the door of
my house, but even so, I'm
happy that this work went
as far as it did, but it has to
continue. But Nuno, it's a
frustration, it has to continue
because they took away our
hope when they stopped it.

NUNO From your words,
it seems like you've built
a new way of looking at
Alto de Bomba. How did
Alto de Bomba see you?

PEOPLE SAID
THAT WE
SPENT ALL
OUR TIME
DOING NOTHING



Detalhe de trabalho de construção,
Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019.

Detail of a work construction, Alto de Bomba,
Diogo Bento, 2019.

EROS Tud gent apontánós
dedo, es dze k nós era
bandido e k no ka faze nada.

WILLY Só depois k Outros
Bairros bem e k tinha kel kosa
de 50% de moradores de zona
é k kosa muda. Antes, prop
kes empreiteiro de Alto de
Bomba es ka tava emprega nós
modk es dze k no tava sempre
na kel ponta la pert de Piduka.

ELIZIO Se bo ka tem
emprego bo ta fka é sentod.
Se bo tem emprego abo tem
um foco. Tud gente critica
nós, modk maltas pensa k
se bo ta na ponta é moda
parce k bo ka tem falta.

GRUPO

NUNO Ou seja, bsot ganhá
um história djunt?

JOÃO Na traboi é essim:
k maltas de zona
ou não bo ta cria
relaçã.

AMILCAR Como eles
tinham este trabalho, já
não tinha tempo de ficar
sem fazer nada porque
tinham uma alternativa.

JOÃO Eu acho que quando
eles (colegas de trabalho
mais jovens) acordam para
tirar um dia de trabalho eles
já não ficam sem fazer nada.

EROS Toda a gente
nos apontou o dedo, diziam
que nós éramos bandidos
e que não fazíamos nada.

WILLY Só depois
do Outros Bairros exigir
empregar 50% de moradores
de zona é que as coisas
mudaram. Antes, mesmo
os empreiteiros de Alto
de Bomba não nos davam
emprego porque diziam
que nós estávamos sempre
sentados naquele lugar perto
da mercearia do Piduka.

ELIZIO Se tu não tens
emprego ficas parado.
Se tens emprego tens foco.
Toda a gente nos critica,
porque pensam que se
está parado parece que
não tens falta de nada.

GRUPO

NUNO Ou seja, vocês
ganharam uma história juntos?

JOÃO No trabalho é assim:
com as pessoas do bairros,
ou não, tu constróis relações.

AMILCAR Estive quase
dois anos aqui, já me sinto
parte, é como se fosse
uma pessoa daqui.

AMILCAR Since they had
this job, they didn't have time
to be idle anymore because
they had an alternative.

JASON Outros Bairros changed
everything; even without the
project, all the other things
remained. Today we have more
hope, more will to fight.

JOÃO I think that when they
(the younger coworkers)
wake up to work a day, they
don't stay idle anymore.

EROS Everyone pointed
fingers at us, saying we were
troublemakers and did nothing.

WILLY Only after Outros
Bairros required employing 50%
local residents did things change.
Before, even the contractors
from Alto de Bomba didn't
give us jobs because they said
we were always sitting around
near Piduka's grocery store.

ELIZIO If you don't have
a job, you stay idle. If you
have a job, you have focus.
Everyone criticizes us because
they think that if you're idle,
you must be lacking nothing.

GROUP

NUNO So, you created
a story together?

JOÃO Since they had this
job, they didn't have time
to be idle anymore because
they had an alternative.

AMILCAR I've been here for
almost two years; I already
feel like part of it, as if I
were one of the locals.



AMILCAR Um tive cuase dos ano li, por isso, jam senti parte, é moda se um foss um pessoa de li.

EROS Li foi diferente de kes ot lugar, no txega até brica na obra... No senti k nós era txeu unido, mas tive conflito. Tive gente na meio de nós kes tava sempre tenta estraga nós vida modk nós tem ess fama de fka só na ponta.

WILLY Nós era separod, agora nós é txeu unido.

ELIZIO Txeu maltas ka tem um dia de traboi. Obra pará e 100% de pessoas fika desempregado. Ness obra nós senti k nós tava djut, k nós era um familia e k no ta ajuda cumpanher. Se alguem tem um dificuldade bo ta isdá kel ote. Mas ess traboi pará e kel lá foi um facada na nós.

EROS Aqui foi diferente dos outros lugares, até chegamos a brincar na obra... Sentimos que éramos muito unidos, mas houve conflito. Houve gente no meio do grupo que estava sempre a complicar a nossa vida porque nós temos essa fama de ficar só sentado por aí.

WILLY Dantes éramos separados, agora nós somos unidos.

ELIZIO Muitas pessoas não têm um dia de trabalho. A Obra parou e 100% das pessoas ficaram desempregadas. Nesta obra sentimos que estávamos juntos, que éramos uma família e que nos ajudamos uns aos outros. Se alguém tem uma dificuldade, tu ajudas o outro. Mas este trabalho parou e isso foi uma facada para nós.

EROS Here it was different from other places; we even ended up playing around on the construction site... We felt very united, but there were conflicts. There were people in the group who were always complicating our lives because we have a reputation for just sitting around.

WILLY Before, we were separated; now we are united.

ELIZIO Many people don't have a job. When the construction project stopped, 100% of the people were unemployed. In this project, we felt like we were together, like we were a family, and we helped each other. If someone had a difficulty, you would help the other. But this work stopped, and that was a blow to us.

SOCIEDADE

NUNO E mané k bsot senti k sociedade oiá bsot grinhassim?

JOÃO Mi um toxa kes ja toial k ot cara. Olt de Bomba de 2022 ka é moda 2018. Grinhassim basta bo oiá Olt de Bomba de longe e já el é diferente.

AMILCAR Problema é kes (governo) ka tinha ideia moda kel era, grinhassim jes sabe moda kes pode desenvolver um lugar moda ess exemplo k tive li.

SOCIEDADE

NUNO E como é que sentiram que a sociedade olha para vocês agora?

JOÃO Eu acho que as pessoas já o olham de outra maneira. Alto de Bomba de 2022 já não é igual ao de 2018. Agora basta vê-lo de longe que é diferente.

AMILCAR O problema é que eles não tinham ideia como Alto de Bomba era, agora já sabem como podem desenvolver um lugar como o exemplo que houve aqui.

SOCIETY

NUNO And how do you feel society views you now?

JOÃO I think people now view it differently. Alto de Bomba in 2022 is not the same as in 2018. Now, just looking from afar, it's different.

AMILCAR The problem is that they didn't have an idea of what Alto de Bomba was like. Now they know how to develop a place like the example set here.



Dia de trabalho na horta comunitária, Alto de Bomba Grace Ribeiro, 2021.



Day work in the community farm, Alto de Bomba Grace Ribeiro, 2021.

EROS Muda tud, agora até tem uns kuzinha diferente, kes ta bem li pta um play lá nakel comp de basket.

DAVI Agora conde bo ta note zona bo uvi malta dze “porra, li es dvia fazé moda es faze la na Olt de Bomba”

WILLY Um vez es tava dze k no tava mora na rotxa. Ninguem tava dá nós fala pa dá um dia de traboi, grinhasim tud gente ta pedi nós pa faze qualquer cosa.

EROS Mudou tudo, agora até tem umas pessoas diferentes que vêm cá jogar no campo de Basket.

DAVI Agora, quando estás noutra zona ouves pessoas dizer “porra, aqui deviam fazer o que fizeram no Alto de Bomba.”

WILLY Antes diziam que nós morávamos na rocha. Ninguém falava connosco para trabalhar. Agora toda a gente pede para fazermos qualquer coisa.

EROS Everything changed; now there are even different people coming here to play basketball.

DAVI Now, when you’re in another area, you hear people say, “Damn, they should do what they did in Alto de Bomba here.”

WILLY Before, they said we lived on a rock. No one would talk to us about work. Now everyone asks us to do something.

SOMÁ NA PONTA

SEMINÁRIO NO
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

SOMÁ NA PONTA

SEMINÁRIO NO
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

SOMÁ NA PONTA

SEMINAR AT THE
CENTRO CULTURAL
DO MINDELO

NUNO Ainda ti ta pega nesse ideia moda sociedade oiá bsot, tive um dia k maltas de zona ba presenta traboi de zona na Centro Cultural de Mindelo (CCM), uke k kel lá representa pa bsot?

JOÃO No ka fka tud tempo modk bsot ka convida nenhum de nós, mas um toxa k tive um mal entendido.

AMILCAR Alguns senti k kela era só pa kes amdjer.

AMILCAR Lembra k nós traboi ja tava mostrod, ja tava até lá na ecrá, uké k falta foi nós fala lá. Um data de nós ka fka contente

NUNO Ainda pegando na ideia de como é que a sociedade olha para vocês, houve um dia que as pessoas foram apresentar o trabalho da zona no Centro Cultural do Mindelo (CCM), o que é que isso representou para vocês?

JOÃO Nós não ficamos lá os dias todos porque vocês não nos convidaram, mas eu acho que houve um mal entendido.

AMILCAR Alguns sentiram que aquilo era só para aquelas mulheres.

AMILCAR Lembra-te que o nosso trabalho já estava mostrado, já estava até lá no ecrã. O que faltou foi não

NUNO Still on the topic of how society views you, there was a day when people presented the neighborhood’s work at the Mindelo Cultural Center (CCM). What did that represent for you?

JOÃO We didn’t stay there the whole time because you didn’t invite us, but I think there was a misunderstanding.

AMILCAR Some felt that it was only for those women.

AMILCAR Remember that our work was already shown, it was even on the screen there. What was missing was that we didn’t speak. Many of us were not pleased



modk parce k no tava
la só pa estod.

EROS Kel lá foi um
orgulho modk no ba
mostra nós traboi na
mei de gente k estudá,
de gente de ote level.
“Ote level” entre áspas k
kel gente es ca é mas k mi.

termos falado. Muitos de nós
não ficaram contentes porque
nós só estávamos lá por estar.

EROS Foi um orgulho porque
nós fomos mostrar o nosso
trabalho às pessoas que
estudam, gente de outro nível.
“Outro nível” entre aspás, que
eles não são mais do que eu.

because we were just there
without a clear purpose.

EROS It was a point of
pride because we went to
showcase our work in front
of educated people, people
of another level. Another
level, in quotes, because they
are no better than I am.

AMDJER NA OBRA

NUNO Um toxa k tive prop
um mal entendid. Depois
de um dia k nós tive lá na
obra reunido má tud gente,
nunca nós recebe bsot
informaçõn pa presenta bsot
traboi la na CCM, por isso,
nós toxa k era um intençõn
de bsot ka presenta nada.
Próxima vez um ta ba cuidá
medjor ess comunicaçõn.
Mas um toxa interessante
bsot toxa k kel lá era um
evento pa grupo de amdjer
calceteira (Amdjer na Obra).
Manera k foi esse relacion
de tud bsot mas Amdjer na
Obra durante kel obra?

JOÃO Mi sempre um da dret
k tud es.

AMILCAR É importante
modk grinhasim es ti
ta pode ganha dinher pa
compra ses pão e pas cuida
de ses fidje.

JOÃO No fka contente
k ses formaçõn modk
es tava ta prende
um cosa nova e
grinhasim

MULHERES NA OBRA

NUNO Eu acho que houve
mesmo um mal entendido.
Depois de um dia que nós
estivemos reunidos lá na obra
com toda a gente, nunca
recebemos a vossa informação
para apresentar o vosso
trabalho lá no CCM, por isso,
achamos que era uma intenção
vossa não apresentar nada. Da
próxima vez vou cuidar melhor
da comunicação. Mas acho
interessante vocês acharem
que era um evento para o
grupo de mulheres calceteiras
(Amdjer na Obra). Como foi a
vossa relação com as Amdjer
na Obra durante a obra?

JOÃO Eu sempre me dei
bem com elas todas.

AMILCAR É importante
porque agora elas podem
ganhar dinheiro para
comprar comida para
cuidar dos seus filhos.

JOÃO Nós ficamos contentes
com a formação delas porque
elas estavam a aprender
umas coisas e agora elas até
estão a trabalhar na Câmara.

AMDJER NA OBRA¹

NUNO I think there was
really a misunderstanding.
After a day when we were all
gathered at the construction
site, we never received your
information to present your
work at the CCM. So, we
thought it was your intention
not to present anything.
Next time, I will take better
care of the communication.
But I find it interesting that
you thought it was an event
for the group of women
pavers (Amdjer na Obra).
How was your relationship
with the Amdjer na Obra
during the project?

JOÃO I always got along
well with all of them.

AMILCAR It's important
because now they can earn
money to buy food to take
care of their children.

JOÃO We're happy with
their training because they
were learning new skills, and
now they're even working at

es até ta k tabaia la na Câmara. Antes era difícil bo oia um amdjer na obra, por isso, um ta admira moda es encara kela.

WILLY Um ka gosta de kel critica kes fazé nós. Porque nós, nós tava ta ajudas txeu k ses traboi. Um ka gosta, por iss. Porque nós era obrigado ajudas, ma nera pa nós faze tud kes kiser e es cris k nós nós fazes tud.

EROS Es é guerrera. Kela só uns amdjer especial é k tem força pa faze kel traboi modk ha txeu preconceito de um amdjer faze kel traboi la.

ELIZIO Um fka mute contente modk agora es tem ses dias de traboi la na Câmara mas, por ote lod, um fka kum gzinha de ciume moda kum ka pude ter kel formaçon também. Às vezes um pensa k se um tava ta pode faze kel formaçon, aoje um tava ta pode trabaia na Câmara Municipal também.

OUTROS BAIRROS

NUNO Nós tentativa também foi um forma de encontra um oportunidade de traboi pa tud gente. Moda bsot tava diazá na obra, ess formaçon de calceteira foi manera k nós encontra pa kes amdjer entra na obra também. Um ka sabe uke k Outros Bairros representa pa tud gente k trabaia na el, mas pa nós de

Antes era difícil vermos uma mulher na obra, por isso, eu admiro a forma como elas o encararam.

WILLY Eu não gostei da crítica que nos fizeram. Porque a gente ajudou-as muito. Não gostei por isso. Porque nós éramos obrigados a ajudá-las, mas não era para fazer tudo que elas quisessem e elas criam que fizéssemos tudo.

EROS São guerreiras. Só mulheres especiais é que têm força para fazer aquele trabalho porque há muito preconceito para uma mulher fazer aquele trabalho.

ELIZIO Eu fiquei muito contente porque agora elas trabalham na Câmara mas, por outro lado, fiquei com um pouco de ciúmes porque eu não tive essa formação. Às vezes penso que se tivesse feito aquela formação hoje podia estar a trabalhar na Câmara Municipal também.

OUTROS BAIRROS

NUNO A nossa tentativa também foi uma forma de encontrar uma oportunidade de trabalho para toda a gente. Como vocês estavam na obra há muito tempo, essa formação de calceteiras foi a maneira que encontramos para aquelas mulheres também entrarem na obra. Eu não sei o que é que Outros Bairros representou para toda a gente que trabalhou

the City Hall. It used to be hard to see a woman on the construction site, so I admire the way they approached it.

WILLY I didn't like the criticism we received. Because we helped them a lot. I didn't like it for that reason. We were expected to help them, but it wasn't to do everything they wanted, and they thought we should do everything.

EROS They are warriors. Only special women have the strength to do that work because there is a lot of prejudice against women doing that kind of work.

ELIZIO I was very happy because now they work at the City Hall, but on the other hand, I felt a bit of jealousy because I didn't have that training. Sometimes I think that if I had done that training, I could be working at the City Hall too.

OUTROS BAIRROS

NUNO Our attempt was also a way to create a job opportunity for everyone. Since you had been working on the project for a long time, that training for the women pavers was the way we found for those women to also become part of the project. I don't know what Outros Bairros represented for everyone who worked on it, but for us on the



equipa, tud ess traboi tinha k encontra oportunidades de maltas participá diretamente na obra ou de ote forma qualquer.

EROS Outros Bairros foi nós primer traboi, primer vez k alguém confiá na nós e dá nós um oportunidade.

JOÃO É um obra k ka foi dret pará.

AMILCAR El muda nós.

DAVI El é de kes outros. El é um cosa k ta acontece pa fka lado de kes ote.

WILLY Outros Bairros trazem conhecimento, nós ka sabia uke era um taboi de grande escala. Tud dia nós tinha um espécie de um aula ness relação ma equipa de Outros Bairros.

WILLY Grinhassim se nós ta ba pa um obra já nós sabe fazé.

WILLY Outros Bairros el é um mei de transformaçõ de lugares kes ka é visível. El é um instrumento pa txma atenção pa governos pes ta oia nós.

EROS Se fosse pal começa, grinhassim el tinha k ba pa kes lugar donde k tem menos, donde k tem mais falta.

ELIZIO Um ta adorá ser pedreiro. E ma bsot um tive ess oportunidade. Um foi prop pedreiro, um ka fka moda servente moda es tava ta pom antes.

nele, mas para nós da equipa todo este trabalho tinha que encontrar oportunidades para as pessoas participarem diretamente na obra ou de outra forma qualquer.

EROS Outros Bairros foi o nosso primeiro trabalho, primeira vez que alguém confiou em nós e nos deu uma oportunidade.

JOÃO É um obra que não devia parar.

AMILCAR Mudou-nos.

DAVI É dos outros. Ele acontece para estar ao lado dos outros.

WILLY Outros Bairros trouxe-me conhecimento, nós não sabíamos o que era um trabalho de grande escala. Todos os dias tínhamos uma espécie de aula nessa relação com a equipa do Outros Bairros.

WILLY Agora se vamos para uma obra já sabemos como se faz.

WILLY Outros Bairros é um meio de transformação de lugares que não são visíveis. É um instrumento para chamar atenção dos governos para olharem para nós.

EROS Se recomeçasse, agora tinha que ir para os lugares onde tem menos, onde há mais falta.

ELIZIO Eu adoro ser pedreiro. Convosco eu tive essa oportunidade. Fui pedreiro, mesmo pedreiro, não fiquei como um servente como eles me punham sempre antes dessa obra.

team, all this work had to lead to opportunities for people to take part directly in the project, or in some other way.

EROS Outros Bairros was our first job, the first time someone trusted us and gave us an opportunity.

JOÃO It's a project that shouldn't stop.

AMILCAR It changed us.

DAVI It's for others. It happens to be alongside others.

WILLY Outros Bairros gave me knowledge; we didn't know what a large-scale job was. Every day, we had a kind of lesson in relation to the Outros Bairros team.

WILLY Now, if we go to a construction site, we already know how it's done.

WILLY Outros Bairros is a means of transforming places that aren't visible. It's a tool to draw the attention of governments to look at us.

EROS If it restarted, it would need to go to places where there's less, where there's more need.

ELIZIO I love being a mason. With you, I had that opportunity. I was a real mason, not just a mason as they always made me before this project.

ELIZIO Outro Bairros teve um grande falha, foi el pará. Kel la trá nós emprego, nós ka ta conseguí nada agora e tá tud gente k falta de tud. Ta um pobreza ainda maior.

JOÃO Mi am tem 56 anos e foi primer vez na nha vida kum tive um one de traboi seguido, agora k Outros Bairros pará a nós ta ote vez moda antes. Nós trá um semana de traboi, às ves dos, mas depois no pará um mês, dois mes, ou mais. É um obra q ca divia pára.

ELIZIO Outros Bairros teve uma grande falha que foi ter parado. Isso tirou-nos o emprego, agora não conseguimos nada e toda a gente tem falta de tudo. A pobreza está ainda maior.

JOÃO Eu tenho 56 anos e foi a primeira vez na minha vida que tive um ano de trabalho seguido. Agora como Outros Bairros parou ficamos outra vez como antes. Tínhamos uma semana de trabalho, às vezes duas, mas depois paramos um mês, dois, ou mais. É um obra que não devia parar.

ELIZIO Outros Bairros had a major flaw, which was stopping. It took away our jobs, and now we can't get anything, and everyone is lacking everything. Poverty has increased.

JOÃO I'm 56 years old, and it was the first time in my life that I had a full year of work. Now that Outros Bairros has stopped, we're back to where we were before. We used to have a week of work, sometimes two, but then we would stop for a month, two months, or more. It's a project that shouldn't stop.

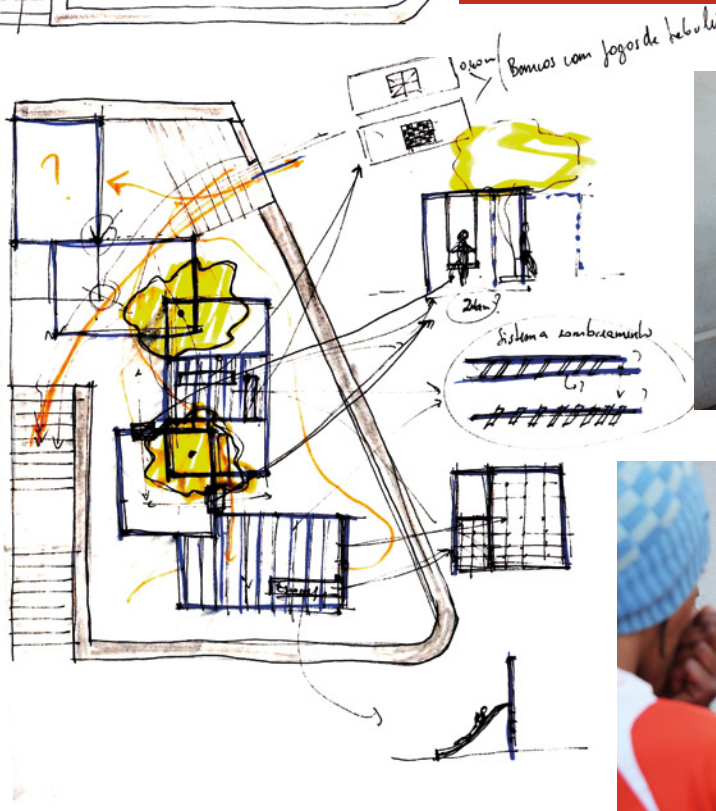
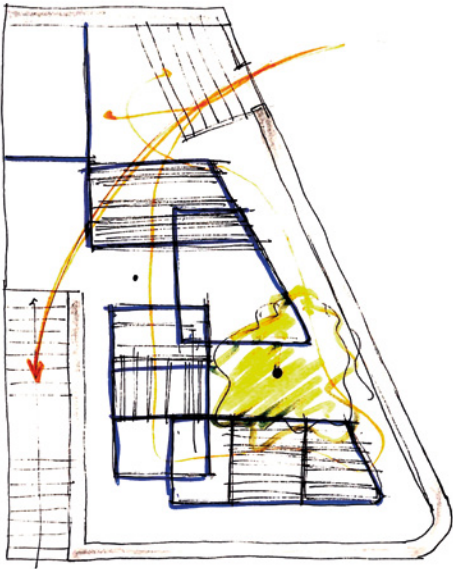
Obra do projeto Pontual 2, Grace Ribeiro, 2020 / IOB Construction, Phase 02, Grace Ribeiro, 2020.

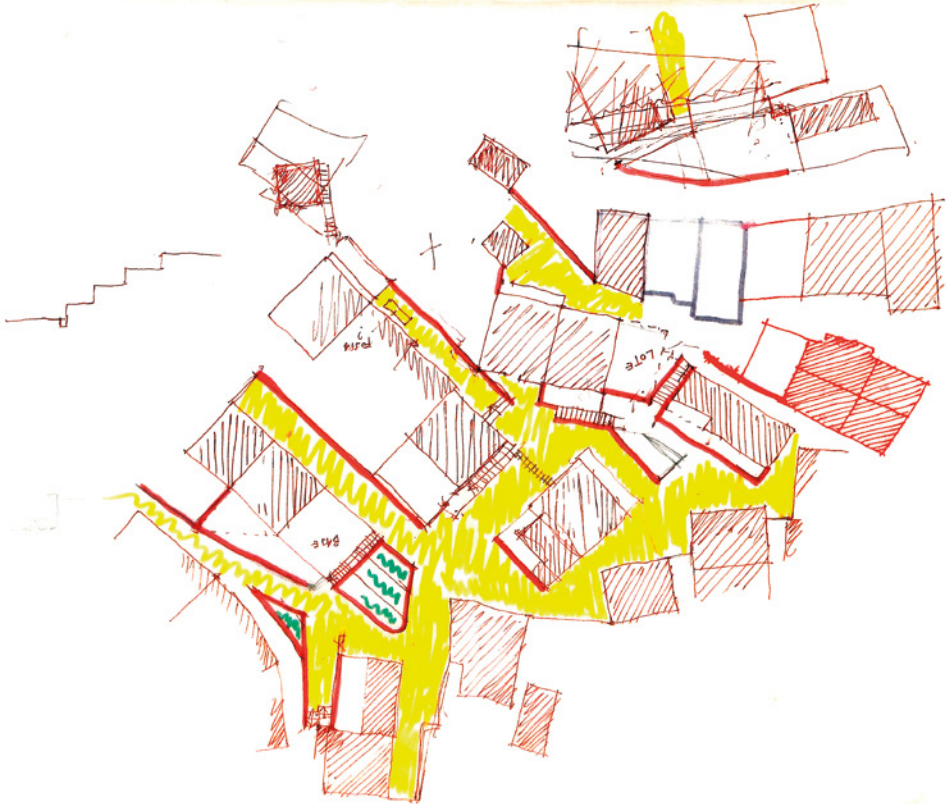
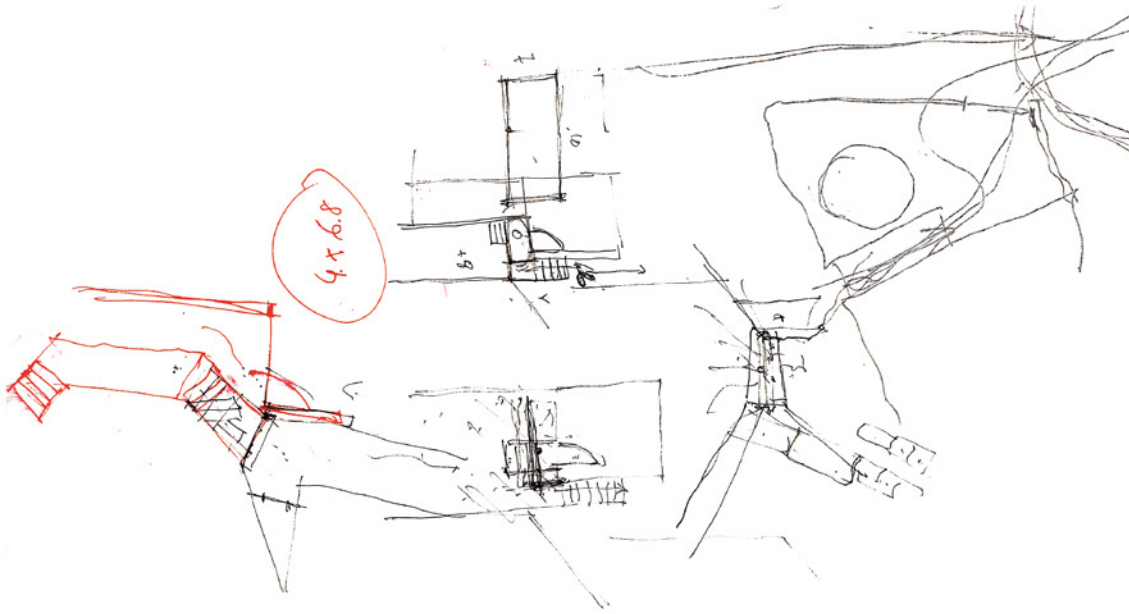


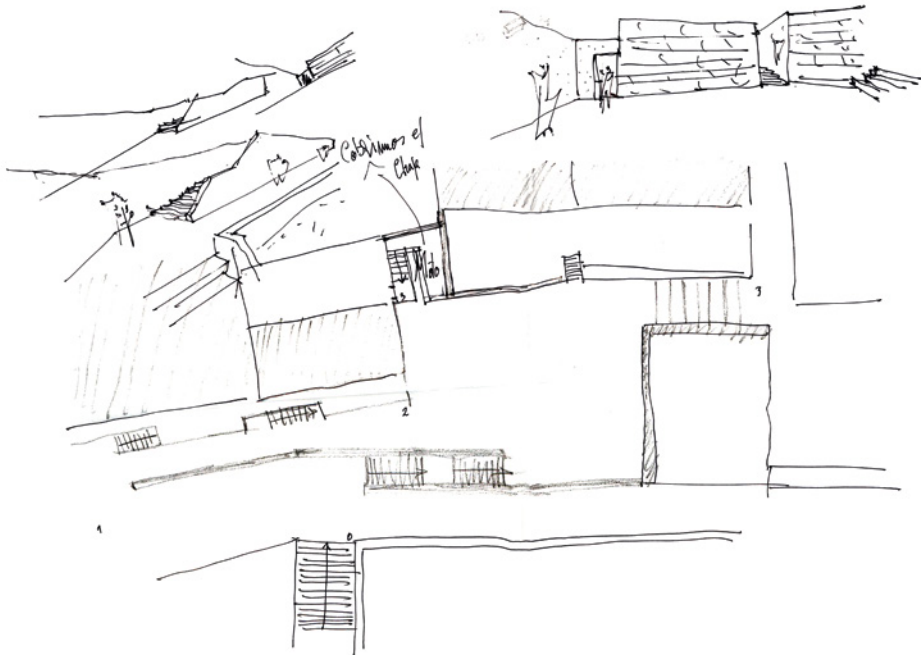
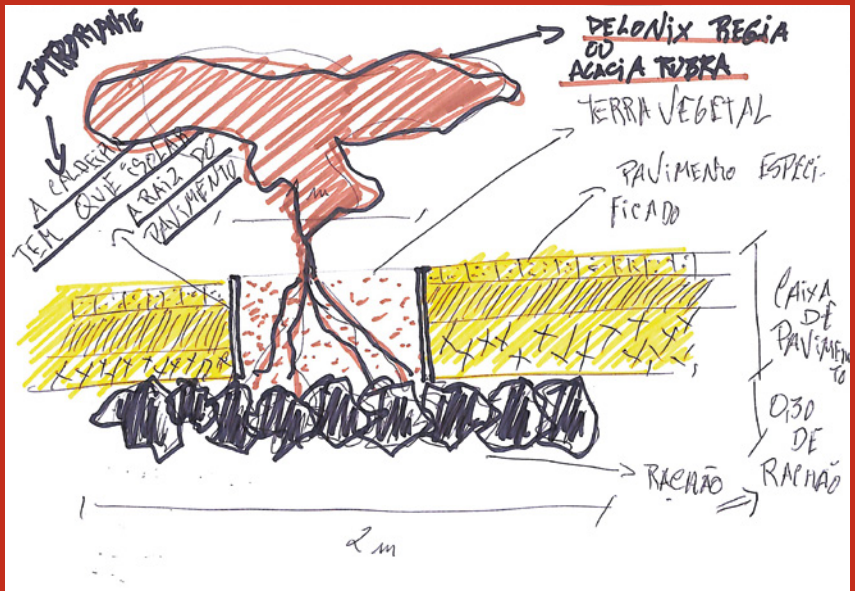


Serralheiro do Alto de Bomba, Jandira Rocha, 2021 / Metal worker of Alto de Bomba, Jandira Rocha, 2021.

Sessão participativa com população moradora sobre intervenções no espaço público Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Participatory session with local residents on interventions in the public space of Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.







CALCETAR PEDRA É
CALÇAR O CHÃO

A STONE PAVED IS A WORN
PAVEMENT

PEDRA
CALCETÓD
E TXON
CALÇOD¹



Grupo "Amdjer na Obra" com chapéu de sombreamento do projeto de design "Oh J pagá Luz" de Vanessa Monteiro, Nuno Flores, 2021.
Group "Women in the Working Site" with sun-shading hat from the design project "Oh J pagá Luz" by Vanessa Monteiro, Nuno Flores, 2021.

T.N: Caboverdean Creole, meaning "A stone paved is a worn pavement". It is noteworthy to mention that the words for paving the ground and putting on a shoe are synonymous in Caboverdean Creole and in Portuguese; respectively, *calçetar* and *calçar*. In this regard, the evocative side of the sentence is clearer, as it alluded to the fact that paving the ground is also to counter walking barefooted.

**ADELAIDE GOMES, CILÉSIA
ELIANA BRITO, LEILA FORTES,**

Escutas a partir de conversas com *Amdjer* *na Obra*, mulheres calceteiras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente

LISTENINGS FROM CONVERSATIONS WITH *AMDJER*
*NA OBRA*², WOMEN PAVERS FROM ALTO DE BOMBA,
SÃO VICENTE ISLAND

T.N: Caboverdean Creole for "Women in the Working Site".

2

LOPES, EDINELIA VERÍSSIMO
MAÍSA FORTES E SAMIRA ROCHA



Doas calceteiras “Amdjer na Obra” pavimentam Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

Two female pavers from “Amdjer na Obra” paving Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

Não podendo, a pessoa que lê este livro, subir até à zona de Alto de Bomba, sentir o *chão calçado* pelas mulheres e com elas conhecer esse tapete de resistência que constitui uma das suas maiores forças, fica este rasto de conversas. Realizadas em grupos pequenos em abril de 2022 pelo editor e editora deste livro, foram gravadas e editadas seguindo os assuntos identificados e cujas ramificações são possíveis de ler a partir da cronologia que se segue. *Adelaide, Cilésia, Edinélia, Eliana, Leila, Maísa* e *Samira* são as vozes principais destas conversas. O diálogo fluiu em crioulo cabo-verdiano de São Vicente.

This track of conversations is for the person who is reading this book, who cannot go up to Alto de Bomba feel the *ground paved* by women, and with them get to know such tapestry of resistance that constitutes one of their greatest strengths. Carried out in small groups in April 2022 by the editors of this book, they were recorded and edited following the identified matters, whose ramifications are possible to be read from the following chronology. *Adelaide, Cilésia, Edinélia, Eliana, Leila, Maísa* and *Samira* are these conversations’ main voices. The dialogue flowed in the Caboverdean Creole of São Vicente.

[CRONOLOGIA]

MAIO 2019

Início da Iniciativa Outros Bairros (IOB)

NOVEMBRO 2020

Formação *Amdjer na Obra* (*Mulheres na Obra*) [6 mulheres formadoras provenientes da ilha de São Nicolau / 10 mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente]

JANEIRO 2021

Contratação de grupo *Amdjer na Obra* (*Mulheres na Obra*) – “Reabilitação Marginal da Baía das Gatas”, ilha de São Vicente

MARÇO 2021

Contratação *Amdjer na Obra* (*Mulheres na Obra*) no (Pontual 02 e 03) da IOB, ilha de São Vicente

[CHRONOLOGY]

MAY 2019

Beginning of the Outros Bairros Initiative (IOB)

NOVEMBER 2020

Creation of *Amdjer na Obra* [6 women instructors from São Nicolau / 10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente]

JANUARY 2021

Hiring of the group *Amdjer na Obra* – “Coastal Rehabilitation of Baía das Gatas”, São Vicente

MARCH 2021

Hiring of *Amdjer na Obra* in IOB’s Phases 02 and 03, São Vicente

ABRIL 2021

Formação Pedra calçetod, é txon calçod
[10 mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente / 10 outras mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente]

JULHO 2021

Somá na Ponta [Construção dos princípios orientadores do IOB: Seminário no Centro Cultural do Mindelo com investigadores /as, especialistas, responsáveis dos Municípios, membros do Governo e grupos organizados moradores/as do Alto de Bomba, visitas e oficinas no Alto de Bomba]

AGOSTO 2021

Amdjer na Obra (Mulheres na Obra) envia e publica Carta Aberta à Sra. Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e da Habitação apelando a continuidade das obras IOB em Alto de Bomba e consequente garantia de emprego para o grupo em si.

DEZEMBRO 2021

Contratação de serviços *Amdjer na Obra (Mulheres na Obra)* na Câmara Municipal da ilha de São Vicente

Encerramento do escritório IOB em Alto de Bomba e suspensão da iniciativa

APRIL 2021

Pedra calçetod, é txon calçod training
[10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente / other 10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente]

JULY 2021

Somá na Ponta [Development of the guiding principles of the IOB: Seminar at the Mindelo Cultural Center with researchers, specialists, municipal officials, government members, and organized groups of residents from Alto de Bomba, including visits and workshops in Alto de Bomba]

AUGUST 2021

Amdjer na Obra sends and publishes an open letter to the Minister of Infrastructures, Territorial Planning and Housing, calling on for the continuity of the IOB's works in Alto de Bomba, and consequential guarantee of a job for the group itself

DECEMBER 2021

Hiring of *Amdjer na Obra* services at the São Vicente City Hall.

Closure of the IOB office in Alto de Bomba and suspension of the initiative

Grupo calceteiras "Amdjer na Obra" contratado para pavimentar em Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021 / "Amdjer na Obra" group of female pavers hired to pave in Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.



MANERA Q COMEÇÁ?

SAMIRA M tava fca tud ta espias, e un dia m começá!

CILÉSIA No ba na scritor pa es ranja gent traboi de servente.

EDINELIA Mi m ba más tarde, m dze Nuno m cris bai pa formação. E el ranjam um calceteira (é assim q gent ta txma?) M ba, m gosta.

COMO É QUE COMEÇOU?

SAMIRA Eu ficava só a olhar para eles e um dia comecei!

CILÉSIA Fomos ao escritório para eles nos arranjam trabalho de servente.

EDINELIA Eu fui mais tarde, disse ao Nuno que queria ir para a formação. E ele arranjou-me uma calceteira (é assim que se chama?) Fui e gostei.

HOW DID IT START?

SAMIRA I would just stare at them and one day I started!

CILÉSIA We went to the office so they could give us a job as labourers.

EDINELIA I went there later, I told Nuno I wanted to go into training. And he found me a paver (is that how it is called?) I went and I liked it.

PRENDÊ NA OBRA

MAÍSA Formação foi bom pa nós, no trá txeu benefício e experiencia també. Foi bom, bom q txeu dificuldade. Mod nos era amdjer na mei d'ome, no tava uvi txeu cosa.

EDINELIA Sempre m gostá de fazê traboi q um ome ta fazê.

LEILA M gostá, e m sabe q é um forma de ganha rendiment de familia.

ADELAIDE M pensá m ca tava bem consegui, ma m consegui!

MAÍSA No panhá gosto pa el, pa no bem otxal más fácil.

APRENDER NA OBRA

MAÍSA A formação foi boa para nós, foi vantajoso o rendimento e a experiência também. Foi bom, bom, mas com muita dificuldade, porque nós éramos mulheres no meio dos homens e ouvíamos muita coisa.

EDINELIA Eu sempre gostei de fazer os trabalhos que os homens fazem.

LEILA Eu gostei, e eu sei que é uma forma de ganhar rendimento para a família.

ADELAIDE Eu pensei que não ia conseguir, mas eu consegui!

MAÍSA Nós ganhamos gosto pelo trabalho e assim ficou mais fácil.

LEARNING AT THE SITE

MAÍSA Training was good for us, as well as the output and the experience. It was good, but good with a lot of obstacles, because we were women among men and we heard a lot of things.

EDINELIA I always enjoyed doing the work men do.

LEILA I liked it, and I know it is a way of earning income for the family.

ADELAIDE I thought I was not going to make it, but I did!

MAÍSA We gained a taste for the work and that made it easier.



Grupo calceteiras “Amdjer na Obra” no seminário “Somá na Ponta”, Grace Ribeiro, 2021.

“Amdjer na Obra” group of female pavers at the “Somá na Ponta” seminar, Grace Ribeiro, 2021.

PRENDÊ AMDJER DE S. NICOLAU

LEILA Trubaia ma amdjer é más sabe, prende má es é más sabe. Gent ta senti más abert, más à vontade.

ADELAIDE No senti q ses consegui, no podia consegui també.

MAÍSA No prendê ma amdjer e no tive oportunidade de ba inxna otes també. Por iss foi más bom ainda, pa mi foi um orgulho enorme.

EDINELIA Às vezes tem kes ome q ca ta inxnob moda kes amdjer, q tem *kel* paciência. Moda la na

P/119

APRENDER COM MULHERES DA ILHA DE S. NICOLAU

LEILA Trabalhar com mulheres é melhor, aprender com elas é melhor. Sentimo-nos com maior abertura, mais à vontade.

ADELAIDE Nós sentimos que, se elas conseguiram, nós também podíamos conseguir.

MAÍSA Nós aprendemos com mulheres e tivemos oportunidade ensinar outras mulheres também. Por isso foi melhor ainda, para mim foi um orgulho enorme.

EDINELIA Às vezes há homens que não ensinam como as mulheres, que não têm *aquela* paciência. Por exemplo, lá na Câmara, tu

LEARNING WITH WOMEN FROM SÃO NICOLAU

LEILA Working with women is better, learning from them is better. We feel more open, more at ease.

ADELAIDE We felt that, if they made it, we could also make it.

MAÍSA We learnt with women and we had the opportunity to teach other women, as well. So, it was even better, it was an enormous honour for me.

EDINELIA Sometimes, there are men who do not teach like women do, that do not have *that* patience. For example, in the City Hall

Camara: bo ta fazel kela mariod e es ca ta dzeb. Ma se é nos, no ta dze cumpanher: “Cilesia tal pedra ta mariod. Compo kel la sim.” No ta ijda cumpanher, ma es nao. Es ta oial mariod, ma es ta txal bai. Conde kel capataz txga...

SAMIRA Tem alguns ome q ta ijda...

BAÍA

MAÍSA Nós grand sonho era trubaia nos lugar, ma no encontra um mar de espin, um des maior desilusão. Cond no txga lá, no otxa txeu dificuldade, txeu preconceito, cond nós era 10 amdjer ta trubaia na mei d ome. Es ca tava respeita nós traboi.

EDINELIA No t bem recebe por dia. Ma no otxa que kel traboi q no tava ta ba faze era pa mas. Inton no fala djunt e no dze, inton no ta ba pa casa. Ma ote dia es txma nós e es dze, inton bsot ta fca 1000\$ por dia, moda bsot cris Dpos es bem dze gent q ca tinha pedra, ma la tinha pedra. “Bsot ta ba pa casa, cond tiver pedra, no ta txma bsot”. Es tava ta despedi de nos. Inda no tava ta intende.

MAÍSA No fala dum forma, na fim contcê dote forma, inton tive um falta de respeito.

fazes algo mal e eles não te dizem. Mas se formos nós, dizemos umas às outras: “Cilesia aquela pedra ficou mal. Arranja aquela ali.” Ajudamo-nos, mas eles não. Eles vêem que está mal e fica assim. Quando chega o capataz...

SAMIRA Há alguns homens que ajudam...

BAÍA

MAÍSA O nosso grande sonho era trabalhar no nosso lugar, mas nós encontramos um “mar de espinhos”, uma das maiores desilusões. Quando chegamos, encontramos muitas dificuldades, muito preconceito, pelo fato de sermos 10 mulheres a trabalhar no meio de homens. Eles não respeitavam o nosso trabalho.

EDINELIA Íamos receber por dia. Mas nós achávamos que aquele trabalho que estávamos a fazer era para receber mais. Então conversamos nós e depois dissemos-lhes que então íamos para casa. Mas no outro dia eles ligaram-nos e disseram que então nós receberíamos 1000\$ por dia (aproximadamente 10€), tal como nós queríamos. Depois eles disseram que não havia pedra, mas lá havia pedra: “Vocês vão para casa, quando tiver pedra, nós ligamos de volta.” Eles estavam a despedir-nos. Mas no momento não tínhamos entendido.

you do something wrong and they do not tell you. But if it is us, we tell each other: “Cilésia, that stone looks bad. Fix that one over there.” We help each other, but they don’t. They see it’s wrong and let it be as such. When the foreman comes...

SAMIRA Some men help...

BAY

MAÍSA Our greatest dream was to work in our place, but we found a “sea of thorns”, one of the biggest disappointments. When we got there, we found a lot of challenges, a lot of prejudice, due to the fact of us being 10 women working among men. They didn’t respect our work.

EDINELIA We would be getting paid by the day. But we thought the work we were performing was worth more. So we talked among each other first and then told them we would be going home. But they called us the next day telling us we would get a thousand escudos per day [around ten euros], just as we wanted. Then they told us there were no more cobblestones, but there were: “You go home, when there are more cobblestone, we’ll call you back”. They were firing us. But, at the time, we didn’t understand it.



Grupo calceteiras "Amdjer na Obra" contratado para pavimentar em Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.
 "Amdjer na Obra" group of female pavers hired to pave in Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

EDINELIA No ta
 otxa k foi moda
 nos é amdjder.

MAÍSA No ca sabe se
 é pa mod nós é amdjer,
 ou se é pa mod es é
 prop essim.

EDINELIA Em termos
 de kel traboi foi bom,
 mas em termos de manera
 q es trata no, foi mariod.

MAÍSA Nós falamos
 de uma maneira e no fim
 aconteceu de outra maneira,
 então houve falta de respeito.

EDINELIA Nós achamos
 que foi porque nós somos
 mulheres.

MAÍSA Nós não sabemos
 se é porque somos
 mulheres ou se é porque
 eles são mesmo assim.

EDINELIA Quanto ao
 trabalho foi bom, mas em
 termos do modo como
 fomos tratadas, foi mau.

MAÍSA We discussed it
 in a way and, in the end,
 it happened the other
 way around, so there
 was a lack of respect.

EDINELIA We think
 it was like this because
 we are women.

MAÍSA We don't know if
 it is because we are women
 or if they're just like that.

EDINELIA As for the
 work, it was good, but in
 terms of how we were
 treated, it was bad.

INXNÁ OTES AMDJER

ENSINAR OUTRAS MULHERES

TEACHING OTHER WOMEN

SAMIRA Tinha txeu
 colegas é q tava gosta
 de prende, por iss
 no sbi pa scritor pa
 es prendê també.

SAMIRA Havia muitas
 colegas que gostariam
 de aprender, por isso subi
 ao escritório para elas
 aprenderem também.

SAMIRA There were
 a lot of colleagues who
 would like to learn, so
 I got up to the office
 so they could learn too.

EDINELIA Log primer m dze: No ta ba pode das formação? Kes mni dze: “Moda q no prende, no ta inxnas”. E mi: Ma no ta ba conzgui? Kes mnin: “So la q no ta ba sabe, No ta ba faze djunt”. E mi: Não, por acaso nos é capaz.

LEILA No fazel pa tem continuidade, es tem falta também. E basta tem traboi no ta ba ta ba.

MAÍSA M sabe, m cre pa otes pessoa sabe també e é um forma des ter rendimento ses ca tiver emprego. Ses tem formação, es pode otxá trabói. Foi bom formá kes amdjer de nos zona, ma no cris forma um data de amdjer, Cabo Verde inter.

EDINELIA Inicialmente pensei: Nós vamos conseguir dar-lhes formação? E elas disseram: “Assim como nós aprendemos, vamos ensinar-lhes.” E eu: Mas nós vamos conseguir? E elas: “Só no momento é que vamos saber. Vamos juntas”. E eu: Não, nós somos capazes.

LEILA Nós fizemos para haver uma continuidade, porque elas também têm falta. E havendo trabalho vamo-nos safando.

MAÍSA Eu sei, eu quero que as outras pessoas saibam também porque é uma forma delas terem rendimento se elas não tiverem emprego. Tendo a formação, podem encontrar trabalho. Foi bom formar aquelas mulheres da nossa zona, mas nós queremos formar muitas mulheres, de Cabo Verde inteiro.

EDINELIA Initially, I thought: Are we going to be able to train them? And they said: “Just as we learnt, we will teach them”. And I asked: But can we do it? And they answered: “We will only know it then. Let’s go together”. And I said: No, we can.

LEILA We made it, so there could be a continuity, because they are also struggling. And as long as there is work, we can get by.

MAÍSA I know, and I also want other people to know that this is a way to get income if they have no job. With training, they can find a job. It was good to train those women from our area, but we want to train a lot of women, from the whole of all Cabo Verde.

Formação Amdjer na Obra (Mulheres na Obra) [6 mulheres formadoras provenientes da ilha de São Nicolau > 10 mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente], Grace Ribeiro, 2020. / “Amdjer na Obra” training [6 women instructors from São Nicolau > 10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente], Grace Ribeiro, 2020.



FOI BOM
FORMÁ
KES AMDJER
DE NOS
ZONA, MA
NO CRIS
FORMA UM DATA
DE AMDJER,
CABO VERDE
INTER

FOI BOM
FORMAR AQUELAS
MULHERES
DA NOSSA
ZONA, MAS
NÓS QUEREMOS
FORMAR MUITAS
MULHERES, DE
CABO VERDE
INTEIRO

IT WAS GOOD
TO TRAIN THOSE
WOMEN FROM
OUR AREA,
BUT WE WANT
TO TRAIN A LOT
OF WOMEN, FROM
THE WHOLE
OF ALL
CABO VERDE

Grupo calceteiras “Amdjer na Obra” no seminário “Somá na Ponta”, Grace Ribeiro, 2021 / “Amdjer na Obra” group of female pavers at the “Somá na Ponta” seminar, Grace Ribeiro, 2021.



GRUP

MAÍSA Nos sete ta juntod.

EDILENIA No ta stod ligod a cumpanher.

MAÍSA Mi m tem um força único, quem cre ta ba ma mi, quem ca quiser m ta largal log, kel ca ta fundam. Bo tem q cre.

EDILENIA No ca tem dificuldade na grupo, o no ca ta oial.

SAMIRA Sinti falta de dinher, gent ta senti. Bo ta trubaia txeu, ma té fim de mes txgá, dinner já tem cabod.

LEILA No ten prop kel necessidade. E Maísa ca ta bem txma nos ké pa no bai manhã, é gora plu manhã no ta bai. Ela ta decidi. Ma é bom, no tem q corrê trás de nos objetiv.

MAÍSA Dificuldade no tem, q lembrá no tem prop falta dum formação pa intende cumpanher, no tem estilo de vida diferente, uns tem más responsabilidade, otes tem menos, uns tem más ambição, otes menos, otes ca tem nada, otes tem más ainda.

LEILA Gent senti cul, gent ta fala, no ta decidi, no ta ba djunt, é bom.

CILESIA Conde no ta junta, no ta senti dret. Ma agora no ca ta sempre djunt.

GRUPO

MAÍSA Nós as sete estamos juntas.

EDILENIA Nós estamos ligadas umas às outras.

MAÍSA Eu tenho uma força única, quem quiser vem comigo, quem não quiser eu largo logo, para que não me afunde. Tu tens que querer.

EDILENIA Não temos dificuldades no grupo, ou nós não as vemos.

SAMIRA Sentir falta de dinheiro, sentimos. Tu trabalhas muito, mas até o fim do mês chegar, o dinheiro já acabou.

LEILA Nós temos necessidades. E Maísa não vai ligar para nós irmos amanhã, é logo agora de manhã que vamos. Ela decide. Mas é bom, nós temos que perseguir os nossos objetivos.

MAÍSA Dificuldade nós temos, porque nós temos falta de uma formação para nos entendermos umas às outras, nós temos estilos de vida diferentes, umas têm mais responsabilidades, outras têm menos, umas têm mais ambição, outras menos, outras não têm nada, outras têm mais ainda.

LEILA Nós sentímo-nos bem, nós falamos, nós decidimos, vamos juntas, é bom.

CILESIA Quando nos juntamos, nós sentímo-nos bem. Mas agora não estamos sempre juntas.

GROUP

MAÍSA The seven of us are together.

EDINELIA We are connected to each other.

MAÍSA I have a unique strength, who wants to join me, come with me, who doesn't, I immediately let go, so I don't get drowned. You have to want it.

EDINELIA We don't have challenges within the group, or we can't see them.

SAMIRA Missing the money, yes, we feel it. You work hard, but the money ends before the month ends.

LEILA We have our needs. And Maísa doesn't call us to go tomorrow, we immediately go the same morning. She decides. But it's good, we must follow our goals.

MAÍSA We have challenges, because we lack training for understanding each other, we have different lifestyles, some have more responsibilities, others fewer, some have more ambition, other have less, some have nothing, others have even less.

LEILA We feel good together, we talk, we decide, we go together, it's good.

CILESIA When we get together, we feel good. But now we're not always together.



Ruptura na contratação de grupo Amdjer na Obra, "Reabilitação Marginal da Baía das Gatas", Câmara Municipal de São Vicente, Ilha de São Vicente.
Break in the hiring of the "Amdjer na Obra" group, "Marginal Rehabilitation of Baía das Gatas", São Vicente Municipal Council, São Vicente Island.

MAÍSA No ta senti sab na traboi de grupo. E no tive oportunidade de tem um traboi cum salario fix. Kel la ke ses med ca ter kel salario fixo. No ta fala tud ma cumpanher, no ta ba recebe djunt, conde no ta recebe no ta ba cme djunt e conversa.

EDILENIA No ta almoça nos 7, tud fim de mes no ta faze na praça estrela, no ta po conversa em dia.

LEILA É um manera de no encontrá, de no conversá.

MAÍSA Um vez nos era mas txeu, no tinha mas dificuldade de intende cumpanher. Agora nos é mas poc, no tem med de separa tud e já gente ta tenta compreende más um gzinha.

MAÍSA Nós sentimo-nos melhor no trabalho de grupo. E nós tivemos oportunidade de ter um trabalho com um salário fixo. Esse é que é o medo, não ter salário fixo. Nós falamos umas com as outras, nós vamos receber juntas, e quando recebemos vamos comer juntas e conversar.

EDILENIA Nós almoçamos as 7, todos os fins de mês na Praça Estrela, e pomos a conversa em dia.

LEILA É uma maneira de nós nos encontrarmos, de conversarmos.

MAÍSA Antigamente nós eramos mais, nós tínhamos mais dificuldades de nos entendermos umas às outras. Agora somos menos, temos medo de separar-nos e já tentamos compreender-nos mais um bocadinho.

MAÍSA We feel better in group work. And we had the opportunity to have a job with a steady income. That is what's scary, not having a steady income. We talk with each other, we get paid together, and when we get paid we go out together for a meal and we talk.

EDILENIA We seven have lunch at the end of every month at Estrela Square, and we catch up.

LEILA It's a way to meet up, to talk.

MAÍSA In the past, there were more of us, we had a harder time understanding each other. Now there's less, we're scared of being apart and we try to understand ourselves a little bit more.

EDILENIA Cond no ta bem junta, no senti mas sab, moda se é um familia é qta encontra.

SAMIRA No ta senti feliz!

EDINELIA Quando nos juntamos, sentimo-nos melhor, como se fosse uma família que se encontrasse.

SAMIRA Sentimo-nos felizes!

EDINELIA When we get together, we feel better, as if a family came together.

SAMIRA We feel happy!

SOCIEDAD

MAÍSA Conde no vrá calcetera, uns tava aceitá facilmente, otes nem por isso. Uns ta más criticá nos do que elogiá, gent ta uvi txeu cosa.

CILESIA Mi não, se não es tava uvi resposta.

EDILENIA Na ora.

MAÍSA Lembra socied ta dze amdjer ca tá pode faze kel traboi lá. Né questão q gente ca tá pode fazel,

SOCIEDADE

MAÍSA Quando nos tornamos calceteiras, umas pessoas aceitaram facilmente, outras nem por isso. Umás criticavam-nos mais do que elogiavam, nós ouvimos muita coisa.

CILESIA Eu não, se não eles ouviam resposta.

EDILENIA Na hora.

MAÍSA Lembra-te que a sociedade diz que a mulher não pode fazer este trabalho. Não é que nós não podemos

SOCIETY

MAÍSA When we became pavers, some people easily accepted it, others, not so much. Some criticised us more than they would praise us, we heard a lot of things.

CILESIA I didn't, otherwise they'd get an answer.

EDILENIA On the spot.

MAÍSA Keep in mind society says women can't do this job. Not that we can't do it, but they

Calceteira "Amdjer na Obra" pavimenta Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

Female paver from "Amdjer na Obra" paving Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.



é questão kes (“Es” tud trançod, ome e amdjer) ca tá aceital.

EDILENIA Amdjer ca ta faze kel traboi la. Ma amdjer ta faze sim, amdjer ta faze tud q bo cre. Moda nha pai ta dze, nunca bo ta depende d’ ome. Nha pai incentivam txeu.

SAMIRA Tud gent dá gent força.

MAÍSA Gora es ta senti um orgulho mod nos é de kel comunidade e otes pessoa de fora tita fala de nos e es ta senti moda ses é q é rei des história.

EDILENIA Um dia no tava num rua e bem gente de stranger e es dze: uá! m pensá es cosa era só um notícia. Não, gora m cre oia po calçada na cert, pa no txga lá no dze q no oia es senhora calceteira (es ta stod na França).

SAMIRA Es tava oia na televisão es ca tava credita.

EDILENIA Primeira vez kes ta oia amdjer ta luta pa se conta, moda kes tá dze, na traboi de Estado.

ADELAIDE Es ta oiá nos de forma bnit, tem txeu é q ta senti orgulho na traboi q gent ta faze. Sempre es ta critica nos, né kel critica mal, é kel critica bom.

Pa no continuá sempre assim, q nos é que voltá Olt de Bomba bnit.

fazê-lo, é que eles (“eles” tudo misturado, homens e mulheres) não aceitam.

EDILENIA A mulher não pode fazer este trabalho. Mas a mulher faz, a mulher faz tudo o que quiser. O meu pai diz para eu nunca depender de homem. O meu pai incentivou-me muito.

SAMIRA Toda a gente nos deu força.

MAÍSA Agora eles sentem orgulho porque nós somos da comunidade e outras pessoas de fora estão a falar de nós e eles sentem como se fossem eles os reis desta história.

EDILENIA Um dia estávamos numa rua e vieram umas pessoas estrangeiras e diziam: uá! Pensei que era só uma notícia. Agora quero ver calcetar, para chegar lá e dizer que vi as senhoras calceteiras (eles vivem na França).

SAMIRA Eles tinham visto na televisão, mas não acreditavam.

EDILENIA Primeira vez que eles veem mulheres, elas próprias, a lutar, como se diz, no trabalho do Estado.

ADELAIDE Eles veem-nos de uma forma bonita, tem muitos que sentem orgulho no trabalho que nós fazemos. Sempre nos criticam, não aquela crítica má, é aquela crítica boa. Para nós continuarmos sempre assim, já que nós é que tornamos Alto de Bomba bonito.

(all of “them”, men and women) don’t accept it.

EDILENIA Women can’t do this work. But women do, women does whatever they want. My father tells me to never depend on a man. My father really encouraged me.

SAMIRA Everyone gave us strength.

MAÍSA Now they feel proud of us because we are part of the community and other people from outside are talking about us and they feel as if they were the kings of this story.

EDILENIA One day we were on the street and some foreign people came and said: whoa! I thought it was just some news. Now I want to watch the paving so when I get back, let people know I saw women pavers (he lives in France).

SAMIRA They’d seen it on the news but they didn’t believe it.

EDILENIA It’s the first time they see women, themselves, struggling, as they say, in the State’s job.

ADELAIDE They see us in a nice way, many feel proud in the work we do. They always critique us, not like bad criticising, but that good critique. So we keep always like this, as we are the ones who made Alto de Bomba beautiful.

JUSTIN KES
 AMDJER PA
 FAZÊ CALÇADA?
 ES CA TA
 PODE FAZEL.
 MA GORA
 KEM TA
 DESFILA
 NA ES, É
 ES. (RISOS)
 NA ALTURA
 M SINTI
 TXEU RAIVA

LOGO AQUELAS
 MULHERES
 PARA FAZER
 CALÇADA? ELAS
 NÃO PODERÃO
 FAZÊ-LO. MAS
 AGORA QUEM VAI
 DESFILAR NA
 CALÇADA, SÃO
 ELES. (RISOS)
 NA ALTURA
 EU SENTI
 MUITA RAIVA

THOSE WOMEN
 TO PAVE? THEY
 WILL NOT BE
 ABLE TO DO
 IT. BUT NOW
 IT'S THEM WHO
 ARE GOING
 TO STRUT ON
 THE PAVEMENT
 (LAUGHTER).
 AT THE TIME,
 I FELT A LOT
 OF RAGE

SAMIRA Mi m sutis uns dos resposta! Basta bo po fé, no ta pode sim.

EDINELIA No descompos! Manera q bsot sabe, sinda no ca po mon na es? Depos cond no pta mon, es dze: “não, lugar tita fca bnit!”

SAMIRA Manera q bsot faze olt de bomba bnit!

EDINELIA Por acaso, m ta fca txeu content de uvis ta fala bem d nos! Um one dpos, gent ta uvi:

– Oli kes calceteira de Câmra!

– Oli kes calceteira de Olt de Bomba!

– Gora bsot é de Câmra?

– Não, gora

nós é de tud es!

SAMIRA Eu dei-lhes umas quantas respostas! Basta termos fé, e nós podemos sim.

EDINELIA Nós demos troco! Como é que vocês sabem, se ainda nem começamos? Depois quando nós começamos, eles disseram: “o lugar está a ficar bonito!”

SAMIRA Como é que vocês tornam Alto de Bomba bonito!

EDINELIA Por acaso, eu fiquei muito contente de os ouvir falar bem de nós! Um ano depois, ouvimos:

– Olha as calceteiras da Câmara (Municipal de São Vicente)!

– Olha as calceteiras de Alto de Bomba!

– Vocês agora são da Câmara?

– Não, agora nós somos de ambos!

SAMIRA I answered them quite a few times! We just have to be faithful, and yes, we can.

EDINELIA We talked back! How do you know, if we haven't even started it? Then, when we started, they said: “the place is looking nice!”

SAMIRA Look how you make Alto de Bomba beautiful!

EDINELIA Actually, I was very happy after hearing them talking nicely about us! A year after, we heard:

– Look at the (São Vicente) City Council's pavers!

– Look at Alto de Bomba's pavers!

– Are you now from the City Council?

– No, we are from either.

OIA

EDINELIA Agora es ta oia nos q ote ói: “M gosta de bsot traboi la na Olt de Bomba”. Es ta a ta incentiva nos ta gusta de nos traboi.

EDINELIA Es ta prei strod ta tra foto, bo ta lembra Samira? E m tava prop ta bem perguntas: Porquê bsot ca ta pergunta kem q faze es traboi?

OLHAR

EDINELIA Agora eles veem-nos com outros olhos: “Eu gosto do vosso trabalho lá no Alto de Bomba”. Eles incentivam-nos a gostar do nosso trabalho.

EDINELIA Vinham para aqui tirar fotografias, lembrás-te Samira? E eu queria perguntar-lhes: Porque é que vocês não perguntam quem fez este trabalho?

GAZE

EDINELIA Now, they see us with different eyes: “I like your work in Alto de Bomba!”. They motivate us to like our work.

EDINELIA They came here to take pictures, do you remember it Samira? And I wanted to ask them: – Why don’t you ask who made this?

Dia de trabalho do grupo Amdjer na Obra no Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

A day’s work for the Amdjer group at the construction site in Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.





Moradora durante a obra do Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021 / Resident during the construction of Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

ES TA PREI
STROD TA
TRA FOTO, BO
TA LEMBRA
SAMIRA? E M
TAVA PROP
TA BEM
PERGUNTAS:
PORQUÊ BSOT
CA TA PERGUNTA
KEM Q FAZE ES
TRABOI?

SAMIRA Es ta bem, ma so
es ta tra foto.

LEILA Mi m ta recebe
txeu mensagem. Txeu gent
ta mandam mensagem
ta manda força. Tipo
na “stories”.

P/130 **ADELAIDE** Gent ta
andá na rua, no ta

VINHAM PARA
AQUI TIRAR
FOTOGRAFIAS,
LEMBRAS-
TE SAMIRA?
E EU QUERIA
PERGUNTAR-
-LHES: PORQUE
É QUE VOCÊS
NÃO PERGUNTAM
QUEM FEZ ESTE
TRABALHO?

SAMIRA Vêm, mas se é para
tirar fotos.

LEILA Eu recebi muitas
mensagens. Muita gente me
mandou mensagem para dar
força. Tipo nos “stories”.

ADELAIDE Andamos na rua,
ouvimos: “olha as calceteiras
de Alto Bomba”. Agora nós

THEY CAME
HERE TO TAKE
PICTURES,
DO YOU
REMEMBER
IT SAMIRA?
AND I WANTED
TO ASK THEM:
- WHY DON'T
YOU ASK
WHO MADE
THIS?

SAMIRA They come, but
only to take pictures.

LEILA I got a lot of
messages. Many people sent
me a message to support me.
Like in “stories”.

ADELAIDE We walk around
the street and we hear:
“there go Alto de Bomba’s

uvi: “Ó lá kes calcetera de Olt Bomba”. Grinhassim, nos é importante pa sociedad.

ELIANA Mi também m tem txeu gent é q es tem orgulho na nha traboi, ké pa no tem força, ma coragem, moda nha tio q ta na cadeia el ta oia nos na televisão, el gostá.

“SOMÁ NA PONTA”

MAÍSA Nós sonho era faz kes t-shirt diazá. Mod no tinha grasa de ter um tshirt prop q nome de nós profissão, essim tud gent podia sabe q nos é Amdjer na Obra.

ADELAIDE É pa mostras q nos é um grupo de amdjer formada, é q ta trubaia na obra, pa es oiá q nos é um grup.

EDINELIA Pa es fcasce ta conxe nos mas dret. Ne tud gent q ta conxe nos!

SAMIRA No tava fca mas diferente, conxid, famosa!

EDINELIA Elegante!

LEILA No senti sab na mundo! Nos é amdjer, no ta consegui q mut orgulho prop!

SAMIRA Lá na palco, no senti q no tava num paraíso!

somos importantes para a sociedade.

ELIANA Eu também tenho muita gente que tem orgulho no meu trabalho, para nós termos força, coragem, por exemplo, o meu tio que está na cadeia, viu-nos na televisão, ele gostou.

SEMINÁRIO NO CENTRO CULTURAL DO MINDELO

MAÍSA O nosso sonho era fazer aquelas t-shirts há muito tempo. Porque nós tínhamos vontade de ter uma tshirt mesmo com o nome da nossa profissão, assim toda gente podia saber que nós somos Amdjer na Obra.

ADELAIDE É para mostrar que nós somos um grupo de mulheres formadas, que trabalham na obra, para verem que nós somos um grupo.

EDINELIA Para que eles ficassem a conhecermo-nos melhor. Não é toda gente que nos conhece!

SAMIRA Ficámos diferentes, conhecidas, famosas!

EDINELIA Elegantes!

LEILA Nós sentímo-nos incríveis! Nós somos mulheres, nós conseguimos com muito orgulho mesmo!

SAMIRA No palco, nós sentimos que estávamos no paraíso!

pavers!”. We are now important to society.

ELIANA I also have a lot of people who are proud with my work, so we have strength, courage, for example, my uncle who is in jail saw us on the TV, he liked it.

SEMINAR AT MINDELO’S CULTURAL CENTRE

MAÍSA We had the dream to make those t-shirts for a while now. Because we wanted to have a t-shirt that really mentioned our profession, so everyone could know we are Amdjer na Obra.

ADELAIDE It’s to show we are a group of trained women, that work on the site, it’s for them to see we are a group.

EDINELIA It’s for them to get to know us better. Not everyone knows us!

SAMIRA We looked different, recognised, famous!

EDINELIA Elegant!

LEILA We feel incredible! We are women, we are very proud of what we’ve achieved!

SAMIRA On stage, we felt we here in Heaven!

MAÍSA No ba log sbid [enaltecido], sem conde kel palco. No tava más olt do qui kel palco. No tava prop ta senti essim.

EDINELIA No senti la driba, primer vez q no tava ta sbi de cima de um palco. Mi m tava nervosa.

NUNO No tava mas nervoso q bsot!

RITA Mi prop m txorá.

NUNO Mi m tava ta trava lágrima.

MAÍSA Nós subimos elevadas para o palco. Nós estávamos mais alto do que o palco. Nós sentimos mesmo isso.

EDINELIA Nós sentimo-nos lá em cima, era a primeira vez que nós subíamos um palco. Eu estava nervosa.

NUNO Nós estávamos mais nervosos que vocês!

RITA Eu chorei mesmo.

NUNO Eu estava a aguentar as lágrimas.

MAÍSA We got on that stage elevated. We were taller than that stage. I wasn't ready to feel that way.

EDINELIA We felt we were on top, it was our first time on a stage. I was nervous.

NUNO We were more nervous than you were!

RITA I actually cried.

NUNO I was holding my tears.

PRENDE

MAÍSA Inda no ca prende 100% tud.

EDINELIA No ta fca atent.

ADELAIDE Más m ta trubaia, mas m ta ba ta prendê, e m ta panha mas motivação pa trubaia.

MAÍSA No ca sabia calcula área pa sabe preço de nos traboi.

ELIANA M ca tinha entendid na isso. Ma depos sim.

MAÍSA Por isso, conde no prende ma bsot, no senti mas forte. Se no ca tá senti dificuldade, no ca ta tava prende nada.

EDINELIA No meste prende alguns cosa, moda kel calcetamento artístico, q bo ta desenha, bo ta escreve...

APRENDER

MAÍSA Ainda não aprendemos tudo a 100%.

EDINELIA Nós ficamos atentas.

ADELAIDE Quanto mais eu trabalho, mais eu aprendo e ganho motivação para trabalhar.

MAÍSA Não sabíamos calcular área para saber o preço do nosso trabalho.

ELIANA Eu não tinha entendimento sobre isso. Mas depois sim.

MAÍSA Por isso, quando nós aprendemos convosco, nós sentimo-nos mais fortes. Se não tivemos tido dificuldade, não teríamos aprendido nada.

EDINELIA Nós precisamos aprender algumas coisas, por exemplo, o calcetamento artístico, aquele que se desenha, escreve...

LEARNING

MAÍSA We haven't learnt it all one hundred percent.

EDINELIA We'll keep an eye on it.

ADELAIDE The more I work, the more I learn and the more motivated I feel.

MAÍSA We didn't know how to calculate the area so as to know the price for our work.

ELIANA I had no understanding of it, but then I did.

MAÍSA So, when we learn it with you, we felt stronger. If we had no challenges, we would've learnt nothing.

EDINELIA We need to learn some things, per example artistic paving, the one where you draw, write...

SÃO VICENTE TOWN HALL

MAÍSA We got out of work after Outros Bairros. And, out of nothing, and we didn't even thought of working in the City Hall, things started happening. At the time we were unemployed, I sold things, but others had no job, they're mothers.

EDINELIA Maísa told us we would be going to work. "But it's a surprise". But we needed to know because I'm going to Santo Antão. And she said:
- There isn't other, leave Santo Antão because you are going to work. Then, she asked for the ID picture. And asked: "Where are you?"
- I'm at São Pedro cleaning a house.
- Tell someone to bring me your card. On those days, I asked her to tell me what was it. Maísa would say:
- Do you know where this job is? I won't tell you.
- She told us only on the eve of us going.

SAMIRA This job is steady. She'd tell us:
- It's a surprise and if you get another job you'll end up not knowing it.
- Tomorrow, get ready because we have work to do at the site at 9:00 AM.
- What site?
- São Vicente Town Hall.



Certificado de agradecimento do grupo Amdjer na Obra à equipa IOB, 2021.

Certificate of Appreciation from the Amdjer na Obra group to the IOB team, 2021.

CMSV

MAÍSA No fca sem traboi depoi de Outros Bairros. E do nada, q no ca tinha nem idea de ba trubaia na Camara, coisas começá ta surgi. Naltura, no fca desempregod, mi tava vende, ma tinha otes fca sem traboi, es é mãe de fijde.

EDINELIA Maisa dze q no ta ba pa traboi. "Ma é um surpresa." Ma no meste sabé, q m ta ba pa sintanton. El dze:
- Bsot descont é txa sintanton pra la q bsot ta ba pa traboi. Depois enton el pdi fotocopia de bilhete de identidade. El dze: "Onde bo ta?"
- M ta na Sao Pedro ta limá um casa.
- Dze um pessoa pa el trazem bo bilhete. Es dia, m dzel explicam é o quê. Vespera de ba pa

CMSV

MAÍSA Nós ficamos sem trabalho depois de Outros Bairros. E do nada, nós nem tínhamos, nem ideia de ir trabalhar na Câmara, e as coisas começaram a surgir. Na altura nós ficamos desempregados, eu vendia, mas outras ficaram sem trabalho, são mães.

EDINELIA A Maísa disse que nós íamos para o trabalho. "Mas é uma surpresa". Mas nós precisamos de saber, porque eu vou a Santo Antão. E ela disse:
- Não há outra, é deixar Santo Antão que vocês vão para o trabalho. Depois ela pediu a fotocópia de bilhete de identidade. E perguntou: "Onde estás?"
- Estou em São Pedro a limpar uma casa.
- Diz a alguém para me vir trazer o teu bilhete.

traboi, kel dze gent.
 Samira – Es traboi
 la é fixo. El ta fca ta
 dze gent:
 – É um surpresa e se
 bo ba pa ote traboi bo
 ta fca sem sabe. Manha
 bsot prepara q no tem
 traboi na Estaler 9h.
 – Estaler do quê?
 – Estaler de cmsv.

DPOS DES TRABOI NA CÂMARA

MAÍSA No tem um salar,
 q dificuldade la no tive
 más ainda. Nos é funcionar
 de Estado, ma no ca
 tem direitos, no ca tem
 seguro, no ca tem nada.

CALCETÁ ONDE?

LEILA É bnit no prendê
 li na nos zona e no fazel
 trubaia na nos zona.

MAÍSA No ta senti
 tud orgulho na mesma
 de calceta olt de bomba
 ou ote zona. Sé pa nos
 no tava calcetá tud
 cabo verde.

MAÍSA Foi um grande
 realização, que nos
 zona tava ta precisa,
 nos também.

Nesses dias eu disse-lhe
 para me explicar o que era.
 Maísa dizia:
 – Sabem onde é este
 trabalho? Não vos digo.
 Só na véspera de ir para o
 trabalho que ela nos disse.
 Samira – Este trabalho é fixo.
 Ela dizia-nos:
 – É uma surpresa e se fores
 para outro trabalho ficas sem
 saber. Amanhã prepara-te
 que nós temos trabalho no
 Estaleiro às 9h.
 – Estaleiro do quê?
 – Estaleiro da Câmara
 Municipal de São Vicente.

DEPOIS DESTE TRABALHO NA CÂMARA

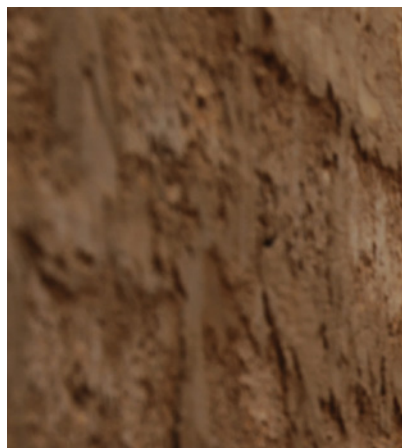
MAÍSA Temos um salário,
 mas lá tivemos ainda
 mais dificuldades. Somos
 funcionárias do Estado,
 mas não temos direitos,
 não temos seguro,
 não temos nada.

CALCETAR ONDE?

LEILA É bonito nós
 aprendermos aqui na zona
 e nós fazemos a trabalhar
 na nossa casa.

MAÍSA Nós sentimos o
 mesmo orgulho em calcetar
 Alto de Bomba ou outra zona.
 Se for por nós calcetamos
 todo Cabo Verde.

MAÍSA Foi uma grande
 realização, estava mesmo
 a precisar e nós também.



AFTER THE JOB IN THE TOWN HALL

MAÍSA We have a salary,
 but we had even more
 challenges there. We are
 State workers, but we have
 no rights, no insurance,
 nothing.

PAVING WHERE?

LEILA It's nice to
 learn here and work
 on our home.

MAÍSA We feel the same
 pride in paving Alto
 de Bomba as we'd feel
 elsewhere. On our behalf,
 we can pave the whole
 of Cabo Verde.

MAÍSA It was a major
 accomplishment our area
 was in need of, as we were
 as well.



Obra do projeto Pontual 3, 2021 / IOB Construction, Phase 03, 2021.

**MARIA DE MONTE, ETAULINA
ANGELA BRITO E**

Fazer mestras calceteiras: do Carrical da ilha de São Nicolau ao Alto de Bomba em São Vicente

*MAKING MASTER PAVERS: FROM CARRICAL
ON THE ISLAND OF SÃO NICOLAU
TO ALTO DE BOMBA IN SÃO VICENTE*

**FARIA, ARCANGELA FARIA,
MARIA DE BRITO**



Grupo da Formação Amdjer na Obra (Mulheres na Obra) [6 mulheres formadoras provenientes da ilha de São Nicolau > 10 mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente], Grace Ribeiro, 2020 / “Amdjer na Obra” training group [6 women instructors from São Nicolau > 10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente], Grace Ribeiro, 2020.

A convite da Iniciativa de Outros Bairros, o grupo de 5 mulheres calceteiras de Carriçal da ilha de São Nicolau esteve em Alto de Bomba em novembro de 2020 para dar uma formação em contexto de trabalho dirigida a um grupo de 10 mulheres de Alto de Bomba da ilha de São Vicente. No contexto da organização deste livro, em abril de 2022, Nuno Flores, foi ao encontro das 5 mulheres, aproximando-se desse lugar.

Carriçal fica no extremo este da referida ilha, a 42 km da cidade de Ribeira Brava na ilha de São Nicolau. O caminho é de terra batida, estreito, íngreme e esburacado. A dificuldade e a necessidade de o percorrer construíram a vontade e a força do grupo de mulheres para aprender a calcetar. Estas sonham um dia pavimentar os 21 kms que ligam o Carriçal até à aldeia de Juncalinho.

Entre risos, vergonha, o som das galinhas a cacarejar e umas saudades, recordaram essa viagem à ilha de São Vicente, marcante para todas as mulheres envolvidas. O diálogo fluiu em crioulo cabo-verdiano de São Nicolau e de São Vicente.

At the invitation of the Iniciativa de Outros Bairros, a group of 5 women pavers from Carriçal on the island of São Nicolau traveled to Alto de Bomba in November 2020 to provide on-site training to a group of 10 women from Alto de Bomba on the island of São Vicente. In the context of organizing this book, in April 2022, Nuno Flores met with the 5 women, approaching that place.

Carriçal is located on the eastern edge of the island, 42 km from the city of Ribeira Brava on the island of São Nicolau. The road is a dirt path, narrow, steep, and bumpy. The difficulty and necessity of traversing it have built the will and strength of the group of women to learn paving. They dream of one day paving the 21 km that connect Carriçal to the village of Juncalinho.

Amidst laughter, shyness, the sound of chickens clucking, and some nostalgia, they recalled their trip to the island of São Vicente, which was significant for all the women involved. The conversation flowed in Caboverdean Creole from São Nicolau and from São Vicente.

MARIA DE MONTE Bsot leva nos pa kel formação, foi bom. Ma foi poc pa es po na prática. Foi só dez dia. Mod pa pode ba ta panha ritmo de calça. Inda nos nota cosa, inda mas pior es so cun semana de formação. Ma m ta spera kes ta tem um bom sucess, pa es bata medjora, kes ta tem um futuro na vida.

ETAULINA FARIA No podia da más formação, mas es també es ta pode. Nos no fca galantas, ma no cre pa es fca també medjor na vida.

ARCANGELA FARIA No das formação pa es prende e pas da uso. Pa es ca desisti, ne pa mod bo ta fase calçada bo ta faz um dinher de mundo. So q kel presença, kel pessoa ta oiob la, bo ta senti más motiv p abo sta nakel cansa. Antes de no fase dret, no fase um bocod mariod, ma no ca desisti. Es dse calçada é d'ome, ma no ca desisti. Inton pa es amjder ca desisti, e pas ijda ot, pa formá otes amdjer es ta fca más sab ainda.

MARIA DE PIEDADE BRITO No ba da li pa Soncent ba das kel formação, es fca sab, no també no fca feliz de stod ma es. Assim gente ta oia ma na comunidade, na capacidade de nos amdjer que também nos no tem direito na exerce na o que que no cre exerce. No tem q mostras q no ta pode faze alem, no pode pa alem.

MARIA DE MONTE Vocês levaram-nos para dar aquela formação, foi bom. Mas foi pouco tempo para elas porem em prática, só dez dias para conseguir ritmo a calcetar. Na formação que tivemos notamos, mas para elas foi pior só com esses dias. No entanto, eu espero que elas tenham sucesso, que melhorem e consigam um futuro para a vida.

ETAULINA FARIA Nós podíamos dar mais formação, mas elas também podem. Nós ficámos orgulhosas e queremos que elas melhorem na vida.

ARCANGELA FARIA Nós demos-lhes formação para elas aprenderem e darem uso. Não queremos que desistam, porque se fizerem calçada, fazem um bom dinheiro. A presença no trabalho de calcetar, o facto das pessoas te verem faz com que te sintas mais motivada, mesmo cansada. Antes de se fazer bem, faz-se mal, mas não desistimos. Diz-se que a calçada é dos homens, mas nós não desistimos. Por isso, não é para estas mulheres desistirem, é para ajudarem outras, e formando outras elas ficam mais felizes ainda.

MARIA DE PIEDADE BRITO Nós fomos para São Vicente dar-lhes formação. Elas ficaram felizes e nós ficamos felizes de estar com elas. Vimos que a comunidade, a capacidade das mulheres, que também têm direito de exercer o que quisermos. Nós temos que lhes mostrar que podemos fazer e ir além. Porque tudo na vida, mulher, homem ou criança vêm com as

MARIA DE MONTE You took us there to provide that training, and it was good. But it wasn't enough time for them to put it into practice – only ten days to get into the rhythm of paving. During the training we had, we noticed it, but for them, it was even harder with just those days. However, I hope they succeed, improve, and secure a future for themselves.

ETAULINA FARIA We could offer more training, but they can also do it. We were proud and want them to improve in life.

ARCANGELA FARIA We gave them training so they could learn and put it to use. We don't want them to give up because if they do paving work, they can earn good money. Being present on the job, the fact that people see you, makes you feel more motivated, even when tired. Before you do it well, you do it poorly, but we don't give up. It's said that paving is for men, but we don't give up. So, these women shouldn't give up either; they should help others, and by training others, they'll be even happier.

MARIA DE PIEDADE BRITO We went to São Vicente to train them. They were happy, and we were happy to be with them. We saw that the community, the women's abilities, have the right to do whatever we want. We have to show them that we can do it and go further. Because in life, whether woman, man, or child, we are all born with

Porque tud na vida, amdjer o ome o mnin es ta bem q ses capacidade da la de piknin, sima nos. No ta bem de la de base, piknin, no ta bem ta prende calceta, fase parede, e kalker um tipo de cosa no tem capacidade. No ca pode baixa cabeça, no tem q mostras sempre q amdjer tem q stod la de cima també, ne so ome.

ÂNGELA BRITO Nos no ba das formaçon, ma tem cosa q no ca pude ijdás, pa mod nos no ca prende metro quadrado, e kes cosa la. As vez es ta gosta de rebaixa amdjer mod es ca ta pode faze kelala, ma as vez é ca sim, basta amdjer impinhá, el ta pode faze sim.

NUNO Manera q surgi idea de bsot ser calcetera?

MARIA DE MONTE Tud vez q Camara ta bai pa Carriçal, ta bai so ome. Porqué so ome é q ta trabaia e nos no ta fca na casa? Bem um sra Cecília (kel tempo era de Associação Luta contra Pobreza) el pergunta se el dava gente formação calcetera. “Bsot ta bai?” Nu fala, “no ta bai sim”. Na casa es fala, “ké kes ta bai fasi?” Ma nos no bai e no consequi. Manuel, foi um calceter da li de Carriçal é q formá nos e Presidente de Camara apoia gente, Américo Nascimento.

MARIA DE MONTE Ma é ca mod gentis ta dze bsot ta fase um cosa de dor na cintur, bsot ta é jot?

capacidades de pequenos, tal como nós. E de pequeno nós podemos aprender a calcetar, fazer parede e qualquer outra coisa, nós temos capacidade. Não baixaremos a cabeça e mostramos sempre que, não só os homens, a mulher tem que estar lá em cima também.

ÂNGELA BRITO Nós fomos dar formação, mas houve coisas que não conseguimos ajudá-las, por exemplo, nós não aprendemos o cálculo do metro quadrado e coisas do tipo. Às vezes gostam de rebaixar as mulheres, mas não se pode. E às vezes também não é assim, as mulheres empenham-se e fazem de facto.

NUNO Como surgiu a ideia de serem calceteiras?

MARIA DE MONTE Sempre que a Câmara vai para o Carriçal, os trabalhadores são homens. Porque só os homens é que trabalham e nós ficamos em casa? Veio a Sra Cecília (na época era da Associação da Luta contra a Pobreza) e perguntou-nos se queríamos ir a uma formação de calceteira. “Vocês vão?” “Nós vamos sim”. Em casa diziam, “o que é que elas vão fazer?” Mas nós fomos e nós conseguimos. Manuel foi o calceteiro do Carriçal que nos formou e o Presidente da Câmara que nos apoiou foi Américo Nascimento.

MARIA DE MONTE Não é porque as pessoas dizem que é uma coisa de dores na cintura, vocês estão é sem noção?

abilities, just like us. And from a young age, we can learn to pave, build walls, and do anything else – we have the capability. We won’t bow our heads and will always show that not only men, but women also deserve to be up there.

ÂNGELA BRITO We went to provide training, but there were things we couldn’t help them with, for example, we didn’t learn how to calculate square meters and things like that. Sometimes people like to belittle women, but they shouldn’t. And sometimes it’s not like that – women put in the effort and indeed get things done.

NUNO How did the idea of becoming paving workers come about?

MARIA DE MONTE Whenever the Council goes to Carriçal, the workers are men. Why is it that only men work and we stay at home? Mrs. Cecília came (at the time she was with the Association Against Poverty) and asked us if we wanted to attend paving training. “Are you going?” “Yes, we are.” At home, they said, “What are they going to do?” But we went, and we made it. Manuel was the paving worker from Carriçal who trained us, and the Council President who supported us was Américo Nascimento.

MARIA DE MONTE It’s not because people say it’s something that causes back pain that you’re out of your mind, is it?

MARIA DE PIEDADE

BRITO Bo tem q tem bom moral pa ca desisti.

ÂNGELA BRITO Ya, m ca cre vive nha vida so ta depende d'ome, dent de casa. M tem que spia nha salario, nha dia a dia. E ca si?

MARIA DE PIEDADE

BRITO Tu tens que ter motivação para não desistir.

ÂNGELA BRITO Sim, eu não quero viver a minha vida só a depender do homem, dentro de casa. Tenho de procurar salário, o meu dia-a-dia. Não é assim?

MARIA DE PIEDADE

BRITO You have to be motivated not to give up.

ÂNGELA BRITO Yes, I don't want to live my life just depending on a man, staying at home. I need to seek a wage, my day-to-day. Isn't that right?

NUNO Manera q ta funciona bsot grupo?

ÂNGELA BRITO Ora q tem um traboi, no ta bai d junt, no ta fase parceria ma cumpanher.

MARIA DE MONTE No tem bom dialogo ma cumpanher.

NUNO Como funciona o vosso grupo?

ÂNGELA BRITO Quando há um trabalho, nós vamos juntas, fazemos parceria entre todas.

MARIA DE MONTE Nós temos um bom diálogo entre todas.

NUNO How does your group work?

ÂNGELA BRITO When there's work, we go together; we partner up with everyone.

MARIA DE MONTE We have good communication with each other.



Rua de Alto de Bomba antes de ser pavimentada pelo grupo "Amdjer na Obra", 2020 /Alto de Bomba street prior to being paved by the "Amdjer na Obra" group, 2020.



“Praça Nho Jon” Conversas híbridas online e na praça (youtube outros bairro), Grace Ribeiro, 2020 / “Praça Nho Jon” Hybrid conversations online and in the square (YouTube Outros Bairros), Grace Ribeiro, 2020.

MARIA DE MONTE No tem q ser um grupo, unid e cmod tud mundo tem q concorda nalguns cosa. Ne tud, mas alguns no tem q po de acordo.

MARIA DE MONTE Nós temos de ser um grupo, unido e temos de concordar em algumas coisas. Não todas, mas algumas temos de nos por de acordo.

MARIA DE MONTE We need to be a united group, and we need to agree on some things. Not everything, but some things we need to find common ground on.

NUNO Que dificuldade bsot sentid na grup?

NUNO Que dificuldades vocês sentem no grupo?

NUNO What challenges do you face within the group?

ÂNGELA BRITO Te ainda m ca senti nenhum dificultad na grup.

ÂNGELA BRITO Até agora eu não senti dificuldade no grupo.

ÂNGELA BRITO So far, I haven’t encountered any difficulties in the group.

ÂNGELA BRITO Às vez m pode da um opinião, kel ot ca gosta, pode tem um gzinha d falhança, ma é kel hora, ta passa rapid.

ÂNGELA BRITO Às vezes eu dou uma opinião, outra não gosta, pode haver um bocadinho de constrangimento, mas no momento, passa rápido.

ÂNGELA BRITO Sometimes I give an opinion, and someone else might not like it – there might be a bit of awkwardness, but it passes quickly.

NUNO Bsot tive ot grupo antes de calceter?

NUNO Vocês tiveram outros grupos antes de calceteiras?

NUNO Have you had other groups before becoming paving workers?

MARIA DE MONTE No tava jga bola, no tava faze pastel, bolo p aba vende, otes.

MARIA DE MONTE Jogávamos à bola, fazíamos pastéis, bolos para ir vender e outras coisas.

MARIA DE MONTE We used to play football, make pastries, cakes to sell, and other things.

ARCANGELA FARIA No tinha tambe um dinher juntod e conde grupo o alguém tava meste, tava usa, dpos tava entrega.

NUNO Bsot tive ot tip de traboi?

MARIA DE MONTE No foi servente de calçada, depos é q no vra calceter. Ago no fca ta po nos mesm pedra pa calcetá.

NUNO Que dificuldade bsot ta senti na es traboi?

MARIA DE MONTE Traboi poc, é so cond ta parce. Ma Camara ta po traboi 1 mês, 2 mês, dpos es ta para. Nos no tem q trubai pa arma panela. No ta bsia otes cosa, da no ta saí pa otes zona no ta ba vende pex, q li no ta passa mal.

NUNO O qué bsot senti cond m txma bsot pa bsot ba da kel formação na Soncent?

ÂNGELA BRITO No fca contente! Nunca es tinha convddod pa otes ilha. Foi bom, mod é um experiencia tont pa es com pa nos. Por iss no fca mut gradacid. Bo ta da, ma bo ta prende també ma es, moda kel cosa de metragem, por exemplo.

ÂNGELA BRITO Foi bom, no ca tava saf dali diaze, no faze amiga, conxe gente.

ARCANGELA FARIA Nós tínhamos também um dinheiro junto e quando alguém precisava, usava e depois entregava.

NUNO Vocês tiveram outros tipos de trabalho?

MARIA DE MONTE Nós fomos serventes no trabalho de calcetar, e depois é que nos tornámos calceteiras, ficando nós a por a pedra para calcetar.

NUNO Que dificuldade vocês sentem nesse trabalho?

MARIA DE MONTE O trabalho é pouco, é só quando aparece. A Câmara põe um mês de trabalho, dois meses, depois pára. E nós temos que trabalhar para poder cozinhar. Então procuramos outras coisas, vamos para outras zonas vender peixe, porque aqui passamos mal.

NUNO O que é que vocês sentiram quando eu vos liguei?

ÂNGELA BRITO Nós ficamos contentes! Nunca tínhamos sido convidadas para outras ilhas. Foi bom, porque foi uma experiência tanto para nós como para elas. Por isso ficamos muito agradecidas. Nós damos, mas também aprendemos com elas, como, por exemplo, o cálculo da área.

ÂNGELA BRITO Foi bom, nós saímos daqui há muito tempo, fizemos amigas, conhecemos pessoas.

ARCANGELA FARIA We also had some money pooled together, and when someone needed it, they used it and then paid it back.

NUNO Have you had other types of work?

MARIA DE MONTE We were assistants in the paving work, and then we became paving workers ourselves, laying the stones for the paving.

NUNO What difficulties do you face in this work?

MARIA DE MONTE There's not much work; it only comes up occasionally. The Council gives us one month of work, two months, then it stops. And we need to work to be able to cook. So we look for other things, go to other areas to sell fish, because here we struggle.

NUNO How did you feel when I called you?

ÂNGELA BRITO We were thrilled! We had never been invited to other islands. It was good because it was an experience both for us and for them. So, we're very grateful. We gave, but we also learned from them, like calculating the area, for example.

ÂNGELA BRITO It was good; we've been away from here for a long time, made friends, met people.

MARIA DE PIEDADE

BRITO Bo ca senti moda um frio na barriga? Moda se no ca tava capacitod suficiente pa ba dotes formação.

E SEMPRE NO
TAVA CALCETA,
ES TAVA DZE
GENTE NO TAVA
FAZE LOMBADA,
MA BAXURA,
MA NO CA TAVA
MESTRA. MA
NA VIDA CA
TEM NADA Q BO
TA FAZE ERROD
PA DEPOS
BO FAZE DRETU,
É TUD ASSIM,
PRENDE. E
POR ISSO
É Q NO BAI

MARIA DE PIEDADE

BRITO Nós no exerce calça so li, no ca exercel na mas nenhum lugar. E sempre no tava calceta, es tava dze gente no tava faze lombada, ma baxura, ma no ca tava mestra. Ma na vida ca tem nada q bo ta faze errod pa depos

MARIA DE PIEDADE

BRITO Tu não sentiste um frio na barriga? Tipo como se não tivéssemos capacitadas o suficiente para dar formação a outras.

E SEMPRE
QUE NÓS
CALCETAVAMOS,
DIZIAM-NOS QUE
TRABALHÁVAMOS
MUITO
ABAIXADAS,
MAS NÃO ÉRAMOS
MESTRAS. NO
ENTANTO, NA
VIDA, NÃO HÁ
NADA QUE NÃO
FAÇAS ERRADO
PARA DEPOIS
FAZERES BEM,
É TUDO ASSIM,
APRENDER

MARIA DE PIEDADE

BRITO Nós fazíamos calçada só aqui, não tínhamos exercido em mais nenhum lugar. E sempre que nós calcetavamos, diziam-nos que trabalhávamos muito abaixadas, mas não eramos mestras. No entanto, na vida, não há nada que não faças errado para depois fazeres

MARIA DE PIEDADE

BRITO Didn't you feel a bit nervous? Like we weren't quite capable enough to train others?

AND WHENEVER
WE PAVED,
THEY TOLD US
WE WORKED
TOO BENT OVER,
BUT WE WEREN'T
MASTERS.
HOWEVER, IN
LIFE, THERE'S
NOTHING YOU
DO WRONG
THAT YOU
CAN'T LATER
DO RIGHT -
IT'S ALL
ABOUT
LEARNING

MARIA DE PIEDADE

BRITO We only did paving work here; we hadn't worked anywhere else. And whenever we paved, they told us we worked too bent over, but we weren't masters. However, in life, there's nothing you do wrong that you can't later do right - it's all about



Hora de pausa, [6 mulheres formadoras provenientes da ilha de São Nicolau, ilha de São Vicente], Grace Ribeiro, 2020 / Pause Time, 6 female trainers from the island of São Nicolau, São Vicente Island, Grace Ribeiro, 2020.

bo fazê dretu, é tud assim, prende. E por isso é q no bai. Pa no mostra se no bai, moda q no bai, no prende txeu ma nos alun e nos alun prende ma nos també. Kel sr q tava la tambe tava ijda nos.

NUNO O que bsot senti pa formá 10 amdjer?

ARCANGELA FARIA Es tem mas chance porque la traboi ta roda, li não ta mariod.

ETAULINA FARIA

No sentid más motiv ainda de pega na calçada, com más ritmo.

bem, é tudo assim, aprender. E foi por isso que fomos. Para nós mostrarmos que se nós fomos, tal como fomos, nós aprendemos muito com as nossas alunas e elas connosco também. Aquele senhor que estava também nos ajudou muito.

NUNO O que sentiram de formar 10 mulheres?

ARCANGELA FARIA Elas têm mais hipótese porque há lá muito trabalho, aqui está mau.

ETAULINA FARIA Nós sentimo-nos mais motivadas ainda para pegar na calçada, com mais ritmo.

learning. And that's why we went. To show that if we went, just as we did, we learned a lot from our students, and they learned from us too. That gentleman who was there also helped us a lot.

NUNO What did you feel about training 10 women?

ARCANGELA FARIA They have more opportunities because there's a lot of work there, while here it's tough.

ETAULINA FARIA We felt even more motivated to take up paving, with more momentum.

NUNO O que bsot senti cond bsot txga na Olt de Bomba na kel primer dia?

MARIA DE MONTE Só terra.

ÂNGELA BRITO Bibia por exemplo el foi um amdjer carinhosa, el da gente sumo. E el dze se txa falta qualquer um cosa, pa no ca sentiba med de fala ma el.

ÂNGELA BRITO La nakel rua q no calcetá tava ta parce prop isquisit, ma buces faze um bom traboi la e gora c calçada, es ta la sabim q ses calçada te ta dança. Depos des tempo, já no oias na televisão, kes plant cria, fca prop fresc, bnit.

NUNO O que é que vocês sentiram quando chegaram ao Alto de Bomba no primeiro dia?

MARIA DE MONTE Só terra.

ÂNGELA BRITO A Bibia, por exemplo, foi uma mulher carinho, ofereceu-nos sumo. E disse que se nos faltasse qualquer coisa, para nós não sentirmos medo de falar com ela.

ÂNGELA BRITO Naquela rua que nós estávamos a calcetar estava com aspeto esquisito, mas vocês fizeram um bom trabalho lá e agora com a calçada, as pessoas ficaram felizes até para dançar na calçada. Depois deste tempo já as vimos na televisão, as plantas cresceram, ficou mesmo fresco e bonito.

NUNO What did you feel when you arrived at Alto de Bomba on the first day?

MARIA DE MONTE Just dirt.

ÂNGELA BRITO Bibia, for example, was very kind; she offered us juice. She said that if we needed anything, we shouldn't hesitate to speak to her.

ÂNGELA BRITO The street we were paving looked odd at first, but you all did a great job, and now with the paving, people are happy enough to dance on it. We've even seen them on TV since, the plants have grown, and it looks really fresh and beautiful.

Amdjer na Obra (Mulheres na Obra) [6 mulheres formadoras provenientes da ilha de São Nicolau > 10 mulheres moradoras de Alto de Bomba, ilha de São Vicente], Grace Ribeiro, 2020 / "Amdjer na Obra" training group [6 women instructors from São Nicolau > 10 women, residents in Alto de Bomba, São Vicente], Grace Ribeiro, 2020.



NUNO Conde bsot oia es
imagem li sim, o que bsot
ta senti?

MARIA DE MONTE

M ta guarda kel foto na
casa moda se no ta na Praça
Nova. Amdjer de Carriçal
é poderosa. Amdjer de Cabo
Verde e de mund inter també.
Pa pom bo ta faze tud
amdjer cabeça, nem q bo
é tímida, bo tem que ergui.

NUNO Quando vocês olham
para esta imagem, o que
sentem? 3

MARIA DE MONTE Eu guardo
essa fotografia em casa como
se nós estivéssemos na Praça
Nova. Mulheres do Carriçal
são poderosas. Mulheres de
Cabo Verde e do mundo inteiro
também. Para mudar a cabeça
de todas mulheres, nem que
sejas tímida, tens de te erguer.

NUNO When you look
at this picture, what
do you feel?

MARIA DE MONTE I keep
that photo at home as if we
were in Praça Nova. Women
from Carriçal are powerful.
Women from Cabo Verde
and around the world are too.
To change the mindset of all
women, even if you're shy,
you have to stand tall.

M TA GUARDA
KEL FOTO
NA CASA MODA
SE NO TA NA
PRAÇA NOVA.
AMDJER DE
CARRIÇAL
É PODEROSA.
AMDJER DE
CABO VERDE
E DE MUND
INTER TAMBÉ.
PA POM
BO TA FAZE
TUD AMDJER
CABEÇA,
NEM Q BO
É TÍMIDA,
BO TEM QUE
ERGUI

EU GUARDO ESSA
FOTOGRAFIA
EM CASA
COMO SE NÓS
ESTIVÉSSEMOS
NA PRAÇA NOVA.
MULHERES DO
CARRIÇAL SÃO
PODEROSAS.
MULHERES DE
CABO VERDE
E DO MUNDO
INTEIRO
TAMBÉM. PARA
MUDAR A CABEÇA
DE TODAS
MULHERES,
NEM QUE SEJAS
TÍMIDA, TENS
DE TE ERGUER

I KEEP THAT
PHOTO AT HOME
AS IF WE WERE
IN PRAÇA
NOVA. WOMEN
FROM CARRIÇAL
ARE POWERFUL.
WOMEN FROM
CABO VERDE
AND AROUND
THE WORLD
ARE TOO. TO
CHANGE THE
MINDSET OF
ALL WOMEN,
EVEN IF
YOU'RE SHY,
YOU HAVE TO
STAND TALL



“Praça Nho Jon” Conversas híbridas online e na praça (youtube outros bairros), Grace Ribeiro 2020.

NUNO Kel dia q um de bsot q tava ta fala online (Praça Nho Jon – Conversas Internacionais). E cond bsot oia tont gente na praça ta uvil?

ARCANGELA FARIA
Prop orgulh, felicidade e mas que kel dia la no ca tava nem pode explica porque ca tinha palavra kera tao feliz q no tava. Sabe d mundo.

ÂNGELA BRITO Kel ultim dia foi mas importante! Tud nos colega, um convivência prop sab. Kel senti prop querid na vida!

NUNO Aquele dia que vocês falaram online (Praça Nho Jon - Conversas Internacionais). E quando vocês viram que tinha tanta gente na praça a ouvir?

ARCANGELA FARIA Um orgulho imenso, felicidade e mais ainda que nesse dia nós nem conseguíamos explicar porque não tínhamos palavras de tão felizes que estávamos. Muito felizes.

ÂNGELA BRITO O último dia foi o mais importante! Todas as nossas colegas e uma convivência mesmo boa. Esse dia eu senti-me mesmo querida na vida.

NUNO On that day when you spoke online (Praça Nho Jon - International Conversations). And when you saw that so many people were in the square listening?

ARCANGELA FARIA
Immense pride, happiness, and even more so because that day we couldn't even explain ourselves; we were so happy we had no words. Very happy.

ÂNGELA BRITO The last day was the most important! All our colleagues and the really good atmosphere. That day, I felt truly cherished in life.

NUNO La na formação q dificuldade bsot tive?

NUNO Que dificuldades vocês tiveram la na formação?

NUNO What difficulties did you face during the training?



“Praça Nho Jon” Hybrid conversations online and in the square (YouTube Outros Bairro), Grace Ribeiro, 2020.

ÂNGELA BRITO Pa fala verdade, kel dia primer, kes dez amdjer, m ta fala você, m senti med, m larga ta ri, ma dent m pensa, jas txma gente pa no das formação, m totxa no ta capacidad. Dpos ca tive ma nenhum sust.

ARCANGELA FARIA
Es tava prende rapid,
es tem motiv pa
trubaia.

MARIA DE MONTE No ca tive nenhum dificuldade ma es, es foi mut abert. Es é uns amjder mut abert.

MARIA DE PIEDADE BRITO Es tem emoção de calcetera. Es tava po calçada prop bnit.

ÂNGELA BRITO Para falar a verdade, no primeiro dia com aquelas dez mulheres, eu digo-lhe senti medo, ri, mas dentro de mim pensei, já nos chamara para nós lhes darmos formação, então nós somos capacitadas. Depois não tive mais sustos.

ARCANGELA FARIA
As mulheres aprenderam rápido e estavam motivadas para trabalhar.

MARIA DE MONTE
Não tivemos nenhuma dificuldade, as mulheres foram muito abertas. São mulheres muito abertas.

MARIA DE PIEDADE BRITO Elas têm emoção de calceteira. Punham calçada mesmo bonita.

ÂNGELA BRITO To be honest, on the first day with those ten women, I admit I felt afraid; I laughed, but inside I thought, they’ve asked us to train them, so we must be capable. After that, I wasn’t nervous anymore.

ARCANGELA FARIA
The women learned quickly and were motivated to work.

MARIA DE MONTE We didn’t have any difficulties; the women were very open. They are very open women.

MARIA DE PIEDADE BRITO They had the passion of paving workers. They laid the paving really beautifully.

ES TEM
EMOÇÃO DE
CALCETERA.
ES TAVA
PO CALÇADA
PROP
BNIT

NUNO O que es formação
traze bsot?

MARIA DE MONTE M senti
ote pessoa, m ca tinha nem
ideia de ba algum dia pa
soncente! Da gente energia!

NUNO Manera q bsot oia
percurso de kes amdjer?

MARIA DE MONTE Es
tma formação, es tive
oportunidade de traboi, nós
no tma formação, ma li no
ca tem traboi.

ÂNGELA BRITO Es traboi
ne pa qualquer um, pa mod
el é cansod, el ta mexeb na
cadera, na zoel, por isso é q
ca tud gente é crel, bo tem q
lomba.

ARCANGELA FARIA M ta
orgulhosa q tma formação,
m ta exerce calcada, ma m
ta exerce ta vende pex. Ma
ta orgulhosa de kes amdjer
de soncent, porque se no
das formação e es ta tud
na trabodje isso quer dizer
quês ta prop ta continua ses
ritmo, es ca ta para.

ELAS
TÊM EMOÇÃO
DE CALCETEIRA.
PUNHAM
CALÇADA
MESMO
BONITA

NUNO O que é que
a formação vos trouxe?

MARIA DE MONTE Eu senti-
-me outra pessoa, não tinha
ideia de algum dia ir a São
Vicente! Deu-nos energia!

NUNO Como vocês vêm o
percurso daquelas mulheres?

MARIA DE MONTE Tiveram
a sua formação, oportunidade
de trabalho, mas nós tivemos
formação, mas já não temos
trabalho aqui.

ÂNGELA BRITO Este
trabalho não é para qualquer
pessoa, porque é cansativo,
mexe com a lombar, joelho,
por isso é que nem toda a
gente o quer, é preciso vergar.

ARCANGELA FARIA Eu
estou orgulhosa que eu tive
formação e exerço ainda, mas
também a vender peixe. Mas
estou orgulhosa das mulheres
de São Vicente, porque nós
lhes demos formação e elas
estão a trabalhar, isso quer
dizer que elas continuaram
com o seu ritmo, não pararam.

THEY HAD
THE PASSION
OF PAVING
WORKERS. THEY
LAID THE
PAVING REALLY
BEAUTIFULLY

NUNO What did the training
bring you?

MARIA DE MONTE I felt like
a different person; I never
imagined I would ever go to
São Vicente! It gave us energy!

NUNO How do you see the
journey of those women?

MARIA DE MONTE They
had their training, job
opportunities, but we had
training and now no longer
have work here.

ÂNGELA BRITO This work
isn't for just anyone, because
it's tiring, it affects your back
and knees, that's why not
everyone wants to do it—it
requires bending.

ARCANGELA FARIA I'm
proud that I got the training
and I'm still working,
but also selling fish. But
I'm proud of the women
of São Vicente, because we
trained them, and they're
working, which means they
kept up their momentum,
they didn't stop.



Realização da primeira Linha Mestra durante a formação de calcetamento, Grace Ribeiro, 2020 / Completion of the first Guideline during the paving training programme, Grace Ribeiro, 2020.

Educação Artística em Alto de Bomba, Cabo Verde: uma aprendizagem com as mulheres e escuta do devir da própria zona

ARTISTIC EDUCATION IN ALTO DE BOMBA, CABO VERDE:
A LEARNING EXPERIENCE WITH WOMEN AND LISTENING
TO THE VERY AREA'S BECOMING

RITA RAINHO

“Nada do que fazemos o fazemos sozinhos. (...) Não pensamos, sonhamos, inventamos ou procriamos sozinhos. Não morremos sozinhos.”

Forbes, 1998:192

Formalmente o meu envolvimento na Iniciativa Outros Bairros – IOB começa com a consultoria em Educação Artística. É comum em projetos em espaço público existir a expectativa de se expor, de deixar marcas visuais da passagem de um projeto pela zona. No entanto, o que procuro explicar neste testemunho é que através de uma relação sincera de continuidade, conhecimento e cumplicidade, é possível escutar os desejos do devir da população de uma zona estigmatizada, marginalizada e surpreender-nos com o que a partir dela surge de singular e de sentido artístico.

ARTE DE FAZER SENTIR, ARTE IMPLICADA NA VIDA DAS PESSOAS

As artes é frequente que seja remetido o papel de embelezar, de limpar a imagem, de caracterizar um rosto urbano que seja atraente e brilhante. Mindelo, como muitas cidades do país, tem recebido várias intervenções artísticas em espaço público, muitas vezes em fachadas cegas, ou paredes menos vistosas que recebem um mural, ou mesmo aldeias completas cuja pobreza é mascarada em banho colorido.

Quem concebe, a pessoa artista que trabalha sozinho ou em co-autoria, a pessoa artista que é da zona, conhece, relaciona-se, quem representa, a obra tem um desenho participativo, o assunto da obra diz respeito à vontade da população, a população foi consultada? Qual a potência e simbolismo da obra? Quem pagou, quem foi pago, quem pagou a tinta, quem pintou, quem financiou, como sobrevive a obra, quem a irá restaurar? São algumas das perguntas que fizemos na equipa, procurando entender o que tem acontecido noutros lugares e o que fazia sentido para IOB. Ser artista convidado(a),

visitar a zona, e no mês seguinte fazer uma intervenção mural na zona de Alto de Bomba era algo que não correspondia ao princípio de cumplicidade e continuidade a que IOB se tinha



Grupo calceteiras “Amdjer na Obra” no seminário “Somá na Ponta”, Nuno Flores, 2021.

proposto na relação consolidada com a população. Assim, a arte ficava suspensa, privilegiando-se o artístico e a sua relação com a dimensão educativa e comunitária e o que dela viesse a surgir.

A arte tem sido um dos grandes instrumentos colonizadores da sociedade de que fazemos parte. A própria imagem, num sentido mais lato da cultura visual, tem sido usada ao serviço de grandes ideais de globalização, capitalização, patriarcado e de supremacia ocidental racializada e elitizada. A desobediência a essa filiação, resistindo à instrumentalização da arte, é uma via para a implicação na vida das pessoas, seus problemas, não no isolamento e criação de autoria endeusada e de ajuda aos outros. Por oposição, a cultura popular é um ato de resistência ancestral, democrática, e potencialmente dissonante das representações de alta cultura, da arte ou outras expressões de elite.

Hoje as manifestações artísticas comprometidas com o político, têm assumido uma postura a que os historiadores chamam de arte contextual e arte relacional, com



“Amdjer na Obra” group of female pavers at the “Somá na Ponta” seminar, Nuno Flores, 2021.



Avaliações no seminário “Somá na Ponta”, Rita Rainho, 2021.
Reviews at the “Somá na Ponta” seminar, Rita Rainho, 2021.

“Nothing we do we do it alone. (...) We do not think, dream, invent or procreate alone. We do not die alone.”¹

Forbes, 1998: 192

Formally, my involvement with the IOB² begins with counselling in Artistic Education. The expectation of exhibiting, of leaving visual marks in a project's intervention across its area, is common in public space projects. Nevertheless, what I seek to explain in this statement is that through a sincere relationship of continuity, knowledge and closeness, it is possible to listen to the wishes of a population-to-come from a stigmatised, marginalised area, and surprise ourselves with what stems from them, singular and of artistic sense.

ART OF MAKING SENSING, IMPLICATED ART IN PEOPLE'S LIVES

The arts are frequently endowed with the role to embellish, to clean the image, to depict an urban countenance that is attractive and shiny. Mindelo, as many cities in the country, has received several artistic interventions in the public space, often over blind façades, or less enticing walls, that get murals, or even in throughout whole villages whose poverty is masked by a colourful bath.

Who conceives, does the artist work alone or in co-authorship, is the artist local, does / he know, relates with, who s/he represents, does the work have a participative design, does the motif concern the population's will, was the population consulted? What is the work's potential and symbolism? Who paid, who was paid, who paid for the paint, who painted, who funded, how does the work survive, who will restore it? These are a few of the questions made in the team, aiming at understanding what has been happening elsewhere and what made sense to the IOB. Being a guest artist, visiting the area and, on the next month, performing a mural intervention

raízes e influências distintas. A estes posicionamentos como o da arte e vida, no sentido de a arte se tornar cúmplice nos problemas da vida das pessoas. É aquela que perseguimos, sem a pressão de responder ao mercado, sem a expectativa de criar artistas na zona, sem a pretensão de criar ilusões nas crianças ou as destacar com dons e dotes de outras. Estarmos juntos, fazermos juntos pode ser em si um momento de fruição do sentir, do afeto e de nos afetarmos uns aos outros, na luta contra as hegemonias do poder dominante, criando espaços de relacionamento democrático, plural, e sobretudo sincero de aprendizagem mútua e implicação no dia a dia da zona.

ESCUTAR E ESCUTAR-SE

Nos vários momentos de debate da IOB na praça Nho Jon, online, no Centro Cultural do Mindelo, foi frequente pessoas de fora perguntarem: mas como se faz? Qual é a vossa metodologia em Alto de Bomba? Como explicam Outros Bairros? Miriam, moradora de Alto de Bomba e hoje calceteira, responde no primeiro vídeo realizado: “Não tem explicação... É só vendo, só sentindo..”. Não tenho por isso metodologias estruturadas para partilhar, mas sim, princípios éticos de atuação e experimentação conjunta, um entendimento e um posicionamento sobre o modo de pensar e agir em projetos de intervenção pública.

Quando se pretende pensar e agir a partir do modo de vida das populações locais, significa, como já referi, escutá-las na lentidão necessária ao conhecimento, à confiança e à cumplicidade. Escutar implica tornarmo-nos uma membrana timpânica, recebendo e amplificando impulsos sonoros. Essa captação, transmissão de vibrações, transformação em impulsos nervosos para chegar ao cérebro e ser interpretado como sensação auditiva, é o processo físico anatómico que poderia representar a complexidade do escutar que aqui se sugere. É interessante notar que a amplificação das vozes, vontades e sonhos comunitários, como se de ondas sonoras se tratasse, exige cuidado. Não só o cuidado no sentido da atenção às fragilidades das relações de poder com a alteridade, como cuidado com as pessoas e seus sentidos mais profundos.



“Praça Nho Jon” Conversas híbridas online e na praça
(Youtube Outros Bairros), Grace Ribeiro, 2020.

Nas ações é necessário considerar o tempo, o ritmo, e sobretudo a lentidão. Pode parecer um tempo de passividade ou sem fazer nada, sobretudo se olharmos com a lente das amarras da produtividade, da competitividade e do sucesso, mas é um tempo em que se está presente, sem pressa, até que o espaço e o tempo de ‘ser e estar’ na zona são um só e não mais nos estranham ou nos estranhamos no lugar. Escutar é também esvaziarmo-nos dos nossos preconceitos, das nossas soluções, da nossa vontade de ajudar e de transformação da realidade da zona auto-construída na nossa mundividência.

Conhecemos as práticas mais frequentes em projetos sociais, comunitários e até mesmo as orientações de financiadores nas diretrizes para socialização dos projetos e envolvimento de associações locais, líderes, grupos informais, etc. Mas o que se faz com esses momentos? Uma socialização do pré-definido? Quem definiu? A quantas reuniões de linguagem técnica, ocultação e demagogia assistimos? Quantas vezes se assumiu o silêncio da população



“Praça Nho Jon” Hybrid conversations online and in the square
(YouTube Outros Bairros), Grace Ribeiro, 2020.

in Alto de Bomba was something that did not match the premises of closeness or continuity that the IOB proposed for the consolidated relationship with the population. As such, art became suspended, privileging the artistic and its relation to the community and educational scopes, and what would come from it.

Art has been one of society's greatest colonising instruments, which we are part of. Image itself, in visual culture's broader sense, has been at the disposal of great ideals of globalisation, capitalisation, patriarchy and Western supremacy, racialised and elitist. Disobeying such affiliation, resisting art's instrumentalising, is a way towards the implication in people's lives, their problems, not in the isolating and creating of a godlike authorship and compassion before others. In contrast, popular culture is an act of ancestral resistance, democratic, and potentially dissonant from the figures of high culture, art, or other expressions from the elite.

Currently, politically engaged artistic manifestations have assumed a posture labeled by historians as

contextual art and relational art, with distinct roots and influences. To these standpoints I add that of art and life, as it becomes deeply entangled to the issues in people's lives. That is the one we seek, without the pressure of answering to the market, without the expectation of creating artists in the area, without the pretension of creating illusions in children or of making them stand out through gifts and talents of others. Being together, making together can be in itself a moment of joy in feeling, affection, and of affecting each other, in the struggle against dominant power's hegemonies, in the creating spaces of relationships which are democratic, plural, and, most of all, sincere, of mutual learning and implication to the area's daily life.

LISTENING AND LISTENING TO ONESELF

During the several moments of IOB debates in Nho Djon square, online, in Mindelo's Cultural Centre, people external to the project would often ask: but how is it done? What is your methodology in Alto de Bomba? How do you explain Outros Bairros? Miriam, a resident in Alto de Bomba and nowadays a paver, answers it in the first made video: “There is no explanation... Only by witnessing it, only by feeling it...”. Thus, I have no structured methodologies to share, but rather ethical premises for joint acting and experimenting, an understanding and a standpoint on the way to think and act in public intervention projects.

Committing oneself to thinking and acting from the local populations' way of life means, as I have already mentioned, to listen to them in the slowness necessary to knowledge, trust and intimacy. Listening implies becoming a tympanic membrane, receiving and amplifying sonic impulses. Such capture, transmission of vibrations, transformation into nervous impulses to get to the brain being interpreted as hearing sensation, is the physical anatomical process that could represent the here suggested complexity of listening. It is interesting to note that the amplifying of voices, wills and communal dreams, as if they were sonic waves, demands care. Not only care in the sense of being considerate to the fragilities in power relations with alterity, but also towards people and their deepest senses.

In actions, it is necessary to consider time, rhythm and, especially, slowness.

numa primeira reunião como um sinal de concórdia?

No caso, a questão que atravessa a IOB tem que ver não com obrigações externas à equipa e à população, mas sim a um princípio de atuação que diz respeito a uma cumplicidade com a população devido à situação de marginalização, falta de oportunidades e tantos outros problemas de condições essenciais de vida provocados pelos vários sistemas de poder hegemónico, o classismo, os constrangimentos e determinações urbanas de segregação, o sexismo, a supremacia racial etc.

Esse comprometimento traz então a percepção de que a socialização, os momentos com a população não serve para legitimar a nossa especialidade, o nosso modo de ver as coisas e de as resolver, e em suma, a nossa cosmovisão simbólica dos usos/funções do espaço público em Alto de Bomba. Enquanto intervenientes estaremos sempre numa posição de poder em relação à população. Ter consciência dela parece-me essencial para uma escuta que não vem legitimar um trabalho prévio, de escritório e de pessoas, técnicos com vivências de áreas de privilégio da cidade. Vem antes trazer um compromisso consigo e com o outro, promovendo debates e trocas de saberes, culturas e modos de vida, o que trará a potencialidade de uma reabilitação/intervenção urbana cujo nível de pertença e sentido para a população é elevado, as tecnologias e os benefícios distribuídos e a sustentabilidade adequada.

O SENTIDO DO IMPREVISÍVEL - CALÇADA, SONS E SEMENTES EM GESTAÇÃO

Por tudo isso, as dinâmicas sociais, ambientais e artísticas que surgem em Alto de Bomba durante a IOB não foram pré-definidas pelas equipas no momento de conceção da Iniciativa, ou mesmo durante os períodos de escritório. O escritório existe, mas está na própria zona de intervenção, e o número de reuniões, debates e atividades, quer as programadas, quer as que surgiram espontaneamente, criaram uma conversa diária e um mapa de referências local (quer pela memória e experiência das pessoas mais velhas, quer pelos sonhos das mais novas) e internacional por todas as

pessoas colaboradoras que se envolveram com as partilhas na praça e online. Essa conversa com a população e com pessoas que apoiaram a iniciativa precisa sempre de suporte institucional, precisa de pessoas que lhe dêem corpo e de políticos e gestores deste Ministério – MIOTh permeáveis a projetos que não são meramente de obra, urbanismo e arquitetura. Há pessoas e o trabalho mais importante é com elas e a partir delas que pode surgir.

Vários são os exemplos do que nasceu da conversa, da reflexão conjunta. A residência artística do *hip-hop* Kubaka, coordenada por Redy Wilson Lima, com apoio técnico de Dj Letra e Revan Almeida. Maioritariamente produzida na praça Nho Jon, integrou um trabalho de auto-conhecimento, conhecimento e reconhecimento das pessoas mais velhas e sua resistência em Alto de Bomba o que, associado à herança do *hip-hop* engajado deu bases a uma escrita criativa individual e coletiva com impacto local, mas também em intercâmbios com os grupos da Praia e rede internacional.

O grupo *Desinrascá*, com o vídeo, mapeou um conjunto de saberes e mestres locais ligados à música, à gastronomia, oficinas e outros. Jovens da comunidade aprenderam com a tecnologia do vídeo o reconhecimento e a partilha comunitária de pilares sociais e humanos presentes na própria zona.

Nas casas mais antigas da zona, a história começa sempre com uma árvore que o dono ou a dona da casa plantou para ter uma sombra e melhor resistir à exposição solar. E, quando se discutiu o espaço público e o seu desenho em Alto de Bomba surgiu sempre a vontade dos espaços verdes. A proposta e a implementação na primeira área surge da discussão em torno das hortas urbanas. Uma parte da população tinha medo de ser um esforço em vão, devido à falta de água na zona (muitas casas não têm canalização nem a água e a carregam em *bidons*), mas também por causa das crianças, das desavenças de vizinhos na gestão dos cuidados das plantas e do que estas dessem, dos cães, etc. Mesmo assim, foram organizadas várias sessões com a participação da população para a primeira 'horta'. As crianças foram envolvidas e os

It may seem as a time of passivity or of doing nothing, especially if we regard it through the grappling lenses of productivity, competitiveness and success, but it is a time where one is present, without rushing, until the space and time of 'being' in the area are one and we are no more deemed foreign, nor do we feel foreign to the place.

Listening is also to free ourselves from our prejudices, from our solutions, from our will to help and transform the self-built area within our worldview.

We know the most usual practices in social, communal projects, and even funders' guidelines for the projects' socialisation and involvement of local associations, leaders, informal groups, etc. But what to do with those moments? A socialisation of the predefined? Who defined? How many meetings on technical language, concealing and demagogy have we witnessed? How many times have we assumed the population's silence in a first meeting as a sign of concord?

Here, the issue that traverses the IOB does not have to do with external obligations towards the team and the population, but with an action principle that concerns an intimacy with the population, due to the state of marginalisation, lack of opportunities, and so many other problems in essential living conditions caused by the various systems of hegemonic power, classism, segregational urban constraints and determinations, sexism, racial supremacy, etc.

Such commitment thus brings the perception that socialisation, the moments with the population, is not for legitimising our expertise, or way of seeing or solving things, and, in sum, our worldview of uses/functions and symbolism of Alto de Bomba's public space. As intervenients, we will always be in a position of power before the population. Being aware of it, seems to me essential for a listening that does not come so as to legitimise a previous work, of office and people, technicians with life experiences in the city's privileged areas. It rather comes

bearing a commitment towards itself and the other, promoting debates and exchanging of knowledges and ways of life, which will bring the potentiality of an urban rehabilitation/intervention whose level of belonging and meaning for the population is high, where technologies and benefits are distributed, and sustainability is adequate.

THE SENSE OF THE UNPREDICTABLE – PAVEMENT, SOUNDS AND SEEDS IN GESTATION

For all of this, the social, environmental and artistic dynamics that appeared in Alto de Bomba during the IOB were not predefined by the teams upon the Initiative's conception, not even during the office periods. The office exists, but it is located in the very site, and the number of meetings, debates and activities, programmed or spontaneous, have created a daily conversation and a map of international and local references (be it by the elderly's memory and experience, or the youth's dreams) by all the collaborators who were involved in the sharing, at the square or online. Such conversation with the population, and with people who support the initiative, always requires institutional support, it needs people that can give it a body, and politicians and managers within the MIOTH³ permeable to projects beyond mere construction, urbanism and architecture. There are people, and the most important work is with them and it is from them that it can emerge.

There are various examples of what was born out of the joint conversation and reflection; the Kubaka hip-hop artistic residency, coordinated by Redy Wilson Lima, with the technical support of DJ Letra and Revan Almeida. Mostly made at Nho Djon's square, it included a work of self-awareness, knowledge and recognition of the elderly and their resistance in Alto de Bomba, which in relation to engaged hip-hop provided bases for an individual creative writing, collective in its local impact, but also in the exchanges with Praia's and international groups.

The group *Dsinrascá*⁴ was able to map, through video, a set of knowledges and local

T.N.: Ministry of Infrastructures, Territorial Planning and Housing, *Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde.*

3

T.N.: Caboverdean Creole, from Portuguese *desenrascar*, used to refer to actions when available resources are limited, but are enough for the desired outcome's practical aspects, sometimes exceeding expectations. It can be used for processes but also people, in the sense that one has made the best out of a situation, despite contingencies. A literal translation may aid to better grasp the possible usage: to *unentangle*.

4



Dia de trabalho na horta comunitária, Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021 / Day work in the community farm, Alto de Bomba Grace Ribeiro, 2021.

mais velhos também. Estes, vindos de Santo Antão e saudosos da sua experiência lá foram reconhecidos, assim como a diversidade dos saberes em torno dos modos de cuidar da terra. As espécies foram determinadas pela dádiva, pois as mudas de plantas, as sementes e as estacas a cada sessão chegavam trazidas pela vizinhança. Os cuidados da horta não foram simples, mas chegou a haver abóbora, o pé de manjerição é frondoso e cheiroso, e vários pés de outras espécies estão consolidados. Nos espaços verdes seguintes, a própria população foi mais autónoma, optou por espécies de ornamentação e tem cuidado orgulhosa do que está ali a crescer.

A luta no interior da própria gestão de procedimentos públicos da IOB para garantir empreiteiros locais e trabalhadores da zona nas obras da IOB foi apenas o começo da consciência e de outra frente da luta. Ao fim de um ano, mulheres de Alto de Bomba dirigiram-se à equipa no escritório dizendo que queriam também trabalho. Porque não-de ser só os homens a

ter trabalho na obra? A minha, nossa sensibilidade às questões de género, logo nos colocou em sobressalto, pensando em soluções perante o desejo, a necessidade e a determinação de tal grupo da população.

Estávamos atentos às oportunidades que urgiam em cada mulher, mas era preciso saber o quê na sua coletividade. Quantas vezes provocamos uma conversa, perguntamos o que gostariam para o futuro da zona? Eis que uma das respostas vem espontânea e não de um momento premeditado. Com essa vontade mobilizamos um grupo de mulheres calceteiras da ilha de São Nicolau que vieram capacitar um grupo de mulheres de Alto de Bomba. Daí este último grupo capacitou outro grupo de mulheres da zona. Trabalharam numa obra de calcetamento na Baía das Gatas, e na própria obra da IOB. Foi fácil? Não foi...

“Tornou-se premente trazer a debate o atual papel das mulheres na organização comunitária das áreas de auto-construção das cidades cabo-verdianas, com particular enfoque na qualidade urbana do espaço público. *Amdjers na obra, amdjer d'obra e amdjer-obra. Amdjer* (mulher em português)

masters involved with music, gastronomy, workshops and others. Young people from the community were able to learn, through video technology, the recognising and communal sharing of social and human pillars present in the very area.

In the area's oldest houses, history always begins with a tree planted by the owner so as to have shading and better resistance to solar exposure. And, when the public space and its design were discussed, there was always a desire for green spaces. The first area's proposal and implementation emerges from the discussions on urban vegetable gardens. Part of the population was afraid it could be in vain, not only due to the area's lack of water (many of the houses do not have plumbing and the water is carried in drums), but also because of the children, the quarrels with neighbours regarding the treating of the plants and what would they bear, the dogs, etc. Still, several sessions were organised with the population's participation for the first vegetable garden. Children were involved in it, as well as the elderly, coming from Santo Antão and somewhat longing for their past experience there, who found themselves acknowledged, just as their diverse knowledge around the ways of caring for the land. Species were determined through gifting, as seedlings, seeds and stakes were brought by the neighbours themselves. Caring for the vegetable garden was not simple, but there were pumpkins, the basil is lush and redolent, and several other kinds of stems are consolidated. In the following green spaces, the population was more autonomous, chose ornamental species and has been proudly caring for what is there growing.

The struggle within the very managing of the IOB's public procedures for securing local contractors and workers for the area's intervention was just the start of the awareness towards yet another battle. At the end of a year, the Alto de Bomba women went

to the office team saying they also wanted a job. Why would only the men have a job in the site? My, our, sensitivity towards gender issues immediately startled us, thinking of solutions before such group's desire, necessity and determination.

We were vigilant of the opportunities that urged in each woman, but it was necessary to know the what, in its collectivity. How many times have we provoked a conversation, have we asked what would they like for the area's future? Then comes a spontaneous answer, not from a premeditated moment. Following that will, we mobilised a group of women pavers from São Nicolau who came to enable those from Alto de Bomba. From there, such group enabled another group of women from the area. They worked in paving at Baía das Gatas and in the very IOB. Was it easy? No, it was not...

"It became urgent to bring to discussion the current role of women in the communal organisation of Caboverdean cities' self-built areas, with special focus on public space's urban quality. *Amdjers na obra, amdjer d'obra and amdjer-obra. Amdje* (woman) not as an object, but as a subject who, in an emerging collective and by working on the public space's construction, cares for her intimate place of revolution. The space that is being claimed by women makes visible that everyone's problems can be tackled with their presence, in the public resolution of matters we never can resolve."⁵

It is hard to measure in statistics, census, milestones or results, what these women feel and in what way has this labour transformed them, in their individual subjectivity and also in their collective horizon. Stone by stone, in the poetry of paving every street that connects houses and people in Alto de Bomba, *Pedra calçetod, é txon calçod*⁶ is the poetic force that inaugurates the video on the women pavers in the IOB. But what is the group's future?

T.N.: Translated from the original text's quote: *Tornou-se premente trazer a debate o atual papel das mulheres na organização comunitária das áreas de auto-construção das cidades cabo-verdianas, com particular enfoque na qualidade urbana do espaço público. Amdjers na obra, amdjer d'obra e amdjer-obra.*

Amdjer (mulher em português) não como objeto, mas sujeito que, em coletivo que se ergue, e no trabalho de construção do espaço público, cuida do seu lugar íntimo de revolução. O espaço que está a ser conquistado pelas mulheres, torna mais visível que os problemas de todas as pessoas podem ser enfrentados com a presença destas, na resolução pública dos problemas que nunca conseguimos resolver.

5

T.N.: Caboverdean Creole, meaning "A stone paved is a worn pavement". It is noteworthy to mention that the words for paving the ground and putting on a shoe are synonymous in Caboverdean Creole and in Portuguese; respectively, *calçetar* and *calçar*. In this regard, the evocative side of the sentence is clearer, as it alluded to the fact that paving the ground is also to counter walking barefooted.

6

não como objeto, mas sujeito que, em coletivo se ergue, e no trabalho de construção do espaço público, cuida do seu lugar íntimo de revolução. O espaço que está a ser conquistado pelas mulheres, torna mais visível que os problemas de todas as pessoas podem ser enfrentados com a presença destas, na resolução pública dos problemas que nunca conseguimos resolver.”

É difícil medir em estatísticas, censos, metas e resultados, o que sentem estas mulheres e de que maneira este trabalho as transformou, na sua subjetividade individual, mas também no seu horizonte coletivo. Pedra a pedra, na poesia de *calçar* todas as ruas que ligam casas e pessoas na zona de Alto de Bomba, *Pedra calçetod, é txon calçod* [pedra calcetada, é chão calçado] é a força poética que abre o vídeo sobre as mulheres calceteiras na IOB.

Mas qual o futuro do grupo?

Um parêntesis importante é que a obra está interrompida devido às dinâmicas de reestruturação orçamental de governo e tem gerado ondas de stress coletivo na população. É importante também reconhecer que processos como a IOB devem ser continuados, e não pontuais como acontece frequentemente com projetos externos de injeção e abandono.

Fechado parêntesis, na nossa mente tende a surgir um plano para criar condições para que se mantenham e fortaleçam na calcetaria, progredindo, especializando-se e oficializando o grupo em calcetaria. Mas é mentira, e foram as inúmeras conversas, a escuta demorada quem nos demonstrou uma vez mais que a nossa visão, o nosso ideal de vida é plural e aquilo que podemos pensar que é bom para resolver situações delicadas de outros, pode ser uma barreira para resolver o próprio problema. No caso, apenas para ampliar a compreensão da necessidade da escuta, o grupo das mulheres pretende conseguir mais capacitações, nomeadamente na área de eletricidade, saneamento, para poderem terminar as suas casas, e para poderem ser contratadas quando faltar o trabalho na calcetaria na IOB ou noutros.

Nenhuma das possibilidades está certa ou errada, são perspetivas e estratégias diferentes sobre o mesmo problema, a sobrevivência de mulheres chefes de família e seu agregado em Alto de



Bomba. Qual seguir? Não tenho dúvidas que o desejo da própria população deve servir de bússola para o presente.

Por estes exemplos se percebe que a educação artística não estava assim prevista, e surge da relação com a população. Não nos moldes em que se faz no estrangeiro, que se ensina na academia, o que se ouve e vê nos *media*, não para que o turista ache bonito e colorido, mas para responder aos designios e desejos coletivos da população de Alto de Bomba.

Por fim, e referindo-me a aspetos mais macro, devo reconhecer que admiro o fato do Governo promover e financiar uma iniciativa como a IOB, considerando a sua vanguarda no entendimento do espaço público, a sua reabilitação e o comprometimento com o trabalho a partir do modo de vida das populações, como, aliás tem sido reconhecido por vários pensadores e atores nacionais e internacionais. Os resultados que estão presentes vêem-se nos caminhos, no verde, mas sobretudo no andar das pessoas, agora com a autoestima e a esperança que se gerou na zona.

Por isso, não admito uma interrupção. Recuso-me a aceitar que não serão garantidos os acessos previstos, o saneamento e a água às casas na parte mais alta e nos lugares mais difíceis em Alto de Bomba, recuso-me a aceitar que toda a intervenção prevista para Covada de Bruxa e Fernando Pó não será executada. RR, 2021.



Conversa sobre a construção de um curriculum no seminário "Somá na Ponta", Nuno Flores, 2021.

Conversation about construction of a curriculum in the seminar "Somá na Ponta", Nuno Flores, 2021.

An important parenthesis is the work has been interrupted due to the dynamics of the government's budget restructuring, and this has triggered collective stress waves among the population. It is also worth acknowledging that processes as the IOB must be continued and not punctual, as it frequently happens with external projects of injection and abandonment.

Closing the parenthesis, it tends to emerge, in our mind, a plan to create conditions for the women to empower and keep themselves in paving, progressing, gaining expertise and officialising the group within such practice. But it is a lie, and it was the countless conversations, the lengthy listening of those who demonstrated to ourselves that our vision, or way of life is plural and what we can deem as beneficial to solve others' delicate situations, might be a barrier to solve the problem itself. As an example to further extend the understanding of the need for listening, it should be noted the women's aspirations to gain more skills, namely electrical, plumbing, so they can finish their homes, so they can be hired when there is no pavement work in the IOB or someplace else. Neither of the possibilities are right nor wrong, they are different perspectives and strategies on the same problem, the survival of Alto de Bomba women who are the head of their household. Which should

be followed? I have no doubts the very population's desire should serve as a compass for the present.

From all these examples it is understandable artistic education was not predicted to be as such, but it emerges from the relation with the population. Not in the terms made overseas, not how it is taught in the academy, not by following what is heard and watched through the media, not for the tourist to deem it beautiful and colourful, but to respond to the collective aspirations and desires of Alto de Bomba's population.

Lastly, and referring to more macro aspects, I must acknowledge I admire the fact of the Government promoting and funding an initiative like the IOB, considering the vanguardism in its understanding of the public space and its rehabilitation, and its commitment to working from the populations' way of life, as it has been acknowledged by several national and international actors. The present results are visible in the pathways, greenery, but mostly in the way people now walk, with the self-esteem and hope generated in the area.

This is why I do not admit and I refuse to accept this process will be interrupted, that it will not provide the foreseen accesses, plumbing and water to the houses located at the highest and roughest part of Alto de Bomba, just as all which had been devised for Covada de Bruxa and Fernando Pó. RR, 2021.

“Oh J
pagá luz!”

“OH J PAGÁ LUZ!”¹

T.N.: Caboverdean Creole for “Oh Jesus turn out the lights!”

1

VANESSA ALVES SILVA MONTEIRO

Falar da Iniciativa Outros Bairros é, na minha ótica, falar sobre uma ação que aconteceu em território cabo-verdiano e que amplia a compreensão de como diferentes elementos numa comunidade coexistem e na forma como estas influências podem expandir a visão não apenas de quem vive nesta região da cidade do Mindelo, mas também, a visão de quem está fora dela.

A minha experiência com a IOB começou pelo contacto próximo com elementos da equipa e um morador do Alto de Bomba, mas foi em 2021 que ganhou um cunho profissional e um mergulho mais profundo nos resultados do projeto, ao colocar-me frente a frente com o grupo de ativistas que calcetaram uma parte do Alto de Bomba e continuam a calcetar zonas na ilha de São Vicente.

Amdjer na obra é um coletivo que surge no âmbito das ações da IOB. É um grupo de mulheres da comunidade que se organizaram com o objetivo de se fortalecer, questionando e resistindo por condições laborais dignas e equitativas ao grupo de homens, “género dominante”, para desempenhar a função de trabalhar as calçadas de modo artesanal. A perseverança e confronto deste conjunto de mulheres, vistos, por alguns, como provocação, motivou-me para projetar uma proposta para o concurso de design *Klaridad*

Talking about the Iniciativa Outros Bairros is, in my view, to discuss an action that occurred in Caboverdean territory which magnifies the understanding on how different elements in a community coexist, and the way these influences may expand the insight of not only those who live in this region, but also of those outside it.

My experience with IOB began from the direct contact with its team elements and an Alto de Bomba resident, but it was in 2021 that it gained a professional nature and a deeper dive into the project’s results, by placing myself before the group of activists that paved part of Alto de Bomba, and continue to do so in other areas of São Vicente island.

*Amdjer na obra*² is a collective that emerges within the Iniciativa Outros Bairros’ actions. It is a group of women, of the community, that have organised themselves towards their strengthening, questioning and resisting for dignified working conditions, equal to the Men’s, “dominant gender”, to artisanally build the pavements. This group of women’s perseverance and confrontation, regarded as a provocation by some, motivated me to design a proposal for the design contest *Klaridad*³, promoted by the National Centre of Arts, Crafts and Design (CNAD), which

Grupo “Amdjer na Obra” com chapéu de sombreamento do projeto de design “Oh J pagá Luz” de Vanessa Monteiro, Vanessa Monteiro, 2021.

Group “Women in the Working Site” with sun-shading hat from the design project “Oh J pagá Luz” by Vanessa Monteiro, Vanessa Monteiro, 2021.





promovido pelo Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design – CNAD, que convidava a imaginar o futuro tendo em vista a realidade do território habitado. Estavam assim em ordem os pontos chave para o desenvolvimento de *Oh J pagá luz!* (Oh Jesus apaga a luz – gíria do próprio coletivo de calceteiras). Um conjunto de artigos direcionado para o trabalho de calcetamento, que procurou responder de forma mais efetiva à carência por um equipamento de proteção. Composto por 3 peças – chapéu, cinta e joelheiras – o projeto propôs-se, não só, a proteger os corpos procurando dar um maior bem-estar ao desempenhar a função, como também, a identificá-las como um movimento social organizado.

De forma natural, a organização e modo de operar de *Amdjer na obra* chamou a minha atenção para a sua luta e aliando isso ao facto de vivenciarmos uma época em que o debate sobre o género, os direitos e a equidade estão na ordem do dia, mais sentido fez debruçar o meu cuidado e contribuir, ou prestar o meu subsídio sobre um debate que, na minha percepção, faz sentido. A primeira exposição

Grupo “Amdjer na Obra” com chapéu de sombreamento do projeto de design de Vanessa Monteiro, “Oh J pagá Luz”, Nuno Flores, 2021. Group “Women in the Working Site” with sun-shading hat from the design project by Vanessa Monteiro, “Oh J pagá Luz”, Nuno Flores, 2021.

invited the imagining of a future based on the inhabited territory’s reality. The key aspects for developing *Oh J pagá luz!* (Oh Jesus turn out the lights – a slang used by the group of women pavers). A collection of garments targeted at paving, that tried to provide a more effective answer to the lack of protection gear. Comprised by three pieces – hat, waistband and knee-pads –, the project not only put forward the bodies’ protection while aiming at more comfort during paving itself, but also their identification as an organised social movement.

Naturally, *Amdjer na Obra*’s organisation and way of operating grabbed my attention, and if we add that to the fact that we are living in a time where the debate on gender, rights and equity is pressing, it makes even more sense to provide my care and to contribute, or to offer my assistance, to a debate that, in my view, is legitimate.

T.N.: Caboverdean Creole for “Women in the Working Site”.

2

T.N.: Caboverdean Creole for “Clarity”.

3



do protótipo no âmbito do Salão de Design, serviu, assim, como mais um espaço de mostra da presença do coletivo e o seu papel dinâmico no tecido da sociedade, promovendo um lugar de questionamento.

Numa perspetiva de colaborar com este coletivo de mulheres – que, pela sua força, traz a público as suas reivindicações – o arquiteto responsável pela iniciativa Outros Bairros, Nuno Flores, no final de 2021, cria condições para a reprodução de 7 conjuntos *Oh J pagá luz!* para equipar as mulheres Adelaide Gomes, Cilésia Pereira, Edinélia Veríssimo, Eliana Brito, Leila Fernandes, Maisa Fortes e Samira Rocha.

Através deste contacto e posterior exercício fui capaz de melhor compreender o papel da IOB na vida daquele(a)s que fizeram parte integral do mesmo. Visto de uma perspetiva externa ao local em questão, a sensação transmitida é a de existir um sentimento de relevância desta parcela da sociedade, a partir do momento que é dado espaço para as vozes da comunidade serem ouvidas, o que, acresce inevitavelmente o sentimento de pertença e confiança dos membros, habitantes do Alto de Bomba.

Enquanto residente no Mindelo, São Vicente – Cabo Verde, tenho, ainda hoje, a IOB como referência pela ousadia ao apresentar um modelo de trabalho aberto à comunidade e que a encoraja a pensar a cidade para si (comunidade) e sentir-se meritória de um lugar pensado com base nas reais e mais emergentes necessidades. Os resultados, que desejo que não fiquem por aqui, criaram uma expectativa, diria mais, a esperança de que é possível reproduzir estes e outros ecos em diferentes pontos do arquipélago, promovendo um diálogo próximo e sincero dos projetos de urbanismo com os modos de vida das populações. Este último ponto contribui, também, para a minha reflexão sobre uma metodologia de trabalho que pode ser transportada do campo do urbanismo e arquitetura para a área do design. Esta influência e troca positivas, proporcionam uma partilha multidisciplinar, mais um testemunho de que na IOB couberam ecossistemas vários de considerações, resistindo sempre o princípio de pensar os lugares com e para as suas gentes.

The prototype's first exhibit in the Design Trade Fair thus functioned as yet another space for displaying the collective's presence, and their dynamic role in the fabric of society, promoting a place for questioning.

In 2021, aiming the collaboration with this collective of women – who, by their strength, render their very claims public –, Nuno Flores, the architect responsible for the Iniciativa Outros Bairros, creates the conditions for the reproduction of seven *Oh J pagá luz!* kits to equip the women Adelaide Gomes, Cilésia Pereira, Edinélia Veríssimo, Eliana Brito, Leila Fernandes, Maisa Fortes and Samira Rocha.

Through this contact and subsequent practise, I was able to better understand IOB's role in the life of those who were integral to it. Seen from a perspective external to the place itself, the feeling one has in this part of society's relevance, from the moment it is given space for the community's voices to be heard, which, inevitably, increases the members', Alto de Bomba's residents, sense of belonging and confidence.

As a resident of Mindelo, São Vicente – Cabo Verde, still to this day I regard the Iniciativa Outros Bairros as a staple for boldness, by presenting a work model open to the community and that encourages them to think the city for themselves (the community), and who may feel worthy of a place based on the most real and urgent needs. The results, that I wish will not stop here, have created an expectation, more, the hope that it is possible to reproduce these and other echoes in different points of the archipelago, fostering a close and sincere dialogue between urbanism projects and the populations' ways of life. This last aspect also contributes to my reflecting upon a work methodology that may be transported from urbanism and architecture to design. Such positive influence and exchange allow for a multidisciplinary sharing, yet another evidence that different ecosystems fit in the IOB, always sustaining the premiss of thinking places with and for their peoples.

Entre o sonho e a realidade: a luta das Mulheres Calceteiras do Alto da Bomba

**BETWEEN DREAM AND REALITY: THE STRUGGLE
OF ALTO DE BOMBA'S WOMEN PAVERS**

FABIANA VENCEZLAU

“Se as feridas do teu irmão não te causam dor, a tua doença é mais grave que a dele.”

Frei Jaime

Foi assim que me senti quando conheci a experiência das mulheres de Cabo Verde, São Vicente, Alto da Bomba. As feridas delas me causaram dores profundas quando compartilharam suas histórias de vida, lutas e resistências. Era um entardecer quando eu e alguns participantes do 7º Encontro Internacional de Educação Artística fomos convidados a participar de um encontro com o grupo de Mulheres Calceteiras. Chegamos quase noite o que já não permitia ver todo o cenário ao qual estávamos inseridos. Sentamos e começamos a ouvir suas histórias.

Narrativas cheias de coragem para enfrentar diariamente o machismo, a falta de confiança por serem mulheres na obra em um trabalho predominantemente masculino, mas que elas faziam com maestria. O calcetamento era a forma de renda daquelas famílias que faziam parte do projeto e agora estavam a se perguntar como iriam sobreviver? Como iriam sustentar suas famílias? Tais perguntas ecoavam em meio a um silêncio ensurdecedor. O projeto iria acabar sem previsão de continuidade e o seu fim contribuiria para as indiferenças e todas as injustiças sociais que permeava aquele universo. Senti algo de igual a nossas mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas. Senti algo de familiar, uma ligação que eu tinha certeza que não começava ali e que não acabaria naquele momento.

Após suas falas é chegada a hora da minha contribuição trazendo o exemplo do meu quilombo a fim de contribuir levando esperança não de esperar, mas de esperar. Senti-me tão minúscula diante de tão dura realidade. A minha sensação era que nada do que eu dissesse iria ajudar ou fazer diferença. Contudo falei de nossa experiência, levei a história de nossa comunidade, o nosso fazer coletivo, os desafios e os avanços do quilombo.

Presenteei-as com elementos da nossa cultura, o nosso artesanato com as bonecas do caroá. Dizia a elas que aquela boneca levava para todos



Fabiana Vencezlau e Maísa Fortes, Flávia Lira, 2021 / Fabiana Vencezlau and Maísa Fortes, Flávia Lira, 2021.

os cantos a nossa história de luta, de pertencimento, de resistência e de liberdade.

Mas o que é liberdade? Tudo que eu pensava, tudo que eu era, tudo que eu acreditava parecia não fazer sentido mais. Elas não eram uma de nós, mas eram igualmente nas desigualdades e injustiças sociais que passavam.

Então, como não se indignar, como não se revoltar, como não refletir sobre tudo aquilo? Como sair dali e apagar tudo que vi, ouvi, senti? Elas são nossas irmãs na cor, na luta, na ancestralidade. São nossas parentes do outro lado do oceano. São as Guerreiras Calceteiras do Alto da Bomba. Apesar de tudo, uma coisa me enchia os olhos e aquecia meu coração: a certeza que elas tinham que

**"If your brother's wounds do not
cause you pain, your illness
is more severe than his."**

Friar Jaime

This is how I felt when I became aware of the experience of the women from Cabo Verde, São Vicente, Alto de Bomba. Their wounds caused me a deep pain when they shared their stories of life, struggles and resistances. At dusk, I and a few other participants in the 7th International Encounter on Artistic Education were invited to take part in an encounter with Alto de Bomba's Women Pavers. We arrived almost at night, which did not allow for us to see the entire setting we were on. We sat and we began to listen to their stories.

Narratives full of courage to daily face machismo, the lack of confidence due to being women in a predominantly male occupation, but which they did skilfully. Paving was the source of income of those families involved in the project, who were now asking how would they survive? How would they provide for their families? Such questions echoed amidst a deafening silence. The Initiative Outros Bairros would end with no foreseeable continuity and its termination would contribute to all the indifferences and social injustice which permeated that universe. I felt something alike our Quilombola women from Conceição das Crioulas. I felt something familiar, a connection I was sure it did not start there, nor would it end at that moment.

After their talks, it is time for my contribution, bringing my Quilombo as an example of hope, not for waiting, but for hoping¹. I felt so small before such harsh reality. I sensed nothing I could say would help or make a difference. However, I mentioned our experience, I conveyed the history of my community, our craftwork, with the caroá² dolls. I told them that doll



Fabiana Vencezlau visita Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021 / Fabiana Vencezlau visits Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021.

T.N: There is a play on words in the original text — “levando esperança não de esperar, mas de esperarar” —, as *esperança* (hope) and *esperar* (waiting) derive from the same etymon.

1

T.N: Plant, *neoglaziovia variegata*.

2



Fabiana Vencezlau e Maisa Fortes em Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021 / Fabiana Vencezlau and Maisa Fortes in Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021.

não iam desistir. Passado o momento de apresentações e falas, fomos apreciar as comidas tradicionais oferecidas por elas. Em meio a tanta escassez aquela mesa farta mostrava a grandeza de vossas almas.

Como disse, estávamos em meio ao Encontro Internacional de Educação Artística, estava encantada com tudo que eu já tinha visto. Tinha tirado da cabeça aquela ideia que nos vendem que África é somente miséria. Depois de ver tanta beleza, tanta riqueza natural eu me deparava com a pobreza e a injustiça social. Para mim, ali, muita coisa deixou de fazer sentido. Fui convidada a ir até o Alto da Bomba durante o dia e assim, pude ver de forma mais contundente o retrato da desigualdade. As casas de lata, a dificuldade de acesso à água e a todas as políticas públicas que possibilitam qualquer ser humano de ter uma vida digna e soberana.

O lugar parecia não fazer parte do restante da cidade, parecia esquecido, entregue a própria sorte. O negacionismo do governo era evidente deixando às margens várias famílias e vidas que pulsavam naquele local. O esquecimento do governo e a falta de políticas públicas em qualquer nação não geram apenas pobreza e miséria, mas também, tira das pessoas a dignidade necessária para uma vida soberana e justa. Polda sonhos, estimula as violências e joga seus cidadãos a vulnerabilidade em todos os sentidos.

A batalha das Mulheres Calceteiras segue diariamente, a chama da resistência também. Elas podem não ter muito materialmente, mas não tiraram delas a capacidade de sonhar, a força de falar, a garra de representar não somente elas, mas toda aquela comunidade que parece ter sido deixada para trás na corrida pelo desenvolvimento.



Fabiana Vencezlau, Maísa Fortes e filha em Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021 / Fabiana Vencezlau and Maísa Fortes in Alto de Bomba, Flávia Lira, 2021.

carried everywhere our history of struggles, belonging, resistance and freedom.

But what is freedom? All I thought, all I was, all I believed in seemed to make no sense anymore. They were not one of us, and yet they were in the inequalities and social injustice they went through.

So, how not to be angry, how not to be outraged, how not to reflect upon all that?

How to get out of there and erase all I have seen, heard, felt? They are our sisters in colour, in struggle, in ancestry. They are our relatives from across the ocean. They are Alto de Bomba's Warrior Women Pavers. Regardless of it all, one thing filled up my eyes and warmed my heart: the certainty they would not give up. After the introductions and the talks, we enjoyed the traditional foods they offered us. In the middle of so much scarcity, that plentiful table showed their souls' greatness.

As I have mentioned, we were in the 7th International Encounter on Artistic Education, and I was delighted with all I had already seen. The idea many try to push of Africa being solely misery was out of my mind. After seeing such beauty, such natural richness, I was faced with poverty and social injustice. For me, there, a lot stopped making sense. I was invited again to go to Alto de Bomba, this time during the day, and thus I was able to overwhelmingly witness the portrait of inequality. The *casas de lata*³, the difficulty in accessing water and all public policies that allow for a human being to live a dignified and sovereign life.

The site did not seem to be part of the city, it appeared forgotten, left to its own. The government's negationism was clear, leaving the several families and lives that pulsed there on the fringes. No matter the nation, the government's obliviousness and lack of public policies not only generate poverty and misery, but also remove the dignity people need in order to live a sovereign and fair life. They stifle dreams, stimulate violences, and, in every sense, push their citizens towards vulnerability.

The Women Pavers' struggle continues, the spark of resistance as well. They might not have much, materially speaking, but they retain the capacity for dreaming, the force of speaking, the drive to not only represent themselves, but that entire community that appears to be left behind in the race for development.

T.N.: Literally, tin houses.

KUBAKA - DO ESTÚDIO
CASEIRO À RESIDÊNCIA
CRIATIVA HIP-HOP

KUBAKA - FROM THE HOME
STUDIO TO THE HIP-HOP
CREATIVE RESIDENCY

KUBAKA - D'STUDI TÈ UM RESIDENCIA CRIATIV HIP-HOP



Conversa entre Redy Lima e os participantes da residência artística Kubaka, Grace Ribeiro, 2020.

Conversation between Redy Lima and the participants of the Kubaka artistic residency, Grace Ribeiro, 2020.

Experiência Kubaka: rap enquanto plataforma de emancipação social e política

THE KUBAKA EXPERIENCE: RAP AS A PLATFORM
FOR SOCIAL AND POLITICAL EMANCIPATION

REDY WILSON LIMA

SUBIDA AO PALCO. SITUAR ALTO BOMBA

Conheci a Iniciativa Outros Bairros – IOB através das redes sociais, aquando do seu lançamento no bairro de Alto Bomba. Apesar de ter trocado algumas impressões com o seu mentor na cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde, alguns meses antes da sua apresentação e perceber pelas publicações no *Instagram* que se tratava de uma forma diferente de pensar a cidade, incomodava-me a utilização do termo áreas informais. Estando num processo avançado de descolonização epistemológica e de autocrítica, o nome Outros Bairros, soava-me a uma visão dicotómica da cidade bastante redutora (ideia que irei desenvolver na secção Entre resistência e emancipação).

Remeteu-me para a minha primeira descrição da cidade da Praia, perceptível nos discursos simbólicos dos atuais e antigos moradores do Plateau – *riba-Praia*, em que utilizei o termo cidade partida (Lima, 2011), para dar conta da diferenciação espacial entre a cidade colonial, centro administrativo, político e de poder central, regional e local, habitado por uma elite descendente em parte dos antigos colonos e brancos da terra e os restantes bairros circundantes – *baxu-Praia*, a margem, povoada por grande parte da população migrante rural tida como descendentes dos forros e escravizados auto-libertos. Daquilo que conhecia da cidade do Mindelo, o recorte entre a *morada*¹, cidade colonial, centro administrativo, político e de poder regional e local e a *fralda*, periferia, que o circunda e ocupado pela maioria migrante rural, não era muito diferente da Praia, embora era visível em São Vicente um recorte relativamente mais físico do que no caso praiense.

Estou de acordo com Silva (2003) quando afirma que o equívoco fundamental da visão da cidade como partida se baseia na ideia de que as distinções espacial, económica e cultural manifestas na demarcação de territórios pelos diversos grupos sociais residentes na cidade são



Conversas Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020 / Talks Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020.

suficientes para esquartejá-la. Segundo Raposo, a crítica que deve ser feita é o fato deste modelo oferecer uma leitura pouco complexa da segregação urbana presente nas cidades do hemisfério Sul, “em que a possibilidade de mistura, ambiguidades e trocas culturais entre indivíduos que ocupam hierarquias distintas na cidade seria quase inexistente” (2013, p. 99-100).

Não obstante o ter utilizado, reconheço que a sua transposição para a sociedade urbana cabo-verdiana é um exercício analítico forçado e problemático. Isto porque a dicotomia entre um centro – espaço urbanizado, formal, produto da cidade colonial – e um subúrbio – espaço suburbanizado, desorganizado, informal ou ilegal –, cuja relação entre os seus membros é marcada pela distância social, não reflete a atual realidade urbana africana (Parnell & Robinson, 2012) ou cabo-verdiana. De acordo com Hernández e Kellett (2010), é o próprio sentido dual dos termos formal e informal subjacente a este modelo que levanta problemas no que toca à capacidade de incorporar as complexas condições que pretendem representar, por entrincheirarem em categorias redutoras e bipolarizadas que impedem a captação

Nome como é conhecido o centro histórico da cidade do Mindelo, o primeiro bairro planificado e urbanizado na ilha de São Vicente.

TAKING THE STAGE. SITUATING ALTO DE BOMBA

I became acquainted with the Iniciativa Outros Bairros [T.N.: Initiative Other Neighbourhoods] – IOB – through social media, during the time of its launch at Alto de Bomba. Even though I had exchanged some views with its mentor in Praia, Santiago Island, Cabo Verde, a few months before its presentation, while acknowledging via some Instagram posts that this was a different way to think the city, the usage of the expression informal areas bothered me. Being in an advanced process of an auto-critical and epistemological decolonisation, to me, the name Outros Bairros [T.N.: Other Neighbourhoods] sounded like a rather reductionist dichotomous vision of the city (an idea I will further develop in the section *Between resistance and emancipation*).

It brought me to my first description of Praia, perceptible in the symbolic discourses of the Plateau's current and past residents' – *riba-Praia*, where I used the term broken city (Lima, 2011) so as to clarify the spatial difference between the colonial city, the administrative and political centre for the central, regional and local powers, inhabited by an elite that partly descends from the land and surrounding neighbourhoods' past settlers and whites – *baxu-Praia*, the margin, populated by great part of the migrant rural population, held as descendants of the self-freed slaves. From what I knew about Mindelo, the split between *morada*¹, colonial city, the administrative and political centre for the central, regional and local powers, and the *fralda*², the periphery which surrounds it, mostly occupied by rural migrants, was not far from Praia's, even though a physical division was not as evident as the one in São Vicente.

I agree with Silva (2003) when he states that the fundamental mistake of contemplating the city as broken is based on the idea that the spatial, economic and cultural distinctions one may observe upon the demarcation of territories by the diverse resident social groups suffices to butcher it. According to Raposo, the critique that

must be done is concerned with the not very complex reading this model offers to the urban segregation in the southern hemisphere's cities, where "the possibility of mixing, ambiguities and cultural exchanges amongst individuals from different city hierarchies would be almost inexistent"³ (2013, p. 99-100).

Notwithstanding my usage of it, I acknowledge that its transposition onto Caboverdean society is a forced and problematic analytical exercise. This is because the dichotomy between a centre – an urbanised, formal space, product of the colonial city – and a suburb – a suburbanised, unorganised, informal or illegal space –, where their members' relations is characterised by social distance, does not reflect the current urban reality (Parnell & Robinson, 2012) of Africa, nor Cabo Verde. According to Hernández and Kellett (2010), it is the very dual sense in the terms formal and informal underlying this model that raises issues regarding the ability to incorporate the complex conditions they intend to represent, as they are entrenched in reductionist and bipolarised categories that impede the capture of the multiplicity of factors that constitute the city (Menezes, 2011).

In October 2019, within an exploratory research on Mindelo's and Praia's⁴ urban social movements, stimulated by social media images that highlighted the neighbourhood's hip-hop culture, I took a closer look at the IOB, when its implementation was being prepared. Alto de Bomba's urban contrast was visible in comparison to Monte Sossego, the neighbourhood from which it overflowed, or to any other neighbourhood that is consolidated, or within a consolidation process, in Mindelo's *fralda*. The urban communities that overflowed from the housing units projected in the urban plan from the 1960s stemmed from the significant pressure by population that came, mostly, from the Santo Antão rural world. This changing in the communities' urban (informal) and demographic (rural) profile has contributed to its social and urban stigmatisation.

1 Capeverdean Creole, used to name Mindelo's city centre, Island of São Vicente.

2 Capeverdean Creole, used to name Mindelo's peripheral areas.

3 T.N.: Translated from the original text's quote: *em que a possibilidade de mistura, ambiguidades e trocas culturais entre indivíduos que ocupam hierarquias distintas na cidade seria quase inexistente.*

4 Integrated in CODESRIA Meaning-Making Research Initiative 13/2018-19.

da multiplicidade dos fatores que constituem a cidade (Menezes, 2011).

Em outubro de 2019, enquadrado numa pesquisa exploratória sobre os movimentos sociais urbanos nas cidades da Praia e do Mindelo², impulsionado pelas imagens das redes sociais que destacavam a cultura *hip-hop* do bairro, fui conhecer de perto a IOB, num período em que se estava a preparar a sua implementação. Era visível o contraste urbanístico de Alto Bomba quando comparado com Monte Sossego, bairro de onde transbordou, ou de qualquer outro bairro consolidado ou em processo de consolidação situado na *fralda* mindelense. As comunidades urbanas transbordadas das células habitacionais previstas no plano urbanístico dos anos de 1960 foram provocadas pela forte pressão populacional proveniente, sobretudo, do mundo rural santantonense. Esta alteração do perfil urbanístico (informal) e demográfico (rural) das comunidades, contribuiu para a sua estigmatização social e urbana.

Em março de 2020 voltei ao bairro para entrevistar os *rappers* de *Kubaka*, nome dado a um estúdio caseiro edificado na casa de um dos *rappers* locais. Ficou saliente nesta conversa a fragmentação do bairro entre a parte cima e a parte baixo, uma situação típica do contexto urbano cabo-verdiano, verificada também nos bairros da Praia, que pode ser explicada pela lógica de ocupação do território com base na proximidade familiar e afinidade regional, em momentos históricos e conjunturas socioeconómicas e políticas diferenciadas. Esta era uma situação que preocupava os promotores da IOB, uma vez que pretendiam que as intervenções fossem naturalmente apropriadas pelos moradores. Para isso, era preciso identificar e trabalhar de forma colaborativa com as forças vivas do bairro. Logo, avançou-se por um mapeamento de grupos ativos na comunidade, tendo destacado “um grupo informal de jovens autodenominado de SOS ALTO DE BOMBA



Conversa entre Redy Lima e os participantes da residência artística Kubaka, Grace Ribeiro, 2020.

e um grupo informal de mulheres, sem denominação nominal, que demonstram alguma capacidade de articulação e de organização coletiva e conseqüentemente comunitária” (MIOTH, 2019, p. 23). A malta do *Kubaka* andava entre estes dois grupos e sendo o *rap* um importante instrumento de afirmação identitária e política, bem como um espaço de sociabilidade e uma ferramenta de mobilização comunitária, fui desafiado pelo coordenador da IOB a pensar através desta variante oral do *hip-hop* um programa de intervenção voltado para a cidadania urbana e apelo ao direito à cidade.

Como nos lembra Harvey (2008), o direito à cidade encontra-se hoje, na maioria dos casos, confinado a uma pequena elite política e económica que, com base no seu privilégio, encontra-se em posição de moldar



Conversation between Redy Lima and the participants of the Kubaka artistic residency, Grace Ribeiro, 2020.

In March 2020, I went back to the neighbourhood to interview the rappers from Kubaka, the name of a home studio built in one of the local rappers' home. In this discussion, the neighbourhood's split between the upper and lower parts became evident, something typical in the Caboverdean urban context and also found in Praia's neighbourhoods, which can be explained through the logic of a territorial occupation based on family proximity and regional affinity, in historical moments and differentiated socioeconomic and political contexts. This situation concerned the IOB's promoters, as they wanted the residents to make the interventions their own. To this end, it was necessary to identify and work collaboratively with the neighbourhood's living strengths. Immediately, it was performed a mapping of groups who were active in the

community, "an informal group of young people self-named SOS ALTO DE BOMBA, and an informal group of women, unnamed, displaying a certain ability in collective, and therefore communal, coordination and organisation"⁵ (MIOTH, 2019, p. 23). The Kubaka people were amongst these two groups and being rap an important instrument for political and identity affirmation, as well as a space for sociability and a tool for communal mobilisation, I was challenged by the IOB's coordinator to, through this oral variation of hip-hop, think about a programme of intervention towards urban citizenship and an appeal for the right to the city.

Nowadays, as Harvey (2008) reminds us, the right to the city is mostly restricted to a small political and economic elite who, based on its privilege, is in a position of shaping

T.N.: Translated from the original text's quote: *um grupo informal de jovens autodenominado de SOS ALTO DE BOMBA e um grupo informal de mulheres, sem denominação nominal, que demonstram alguma capacidade de articulação e de organização coletiva e consequentemente comunitária.*

o espaço urbano conforme o seu interesse de classe e que, através da gestão planificada e privatizada do território, busca controlar a maioria desfavorecida. Os movimentos sociais urbanos a nível global, entre os quais o *hip-hop*, embora pouco articulados, surgem no contexto da (re)globalização como oposição ao modo neoliberal de fazer cidade, com grandes potencialidades em estabelecer uma gestão urbana mais democrática. Sendo assim, mais do que produzir um álbum musical, a criação do Programa “*Kubaka. Residência Criativa de Hip-Hop Alto Bomba*”³ visou abrir um diálogo com os jovens do bairro e os moradores que lhes são próximos, de modo a provocar uma auto-reflexão e consciencialização sobre o seu lugar na cidade, no país, no continente africano e no mundo.

CONTEXTUALIZAR O RAP. SITUAR KUBAKA

Coordenado por mim e facilitado pelo *rapper* Revan Almeida e pelo Dj Letra (ambos residentes no Mindelo), o Programa *Kubaka* apesar de focar apenas no seu elemento oral, o *rapping* ou *mcing*, não se descurou dos seus outros elementos – *breaking*, *graffiti art*, *djing*, *beatboxing*, *street knowledge*, *street language*, *street fashion*, *street entrepreneurship* (*entrepreneurism*), de modo a incentivar uma ação direta e artística de cariz sócio-urbanístico. O fenómeno urbano contemporâneo é caracterizado a nível global por uma profunda divisão socioespacial, física e simbólica: as cidades refletem e ao mesmo tempo reproduzem a crescente polarização económica e social das suas populações e Mindelo não é exceção. O *Kubaka* surge, então, como um espaço de partilha de experiências e de conhecimentos, em que através da articulação entre teoria e prática, entre pesquisa social e prática do *hip-hop*, se tentou provocar um diálogo disruptivo sobre a questão urbana em São Vicente, o impacto da IOB no bairro e na cidade. Com isso, buscou-se contribuir para a edificação de mecanismos de auto-governação e organização juvenil e comunitária.

Neste sentido, desenhamos um programa de três meses, dividido por três oficinas, entre os meses de outubro e dezembro de 2020. Na primeira oficina, mais teórica, criamos uma arena de negociação, debate e diálogo com a comunidade que teve como palco a Praça *Nho Djon*, um dos micro-espços de sociabilidade identificados durante os trabalhos exploratórios da IOB. As conversas giraram à volta da história e da cultura *hip-hop* nos EUA e no Mindelo, sobre o papel do ativismo comunitário em contextos caracterizados pela cultura de necessidade, cujo objetivo principal passou pela promoção de trabalhos colaborativos assentes nos princípios do *hip-hop* e na atuação enquanto mediador entre o poder público ou privado e a comunidade.

Introduzido na segunda metade dos anos de 1980, com maior visibilidade nos dois maiores centros urbanos, Praia e Mindelo, o *hip-hop* entra no quotidiano urbano e juvenil inicialmente em formato *b-boying*. Embora o *rap* fosse já na altura bastante consumido por vários jovens, era ainda pouco explorado e quase sempre ao som do *beat box*⁴. Tratava-se de uma imitação *ipsis verbis* da cultura urbana negra norte-americana, num período em que estava em curso um trabalho de (re) construção identitária nacional – socialista e africana. Com a democratização do país no ano de 1991, o *rap* entra numa nova fase e no Mindelo destacava-se pelo seu estilo mais agressivo, transurbano, socialmente engajado e com uma forte consciência coletiva. Era bastante influenciado pela onda do *revolutionary gagsta rap* e tinha como inspiração os grandes coletivos urbanos norte-americanos, com destaque para o *Wu Tang Clan*.

Os anos de 1990 ficaram marcados em Cabo Verde e no continente africano pela reestruturação económica através da política de ajustamento estrutural e internacionalização da segurança social (Fowler, 1992, como

O nome *Kubaka* surge como forma de preservar o nome do estúdio já existente, que não sendo de todo comunitário, funcionava como tal.

3

Refere-se à percussão vocal do *hip-hop*, em que se reproduz sons de bateria com a boca.

4

the urban space to its class interest, aiming for the control the disadvantaged majority through the territory's planned and privatised management. Notwithstanding the scarce coordination, global urban social movements, like hip-hop, emerge in the context of (re) globalisation opposing the neoliberal way of city making, with great potential to establish a more democratic urban management. As such, more than just producing an album, the creation of the programme "Kubaka. Residência Criativa de Hip-Hop Alto de Bomba"⁶ sought to inaugurate a dialogue with the neighbourhood's youth and the residents close to them, so as to stimulate a self-reflection and a conscience about their place in the city, in the country, in the African continent and in the world.

CONTEXTUALISING RAP. SITUATING KUBAKA

Coordinated by me and facilitated by rapper Revan Almeida and DJ Letra (both of them Mindelo residents), the Kubaka Programme did not solely focus on its oral element, rapping or emceeing, as it didn't forget its other features – breaking, graffiti art, deejaying, beatboxing, street knowledge, street language, street fashion, street entrepreneurship –, so as to encourage a socio-urban direct and artistic action. The contemporary urban phenomenon is globally characterised by a profound socio-spatial division, physical and symbolical: cities simultaneously reflect and reproduce their societies' rising social and economic polarisation and Mindelo is no exception. Kubaka arises, then, as a space for sharing experiences and knowledges, where a disruptive dialogue about São Vicente's urban issue, the IOB's impact in the neighbourhood and in the city, was instigated through the articulation of theory and practice, social research and hip-hop. In this way, it was sought a contribution to the establishing of self-governing mechanisms and of juvenile and communal organisation.

In this regard, a three month programme was designed, divided by three

workshops, between October and December, 2020. In the first workshop, more theoretical, an arena of negotiation, debate and dialogue with the community was created, held at *Nho Djon* Square, one of the micro-spaces of sociability identified during the IOB's exploratory works. The conversations revolved around the history and the culture of hip-hop in the United States of America and in Mindelo, about the role of communal activism in contexts defined by a culture of necessity, whose main goal involved the promotion of collective works built upon action and hip-hop's principles as mediators between the public or private power and the community.

Introduced in the second half of the 1980s and mostly visible in the largest urban centres, Praia and Mindelo, hip-hop initially enters the urban and juvenile daily life through b-boying. At the time, even though a lot of young people were already listening to rap, it was still little explored and almost always to the sounds of beatboxing⁷. It was a literal imitation of North-American black urban culture, during the (re)construction of a national identity – socialist and African. Following the country's democratisation, in 1991, rap enters a new phase, standing out in Mindelo for its aggressive style, trans-urban, socially engaged and with a strong collective conscience. It was heavily influenced by revolutionary gangsta rap and inspired by the great North-American groups, especially Wu-Tang Clan.

In Cabo Verde and the African continent, the 1990s were marked by the economic restructuring through the policy of structural adjustment and the internationalisation of social security (Fowler, 1992, as cited in Aina, 1998), causing the State to pull back, and the NGOfication of civil society and the opposition (Aidi, 2018). Dependent on external funding and obliged by the donors to submit to the State, civil society was depoliticised (Hutchful, 1995). Not being recognised as an important political actor, yet, rap escaped

T.N.: Kubaka. Alto de Bomba Hip-Hop Creative Residency.

6

It refers to hip-hop's vocal percussion, where drum sounds are mimicked using one's mouth.

7

citado em Aina, 1998), levando ao recuo do Estado e ONGuificação da sociedade civil e da oposição (Aidi, 2018). Dependentes dos financiamentos externos e obrigados pelos doadores a se submeterem ao controle do Estado, a sociedade civil despolitizou-se (Huchthul, 1995). Por não ter ainda na altura se afirmado como um importante ator político, o *rap* escapou a esse processo de colonização e consolidou-se como espaço privilegiado de denúncia, tornando visível o mal-estar social e proporcionando aos jovens a possibilidade de reformular as suas críticas (Lima, 2012).

A situação de desmoralização social em que se encontravam, fortemente sentida nas narrativas musicais dos *rappers* mindelenses, resvalou-se nos anos de 2000 para a violência coletiva, com os gangues de rua a assumirem protagonismo. Ao contrário da Praia, no Mindelo não houve uma relação direta entre a violência dos gangues e o universo *hip-hop*, salvo algumas exceções. A briga entre os *rappers* manteve-se quase que exclusivamente na dimensão lírica. Entretanto, o elevado índice de violência urbana em São Vicente consolidou ainda mais a consciência social e política dos *rappers* e o seu papel na promoção da paz.

Este período ficou também marcado pela nacionalização e radicalização de um discurso pan-africano assumidamente político no *rap*, passando a conter temas identitários africanistas buscados à geração de Amílcar Cabral⁵. O coletivo *Hip Hop Art*, do qual Dj Letra foi um colaborador, foi um dos grandes difusores desta estética identitária e política. Do seu estúdio Senzala, sediado em Chã de Alecrim, introduziu no universo *hip-hop* nacional boa parte da nova geração de *rappers* mindelense. Foi aí onde pude testemunhar em 2010 “como o *rap* pode se transformar num movimento social fortemente centrado no trabalho comunitário” (Lima, 2020, p. 80).

Na entrevista exploratória com os *rappers* de *Kubaka* este ponto ficou enaltecido e por isso fazia todo o sentido

integrar esta parte da história do *rap* do Mindelo como tema da primeira oficina da residência. Até porque, falar de *Hip Hop Art* é um ponto de partida para a discussão sobre os processos de indigenização do *rap* cabo-verdiano. Segundo Charry (2021) o *rap* africano foi, no seu primeiro momento uma mera imitação do *rap* norte-americano e francês (no caso de grande parte dos países de língua oficial francesa). No entanto, este cenário começa a modificar-se nos anos de 1990, com o processo de indigenização através de uma conexão orgânica com as tradições locais. Entretanto, é importante referir que o próprio *rap*-norte-americano contém elementos de cultura africana, na medida em que, para além dos seus cinco elementos fundadores, carregam traços africanos. Existem hoje um conjunto de pesquisas que demonstram paralelos entre a função social da figura do *griot*⁶ e do *rapper* africano (Clark, 2018).

No Senegal, por exemplo, Appert (2011) constatou que na elaboração da figura do *griot*, os *rappers* descontextualizaram a música tradicional e os gêneros de discurso e o recontextualizaram no *hip-hop*. Em simultâneo, numa relação intertextual com o *hip-hop* norte-americano, o *griot* foi colocado em diálogo com a produção cultural diaspórica africana, construindo desta forma uma música que é ao mesmo tempo local, transnacional, indígena e diaspórica. Um processo idêntico de recontextualização da música tradicional no *hip-hop* ocorre em Cabo Verde. Desde 2011 era minha convicção de que o *rap* cabo-verdiano poderia ser percebido como herdeiro do *griot* e uma versão urbana, sofisticada e contemporânea do *finason* (Lima, 2020), posição que defendi em novembro de 2019, nas Grandes Conversas da Feira de Artesanato e *Design* – URDI, organizado em Mindelo.

Clark (2018) afiança que o comércio negreiro ao distribuir o africano escravizado pelo mundo distribuiu também a sua cultura que, fruto de encontros com culturas locais, foi-se fundindo, transformando e africanizando

Pan-Africanista. Líder bissau-guineense e cabo-verdiano na guerra para a independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

5

Contadores de histórias originários da África Ocidental. Considerados sábios da comunidade que através de suas narrativas passam de geração a geração as tradições dos seus povos.

6

that colonisation process and became a consolidated space of denunciation, rendering social unrest visible and allowing for the young to reformulate their criticism (Lima, 2012).

The youth's condition of social demoralisation, deeply felt in the musical narratives of Mindelo's rappers, slipped into collective violence in the 2000s, with street gangs rising to prominence. In Mindelo, unlike Praia, there was no direct correlation between gang violence and the universe of hip-hop, apart from a few exceptions. The battles were kept, almost exclusively, within a lyrical dimension. In the meantime, the high level of urban violence in São Vicente consolidated the rappers' social and political conscience, as well as their role in promoting peace.

This period was also marked by the nationalisation and radicalisation of an openly political pan-African discourse in rap which began to include Africanist identity themes picked up from Amílcar Cabral's⁸ generation. The collective Hip Hop Art, which DJ Letra was part of, was one of this political and aesthetic identity's great diffusers. From their Chã de Alecrim based studio, Senzala, they introduced a great part of Mindelo's new generation of rappers to the national hip-hop universe. It was at that moment, in 2010, where I was able to witness "how rap can become a social movement deeply anchored in communal work"⁹ (Lima, 2020, p. 80).

This was a highlighted aspect in the exploratory interview with the Kubaka rappers, so it made perfect sense to integrate this part of Mindelo's rap history as the first workshop's theme. Moreover, talking about Hip Hop Art is a starting point for the discussion on Caboverdean rap's indigenisation processes. According to Charry (2021), African rap was, at its outset, a mere imitation of North American and French rap (the latter case was particular to most African countries with French as official language). However, this scenario began to

change in the 1990s, with the indigenisation process through an organic connection with local traditions. It is also worth noting that North American rap itself holds elements from African culture, with evident African features, apart from its five founders. Currently, there is research that demonstrate the affinities between the social roles of the griot¹⁰ and the African rapper (Clark, 2018).

In Senegal, for example, Appert (2011) observed that in the construction of the figure of the griot, rappers decontextualised traditional music and discourse types, recontextualising them in hip hop. Simultaneously, in an intertextual relation with North American rap, the griot was placed in dialogue with the African diasporic cultural production, thus erecting a music which is, at the same time, local, transnational, indigenous and diasporic. An identical process of recontextualising traditional music in hip hop happens in Cabo Verde. Since 2011, I have been certain that Caboverdean rap could be perceived as a heir to the griot, and as an urban, sophisticated and contemporary version of *finason* (Lima, 2020), an argument I have sustained at *Grandes Conversas*¹¹, in Mindelo's Feira de Artesanato e Design¹² - URDI- , in November 2019.

Clark (2018) asserts that by spreading the enslaved African people throughout the world, the slave trade also spread their culture which, through the encounters with different local cultures, fused with, transformed and Africanised the global music scene. New York born rap results from such fusion, returning to its ancestral cradle and thus entering an indigenisation process that, in the 1990s, enters Cabo Verde through the use of samplers and beats from traditional songs, as well as Caboverdean lyrics. During the recent years, this process has become more and more solid, as Revan Almeida's last musical work shows, *Futur passod na prezenti*¹³. Equally, the use of nationalist African figures' speeches in songs has contributed for such process.

8 Pan-Africanist, Bissau-Guinean and Caboverdean leader in Guinea-Bissau and Cabo Verde's war for independence.

9 T.N: Translated from the original text's quote: *como a rap pode se transformar num movimento social fortemente centrado no trabalho comunitário.*

10 Storytellers originally from West Africa. Regarded as sages in the community, passing their peoples' traditions across different generations.

11 T.N: Great Conversations; panel discussions at URDI.

12 T.N: Design and Arts and Crafts Fair.

13 It can be listened to, here: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3gGACnRndSe4qToNwYymVHWzS77CTuN>

o panorama musical mundial. O *rap* nascido em Nova Iorque resulta dessa fusão e ao regressar ao seu berço ancestral, entra num processo de indigenização que se inicia em Cabo Verde com a utilização de *samplers* e batidas de músicas tradicionais, assim como a utilização de letras em língua cabo-verdiana a partir dos anos de 1990. Este processo foi-se consolidando nos últimos anos, como mostra o último trabalho musical intitulado *Futur passod na prezent'* de Revan Almeida. Igualmente, contribuiu para esse processo o uso nas músicas de discursos de figuras nacionalistas africanos.

Foi esta a filosofia introduzida no *Kubaka*, como mostra a música *Sombralt'*⁸, substituindo, entretanto, o discurso dos lutadores pela liberdade para os testemunhos de figuras locais na sua luta diária para o bem-estar social e urbano. A utilização de uma residência do *rap* como atividade paralela da IOB com vista à mobilização juvenil se, por um lado, se deveu à presença e proximidade da malta do *Kubaka* à IOB, por outro lado, teve a ver com a identificação desta cultura como um importante instrumento de questionamento do legado colonial. Este último, visto que, ao representá-los como sujeitos racializados, fez renascer o debate em torno da conexão entre classe, espaço, raça, cultura e memória (Lima & Robalo, 2021). Esta reflexão histórica possibilitaria, portanto, repensar Alto Bomba, o seu lugar na história da cidade e as barreiras simbólicas que a separa da *morada*.

ENTRE EUROPA E ÁFRICA. SITUAR MINDELO

Numa entrevista realizada em março de 2020 na *morada*, na mesma semana que visitei pela primeira vez Alto Bomba, um ativista local descreveu a *fralda* mindelense como um lugar de desespero, marcado pela pobreza extrema representada pelas casas de tambor edificadas por gente proveniente do mundo rural santantonense. Sendo uma realidade que Mindelo se apresenta como a capital cabo-verdiana das casas de tambor⁹, é também um fato de que, embora a maioria da população

originária da ilha de Santo Antão ocupe a *fralda* (94%), cerca de 68% destes habitam a *morada* e sua extensão representada pelos novos bairros centrais da cidade. Assim, entender esta afirmação do ativista local nos remete à história da ocupação e urbanização da ilha de São Vicente.

Anteriormente utilizada como lugar de pasto dos morgados das ilhas de Santo Antão e São Nicolau, a ilha de São Vicente é devidamente ocupada apenas no século XIX, um povoamento forçado pelo receio de a ilha ser tomada pelos corsários ou pelas armadas francesa, inglesa e norte-americana que rondavam o arquipélago (Silva, 2005). Encontrava-se numa conjuntura assinalada pela ilegalização progressiva do sistema escravagista em 1815 e pela proclamação da independência do Brasil em 1822, com Portugal a se ver obrigado a reinventar as cidades litorâneas africanas. Cabo Verde, pela sua localização geográfica e percurso histórico, apresentava-se com as melhores condições de servir de placa giratória de mercadorias no Atlântico médio.

A revolução industrial inglesa encontrava-se a todo o vapor e era necessário criar condições de transplantação para São Vicente de um projeto urbano europeu moderno que pudesse recentrar a capital provincial de Cabo Verde no norte do arquipélago. Para isso, decretou-se em 1838 a mudança da capital da Praia para São Vicente (Almeida, 2014), com o pretexto de que possuía condições de melhor salubridade quando comparado a Santiago, considerada uma ilha doente, incivilizada e atreita a revoltas e tal como as outras ilhas do arquipélago, povoada maioritariamente por negros forros (Rodrigues, 2011).

Sendo assim, era pretensão dos promotores do projeto colonizar a ilha com uma nova remessa de imigrantes europeus provenientes dos Açores e com eles fundar um Cabo Verde branco a norte (Silva, 2005). Entretanto, apesar de ter desembarcado em Santiago algumas famílias brancas

Ouvir aqui: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3gGACnRnd5e4qToNwYymVHWzS77CTIuN>

7

Ver e ouvir aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=IN501RhBTOs>

8

Segundo os dados do INE (2021), cerca de 7.3% dos edifícios construídos na ilha de São Vicente são do tipo não clássico, um aumento de 2% em comparação com os dados de 2010.

9

This was the philosophy introduced in Kubaka, as one may hear in the song *Sombralt*¹⁴, but replacing freedom fighters' words by local figures' testimonies of their struggles for urban and social well-being. Using a rap residency as a parallel activity of the IOB aiming towards youth mobilisation, on the one hand, stemmed from the presence and close ties between the Kubaka people and the IOB, and, on the other hand, from recognising this culture as an important instrument to question the colonial legacy. By representing them as racialised subjects, the latter revived the debate about the connection between class, space, race, culture and memory (Lima & Robalo, 2021). This historical reflection would thus allow for the rethinking of Alto de Bomba, its place in the city's history and the symbolical barriers that separates it from *morada*.

BETWEEN EUROPE AND AFRICA. SITUATING MINDELO

In an interview made in March 2020 at *morada*, in the same week I visited Alto de Bomba for the first time, a local activist described Mindelo's *fralda* as a place of despair, marked by extreme poverty which is also represented in the slums made by the rural people who came from Santo Antão. It is a fact that Mindelo is the Caboverdean capital of slums¹⁵, but it is also a fact that even though most of those who live at *fralda* come from Santo Antão (94%), 68% of these people actually inhabit *morada* and its extension through the city's new central neighbourhoods. So, understanding the local activist's assertion takes us to the history of São Vicente Island's occupation and urbanisation.

Previously used as pasture by Santo Antão's and São Nicolau's *morgados*¹⁶, São Vicente is only properly populated in the 19th century, through a forced settlement due to the concern of a possible take by corsairs or the French, British and North American fleets that circled the archipelago (Silva, 2005). The context was marked by the

gradual abolition of slave trade in 1815, and Brazil's proclamation of independence in 1822, with Portugal finding itself in a position of having to reinvent African coastal cities. Cabo Verde, by its history and geographic location, had the best conditions to become the Mid-Atlantic gateway for goods.

The British Industrial Revolution was going full steam ahead and it was necessary to create conditions for a modern European urban project to be transplanted to São Vicente, so as to relocate the provincial capital of Cabo Verde to the archipelago's north. To this end, in 1838, it was decreed that the capital would move from Praia to São Vicente (Almeida, 2014) on the pretext that it had better health conditions than Santiago, which was considered to be a sick and uncivilised Island, prone to revolts and, like the other archipelago's islands, mainly populated by freed blacks (Rodrigues, 2011).

So, the project's promoters intended to colonise the island with a new shipment of European immigrants from the Azores and, with them, establish a white Cabo Verde up north (Silva, 2005). However, even though a few white metropolitan families disembarked in Santiago bound for São Vicente, the island ended up populated by white and mixed families from Santo Antão, São Nicolau e Fogo. As the promoters needed more people, they reluctantly took in landless peasants, insular convicts and outcasts. It was equally inhabited by enslaved people, despite some authors considering these individuals began right away to "significantly distance themselves from the afro-culture brought by their grandparents, from the coast, already displaying a mixed culture (...) of Caboverdean matrix"¹⁷ (Rodrigues, 2011, p. 36).

By emerging with a city structure from its inception and on account of its port's role in international shipping, the society of São Vicente develops paradigmatically and with an undefined identity, neither European nor African, but Atlantic, albeit closer to

It can be viewed and listened to, here: <https://www.youtube.com/watch?v=I-NS0IRhBT0s>

14

According to data from the National Statistic Institute (2021), about 7,3% of the erected buildings in São Vicente Island are inadequate, an increase of 2% when compared to data from 2010.

15

TN: The holder of an arrangement – *morgadio* –, giving the right of succession to a specific parcel of property to a single heir. It was established by specific deed on the basis of an indivisible estate and included rules of succession.

16

TN: Translated from the original text's quote: *a distanciar-se, em muito, da cultura afro trazida pelos seus avós da costa, exibindo já uma cultura mestiça (...) de matriz cabo-verdeana.*

17

da metrópole com destino a São Vicente, a ilha acabou por ser povoada por famílias brancas e mestiças de Santo Antão, São Nicolau e Fogo. Por necessitarem de mais pessoas, a contragosto tiveram de aceitar camponeses sem terra, degredados insulares e marginais. Foi, de igual modo povoado por pessoas escravizadas, embora alguns autores considerem que, pelo fato destes serem na sua quase totalidade crioulos ladinos, começaram desde cedo “a distanciar-se, em muito, da cultura afro trazida pelos seus avós da costa, exibindo já uma cultura mestiça (...) de matriz cabo-verdiana” (Rodrigues 2011, p. 36).

A sociedade vicentina, ao nascer já com uma estrutura de cidade e devido ao papel do seu porto na navegação internacional, desenvolve-se paradigmática e com uma identidade indefinida, nem europeu nem africano, mas atlântica, puxando, no entanto, para a matriz europeia. Em 2019, numa conversa promovida por Revan Almeida com jovens poetas e alguns *rappers* no Centro Cultural Português do Mindelo, pude constatar esta tendência e resquícios de um estilo vincadamente *british*, tal como descrito por Silva (2005). É de referir que a instalação de várias companhias comerciais inglesas na ilha no século XIX, mesmo não contribuindo para que o projeto urbano europeu e de embranquecimento de Cabo Verde a norte tivesse vingado, fez dela num dos pontos vitais do comércio mundial, substituindo as cidades portuárias de Santiago.

Tida como a Meca da cultura cabo-verdiana e centro civilizatório do arquipélago (Rodrigues, 2011), Mindelo nasce como cidade industrial carvoeira e por isso, viu crescer na sua margem uma importante classe operária oriunda preferencialmente das zonas rurais de Santo Antão, mas também de São Nicolau e demais ilhas, tendo o camponês rapidamente se transformado em proletário (Silva, 2005). Embora houvesse coabitação destes com a elite local, não havia propriamente uma mistura em lugares públicos, havendo uma evidente demarcação entre dois espaços: a *morada*, lugar de moradia dos homens do saber, comerciantes que empregavam grande parte da população do outro espaço; a *fralda*, lugar das casebres e casinhas das pessoas humildes, construídas com todo o tipo de material local (Rodrigues, 2011).

Não obstante a prosperidade e dinamismo inicial, tal durou pouco. No entanto, de acordo com Almeida (2014), criou um sentimento mitológico nostálgico de um passado de abundância e fartura que é, até hoje, reproduzido e eternizado através de uma das mornas mais emblemáticas do repertório nacional: “Tempo de Canequinha”. A geração regionalista nascida das dinâmicas culturais do Liceu Central D. Henrique (rebatizada de Gil Eanes) durante os anos de 1930, denominado movimento *claridoso*, muito contribuiu para a reprodução dessa ideia. É, contudo, importante referir que essa construção identitária ocorreu numa altura em que o Estado Novo passa a defender os benefícios da missão evangelizadora e civilizadora portuguesa e, desta feita, cabia a estes intelectuais trabalhar na reabilitação de uma estratégia de redefinição identitária mestiça ou atlântica, de alma portuguesa, cuja superioridade étnica e cultural era já sentida pela sua elite ao se comparar com a população das outras ilhas e por extensão da *fralda* e da mesma forma com a de outras colónias portuguesas em África. Esta representação simbólica da sociedade ficou vincada no imaginário mindelense que nem o nascimento do Estado independente foi capaz de a descolonizar, ainda mais quando o próprio renascimento africano pós-independência não conseguiu descolonizar o modelo da cidade percebida como fator civilizatório importado da Europa (Elungu, 2014 [1987]). Não obstante a cidade tenha sofrido algumas modificações, em termos simbólicos ela mantém-se inalterada, como demonstra o descrito no início desta secção.

No entanto, este modelo social e espacial dual assumido, que separa uma cidade formal e uma cidade informal, não reflete estritamente a atual realidade urbana mindelense. Malgrado possa admitir que no Mindelo, pelo seu passado histórico e reminiscência presente, este modelo possa ser adaptável, entendo que, tal como salientam Teixeira e Bartholl (2015), esta visão de cidade espelha uma posição analítica de mão única, do centro para a periferia. Ou seja, uma forma de miopia epistemológica, cujo principal sintoma é a negação do protagonismo dos sujeitos da periferia na produção do espaço e na sua própria emancipação, além da consideração do periférico como um subproduto das relações hegemónicas, como

an European matrix. In 2019, during a talk organised by Revan Almeida with young poets and some rappers in the Centro Cultural Português do Mindelo¹⁸, I was able to grasp such tendency and some vestiges of a markedly British style, as described by Silva (2005). It is worth mentioning that, in the 19th century, the setting up of several British companies in the island made it one of the most vital world trade locations, replacing Santiago's port cities, even though it did not contribute to the thriving of neither the European urban project, nor the whitening of Cabo Verde up north.

Regarded as the Mecca for Caboverdean culture and the archipelago's civilising centre (Rodrigues, 2011), Mindelo arises as a coal industry city and, because of that, witnesses the growth of an important working class in its fringes, mainly coming from the rural areas of Santo Antão, but also from São Nicolau and the other islands, with the peasant quickly transforming into a proletarian (Silva, 2005). Despite the fact that some cohabited with the local elite, there was no real mixing in public spaces, with a clear demarcation between two spaces: *morada*, home for the men of knowledge, merchants who employed most of the people from the other space, *fralda*, the place for the humble people's huts and cottages, built with all kinds of local materials (Rodrigues, 2011).

Notwithstanding the initial prosperity and vitality, it did not last long. However, according to Almeida (2014), it created a mythical and nostalgic sensation of a wealthy and abundant past, still today reproduced and immortalised through one of the national repertoire's most iconic mornas: "*Tempo de Canequinha*". The regionalist generation born of the cultural dynamics of Liceu Central D. Henrique¹⁹ (repatised Gil Eanes) during the 1930s, the so-called *Claridoso Movement*²⁰, has contributed greatly towards such idea's reproduction. However, it is worth mentioning that such identity construction occurred at a time when Estado Novo²¹ began supporting the benefits of the Portuguese evangelising

and civilising mission, so it was up to these intellectuals to work on the rehabilitation of the strategy towards a mixed or Atlantic identity redefinition, of Portuguese soul, whose ethnic and cultural superiority was already felt by its elite as they compared themselves to the populations of other islands and, by extension, *fralda*, as well as other Portuguese colonies in Africa. This symbolic representation of society has remained stressed in Mindelo's imagination, and not even the establishing of the independent State has been capable to decolonise it, all the more when the very post-independence African renaissance could not decolonise the model of the city understood as a civilising factor imported from Europe (Elungu, 2014 [1987]). Even though the city has suffered some changes, it remains symbolically unaltered, as demonstrated in this section's beginning.

Still, this assumed dual social and spatial model, that divides a formal and an informal city, does not exactly reflect Mindelo's current urban reality.

Although I may admit that this model can be adaptable to Mindelo, due to its historic past and present reminiscing, it is my understanding that this vision for a city mirrors a one-way analytical position, from the centre to the periphery, as highlighted by Teixeira and Bartholl (2015). In other words, a form of epistemological miopia whose main symptom is denying the peripheral subjects' role in the production of space and their own emancipation, in addition to regarding the peripheral as a byproduct of hegemonic relations, as something marginal and therefore economically less efficient or non-productive, socially dangerous, politically conservative and morally maladjusted.

BETWEEN RESISTANCE AND EMANCIPATION. SITUATING THE MOVEMENT

In the 1990s, the country's opening to global trade intensifies the population explosion that was first felt during the post-independence's early years, which, by not being accompanied

T.N.: Portuguese Cultural Centre of Mindelo.

18

T.N.: D. Henrique Central High School.

19

T.N.: Caboverdean intellectual movement from the early 20th century.

20

T.N.: Portuguese dictatorial regime installed in 1933.

21

algo marginal e, portanto, economicamente menos eficiente ou improdutivo, socialmente perigoso, politicamente conservador e moralmente desajustado.

ENTRE RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO. SITUAR O MOVIMENTO

A abertura do país ao mercado global nos anos de 1990 intensifica a explosão demográfica ocorrida nos primeiros anos da pós-independência que, ao não ser acompanhada por uma política urbana e habitacional coerente, fez crescer os chamados assentamentos informais, que ocupam atualmente cerca de 80% do território urbano mindelense e albergam cerca de 93,2% da população total da cidade. Por razões epistemológicas, optei por nomear este tipo de assentamento de territórios em resistência, como desenvolvido por Zibechi (2015). Por um lado, por não corroborar com a ideia de que a concentração espacial na área urbana mindelense foi motivada exclusivamente pela sua capacidade de atração. A cidade se apresenta mais como um espaço de fuga a condições ainda mais miseráveis das áreas rurais e, no contexto cabo-verdiano, não se dá uma rutura total entre o urbano e o rural, pois estes complementam-se. Por outro lado, por tomar margem como um conceito que permite a percepção, a definição e a avaliação de fenómenos essenciais, como identidade, criatividade juvenil e cultural ou de participação sociopolítica (Pardue, 2013), em que o *rap* surge como um dos seus expoentes máximos.

É preciso ter em conta que, em Cabo Verde, mesmo que o sistema de morgadio tenha sido oficialmente extinto em 1864, na prática, este permanece inalterado durante todo o século XIX e parte do século XX. Para Borba (2013), com a independência, em 1975, o partido-Estado fez uma tentativa de reforma agrária que teve algum impacto em Santiago e no Fogo, porém, em outras ilhas, entre as quais Santo Antão, a forte desconfiança das populações camponesas, somada ao laço de compadrio e clientelismo entre proprietários e camponeses reproduzidos ao longo da história, impediu que tal se efetivasse.

Ainda assim, Furtado (1993) considera que houve alterações importantes, em que o abandono ou venda de terra por parte daqueles que Carreira (2000 [1972]) designou de morgados modernos,

proporcionou o aparecimento de um maior número de novos proprietários, entre os quais muitos emigrantes. Borba (2013) argumenta que a não materialização da política de reforma agrária no regime de Partido Único criou uma espécie de estado de exceção jurídica nos anos de 1990, fazendo com que em algumas regiões do país, as terras voltassem para o domínio dos antigos proprietários coloniais. A ausência de políticas públicas obrigou esta população a ter de buscar na cidade meios alternativos de sobrevivência, reproduzindo ali as contradições subjacentes ao sistema de morgadio (Lima, 2011).

Começam, então, a despontar nas cidades cabo-verdianas, novas formas de lutas, em que um conjunto de relações sociais territorializadas nas áreas rurais fez-se visível nos grandes centros urbanos, obrigando a um novo debate sobre os movimentos sociais nos países do hemisfério sul. Os estudos existentes têm sido construídos acriticamente a partir dos paradigmas euro-norte-americanos, uma vez que tendem a defini-los como “um tipo de ação coletiva que busca intencionalmente modificar os sistemas sociais estabelecidos ou defender algum interesse material, para a qual se organizam e cooperam com o propósito de realizar ações políticas em função destas metas ou reivindicações” (Linera, 2004, como citado em Zibechi, 2015). Assim, ignoram um conjunto de movimentos que não funcionam dessa forma. Por exemplo, nas periferias pobres, as mulheres não costumam assumir as formas que revestem um movimento social segundo esta teorização e, no entanto, exercem um papel comunitário importante e são um fator de mudança social. Isto é, embora não tenham um movimento estável e institucionalizado de ação, a sua luta quotidiana pela sobrevivência pessoal, familiar e comunitária, vai além de um pequeno núcleo de mulheres organizadas de modo estável, estando por estudar o seu impacto nas dinâmicas destas zonas.

Dessa forma, na conceptualização de movimento social em contextos semelhantes a Alto Bomba, impõe-se a que se aprofunde a análise a partir de um outro lugar que não as formas de organização e os repertórios de mobilização, mas sim as relações sociais e os territórios. Ou seja, os fluxos e as circulações e não as estruturas. Desse jeito, faz despontar novos conceitos, com destaque para autonomia, cultura e comunidade. A proposta

with a coherent urban and housing policy, increased the informal settlements that currently occupy about 80% of Mindelo's urban area, harbouring almost 93,2% of the city's population. For epistemological reasons, I chose to name this kind of settlement as territories in resistance, as developed by Zibechi (2015). On the one hand, because it did not corroborate the idea that the spatial concentration in Mindelo's urban area was exclusively motivated by its attractiveness. On the other hand, because it can be a concept that allows for the perception, definition and assessment of essential phenomena, such as identity, juvenile and cultural creativity or of sociopolitical participation (Pardue, 2013), in which rap emerges as one of its greatest expressions.

One must take into account that even with the abolishment of *morgadios* in 1864, in practice, this system remains unaltered in Cabo Verde for the entire 19th century and part of the 20th century. For Borba (2013), with the independence in 1975, the party-state attempted an agrarian reform that had some impact in Santiago and in Fogo, but in other islands, as was the case with Santo Antão, the peasant populations' deep distrust, paired with the cronyism and clientelism amongst proprietors and peasants throughout the years, prevented it from happening.

Still, Furtado (1993) considers important changes have happened, as the lands which were abandoned or sold by modern *morgados*, as designated by Carreira (2000 [1972]), allowed for a higher number of landowners, several of them foreign. Borba (2013) argues that the agrarian reform policy's non-materialisation during the One-Party State regime created somewhat of a state of exception in the 1990s, with some lands, in certain regions of the country, returning to the hands of their former colonial owners. The absence of public policies made this population search for alternative means of survival in the city, replicating the *morgadio's* underlying contradictions (Lima, 2011).

So, new struggles begin to appear in Caboverdean cities, where a set of social relations that were territorialised in the rural areas was made visible in the great urban centres, imposing a new debate on the social movements in the southern hemisphere's countries. Existing studies have been uncritically made from Euro/North-American paradigms, with a tendency to define them as "a type of collective action that intentionally seeks to modify the established social systems or defend some material interest, towards which they organise themselves and cooperate with each other, so as to perform political actions according to these goals or claims"²² (Lineira, 2004, as quoted in Zibechi, 2015). Hence, they ignore a range of movements that do not function in such manner. For example, within the poor peripheries, women do not usually adopt the moulds which shape a social movement that follows this theorisation and yet, they perform a rather important communal role and are a factor of social change. This is to say that even though they do not have a stable and institutionalised movement of action, their daily struggle with personal, family and communal survival, goes beyond a small core of stably organised women, whose impact in these areas' dynamics is yet to be studied.

In that sense, upon the conceptualisation of a social movement within contexts similar to Alto de Bomba, one must go deeper in the analysis, not from forms of organisation, not from mobilisation reports, but from social relations and territories. That is, fluxes and circulations, rather than structures. This enables for the emerging of new concepts, with emphasis on autonomy, culture and community. Zibechi's (2015) proposal provides a particular relevance to the concept of territory, from which thought's decolonisation operates, as it recognises territorialised movements with the potentiality to embody different and contradictory social relations that, by dislocating inherited spaces and identities, are constructing territories

T.N.: Translated from the original text's quote: "*um tipo de ação coletiva que busca intencionalmente modificar os sistemas sociais estabelecidos ou defender algum interesse material, para a qual se organizam e cooperam com o propósito de realizar ações políticas em função destas metas ou reivindicações*".

de Zibechi (2015) concede o conceito território uma especial importância, a partir do qual a descolonização do pensamento se opera, visto dar conta de movimentos territorializados com potencialidade de encarnar relações sociais diferentes e contraditórias e que, ao deslocarem espaços e identidades herdadas, estão a constituir territórios com características e modos de vida diferenciados dos territórios do capital e do Estado, contribuindo assim para a luta emancipatória.

A dita *fralda* mindelense, no geral, e Alto Bomba, em particular, enquadram-se nesse tipo de território pelas seguintes razões: apresentam-se como espaços de diferença, de laços comunitários, de reciprocidade e de solidariedade centrada no papel da mulher-mãe, permitindo a construção de autonomia; as relações de poder estabelecem-se de forma ligeiramente diferente das praticadas pelo Estado e demais organizações formais, com prioridade nas relações horizontais; existe uma consciencialização sobre a necessidade de coordenar as ações, visto que não se consegue sobreviver de forma isolada.

Com *Kubaka* procuramos enaltecer estes aspetos e mostrar não só aos *rappers*, mas também a todas as pessoas que estiveram à volta do programa (entre os quais os jovens do SOS Alto Bomba, ligados ao *Kubaka* a partir do *Dsinrascá*, outro programa paralelo da IOB focado na comunicação de histórias de vida através do audiovisual e as mulheres referenciadas anteriormente, renomeadas de *Amdjer na Obra*) a necessidade de aprofundarem as suas diferenças, de forma a que transitem da autonomia para a autodeterminação (soberania), vinculando as suas lutas a outros grupos e territórios semelhantes. Com isso, rapidamente se converteriam em territórios de emancipação. O álbum *Kubaka*¹⁰ representou, desta feita, esta visão, em que, a partir de testemunhos reais dos moradores do bairro e a transformação dos discursos infrapolíticos dos bares, becos e *pontas* de Alto Bomba em discursos públicos, tentou-se construir

colaborativamente uma agenda urbana comunitária.

DESCIDA DO PALCO. SITUAR O FUTURO

Os programas paralelos desenvolvidos pela IOB potencializaram coletivos liderados por mulheres e jovens, com destaque para a Brigada de Intervenção Política –BIP, criada no interior do *Kubaka*. Estes, com base nas conversas realizadas na primeira oficina na Praça *Nho Djon*, passaram a defender a necessidade da edificação no bairro de um Centro Comunitário – CC, através do qual as atividades futuras seriam pensadas e operacionalizadas de forma colaborativa pelos vários coletivos locais ativos e moradores. Identificou-se a Sentina Municipal – um espaço público abandonado há já alguns anos pela Câmara Municipal, fisicamente degradado e onde se tem acumulado lixo ao redor – como um local a ser ocupado em nome da comunidade, com vista a servir posteriormente de sede das ações comunitárias desenvolvidas no bairro, substituindo o escritório da IOB como principal ator de desenvolvimento comunitário.

A partir da interpretação do artigo 19 da Constituição da República – CR, os coletivos do bairro, liderados pela BIP, decidiram, como forma de resistência, ocupar o espaço, justificado com a alínea 7, do artigo 7 da CR, que diz que cabe ao Estado incentivar a solidariedade social, a organização autónoma da sociedade civil, o mérito, a iniciativa e a criatividade individual. Assim, após a organização de uma campanha de limpeza do local, deu-se início a um conjunto de atividades com as crianças do bairro, que passaram a denominar carinhosamente a “Sentina de *Skolinha*”. Com a Sentina transformada numa espécie de CC, deu-se início a um conjunto de atividades desportivas, sociais e ambientais, em parceria com instituições privadas e públicas, entre os quais o Instituto do Desporto e da Juventude, criando uma

with characteristics and ways of life that differ from those of State and capital, contributing towards the emancipatory struggle.

The so-called *fralda*, in general, and Alto de Bomba, in particular, can be framed in that kind of territory due to the following reasons: they come through as places of difference, communal ties, reciprocity and solidarity, centred in the role of the woman-mother, allowing for the construction of autonomy; the relations of power are established in a slightly distinct manner than those practised by the State and the other formal organisations, prioritising horizontal relations; there is awareness about the need for coordinating actions, as it is not possible to survive in an isolated way.

With Kubaka, we sought to highlight these aspects and demonstrate, not only to rappers, but to everyone who revolved around the programme (including the young from SOS Alto de Bomba, connected to Kubaka through *Dsinrascá*²³, another parallel programme from the IOB, focused on communicating life stories through audio-visual material, and the previously mentioned women, renamed *Amdjer na Obra*²⁴), the need to go further in their differences, so as to transit from autonomy to self-determination (sovereignty), binding their struggles to other similar groups and territories. With that, they would quickly convert to territories of emancipation. The album Kubaka²⁵ thus represented this vision where the collaborative construction of a communal urban agenda has been attempted, through the real testimonies of the neighbourhood's residents and the transformation of the infra-political discourses of Alto de Bomba's bars, alleys and edges, into public discourses.

LEAVING THE STAGE. SITUATING THE FUTURE

The parallel programmes developed by the IOB enhanced women and young people led collectives, namely *Brigada de Intervenção*

*Politica*²⁶ – BIP –, created within Kubaka. Based on the first workshop's conversations in Nho Djon square, they stood for the construction of a Communal Centre – CC – in the neighbourhood, from which all future activities would be collectively conceived and operationalised by the residents and the various local active collectives. The *Sentina Municipal*²⁷ – a public space that has been abandoned for a few years, now, derelict and with accumulated garbage around it – was marked as a structure to be taken for the community's sake, with the purpose of subsequently becoming the headquarters for the communal actions developed in the neighbourhood, replacing the IOB's office as the main actor in communal development.

From the interpretation of the article 19 of the Constitution of the Republic – CR –, the BIP led neighbourhood collectives decided, as a way of resistance, to occupy the place, substantiating it with paragraph 7 of article 7 of the CR, where it says that it is the State's responsibility to encourage social solidarity, civil society's autonomous organisation, merit, initiative and social individual creativity. As such, after the organisation of a campaign to clean the place, several activities with the neighbourhood's children were started, who affectionately began calling the Sentina de "*Skolinha*"²⁸. With the Sentina transformed into somewhat of a CC, a series of sporting, social and environmental activities were initiated in partnership with public and private institutions, among which the *Instituto do Desporto e da Juventude*²⁹, generating a dynamic in the neighbourhood and filling the children's and the young's free times, who began having other leisure options.

However, the discontinuing of the IOB, which had not been institutionalised as a public policy, made this pretension towards a CC fall apart, since it would

T.N.: Caboverdean Creole, from Portuguese *desenrascar*, used to refer to actions when available resources are limited, but are enough for the desired outcome's practical aspects, sometimes exceeding expectations. It can be used for processes but also people, in the sense that one has made the best out of a situation, despite contingencies. A literal translation may aid to better grasp the possible usage: to unentangle.

23

T.N.: Caboverdean Creole for "Women in the Working Site".

24

It can be listened to, here: https://www.youtube.com/watch?v=P3k0VAdczZY&list=PLXaXthaulmVK-fl.dfnclZ_smpAp-FtNmQ

25

T.N.: Brigade of Political Intervention.

26

T.N.: Caboverdean Creole for "Municipal Water Tank", specifically for selling water.

27

T.N.: Caboverdean Creole for "Little School", specifically, the diminutive form of "school". The diminutives are used to convey affection.

28

T.N.: Institute of Sport and Youth.

29

dinâmica no bairro e ocupando os tempos livres de crianças e jovens que passaram a ter outras alternativas de lazer.

Contudo, a descontinuidade do IOB, visto que apesar de ser uma iniciativa do Estado, não foi institucionalizado enquanto política pública, acabou por deitar por terra esta pretensão de CC, uma vez que seria necessário algum investimento de reabilitação do edifício e readaptação arquitetónica. Esta situação veio expor o grande problema cabo-verdiano em termos de desenvolvimento de políticas públicas plenas, insistindo em políticas de projetos financiados pelas agências para o desenvolvimento, reproduzindo uma ordem neocolonial e impossibilitando a sua assunção pelas organizações locais.

Não obstante, é saliente para estas organizações a necessidade da reconversão da Sentina, cuja ação segue um padrão de ativismo e associativismo em curso um pouco por todo o território nacional e vai de encontro à nova geração de intervenção pública do Estado que vê as organizações da sociedade civil como colaboradores. A mais-valia desta intervenção tem os seguintes objetivos: prestação de um serviço público comunitário através do envolvimento ativo de coletivos e grupos, bem como individualidades do bairro; criar vias alternativas de apoio escolar e aprendizagem de crianças a partir de atividades lúdicas e brincadeiras; ocupação dos tempos livres de crianças e jovens; criação de programas de empoderamento social, familiar e comunitário em parceria com profissionais sociais e instituições públicas; continuação e consolidação dos programas desencadeados pela IOB.

As conversas ocorridas numa das oficinas do Seminário *Somá na Ponta*, em julho de 2021, com os jovens da BIP e as *Amdjer na Obra*, possibilitaram a identificação de questões prioritárias para a construção de uma agenda de intervenção comunitária a partir do CC. Destacou-se, desse modo, a criação de uma escola não formal, de uma cozinha, de um *studio* e de uma rádio, todos de cariz comunitário, o que pressupõe



Protestos do Grupo local de Alto de Bomba BIP Brigada de Intervenção Política, 2021.

a existência de um espaço físico, que a Sentina, mesmo que pequena, com obras necessárias e criativas, podendo se transformar nesse espaço comunitário. Por fim, tendo em conta que os processos comunitários devem ser construídos de forma colaborativa e com base na ideia de unidade na diferença, visto que nem todos os grupos identificados têm as mesmas ambições, aspirações e expectativas, como forma também de evitar práticas de “caciquismos” comunitários, como em muitos outros contextos a nível nacional, propôs-se que um futuro CC tivesse uma gestão coletiva de um conselho formado pelos coletivos *Amdjer na Obra*, BIP, *Kubaka* e Associação Comunitária Alto Bomba Unido, mas aberto à entrada de outros coletivos e associações existentes ou a vir a existir.



Protests by the local Alto de Bomba group BIP
(Political Intervention Brigade), 2021.

be necessary to make some of investment in the building's refurbishment and architectonic re-adaptation. This situation ended up exposing the great Caboverdean problem in terms of developing thorough public policies, insisting on policies of projects that are financed by development agencies, reproducing a neocolonial order and precluding its takeover by local organisations.

Nevertheless, the need for the Sentina's reconversion is evident to these organisations, as its action follows a pattern of an ongoing activism and collective

cooperation throughout the whole national territory, matching the State's new generation of public intervention that regards civil society's organisations as collaborators. This intervention's advantages have the same goals: performing a communal public service through the active involvement of collectives and groups, and neighbourhood individualities as well; creating alternative ways of school support and learning for children through ludic activities and play; exploring the children's and the youth's free time; creating programmes of social, family and communal empowerment, in partnership with professional, social and public institutions; continuing and consolidating the programmes developed by the IOB.

In July 2021, the conversations with BIP's young and Amdjer na Obra, that took place in one of the workshops in the Seminar *Somá na Ponta*, enabled the mapping of issues which are crucial to the development of an agenda of communal action from the CC. As such, emphasis was placed on the creation of a non-formal school, a kitchen, a studio and a radio station, all of communal nature, which entails the existence of a physical space, a communal space, that Sentina, albeit small, can become, with creative and necessary construction work. Lastly, given that communal processes must be collectively built and based on the idea of unity in difference – as the identified groups do not necessarily share the same ambitions, aspirations and expectations, and as a way of avoiding communal “caciquismos” which happen in other contexts, nationally –, it was proposed that the future CC would be collectively managed through a board comprised by the collectives *Amdjer na Obra*, *BIP*, *Kubaka* and *Associação Comunitária Alto de Bomba Unido*³⁰, but open to other collectives and associations, be it already existing or not.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

- Aidi, H. (2018). *Africa's new social movements: a continental approach*. Obtida em https://media.africanportal.org/documents/OCPPC-PB1836_0.pdf.
- Aina, T.A. (1998). *Mundialização e política social em África: questões e pistas de investigação*. Dakar: CODESRIA.
- Almeida, G. (2014). *Viagem pela história de S. Vicente*. 2º Edição. Mindelo: Ilhéu Editora.
- Appert, C. (2011). Rappin Griots: Producing the Local in Senegalese Hip-Hop. In P.K. Saucier (Org.). *Natives Tongues: An African Hip-Hop Reader* (pp. 3-21). Trenton: African Word Press.
- Borba, C.A. (2013). *Terras negras nos dois lados do atlântico: quem são os proprietários? Estudo comparado – Cabo Verde/Brasil* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Carreira, A. (2000 [1972]). *Cabo Verde – formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. Praia: IPC.
- Charry, E. (2012). A Capsule History of African Rap. In E. Charry (Ed.). *Hip-pop Africa: New african music in a globalizing world* (pp. 1-25). Bloomington: Indiana University Press.
- Clark, M.S. (2018). *Hip-hop in Africa: prophets of the city and dustyfoot philosophers*. Athens: Ohio University Press.
- Elungu P.E.A. (2014 [1987]). *Tradição africana e racionalidade moderna*, Mangualde & Luanda: Edições Pedagogo & Edições Mulemba.
- Furtado, C.A. (1993). *A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Harvey, D. (2008). The right to the city. *New Left Review*, (53), 73-89.
- Hernández, F. & Kellett, P. (2010). Introduction: reimagining the informal in Latin America. In F. Hernández, P. Kellett & L.K. Allen (Eds.). *Rethinking the informal city: critical perspectives from Latin America* (pp. 1-22). New York: Berghahn Books.
- Hutchful, E. (1995). The international dimensions of the democratization process in Africa. In E. Chole & J. Ibrahim (Eds.). *Democratisation processes in Africa: problems and prospects* (pp. 100-119), Dakar: CODESRIA.
- INE (2021). *Censo 2021*. Praia: INE.
- Lima, R.W. (2011). Praia, cidade partida: apropriação e representação dos espaços. In L. Bussotti & S. Ngoenha (Orgs.), *Cabo Verde da independência a hoje – Estudos Pós-Coloniais* (pp. 49-66). Udine: Aviani & Aviani.
- Lima, R.W. (2012). Rappers cabo-verdianos e participação política juvenil. *Tomo*, (21), 263-294.
- Lima, R.W. (2020). *Di kamaradas a irmons: o rap cabo-verdiano e a (re)construção de uma identidade de resistência*. *Tomo*, (37), 47-88.
- Lima, R.W. & Robalo, A. (2021). O rap cabo-verdiano enquanto plataforma pan-africana. Obtida em <https://www.buala.org/pt/palcos/o-rap-cabo-verdiano-enquanto-plataforma-pan-africana>.
- Menezes, M. (10-13 de julho de 2011). *Entre inovação e norma na informalidade da periferia: repensando a intervenção sócio-urbanística*. IX Reunião de Antropologia do Mercosul, Paraná, Brasil.
- MIOTH (2019). *Reabilitação urbanística de Alto Bomba. Teste metodológico*. Praia: MIOTH.
- Pardue, D. (2013). Uma perspectiva marginal. *Contemporânea*, 3(2), 447-466.



Parnell, S. & Robinson, J. (2012). (Re) theorizing cities from global south: looking beyond neoliberalism. *Urban Geography*, 4(33), 593-617.

Raposo, O.R. (2013). *Coreografias da amizade: estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré (Rio de Janeiro)* (Tese de Doutorado não publicada). ISCTE-IUL, Lisboa.

Rodrigues, M. (2011). *O carnaval do Mindelo. Formas de reinvenção da festa e da sociedade. Representações mentais e materiais da cultura mindelense*. Mindelo: Edição do Autor.

Silva, A.C. e (2005). *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Mindelo: CCP.

Silva, J.S. (2003). Adeus “cidade partida”. *Observatório das favelas*. Obtida em http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Adeus-Cidade-Partida_Por-Jailson-de-Souza-e-Silva.pdf.

Teixeira, E.T. & Bartholl, T. (2015). Apresentação. In R. Zibechi, *Territórios em resistência. Cartografia política das periferias urbanas latino-americanas* (pp. 11-16). Rio de Janeiro: Consequência.

Zibechi, R. (2015). *Territórios em resistência. Cartografia política das periferias urbanas latino-americanas*. Rio de Janeiro: Consequência.

MANU, JASON, NONOCK,

*Pta voz de maltas
de zona na muzca*
[Por as vozes das
pessoas do bairro
nas músicas]: Escutas
a partir de conversas
com Kubaka, jovens
músicos

BRINGING THE VOICES OF THE NEIGHBORHOOD
INTO THE MUSIC: INSIGHTS FROM CONVERSATIONS
WITH KUBAKA, YOUNG MUSICIANS

GZOO, REVAN E LETRA

A pessoa que lê este livro pode não ter subido até à zona de Alto de Bomba e encontrado a parede da casa onde se encontra escrita a palavra Kubaka. Pode não ter conhecido os jovens que, após um residência artística pensada pelo sociólogo Redy Lima e capacitada por Dj Letra e Revan Almeida, produziram um disco com o mesmo nome¹. Pela importância que teve para cada um deles, mas também pelo que gerou na zona, fica este rasto de conversas.

Estas conversas foram realizadas em dois dias de maio de 2022 pelos editor e editora deste livro, foram gravadas e editadas seguindo os assuntos identificados e cujas ramificações são possíveis de ler a partir da cronologia que se segue. Manu, Jason, Nonock, Gzoo, acompanhados de Revan e Letra são as vozes principais destas conversas.

O álbum *Kubaka*² é fruto de um programa de Residência Criativa do Hip-Hop, realizado no bairro Alto Bomba, na cidade do Mindelo, promovido pela Iniciativa Outros Bairros, em colaboração com um coletivo de rappers que se associou à editora local, Kubaka Records³. Durante 3 meses, divididos em 3 oficinas, o programa possibilitou a criação de um espaço de reflexão sobre as questões sociais e urbanas da ilha de São Vicente, em que, com base num *djunta-mon* entre 8 rappers e 2 beatmakers locais, se criaram e produziram 8 músicas e 1 video clip⁴, integrados num trabalho artístico social, e politicamente engajado.

The person reading this book may not have ventured up to the Alto de Bomba area and seen the wall of the house where the word 'Kubaka' is written. They may not have met the young people who, after an artistic residency conceived by sociologist Redy Lima and guided by Dj Letra and Revan Almeida, produced an album of the same name¹. Due to the importance it held for each of them, but also for the impact it had on the area, this trail of conversations remains.

These conversations were held over two days in May 2022 by the editors of this book, recorded and edited according to the topics identified, the branches of which can be explored in the following chronology. Manu, Jason, Nonock, Gzoo, accompanied by Revan and Letra, are the main voices in these conversations.

The album *Kubaka*² is the result of a Creative Residency Program in Hip-Hop, held in the Alto Bomba neighborhood in the city of Mindelo, promoted by the *Outros Bairros* Initiative in collaboration with a collective of rappers who partnered with the local label, Kubaka Records³. Over the course of 3 months, divided into 3 workshops, the program created a space for reflection on social and urban issues on the island of São Vicente. Through a collaborative effort between 8 rappers and 2 local beatmakers, 8 songs and 1 music video⁴ were created and produced, all integrated into a socially and politically engaged artistic project.

[CRONOLOGIA]

MAIO 2019

Início da Iniciativa Outros Bairros (IOB)

NOVEMBRO 2019

Primeira parte de Residência Criativa do Hip-Hop: Kubaka

[CHRONOLOGY]

MAY 2019

Beginning of the IOB

NOVEMBER 2019

First part of Hip-Hop Creative Residency: Kubaka

Promotor: Iniciativa OUTROS BAIRROS | Organização: Iniciativa OUTROS BAIRROS | Curadoria: Redy Wilson Lima | Coordenação técnica: Dj Letra + Revan Almeida | Produção: Revan Almeida
1
2
| Gravação: Kubaka Records | Músicos: Igor MC, M.A.B., Minorka, Nonock, Gzoo, J_son, Konen_z, Yanking | Beat-maker: Flex e Bucks | Vídeo feito pela: Grace Ribeiro/ equipa dsinrasca.

Resumo audiovisual do Kubaka
3
[<https://www.youtube.com/watch?v=Ty-PNrPHbsg>]

Video clip
4
[<https://www.youtube.com/@kubakat1266>]

Músicas do Álbum Kubaka: 1 Intro - *Li e dnosh* | 2 *Sombralt* | 3 *Grito* | 4 *Benson* | 5 *Skit Kick* | 6 *Kubaka* | 7 *Amdjier* | 8 *Sigui Bo Kemin* | 9 *Estoria Eskondid* | https://www.youtube.com/playlist?list=PLXaXthauImVK-fLdfnc1Z_smpAp-FTnMQ

JULHO 2020

Segunda parte de Residência Criativa do Hip-Hop: Kubaka

NOVEMBRO 2020

Terceira parte de Residência Criativa do Hip-Hop: Kubaka

MARÇO 2021

Lançamento do CD KUBAKA

JULHO 2021

Participação em programa de Hip-hop na Rádio Morabeza

DEZEMBRO 2021

Encerramento do escritório IOB em Alto de Bomba e suspensão da iniciativa

JULY 2020

Second part of Hip-Hop Creative Residency: Kubaka

NOVEMBER 2020

Third part of Hip-Hop Creative Residency: Kubaka

MARCH 2021

Release of Kubaka CD

JULY 2021

Participation in a Hip-Hop program on Rádio Morabeza

DECEMBER 2021

Closure of the IOB's office in Alto de Bomba and discontinuation of the initiative.

Gravações Álbum Kubaka, Alto de Bomba, Nuno Flores, 2020 / Recording, Kubaka Album, Alto de Bomba, Nuno Flores, 2020.



STUDIO NA CASA

MANU Foi bom, no trabaia na studio dent de casa de Kuni. Conde bo ta na casa djunt, bo ta senti forte.

NONOCK Foi bom, ma m tek ser log clar, tive uns dois pontos k kosa ka foi dret, modk mi é par. Sendo cenas moda fama ou sucesso cosa ka é pa mi. Se cosa ba pa frente pa mi é talent, não dom. Se la ka tinha talent, cosa ka tava saí.

LETRA Pa mi foi bastant inovador fazel na kubaka de Kuni, mod el nem um casa é, el é prop um quarto. Normalmente nó tem kstum de ba sempre pa um Studio.

REVAN Studio dent de casa foi uke um oxa mas natural, mod se bo pensa na organização de um project logo na studio, el ta prejudica forma de tornal más natural possível. El tava ta condiciona sê uniao, sê criatividade, tud.

NUNO Parcem k bsot discurso mostra um residência artística baseod na construçon coletiva, uke k bsot senti nakel primer moment k no fala sobre Kubaka?

KUBAKA

MANU Um senti k Kubaka era de tud gent, porque na hora k um ba escreve kes letra um ka escrevel

ESTÚDIO EM CASA

MANU Foi bom trabalharmos no estúdio dentro de casa do Kuni. Quando estás em casa junto, sentes-te forte.

NONOCK Foi bom, mas tenho que ser claro, houve uns dois pontos que as coisas não estiveram bem, porque eu sou par. Fama ou sucesso já não é para mim. Se avançam para mim há talento, não dom. Se lá não tivesse talento as coisas não aconteciam.

LETRA Para mim foi muito inovador fazê-lo no “Cubículo” do Kuni, porque não é nem uma casa, é mesmo um quarto. Normalmente temos hábito de ir para um Estúdio.

REVAN Estúdio dentro de casa foi o que achei mais natural, porque se tu pensares na organização de um projeto logo num estúdio, prejudicas a maneira de o tornar o mais natural possível. Proporcionas a união deles, a criatividade deles, tudo.

NUNO Parece-me que o vosso discurso mostra uma residência artística baseada na construção coletiva, o que sentiram no primeiro momento que falamos sobre Kubaka?

KUBAKA

MANU Senti que Kubaka era de toda a gente, porque na hora que escrevi aquelas letras eu não escrevi só para mim, senti que tinha que

STUDIO AT HOME

MANU It was good working in Kuni's home studio. When you're at home together, you feel strong.

NONOCK It was good, but I have to be clear, there were a couple of points where things didn't go well, because I am just one of the team. Fame or success is not for me anymore. If they move forward, it's because of talent, not just skill. If there wasn't talent there, things wouldn't have happened.

LETRA For me, it was very innovative to do it in Kuni's “Cubicle”, because it's not even a house, it's really just a room. Usually, we're used to going to a studio.

REVAN A studio at home was what I felt most natural, because if you think about organizing a project right in a studio, it undermines the way to make it more possible. It gives conditions to their unity, their creativity, everything.

NUNO It seems to me that your discussion shows an artistic residency based on collective construction. What did you feel the first moment we talked about Kubaka?

KUBAKA

MANU I felt that Kubaka belonged to everyone because when I wrote those lyrics, I didn't write just for myself; I felt I had to think about all

só pa mi, um senti kum
 tinha k pensa na tud gente
 k tava englobod.

NONOCK Moda um dze
 antes tive cosas k ka foi
 dret. Mesm essim no
 tive unid, no fala, no
 investiga, noescreve
 e no pensal djunt.

JASON Um toxa k
 expectativa tava mut olt,
 um toxa k era pa no ba
 más além. Ma k foi dod
 atençon devid, mod governo
 é q ta controla mídia
 e es ka dá nós atençon.

NONOCK Desculpam
 interrompeb, mas um
 ka ta de acordo. Ka bo
 eskce k no faze um traboi
 más underground, mas
 social, mas sobre direitos
 de pessoas.

MANU Um toxa k midia
 faze um bom traboi. Es leval
 pa RTC, nós é k ka tive dret
 mod no ka dal continuidade.
 Donde é k ta nós segund
 traboi? No ka fazel. No foi
 unid na kubaka, apenas na
 kel tempo de kubaka, mas li
 na zona ka tem union.

LETRA Hip-hop é union
 e moda tud foi feit nakel
 lugar tão peknim tud foi
 inda más unid. Um senti
 txeu engajament na tud
 gent e igualmente na forma
 moda kes tentá leva ess
 engajamento pa tud Alto
 de Bomba.

REVAN Dze k Kubaka
 era coletivo, k era de tud
 gente, ta soa um bocadim
 irrealista porque tud
 grupo tén sempre
 alguém k ta ba
 crer tma control,

pensar em todas as pessoas
 que faziam parte.

NONOCK Como eu disse
 antes, houve coisas que não
 foram boas. Mesmo assim, nós
 estivemos unidos, nós falamos,
 investigamos, escrevemos
 e pensamos juntos.

JASON Eu acho que a
 expectativa estava muito
 alta, acho que era para irmos
 mais longe. Não nos deram
 a atenção devida, porque
 o Governo é que controla
 a mídia e não nos deram
 a atenção devida.

NONOCK Desculpa
 interromper-te, mas eu
 não estou de acordo. Não
 te esqueças que fizemos um
 trabalho mais *underground*,
 mais social, mais sobre
 os direitos das pessoas.

MANU Eu acho que a mídia
 faz um bom trabalho. Eles
 levaram-no (disco Kubaka)
 para a RTC, nós é que não
 estivemos porque não demos
 continuidade. Onde é que está
 o nosso segundo trabalho?
 Não fizemos. Fomos unidos
 no Kubaka, apenas no tempo
 do Kubaka, mas aqui na zona
 não há união.

LETRA Hip-hop é união e
 como tudo foi feito naquele
 lugar tão pequeno, tudo foi
 ainda mais unido. Senti muito
 engajamento em toda a
 gente e igualmente na forma
 como tentaram levar esse
 engajamento para todo o Alto
 de Bomba.

REVAN Dizer que Kubaka
 era coletivo, que era de toda
 a gente, soa um bocadinho
 irrealista porque todos os
 grupos têm sempre alguém

the people who were
 part of it.

NONOCK As I said before,
 there were things that
 weren't good. Even so,
 we were united; we talked,
 researched, wrote,
 and thought together.

JASON I think the
 expectation was very high;
 I think we were supposed to
 go further. They didn't give
 us the attention we deserved
 because the government
 controls the media and
 didn't give us the attention
 we deserved.

NONOCK Sorry to interrupt,
 but I disagree. Don't
 forget that we did more
 underground work, more
 social, more focused
 on people's rights.

MANU I think the media
 does a good job. They
 took the Kubaka album
 to RTC, but we didn't
 follow up. Where's our
 second work? We didn't
 make it. We were united in
 Kubaka, only during the
 Kubaka period, but here in
 the area, there's no unity.

LETRA Hip-hop is about
 unity, and since everything
 was done in such a small
 place, it was even more
 united. I felt a lot of
 engagement from everyone,
 and likewise, in how
 they tried to bring
 that engagement to all
 of Alto de Bomba.

REVAN Saying that
 Kubaka was collective,
 that it belonged to everyone,
 sounds a bit unrealistic
 because every group has

ta ba crer tma algum protagonismo. Um toxal té um herança colonial. Projeto fazé um incomodo, ma na Cab Verd no tem um nova censura k é ignorá e um toxá k foi kel lá k governo fazé. Ma dentro de moviment de hip-hop é important també alguém panhá um muzka, um palavra, algum cosa e dal visibilidade.

REVAN Kubaka trazem más consciência de coletivo. Pa mi, conde bo ta intende vantagem de um ação coletiva bo ta muda bo forma de tabalhá e inclusive bo vida. Dentro de hip-hop tem varias tendencias e kel de nós tem objetivus de causar desconforto, fazé kestoos e incomodá.

LETRA É um bocod desanimador bo ta oia pa kubaka aoje e bo senti k tive poca continuidade de kel coletivo, mas també oia kes msm individualmente es ta desisti também. Um kosa kum tava altera na kubaka era garanti, desde logo, possibilidade de cria um estrutura futura pa garanti condiçõs reais pa projetos moda keli es ka ta para moda ta kontce sempre.

REVAN Toxa k tive um constrangiment grande k foi num moment kes oxa que Outros Bairros tinha objetivo de tra Kubaka de kel grupo de músicos pa entregal pa tud gente de Olt de Bomba. Mas tud project de hip-hop tem kes problema porque ego de musicos é gigante.

que vai querer tomar o controlo, vai querer ter algum protagonismo. Até acho que isso é uma herança colonial. O projeto incomodou, mas em Cabo Verde há uma nova censura que é ignorar e eu acho que foi isso que o governo fez. Mas dentro de movimento hip-hop é importante também alguém pegar numa música, numa palavra, alguma coisa e dar-lhe visibilidade.

REVAN Kubaka trouxe-me mais consciência do coletivo. Para mim, quando entendes as vantagens de uma ação coletiva mudas a tua forma de trabalhar e inclusive a tua vida. Dentro do hip-hop há várias tendências e a nossa tem o objectivo de causar incômodo e fazer questões.

LETRA É um bocado desanimador olhares para kubaka hoje e sentires que houve pouca continuidade daquele coletivo, mas também vê que mesmo individualmente eles também desistem. Uma coisa que eu alterava no Kubaka era garantir, desde logo, possibilidade de criar uma estrutura futura para garantir condições reais para que projetos como estes não parassem, como acontece sempre.

REVAN Acho que houve um constrangimento grande que foi o momento em que eles pensaram que o Outros Bairros tinha o objectivo de tirar Kubaka (Estúdio) daquele grupo de músicos para entregá-lo a toda a gente no Alto de Bomb. Mas todos os projetos de Hip-hop têm essas coisas porque o ego dos músicos é gigante.

someone who wants to take control, who wants to have some prominence. I even think this is a colonial legacy. The project was disturbing, but in Cabo Verde, there's a new censorship, which is to ignore, and I think that's what the government did. But within the hip-hop movement, it's also important for someone to take a song, a word, something, and give it visibility.

REVAN Kubaka brought me more awareness of the collective. For me, when you understand the advantages of collective action, it changes how you work and even your life. In hip-hop, there are various tendencies, and ours aims to provoke and ask questions.

LETRA It's a bit discouraging to look at Kubaka today and feel that there was little continuity from that collective, but you also see that, even individually, they give up. One thing I would change in Kubaka would be to ensure, from the beginning, the possibility of creating a future structure to guarantee real conditions so that projects like these don't stop, as always happens.

REVAN I think there was a big constraint, which was the moment they thought that Outros Bairros aimed to take Kubaka (Studio) away from that group of musicians to give it to everyone in Alto de Bomba. But all hip-hop projects have these issues because musicians' egos are huge.

NUNO Um tavgosta conversá sobre kes questões práticas, uké k bsot sentí na kes diferentes momentos ke configurá ess residência artística?

PRAÇA, SCRITOR, STUDIO

MANU Na praça foi important conche kes histórias de pessoas k bem li fala ma nós. Às vez té era pessoa kum tava conxe, ma nunca um tinha pensado da fala má es.

NONOCK Foi iss, história nov k no pode conxe.

JASON Kosa k mas m gosta na praça foi conxe tud historia de moviment hip-hop

MANU Quanto a kes letras, ka foi nada fácil mod kel presson kes po na nós. Ess presson ka foi kul mod no kre fazé letras kum bom mensagem e pa kela bo meste temp.

NONOCK Ess presson realmente foi o pior, maldas ka tive txeu respeito. Es bem muda tud bo letra, es dze k ka era essim, mas cada um de sê forma, k sê idologia e k sê filosofia. Um prepara tud bnitim msm k kel presson, mas né tud gent k ta consegue faze kel mov la.

JASON Uke trapalham más foi tempo de gravaçon.

No ka tive txeu tempo na studio e nos

ka tinha txeu

experiência també.

NUNO Gostava de conversar sobre as questões práticas, o que sentiram nos diferentes momentos que configuraram esta residência artística?

PRAÇA, ESCRITÓRIO, ESTÚDIO

MANU Na praça foi importante conhecer histórias de pessoas que vieram aqui falar conosco. Às vezes até era pessoa que já conhecia, mas nunca tinha pensado em falar com elas.

NONOCK Foi isso, novas histórias que pudemos conhecer.

JASON A coisa que mais gostei foi conhecer toda a historia do movimento hip-hop.

MANU Quanto àquelas letras, não foi nada fácil devido à pressão que nos puseram. Essa pressão não foi boa porque queríamos fazer letras com boas mensagens e isso precisa de tempo.

NONOCK Essa pressão foi realmente o pior, as pessoas não nos respeitaram. Mudaram as nossas letras, eles diziam que era daquela maneira, mas cada pessoa tem a sua forma, a sua ideologia e a sua filosofia. Eu fiz tudo bonitinho mesmo com aquela pressão, mas não é toda a gente que consegue fazer isso.

JASON O que me atrapalhou mais foi o tempo de gravação. Não tivemos muito tempo no estúdio e também não tínhamos muita experiência.

NUNO I would like to talk about practical matters; what did you feel in the different moments that shaped this artistic residency?

SQUARE, OFFICE, STUDIO

MANU At the square, it was important to hear stories from people who came here to talk to us. Sometimes it was even someone I already knew, but I had never thought about talking to them.

NONOCK Exactly, new stories that we could get to know.

JASON What I liked most was getting to know the entire history of the hip-hop movement.

MANU Regarding those lyrics, it wasn't easy because of the pressure they put on us. That pressure wasn't good because we wanted to create lyrics with good messages, and that takes time.

NONOCK That pressure was really the worst part; people didn't respect us. They changed our lyrics, saying it had to be a certain way, but everyone has their own style, their own ideology and philosophy. I managed to do everything neatly, even with that pressure, but not everyone can do that.

JASON What bothered me most was the recording time. We didn't have much time in the studio, and we didn't have much experience either.

LETRA Realizá um project moda ess li a partir de kes encontro é fundamental mod bo tem oportunidad pa conxe prop kel gente e kel realidade.

REVAN Ess trabalho na rua marcam sobretud na dia k no ba faze kel video clip porque maltas tava num entrega total, kes intendê k kel la era um oportunidad pa construí um visão de sês comunidade.

NUNO E tud ess processo é k leva bsot a construí uns muzca a partir de kel realidad de Olt de Bomba?

MUZCA

MANU Ideia de pta voz de maltas de zona na kes muzca, foi um acordo entre nós tud, entre tud gente k faze esse projeto. No kris traze kel alma de zona pa dentro de kes muzca.

JASON Pessoas de zona traze sentiment pa kes muzca, moda kel conversa de Kuni ma sse mãe.

MANU Té bo ta senti vontad de txorá conde bo pensa ness conversa de mae de Kuni, mod maltas tem falta dess sentiment, aoje en dia tud gente é forte, tud gente kre ser forte e iss né kul, mod tud gente tem sês fraquezas.

LETRA Realizar um projeto como este a partir de encontros é fundamental porque tens a oportunidade de conhecer mesmo aquelas pessoas e aquela realidade.

REVAN O trabalho na rua marcou-me, sobretudo, no dia que fomos fazer o videoclip, pois as pessoas tinham uma entrega total, porque entenderam que aquilo era uma oportunidade para construir uma visão sobre a sua comunidade.

NUNO E todo esse processo é que vos levou a construir músicas a partir da realidade de Alto de Bomba?

MÚSICAS

MANU A ideia foi pôr a voz das pessoas da zona dentro das músicas, foi um acordo entre nós, entre toda a gente que fez parte do projeto. Nós quisemos trazer a alma da zona para dentro das músicas.

JASON As pessoas da zona trouxeram sentimento às músicas, como naquela música de Kuni e da sua mãe.

MANU Até sentes vontade de chorar quando pensas na conversa com a mãe do Kuni porque as pessoas têm falta de sentimento, hoje em dia toda a gente é forte, toda a gente quer ser forte e isso não bom porque toda a gente tem as suas fraquezas.

NUNO Aquela música Sombralt tem umas palavras fortes como: mutirão,

LETRA Doing a project like this through meetings is fundamental because you get the chance to really know those people and that reality.

REVAN The work on the street left a strong impression on me, especially the day we went to shoot the video clip, because people were fully committed, as they understood that it was an opportunity to create a vision of their community.

NUNO And was it this whole process that led you to create music based on the reality of Alto de Bomba?

SONGS

MANU The idea was to bring the voices of the people from the neighborhood into the songs; it was an agreement between us, among everyone who was part of the project. We wanted to bring the soul of the neighborhood into the music.

JASON The people from the neighborhood brought emotion to the songs, like in that song by Kuni and his mother.

MANU You even feel like crying when you think about the conversation with Kuni's mother because people lack emotion; nowadays, everyone wants to appear strong, and that's not good because everyone has their weaknesses.

NUNO That song "Sombralt" has some powerful words like: collective work, problems,

moda, mutirão, problemas, governo, djunt, modk bsot pol lá?

MANU Grinhassim, sobre essa muzca um dá Jason razão, modk k kes palavras kel muzca fka txeu críticas e mídia nunca tava ta dal txeu visibilidade.

NONOCK Mi é k tiv ideia dess muzca e um pol txeu sentimento. Toxa k maltas ka dal devid valor.

MANU Mi, por acaso, um toxa k nao Nonock. Um toxa k maltas dal txeu valor, provavelmente bo tem ess sensação modk bo é k fazel. Bo é um artista e é clar k bo ka ta fka satisfeit k uke k bo faze.

LETRA Tive txeu divergência, porque tem sempre. Mas é possível proveita ess divergências pa bo djuta prop k companher dpos bo ta resolve ess divergência.

JASON *Sombralt* é um son pesod. No po ness muzca tud k no te encontrá prei ness pesquisa que no faze na zona.

DJ LETRA Kel momento de trazer falas de gente zona pa muzca foi txeu importante pa es intende k as vez um kosa é txeu interessant, mas kel letra ka ta fuciona k kel muzca. Além disso k é importante pa maltas de zona ta conxe rappers e pa rappers ta coxe também mané k é prop ses zona.

REVAN Ba pa zona procurá vozes foi um sugestão de Redy e um toxa k kel lá foi um interpretação

problemas, governo, junto, por que as puseram lá?

MANU Agora, sobre essa música eu dou razão ao Jason, porque com aquelas palavras aquela música ficou muito crítica e a mídia nunca lhe ia dar visibilidade.

NONOCK Eu é que tive a ideia dessa música e pus-lhe muito sentimento. Acho que não lhe deram o devido valor.

MANU Eu, por acaso, acho que não Nonock. Eu acho que lhe deram muito valor, provavelmente tens essa sensação porque tu é que fizeste. Tu és um artista e é claro que não ficas satisfeito com o que frases.

LETRA Houve muita divergência, porque há sempre. Mas é possível aproveitar essas divergências para te juntares mesmo com os colegas e depois resolveres essa divergência.

JASON *Sombralt* é um som pesado. Nós pusemos nessa música tudo que encontramos nessa pesquisa pela zona.

DJ LETRA O momento de trazer as falas das pessoas para a música foi muito importante para eles entenderam que, às vezes, algo é muito interessante, mas aquela letra não funciona naquela música. Além disso, que é importante as pessoas conhecerem os rappers e os rappers conhecerem a própria zona.

REVAN Ir para a zona a procurar vozes foi uma sugestão do Redy e eu acho que foi uma interpretação

government, together. Why did you put those words in there?

MANU About that song, I agree with Jason, because with those words, that song became very critical, and the media would never give it visibility.

NONOCK I was the one who came up with the idea for that song, and I put a lot of emotion into it. I think it didn't get the recognition it deserved.

MANU I don't think so, Nonock. I think it was appreciated a lot; you probably feel that way because you're the one who made it. You're an artist, and of course, you're not satisfied with what you create.

LETRA There was a lot of disagreement, because there always is. But it's possible to use those disagreements to really connect with your colleagues and then resolve those differences.

JASON "Sombralt" is a powerful track. We put everything we found in our research around the neighborhood into that song.

DJ LETRA The moment of bringing people's voices into the music was very important for them to understand that sometimes, something is very interesting, but that particular lyric doesn't fit in that song. Besides, it's important for people to know the rappers and for the rappers to know their own neighborhood.

REVAN Going to the neighborhood to look for voices was Redy's suggestion, and I think it was an interpretation

de um tradiçon de Rap. Na Rap bo tek ba pa terreno uvi. Nós tek fala, mas nós té també k intender kes gritos k sociedad ta dá.

NUNO Tud ess vozes kes é tão visível no disco, txeu tive lá na lançament, um oiás lá. Uke k ess lançament representa pa bsot?

LANÇAMENT

NONOCK Na zona fui kul, mod tava tud gente lá na praça. Era menins, gent mas bedj, tud es. Tive txeu gente k batem na costa pas dzem k kel som era bom.

JASON Foi bnit bo ta anda preí e bo uvi menins piquenis ta uvi nós muzca.

MANU Já contecem txega na casa e nha sobrim piqnitxim: "... tio bo é k fazé ess som?"

JASON Ess lançament ijuda nós ta comunica pa fora kel cosa kum dze sempre: Outros Bairros dá nós esperança, mas nos modo de vida ainda é sobrevivência.

MANU Visibilidad de disco fora foi enorme. Um recebe mensagens até de estrangeiro e um repará k tive gente que té ba oiá ots cosas feit na zona.

LETRA Lançament na Olt de Bomba foi fundamental,

de uma tradição do Rap. No Rap tens que ir para o terreno ouvir. Temos que falar, mas temos também que entender os gritos que a sociedade dá.

NUNO Todas essas vozes que são tão visíveis no disco, muitas delas estiveram lá no lançamento, eu vi-os lá. O que é que esse lançamento representou para vocês?

LANÇAMENTO

NONOCK Na zona fui bom porque estava toda a gente lá na praça. Havia crianças, pessoas mais velha, todas as pessoas. Houve muita gente que me bateu nas costas para me dizer que o som era bom.

JASON Foi bonito andar por aí e ouvires os meninos pequeninos a ouvir as nossas músicas.

MANU Já me aconteceu chegar a casa e o meu sobrinho pequenino dizer-me: "... tio tu é que fizeste este som?"

JASON Esse lançamento ajudou-nos a comunicar para fora aquilo que eu digo sempre: Outros Bairros deu-nos esperança, mas o nosso modo de vida ainda é a sobrevivência.

MANU A visibilidade do disco no exterior foi enorme. Recebi muitas mensagens, até do estrangeiro. E reparei que houve gente que até foi ver as outras coisas que se fazem na zona.

LETRA O lançamento no Alto de Bomba foi fundamental,

of a Rap tradition. In Rap, you have to go to the ground to listen. We have to speak, but we also have to understand the cries that society gives.

NUNO All those voices that are so prominent on the album, many of them were there at the launch; I saw them there. What did that launch represent for you?

RELEASE

NONOCK In the neighborhood, I was good because everyone was there in the square. There were children, older people, and everyone. Many people patted me on the back to tell me that the sound was good.

JASON It was beautiful to walk around and hear the little kids listening to our music.

MANU I've had the experience of getting home and my little nephew saying to me: "... uncle, did you make this sound?"

JASON This release helped us communicate outward what I always say: Outros Bairros gave us hope, but our way of life is still one of survival.

MANU The visibility of the album outside was enormous. I received many messages, even from abroad. And I noticed that there were people who even went to see other things being done in the area.

LETRA The release in Alto de Bomba was fundamental

mod pude saí log de zona pa mundo, a partir de um praça de zona dond tud gente ta ba.

REVAN Na lançament um senti realmente orgulho de tud kes fazé.

NUNO Moda tud ess process kontcé na Olt de Bomba ka tita pode ta avançá sem pergunta bsot manera Olt de Bomba oiá Kubaka?

porque pôde sair logo da zona para o mundo, a partir de uma praça da zona onde toda a gente vai.

REVAN No lançamaento senti que o lugar sentiui realmente orgulho de tudo que ele fazem.

NUNO Como todo este processo aconteceu no Alto de Bomba não posso avançar sem vos perguntar como é que Alto de Bomba olhou Kubaka?

because it could go straight from the neighborhood to the world, starting from a square in the area where everyone goes.

REVAN At the release, I felt that the place truly felt proud of everything they do.

NUNO Since this whole process happened in Alto de Bomba, I can't move forward without asking you how Alto de Bomba viewed Kubaka?

OLT DE BOMBA

MANU Maltas de zona es é kul. As vez es ta param pa perguntarm conde kes ta pode uvi nós ote vez

NONOCK É difícil maltas gosta de hip-hop mas, realmente, ma um toxa k li maltas gosta de nós traboi. Jam oiá várias vezes uns pessoas más bedjes ta uvii nós muzca.

REVAN Alto de Bomba, Outros Bairros e Kubaka inspiram pam faze algum cosa na nha zona q diazã um pensa kum temk faze ma nunca um fazel.

NUNO Por um lod, tud bsot fala de conflitos, por outro lod, de Kubaka moda um oportunidade e um inspiraçõn, ma inda ninguém fala txeu sobre manera k foi crítica de maltas fora de Olt de Bomba?

ALTO DE BOMBA

MANU As pessoas daqui são boas. As vezes param-me para me perguntar quando é que eles nos podem ouvir outra vez.

NONOCK É difícil as pessoas gostarem de hip-hop, mas, realmente, mas acho que as pessoas daqui gostam do nosso trabalho. Já vi várias vezes pessoas mais velhas a ouvir a nossa música.

REVAN Alto de Bomba, Outros Bairros e Kubaka inspirou-me para fazer alguma coisa na minha zona que há muito tempo quero fazer, mas nunca fiz.

NUNO Por um lado, toda a gente falou de conflitos, por outro lado, do Kubaka como uma oportunidade e um inspiraçõn, mas ainda ninguém falou como foi a crítica dentro e fora de Alto de Bomba?

ALTO DE BOMBA

MANU The people from here are good. Sometimes they stop me to ask when they can hear us again.

NONOCK It's difficult for people to like hip-hop, but I really think the people here appreciate our work. I've seen older people listening to our music several times.

REVAN Alto de Bomba, Outros Bairros, and Kubaka inspired me to do something in my area that I've wanted to do for a long time but never did.

NUNO On one hand, everyone talked about conflicts, but on the other hand, about Kubaka as an opportunity and an inspiration. But still, no one has talked about how the criticism was both inside and outside of Alto de Bomba?

CRITICA

JASON Governo bloqueou. El tive um visibilidad internacional, moda kel critica kul k Telmo [Telmo Luz] faze, mas mídia de li ka kris faze nada.

MANU Mi toxa k não Jason. No tive txeu gente k fala de nós depois de q kel album sai, má no ka faze mas nada e kosa morre.

REVAN Tud projet tem limitações, sobretudo, de dinher e comunicação. M ta considera kel la e um toxa k expectativa foi maior duke é k um tava ta espera. Na Cab Verd no ka tem um critica de hip-hop txeu definid. No tem Telmo Luz na Blog *D'Fralda pa mundo*, e el escrevé txeu sobre Kubaka.

NUNO Sabendo Kubaka parce na sequêcia de Outros Bairros, manera k bsot oia Outros Bairros? Outros Bairros pa bsot uke kel ta representá?

OUTROS BAIROS

JASON No sabe k um dia Outros Bairros tava de ba pará. É moda um pássaro. Grinhassim k já no vivel já no ganhá asa pa voa, ja no ta pode voa e panha cmida pa no cmê. Grinhassim, no ta meste compreende kual é proximo passo.

P/212 **GZ00** Outros Bairros é um cosa

CRÍTICA

JASON Governo bloqueou-o. Houve uma visibilidade internacional, como a crítica que o Telmo fez, mas a mídia daqui não quis fazer nada.

MANU Eu acho que não Jason. Tivemos muita gente que falou de depois do álbum sair, mas nós não fizemos nada e a coisa morreu.

REVAN Todo o projeto tem limitações, sobretudo, de dinheiro e comunicação. Considerando isso, acho que a expectativa foi melhor do que eu esperava. Em Cabo Verde não temos uma crítica de hip-hop muito definida. Temos o Telmo e o Blog *D'Fralda pa mundo* e ele escreveu muito sobre Kubaka.

NUNO Sabendo que Kubaka apareceu na sequêcia do Outros Bairros, como é que vocês olham para Outros Bairros? O que representa Outros Bairros para vocês?

OUTROS BAIROS

JASON Sabíamos que um dia ia parar. É como um pássaro. Agora que o vivemos, já ganhamos asas para voar, já podemos voar e apanhar comida para comer. Agora nós precisamos compreender qual é o próximo passo.

GZ00 Outros Bairros é uma coisa que me deixa indignado, porque eles prometeram tudo

CRITIQUE

JASON The government blocked it. There was international visibility, like the critique that Telmo made, but the local media didn't want to do anything.

MANU I don't think so, Jason. We had a lot of people who talked about it after the album came out, but we didn't do anything, and it just faded away.

REVAN The whole project has limitations, especially regarding money and communication. Considering that, I think the expectation was better than I expected. In Cabo Verde, we don't have a well-defined hip-hop critique. We have Telmo and the Blog *D'Fralda pa Mundo*, and he wrote a lot about Kubaka.

NUNO Knowing that Kubaka appeared as a result of Outros Bairros, how do you view Outros Bairros? What does Outros Bairros represent for you?

OUTROS BAIROS

JASON We knew it would stop one day. It's like a bird. Now that we've lived it, we've gained wings to fly; we can fly and gather food to eat. Now we need to understand what the next step is.

GZ00 Outros Bairros is something that makes me indignant because they promised everything and then

k txam indignod, mod es promete txeu e dpos es txa nós ma bsot sem possibilidade de ser nós ta cotinua traboi.

NONOCK Se Outros Bairros ta volta pa Olt de Bomba, maltas de Outros Bairros es tek respeitá mas jovens. Es ka ta pode txega um dia e dzé td completamente diferente de kel anterior.

MANU Outros Bairros é esperança. Além de ser um cosa k diazá no sperá, grinhassim cosas concretas moda txuva ess ta resolvid. Um exemplo é txuva, dantes era um afliçon epoca de txuva.

LETRA Primer vez kum uvi fala de Outros Bairro um pensa k era um kosa k tava ta pasá na bairros de Portugal, té bo txmam pa no participa na Kubaka. Entre Governos e Rap tem sempre um pont k ta separá nos, mod no ta explica cosas prop na se essência. Na caso de Kubaka um toxa kes podia panha txeu preocupaço k ta escrit la nakes muzca pa medjora coisas. Politicos divia usa rappers pa muda cosas, mas kel la nunca es fazé.

REVAN Duke um intende de Outros Bairros, k ka foi tud mod el é um project grand k toca num data de assuntos, um toxa k sé grande vantagem é kel é construido li, el é um política de terreno construido pa zona donde é k bsot estuda kes problemas pa propô um discussão pa tma um decisão em vez de um opção de política k bem de ote lugar qualquer pensod sei la pa kenhé.

e depois deixaram-nos a nós e a vocês sem possibilidade de continuar o trabalho.

NONOCK Se Outros Bairros voltar para Alto de Bomba, as pessoas de Outros Bairros têm que respeitar mais os jovens. Não podem chegar um dia e dizer tudo completamente diferente do dia anterior.

MANU Outros Bairros é esperança. Além de ser uma coisa que queríamos há muito tempo, agora há coisas concretas, como a chuva, que estão resolvidas. Antigamente a época de chuva era uma aflição.

LETRA A primeira vez que ouvi falar do Outros Bairros pensei que era algo que se passava em bairros de Portugal, até tu me chamares para participar no Kubaka. Entre Governos e Rap há sempre um ponto que nos separa, porque nós explicamos as coisas mesmo na sua essência. Na caso de Kubaka acho que eles podiam recolher muitas preocupações que estão escritas nas músicas para melhorar coisas. Os políticos deviam usar rappers para mudar coisas, mas isso eles nunca fazem.

REVAN Do que entendi do Outros Bairros, que não foi tudo porque é um projecto grande que toca em muitos assuntos, acho que a sua grande vantagem é ele ser construido aqui, é uma política de terreno construida para as zonas onde estudam os problemas para propôr uma discussão e tomar uma decisão, em vez de uma opção de política vinda de outro lugar qualquer e pensada sei lá porque quem.

left us and you without the possibility of continue the work.

NONOCK If Outros Bairros returns to Alto de Bomba, the people from Outros Bairros need to respect the youth more. They can't just come one day and say everything completely different from the day before.

MANU Outros Bairros is hope. Besides being something we wanted for a long time, now there are concrete things, like the rain, that have been resolved. In the past, the rainy season was a source of distress.

LETRA The first time I heard about Outros Bairros, I thought it was something happening in neighborhoods in Portugal, until you called me to participate in Kubaka. Between governments and rap, there's always a point that separates us because we explain things even in their essence. In the case of Kubaka, I think they could gather many concerns that are written in the songs to improve things. Politicians should use rappers to change things, but they never do that.

REVAN From what I understood about Outros Bairros, which isn't everything because it's a large project that touches on many issues, I think its great advantage is that it is built here; it's a ground-level policy built for the areas where the problems are studied to propose a discussion and make a decision, rather than a policy option coming from somewhere else that was thought out by who knows who.

Tecnologia Afrodiaspórica

AFRO-DIASPORIC TECHNOLOGY

BIA FERREIRA



Conversa com Antônio Tavares, Bia Ferreira, BNegão, Elisa Lucinda, Keny Paris e Revan Almeida durante o evento Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020 / Conversation with Antônio Tavares, Bia Ferreira, BNegão, Elisa Lucinda, Keny Paris, and Revan Almeida during the Praça Nho Jon event. Grace Ribeiro, 2020.

Pra existir a fome
Tem alguém com a mesa farta
Pra existir a dor
Tem alguém que gargalha
Quando a festa tá boa
Cê já sabe quem trabalha
Exploração, mão de obra barata
Festeja, celebra, mas em casa não tem pão
Se pinta, e monta o circo com a própria mão
Amazonia cinza, São Paulo escuridão
Já acabou à previdência
Cocaína no avião
Pobreza estrutural
Se explora a miséria pra poder vender jornal
Em fevereiro esquece tudo
E viva o carnaval
E o ciclo continua, acha que isso é normal
Igrejas fomentando uma lavagem cerebral
O aumento da lgbtfobia é anual
Há queda na nossa economia e o aumento em dow jones
Contra o lucro que causa miséria, e aumenta a fome
Convoco a todes
Informe seus amigos e parentes



To exist hunger
There must be someone with a bountiful table
To exist pain
There must be someone laughing
When the party is good
You already know who is working
Exploitation, cheap labor
Celebrates, rejoices, but at home there's no bread
Paints oneself and sets up the circus with their own hands
Gray Amazon, darkness in São Paulo
Social security is gone
Cocaine on the airplane
Structural poverty
Exploits misery to sell newspapers
In February forget everything
And let's celebrate the Carnival
And the cycle continues, do you think this is normal
Churches promoting brainwashing
The rise of LGBTQ+ phobia is annual
There's a drop in our economy and a rise in Dow Jones
Against profits that cause misery and increase hunger

I summon everyone
Inform your friends and relatives
Be towers
Transmit information
And destroy the values
Of morals and good customs
Of all conservatives
Who preserve their privilege
Instilling fears
And covering up crimes of their clerics
Of bishops and pastors
Money laundering, adultery
Are lords
In ties and suits using God's name
To take your money, everything that is yours
House, car, card password
And if the money runs out: You must have more faith, brother
Jesus wasn't a believer and wasn't Jewish
He was the man who preached against those Pharisees
Information liberates
Inform from north to south
Afro-diasporic Bantu technology

I talked about Jesus, but I don't want to cause a commotion
I just don't believe that to have the blessing, you must go to worship
My sister listen, and think first
If God owns the gold and silver, what's the use of your money?
Invest in your children, and in your well-being
In your health, in improving your home
Take your tithe and make a purpose
Invest ten percent of what you earn and start your business
Circulate your money in the hands of the poor and Black

Sejam torres
Transmitam informações
E destruam os valores
De moral e bons costumes
De todos conservadores
Que conservam o seu privilégio
Implantando temores
E encobrem crimes dos seus clérigos
Dos bispos, e pastores
Lavagem de dinheiro, adultério
São senhores
De gravata e de terno usando o nome de Deus
Pra arrancar o seu dinheiro, tudo que for seu
Casa, o carro, a senha do cartão
E se acabar a grana: Tem que ter mais fé, irmão
Jesus não era crente e nem era judeu
Era o homem que pregava contra aqueles fariseus
Informação liberta
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica bantu

Falei de Jesus, mas não quero gerar tumulto
Só não acredito que pra ter a bênção, tem que ir no culto
Minha irmã escute, e pense primeiro
Se Deus é o dono do ouro e da prata, pra que seu dinheiro?
Invista nos seus filhos, e no seu bem estar
Na sua saúde, na melhoria do seu lar
Pegue seu dízimo e faça um propósito
Invista dez por cento do que ganha e abra seu negócio
Circule seu dinheiro na mão dos pobre e preto
É assim que movimenta a economia no gueto
O tempo de povo subjugado
Acabou
Nós não aceita menos do que as preta ceo!

Aula de economia
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica bantu
Aula de economia
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica
O afeto liberta
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica bantu
O afeto liberta
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica
Informação liberta
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica bantu
Informação liberta
Informe de norte a sul
Tecnologia afrodisporica
Tecnologia afrodisporica



That's how you move the economy in the ghetto
The time of the subjugated people
Is over
We won't accept less than the Black CEO!

Economics class
Inform from north to south
Afro-diasporic Bantu technology
Economics class
Inform from north to south
Afro-diasporic technology
Affection liberates
Inform from north to south
Afro-diasporic Bantu technology
Affection liberates
Inform from north to south
Afro-diasporic technology
Information liberates
Inform from north to south
Afro-diasporic Bantu technology
Information liberates
Inform from north to south
Afro-diasporic technology
Afro-diasporic technology



Conversas Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020 / Talks Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020.

Excerpt from the conversation at *Praça nho Jon - Kubaka* on November 12, 2020, promoted by the Outros Bairros Initiative. Available at <https://www.youtube.com/watch?v=AVQmu0A5mUA&t=1632s>

O verbo de uma classe gritando sua história

THE VERB OF A CLASS SHOUTING ITS HISTORY

ELISA LUCINDA

Esse trabalho que inclui a periferia, as zonas e os territórios onde as pessoas têm menos possibilidades e menos acesso à informação oficial é uma salvação em relação à saúde sociológica da ilha e do país.

Há muito tempo, aqui no Brasil, eu acho que se ignorou a palavra do Rap, a palavra do Funk, se desprezou. No entanto, essa voz que vem das periferias, das comunidades, dos excluídos dos benefícios gerais da sociedade, faz uma leitura inédita dessa mesma sociedade.

Na verdade, é a vitória. A palavra do Rap, a palavra do Funk é o verbo vencendo a criminalidade, é o verbo vencendo o abandono do Estado, é o verbo de uma classe gritando sua história e colocando ali nossa resistência ancestral e o brilho do nosso pensamento.

Se a gente procura uma sociedade com maior igualdade, na verdade a gente está trabalhando pela cultura da paz. Torço para que a gente consiga desenvolver, cada vez mais, esse movimento, não só em Cabo Verde, mas também no Brasil e que essas zonas sejam, cada vez mais, restauradas e beneficiadas com equipamentos culturais para que essa palavra não morra.

This work that comprises the periphery, the areas and territories where people have fewer chances and less access to official information, is a salvation to the island and the country's sociological health.

A long time ago, here in Brazil, I believed the word of Rap had been ignored, the word Funk had been disregarded. However, that voice that comes from the peripheries, from the communities, from those excluded from society's general benefits, performs an unprecedented reading of that same society.

In fact, victory. The word of Rap, the word Funk, is the verb beating crime, it is the verb beating the State's abandonment, it is the verb of a class shouting their history and there placing our ancestral resistance and our thought's radiance.

If we are seeking a more equal society, truth is we are working for the culture of peace. I hope we may develop that movement, more and more, not only in Cabo Verde but also in Brazil, and that such areas become increasingly restored and bettered with cultural facilities so that such word may not die.

Conversa com António Tavares, Bia Ferreira, BNegão, Elisa Lucinda, Keny Paris e Reevan Almeida durante o evento Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020 / Conversation with António Tavares, Bia Ferreira, BNegão, Elisa Lucinda, Keny Paris, and Reevan Almeida during the Praça Nho Jon event, Grace Ribeiro, 2020.



Iniciativa Outros Bairros - Projeto Kubaka

OUTROS BAIRROS INITIATIVE - KUBAKA PROJECT

TELMO LUZ

Como um emigrante apaixonado pela sua terra, Cabo Verde e particularmente pela minha ilha, São Vicente, conheci a iniciativa “Outros Bairros” IOB através da Comunicação Social.

A minha primeira ideia era que esse projeto era simplesmente mais uma forma de tentar iludir uma população de zonas ditas precárias, pobres e quase na sua totalidade constituída por moradias ilegais, vulgo “casinhas de tambor”, sendo normalmente uma população votada ao abandono por todos os poderes, seja municipal, seja Central.

Mas continuei seguindo as notícias e acompanhando essa ideia, até que um dia, descubro que além da parte arquitetónica propriamente dita, o projeto ia englobar outras vertentes importantes, sendo através da capacitação profissional dos moradores, de modo a que eles próprios fossem a própria mão de obra das obras da IOB.

E de uma pessoa completamente cética acerca desta obra, comecei finalmente a interessar-me por tudo o que ia acontecendo e comecei a consumir avidamente todas as notícias, procurando nas redes sociais os diversos intervenientes, de modo a perceber toda essa iniciativa que considerei que podia ser uma das mais importantes intervenções feitas nas comunidades mais pobres desse nosso pequeno Cabo Verde.

Mas o motivo para essa minha mudança de ânimo, não foi tanto pelas alterações arquitetónicas IMPORTANTÍSSIMAS que iam acontecer, mas sim pelo que percebi que ia ser o maior ganho dessas populações. A sua valorização enquanto uma população integrada na sua sociedade, com orgulho de pertença a uma zona discriminada, abandonada e cruelmente asfíxiada pelos poderes, determinou o aumento da autoestima. Essas pessoas podiam passar a dizer a todos que eram moradores de “OLT DE BOMBA”, com orgulho na voz. Pensando que essa mesma valorização ia ser levada para as outras zonas onde o IOB ia intervir, nomeadamente Covada de Bruxa

e de Fernando Pó, comecei claramente a ser um entusiasta de tudo o que rodeava esta “nossa” iniciativa piloto.

Mas na verdade nada preparou-me para o que vinha a caminho. Nada preparou-me para a pedrada chamada Projeto Kubaka, um projeto musical elaborado com o patrocínio da IOB, que resultou num projecto coletivo, entre jovens moradores de “Olt Bomba”, com a coordenação técnica do Revan Almeida e do Dj Letra e com a curadoria do Redy Lima.¹

E se já estava apaixonado por esta iniciativa, a partir deste trabalho musical senti claramente que estávamos perante uma iniciativa imparável e que ninguém mais podia duvidar da sua importância. Esta iniciativa permitiu perceber toda a sua capacidade de mudar, alterar e renovar toda uma população, capacitando a mesma para deixar de ser uma parte inativa do seu destino. Passando a ser uma parte ativa, a população passou a exigir, ter voz em todas as decisões do seu destino. Isto devia ser um desejo de qualquer governante, que é ver a sua população capaz de decidir os seus destinos, através da sua própria mobilização para conseguir as melhorias desejadas por eles, não ficando agora apenas à espera das “esmolos” dadas durante os tempos de campanha.

Mas se esse álbum foi uma pedrada por todas as mensagens que ele trouxe em 8 músicas, foi também a partir da data do seu lançamento que comecei a ler os primeiros rumores do cancelamento da IOB. Esta iniciativa que já tinha conseguido trazer diversas melhorias à população dessa zona berço, podia não conseguir atingir os seus propósitos, e que possivelmente ia conseguir no máximo atingir 50% de tudo o que se propôs. Aquilo que IOB “prometeu” à população, que já estava totalmente envolvida no próprio projeto, seja através dos jovens que foram contratados, seja através das “Amdjer na Obra”, um grupo de calceteiras, constituída 100% por moradoras de Olt Bomba e que eram

Nota Editorial: IOB atingiu apenas 30% do projeto inicial programado.

Nota Editorial: Telmo Luz publicou no seu blog FraldaMundo: <https://fraldapamundo.webnode.pt/1/kubaka-parte-3/>

As an emigrant in love with his land, Cabo Verde and particularly my island, São Vicente, I became aware of the initiative “Outros Bairros” (IOB) through media.

My first impression was that such project was simply another way of trying to deceive a population from so-called precarious and poor areas, almost entirely made of illegal houses, aka “*casinhas de tambor*”¹, a population already used to being abandoned by every power, be it municipal, be it central.

But I continued following the news and keeping track of that idea, until one day I found out that, besides the its very architectural aspect, the project would include another important field, the residents’ professional training so they could be the IOB’s labour force themselves.

And, from someone completely sceptical about this project, I finally became completely interested in all that was happening, eagerly consuming every news, searching for every intervenient in social media, so as to completely understand that initiative which I deemed as possibly one of the most important interventions made in our little Cabo Verde’s poorest communities.

But the reason for my change in spirits was not so much due to the VERY IMPORTANT architectural changes, but rather because of what I understood it would be those populations’ gains. Their valorisation as people inserted in their society determined an increase in their self-esteem, becoming proud to be part of a discriminated area, abandoned and cruelly asphyxiated by powers. These people could begin to proudly tell everyone out loud they were “OLT DE BOMBA”² residents. Considering such valorisation would be spread to other areas where the IOB was going to take action, namely Covada de Bruxa and Fernando Pó, I clearly became an enthusiast of all that surrounded “our” pilot initiative.

However, nothing truly prepared me for what came next. Nothing prepared



Gravações Álbum Kubaka, Alto de Bomba, 2020 / Recording, Kubaka Album, Alto de Bomba, 2020.

me for the blow named “Projeto Kubaka”³, an IOB endorsed musical project, that resulted in a collective undertaking amongst “Olt de Bomba’s” young residents, technically coordinated by Revan Almeida and DJ Letra, and curated by Redy Lima.⁴

And, as if I weren’t already sufficiently in love with this initiative, from this musical work I clearly felt we were before an unstoppable action, and that no one else could question its importance. This initiative allowed for an understanding of its capacity to change, affect and renovate an entire population, providing them with the ability for becoming an active element in their own destiny. The population began to demand, to have a voice in their destiny’s decisions. This should be every rulers’ desire, to witness their populations being capable of making their own destinies, through their very mobilisation towards their desired improvements, instead of simply waiting for campaign “alms”.

But, if that album was a blow because of all the messages contained in its eight tracks, it was also around its release I began hearing about the IOB’s cancellation. The initiative that had provided that area’s population with several betterments, might not meet its goals,

T.N.: Literally, “little drum houses”.

T.N.: Caboverdean Creole for Alto de Bomba.

T.N.: Kubaka Project.

Editorial Note: Telmo Luz published on his blog FraldaMundo: <https://fraldapamundo.webnode.pt/1/kubaka-parte-3/>

responsáveis pela totalidade das calçadas nascidas na zona, que tinha melhorado a qualidade de vida de toda uma população, ficou cancelado.

Mas como assim? Como que um projeto que estava demonstrando através dos seus acertos (em grande vantagem sobre os seus erros) que podia ser uma mais valia a uma população discriminada e abandonada, ia ser cancelada antes do seu término? Quais foram os motivos que levaram a que nem o projeto piloto terminasse? Quais foram os motivos para que um governante deixasse cair um dos projetos mais integradores que já vi acontecer em Cabo Verde? São essas as minhas perguntas que gostaria de ver respondidas.

Mas na verdade, essas perguntas foram todas respondidas no álbum Kubaka. Porque não sendo os MC's, adivinhos, eles passam o álbum todo a se referir a uma descrença tão grande como a que eu tive quando conheci o projeto. E essa descrença está toda escrita, falada, cantada e chorada em "Estoria Eskondid", uma das músicas mais fortes do álbum. Assim vemos que apesar de todos os ganhos e de todos os motivos para estarem na luta junto com a IOB para melhorar as suas realidades, a população desta zona (representada por estes jovens) nunca acreditou que o projeto fosse chegar ao fim. Porque eles estão fartos de promessas não cumpridas. Fartos de serem usados. Farto de serem iludidos. E essa pode ser a maior herança da IOB. Porque se há algo que foi criado na IOB e que devem ter muito orgulho, é terem apetrechado essa população de uma arma que é muito maior que as calçadas: UMA MENTE PENSAnte E REVOLUCIONÁRIA.

E um dia, não vamos ser nós, os de "fora" que vão querer saber os motivos desse cancelamento. Vai ser essa população que vai chegar na "morada" e exigir essas respostas.

Porque se as obras ficaram em 30%, a semente da REVOLUÇÃO ficou a 100%.

possibly reaching 50% of all it intended. What the IOB "promised" to the population, who were completely involved in the project – be it through the hired youth, be it through the "Amdjer na Obra"⁵, a group of women pavers, 100% Olt de Bomba residents, responsible for that zone's entire pavements which had improved everyone's lives –, was cancelled.

How so? How did a project whose accomplishments (largely exceeding its flaws) proved to be so significant to a discriminated and abandoned population got cancelled before its completion? What were the reasons that let even the pilot project unfinished? What were the motives for a ruler to drop one of the most inclusive projects I have ever seen in Cabo Verde? These are my questions I would like to see answered.

Those questions, however, had already been answered in the Kubaka album. Through it, the MC's, not being fortune tellers, express a disbelief as high as the one I had upon first learning about the project. And that disbelief is written, spoken, sung and cried in "Estoria Eskondid"⁶, one of the album's strongest tracks. We thus witness how this area's population (represented by these young people), in spite of all the gains and motives to be aligned with the IOB, never believed such project would be completed. Because they are tired of unfulfilled promises. They are tired of being used. They are tired of being deceived. And that may well be the IOB's largest legacy. Because if something was created in the IOB, which should make them proud, is the equipping of that population with a weapon much larger than the pavements: A THINKING AND REVOLUTIONARY MIND.

And one day, it will not be us, the "outsiders", who will wish to know that cancellation's motives. It will be that population who will go to the "morada"⁷ and demand those answers.

Because if the works were limited to 30%, the seed of REVOLUTION has achieved a full 100%.

T.N.: Caboverdean Creole for "Women in the Working Site".

T.N.: Caboverdean Creole for "Hidden History".

Name used for Mindelo's historical centre, São Vicente's first planned and urbanised neighbourhood. Literally, "address", "residence".

Movimento de pessoas, um grito social

MOVEMENTS OF PEOPLE, A SOCIAL OUTCRY

ANTÓNIO TAVARES

TONY Nasci e cresci nesta cidade. Interesse-me pela dança desde sempre, que é a matéria que mais utilizo. Mas, na verdade, o que percebo que sou é um agitador cultural.

NUNO Quando ouviste falar da Iniciativa Outros Bairros – IOB, o que pensaste?

TONY Eu trabalhei sempre com bairros; “outros bairros” aqui, “outros bairros” acolá. Estive sempre ligado a essa questão de bairros sociais, em Cabo Verde e também em Portugal. Quando vi Outros Bairros cá, o fascínio foi tentar perceber como aquilo era, e depois entendi que era produto de um estudo interno e de profundo conhecimento do lugar. Não existe melhor maneira de trabalhar num lugar do que trabalhar com aquela célula endógena. Se vamos limpar tudo, como se o lugar não tivesse inteligência, não estamos a integrar aquilo que antes já tinha sido feito.

Senti que havia falta de autoestima.

A primeira coisa que procurei que soubessem é que a cidade tem lugares privilegiados como aquele (pela vista que tem sobre a Baía do Porto Grande), que deviam valorizar o seu lugar, antes de mais nada, para eles mesmo, porque é lá que estão e que, a partir disso, se muda completamente a maneira de estar. No Alto de Bomba o discurso foi logo em torno daquela vista que se tem da cidade que traz a ameaça de que algum dia esse espaço lhes seja roubado! Aquele espaço é um espaço que tem interesse habitacional. Através da IOB fez-se com que aquele pessoal fique lá – é a antítese do desejo de quem manda.

NUNO E sentes que em Cabo Verde é possível construir uma política para isso?

TONY Sim. O problema é que Cabo Verde nunca teve, principalmente nos últimos 30 anos, um pensamento endógeno. Fazer esse tipo de projetos em que trabalhas diretamente com a população, é estimular a sua autoestima e o seu gosto por viver naquele lugar. Para mim é o melhor pensamento que se pode aplicar neste país. Fica muito mais



Conversa de António Tavares na residência artística Kubaka, Grace Ribeiro, 2020.

barato, é mais forte e com muito mais amor do que se trabalhares o contrário.

Das coisas mais incomodativas em Cabo Verde é a forma como esbanjamos dinheiro. Fazem-se as coisas à base do “mi ki ta manda”, que é fruto de um modo de estar herdado na nossa história e que faz com que nunca desenvolvamos um pensamento de discussão pública sobre determinados aspectos.

NUNO Tu achas que quem se mobilizou para a “zona”, é a sua última oportunidade de resistência dentro de uma urbanização que não pára de crescer ?

TONY Existem vários gritos sociais, e os bairros são fruto desse movimento de gente que falavas. Na Praia e em São Vicente tens, por um lado, aqueles exemplos gritantes, que são conflitos de terra, de interesses, por outro lado, tens outro lamento, que é quando começamos a vender terra, nos anos 90, que permitiu às câmaras financiarem-se, sem respeitarem grandes compromissos



Conversation by António Tavares at the Kubaka artistic residency, Grace Ribeiro, 2020.

TONY I was born and raised in this city. I have always been interested in dance, which is the medium I use the most. But, in reality, what I understand myself to be is a cultural agitator.

NUNO When you first heard about the Outros Bairros Initiative - IOB, what did you think?

TONY I have always worked with neighborhoods; *outros bairros* here, *outros bairros* somewhere. I have always been connected to social neighborhood issues, in Cabo Verde and also in Portugal. When I saw Outros Bairros here, the fascination was trying to understand how it was, and then I realized it was the product of an internal study and a deep understanding of the place. There is no better way to work in a place than to work with that endogenous cell. If we are going to clean everything up as if the place had no intelligence, we are not integrating what had already been done before.

I felt there was a lack of self-esteem. The first thing I sought for them to know is that the city has privileged places like that one (because of the view over the Baía do Porto Grande), which they should value, first and foremost, for themselves, because that is where they are, and from that, their way of being can completely change. In Alto de Bomba, the discourse was immediately around that view of the city, which brings the threat that someday that space may be taken from them! That space is of residential interest. Through the IOB, it was made possible for those people to stay there – it is the antithesis of the desire of those in power.

NUNO Do you feel that in Cabo Verde it is possible to build a policy for that?

TONY Yes. The problem is that Cabo Verde has never had, especially in the last 30 years, an endogenous way of thinking. Doing this type of project, where you work directly with the population, is to stimulate their self-esteem and their love for living in that place. For me, it is the best kind of thinking that can be applied in this country. It is much cheaper, stronger, and full of love compared to working the other way around. One of the most troubling things in Cabo Verde is the way we waste money. Things are done based on “mi ki ta manda” (meaning “I’m the boss”), which is the result of a way of being inherited from our history, preventing us from developing a public discourse on certain aspects.

NUNO Do you think that those who mobilized for the “zona” (peripheral area) see it as their last opportunity for resistance within an ever-growing urbanization?

TONY There are several social outcries, and the neighborhoods are a result of that movement of people you mentioned. In Praia and São Vicente, on one hand, you have those glaring examples, which are land conflicts, interests; on the other hand, there’s another lament, which is when we began to sell land in the 90s, allowing the municipalities to finance themselves without respecting significant urban commitments or

urbanísticos, nem de planeamento. Essa deslocação de pessoas que falavas, é um caso gritante, porque vem com todo o seu modo de vida. As pessoas querem ter a sua horta e os seus animais, mas com os municípios preocupados em vender a terra esquecem-se outras coisas. A IOB é uma coisa com leitura íntima. O Outros Bairros é um projeto de conflito porque ganhou importância, e o poder político não quer uma coisa dessas.

NUNO Para concluirmos, se quiseres acrescentar alguma coisa...

TONY Claro. Gostávamos que este projeto fosse adaptado como um modelo pensante de Cabo Verde, uma mudança sustentada e participativa! É muito importante dar voz às pessoas! Na democracia é bom quando tens pessoas a representar, mas péssimo quando quem representa não sabe ouvir. Esse modo de fazer era muito importante para ser aplicado a outras coisas para além da construção. Podíamos adaptar também em modos de estar cultural, de forma a recuperar energias que desperdiçamos tanto, e negar esse modelo importado de chave na mão e de placas. Isso é tudo com base no ego e no “mi ki ta manda”. É fundamental aplicar o pensamento Ubuntu. E esse projeto tem essa capacidade de ouvir antes de fazer!

planning. This displacement of people that you spoke of is a glaring case because it comes with their entire way of life. People want to have their garden and their animals, but with municipalities focused on selling land, they forget other things. The IOB is something that requires an intimate reading. Outros Bairros is a project of conflict because it gained importance, and the political power does not want something like that.

NUNO To conclude, if you would like to add anything...

TONY Of course. We would like this project to be adapted as a thinking model for Cabo Verde, a sustained and participative change! It is very important to give voice to people! In democracy, it is good when you have people representing, but terrible when those who represent do not know how to listen. This way of doing things was very important to be applied to other matters beyond construction. We could also adapt it to cultural ways of being, in order to recover energies that we waste so much and deny this imported model of “turnkey” and plates. It all stems from ego and “mi ki ta manda.” It is essential to apply the Ubuntu philosophy. And this project has the capacity to listen before acting!

Primeiro dia de discussão da residência artística Kubaka, Grace Ribeiro, 2020.

First day of discussion of the Kubaka artistic residency, Grace Ribeiro, 2020.



ANTES/BEFORE



DEPOIS/AFTERWARDS

ANTES/BEFORE



DEPOIS/AFTERWARDS

ANTES / BEFORE



DURANTE / DURING

ANTES/BEFORE



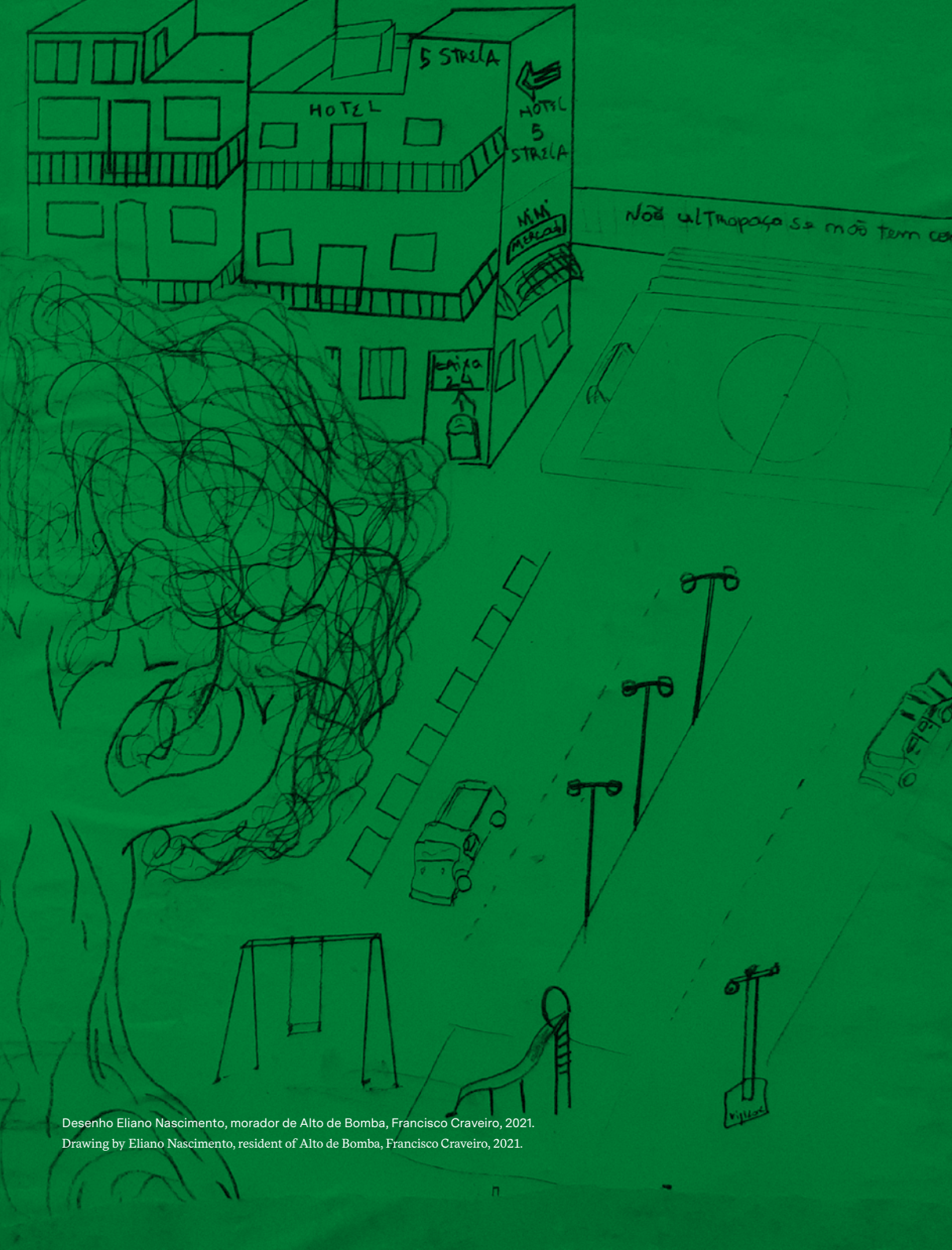
DEPOIS/AFTERWARDS



MATRIZES DO JOGO
E DO DESENHO EM
ALTO DE BOMBA

MATRICES OF PLAY
AND OF DRAWING
IN ALTO DE BOMBA

MATRIZ D' JOG E DSEN NA QLT D' BOMBA



Desenho Eliano Nascimento, morador de Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

Drawing by Eliano Nascimento, resident of Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

Não é ficção – falamos de pessoas

IT IS NOT FICTION – WE ARE TALKING ABOUT PEOPLE

IRLANDO FERREIRA

Chegou-me, hoje, a notícia de que o projeto “Outros Bairros” encontra-se entre os 20 finalistas do “Prémio Aga Khan de Arquitetura 2022”. Este reconhecimento e, outros tantos, reforçam a importância deste projeto no contexto de Cabo Verde e da arquitetura, no amplo sentido. Perante este facto, qualquer depoimento que se possa emitir, acerca, torna-se pouco relevante.

No entanto, existem outros ângulos que convidam a uma partilha mais direta e pessoal sobre “Outros Bairros”. Não obstante o limitado entendimento sobre esta disciplina, presumo que quando se refere à arquitetura estamos, fundamentalmente, a falar de pessoas, comunidades, vivências, códigos sociais, culturais, económicos e não só.

No caso especial do Alto de Bomba, estamos perante um projeto de reabilitação de um assentamento precário em Mindelo, ilha de São Vicente, que além de intervir nas ruas, espaços públicos e habitações – criando melhores condições de acessibilidade, escoamento de águas pluviais, saneamento, eletricidade – teve na sua base a preocupação de trabalhar com e para a comunidade – criando diálogo e ponto de ligação entre as pessoas, dentro e fora dela, através de iniciativas de âmbito cultural, social e desportivo, para citar algumas.

Em adição aos pontos acima, esta atuação proporcionou uma nova forma de olhar e sentir esse espaço, tanto para os de dentro como para os de fora do bairro. Este parece-me um dos pontos essenciais dessa intervenção, pois não deixa dúvidas de que a arquitetura, quando pensada com e para as pessoas, resulta na ampliação de possibilidades de experienciar e vivenciar os espaços. Nestes últimos, são codificadas memórias que passam de geração em geração, quando positivas, suscitam sentimento de pertença, coletividade, família... No final o que resta são as memórias, boas ou más, dependendo das condições a que somos submetidos, nos submetemos ou que aceitamos.

Quando falo de experiência pessoal, imaginem acordar ao domingo, calçar um par de sapatilhas, encontrar com um grupo de amigos, inclusive o arquiteto responsável pelo projeto e subir o Alto de Bomba para nos juntarmos aos moradores daquele bairro para algumas horas



Campo de basket Alto de Bomba, Ângelo Lopes, 2020.



Basketball court, Alto de Bomba, Ângelo Lopes, 2020.

The news regarding “Outros Bairros” being part of the Aga Khan Award for Architecture’s 20 finalists has just reached me. This acknowledgement, and many others, reinforce this project’s importance in Cabo Verde’s context, as well as architecture’s, in general. Given this situation, any statement one may utter about it is of little relevance.

Nevertheless, there are other angles that invite a more direct and personal account about “Outros Bairros”. Regardless of this subject’s limited understanding, I suppose that, when referring to architecture, one fundamentally speaks of people, communities, experiences, social, cultural and economic codes, amongst other things.

Particularly in Alto de Bomba, we are in presence of a rehabilitation project of a precarious settlement in Mindelo, São Vicente Island, that besides taking action on streets, public spaces and housing – improving conditions of accessibility, water drainage, sewerage and electricity – it defined as its cornerstone the working with and for the community – generating dialogues and connections between people, either from the community or not, through cultural, social and sporting initiatives, to name a few examples.

In addition to the above-mentioned issues, such intervening allowed for a new way to see and feel that space, both for those from and not from the neighbourhood. To me, this seems one of this intervention’s key aspects, as it leaves no doubt about architecture, when considered along and for people, resulting in the magnification of the possibilities of experiencing spaces. In the latter, memories which pass from each generation to the next are codified, when positive, spark feelings of belonging, collectivity, family... In the end, what is left are the memories, good or bad, depending on the conditions we are subjected to, we submit, or we accept.

When I talk about personal experience, imagine waking up on a Sunday, putting on a pair of trainers, meeting with a group of friends, including the architect who is responsible for the project, and going up to Alto de Bomba to join some of the neighbourhood’s residents for a few hours of basketball, where the teams comprise men and women, the young and the old,

de jogo de basquetebol, onde as equipas são uma mistura jovens e seniores, mulheres e homens, entre os dezasseis e quarenta e tal anos, do bairro e do centro da cidade.

Não estou a ficcionar, foi desta forma que tomei contacto com o Alto Bomba. Não obstante ser cidadão desta cidade, nunca tinha tido a oportunidade e motivação para me deslocar a essa comunidade. Os jogos amigáveis no campo de basquetebol, reabilitado no âmbito do projeto “Outros Bairros”, abriram espaço para convívio e diálogo que, naturalmente, resultaram no sentir-se parte dessa teia de vivências e partilhas.

Estas memórias, naturalmente, ficam codificadas no nosso ser e acrescenta-nos algo especial. Aproximam as pessoas, secundarizam a ideia de classe e ampliam, essencialmente, as referências e vivências culturais, sociais e, acima de tudo, humanas.

É neste contexto e com base nessa experiência, que me sinto legitimado a falar de “Outros Bairros”, projeto de que reconheço a particular importância para o bairro de Alto Bomba e a sua comunidade e, que sirva de exemplo de boas práticas para outros bairros de São Vicente e Cabo Verde que enfrentam os mesmos desafios de habitabilidade condigna. Afinal, trata-se aqui de um direito essencial dos cidadãos. Finalmente, faço votos que o projeto, “Outros Bairros” tenha continuidade e que multiplique com base na experiência e metodologia testadas e aplicadas no Alto Bomba.

between sixteen and forty-something years of age, both from the neighbourhood and the city centre.

I am not imagining things up, this is how I experienced Alto de Bomba. Despite being from this city, I had never found the opportunity nor the motivation to go towards that community. The friendly matches in the basketball court, rehabilitated within the “Outros Bairros” project, made way for conviviality and dialogue which, of course, resulted in feeling part of such weaving of experience and sharing.

These memories, naturally, have become codified in our being and give us something special. They bring people together, push the idea of class to the background, and, essentially, amplify the cultural, social and, most of all, human references and experiences.

It is within this context and based on that experience I feel legitimised to talk about “Outros Bairros”, a project whose importance for Alto de Bomba's neighbourhood and its community I am able to recognise, which may serve as an example of good practises for other neighbourhoods in São Vicente and Cabo Verde, that face the same challenges to proper housing. After all, this is a citizen's fundamental right. Lastly, I hope the project “Outros Bairros” continues and proliferates, based on the tested and applied experience and methodology in Alto de Bomba.

Vista aérea do campo de basket Alto de Bomba, Nuno Flores, 2020 / Aerial view of the basketball court, Alto de Bomba, Nuno Flores, 2020.





A teia e o cerco

THE WEB AND THE SIEGE

RAQUEL DA SILVA



Campo de basket, Alto de Bomba, Jakob Kling, 2020 / Basketball court, Alto de Bomba, Jakob Kling, 2020.

“– A cidade – insistes em perguntar.
– Vimos cá trabalhar todos os dias –
responder-te-ão uns, e outros:
– Voltamos cá para dormir.
– Deve ser para ali – dizem,
e uns erguem o braço obliquamente
na direção de uma incrustação
de poliedros opacos, enquanto
outros indicam para trás das tuas
costas o espectro de outras cúspides.”

In “As Cidades Invisíveis”, Italo Calvino

Fosse o nosso outro tempo, mais distante e remoto, coincidente com a origem de civilizações como a Grega ou Romana, e a nossa percepção da urbe seria significativamente diferente daquela que as cidades nossas contemporâneas nos transmitem.

Nessa, quase infinita, distância cronológica que nos separa, a cidade atual impõe um extenso conjunto de problemáticas que a antiguidade desconheceu e é nosso desafio adaptarmo-nos a elas.

As cidades são geradoras de fenómenos tão complexos de ordem social e geográfica como a denominada sub-urbanização.

Viver no subúrbio é, em muitos casos e à luz de uma leitura europeia, como morar no andar debaixo da casa dos pais, o que por si só acarreta coisas boas e outras menos boas, num misto de encapsulamento e dependência relativamente à cidade-âncora. Noutros casos será como viver numa casa pequena com toda a família, numerosa, o *grand ensemble*.

A cidade de que aqui se vai falar chama-se Mindelo, existe na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Corrijo: a cidade de que aqui se vai falar são os estilhaços dessa cidade que é o Mindelo.

Contíguos ao que poderia ser definido como a malha urbana do Mindelo, existem diversos bairros periféricos, de cariz informal, ou clandestino, como convirá a muitos denominar, que são o resultado do cerco invisível que caracteriza a generalidade das cidades de subúrbio em todo o mundo.

Já se sabem as razões de ordem económica e de sobre-população que levam



Campo de basket, Queila Fernandes, 2019 / Basketball court, Queila Fernandes, 2019.

**“- The city – you insist on asking.
- We come here every day to work –
some will ask you, and others:
- We come back here to sleep.
- It must be that way – they say,
and some raise their arms obliquely
towards an encrustation of opaque
polyhedrons, while others point
behind your back the
spectre of other spires.”**

In “The Invisible Cities”, Italo Calvino¹

Would our time be another, more distant and remote, coincidental with the origins of civilisations such as the Greek or the Roman, our perception of the city would be significantly different than what our contemporary cities transmit us.

In that chronological distance that separates us, almost infinite, the current city poses a vast body of problematics unknown to antiquity and adapting ourselves to it is our challenge.

The cities generate social and geographical complex phenomena like the so-called sub-urbanisation.

Living in the suburbs, frequently and according to a European vision, is like living on a floor under one’s own parents, which, in itself, entails good things and others not as good, in a mixture of encapsulation and dependance in relation to the anchor-city. In other cases, it would be like living in a small house with the entire family, numerous, the *grand ensemble*.

The city which will be discussed, here, is called Mindelo, it exists in São Vicente Island, in Cabo Verde. Correction: the city which will

T.N.: Translated from the original text’s quote: – *A cidade – insistes em perguntar./- Vimos cá trabalhar todos os dias – responder-te-ão uns, e outros./- Voltamos cá para dormir./- Deve ser para ali – dizem, e uns erguem o braço obliquamente na direção de uma incrustação de poliedros opacos, enquanto outros indicam para trás das tuas costas o espectro de outras cúspides.*

1

à fixação, mais ou menos informal, nas áreas periféricas das cidades.

Alto de Bomba, Fernando Pó, Craquinha... e vários outros, são alguns desses bairros que se alastram no território desta ilha para além dos limites reconhecidos como a cidade do Mindelo. São áreas que não chegam a ter características peri-urbanas porque a própria aridez do contexto em que se inserem inviabiliza práticas de subsistência como a agrícola.

A Iniciativa Outros Bairros propôs debruçar-se sobre estas formas de ocupação e iniciou no Alto de Bomba a sua atividade, num diálogo direto com a comunidade que o habita em engenhosas construções compostas por excedentes de chapas e madeiras de proveniências diversas. Em cada uma dessas casas habita também o sonho por uma melhor condição de habitabilidade, em que o acesso a água ou luz são o desejo mais imediato.

Nesse exercício, foi com morada fixa no Alto de Bomba que uma equipa de arquitetos se fixou e desenvolveu o seu trabalho diário num registo de intimidade e proximidade com a população, merecedor de destaque pelas consequências que acarreta.

No Alto de Bomba nasceu uma Teia que, na lenta e gradual velocidade da sua expansão, consolida e dignifica esta área periférica da cidade do Mindelo.

Essa teia para lá do Cerco, alastrou por entre o casario de *casas de bidon* e, nesse seu alastrar, criou espaços públicos, arruamentos, viabilizou acessos dignos para quem por lá vive e caminha num constante sobe e desce diário de um morro com privilegiada vista para a sua cidade-mãe.

São cerca de 2500 os moradores do Alto de Bomba que, no decorrer desta iniciativa, viram a sua invisibilidade atenuada.

Durante cerca de um ano acompanhei com relativa proximidade as atividades que ali se desenvolveram e que extrapolaram aquilo que é habitualmente expectável de um programa de reabilitação urbana. Assisti à permanente programação de diversas iniciativas que visavam contribuir para a consolidação comunitária e o seu sentido de pertença e envolvimento na construção e manutenção de um bem comum.

Contemplei a expansão dessa teia que, lentamente, se impôs ao

Cerco, e criou contextos e condições à criação de diálogo com a cidade.

Aos domingos de manhã jogávamos basket no campo que também era uma praça e também era um local de passagem.

As quartas era dia de conversas com convidados diversos externos ao bairro, sentados nos muros e bancos e mesas à sombra de uma acácia, um dos primeiros espaços de ocupação pública que ali foram construídos no contexto deste programa.

As calceteiras de São Nicolau contribuíram para o empoderamento das mulheres do Alto de Bomba, até então excluídas das tarefas laborais de construção predominantemente desempenhadas por homens nos trabalhos de intervenção urbana.

A consolidação do espaço público, a criação do sentido de comunidade e pertença, a prioridade no envolvimento de cada uma das partes neste todo, foram as forças motrizes deste projeto. Todas estas ações foram monitorizadas, não tendo decorrido tempo suficiente para a consolidação autónoma que seria expectante numa fase posterior do programa.

Há problemas nos bairros periféricos. Há pobreza extrema. Não há abastecimento de água ou luz. Há risco de derrocadas eminentes nos raros dias de fortes chuvas. Há alcoolismo, há drogas, mas também há, e em abundância, sobrevivência, há residência, há resistência, há trabalho, há luta, há sonho, há dignidade com o pouco que se conquista a cada dia.

A Teia da cidade informal é constantemente ameaçada pelas pressões de índole política resultante da especulação imobiliária e económica. Este não é um caso único no mundo, mas foi única a possibilidade que Cabo Verde enfrentou em transformar a cidade do Mindelo, e a Iniciativa Outros Bairros, num manifesto de cidadania ímpar assinado por este coletivo e a sua comunidade.

Com a extinção desta iniciativa, amplamente reconhecida e premiada internacionalmente, fica a amarga sensação de abandono, de negligência, e de lapso na leitura de como estivemos perto da concretização de uma utopia.

Perde quem sonhou, perde quem legislou, mas acima de tudo, perdem os milhares de filhos destes estilhaços da cidade-mãe: o cerco travou a teia que ia tão linda.



be discussed, here, is the debris of that city, Mindelo.

Adjoined to what could be define as Mindelo's urban grid, there are several peripheral neighbourhoods, of informal character, or clandestine, a nomenclature convenient for many, that result from the invisible siege that generally defines suburban cities throughout the world.

The economic and over-population reasons that lead to the, somewhat informal, settling in the cities' peripheral areas are well-known.

Alto de Bomba, Fernando Pó, Craquinha... and several others, are some of those neighbourhoods spread all over this island's territory, beyond recognised limits such as the city of Mindelo's. These are areas which do not even meet peri-urban characteristics, as their context's aridity precludes subsistence practises like agriculture.

The Iniciativa Outros Bairros put forward the addressing of these forms of occupation and began its activity in Alto de Bomba, in direct dialogue with its resident community through ingenious constructions made from surplus of metal sheets and variously sourced timber. In each of those houses also lives the dream for better habitability conditions, where water or electricity access is the most pressing desire.

Within that practise, a team of architects permanently based at Alto de Bomba developed their daily work with the population intimately and closely, worthy of highlighting due to its consequences.

A Web was born in Alto de Bomba, which in its slow and gradual velocity of expansion, consolidates and dignifies this peripheral area of Mindelo.

Such web beyond the Siege spread between the rows of tin houses and, within such spreading, created public spaces, streets, it enabled dignified accesses for those who live there, who constantly and daily walk up and down a hill with a privileged view over the city.

In the course of this initiative, around 2.500 Alto de Bomba residents saw the lessening of their invisibility.

For about a year, I closely followed the activities developed there, which extrapolated what is usually expectable from an urban rehabilitation programme. I witnessed the permanent planning of several initiatives that aimed at contributing

towards community consolidation and their sense of belonging, and at engaging with the construction and the upkeep of a common good.

I beheld that web's expansion which, slowly, established itself before the Siege and created contexts and conditions for the creation of dialogue with the city.

Sunday mornings, we would play basketball in the court which was also a square and a passageway.

Wednesdays were for talking with various guests from outside the neighbourhood, sitting on walls and on benches, in the shade of an acacia, one of the first places of public use built in this programme's context.

The São Nicolau women pavers contributed for the empowering of Alto de Bomba's women, up to that point excluded from construction duties, which were predominantly performed by men in the urban intervention works.

The consolidation of the public space, the creation of a sense of community and belonging, the emphasis on involving each and every party, were the driving forces of this project. All these actions were monitored, with not enough time for an autonomous consolidation which would be expectable in a later stage of the programme.

There are issues in peripheral neighbourhoods. There is extreme poverty. There is no water supply, nor electricity. There is an emerging risk of landslides in the rare rainy days. There is alcoholism, there are drugs, but there is also, abundantly, survival, abodes, resistance, work, struggle, dreams, there is dignity with the small day-to-day achievements.

The informal city's Web is constantly threatened by political pressures resulting from economic and real estate speculation. This is not a unique case in the world, but it has been the only possibility Cabo Verde faced in transforming Mindelo, and the Initiative Outros Bairros, in a singular manifesto for citizenship made by this collective and its community.

This widely recognised and internationally acclaimed initiative's termination leaves a bitter sensation of abandonment, of negligence, and a lapse in the reading of how close we were to achieving a utopia.

Those who dreamt, lose, those who legislated, lose, but most of all, the thousands of children of the mother-city's fragments lose: the siege halted the web that was going about so beautifully.

**Quando
pensaríamos
que uma
calceteira
em Cabo Verde
iria fazer
xilogravura?***

**WHEN WOULD WE THINK THAT A ROAD WORKER
IN CABO VERDE WOULD MAKE WOODCUTS?**

Excerto da entrevista / Interview extract



BENTO OLIVEIRA



Oficina de xilogravura, Nuno Flores, 2021 / Woodcuts workshop, Nuno Flores, 2021.

[CRONOLOGIA]

JUNHO 2021

Oficina de xilogravura para criação de imaginário visual a partir do *Somá na Ponta*, modo de ser, estar e partilhar que dá nome ao evento.

[Arte-educador Bento Oliveira > participantes moradores/as de várias gerações e grupos de Alto Bomba]

JULHO 2021

Somá na Ponta

[Construção dos princípios orientadores do IOB: Seminário no Centro Cultural do Mindelo com investigadores/as, especialistas, responsáveis dos Municípios, membros do Governo e grupos organizados moradores/as do Alto de Bomba, visitas e oficinas no Alto de Bomba]

BENTO Em Cabo Verde a noção de arquitetura descaracterizou muito. Não existe arquitetura em Cabo Verde, existe imposição geográfica, paisagística, de pessoas que às vezes nem sequer conheces!

[CHRONOLOGY]

JUNE 2021

Woodcut workshop for creating a visual imaginary based on *Somá na Ponta*, a way of being, being present, and sharing that names the event.

[Art educator Bento Oliveira > participants from various generations and groups in Alto Bomba]

JULY 2021

Somá na Ponta

[Construction of guiding principles for the IOB: Seminar at the Mindelo Cultural Center with researchers, specialists, municipal officials, government members, and organized groups of residents from Alto de Bomba, visits and workshops in Alto de Bomba]

BENTO In Cabo Verde, the notion of architecture has become very discharacterized. There is no architecture in Cabo Verde; there is geographic and landscape imposition from people you sometimes don't even know!



Resultados da oficina de xilogravura, Nuno Flores, 2021 / Results of the Woodcuts workshop, Nuno Flores, 2021.

A dimensão do trabalho do arquiteto, do engenheiro, do artista que vai para lá trabalhar com os habitantes deve manter uma relação humana duradoura para colheres ideias. Quando tens essa relação humana estabelecida com o intuito de melhorar as suas vidas, através do morar digno, simples e de um espaço de interação humana, tens de levar em conta uma pessoa que vem de Rabo Curto ou de Corda, de que forma desenham a sua comunidade e a sua casa. Por isso, é que essa a forma de atuação da Iniciativa Outros Bairros – IOB, tem uma pedagogia relacional, sem medo, sempre a partir de diálogo. Das vezes que estive lá contigo, senti isso. Tens que estar em sintonia e para que haja sintonia, tens de dialogar.

NUNO Queres dizer que dessas possibilidades de diálogo se geram zonas de contacto com outras zonas de São Vicente?

BENTO É como se existisse uma outra ilha entre São Vicente e Santo Antão, é como se existisse uma terceira ilha nessa relação. Essa terceira ilha tem um potencial. São Vicente está a criar

The dimension of the architect's, engineer's, and artist's work who goes there to work with the inhabitants must maintain a lasting human relationship to gather ideas. When you have that human relationship established with the aim of improving their lives through dignified, simple living and a space for human interaction, you have to take into account a person who comes from Rabo Curto or Corda and how they design their community and their home. That's why the way the Iniciativa Outros Bairros – IOB operates has a relational pedagogy, without fear, always starting from dialogue. From the times I have been there with you, I felt that. You need to be in tune, and for there to be harmony, you have to dialogue.

NUNO Do you mean that these possibilities for dialogue create contact zones with other areas of São Vicente?

BENTO It's as if there were another island between São Vicente and Santo Antão; it's as if a third island exists in that relationship. This third island has potential. São Vicente is creating a citizen who goes through stages of

um cidadão que tramita em estágios de uma nova cabo-verdianidade que é como a formiga; encostam-se uns nos outros e vão encontrando força. Esse novo mindelense é a terceira ilha.

NUNO Há outro aspeto da IOB que gostasses de relevar?

BENTO É extremamente interessante a dimensão paisagística da IOB, a forma como abarca a dimensão da pedra e do verde, do ambiente, em sintonia com a vivência dos habitantes desse lugar. Por exemplo, se tem uma senhora que percebes que gosta muito de jardinagem, crias-lhe um canteiro na frente de casa. Ela realiza um sonho bonito ao ser feliz com aquela simplicidade.

Conseguimos sentir a IOB de forma visível, porque é desenhada permanentemente. É extremamente interessante, quando temos gerações diferentes a participar do desenho e qualidade do seu lugar. Não podemos mais trabalhar com desenhos que parecem caídos de pára-quedas, senão, arriscamo-nos a cair num estado de alienação e, então, sedimentam o estado caótico em que estamos a viver em Cabo Verde atualmente. A IOB não é uma instituição, é uma vivência. Uma vivência técnica, pedagógica, filosófica, sobre o espaço, sobre as gentes, sobre as pessoas e onde o fundamental é construir esse espaço de partilha em Cabo Verde, para dar possibilidade ao povo cabo-verdiano em viver bem na sua própria terra.

NUNO Quando ouviste falar de IOB, o que sentiste? Sei que é diferente de hoje, porque hoje já tiveste experiência com o projeto.

BENTO A primeira vez que soube do projeto foi quando vi a imagem de um rapaz no canto de um terraço a olhar para um lugar e muita gente dizia “eu gosto muito”, fantástico” [Fotografia de Diogo Bento na badana final deste livro!] Depois li um texto do Redy Wilson. Depois convidaste-me para dar aquela oficina de xilogravura e nessa oficina senti que houve uma resposta sobre o que a IOB é na sua essência.

A xilogravura foi um meio de partilha da minha dimensão

a new Cabo Verdean identity that is like ants; they lean on each other and find strength. This new Mindelense is the third island.

NUNO Is there another aspect of IOB you would like to highlight?

BENTO The landscape dimension of IOB is extremely interesting; it encompasses the stone and green dimensions of the environment, in harmony with the lives of the inhabitants of that place. For example, if there's a lady who you notice loves gardening, you create a flower bed in front of her house. She fulfills a beautiful dream by being happy with that simplicity.

We can feel IOB visibly because it is continuously designed. It is extremely interesting when we have different generations participating in the design and quality of their place. We can no longer work with designs that seem to have dropped from the sky; otherwise, we risk falling into a state of alienation, and that would only further cement the chaotic state in which we are currently living in Cabo Verde. IOB is not an institution; it is a way of living. A technical, pedagogical, and philosophical way of living about space, about people, and about what is fundamental: building that space of sharing in Cabo Verde to give Cabo Verdeans the possibility to live well in their own land.

NUNO When you first heard about IOB, what did you feel? I know it's different now because you have already had experience with the project.

BENTO The first time I learned about the project was when I saw a picture of a boy in the corner of a terrace looking at a place, and many people were saying, “I like it a lot, fantastic” [Photograph by Diogo Bento, back flap of this book!] Then I read a text by Redy Wilson. Later, you invited me to give that woodcut workshop, and in that workshop, I felt that there was a response to what IOB is at its essence.

The woodcut was a means of sharing my human dimension with those kids, and



Oficina de xilogravura, Nuno Flores, 2021 / Woodcuts workshop, Nuno Flores, 2021.

humana com aqueles meninos e, o que aconteceu, foi o Alto de Bomba que me deu. Deu-me humanismo, afeto, trouxe-me uma experiência humana que acabou por sair impressa naqueles trabalhos – gravar na madeira, criar imagens – onde acabas por encontrar a possibilidade de construção de consciência, do que é o teu lugar, o teu país, os teus heróis, a amabilidade, espírito de entreatajuda, *juntá mon*. Imprimimos uns sacos para o evento *Somá na Ponta* e onde toda a gente se engajou, com uma felicidade extraordinária. Crianças, adultos, tudo.

A nossa oficina era um quintal de um dos meninos, o Jason. Os meninos todos contribuíram! E eu como mais velho tinha de fazer as chamadas de atenção, principalmente quando o lugar ficava cheio de barulho e estávamos lá com um objetivo! E tinha de ser, para permitir que as coisas pudessem continuar a andar! Mas foi uma energia pura, bonita! A energia pura do ser humano, de querer fazer. Quando aquelas senhoras calceteiras chegavam lá no final do trabalho, era uma coisa bonita. É aí que conseguimos ver o papel da arte, da ação através da arte, da tramitação e da transversalidade de conteúdo através da arte.

O forte lá, é a preocupação de Outros Bairros na educação

what happened was that Alto de Bomba gave me back. It gave me humanity, affection, and brought me a human experience that ended up being imprinted in those works – carving in wood, creating images – where you ultimately find the possibility of constructing awareness about what your place, your country, and your heroes are, along with kindness and the spirit of mutual aid. We printed bags for the *Somá na Ponta* event, and everyone got involved, with extraordinary happiness. Children, adults, everyone.

Our workshop was in the backyard of one of the boys, Jason. All the kids contributed! And I, as the eldest, had to make calls for attention, especially when the place got noisy, and we were there with a purpose! And it had to be so that things could keep moving forward! But it was pure, beautiful energy! The pure energy of the human being wanting to do it. When those lady pavers arrived there after work, it was something beautiful. That's where we can see the role of art, of action through art, of mediation and the transversality of content through art.

The strong point there is the concern of Outros Bairros in educating sensitivity, in sparking sensitivity, working with the



Produção da imagem do evento *Somá na Ponta*, Marcelo Londoño, 2021 / Production of the *Somá na Ponta* event image, Marcelo Londoño, 2021.

do sensível, no espoletar da sensibilidade, trabalhar com a dimensão arte – espiritualidade – comunidade – informação – sabedoria, saber fazer. Alto de Bomba é rico! A arte, como meio, serve não só para educar ou construir – evoluir ou revolucionar – o olhar e todos os sentidos do ser humano; até o gosto, o paladar, a arte atravessa essa dimensão. Ela leva-te a um cultivo de organização das ideias, a forma como as propões, ajuda-te a escolher as cores de janelas e de portas. Essa dimensão de arte-educação, educação artística, educação pela arte, tramitação de valores universais na arte, é extremamente importante.

Essa oficina de xilogravura foi tocada por várias instâncias e eu, como arte-educador cabo-verdiano, aprendi há muito tempo sobre a grande ferramenta que a arte é, e ela é uma ferramenta extraordinária! Ainda existem resquícios das estampas, temos o perfil de Cabral, temos flores, temos calçada! Quando pensaríamos que uma calceteira em Cabo Verde iria fazer xilogravura? E a gravura não é uma técnica assim tão dúctil como desenhar, que é mais fácil; é uma técnica que entra em cordialidade com a matéria, com a ferramentas de ferro, madeira, tinta,

dimensions of art – spirituality – community – information – wisdom, and know-how. Alto de Bomba is rich! Art, as a means, serves not only to educate or build – to evolve or revolutionize – the gaze and all human senses; even taste, art crosses that dimension. It leads you to cultivate the organization of ideas, the way you propose them, and helps you choose the colors for windows and doors. This dimension of art education, artistic education, education through art, and the mediation of universal values in art is extremely important.

This woodcut workshop was influenced by various instances, and I, as a Cabo Verdean art educator, learned long ago about the great tool that art is, and it is an extraordinary tool! There are still remnants of the prints; we have the profile of Cabral, we have flowers, we have cobblestone! When would we ever think that a woman paver in Cabo Verde would make woodcuts? And woodcutting is not a technique as flexible as drawing, which is easier; it's a technique that engages closely with the materials, with the iron tools, wood, ink, printing... It has a revealing quality. It ultimately gives you a different sense of time

impressão... Ela tem um revelar. Ela acaba por te dar um tempo diferente na tua vivência, porque depois ainda tens o tempo de revelar daquela imagem. Se formos fazer uma leitura daquelas imagens, entendemos que é a sensibilidade que lá está, como um lençol de água. Alto de Bomba é um lençol de água que vai começando a revelar umas aberturas como fontes. A arte faz essas fontes deitar mais água.

Por isso que eu digo que a IOB não é um projeto de arquitetura, de engenharia ou sociologia, antropologia... Não. A essência da IOB é vivência, é construir a partir de vivências. E dentro dessa vivência quem quiser sistematizar sociologia, quem quiser sistematizar antropologia, quem quiser sistematizar arquitetura, encontra-o no interior do projeto. Mas foi feito com sentimento, com afeto. Ele tem coisas que vão muito para além da sistematização. Então, se temos um projeto que despoleta essa dimensão, porque o ceifamos? Quando consegues chegar neste ponto, de dizer “vamos desviar ou desfazer essa intenção, porque nós é que temos o poder”, então realmente, só o poder é que fala, não fala sabedoria, inteligência, conhecimento; não fala cabo-verdiano, nem das suas lutas, nem da resistência cabo-verdiana.

in your experience because you still have the time to reveal that image. If we were to analyze those images, we would understand that it is the sensitivity that is there, like a sheet of water. Alto de Bomba is a sheet of water that begins to reveal openings like springs. Art makes those springs flow more water.

That's why I say that IOB is not a project of architecture, engineering, sociology, or anthropology... No. The essence of IOB is living; it is building from lived experiences. And within that experience, anyone who wants to systematize sociology, anyone who wants to systematize anthropology, anyone who wants to systematize architecture will find it within the project. But it was done with feeling, with affection. It contains elements that go far beyond systematization. So, if we have a project that sparks this dimension, why do we want to sever it? When you reach this point of saying, “let's divert or undo this intention because we hold the power,” then really, only power speaks; wisdom, intelligence, and knowledge do not speak; Cabo Verdean experience does not speak, nor do its struggles, nor the Cabo Verdean resistance.



A MINHA CASA, O MEU
PALÁCIO: EXISTE LUGAR
NAS POLÍTICAS PÚBLICAS
PARA AS URGÊNCIAS
DOS TERRITÓRIOS
EM RESISTÊNCIA?

MY HOUSE, MY PALACE:
IS THERE ROOM
IN PUBLIC POLICY
FOR THE URGENCIES
OF TERRITORIES IN
RESISTANCE WITHIN?

**NHA CASA,
NHA PALOSS:
TEM LUGAR
NA POLITICA
PUBLICA PA
URGENCIA
D' TERRITORIOS
E K TA RESISTI?**



Covada d' bruxa, Álvaro Domínguez, 2021.

Covada d' bruxa, Álvaro Domínguez, 2021.

**Entrevista
com Ministra
de Infraestruturas,
Ordenamento
do Território
e Habitação
do Governo
de Cabo Verde,
Eng.^a Eunice Silva**

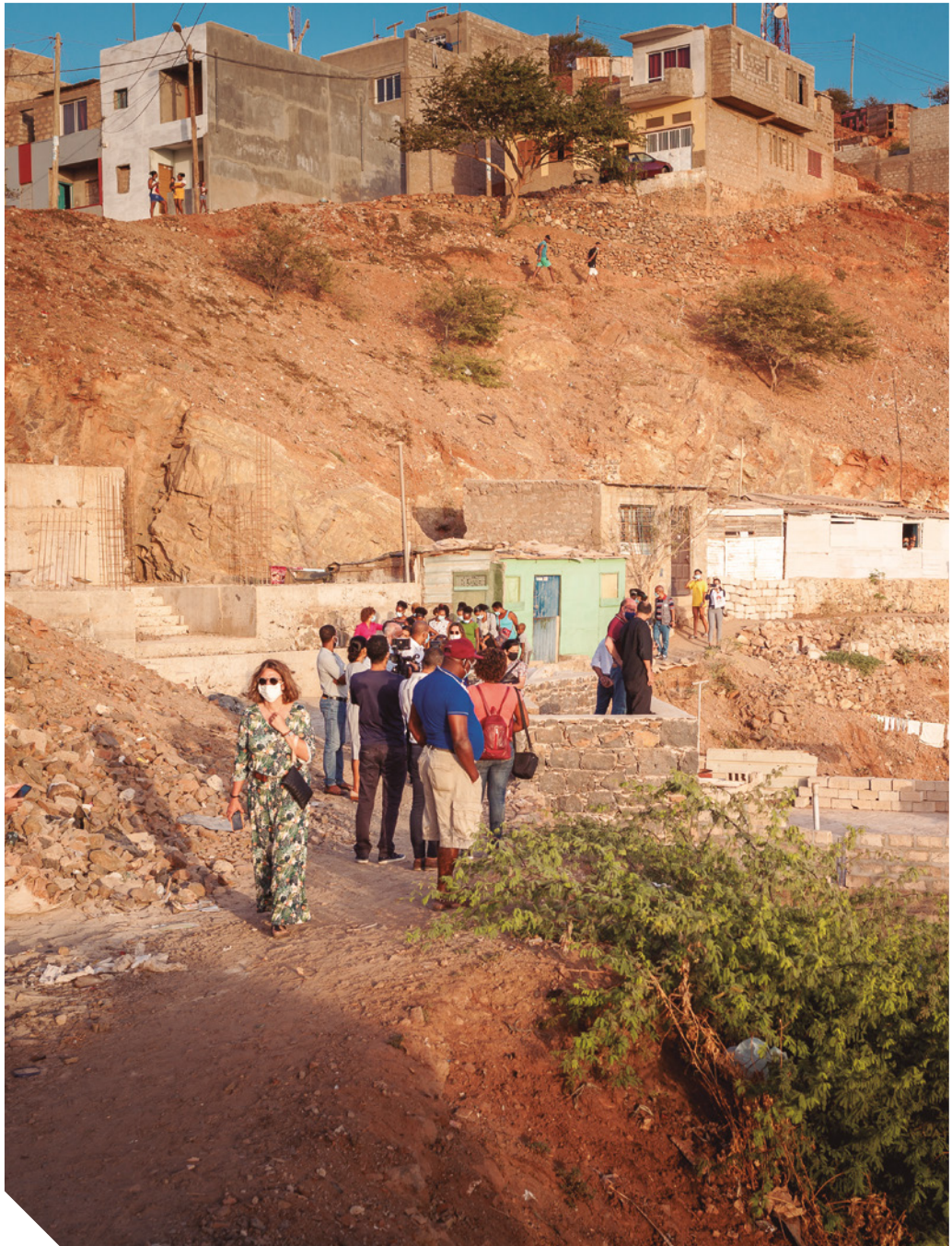
**INTERVIEW WITH THE MINISTER OF INFRASTRUCTURE,
TERRITORIAL PLANNING, AND HOUSING OF THE
GOVERNMENT OF CABO VERDE, ENG. EUNICE SILVA**

No âmbito do trabalho editorial para a produção deste livro, os editores Nuno Flores e Rita Rainho conduziram, no dia 24 de maio de 2022, a entrevista com a Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde, Eng.ª Eunice Silva [2016-2025]. No entanto, a publicação da entrevista não foi autorizada, porque esta entende que o seu conteúdo está extemporâneo e desatualizado já que na altura o Ministério tinha uma expectativa em relação ao projeto. Segundo a mesma, o projeto de Alto da Bomba, enquanto um processo de transformação do bairro, está em execução e, ainda, não atingiu todos os resultados preconizados.

As part of the editorial work for the production of this book, editors Nuno Flores and Rita Rainho conducted an interview on May 24, 2022, with the Minister of Infrastructure, Territorial Planning, and Housing of the Government of Cabo Verde, Eng. Eunice Silva [2016-2025]. However, the publication of the interview was not authorized, as the Minister considers its content outdated and no longer relevant, since at the time the Ministry held certain expectations regarding the project. According to her, the Alto da Bomba project, envisioned as a neighborhood transformation process, is still underway and has not yet achieved all its intended results.



Morador de Alto de Bomba, cantando um RAP à Ministra da Infraestruturas e criticando o atraso das obras, Marcelo Londoño, 2021.



Entre iniciativas disruptivas e o tempo das políticas públicas em Cabo Verde

BETWEEN DISRUPTIVE INITIATIVES AND THE TIMING OF PUBLIC POLITICS IN CABO VERDE

CARLOS SILVA



Duas moradores consultando o projeto exposto no campo de basquet, Grace Ribeiro, 2020 / Two residents consulting the project displayed on the basketball court, Grace Ribeiro, 2020.

CARLOS SILVA Sou o Carlos, nasci aqui na ilha de Santiago, na cidade da Praia onde atualmente resido. Além disso, a minha formação é engenharia civil.

CARLOS SILVA I'm Carlos. I was born here on the island of Santiago, in the city of Praia, where I currently reside. I have a background in civil engineering.

RITA RAINHO Esteve diretamente ligado à iniciativa Outros Bairros – IOB e gostaríamos que nos contasse um pouco como foi a sua relação mais diária com a IOB?

RITA RAINHO You were directly involved with the *Outros Bairros* (IOB) initiative. Could you tell us a bit about your daily involvement with the IOB?

CARLOS SILVA Estive ligado para assegurar todo o funcionamento do gabinete em São Vicente. Logo no início quando instalamos o gabinete na Câmara Municipal de São Vicente, tentando arranjar um orçamento para que tudo funcionasse. Mais tarde, quando o gabinete se mudou para Alto da Bomba participei procurando outras formas de financiamento porque já não existia o financiamento disponível inicialmente no PRRA – Programa de Reabilitação, Revitalização e Acessibilidades.

CARLOS SILVA I was involved to ensure the functioning of the office in São Vicente. At first, when we set up the office at the São Vicente City Council, we worked on securing a budget to make everything operational. Later, when the office moved to Alto da Bomba, I participated in seeking other funding sources because the initial funding from the PRRA – Program for Rehabilitation, Revitalization, and Accessibility – was no longer available.

Centrei-me na coordenação administrativa que, pela lei, não

I focused on administrative coordination, which, by law, couldn't be

era possível fazer a partir de São Vicente. Nós éramos essencialmente um suporte administrativo e, pontualmente, técnico.

handled from São Vicente. Essentially, we provided administrative and occasional technical support.

RITA RAINHO Como define a IOB?

CARLOS SILVA Não é tão simples assim porque é muito mais do que uma intervenção de requalificação urbana. Nem sei se é suficiente esse termo e se não devia ser requalificação urbana e social. Tem a questão do envolvimento e do sentimento de pertença que faz as pessoas se apropriarem do projeto e a discussão do projeto, que o assemelha ao que muitos acabam por chamar de planeamento participativo. Mas no caso, para já, eu ainda chamo de “vida em microescala”, porque ainda não saímos do Alto da Bomba, nem replicamos a escala para uma escala maior. Claro que todo este impacto existe porque há um gabinete que tem um papel preponderante, mas quem acaba ditando o uso do espaço público ou o que é que se deve fazer são os moradores, obviamente. Tudo vem do modo de vida local.

RITA RAINHO How would you define the IOB?

CARLOS SILVA That’s not so simple, because it’s much more than an urban redevelopment project. I’m not even sure if “urban redevelopment” is sufficient; perhaps it should be “urban and social redevelopment.” There’s the aspect of involvement and sense of belonging, which encourages people to take ownership of the project, as well as the project discussions, which make it resemble what many would call participatory planning. But in this case, I still call it “life in micro-scale,” since we haven’t yet expanded beyond Alto da Bomba or scaled it up. Of course, this impact exists because of the role of the office, but ultimately, it’s the residents who shape public space and decide what should be done. Everything comes from the local way of life.



RITA RAINHO Qual é que deve ser o papel da instituição que representa na relação com a IOB?

CARLOS SILVA Eu acho que o modelo ideal seria termos a IOB como uma instituição com gabinetes nos bairros, fazendo o levantamento e o diagnóstico que determina o plano de ação. A Infraestruturas de Cabo Verde, entraria na fase de execução da empreitada. Como disse, há toda uma componente que exige compreensão dos lugares que é preponderante e, por vezes, até leva a maior parte do tempo dada a exigência desse trabalho.

Estou a defender, inclusive, a formalização, a institucionalização desse modelo, a partir de uma aprovação de uma estrutura autónoma na orgânica do MIOTH. Uma estrutura com orçamento próprio, com os gabinetes nos bairros porque, na verdade, o diferencial não é a realização da obra. O diferencial é como é que ela é pensada, a partir de um trabalho prévio de compreensão dos lugares.

RITA RAINHO Lembro-me que vários dos procedimentos tiveram de ser adaptados à IOB para responder a determinados princípios estabelecidos da mesma, deixar no bairro o rendimento económico criado. Refiro-me, por exemplo, à adjudicação de obras para empreiteiros locais ou para trabalhadores do bairro. Isso exigiu outro tipo de normativas e que têm implicações nos contratos entre diferentes partes. Acredita que é possível incorporar estes princípios a outras obras no futuro?

CARLOS SILVA É claro que foi benéfico. É uma outra visão e uma visão importante que não tínhamos, por isso, fizemos as adaptações e os procedimentos necessários para priorizar pequenos empreiteiros locais, simplificando até onde dava para simplificar. Na altura houve quem pensou que as simplificações poderiam resultar em contraordenações contra a ICV, pela forma como o código está estruturado, mas já tivemos auditorias subsequentes que entenderam que as simplificações estavam salvaguardadas pelo princípio de dinamização da economia local, mas ganhar mais autonomia administrativa é o caminho.

RITA RAINHO What should be the role of the institution you represent in relation to the IOB?

CARLOS SILVA Ideally, the IOB would be established as an institution with offices in different neighborhoods, conducting surveys and diagnostics to determine action plans. *Infraestruturas* de Cabo Verde would step in during the execution phase. As I said, there's a significant component of understanding the places involved, which often takes the most time due to the nature of the work required.

I'm in favor of formalizing and institutionalizing this model, setting up an autonomous structure within the MIOTH organization, with its own budget and neighborhood offices. In reality, the distinguishing factor isn't the construction work itself but how it's conceived, based on prior understanding of each location.

RITA RAINHO I remember that several procedures had to be adapted for the IOB to meet its principles, such as retaining the economic income generated within the neighborhood. I'm referring, for example, to hiring local contractors or workers from the neighborhood, which required different regulations and had implications for contracts between various parties. Do you believe it's possible to incorporate these principles into future projects?

CARLOS SILVA It was definitely beneficial. It was a new perspective and an important one that we hadn't considered before. So, we made adjustments and necessary procedures to prioritize small local contractors, simplifying wherever possible. At the time, some people thought that the simplifications could result in administrative offences against the ICV, given the way the code is structured, but we have since had subsequent audits that concluded that the simplifications were safeguarded by the principle of promoting the local economy; however, gaining greater administrative autonomy is the way forward.



Moradores consultando o projeto, Grace Ribeiro, 2020 / Residents consulting the project, Grace Ribeiro, 2020.

RITA RAINHO Hoje falamos muitas vezes de reabilitação urbana de áreas informais e antes referiu também a questão dos assentamentos, como é que se tem identificado com estas nomenclaturas?

CARLOS SILVA Eu acho que ainda é um debate que tem que acontecer porque não há um consenso sobre a melhor forma de definir. Ainda não é claro se são formais ou informais. O que é planeado é formal porque está dentro das normas do plano? Os demais são informais? Eu acho que são assentamentos existentes. Porque se as pessoas estão lá e se não existe plano para aquela zona ninguém está a violar nada.

RITA RAINHO E quais são os constrangimentos, ou conflitos, que encontra na IOB?

CARLOS SILVA O maior constrangimento que vejo, é a inexistência de um quadro institucional e legal que dê estrutura e uma real autonomia que permita dar respostas mais rápidas.

RITA RAINHO Today, we often talk about urban rehabilitation in informal areas. You also previously mentioned settlements. How do you see these classifications?

CARLOS SILVA I think that's a discussion we still need to have, as there's no consensus on the best way to define them. It's not yet clear if they're formal or informal. Is what's planned considered formal because it follows the norms? And are the others informal? I'd say they're simply existing settlements. If people are living there and there's no plan for the area, then no one is violating anything.

RITA RAINHO What constraints or conflicts do you see within the IOB?

CARLOS SILVA I think that's a discussion we still need to have, as there's no consensus on the best way to define them. It's not yet clear if they're formal or informal. Is what's planned considered formal because it follows the norms? And are the others informal? I'd say they're simply existing settlements. If people are living there and there's no plan for the area, then no one is violating anything.

RITA RAINHO E em relação aqui a Alto de Bomba, vê implicações na efetivação de maior justiça social?

CARLOS SILVA Acho que não, porque isso não passa só pelo facto de se reconhecer as pessoas que estão lá e se intervir de forma a melhorar a qualidade de vida de cada lugar. Aceito que melhorou as condições físicas, mas as pessoas que ainda lá vivem não tiveram grandes mudanças no rendimento para alterar o seu dia a dia. Houve um saber-fazer que se consolidou e que, inclusive, permite que algumas pessoas possam continuar a trabalhar naquela área, mas o todo do bairro não.

RITA RAINHO O que entende então por áreas informais e por territórios em resistência?

CARLOS SILVA É aquilo que eu disse anteriormente. Não me parece que haja

RITA RAINHO Regarding Alto da Bomba, do you see implications for greater social justice?

CARLOS SILVA I wouldn't say so, because it's not just about acknowledging the people who live there and intervening to improve each place's quality of life. I accept that it improved physical conditions, but the people living there haven't seen significant changes in income to impact their day-to-day lives. There was a know-how that was consolidated, which allows some people to keep working in that area, but the neighborhood as a whole hasn't been transformed.

RITA RAINHO What do you understand by informal areas and territories in resistance?

CARLOS SILVA As I said earlier, I don't see it as resistance. If people were resisting, they



resistência. Se alguém estivesse a resistir, estaríamos a ocupar espaços na sociedade. Talvez o termo seja mesmo essas pessoas estarem marginalizados. Acho mais pessoas marginalizadas do que pessoas que resistem porque, de facto, estão lá na margem, estão na periferia.

NUNO FLORES Na tua opinião, porque é que a institucionalização da IOB não aconteceu?

CARLOS SILVA Podia ter acontecido. Eu acho que o evento “Soma Na Ponta” tinha esse objetivo. Penso que um dia ainda se vão adotar uns princípios orientadores parecidos com os que vocês apresentaram. Na realidade, o tempo de resposta das políticas públicas, em Cabo Verde, é lento e precisa de mais tempo ainda para digerir iniciativas disruptivas, mas eu acho que, um dia, se vai chegar à conclusão que aquele é um modelo a ser seguido e terá que acabar por se implementar.

NUNO FLORES Estivemos estes três anos no Alto de Bomba, afetamos o espaço público que toca 171 casas, quase 800 pessoas, sensivelmente 6000 metros quadrados de trabalho no espaço público. Ao mesmo tempo, o Ministério construía o conjunto habitacional da Portelinha composto por 88 habitações. No entanto, no final da obra era veiculado na comunicação social que havia mais casas de tambor na região do que aquilo que eram as habitações disponíveis, bem como, o Facebook do MIOTH anunciava para este projeto um custo aproximado de 10 milhões de dólares. A que é que se deve esta desproporção tão grande de números, mesmo sabendo que se trata de diferentes ações, mas que saem do mesmo “guarda-chuva” político?

CARLOS SILVA A China doa aquilo a Cabo Verde e não há praticamente espaço de discussão. O que vai haver, claro, é um dividendo que será um dividendo político e não monetário. Eu penso que não se conseguirá escapar da produção de habitação em massa, porque, é uma política que se puder ser feita em sintonia com a política de requalificação urbana participativa trará bons frutos. O problema é exatamente isto, continuamos à procura do melhor modelo.

would be occupying space in society. Perhaps the term is marginalization. I think it's more accurate to say they're marginalized than resisting because they're actually on the margins, on the periphery.

NUNO FLORES In your opinion, why hasn't the IOB been institutionalized?

CARLOS SILVA It could have happened. I think the “Soma Na Ponta” event had that objective. I believe that someday there will be guiding principles similar to those you proposed. In reality, the response time in Cabo Verdean politics is slow and takes even longer to absorb disruptive initiatives. But I think we'll eventually realize that it's a model to follow and will end up implementing it.

NUNO FLORES We spent three years in Alto da Bomba, impacting public space around 171 houses, nearly 800 people, and approximately 6,000 square meters of public work. At the same time, the Ministry was building the Portelinha housing complex with 88 units. However, when the project was completed, media reports indicated that there were more informal houses in the region than available units, and the MIOTH Facebook page announced an approximate project cost of 10 million dollars. How do you explain this large discrepancy, considering these are different initiatives but fall under the same political scope?

CARLOS SILVA China donated it to Cabo Verde, and there was practically no place for discussion. What there will be, of course, is political rather than monetary dividends. I think we won't avoid mass housing production, but if this can be done in harmony with participatory urban redevelopment policies, it will yield good results. The problem is that we're still searching for the best model.

NUNO FLORES No Alto de Bomba houve casos de pessoas que foram para o complexo da Ribeira de Julião do Casa Para Todos e reclamam até hoje o aumento substancial do custo de vida porque foram para longe, tudo se tornou mais caro. Olhando à casa e ao enquadramento do território, a que é que se deve este desajuste entre as políticas de habitação e as necessidades concretas das pessoas?

NUNO FLORES In Alto da Bomba, some people were moved to the Casa Para Todos complex in Ribeira de Julião and still complain about the increased cost of living, everything became more expensive. Looking at housing and territorial framing, what accounts for this misalignment between housing policies and people's actual needs?

Moradores de Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Residents of Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.



CARLOS SILVA É um problema que vem da forma como se faz a política. Se se adotar como política intervir nos assentamentos, olhando à vida das pessoas não haverá esse desajustamento. O problema é que se faz sem se ouvir todas as pessoas e, na minha opinião, a maioria das vezes porque há uma pressão do tempo político, há uma pressão dos resultados, acabando por não se ouvir a todos, o que levaria mais tempo.

CARLOS SILVA This issue stems from how policy is made. If the policy were to address settlements with the residents' lives in mind, there wouldn't be this mismatch. The problem is that it's done without listening to everyone, which would take more time, often due to political time pressures and demands for results.



NUNO FLORES Se olharmos para o PLANAACH 2021-30 sobressaem dados como 1100 milhões de euros previstos para novas habitações, cerca de 70 milhões de euros para reabilitação e requalificação de habitats existentes; e menos de 20 milhões de euros para infraestruturação de áreas habitacionais. Ou seja, a aposta é na habitação nova, quando os discursos são dominados pela participação e pela autoconstrução. Já se admitiu que a urbanização anda mais rápido que o planeamento, não serão estes números desajustados?

CARLOS SILVA Sim, mas construir e reabilitar, também é habitat. Se voltarmos àquela questão da Portelinha que custou o que custou e afeta menos pessoas, enquanto o Alto da Bomba, custou muito menos e afeta mais pessoas, concluímos que a requalificação urbana em Cabo Verde, custa menos do que fazer habitações. As necessidades partem de preços unitários praticados aqui em oposição a área estimada de reabilitação e só por aí justifica essa disparidade de valores.

RITA RAINHO Para concluir, não sei se quer acrescentar alguma coisa sobre o futuro da IOB, no que diz respeito à sua organização, ação, ou algum outro aspeto que queira recuperar?

CARLOS SILVA Como eu disse, acho que Cabo Verde ainda está num processo de amadurecer o seu conhecimento sobre a sua solução para a problemática da habitação. A IOB é um contributo fundamental nesse amadurecimento e, a meu ver, o caminho a seguir.

NUNO FLORES In the PLANAACH 2021-30, we see figures like 1.1 billion euros planned for new housing, around 70 million euros for rehabilitation and upgrading of existing housing, and less than 20 million euros for infrastructure in residential areas. In other words, the focus is on new housing, while the discourse emphasizes participation and self-construction. It's acknowledged that urbanization is outpacing planning. Aren't these numbers disproportionate?

CARLOS SILVA Yes, but building and rehabilitating—it's all about habitat. Take the Portelinha issue, for example. It cost what it cost and affected fewer people, while Alto da Bomba cost much less and impacted more people. We see that urban redevelopment in Cabo Verde costs less than building new housing. The needs stem from unit prices here as opposed to the estimated area for rehabilitation, which explains this disparity.

RITA RAINHO Finally, is there anything you would like to add about the future of the IOB, regarding its organization, actions, or any other aspects you'd like to revisit?

CARLOS SILVA As I said, I think Cabo Verde is still maturing in its understanding of housing solutions. The IOB is a key contributor to that process, and, in my view, it's the way forward.

Base territorial da Iniciativa Outros Bairros

TERRITORIAL BASIS OF THE OTHER
NEIGHBORHOODS INITIATIVE

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES



Visita da delegação do Ministério do Ambiente de Portugal ao Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES Chamo-me João Pedro Matos Fernandes e fui, até há dois meses [até 30 março de 2022], Ministro do Ambiente e da Ação Climática [Portugal]. Foi no meu tempo que foi criado o Fundo Ambiental, esse que financia a cooperação com países terceiros, particularmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, no domínio do combate às alterações climáticas. Havia um princípio fundamental na gestão do Fundo Ambiental, no que à cooperação diz respeito. Os projetos que nós apoiamos, com sentido crítico nosso, nunca foram promovidos nem provocados por nós, mas sempre pelos países, neste caso por Cabo Verde.

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES My name is João Pedro Matos Fernandes, and until two months ago [until March 30, 2022], I was the Minister of the Environment and Climate Action [Portugal]. During my tenure, the Environmental Fund was created, which finances cooperation with third countries, particularly Portuguese-speaking African countries, in the fight against climate change. There was a fundamental principle in the management of the Environmental Fund concerning cooperation. The projects we supported, in our critical view, were never promoted or initiated by us but always by the countries themselves, in this case, Cabo Verde.

NUNO FLORES Se lhe pedissem para explicar o que é, concretamente, a Iniciativa Outros Bairros - IOB, o que é que diria?

NUNO FLORES If you were asked to explain what the Outros Bairros Initiative (IOB) is, concretely, what would you say?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

Eu diria que são intervenções em bairros com pouca qualidade urbana, onde o espaço público é quase inexistente.

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

I would say that these are interventions in neighborhoods with poor urban quality, where public space is almost non-existent.



Visit of the delegation from the Portuguese Ministry of the Environment to Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

O que existe não pode quase ser utilizado como espaço público, exceto como circulação porque há mobilidade de pessoas e, quando possível, como um espaço de estar. A meu ver, IOB encontra exatamente nesta valência [de objetivo de garantir o espaço público], nesta leitura entre mobilidade e estar, uma dupla vantagem que, além deste objetivo de urbanizar o espaço público, lhe permite alargar-se à utilização de técnicas de construção, envolvendo materiais locais e à possibilidade de trabalhar com pessoas do lugar.

What exists can hardly be used as public space, except for circulation because there is people's mobility and, when possible, as a space to sit. In my view, IOB finds its purpose precisely in this aspect [the objective of ensuring public space], in this balance between mobility and sitting, a dual advantage that, besides the objective of urbanizing public space, allows it to incorporate to the use of construction techniques involving local materials and the possibility of working with local people.

NUNO FLORES Do que viu, entende ou considera que houve possibilidade real dos intervenientes diretos participarem no projeto, portanto, considera-o participativo?

NUNO FLORES From what you saw, understand, or consider, was there a real possibility for the direct participants to be involved in the project? Therefore, do you consider it participatory?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

Claramente. Sem dúvida que sim.

Aliás, quando o visitei, fiquei muito entusiasmado com o que vi, exatamente por isso. É

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

Clearly. Without a doubt, yes. In fact, when I visited it, I was very enthusiastic about what I saw, precisely for that reason. It is manifestly a participatory process from

manifestamente um processo participativo desde o envolvimento das pessoas na procura das soluções, mas, mais do que isso, na inclusão e envolvimento profundo de mulheres durante a obra, garantindo formas de todos do bairro ganharem o seu próprio dinheiro.

NUNO FLORES Hoje em dia, sobretudo no Sul Global, fala-se muito da reabilitação urbana de áreas informais. O que é que pensa deste conceito, "reabilitação urbana de áreas informais".

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

Num mundo ideal não há áreas urbanas informais, portanto, no limite, as áreas urbanas informais deveriam ser, volto a frisar, num mundo ideal, arredadas. A título de exemplo, refiro-me a sítios onde, do ponto de vista ambiental, existem territórios com grande sensibilidade como encostas perigosas que deixam as populações em risco. Quando estamos a falar de primeira habitação, às vezes até comunidades que, do ponto de vista social, já são elas próprias sedimentadas nesses territórios, penso que estas áreas têm de ser recuperadas.

NUNO FLORES No processo planetário de urbanização que, hoje em dia, vivemos, percebemos que há territórios que são excluídos e que nós técnicos precisamos de os conhecer e entender. Que diferença entende entre áreas informais e territórios em resistência?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

Eu não sei o que é um território em resistência. O que eu acho que é absolutamente essencial é que o território resista àquilo que são as pressões que sobre ele são exercidas. O território é o principal fator de localização de atividades, da habitação, entre outras coisas, e por isso mesmo acaba por ser a condição de base para qualquer transformação social e económica. É da maior importância que os territórios resistam, sendo que a primeira dimensão da resistência dos territórios tem que ser biofísica e tem de ser de cariz ambiental.

the involvement of people in seeking solutions, but more than that, in the inclusion and deep involvement of women during the construction, ensuring that everyone in the neighborhood earns their own money.

NUNO FLORES Nowadays, especially in the Global South, there is much talk about the urban rehabilitation of informal areas. What do you think of this concept, "urban rehabilitation of informal areas"?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

In an ideal world, there are no informal urban areas; therefore, at the extreme, informal urban areas should, I reiterate, be relocated. As an example, I refer to places where, from an environmental perspective, there are territories with high sensitivity, such as dangerous slopes that put populations at risk. When we are talking about first-time housing, sometimes even communities that, from a social perspective, are already themselves settled in these territories, I believe that these areas need to be recovered.

NUNO FLORES In the planetary process of urbanization that we are experiencing today, we realize that there are territories that are excluded and that we, as urban planners, need to know and understand them. What is the difference you see between informal areas and territories in resistance?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

I don't know what a territory in resistance is. What I think is absolutely essential is that territories resist the pressures exerted upon it. Territories are the main factor for the location of activities, housing, among other things, and therefore becomes the fundamental condition for any social and economic transformation. It is of utmost importance that territories resist, with the first dimension of territorial resistance being biophysical environmental.

NUNO FLORES A Iniciativa Outros Bairros teve a função de aproximar pessoas que estavam no Alto de Bomba, na Câmara Municipal de São Vicente, no Ministério das Infraestruturas, etc. Entendemos isto como uma zona de contacto, foi sempre assim pensado. O que é que entenderia por essa zona de contacto?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES
É sempre no território que se cruzam as políticas, e por isso, é normalmente num espaço físico que se conseguem compatibilizar todo o tipo de relações. De uma maneira geral, na teoria, existem relações entre pessoas, relações entre pessoas da administração ou relações entre diferentes entidades e a administração. Estas últimas são sempre as mais complexas e é da maior importância que elas se cruzem na construção de políticas de base territorial. Ou seja, para mim quase tudo na vida tem uma base territorial e vejo mesmo o território como o fator de união desses mesmos diferentes olhares.

NUNO FLORES Qual foi o posicionamento político da Cooperação Portuguesa e do Ministério do Ambiente em relação às estratégias e às visões no território em Cabo Verde?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES
Foi um posicionamento de avaliação crítica daquilo que eram os desejos de Cabo Verde. Se voltarmos à ideia presente na minha primeira resposta, o paternalismo é o pior que há na cooperação. A ideia de que “eu sei o que é que tu precisas” é mais de meio caminho andado para qualquer ação dar asneira. Por isso é de destacar o caso da Ministra das Infra-Estruturas, a minha colega Eunice Silva, que percebeu os problemas que tinha e que teve a vontade política e a honestidade intelectual de deixar que o processo acabasse por ser ele próprio o condutor daquilo que eram os objetivos. Por isso, esta capacidade que tivemos de trabalhar em conjunto funcionou e, no terreno, a vossa equipa teve um papel absolutamente essencial na interpretação dessa vontade, pelo que concretizou um trabalho que, a meu ver, superou os objetivos iniciais.

NUNO FLORES Outros Bairros Initiative aimed to bring together people who were in Alto de Bomba, the Municipal Chamber of São Vicente, the Ministry of Infrastructure, etc. We understand this as a contact zone; it was always designed that way. What would you understand by this contact zone?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES
It is always in the territory that policies intersect, and therefore, it is usually in a physical space that all kinds of relationships can be harmonized. Generally speaking, in theory, there are relationships between people, relationships between people in the administration, or relationships between different entities and the administration. The latter are always the most complex, and it is of utmost importance that they intersect in the construction of territory-based policies. In other words, for me, almost everything in life has a territorial basis, and I truly see the territory as the unifying factor of these different perspectives.

NUNO FLORES What was the political stance of Portuguese Cooperation and the Ministry of Environment regarding strategies and visions in Cabo Verde's territory?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES
It was a stance of critical evaluation of what Cabo Verde's desires were. If we go back to the idea presented in my first answer, paternalism is the worst thing in cooperation. The idea that "I know what you need" is halfway to any action going wrong. Therefore, it is important to highlight the case of the Minister of Infrastructure, my colleague Eunice Silva, who understood the problems and had the political will and intellectual honesty to let the process be driven by its own objectives. Thus, this ability we had to work together functioned, and on the ground, your team played an absolutely essential role in interpreting that will, thereby accomplishing work that, in my view, exceeded the initial objectives.

NUNO FLORES Portanto, na visão do Senhor Ministro, nesta relação de Cabo Verde – Portugal que se criou durante este tempo todo, entende que deve haver uma soberania total do país, Cabo Verde, na decisão política e na utilização do dinheiro que lhe é enviado?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES Não tenho a mais pequena dúvida. As ideias têm de nascer em Cabo Verde. Tem de haver uma comunicação sobre o que quer fazer e quanto custa para podermos fazer uma avaliação crítica dessas mesmas vontades. Uma cooperação é feita em torno de projetos concretos que Cabo Verde escolhe e gere.

NUNO FLORES Para finalizar, como entende que devia ser o futuro político da Iniciativa Outros Bairros?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES Creio que não poderei falar de futuro político. O que eu acho é que o futuro deste projeto deve ser a sua continuação, face aquilo que sabemos e às necessidades que Cabo Verde tem nesta área.

NUNO FLORES Therefore, in the Minister's view, in this relationship between Cabo Verde and Portugal that has been created throughout this entire time, do you believe that there should be total sovereignty of the country, Cabo Verde, in political decision-making and in the use of the money sent to it?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES I have no doubt about it. Ideas must originate in Cabo Verde. There must be communication about what you want to do and how much it costs so that we can critically evaluate those same desires. Cooperation is carried out around concrete projects that Cabo Verde chooses and manages.

NUNO FLORES To conclude, how do you think the political future of the Outros Bairros Initiative should be?

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES I believe I cannot speak about a political future. What I think is that the future of this project should be its continuation, given what we know and the needs that Cabo Verde has in this area.

A dimensão humana na transformação de assentamentos

THE HUMAN DIMENSION IN THE
TRANSFORMATION OF SETTLEMENTS

HELENA GUERREIRO

HELENA GUERREIRO Eu nasci em Lisboa, onde vivo atualmente. Depois de cinco anos em Cabo Verde, regressei às origens [abril de 2022].

RITA RAINHO E como viveu a relação entre a Iniciativa Outros Bairros – IOB e a instituição que representa?

HELENA GUERREIRO Foi numa reunião da Cooperação Portuguesa que constatamos que, de facto, esta era uma forma diferente de lidar com este assunto (assentamentos informais) o que nos levou a pensar: “Bom, uma experiência interessante, veremos se resulta...”. Houve duas dimensões na minha participação na IOB: a profissional, com o Nuno, para aquilo que fosse necessário, para fazer algum tipo de pressão como aconteceu quando o projeto começou a ter algumas dificuldades; e pessoalmente, sobretudo porque nos ficou aquela imagem de início, pensamos que, de facto, podíamos e queríamos testemunhar um projeto que, claramente, em Cabo Verde se considerava uma iniciativa piloto e experimental, o que, para nós configurou um orgulho, um orgulho enquanto Cooperação Portuguesa.

RITA RAINHO E como define a Iniciativa Outros Bairros?

HELENA GUERREIRO O que mais me marcou foi a dimensão humana que procurou constantemente. A imagem que eu tinha destes assentamentos ilegais, bairros clandestinos, como chamavam em Portugal, era que tudo se soluciona derrubando as barracas e, em seguida, construir, construir e construir. O acesso às infraestruturas é um direito fundamental, mas a dimensão humana é essencial. A IOB tinha essa preocupação, compreendendo como as pessoas vivem e como elas vêm o espaço onde estão, percebi que isso é primordial para um processo de transformação.

RITA RAINHO Considera que o modelo do projeto é participativo, porquê?

HELENA GUERREIRO Montada a operação no Mindelo penso

HELENA GUERREIRO I was born in Lisbon, where I currently live. After five years in Cabo Verde, I returned to my roots [April 2022].

RITA RAINHO And how did you experience the relationship between the Outros Bairros Initiative (IOB) and the institution you represent?

HELENA GUERREIRO It was during a meeting of Portuguese Cooperation that we realised that this was, in fact, a different way of addressing this issue [informal settlements]. This led us to think: “Well, this is an interesting experience – we’ll see whether it works...”. There were two dimensions to my involvement in the IOB. One was professional, working with Nuno on whatever was needed, including applying a certain degree of pressure, as happened when the project began to face some difficulties. The other was personal, largely because that initial impression stayed with us: we felt that we could – and wanted to – bear witness to a project that was clearly regarded in Cabo Verde as a pilot and experimental initiative, which, for us, represented a source of pride – pride as Portuguese Cooperation.

RITA RAINHO And how would you define the Outros Bairros Initiative?

HELENA GUERREIRO What struck me most was its constant concern with the human dimension. The image I had of these illegal settlements – or clandestine neighbourhoods, as they were called in Portugal – was that everything could be solved by demolishing the shacks and then building, building, building. Access to infrastructure is a fundamental right, but the human dimension is essential. The IOB was attentive to this, seeking to understand how people live and how they perceive the space they inhabit. I realised that this is crucial to any process of transformation.

RITA RAINHO Do you consider the project's model to be participatory, and if so, why?

HELENA GUERREIRO Once the operation was set up in Mindelo, I believe there was

que realmente falhou maior envolvimento institucional, embora a autonomia conseguida pelo IOB fosse importante. Múltiplos constrangimentos decorrentes da postura ausente da Câmara Municipal de São Vicente; teria sido necessário mais apoio do Ministério, que a partir de determinada altura não existia. Em relação à população e ao seu envolvimento, reconheço a tal dimensão humana como uma imagem de marca onde as pessoas opinaram e criticaram, portanto, acho que desse ponto de vista um processo participativo.

RITA RAINHO Atualmente falamos muito de reabilitação urbana de áreas informais e, muitas vezes, ficamos à procura de qual o termo que devemos usar. O que pensa sobre isso?

HELENA GUERREIRO No caso de Portugal, tirando alguns exemplos nos anos 70, tenho dificuldade em dizer requalificação. Penso que falhamos porque apesar de hoje em dia haver muito menos barracas, não pensamos noutros padrões para a construção de bairros e de habitação.

Em Cabo Verde fazia-me alguma confusão que as casas construídas, às vezes estão todas “rebocadinhas”, até já as têm janelas, mas não são pintadas. Não sei se é uma forma diferente de olhar para a casa.

Também me lembro quando estive na ilha do Maio a propósito do projeto Casa Para Todos [Programa de Construção Habitacional do Governo de Cabo Verde]. Está bem construído, tem uma escola em frente e é um conjunto de prédios pequenos com um ar bastante simpático, bastante confortável. Mas um morador dizia-me que as pessoas não sabem viver em prédios porque no Maio, nunca existiu este formato de morar.

RITA RAINHO Temos dificuldade em imaginar as coisas de outra forma e, de facto, herdamos a estratégia de deitar abaixo e fazer de novo à medida do que achamos que é bom para as outras pessoas. Vê ações na efetivação de maior justiça social após estes anos de intervenção da IOB?

indeed a lack of stronger institutional involvement, although the autonomy achieved by the IOB was important. There were multiple constraints resulting from the absent stance of the Municipal Council of São Vicente; greater support from the Ministry would have been necessary, and from a certain point onwards that support no longer existed. As for the population and their involvement, I do recognise that human dimension as a defining feature: people expressed opinions and voiced criticism. From that perspective, I do consider it to have been a participatory process.

RITA RAINHO Today, we speak a great deal about the urban regeneration of informal areas, and we often find ourselves searching for the appropriate terminology. What are your thoughts on this?

HELENA GUERREIRO In the case of Portugal, apart from a few examples in the 1970s, I find it difficult to speak of requalification. I think we have failed because, although there are far fewer shacks today, we have not thought through alternative models for the construction of neighbourhoods and housing.

In Cabo Verde, I was sometimes puzzled by the fact that the houses that are built are often fully rendered – they already have windows – but are not painted. I don’t know whether this reflects a different way of relating to the house.

I also remember being on the island of Maio in connection with the Casa Para Todos project [the Cabo Verdean Government’s public housing programme]. The buildings are well constructed, with a school opposite, and form a group of small blocks with a rather pleasant and comfortable appearance. Yet one resident told me that people do not know how to live in apartment buildings because, on Maio, this way of living had never existed before.

RITA RAINHO We struggle to imagine things differently and, in fact, we have inherited the strategy of demolishing and rebuilding according to what we believe is good for other people. Do you see any steps towards the realisation of greater social justice after these years of IOB’s intervention?

HELENA GUERREIRO Pelo menos de reivindicação de justiça social certamente que sim, porque penso que as pessoas, ao serem envolvidas num projeto como este, foram percebendo que têm uma voz ativa. Foi uma espécie de formação em contexto, um ganho na consciencialização das pessoas.

HELENA GUERREIRO At the very least in terms of claiming social justice, certainly yes. I believe that by being involved in a project like this, people gradually came to understand that they have an active voice. It was a kind of learning-through-practice – a gain in people's awareness and sense of agency.

NUNO FLORES Voltando à IOB que cumpriu muitos objetivos a que se propunha, ganhando reconhecimento aqui em Cabo Verde e lá fora, podemos citar alguns números: 6 000 metros quadrados de intervenção, 171 casas, 1 000 moradores e um orçamento global entre a obra e o escritório de 300 000 euros. No entanto, com a sua paragem, realizou-se apenas 30% da obra física, sendo difícil mensurar quantos usuários afeta diariamente porque se trata de um projeto de espaço público. Paralelamente, o Governo de Cabo Verde realizou um projeto com a Cooperação Chinesa que consistiu na construção de 88 casas e custou cerca de 10 milhões de euros para retirar 100 famílias que vivem em barracas na Portelinha, ilha de São Vicente. Acabada essa obra há cerca de 300 barracas na região. Como vê estas duas diferentes opções de política pública?

NUNO FLORES Returning to the IOB, which fulfilled many of the objectives it set for itself and gained recognition both here in Cabo Verde and internationally, we can point to some figures: 6,000 square metres of intervention, 171 houses, 1,000 residents, and an overall budget of €300,000, including both construction and the project office. However, with its interruption, only 30% of the physical work was completed, and it is difficult to measure how many users are affected on a daily basis, as this is a public space project. In parallel, the Government of Cabo Verde carried out a project with Chinese Cooperation consisting of the construction of 88 houses, at a cost of around €10 million, to rehouse 100 families living in shacks in Portelinha, on the island of São Vicente. Once that project was completed, there were still around 300 shacks in the area. How do you view these two different public policy approaches?

HELENA GUERREIRO Sendo feito a partir da Cooperação Chinesa falamos de coisas de natureza bastante diferente. Parece-me que a IOB embora tenhamos podido comprovar o impacto positivo do que lá se fez, aparenta ser uma intervenção pequenina, discreta, sem a visibilidade de um grande edifício – é um projeto que precisa ser vivido para ser entendido. Mesmo sabendo das contas que mais tarde se conheceram, os projetos da Cooperação Chinesa são todo um novo mundo de relacionamento político e económico com as autoridades.

HELENA GUERREIRO Because it was carried out through Chinese Cooperation, we are talking about initiatives of a very different nature. It seems to me that, although we were able to verify the positive impact of what was done, the IOB appears as a small-scale, discreet intervention, lacking the visibility of a large building – it is a project that needs to be experienced in order to be understood. Even knowing the figures that became available later on, projects funded through Chinese Cooperation represent an entirely new sphere of political and economic relations with the authorities.

Relativamente à interrupção, é exatamente o politicamente correto. Os projetos que financiamos correspondem ao estabelecido nos nossos princípios que norteiam a cooperação com os parceiros de desenvolvimento, indo ao encontro daquilo que são as necessidades identificadas pelo país parceiro, neste caso, Cabo Verde. Prevalece aquilo que o país pretende.

As for the interruption, that is precisely what political correctness entails. The projects we fund are aligned with the principles that guide our cooperation with development partners, responding to the needs identified by the partner country – in this case, Cabo Verde. Ultimately, what prevails is what the country itself intends.



Moradoras de Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / Residents of Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

NUNO FLORES Focando, ainda, na Cooperação Portuguesa e olhando à experiência da IOB, vê a possibilidade do conhecimento gerado ser utilizado ou aplicado em algum território em Portugal, invertendo a lógica?

HELENA GUERREIRO Sim, absolutamente. Não é mútuo e em muitas coisas deveria ser. Só que esta estrutura não funciona, ou seja, quando se começa a planear um novo leque de ações, não há nenhum exercício de avaliação do momento anterior.

NUNO FLORES O roteiro que tínhamos pensado para a entrevista chega assim ao fim, se quiser acrescentar alguma coisa.

HELENA GUERREIRO Como disse antes, sem dúvida nenhuma, ainda que à distância, ter acompanhado esta história foi um orgulho pessoal e para a Cooperação Portuguesa seguramente também. Há muitos anos que trabalho nesta área e, como sou da casa e vivo a cooperação de forma muito intensa, dá-me muita satisfação quando sinto que um projeto tem impacto positivo na vida das pessoas.

NUNO FLORES Still focusing on Portuguese Cooperation and looking at the experience of the IOB, do you see the possibility of the knowledge generated being used or applied in any territory in Portugal, reversing the usual logic?

HELENA GUERREIRO Yes, absolutely. It is not reciprocal – and in many respects it should be. The problem is that this structure does not function in that way: when a new set of actions begins to be planned, there is no exercise of evaluation of the previous phase.

NUNO FLORES The interview script we had planned comes to an end here; would you like to add anything else?

HELENA GUERREIRO As I said earlier, without any doubt, even from a distance, following this story was a source of personal pride – and certainly for Portuguese Cooperation as well. I have worked in this field for many years, and as someone who is very much part of the institution and lives work very intensely, it gives me great satisfaction when I feel that a project has a positive impact on people's lives.

Proximidade e Impacto: Reflexões sobre a Iniciativa Outros Bairros e a Cooperação em Cabo Verde*

PROXIMITY AND IMPACT: REFLECTIONS ON THE OUTROS BAIROS INITIATIVE AND COOPERATION IN CABO VERDE*

Excerto da entrevista / Interview extract



ALEXANDRA CARVALHO

RITA RAINHO A primeira pergunta da entrevista serve para partilharmos e conversarmos um pouco sobre si, sobre o seu envolvimento com a Iniciativa Outros Bairros - IOB, por isso, pedia-lhe para nos falar sobre si para sabermos o lugar de onde fala, onde nasceu, onde vive atualmente que instituição representa.

ALEXANDRA CARVALHO Sou Alexandra Carvalho, Secretária-Geral do Ministério do Ambiente, vivo e trabalho em Lisboa, no Ministério do Ambiente e da Ação Climática e na Secretaria Geral do Ambiente que também é responsável pela coordenação das Relações Internacionais do Ministério do Ambiente.

RITA RAINHO E se lhe pedissem para explicar o que é então, participar na IOB, o que é que nos diria?

ALEXANDRA CARVALHO Eu acho que participar na IOB foi ter contacto com o todo o processo, a partir das inúmeras interações que fomos tendo, em diversos pontos de situação que fazíamos e, mais tarde, já no terreno, numa visita que realizamos mesmo ao Alto de Bomba. E, de facto, contactar com este projeto piloto foi contactar com aquilo que nós pensamos que deve ser a Cooperação Portuguesa. Foi contactar com o projeto que teve um impacto na vida das pessoas que são daquele bairro e contactar com um projeto inclusivo que contribuiu para vários objetivos do desenvolvimento sustentável, com uma articulação entre as várias entidades, e sempre com o envolvimento da população local.

RITA RAINHO Já nos falou aqui um pouco de como é participar e acabou por ir respondendo à pergunta que tinha a seguir que era saber como define a Iniciativa Outros Bairros?

ALEXANDRA CARVALHO A palavra que me vem logo à cabeça, fruto da visita que fizemos ao terreno, é proximidade. Proximidade com aquela realidade, uma proximidade que não é realizar umas obras e depois, qualquer dia, mede-se o impacto na vida das pessoas. Pelo contrário,

RITA RAINHO The first question of the interview is intended to give us an opportunity to share and talk a little about you and your involvement with the Outros Bairros Initiative (IOB). I would therefore like to ask you to tell us about yourself, so that we understand the standpoint from which you speak – where you were born, where you currently live, and which institution you represent.

ALEXANDRA CARVALHO My name is Alexandra Carvalho, Secretary-General of the Ministry of the Environment. I live and work in Lisbon, at the Ministry of the Environment and Climate Action and at the Secretariat-General for the Environment, which is also responsible for coordinating the Ministry's international relations.

RITA RAINHO And if you were asked to explain what it means to participate in the IOB, what would you say?

ALEXANDRA CARVALHO I think that participating in the IOB meant being in contact with the entire process, through the many interactions we had at different moments of review and assessment, and later on, on the ground, during a visit we carried out to Alto de Bomba. In fact, engaging with this pilot project meant engaging with what we believe Portuguese Cooperation should be. It meant engaging with a project that had an impact on the lives of the people in that neighbourhood, an inclusive project that contributed to several Sustainable Development Goals, articulated through collaboration between different entities, and always with the involvement of the local population.

RITA RAINHO You have already spoken a little about what it means to participate, and in doing so you have partly answered the next question, which was about how you would define the Outros Bairros Initiative.

ALEXANDRA CARVALHO The word that immediately comes to mind, as a result of the site visit we carried out, is proximity. Proximity to that reality – a form of closeness that is not about carrying out works and then, at some point in the future, measuring their impact

neste caso é logo visível esse impacto, vê-se quase no imediato quando se chega ao local. Entende-se que tem muito trabalho por trás, num lugar onde facilmente se percebe que, pelo menos no que respeita à transformação física, era uma comunidade que vivia muito pior antes do projeto iniciar.

RITA RAINHO Hoje falamos muitas vezes de reabilitação urbana, o que é que pensa sobre isso?

ALEXANDRA CARVALHO Penso que devíamos fazer mais. Nomeadamente, devia haver uma aposta clara na reabilitação urbana. Devia haver mais aposta em projetos que vão diretamente ao encontro das necessidades de uma população que é claramente carenciada e muitas vezes fica fora da possibilidade de enquadramento nestes grandes projetos.

RITA RAINHO Portanto, nesta perspetiva de procurar ver diferentes formas de leitura, como entende a ideia de zona de contacto quando pensa na IOB?

ALEXANDRA CARVALHO Eu terei que me centrar no momento que estive no Alto de Bomba porque lá pudemos passar por situações diametralmente opostas. No início tivemos o ambiente que encontramos normalmente, cujo nível de preparação ou satisfação/insatisfação nunca sabemos, o episódio que aconteceu no fim da visita mostrou que as pessoas não estavam satisfeitas com tudo, mas que podiam falar. Por isso, souberam aproveitar aquele momento com a presença de dois ministros para fazerem a sua manifestação e a sua reivindicação. No entanto, aquilo que eu senti durante a visita foi que, genuinamente, as pessoas claramente percebem que as suas vidas melhoraram e que tudo estava feito e pensado, tendo em conta uma transformação para melhor.

RITA RAINHO Vê implicações da IOB na efetivação de maior justiça social?

ALEXANDRA CARVALHO Sem dúvida. Sem dúvida que vai ter

on people's lives. On the contrary, in this case that impact is immediately visible; it can be seen almost as soon as one arrives on site. It is clear that there is a great deal of work behind it, in a place where it is easy to see that, at least in terms of physical transformation, the community was living in much poorer conditions before the project began.

RITA RAINHO Today we often speak about urban rehabilitation. What are your thoughts on this?

ALEXANDRA CARVALHO I believe we should be doing more. In particular, there should be a clear commitment to urban rehabilitation. There should be greater investment in projects that directly address the needs of populations that are clearly vulnerable and that often fall outside the scope of large-scale projects.

RITA RAINHO From this perspective of seeking different ways of reading and understanding reality, how do you interpret the idea of a contact zone when you think about the IOB?

ALEXANDRA CARVALHO I have to focus on the moment when I was in Alto de Bomba, because there we were able to experience situations that were diametrically opposed. At the beginning, we encountered the kind of atmosphere one usually finds, where the level of preparation or satisfaction/dissatisfaction is never entirely clear. The episode that took place at the end of the visit showed that people were not satisfied with everything, but that they were able to speak out. They knew how to seize that moment, with two ministers present, to express their views and make their demands. However, what I felt throughout the visit was that people genuinely understood that their lives had improved, and that everything had been done and thought through with a view to transformation for the better.

RITA RAINHO Do you see implications of the IOB in the realisation of greater social justice?

ALEXANDRA CARVALHO Without a doubt. There is no doubt that it will have

repercussões. Acho que isso só pode ser assim. Se as pessoas estão a viver melhor é porque estamos todos mesmo a fazer tudo para termos uma sociedade mais justa e mais inclusiva.

NUNO FLORES O trabalho que foi realizado pela IOB reabilitou 6 mil metros quadrados de espaço público, afetou 171 casas, cerca de mil moradores e entre a obra e o custo do gabinete, o orçamento que me passou pelas mãos foi, sensivelmente, 300 mil euros. 200 mil euros de obras e 30 mil euros por ano do gabinete. No entanto, só se realizou 30% no projeto. O que é que te parece que falhou para ele ter parado?

ALEXANDRA CARVALHO Formalmente nunca nos foi comunicado que o projeto tinha parado ou que tinha acabado, nem nós podemos exigir que isso nos seja comunicado, dado que a nossa colaboração foi através de ti, fruto de procedimento concursal lançado pelo Aviso n.º10834/2018. Uma coisa

repercussions. I believe it can only be so. If people are living better, it is because we are all genuinely doing everything we can to build a more just and more inclusive society.

NUNO FLORES The work carried out by the IOB rehabilitated 6,000 square metres of public space, affected 171 houses and around one thousand residents, and between the construction works and the operating costs of the project office, the budget that passed through my hands was approximately €300,000 – €200,000 for the works and €30,000 per year for the office. However, only 30% of the project was actually implemented. What do you think failed for it to come to a halt?

ALEXANDRA CARVALHO Formally, we were never informed that the project had been halted or brought to an end, nor could we require such a notification, since our collaboration was channelled through you,

Visita da delegação do Ministério do Ambiente de Portugal ao Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021



que me parece evidente, é que houve, a partir de um determinado momento, uma ausência de vontade política para continuar com o projeto. Na última visita que fizemos a Cabo Verde, foi sugerida a possibilidade de continuar o apoio ao projeto, mas tal não teve seguimento. Foi-nos apresentada uma lista de outros projetos para apoiarmos e não foi incluído a IOB, isto é factual.

NUNO FLORES Sabendo das vossas responsabilidades políticas em Portugal, portanto, de um conhecimento das estruturas do Estado desde dentro, de que forma é que vêis uma possível aplicabilidade das práticas que se estabeleceram com a IOB em Portugal?

ALEXANDRA CARVALHO Eu ficaria muito satisfeita porque, no fundo, isso é a cooperação. Aliás, a IOB é um bom exemplo, e o que queremos mesmo é partilhar

as the result of a competitive procedure launched under Call No 10834/2018. What seems evident to me is that, from a certain point onwards, there was a lack of political will to continue the project. During our last visit to Cabo Verde, the possibility of continuing support for the project was suggested, but this did not materialise. We were presented with a list of other projects to support, and the IOB was not included – this is a factual matter.

NUNO FLORES Given your political responsibilities in Portugal, and therefore your insider knowledge of state structures, in what ways do you see a possible applicability of the practices developed through the IOB in Portugal?

ALEXANDRA CARVALHO I would be very pleased, because at its core that is what cooperation is about. In fact, the IOB is a good example of this, and what we truly want is to share experiences. I would be very

Visit of the delegation from the Portuguese Ministry of the Environment to Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.



experiências. Eu ficaria muito satisfeita se nós continuássemos neste ministério ligados ao modo de pensar que pautou a IOB, porque apesar de não termos aqui, nem o ordenamento do território, nem da habitação, é um projeto o qual gostaríamos de ficar sempre ligados.

NUNO FLORES Antes de fecharmos a entrevista, gostaria de acrescentar ainda mais alguma coisa?

ALEXANDRA CARVALHO Eu acho que falamos muito da necessidade de articulação e de colaboração entre as várias entidades e acho que a IOB é mesmo daqueles projetos que eu gostaria que não fôssemos só nós aqui em Portugal, no Ministério do Ambiente, a saber dele, mas que outros participassem de ações como esta para que não se perca o conhecimento que se produziu.

pleased if we were to continue, within this ministry, to be connected to the way of thinking that guided the IOB, because even though we do not hold responsibility here for spatial planning or housing, it is a project with which we would like to remain closely associated.

NUNO FLORES Before we close the interview, would you like to add anything else?

ALEXANDRA CARVALHO I think we speak a great deal about the need for coordination and collaboration between different entities, and I believe the IOB is precisely the kind of project that I would not want to be known only to us here in Portugal, within the Ministry of the Environment, but one in which others should also take part. This would ensure that the knowledge produced through initiatives like this is not lost.

Kasa própria [casa própria]

OWN HOME

ROSÁRIO LUZ

CIDADE E DEMOKRACIA

Em 47 anos, o número de Cabo-verdianos duplicou. A Independência nacional transformou a base produtiva do país; e o povo que antes era dizimado pelas fomes ou perdido para a emigração passou a preencher os postos de emprego público que surgiam diariamente nas cidades – assim como os empregos informais que lhes eram subsidiários. O espaço urbano cresceu mais nas últimas quatro décadas do que nos quatro séculos anteriores; e, naturalmente, o problema da habitação passou para o centro das atenções.

A oferta pública de habitação é designada por *social*; mas o seu foco sistemático é o burocrata do aparelho do Estado e o trabalhador dos serviços públicos. Ao longo dos anos, a finalidade da maioria das iniciativas no sector foi alojar famílias burguesas e não suprir o défice habitacional que afligia assalariados e migrantes rurais. Naturalmente, numa economia desigual em crescimento, os assentamentos informais foram brotando nas periferias, construídos por uma multidão desalojada de trabalhadoras domésticas, vendedoras ambulantes, operárias, artesãos, trabalhadores do turismo, trabalhadoras sexuais, biscateiros e desempregados. E a partir de 1991, a democratização política criou as condições ideais para a instrumentalização deste défice de habitação.

Os sucessivos governos de Cabo Verde ostentam orgulhosamente os louros de “*democratas*” que lhes são regularmente atribuídos pelos rankings internacionais. Se reduzirmos a democracia ao ato eleitoral, a nossa é perfeitamente funcional. Mas eleições transparentes pouco servem se os eleitos se transformam invariavelmente em autocratas a prazo; e numa democracia onde todo o poder económico, sindical, intelectual e cívico depende *diretamente* do poder político, é isso que acontece.

O poder político mantém um nível autocrático de controle social, garantindo a economia refém do Estado. Como principal

CITY AND DEMOKRACY¹

In 47 years, the number of Caboverdeans has doubled. The national Independence has transformed the country's productive basis; and the people who were previously decimated by famine or losing to emigration began to fill the public job positions that daily emerged in the cities — just as the informal jobs subsidiary to them. The urban space has grown more in the last four decades than in the previous four centuries; and, naturally, the housing problem was thrust into the limelight.

Public housing supply is designated as *social*; but its systematic focus is the State's bureaucratic apparatus and the public service worker. Throughout the years, the aim of most of the sector's initiatives was to house bourgeois families and not suppress the housing deficit that affected working people and rural migrants. Naturally, in an uneven growing economy, informal settlements sprouted in the peripheries, built by a homeless crowd of domestic workers, street vendors, industry workers, craftspeople, tourism workers, sexual workers, casual workers and unemployed persons. And from 1991, the political democratisation created the ideal conditions for this housing deficit's manipulation.

The continuous Caboverdean governments proudly flaunt the “*democrat*” laurels usually received through international rankings. If we reduce democracy to the electoral act, ours is perfectly functional. But there is little point to transparent elections if the elected invariably transform into autocrats in the short term; and in a democracy where every economic, syndical, intellectual and civic power *immediately* depends on political power, that is what happens.

Political power maintains an autocratic level of social, securing the economy as a State's hostage. As the country's main employer and business customer, the State can *effectively* limit freedom of speech and their workers' and suppliers' civic activism

T.N.: I have followed the author's *Democracia*.



empregador e cliente empresarial do país, o Estado consegue limitar *efetivamente* a liberdade de expressão e o ativismo cívico dos seus trabalhadores e fornecedores – independentemente da transparência das eleições. Mas apesar das suas vantagens táticas, uma economia sem fontes privadas de financiamento cria um problema a candidatos e corporações: coloca sobre o património público o ónus de financiar as suas carreiras pessoais e estratégias eleitorais.

O pluralismo político introduzido em 1991 impôs às cliques partidárias a pressão novel de conquistar o público; e estas viram nas aspirações proletárias à habitação condigna um alvo fácil. As concessões de terrenos e de licenças, os donativos de material de construção e de unidades prontas de habitação passaram a ser usados como moeda de campanha, particularmente pelo poder local. Quanto aos verdadeiramente destituídos, os candidatos podiam contar tranquilamente com o seu voto, em troca da promessa de não lhes expulsar das encostas precárias que a pobreza lhes tinha forçado a ocupar.

Os recursos públicos apropriados pelo poder político são de natureza diversa: meios técnicos, tecnológicos, logísticos e organizacionais; mas de todos, o mais útil é o património fundiário. Para além de possibilitar o controle direto do enorme contingente de aspirantes à habitação, o território pode ser monetizado para financiar um rol de custos eleitorais; pode ser utilizado como contrapartida em permutas de bens e serviços, particularmente de urbanização, que são um aspecto crucial dos períodos pré-campanha; e pode ser apropriado pelas cliques no poder, para seu enriquecimento privado e de sua clientela mais próxima. Naturalmente, qualquer ameaça a esta gestão corporativa do património público é energeticamente resistida.

A Iniciativa Outros Bairros assenta numa abordagem *democrática* da gestão desse património: valida a posse de terrenos que foram ocupados clandestinamente por cidadãos descapitalizados; informa-se no quotidiano, nos saberes e nas aspirações dos moradores para projectar o futuro do bairro; emprega empreiteiros e mão de obra local; e promove a apropriação simbólica da

– regardless of the elections' transparency. But despite its tactical advantages, an economy deprived of private sources of funding generates a problem to candidates and corporations: it places the onus of their personal careers' and electoral strategies' financing on public patrimony.

The political pluralism introduced in 1991 imposed the novel pressure of conquering the audience on the political cliques; and these looked at the proletariat's aspirations to decent housing as an easy target. The concessions of land and licenses, the donations of building materials and immediately available housing units, became the campaign currency, particularly used by local power. As for the truly deprived, the candidates could seamlessly count on their vote, in exchange for the promise of not expelling them from the precarious slopes poverty had made them occupy.

The public resources appropriated by political power are diverse: technical, technological, logistic and organisational means; but the most useful of them all is real estate patrimony. Besides enabling the great contingent of housing aspirants' direct controlling, territory can be monetised to finance a set of electoral costs; it can be used as an offset in the exchanging of goods and services, particularly in urbanisation, a crucial aspect of pre-campaign periods; and it can be appropriated by the cliques in power, for their and their closest clientele's private enrichment. Naturally, any threat to this corporative managing of public patrimony is vigorously withstood.

The Iniciativa Outros Bairros is based on a *democratic* approach to that patrimony's managing: it validates the ownership of clandestinely occupied land by de-capitalised citizens; it is informed by daily life, by the residents' knowledges and aspirations, so as to devise the neighbourhood's future; it employs local contractors and workers; and it promotes the intervention's symbolic appropriation by the collective. That is, it attacks the installed system's bedrocks because it removes political power from its niche as the exclusive guardian of the right to housing, organised territory and the city. And, obviously, it creates a terrible precedent.

intervenção pelo coletivo. Ou seja, ataca os fundamentos do sistema instalado, porque remove o poder político do seu nicho de guardião exclusivo do direito à habitação, ao território organizado e à cidade. E, obviamente, cria um péssimo precedente.

O empoderamento de gente material e simbolicamente marginalizada é um processo perigoso para uma democracia autocrática: desconstrói a dependência da população na benevolência do Estado; e demonstra vias concretas para a apropriação autónoma de bens públicos, cujo acesso é controlado de forma imoral e inconstitucional por interesses corporativos. Um cidadão empoderado é menos vulnerável à chantagem eleitoral; e portanto muito menos útil aos propósitos das elites governativas.

A intervenção da IOB em *Olt de Bomba* deveria apontar para o futuro da requalificação urbana em Cabo Verde; para a formulação de uma política de habitação verdadeiramente *social*; para a possibilidade de democratização da cidade, mesmo num contexto de desigualdade económica. Mas as qualidades que tornam esta experiência tão útil ao coletivo são precisamente aquelas que a colocam em rota de colisão com o poder. A chantagem que o poder político exerce continuamente sobre uma massa demográfica empobrecida, num domínio fundamental de inclusão social, é crucial para a sua sobrevivência. Se este equilíbrio for ameaçado, o poder reagirá previsivelmente, de acordo com a sua natureza e com os interesses das suas elites: seja com a criação de obstáculos ao progresso da IOB; seja com a diluição dos seus ideais em iniciativas assistencialistas, neutralizando qualquer exemplo de autonomia e empoderamento que tenha resultado do projecto. Para que os poderes públicos possam continuar a gerir as nossas cidades como propriedade privada, é absolutamente fundamental que este exemplo não se propague.

The empowerment of materially and symbolically marginalised people is a dangerous process for an autocratic democracy: it deconstructs the populations' dependence on the State's benevolence; and it shows concrete ways for the autonomous appropriation of public goods, whose access is immorally and unconstitutionally controlled by corporative interests. An empowered citizen is less vulnerable to electoral blackmailing; and thus less useful to governmental elites' intentions.

IOB's intervention in *Olt de Bomba* should point the future of urban rehabilitation in Cabo Verde; the formulation of a truly *social* housing policy; the possibility of democratising the city, even in a context of economic unevenness. But the qualities that make this experience so useful to the collective are precisely those that place it in collision with power. The blackmail continuously exerted by the political power on an impoverished demographic group, in a fundamental domain of social inclusion, is crucial to its survival. If that balance is threatened, power will predictably react, according to its nature and its elites' interests: be it by creating obstacles to the IOB's progress; or by diluting its ideals in aiding initiatives, neutralising any example of autonomy and empowerment that has resulted from the process. So that public powers may continue to manage our cities as private property, it is absolutely fundamental for this example to not be disseminated.



Entender a realidade das pessoas, uma experiência acadêmica no IOB*

UNDERSTANDING PEOPLE'S REALITIES:
AN ACADEMIC EXPERIENCE WITHIN THE IOB*

Excerto da entrevista / Interview extract



SAMUEL SANTOS

NUNO FLORES Como é que começou? Como te aproximaste da Iniciativa Outros Bairros?

SAMUEL SANTOS A maneira que eu cheguei ao Outros Bairros foi a partir da Universidade Jean Piaget onde eu era professor porque fomos a vários eventos organizados pelo Outros Bairros e, inclusive, muitos alunos na Universidade fizeram muitos trabalhos e monografias sobre o trabalho que o Outros Bairros desenvolveu.

NUNO FLORES Podemos dizer que tu és um arquiteto que consegue olhar para o Outros Bairros a partir de uma visão de um arquiteto que nunca participou nele diretamente?

SAMUEL SANTOS Esse processo mudou a forma como os arquitetos, hoje em dia, olham para a cidade. Passamos a entender que tanto como arquitetos e como políticos temos que estar mais próximos das realidades dos lugares.

NUNO FLORES E dentro da Câmara como é que vocês pensam o futuro da cidade?

SAMUEL SANTOS Na Câmara sabemos que a cidade cresce de uma forma descontrolada e, por isso, no futuro, temos que entender os desafios dos lugares que não planeamos.

Eu acho que essa experiência de Alto de Bomba nos permite pensar uma Câmara mais humana.

Há muita diferença entre o trabalho do Outros Bairros e o trabalho da Câmara por uma razão simples: o trabalho da Câmara é um trabalho estritamente de escritório e totalmente burocrático. Dentro do gabinete técnico da Câmara não existe qualquer sensibilidade para entender a realidade das pessoas.

NUNO FLORES Essa forma descontrolada que tu falas não é mais do que uma forma atual de urbanização. Se entrarmos num campo mais teórico

NUNO FLORES How did it begin? How did you come into contact with the Outros Bairros Initiative?

SAMUEL SANTOS My first contact with Outros Bairros came through Universidade Jean Piaget, where I was teaching at the time. We attended several events organised by Outros Bairros and, in fact, many students at the university produced assignments and dissertations focused on the work developed by the initiative.

NUNO FLORES Can we say that you are an architect who is able to look at Outros Bairros from the perspective of someone who never participated in it directly?

SAMUEL SANTOS That process changed the way architects look at the city today. We have come to understand that, both as architects and as policymakers, we need to be much closer to the realities of the places we work in.

NUNO FLORES And within the Municipality, how do you think about the future of the city?

SAMUEL SANTOS Within the Municipality, we are aware that the city is growing in an uncontrolled way, and therefore, in the future, we need to understand the challenges of places that we did not plan. I believe that the experience of Alto de Bomba allows us to imagine a more humane municipality. There is a great difference between the work of Outros Bairros and the work of the Municipality for a simple reason: the Municipality's work is strictly office-based and entirely bureaucratic. Within the Municipality's technical departments, there is no real sensitivity to understanding people's lived realities.

NUNO FLORES This "uncontrolled" form you refer to is nothing more than a contemporary form of urbanisation. If we move into a more theoretical field, many people classify it as informal (informal



Covada de Bruxa, Queila Fernandes, 2019 / Covada de Bruxa, Queila Fernandes, 2019.

há muita gente que a classifica de informal (áreas informais), outros de resistência (territórios em resistência), dentro da Câmara como é que vocês pensam?

SAMUEL SANTOS Acho que essa resistência das pessoas em viver distante das instituições públicas mostra o quanto essas instituições ainda falham no que é a possibilidade das pessoas terem os seus direitos garantidos – infraestrutura, direito à terra, autonomia, entre outros.

NUNO FLORES Ainda dentro desse campo teórico achas que Outros Bairros criou uma zona de contacto? Zona de contacto enquanto um conceito que promove discussão?

SAMUEL SANTOS É um lugar que precisa de vagar. Precisa chegar-se devagar para se entender o que já existe nesses mesmos lugares

areas), others as resistance (territories of resistance). Within the Municipality, how do you think about the future of the city?

SAMUEL SANTOS I believe that this resistance on the part of people to living far from public institutions reveals just how much these institutions still fail when it comes to ensuring people's rights – access to infrastructure, the right to land, autonomy, among others.

NUNO FLORES Still within this theoretical field, do you think Outros Bairros created a contact zone? A contact zone understood as a concept that fosters discussion?

SAMUEL SANTOS It is a place that requires time. One needs to arrive slowly in order to understand what already exists in those places, so that institutions can dissolve into the life of those territories.

para que as instituições se dissolvam na vida desses lugares.

Muitos moradores de Alto de Bomba foram à Câmara tentar legalizar os seus próprios terrenos. Outros Bairros existiu três anos e não conseguiu mudar isso na Câmara. A sociedade precisa de mais entendimento social para que este tipo de políticas consigam ser mais efetivas.

Many residents of Alto de Bomba went to the Municipality in an attempt to legalise their own plots of land. Outros Bairros existed for three years and was not able to change this within the unicity. Society needs a greater level of social understanding for this type of policy to become more effective.

NUNO FLORES Não posso acabar sem te fazer uma pergunta mais objetiva. O que pensas do Outros Bairros? Como o defines agora, depois do processo que se viveu com ele aqui no Mindelo?

NUNO FLORES I can't end without asking you a more direct question. What do you think of Outros Bairros? How would you define it now, after the process that unfolded here in Mindelo?

SAMUEL SANTOS Definir o Outros Bairros é muito difícil porque ele muda muito e nunca tem fim porque provoca uma simbiose entre

SAMUEL SANTOS Defining Outros Bairros is very difficult because it is constantly changing and never really ends, as it creates

Covada de Bruxa, Queila Fernandes , 2019 / Covada de Bruxa, Queila Fernandes , 2019.



partes que permite uma mudança constante face às dificuldades que encontra.

Eu acho que há um conflito no Outros Bairros que tem a ver com uma possibilidade das pessoas entenderem que podem construir onde quiserem porque depois há um Outros Bairros que vem resolver os assuntos. Acho que o Outros Bairros precisa de ganhar um nível de institucionalização para que possa ter mais influência na forma como as Câmaras planeiam o seu próprio território.

Eu não entendi se o Outros Bairros realizou uma espécie de formação para permitir que quem lá trabalhava, após as obras, possa se integrar noutros trabalhos no Alto de Bomba ou não. Acho que para isso, umas das coisas que era fundamental era intensificar, ainda mais, a participação da Universidades e do ensino em geral.

a symbiosis between different actors that allows for continual transformation in response to the challenges it encounters.

I think there is a tension within Outros Bairros related to the possibility that people may come to believe they can build wherever they wish because Outros Bairros will later come and resolve the situation. I believe Outros Bairros needs to achieve a certain level of institutionalisation in order to have greater influence on how municipalities plan their own territories.

I did not fully understand whether Outros Bairros provided some form of training that would allow those who worked there to integrate into other forms of work in Alto de Bomba once the construction phase ended. For that to happen, one of the fundamental aspects would have been to further strengthen the involvement of universities and education more broadly.



Notificada em:
23-11-2021

Fim do Proço para a
reclamação ao superior
hierárquico do M^o P^o

Al
Ministério Público
Em 24/11/2020

01-12-2021



Ministério da
Administração Interna

POLÍCIA NACIONAL
COMANDO REGIONAL DE SÃO VICENTE
ESQUADRA DE MINDELO

O agente da condicional a ausência de instância a prioria descrebi
fe do autor dos factos. Tal constitui uma infraç. Reg nº 17881/2020/EPM

ência a Com. afeito. So com AUTO DE DENÚNCIA

a abertura de instância pode-se proceder a realização
delegacia com vista a descoberta dos factos a Procuradoria da República
da
Comarca de S. Vicente

DATA DE REGISTO: 23-11-2020.

DATA DA OCORRÊNCIA: 22-11-2020 00:05.

LOCAL DA OCORRÊNCIA: CIDADE DO MINDELO.

PONTO REFERÊNCIA: Rua Guiné Bissau.

Se não for legitimado para apresentar em inq
esta condic e denunciado com a representação

DENUNCIANTE

Nuno Duarte Loureiro Flores, Alcuha: Nuno, filho de José Mário Flores e de Ana Mária Lemos
Carmo Loureiro, idade aproximado 41 anos, estado civil solteiro, Natural de Portugal, Residente
em Rua Guiné Bissau, Contatos 9244130, Profissão Arquitectos, urbanistas, agrimensores e
designers, Habilitação Literária Ensino Superior, Local Trabalho - Ministério de Infraestruturas,
Situação Laboral - Ativo

DENUNCIADO

DESCONHECIDO

DESCRIÇÃO DO FACTO

Disse o denunciante que, no dia, hora e local constantes do auto, quando dirigia a sua residência
e, no momento em que começou a meter as chaves na fechadura para abrir a porta, um individuo
com aproximadamente um metro e oitenta e cinco centímetros aproximadamente, magro, cabelo
curto de cor escuro, apareceu a correr em direção a ele, agredindo-o com alguns murros no rosto
e na cabeça, provocando-lhe uma ferida no pelpa exterior esquerdo com mais ou menos três
centímetros (3cm), ematoma frontal esquerdo conforme o guia de tratamento em anexo.
Perguntado se tem testemunhas respondeu negativamente. Dissé ter dirigido a esta Esquadra para
apresentar a sua denúncia e, deseja procedimento criminal contra o autor do acto, caso vier a ser
identificado.

E para constar, lavrei o presente auto de denúncia que vai devidamente assinado por mim
autuante e pelo denunciante.

AUTUANTE:

Belmiro Barros Gomes
BELMIRO BARROS GOMES
Primeiro Subchefe



Cartaz de protesto pelo fim das obras com as condições de contratação do IOB no Alto de Bomba exibido no 38º Festival Baía das Gatas, Fotografia de Grace Ribeiro, 2022 / Protest poster calling for an end to the works under the IOB's contracting conditions in Alto de Bomba, displayed at the 38th Baía das Gatas Festival. Photograph by Grace Ribeiro, 2022.

CARTA ABERTA

À MINISTRA DAS INFRAESTRUTURAS, ORDENAMENTO DE TERRITÓRIO E HABITAÇÃO

Somos um grupo de cidadãos e artistas, entre os quais o grupo de calceteiros Amdjer na Obra, moradores de Alto de Bomba, Cavada de Bruxa, Fernando Pó e o movimento de cidadãos que, direta ou indiretamente, nos relacionamos com o trabalho realizado pela Iniciativa Outros Bairros (IOB) nestas três zonas.

É de conhecimento público a transformação gerada no Alto de Bomba no contexto da Iniciativa que o Governo fomentou e que introduziu alterações muito positivas na requalificação do espaço público, contrariando a precaridade habitacional das zonas supracitadas, através da empregabilidade local que permitiu condições para, com esforço pessoal dos próprios moradores, reforçar de pertença ao próprio lugar.

Os recentes reconhecimentos internacionais da Iniciativa Outros Bairros, vencedora do prémio Archidaily - Obra do Ano 2022 - e integrante da lista de finalistas do prémio Aga Khan Award for Architecture, validam a decisão política da IOB e correspondem à avaliação internacional muito positiva, até ao momento, da Iniciativa realizada.

Neste quadro de reconhecimento e da expectativa criadas para os próprios moradores e para a sociedade cabo-verdiana causa perplexidade a continuada paragem das obras. A retoma anunciada em Janeiro passado pela Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação, a efetivar-se a partir de março de 2022, constituiu motivo para os signatários desta carta se alarmarem pelo não cumprimento do prometido, bloqueando a melhoria das condições de vida de todos os moradores que continuam sem respostas sobre a construção do espaço público, do depósito de água e das redes de eletricidade, de abastecimento de água, de esgoto e de drenagem pluvial.

Consideram os signatários que a IOB, como projeto exemplar e exequível, é relevante para São Vicente porque trabalha na compreensão dos territórios semelhantes a estas zonas, pensando o futuro, e constrói uma abordagem para a melhoria do espaço público. Ao contrário de outras ações, que se centram apenas na construção de habitações com uma localização e projetos de arquitetura desajustados ao modo de vida das populações, a IOB promove a construção de uma população consciente da importância do direito ao lugar e à cidade.

Assim, conscientes de que a suspensão das obras da IOB congela um projecto de uma correção política, habitacional e urbana, reconhecida nacional e internacionalmente, os signatários solicitam à Sra. Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação, a retoma de todo o projeto, resultado da ampla auscultação dos moradores das três zonas referidas, particularmente das obras no Alto de Bomba e do arranque das obras na Covada de Bruxa e no Fernando Pó.

Mindelo, 27 de junho de 2022

Os signatários

Adelaide Gomes, Calceteira
Adélcio Ferreira, Estudante de comunicação
Aderson Gonçalves, Operário
Adilson Santos, Operário
Albertino Fonseca, Serralheiro
Alexandrino Delgado, Micro empresário
Alfredo Pereira, Carregador de limpeza
Álvaro Domingues, Professor universitário
Amílcar Gomes, Ajudante de pedreiro
Ana Silva Fernandes, Professora universitária
Andrea Salomão, Gestora
Ângelo Lopes, Arquiteto
Anilton Andrade, Psicólogo
Anivaldo Bras, Segurança
António Fortes, Carpinteiro
António Miranda, Professor
António Silva, Aposentado
António Tavares, Artista
Augusta Ferreira, Cabeleireira
Bartchart, Músico
Belmira Delgado, Doméstica
Bento Oliveira, Artista
Bernardino Fernandes Gonçalves, Consultor
Bruno Kenny, Arquiteto
Carlos Santos, Professor universitário
Carlos Vicente, Funcionário público
Carlos Tchalé Figueira, Artista
Carlota Alves, Doméstica
Cilésia Fortes, Calceteira
Diogo Bento, Fotógrafo
Dirce Helena, Funcionária comercial
Dj Letra, Músico/DJ
Djamila Inocêncio, Arquiteta
Ducha Lopes, Doméstica
Edinélia Veríssimo, Calceteira
Edmilson Fortes, Ajudante de pedreiro
Edson Silva Delgado, Filmmaker
Elaine de Pina, Arquiteta
Eliana Brito, Calceteira
Elton Fonseca, Covador
Erikson Ferreira, Ferreiro
Erikson Fortes, Arquiteto
Euclides Santos, Latoeiro
Francisco Craveiro, Arquiteto
Frederico Oliveira, Técnico turismo
Grace Ribeiro, Fotógrafa
Isabel Pereira, Funcionária municipal
Irlando Ferreira, Gestor cultural
Ivan Lima, Técnico de serviços comerciais
Ivandro Tavares, Funcionário comercial
Jakob Kling, Arquiteto
Jadson Segredo, Ajudante de pedreiro
Jair Pinto, Professor universitário
Jandira Roberta, Arquiteta
Jarson Monteiro, Carpinteiro
Joana Alves, Doméstica

Joana Mota, Aposentada
João Borges Almeida, Aposentado
João Branco, Ator/encenador
João Évora, Ajudante de pedreiro
João Lopes, Vendedor
Jorge Fonseca, Técnico Electra
José Paiva, Professor universitário Jubilado
Josiane das Dores, Doméstica
Jucelma Veríssimo, Arquiteta
kely Cruz, Operária
Leila Fernandes, Calceteira
Lucialina Alves, Comercial
Luís Fonseca, Ajudante de pedreiro
Maísa Fortes, Calceteira
Mamadou Diop, Artista
Manuel Fortes, Professor universitário
Marcelo Londoño, Fotógrafo
Maria Francisca Santos, Aposentada
Maria Miguel Estrela, Professora Universitária
Manuel Pedro, Pintor
Michel Alves, Funcionário Frescomar
Miguel Figueira, Arquiteto
Natísia Fonseca, Arquiteta
Nuno Flores, Arquiteto
Olavo da Luz, Terapeuta ocupacional
Olívio Silva Crisóstomo, Funileiro
Patrícia Silva, Socióloga, professora e fazedora de teatro
Paulina Teixeira Figueira, Empresária
Paulo Martinho, Arquiteto
Paulo Tavares, guarda costeiro
Queila Fernandes, Fotógrafa
Rafael Martins, Arquiteto
Rafael Pires, Arquiteto
Redy Lima, Professor Universitário
Hendrix Pires, Dançarino
Revan Almeida, Músico e designer
Rita Rainho, Artista e investigadora
Rosana Lima, Empresária
Rosário da Luz, Consultora
Salvador Mascarenhas, Veterinário
Samira Vera Cruz, Cineasta
Samira Rocha, Calceteira
Samuel Santos, Arquiteto
Sintia Gomes, Doméstica
Soraia Monteiro, Fisioterapeuta
Stephanie Silva, Designer
Telmo Luz, Veterinário
Vadylene Nunes, Arquiteta
Vanessa Monteiro, Designer
Yuran Henriques, Artista plástico
Zenaída Medina, Contadora de histórias

Esli eh um jornal independente com iniciativa de movimento B.I.P. (Brigada de Intervenção Política) um ferramenta pa circulação de ideias, informação e união. Ess espaço te aberti pa comunidade escreve e pô ideti.

Ess edição de jornal te dedicado a memoria de Manuel Jesus Nascimento, mas konxid pe Naiss, pai de Josimar Nascimento. Pesámos a toda Família. 1968-2021

KONTINUARAM AS OBRAS NO ALT' BOMBA?



Jason Ferreira

“Es obra tud uke kte ser feit eh positiv nes lomb. Es lomb ei antigamente era um lomb prei negatividade, grñhesim kes obra kel bem ganha valor. Tud uke kte ser feit nes obra eh bom. Ess estrada, xgot eh k'foi mitid prei, tud te ser umdjor”.

-Ess eh sr Frank morador antigo dess bairro te mostra um bokedim de antx e dpox dess obra. Obra ess eh k'tev origem li ne Alt' Bomba há mais d'dox one. Ne Dezembro de 2019 equipa outros bairros inicia es obra pe pontual 1, kfoi kel obra de praça nho Jon e arredores, segund ix bai peh pontual 2, kel obra ne kel área de Frank e agora ix ti ta termina pontual 3 eh kte fka pront ate fim de julho. Duvida agora ta eh se MIOTH te kontinua te financia ess projeto eh ktem 10 pontual e ke até agora so foi feit so 3 pontual. Es obra tem importância pe nox tud, mas nesse processo nem tud gente te entende k obra te avança com temp. Entre prós e kontra um repara ke tem txeu divergência emocional, txeu gent kontent pk es obra dxga ne six porta y tmb txeu gent k ansiedade e agunia mod es obra ainda k'dxga la onde kte necessita de mas intervenção, la onde kte meste dágua, la onde k'tem crianças sem um casa d'bonhe p six necessidades, la onde ktem escuro e uniko cosa eh

kte ilumina eh nox xperança. Xperança plantod pe Ministério Infrestuturas Ordenamento Território e Habitação. Ministra Eunice Silva declara em rede publika keh “reestruturaremos as encostas e faremos o depósito de água para reabastecer todos”, six palavra te sirvi de prova pe no reenvindika nox direit.

IMPORTANCIA DES OBRA NE VIDAD'NOX COMUNIDADE

“Es obra eh d'grand importância pk ix ti ixda, facilita access a otx espaço eh k'tava fka ne prig, principalmente pa kem tem algum problema axial e neh cass de algum acidente ajuda teh dxga mas rapt” es eh palavras de Nunuck, morador com problemas de visão te mostra coisas bons kes obra traz. **“Txeu importância, pk el te txu nox comunidade bniit, calcatod pe no pode tra txeu proveit na el”**. Edinelia moradora e calceteira te mostra importância pa comunidade tanto na aspecto, ma tambe el te mostra importância dess obra porque el traz traboi pa el ke amdjer. **“Um te sinti flix ne traboi. Traboi eh bom peh lugar ba teh parce, pess comunidade ba te tra proveit del e el eh bom pix mãe d'frix eh ktem falta de um dia de traboi”** es li eh o calceteira

teira Marcia eh kte trubaia ness obra junt ma kix Amdjer na Obra.

«KRE PE IX IXDAX MODA KIX IXDAM TAMBEM»

Edinelia moradora beneficiada pess obra declara ke el kre peh kix ot modador ser ixidod pess obra moda kel foi ixidod tmb, **“kre pel kontima, um te satisfeit mod es lod d'meu ka tinha escada, graças a ess traboi dxga um escada ne nha porta. Kre pe obra dxga na es tambe”** afirma Edinelia. Satisfação peh kenh já foi beneficiod e insatisfação peh kenh k obra k dxga pert de six casa. **“Es obra tem k kontima p dxgame ne pe dnha porta pk li tem gente eh kre peh obra dxga ne six porta tambe”** palavras de Edsanía te renvindica se direit, se alguns já foi beneficiod kix ot tmb tem kser beneficiod **“kix k já foi beneficiod deve grede, fz um oração p'kix ke ainda k dxga, pk tud nox tem msm direit de xtod estabelozod ne tud sentid”**.

UKE BH TE PODE FAZE PE OBRA K PARA?

“Eh nox dnher nera? Um te otxa kix deve kontima, pk ainda noh ke oia nox dnher gastod tud li nes obra, um te otxa kix tem k kontima” Maisa moradora e calceteira te da se pont d'vista

sobre obra e el txa bem claro k obra tem k kontinua pk el eh dnher de povo i nox povo tem necessidade.

Ainda Maisa txa um sugestão pa nox tud, **“um teh otxa k comunidade tem k kontribui. Ter msm idea. Objektiv eh oia nox comunidade teh dsenvolve, chefe d'familia, jovens empregod tmb. Seh obra para eh tud dsempregod”**.

Como um moradora dess bairro Maisa kre oia li te dsenvolve e pe iss nox tud eh importante pe da nox contributo pk eh dnher de tud nox eh kte ness obra e se obra para no te bem ter um Alt' Bomba dsempregod pk 70% dkix trabalhador eh deli. **“Antx dess obra um tava vive um vida canhambra, lava mexe ne cosa d'gent, ma agora um tem um dia de traboi”** palavras de Tilis te mostra importância kess obra traz pe se vida e se obra para el te fka sem um dia de traboi e el pd ser capaz de volta a se vida de antx ke nera nada agradável. Num moment de dsabafu Tilis expressa, **“no tem k fala tud enquanto, no tem k dsabafa, ma tem maltas eh k kre. No k tem agua, no k tem luz, kel tank essencial kmo meste la dcima, no tem k junta. Ix te fala de governo kix te gorda iss ma kel ot, ma ene kela sim, no tem k xpia pe nox tud de população p tud nox d'zona fka na job te sinti um vida kul”**. Sno kre algo no tem k korre atras.



Os começos do Alt' Bomba

Edmilson Fonseca

Dpox de um temp d perguntas e peskisas d'gente de Alt' Bomba um pud sabe ke antx de independencia Alt' Bomba era txada. Temp eh k'tinha um bokod psao eh k'tava desloka d'six ilha ou k'tava ser envid de kosta d'Africa pe Soncent pe bem vende six produt ou otxa condições umdjor d vida. kom ix k'tinha xpaço ne morada ou mas pert d cais possível, ix tiv necessidad d aloja ne ix zona mas afastod de morada, onde k origina zonas. Nha Chala moradora de Alt' Bomba com 75 one d'idad konta ke: "rv mora ness zona ma nhas 4 fitx, ma ness temp ainda tinha pok casa, noh tv vive d'kriação d'alguns animais moda txik, guelinha, poi e ness venda ke no conseguí sobrevive e faze nox kasa. *Agua era n'Rbera Bot ou ne jaída la ne leginha, k tinha ropa pe vend no tv compra fazenda peh fz nox ropa e no tv kompral ne um snhor k eh Djedje Fortunato. Sabon k ix tava usa era sabon de barra, ma as vez tv otxa uns sabon eh k'tinha txer. Unie perfume era kel*

deh Djan Djan e ainda veselina. Korr ne morada k'tinha era so kix eh k'tava vend viradura". K'tinha condições d'sobrevive enton ix ranja manera pe ix conseguiu six bens de primera necesidad. Iss te txa klor q as dificuldades de produção de São Vicente ene de aoj. Dix d'sempre te depend apenas de ajuda d'fora.

Einda ne mesmo perspectiva Nha Chala realça manera kix tava oia Alt' Bomba: "Alt' bomba era moda txada. Pssoa tv bem de um bokod lugar p bem pta six lix li e dpox ix da li nome de Alt' Bomba, pk tinha o komando militar e no rvuvi six bombas y kanhões, mas o nom era Alt' telegrafia. Mas k'temp dpox d'saída d'kix tropa, pssoas ba te instala ne kix antig base militar k foi abandonod e tambe ne kix skola e obrigos k'lava fka na top". Dpox Camara resolve da kasas p'ix psaos e ix kebra kix tetos pe ninguém ka ixtala nex". K dificuldades n'alojment kix psao sinti necessidade de konstrui kasas d'lata.

DESPORTO



Sonho d'um de nox

Crisolita Rodrigues eh um atleta d'45 one, mãe d'femilia k'mas d'20 on d'carrera. Se xpirt d'atletismo começa desd d'infância t'isga bola, ring e t'fz corrida ma sis colega, mas tard el tiv k'decidi entre futból e atletismo onde k se xcolha foi atletismo. El comesa k ses primer corrida na zona onde k'el ganha 2 primer lugar. Já kes ot 2 seguint eh level p um corrida inganot onde k'el k sabia se el tv t'ba corre, el tv t' sinti frok ne mei d'ses adversar mesm essim el ganha primer lugar n'classe Femenin e quart lugar n'geral e dala el sinti confiante pa

continua. Essim el da continuidade na se carreira. Ela t' fala k Atletismo eh vida e saúde. Sempre ela encontra apoio mural d ses próximo e d atleta p atleta. T'faze d tud p estod n'prova t' da otxe mural p treino. Sempre el tiv apoio d se municipio. Atletismo e tud p ela mesmo k el eh única n se familia eh k t'pratica. "Tv gosta d'otxa cumpanher p trein k mesmo disponibilidade". Ela t'conta txeu k apoi do Atleta Ary Dimas eh k t' bem ebri um escola n ilha d São Vicente k inauguração marcod p mês d julho, mesmo essim einda ela tem um sonho d ebri kl seu.

LUZ FEMININA

Um xtória de Iramita Dos Reis

Um bem dum femilia pobre, nha mãe era casod y el tiv 9 fitx, mas kom o temp el começa tel sofre agressões y violência tambe. O uso excessivo de álcool provoca divorcio, o ke leva nha mãe a cuida deh sess fitx el so, sem ajuda d'pai d'fitx.

Nha mãe pel sustenta nox tud el tiv keh esforça txeu, y keh foi fácil, ela tava sei de casa tud dia log ced pel ba kata lenha y dpox ba limpa casa dgent pel podia sustenta nox.

Nhas irmos mas betx ix tiv keh abandona escola kera peh ixda nox mãe, mim por ser mas nova um continua nhas estud, ma komd um dxga na sexta class nha mãe dzm keh um tv teh ba para de studia pk el ktinha dnher

kera peh marticulam neh secundária, mas kome sempre um krix continua um tiv keh luta, primer um bdi ajuda a nha professor y el oferecem um farda, nhas irmos dam dnher kera pum matricula, um começa teh trubaia a ajuda nhas vizim, um trubaia neh kix festival y tambe neh San Jon neh barraca ate um conseguí junta nha dnher pok a pok y neh inicio deh one levivo um tinha tud kix material escolar, neh temp kum tinha prova um tv fz pok serviço, tiv vez keh faltam teh dnher pel compra folha de teste, kond nha mãe ktinha dnher el tv txoara y essim foi nha rotina ate dxga kel ano mas esperod, nha mãe compram batinay um tv t'ão feliz mod um tv teh completa mas um etapa neh nha vida. **Passod um temp em engravida, dpox um bem fka sem emprego y um decidi bem pel Soncent ma nha fitx, li um conseguí fz um pekena formação y hoje um teh trubaia y um kre fz um curso profissional.**



HORA DE ESCRITOR

Sombra y Amor

Josimar Nascimento

Pe frent um ti ta sigui mas um vez k'nha lápis, teh viaja neh espaço e escorrega neh kada linha d'nha kaderen k'ideas complicod e palavras não mut bnit, onde k'alguns ja t' casay otx ti ta bai te surgi mas brut e fort ne cada reflexão. Txeu dex te gosta d'enquadra ne kualker ponta, pont kum pos. Kix eh ke gosta um troca um paga. Um dex kurti, suporta ess forma log el krix xkua d'fimi moda s'nunka el existi. Um foca um insisti ke kuidod neh intenção d'pol te fka; "Calma, força, fka li man" e lamental el começa te mtra kontrol d'kada pont. Um oia um sombra t'bem d'lot te possui tud sem para, te cria um maskra ness xcrita. Um sinti um energia pesod e xtronhe e um fixa ne mas profund pe continua e aproxima d'fim. Ma nes momento ess sombra perde onde k, pa sorte ou pe complica, amor perce e cert te mostra uke kel te vale.

Ma um desvia sem treme pa pol ta kei e sim, el kei. Um adianta pe ot direccão tambe. Ma d'pox um xpia pe tras. Amor ti ta tenta levanta de fund, um volta a se bera, um aumenta nha força, nha desvio e um luta k'amor ate ganhal. Agora el ti ta começa te dsperce sim vida e gloria d'vitoria sim perde temp ja ti ta peza d'cima dmi. Será kel era vida, paz, afeto, ne kemi d'seida d' mas um grand obra, um clima umdjor? Um xcrita dess patamar tava precisa d'pol te fka; "Calma, força, fka li man" e agora porq ix pergunta six k'te bem ser respondid? Es eh so p pome te intxa ou talvez no fund um te precisa? Ke simplisment mi eh um simples home present num mundo de ilusão te da pa dod so pe oia ate onde k'certos te dxga k'six intelligencia pensod kix te pob "cabeça". E deli k burresa ou intelligencia, sem respheet um txk xkua.

MAS UM DIA

Keh fe na Jah
Mas um dia um korda
Pront p mas um dia d'obra um t'ba tra
Um dia flix, ja k'tem Home y Amdjor
Neh mesmo lugar teh trubaia

D'pox d'traboi agr eh hora d'po um panela ne lum
Ma peh nha azar canpim seka ne moment
Poh bodji na lenha moda k'xtum eh ahe contentament
P' sasia berriga n'ixm s'um fca t' txere lum

K'oh txere lum oh txere perfum mi eh mi
I um sb k' deus t' guia nh kemi...

Ma Deus teh guia nox kemi.



Edir Ferreira

APRENDER COM ALTO
DE BOMBA - VISITAS
IMPLICADAS

LEARNING FROM
ALTO DE BOMBA -
ENGAGED VISITS

PRENDÊ MÁ OLT D'BOMBA - VISITA IMPLICOD

ESSA
ESTA M
COMUN
TA: ESCOTO
TA: AGUA

OBRA



CONSTRUINDO

VIDA DE

COM HUMIDADE

Protesto em Alto Bomba pela continuação das obras, visita do Ministério do Ambiente do Governo de Portugal, 2021.

Protest in Alto Bomba regarding the continuation of the construction works, during a visit by the Portuguese Government's Ministry of the Environment, 2021.

Algumas notas sobre informalidade

A FEW NOTES ON INFORMALITY

FRANCISCO RABAÇA VAZ CRAVEIRO¹

RESUMO

Tem como objectivo o presente artigo a construção de um entendimento em torno dos territórios da informalidade, a partir da experiência concreta, entre os meses de Janeiro e Junho de 2021, como membro da Iniciativa Outros bairros (IOB), em Alto de Bomba, São Vicente. O que é a informalidade? De que forma se traduz no território, quais as forças que a criam, qual a relação entre moradores e Estado, legalidade e ilegalidade, de que forma é que as dinâmicas exploratórias do capitalismo se desdobram nos vários territórios da cidade? Tentaremos enquadrar estas questões com base nas dinâmicas encontradas a partir da IOB.

ALGUMAS NOTAS SOBRE INFORMALIDADE

The urban is, then, an essentially contested concept and has been subject to frequent reinvention in relation to the challenges engendered by research, practice and struggle. While some approaches to the urban have asserted, or aspired to, universal validity, and thus claimed context-independent applicability, every attempt to frame the urban in analytical, geographical and normative-political terms has in fact been strongly mediated through the specific historical-geographical formation(s) in which it emerged. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.15)²

Num momento em que a grande parte das “transformações urbanas significativas estão a ocorrer nos países em desenvolvimento” (Roy, 2005, p.1), onde a informalidade “uma vez associada com a pobreza, é vista hoje como o modo de urbanização metropolitana” (Roy, 2005, p.1), surge a questão, dentro do debate em torno do urbano, de: como se planeia o “não-planeável” (Roy, 2005, p.1)? Se os mecanismos nos países desenvolvidos são

ABSTRACT

This paper’s goal is to build an understanding around the territories of informality, from the concrete experience as a member of the Iniciativa Outros Bairros (IOB) in Alto de Bomba, São Vicente, from January to June, 2021. What is informality? In what way is it translated into the field, what are the forces that create it, what is the relationship between the residents and the State, legality and illegality, in what way capitalism’s exploiting dynamics unfold in the city’s various parts? We will try to frame these questions from the dynamics found through the IOB.

A FEW NOTES ON INFORMALITY

The urban is, then, an essentially contested concept and has been subject to frequent reinvention in relation to the challenges engendered by research, practice and struggle. While some approaches to the urban have asserted, or aspired to, universal validity, and thus claimed context-independent applicability, every attempt to frame the urban in analytical, geographical and normative-political terms has in fact been strongly mediated through the specific historical-geographical formation(s) in which it emerged. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.15)

In a time when most “significant urban transformations happen in developing countries”² (Roy, 2005, p.1), when informality “once associated with poverty, it is regarded, today, as the way for metropolitan urbanisation”³ (id.), the question that arises, within the debate on the urban, is: how to plan the “unplannable”⁴ (Roy, 2005, p.1)? If developed countries’ mechanisms are limited, incapable of integrating territorial urban planning, incapable of reading and acting upon the managing of resources, transports, ecological transformations, how can we relate to the matters of informality

² O urbano é, portanto, um conceito essencialmente contestado e tem sido sujeito a frequentes reinvenções em relação aos desafios gerados pela investigação, prática e luta. Embora algumas abordagens ao urbano tenham afirmado, ou aspirado à validade universal, e assim reivindicado uma aplicabilidade independente do contexto, cada tentativa de enquadrar o urbano em termos analíticos, geográficos e normativos-políticos foi, de facto, fortemente mediada através da(s) formação(ões) histórico-geográfica(s) específica(s) em que surgiu. Tradução do autor.

² T.N.: Translated from the original text’s quote; *transformações urbanas significativas estão a ocorrer nos países em desenvolvimento*.

³ T.N.: Translated from the original text’s quote; *uma vez associada com a pobreza, é vista hoje como o modo de urbanização metropolitana*.

⁴ T.N.: Translated from the original text’s quote; *não-planeável*.

limitados, incapazes de integrar uma política urbana territorial, incapazes de ler e actuar sobre a gestão dos recursos, dos transportes, das transformações ecológicas, como é que poderemos nos relacionar com as questões da informalidade se ela é a realidade em todos os países dominados pelo sistema capitalista?

O capitalismo global produz um tecido informal que, por si só, constitui um modo de urbanização. (Roy, 2005, p.1)

A produção teórica em torno da informalidade tenta dividir e subdividir em categorias os seus campos de estudo. Se no início a informalidade se localizava no Sul global, pela crítica óbvia de que não se pode colocar as transformações urbanas do Brasil na mesma categoria que a Índia (ou mesmo dentro do Brasil, entre o Rio de Janeiro e São Paulo), “as categorias alternativas para perceber o contexto dos padrões e linhas de pensamento específico” (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.13), neste momento já não são, somente, no Sul global, mas a distinção dentro desse mesmo Sul até se subdividir entre “Este e Sudeste Asiático, América Latina, África e Médio Oriente” (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.13). Conseguimos perceber como é que por este caminho iremos chegar a Cabo Verde como subdivisão de África, e dentro de Cabo Verde – Mindelo e dentro de Mindelo – Alto de Bomba. O processo aqui parece-nos natural, e transparece a incapacidade de construir uma “nova epistemologia do urbano” (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.2), pela velocidade das transformações urbanas.

(...)theories have to be produced in place (and it matters where they are produced), but that they can then be appropriated, borrowed, and remapped. In this sense, the sort of theory being urged is simultaneously located and dis-located. (Roy, 2009, p.2)³

if it is the very reality of each and every capitalism-dominated country?

Global capitalism produces an informal fabric that, in itself, constitutes a mode of urbanisation. (Roy, 2005, p.1)⁵

The theoretical production on informality tries to divide and subdivide its fields of study into categories. If, in the beginning, informality was located in the Global South, through the obvious observation that Brazil’s and India’s urban transformations cannot be put in the same category (not even within Brazil itself, like Rio de Janeiro’s and São Paulo’s), “the alternative categories so as to understand the context of specific patterns and lines of thought”⁶ (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p. 13), currently, are not merely limited to the Global South, but within its very subdivision into “East and Southeast Asia, Latin America, Africa and Middle East”⁷ (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p. 13). Following this line, we can understand how we will get to Cabo Verde as a subdivision of Africa, and within Cabo Verde, Mindelo, and within Mindelo, Alto de Bomba. The process, here, seems natural and transpires the incapacity to build a “new urban epistemology”⁸ (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p. 2), given the velocity of urban transformations.

(...) theories have to be produced in place (and it matters where they are produced), but that they can then be appropriated, borrowed, and remapped. In this sense, the sort of theory being urged is simultaneously located and dislocated. (Roy, 2009, p. 2)

Putting Alto de Bomba on the map means to effervesce a scientific body alongside research, coupled with engagement in action, placed at the barricades, together with the populations, allowing for different

(...) as teorias têm de ser produzidas no local (e importa onde são produzidas), mas que depois possam ser apropriadas, emprestadas e refeitas. Neste sentido, o tipo de teoria que está a ser defendida é simultaneamente localizada e deslocada. Tradução do autor.

3

T.N.: Translated from the original text’s quote; *O capitalismo global produz um tecido informal que, por si só, constitui um modo de urbanização.*

5

T.N.: Translated from the original text’s quote; *as categorias alternativas para perceber o contexto dos padrões e linhas de pensamento específico.*

6

T.N.: Translated from the original text’s quote; *Este e Sudeste Asiático, América Latina, África e Médio Oriente.*

7

T.N.: Translated from the original text’s quote; *nova epistemologia do urbano.*

8

Colocar Alto de Bomba no mapa significa fazer efervescer um corpo científico ao nível da investigação, aliado ao engajamento a nível da ação, colocando-se no lado da barricada, juntamente com as populações e permitindo aos diferentes agentes relacionar, partilhar e aliar certas estratégias e críticas nos processos de resistência. Isto implica um entendimento, por parte das agências, da resistência e de um alinhamento ideológico - progressista - com os valores que vão directamente contra a hegemonia do actual sistema dominante enquanto principal motor da história recente.

(...) o modo de ver constrói o que é visto; por isso, do ponto de vista ontológico, esta pseudo-objetividade baseada em leituras sobretudo morfológicas e enquadramentos sociais vagos e genéricos, acaba por tornar completamente opacos os processos distintos que produzem aquilo que se chama a urbanização: o desenvolvimento desigual, a mercantilização do espaço urbano, a reprodução da pobreza e da exclusão, a forma como o Estado se implica no jogo global do capitalismo, os complexos modelos sociais e de governação da China ou da Índia. (Domingues, Fernandes, 2015, p.8)

Entenderemos informalidade “não como uma dicotomia entre os dois sectores, formal e informal, mas antes uma série de transacções que conectam economias e espaços.”(Roy, 2005, p.2).

Num sistema de mercado globalizado, as consequências do modelo actual no espaço urbano reflectem-se, entre outras, na mercantilização do espaço público, no aumento do valor das habitações e dos terrenos disponíveis, acompanhado por uma monopolização das produções locais e vendas das matérias-primas a capital estrangeiro, empurrando para a pobreza uma grande parte da população. No caso específico de Cabo Verde, estes movimentos são visíveis pela dependência do turismo, das remessas externas, pelo desinvestimento na produção nacional e consequente monopolização dos meios de produção. Estes movimentos, não diferenciados das dinâmicas coloniais, apesar de algumas conquistas com a independência, foram



Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

empurrando ao longo da história de Cabo Verde, não só as classes mais vulneráveis para as periferias, mas também criando uma cultura de emigração (histórica), muito acelerada nas últimas décadas, pelas políticas vigentes e directrizes do financiamento externo, onde o número da população emigrante é superior aos que vivem no arquipélago.

The urban and urbanization are theoretical categories. The urban is not a pre-given, self-evident reality, condition or type of space – its specificity can only be delineated in theoretical terms, through an interpretation of its core properties, expressions or dynamics. (...) While uneven spatial development is as intense as ever across places, territories and scales,



Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

agents to relate, share and combine specific strategies and critiques in the processes of resistance. This entails, from the agencies, an understanding of resistance and a progressive ideology aligned with values that go directly against the current dominant system's hegemony as recent history's main drive.

(...) the way of seeing builds what is seen; for this reason, ontologically, this pseudo-objectivity, based on mainly morphologic

readings and vague and generic social framings, ends up rendering the distinct processes that produce what is called urbanisation completely opaque: unequal development, the commodification of urban space, the reproduction of poverty and exclusion, the way the State involves itself in the global game of capitalism, the complex social and governing models of China or India. (Domingues, Fernandes, 2015, p.8)⁹

We will regard informality “not as a dichotomy between the two sectors, formal and informal, but rather as a series of transactions that connect economies and spaces.”¹⁰ (Roy, 2005, p.2).

In a global market system, the current model's consequences in the urban space are mirrored by, and are not limited to, the public space's commodification, the available houses and lands' value increase, accompanied by the local production's monopolisation and the selling of raw materials to foreign capital, pushing a significant part of the population towards poverty. Specifically in Cabo Verde, these movements are visible through the dependence of tourism, external remittances, disinvestment in national production and the resulting monopolisation of the means of production. In spite of some independence derived achievements, not only did these movements, not differentiated from colonial dynamics, thrust the most vulnerable Caboverdean social classes to the periphery throughout Cabo Verde's history, but also they have created a (historical) culture of emigration, hastened by these last decades' policies and external financing guidelines, where there are more emigrants than those who live in the archipelago.

The urban and urbanization are theoretical categories. The urban is not a pre-given, self-evident reality, condition or type of space – its specificity can only be delineated in theoretical terms, through an interpretation of its core properties, expressions or dynamics. (...) While uneven spatial

T.N.: Translated from the original text's quote; (...) *o modo de ver constrói o que é visto; por isso, do ponto de vista ontológico, esta pseudo-objetividade baseada em leituras sobretudo morfológicas e enquadramentos sociais vagos e genéricos, acaba por tornar completamente opacos os processos distintos que produzem aquilo que se chama a urbanização: o desenvolvimento desigual, a mercantilização do espaço urbano, a reprodução da pobreza e da exclusão, a forma como o Estado se implica no jogo global do capitalismo, os complexos modelos sociais e de governação da China ou da Índia.*

9

T.N.: Translated from the original text's quote; *não como uma dicotomia entre os dois sectores, formal e informal, mas antes uma série de transacções que conectam economias e espaços.*

10

the urban cannot be plausibly understood as a bounded, enclosed site of social relations that is to be contrasted to non-urban zones or conditions. Concomitantly, the urban/non-urban distinction is an obfuscatory basis for deciphering the morphologies, contours and dynamics of sociospatial restructuring under early 21st century capitalism. It is time, therefore, to explode our inherited assumptions regarding the morphology and territorial organization of the urban condition. The urban is not a universal form but an historical process that has become increasingly worldwide. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.20)⁴

Torna-se urgente “diferenciar dentro da informalidade e não entre o formal e o informal” (Roy, 2005, p.3), reconhecer que as lógicas são as mesmas, o que muda é quem determina os conceitos, que persistem relações de exploração e de especulação em todos os lugares. Contudo, estes territórios estão sujeitos a uma exploração superior, pelas evidentes diferenças a nível material e com isso o acesso a alternativas concretas. Em Alto de Bomba as lógicas predatórias subsistem, e por vezes com graus de exploração superiores ao dito mercado regulado tornando-se essencial conhecê-las para enquadrar as relações de poder dentro do quadro da intervenção. Quando uma casa não tem água, nem acesso e depósito para ser cheio por carro de água, é necessário comprar a água em bidons e muitas vezes pagar o transporte dos mesmos, tarefa feita por outros moradores, os quais, em muitos casos, vivem também desses rendimentos. No mesmo sistema temos uma economia interna que explora ainda mais, não só quem se encontra na fragilidade de viver sem água, mas também, quem recebe pelo transporte da mesma.

development is as intense as ever across places, territories and scales, the urban cannot be plausibly understood as a bounded, enclosed site of social relations that is to be contrasted to non-urban zones or conditions. Concomitantly, the urban/non-urban distinction is an obfuscatory basis for deciphering the morphologies, contours and dynamics of sociospatial restructuring under early 21st century capitalism. It is time, therefore, to explode our inherited assumptions regarding the morphology and territorial organization of the urban condition. The urban is not a universal form but an historical process that has become increasingly worldwide. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.20)

It becomes urgent to “differentiate within informality and not between formal and informal”¹¹ (Roy, 2005, p. 3), to recognise the premisses are the same, what changes is who determines concepts, and that relations of exploitation and speculation persist in all places. However, these territories are subjected to a more intense exploitation, due to the obvious difference in resources and thus, with it, the access to actual alternatives. In Alto de Bomba, the predatory logic subsists, at times with higher levels of exploitation than those of the so-called regulated market. It is therefore essential to know it so as to frame the relations of power within the intervention’s scope. When a house has no water, neither access nor deposit to be filled by a water-car, it is necessary to buy water in bidons and often pay for their transportation, a task performed by other residents who, in many cases, live on such income. In the same system, we have an internal economy that exploits even more, not only those who already frailly live without water, but also the ones who earn from its transportation.

O urbano e a urbanização são categorias teóricas. O urbano não é uma realidade, condição ou tipo de espaço pré-determinado e evidente – a sua especificidade só pode ser delimitada em termos teóricos, através de uma interpretação das suas propriedades centrais, expressões ou dinâmicas. (...) Embora o desenvolvimento espacial desigual seja tão intenso como sempre entre lugares, territórios e escalas, o urbano não pode ser plausivelmente entendido como um local delimitado e fechado de relações sociais que deve ser contrastado com zonas ou condições não-urbanas. Ao mesmo tempo, a distinção urbana/não-urbana é uma base ofuscante para decifrar as morfologias, contornos e dinâmicas da reestruturação sócio-espacial sob o capitalismo do início do século XXI. É tempo, portanto, de explodir os nossos pressupostos herdados relativamente à morfologia e à organização territorial da condição urbana. O urbano não é uma forma universal, mas um processo histórico que se tem tornado cada vez mais mundial. Tradução do autor.

4

T.N.: Translated from the original text’s quote: *diferenciar dentro da informalidade e não entre o formal e o informal.*

11

Informalidade como modo de urbanizar não é um método nem tem uma única agência do seu planeamento, mas antes, é o conjunto de formas e processos que estão emaranhados com a própria realidade à luz do sistema dominante. Estará aqui talvez a incapacidade de a tornar definição ou de lhe dar contornos à luz das ferramentas clássicas, necessitando, como todos os estudos do saber, de relacioná-lo com os contextos concretos de cada situação e às dinâmicas específicas do modelo capitalista num dado lugar.

The term mode, derived from the Latin modus, which interestingly is also the root of other keywords like modern and model, means manner, form, or method. In metaphysics, it is a way of being. In logic, it is expressed as modality or the form of a proposition. (Roy, 2005, p.2)⁵

Estão, neste momento, a sair barris de portos em todo o mundo para chegar a Mindelo, prontos para, os que estão em pior estado, serem resgatados e vendidos no mercado ilegal a fim de se tornarem casas. Os processos de construção da habitação própria são demorados e feitos com muitas condicionantes. A *casa tambor*⁶ é levantada numa noite ou num dia sob o medo da fiscalização, tendo de ser feito de uma vez, as paredes são levantadas e a cobertura colocada, tudo num espaço diminuto de tempo, visto que existe uma diferença entre a fiscalização ocorrer no momento em que se está a construir ou já estar construído. É feito, em grande medida, num ambiente de entre-ajuda e muitas vezes próximo a outras habitações de familiares, podendo na mesma rua existirem várias casas pertencentes ao mesmo agregado familiar. Este sentido de lugar que se vai construindo é importante para perceber como se reproduzem estes territórios, numa dependência directa de relações de proximidade.

Informality as a way of urbanising is not a method, neither it has a sole agency in its planning, but, rather, is the set of ways and processes that are intertwined with reality in the light of the dominant system. Perhaps, here lies the incapacity in defining it or shaping it through classical tools, as there is a need for relating it with each situation's actual contexts and with the specific dynamics of a given location's capitalist model, just as in every research.

The term mode, derived from the Latin modus, which interestingly is also the root of other keywords like modern and model, means manner, form, or method. In metaphysics, it is a way of being. In logic, it is expressed as modality or the form of a proposition. (Roy, 2005, p.2)

At this very moment, there are barrels destined to Mindelo exiting ports all-over the world, with the ones in worst condition ready to be salvaged and illegally sold in the black market so as to become houses. The processes of self-building a house are lengthy and done under several conditionings. The *casa tambor*¹² is raised overnight under the fear of a possible inspection. As it has to be made at once, the walls are erected and the roof is placed in a very limited timeframe, as there is a difference between an inspection made during or after its construction. To a great extent, it is built in an environment of mutual help, often close to other family members' houses; in the same street, it is usual for various houses to belong to the same household. This notion of a place that is continuously built is important to understand how these territories are reproduced, in direct relation with close relationships.

From that plurality of visions and geographic framings, it is possible to understand the deepening of the liberal capitalist system – the so-called globalisation – has been weakening the State's role in social and

O termo modo, derivado de modus em latim, que curiosamente é também a raiz de outras palavras-chave como moderno e modelo, significa maneira, forma, ou método. Em metafísica, é uma forma de ser. Em lógica, é expresso como modalidade ou a forma de uma proposta. Tradução do autor.

5

Building made of metallic bidons, where the top is cut and the sides are nailed to a wooden structure so as to be part of a wall. T.N.: Literally, drum house, 'drum' meaning a cylindrical container or receptacle.

12

6

Dessa pluralidade de visões e quadros geográficos de referência, percebe-se que o aprofundamento do sistema capitalista liberal – a denominada globalização – foi enfraquecendo o papel do Estado na regulação social e urbanística, instrumentalizando-o e contribuindo para a fragilidade do planeamento e do urbanismo convencionais, e promovendo outras formas e instrumentos de intervenção como o Projeto Urbano e as operações especiais – sectoriais ou urbanísticas – com uma envolvimento forte do investimento privado e das suas lógicas. (Domingues, Fernandes, 2015, p.17)

Segundo o livro de realizações do balanço do mandato do MIOTh⁷, entre 2016 e 2021, a Iniciativa Outros Bairros fez parte dos projetos especiais assim como o projecto Cidades Coloridas que, segundo o documento este último teve como objectivo “dar o acabamento exterior nas habitações(…)” que “(…) deixou de ser prioridade nos centros urbanos caboverdianos” onde “a demanda por habitação, traduzida numa forte presença da auto-construção, levou as cidades a serem caracterizadas pela cor cinzenta, o que não beneficia nem a sua imagem urbana, nem os moradores que vivem envolvidos por construções inacabadas em bairros pouco atrativos.” (MIOTh, 2021). Fica claro o afastamento, por parte do governo, de ler os problemas reais das populações, priorizando toda a questão a um problema de superfície, da única parte que querem ver, invisibilizando as faltas infraestruturais, de acesso a energia, a água, a saneamento, a condições de salubridade do interior das casas.

Um exemplo desta distância entre a análise e a vida está no projecto *Casa para Todos*⁸ em Cabo Verde, onde grande parte das casas continuam vazias não só pelos preços, que não absorvem as populações



Morador transportando um depósito de água, Marcelo Londoño, 2021.

para as quais foram destinadas, mas também pela distância aos lugares de trabalho dessas mesmas populações, levando a casos como o de uma família despejada de uma casa tambor e colocada num dos fogos do projecto tenha arrendado ou até vendido esse mesmo fogo e voltado para o mesmo lugar de onde foram despejados. No caso do desenho dos fogos ainda fica mais clara a distância à vida das pessoas, onde uma parte considerável da população que vive nesses lugares mantém uma ligação a práticas rurais, tendo necessidade de ter um espaço para animais que muitas vezes são fonte do seu sustento.

The limitations of urban upgrading are the limitations of the ideology of space. In such policy approaches, what is redeveloped is space, the built environment and physical

Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação. **7**

“O PCT (Programa Casa para Todos) é um conjunto integrado de medidas de política, programas e ações capaz de instituir uma dinâmica contínua e sustentada de produção de habitação orientada para o combate ao défice habitacional em Cabo Verde.” cujos objectivos são: – Alargar o acesso à habitação a todos os estratos socioeconómicos da população; – Capitalizar recursos institucionais em favor da redução do défice habitacional; – Articular os setores sociais da administração pública; · Promover novas tecnologias de construção; – Democratizar o acesso a solos urbanizados.” Folheto; <https://portondinosilhas.gov.cv> **8**



Resident carrying a water tank, Marcelo Londoño, 2021.

urban regulation, instrumentalising it and contributing to the fragility of conventional planning and urbanism, and promoting other ways and instruments of intervention like the Urban Project and the special operations – sectorial or urban – strongly involving private investment and its logic. (Domingues, Fernandes, 2015, p.17)¹³

According to the milestones book of MIOTh’s¹⁴ term overview, between 2016 and 2021, the Iniciativa Outros Bairros was part of the special projects, just as the project Cidades Coloridas¹⁵. The latter aimed at “providing exterior cladding to the houses (...)” that “(...) had ceased to be a priority in Caboverdean

urban centres”, where “the demand for housing, translated to a strong presence of self-building, lead to cities characterised by the colour grey, which neither benefit its urban image, nor its residents, who live surrounded by unfinished buildings in unattractive neighbourhoods.”¹⁶ (MIOTh, 2021). It is clear how the government is miles away from reading into the population’s real problems, summarising the entire issue in a matter of surface, of the sole element they want to see, rendering the lack of infrastructures, the access to water, energy and sanitation, and the houses’ salubrity conditions invisible.

An example of such gap between analysis and life is mirrored in the project Casa para Todos¹⁷ in Cabo Verde, where most

T.N: Translated from the original text’s quote; *Dessa pluralidade de visões e quadros geográficos de referência, percebe-se que o aprofundamento do sistema capitalista liberal – a denominada globalização – foi enfraquecendo o papel do Estado na regulação social e urbanística, instrumentalizando-o e contribuindo para a fragilidade do planeamento e do urbanismo convencionais, e promovendo outras formas e instrumentos de intervenção como o Projeto Urbano e as operações especiais – sectoriais ou urbanísticas – com uma envolvimento forte do investimento privado e das suas lógicas.* 13

The Ministry of Infrastructures, Territorial Planning and Housing, Government of Cabo Verde; *Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação do Governo de Cabo Verde.* 14

T.N: Literally, Colourful Cities. 15

T.N: Translated from the original text’s quotes; *dar o acabamento exterior nas habitações (...), and (...) deixou de ser prioridade nos centros urbanos caboverdeanos; “a demanda por habitação, traduzida numa forte presença da auto-construção, levou as cidades a serem caracterizadas pela cor cinzenta, o que não beneficia nem a sua imagem urbana, nem os moradores que vivem envolvidos por construções inacabadas em bairros pouco atrativos.* 16

“The PCT [T.N: housing programme Casa para Todos] is an integrated set of policy measures, programs and actions capable of establishing a continuous and sustained dynamics of housing production aimed at combating the housing deficit in Cabo Verde.” Its goals are to: “[e]xtend access to housing to all socioeconomic strata of the population”, “[c] apitalize on institutional resources to reduce the housing deficit”, “[a] rticulate the social sectors of the public administration”, “[p]romote new construction technologies”, “[d]emocratize access to urbanized lands”. In https://portondosilhas.gov.cv/portonprd/portonprd/portoncv_v3?p-CBC6BBC8C6C4AECACAA5B2C4C4D 17

amenities rather than people's capacities or livelihoods. I have argued elsewhere that such an emphasis on the physical environment is an "aestheticization of poverty" (Roy, 2004), one that equates upgrading with aesthetic upgrading rather than the upgrading of livelihoods, wages, political capacities. It is an expression of what Scott (1998) calls high modernism: the search for rational order in aesthetic terms, the belief that an efficient city is one that looks regimented and orderly in a geometrical sense. (Roy, 2005, p.4)⁹

Somando a esta incapacidade da leitura da vida das pessoas, aparente objectivo da construção das casas, encontram-se o que possivelmente seriam os verdadeiros interesses de tais operações de construção de parques habitacionais. A transferência directa de capital externo para o governo e de volta para as construtoras estrangeiras, utilizando terrenos, situados em lugares que não permitem qualquer relação entre as pessoas, o seu modo de vida e as suas fontes de rendimento e que não comprometem os terrenos mais próximos às zonas consolidadas, a potenciais lugares de especulação.

Over the years, many studies have shown that when squatters are relocated to subsidized public housing, they sell off their rights to this housing in order to profit on the transaction and to avoid a system where the failure to make regular payments results in evictions (Eckstein, 1990, p. 173; Hounsteiner, 1977, p. 311). As Hardoy and Satterwaite (1986, p. 247) note, this is not just an issue of affordability but rather of the temporal rhythm of payments. It is a mismatch between the systemic irregularity of employment and the institutionalized regularity of payment. (Roy, 2005, p.7)¹⁰

Qualquer projeto que pretenda actuar no campo da informalidade encontrará

of the houses remain empty, not only because of its prices, that do not absorb the targeted populations, but also because of the distance between the houses and the workplaces, resulting in situations like those of families who were evicted from their own drum houses and placed in the Project's houses, ending up leasing or even selling them, returning to the same place from where they were evicted in the first place. The gap is even clearer in the houses' design, as a significant part of the population who live in such areas remains connected to rural activities, needing space for animals that are often the main source of income.

The limitations of urban upgrading are the limitations of the ideology of space. In such policy approaches, what is redeveloped is space, the built environment and physical amenities rather than people's capacities or livelihoods. I have argued elsewhere that such an emphasis on the physical environment is an "aestheticization of poverty" (Roy, 2004), one that equates upgrading with aesthetic upgrading rather than the upgrading of livelihoods, wages, political capacities. It is an expression of what Scott (1998) calls high modernism: the search for rational order in aesthetic terms, the belief that an efficient city is one that looks regimented and orderly in a geometrical sense. (Roy, 2005, p. 4)

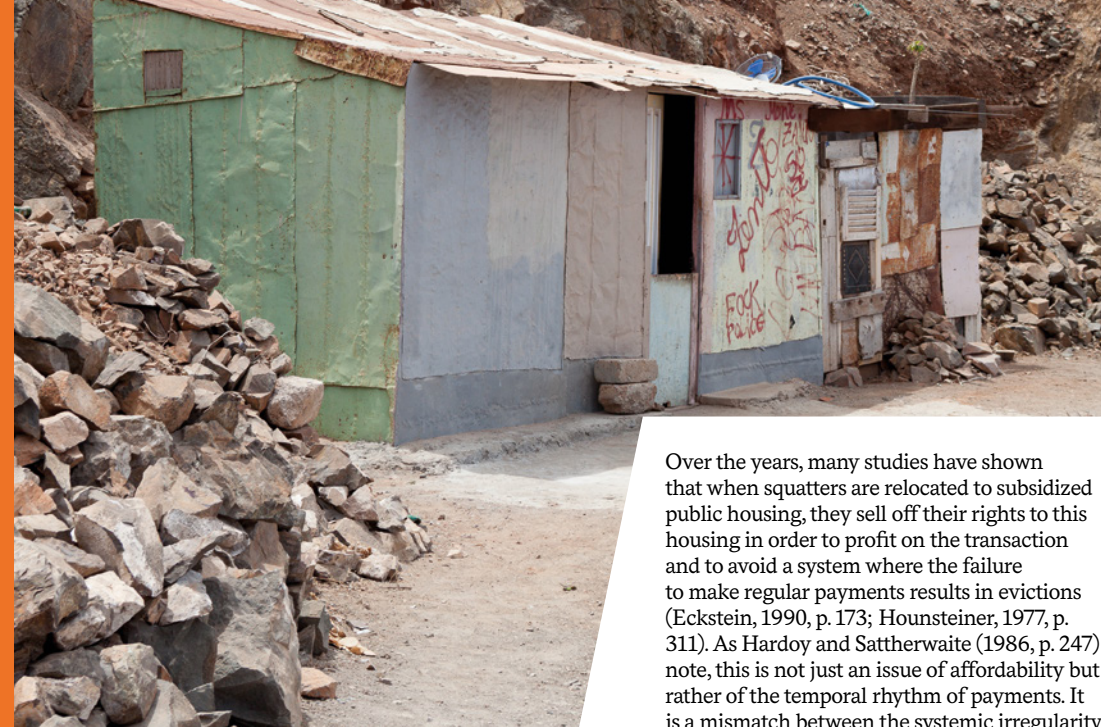
Beside this incapacity of reading into people's lives, the apparent goal in building the houses, lie the possible true interests of such housing operations. The direct transference of external capital to the government and back to foreign companies, using lands located in places that have not any connection with people, nor with their sources of income, and that do not compromise grounds next to consolidated cities, potential areas of speculation.

As limitações da requalificação urbana são as limitações da ideologia do espaço. Em tais abordagens políticas, o que é desenvolvido de novo é o espaço, o ambiente construído e as comodidades físicas e não as capacidades ou meios de subsistência das pessoas. Argumentei noutros locais que tal ênfase no ambiente físico é uma "estetização da pobreza" (Roy, 2004), que equaciona a requalificação com a requalificação estética e não a requalificação dos meios de subsistência, salários, capacidades políticas. É uma expressão daquilo a que Scott (1998) chama alto modernismo: a procura de ordem racional em termos estéticos, a crença de que uma cidade eficiente é aquela que parece regimentada e ordenada num sentido geométrico. Tradução do autor.

9

Ao longo dos anos, muitos estudos têm demonstrado que quando os ocupantes são deslocados para habitações públicas subsidiadas, vendem os seus direitos a esta habitação a fim de lucrarem com a transação e evitarem um sistema que evita os pagamentos regulares resulta em despejos (Eckstein, 1990, p. 173; Hounsteiner, 1977, p. 311). Como observam Hardoy e Satterwaite (1986, p. 247), não se trata apenas de uma questão de acessibilidade económica, mas sim do ritmo temporal dos pagamentos. É um desajuste entre a irregularidade do emprego e a regularidade institucionalizada dos pagamentos. Tradução do autor.

10



Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019 / Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019.

Over the years, many studies have shown that when squatters are relocated to subsidized public housing, they sell off their rights to this housing in order to profit on the transaction and to avoid a system where the failure to make regular payments results in evictions (Eckstein, 1990, p. 173; Hounsteiner, 1977, p. 311). As Hardoy and Satterwaite (1986, p. 247) note, this is not just an issue of affordability but rather of the temporal rhythm of payments. It is a mismatch between the systemic irregularity of employment and the institutionalized regularity of payment. (Roy, 2005, p. 7)

necessariamente limites, por vezes perigosos e ainda mais danosos para as populações, se simplesmente atuar ao nível técnico ou legalista. No caso concreto de Alto de Bomba, trabalhar apenas o espaço público, as redes de água, energia e saneamento melhora as condições concretas dos moradores mas não assegura tanto a instalação directa na casa, por ausência de rendimentos por parte dos mesmos para tais investimentos, como também não assegura os equipamentos e rendimentos necessários tanto para a sua utilização como para a sua manutenção.

Every project that focusses on informality will necessarily come across limits, some times dangerous and detrimental to the populations, even if just legally or technically. Specifically in Alto de Bomba, solely working on the public space, water, sewage and energy networks, improves the residents' conditions, but it does not ensure the direct installation in their houses, given their lack of resources for such investments, neither does it assure the equipments and performances necessary for their use or maintenance.

The issue at stake here is not simply the limits of upgrading strategies but rather the question of who sets the upgrading agenda. (Roy, 2005, p.4)¹¹

The issue at stake here is not simply the limits of upgrading strategies but rather the question of who sets the upgrading agenda. (Roy, 2005, p. 4)

11 O que está em causa não são simplesmente os limites das estratégias de melhoria, mas sim a questão de quem estabelece a sua agenda. Tradução do autor.

Ao mesmo tempo, trabalhar ao nível legal, e como já provamos anteriormente, seria um erro que poderia rapidamente se transformar num processo de gentrificação, principalmente em Alto de Bomba, pela localização em relação à baía de Porto Grande. Onde apesar de ter uma casa legalizada, quando um morador com rendimentos baixos encontra uma fonte de rendimento, mesmo que seja a sua casa, irá vender por um preço que não iguala a luta que fez para se estabelecer, mas ajuda às suas necessidades concretas, por não ter alternativas, atirando-o para um outro processo de construção da habitação própria noutra lugar.

Apesar de ser um assunto repetido e que a população anseia, tanto estes processos de legalização, como de melhoria infraestrutural, terão de ser acompanhados com outros processos de criação de rendimentos e de consciencialização colectiva do direito ao lugar. Só a partir deste entendimento do direito ao lugar é que se poderia falar de legalização ou de outra forma de propriedade que retirasse o peso diário da iminência de despejo. Não existindo um processo integrado, a legalização urban upgrading poderá levar a uma situação de gentrificação e estetização destes territórios.

(...)informality as a state of exception from the formal order of urbanization; how this state of exception can in turn be strategically used by planners to mitigate some of the vulnerabilities of the urban poor; and how dealing with informality requires recognizing the “right to the city” – claims and appropriations that do not fit neatly into the ownership model of property. (Roy, 2005, p.1)¹²

Entendemos assim o modo de urbanizar como uma leitura feita a partir da vida, de todos os intervenientes, inevitavelmente próxima das populações e contraditória às lógicas da política vigente, um convite à sociedade de podermos colectivamente participar nas transformações sociais da mesma. Este estado de excepção (Roy, 2005) é o campo que nos permite estabelecer a

Simultaneously, and as we have previously demonstrated, working legally could easily become a process of gentrification, especially in Alto de Bomba due to its closeness to Porto Grande Bay. There, as there are no other alternatives, when a resource is found by low income residents, such as their very legalised house, it will be sold by a price that will ease their actual necessities, despite not being a match to the struggle faced in obtaining it, which will push the residents to yet another self-building process, someplace else.

Even though this is a recurrent topic for which the people yearn, both these legalising and structure improving procedures have to be accompanied by other processes of income generation and a collective awareness of the right to place. Legalising or any other form of property that frees daily life from the weight of eviction can only be discussed from understanding such right. Without an integrated process, legalising or urban upgrading can give way to a situation of these territories' gentrification and aestheticisation.

(...) informality as a state of exception from the formal order of urbanization; how this state of exception can in turn be strategically used by planners to mitigate some of the vulnerabilities of the urban poor; and how dealing with informality requires recognizing the “right to the city”—claims and appropriations that do not fit neatly into the ownership model of property. (Roy, 2005, p. 1)

We therefore understand the way of urbanising as a reading made from life itself, from all intervenients, inevitably close to all populations and contradictory to the current policies' logic, inviting society to collectively participate in its very social transformations. This state of exception (Roy, 2005) is the field that allows us to establish informality as a “tool that urbanists may use so as to mitigate some vulnerabilities of situations of poverty,

(...)a informalidade como estado de excepção à ordem formal de urbanização; como este estado de excepção pode ser estrategicamente utilizado pelos urbanistas para mitigar algumas das vulnerabilidades da pobreza urbana; e como lidar com a informalidade requer o reconhecimento do “direito à cidade” – reivindicações e apropriações que não se encaixam no modelo actual de propriedade. Tradução do autor.

Estas três questões prementes – passando do uso da terra à justiça distributiva, repensando o objecto do desenvolvimento, e substituindo os modelos de melhores práticas por uma crítica realista – não são apenas epistemologias políticas para lidar com a informalidade. Pelo contrário, indicam que a informalidade é uma epistemologia importante para o planeamento. Tradução do autor.



informalidade como uma “ferramenta que os urbanistas possam usar no sentido de através delas mitigar as vulnerabilidades das situações de pobreza e que inevitavelmente não encaixa nos modelos de propriedade e terá de ser sempre atravessado por uma luta pelo direito ao lugar.” (Roy, 2005, p.2)

Por esse motivo, uma das mais urgentes tarefas a empreender reside justamente no regresso ao ponto mais basilar de discussão da condição urbana e da compreensão da urbanização recente: observar e analisar o processo na sua complexidade e diversidade, bem como debater e reequacionar as ferramentas conceptuais e operativas – construir o tal quadro epistemológico – para compreender e gerir os novos desafios socio espaciais. (Domingues, Fernandes, 2015, p.17)

O Estado permite que a informalidade aconteça, não só por não investir na sua mitigação e lucrar com as legalizações, por poder a qualquer momento despejar e vender lotes apesar de estarem ocupados, mas também porque é o próprio Estado que define as categorias de informal/formal, clandestino/legal, ocupação/propriedade. Entre informal e formal, o que na verdade caracteriza o processo urbano hoje é o sistema dominante e as suas lógicas, de quem detém a propriedade e os meios de produção, colocando assim a distinção possível não entre informalidade ou formalidade, mas entre capitalismo e resistência.

These three pressing issues – moving from land use to distributive justice, rethinking the object of development, and replacing best practice models with realist critique - are not just policy epistemologies for dealing with informality. Rather, they indicate that informality is an important epistemology for planning. (Roy, 2005, p.10)¹³

Entender a informalidade como resistência é reconhecer que existe uma diferença entre a correlação de forças mundiais

that inevitably do not fit the models of ownership and that will always have to recognise the right to the place¹⁸ (Roy, 2005, p. 2).

For that reason, one of the most urgent tasks to be performed consists precisely in going back to the most fundamental point in discussing human condition and understanding recent urbanisation: to observe and analyse the process in its complexity and diversity, just as debating and reconsidering the operational and conceptual tools – building the so-called epistemological framing – in order to understand and manage the new socio-spatial challenges.¹⁹ (Domingues, Fernandes, 2015, p. 17)

The State allows for informality to happen, not only because it does not invest in its mitigation, profiting from legalisations while being able to, at any time, evict and sell lands even if occupied, but also because it is the very State that defines the categories informal/formal, clandestine/legal, occupation/property. Between informal and formal, what actually characterises the urban process today is the dominant system and its logic on who detains property and the means of production, setting the possible distinction between capitalism and resistance, instead of informality and formality.

These three pressing issues – moving from land use to distributive justice, rethinking the object of development, and replacing best practice models with realist critique – are not just policy epistemologies for dealing with informality. Rather, they indicate that informality is an important epistemology for planning. (Roy, 2005, p. 10)

Understanding informality as resistance is to recognise there is a difference between the correlation of world forces between who exploits and who is exploited, that,

T.N: Translated from the original text's quote: *ferramenta que os urbanistas possam usar no sentido de através delas mitigar as vulnerabilidades das situações de pobreza e que inevitavelmente não encaixa nos modelos de propriedade e terá de ser sempre atravessado por uma luta pelo direito ao lugar.*

Translated from the original text's quote: *Por esse motivo, uma das mais urgentes tarefas a empreender reside justamente no regresso ao ponto mais basilar de discussão da condição urbana e da compreensão da urbanização recente: observar e analisar o processo na sua complexidade e diversidade, bem como debater e reequacionar as ferramentas conceptuais e operativas – construir o tal quadro epistemológico – para compreender e gerir os novos desafios socio espaciais.*

entre quem explora e quem é explorado, que independentemente da formalização da urbanidade, o que se coloca é a potência destes lugares se colocarem na luta para a contínua construção das suas estruturas sociais, organizadas em movimentos sociais, para decidirem o seu caminho. Só assim conseguimos entender a palavra informal e continuar a usá-la como conceito, porque ela circunscreve algo que não tem forma, não só como crítica ao urbanismo clássico, mas também à contínua luta por um sentido de comum, pelo fazer-se de uma sociedade, pelo caminho difícil, mas justo da real democracia. Percebermos que a luta travada por estes territórios é essencial para confluir interesses e definir o alvo – os grandes proprietários, e com eles as próprias noções de propriedade, público e Estado social.

The urban is a collective project – it is produced through collective action, negotiation, imagination, experimentation and struggle. The urban society is thus never an achieved condition, but offers an open horizon in relation to which concrete struggles over the urban are waged. It is through such struggles, ultimately, that any viable new urban epistemology will be forged. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p.29)¹⁴

regardless of urbanity's formalisation, puts at stake these places' potency to fight for the continuous construction of their social structures, organised in social movements, so as to make their own path. Only in this way we may understand the word informal and continue to use it as a concept, because it circumscribes something shapeless, not only as a critique of classical urbanism, but also as a continuous struggle for a sense of commonality, for a society's self-making, for real democracy's just, yet hard, journey. We must understand that these territories' struggle is key in the converging of interests and in the definition of a target – the big proprietors –, and with it the very notions of property, public and Social State.

The urban is a collective project – it is produced through collective action, negotiation, imagination, experimentation and struggle. The urban society is thus never an achieved condition, but offers an open horizon in relation to which concrete struggles over the urban are waged. It is through such struggles, ultimately, that any viable new urban epistemology will be forged. (Brenner, Neil & Schmid, 2015, p. 29)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

BRENNER, Neil & SCHMID, Christian. (2014). The 'Urban Age' in Question. *International Journal of Urban and Regional Research*. 38. 10.1111/1468-2427.12115.

BRENNER, NEIL, & SCHMID, Christian. (2015). Towards a new epistemology of the urban?. *City: analysis of urban trends*. 19. 10.1080/13604813.2015.1014712.

DOMINGUES, Álvaro; FERNANDES, Ana Silva. (2015). – A urbanização da pobreza – formação académica e consciência social. *Estudo Prévio*. Lisboa: CEACTION/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: www.estudoprevio.net]

American Planning Association, Vol. 71, No. 2, Chicago.

ROY, Ananya. (2009). *The 21st-Century Metropolis: New Geographies of Theory*, *Regional Studies*, Vol. 43.6, pp. 819–830. ISSN 1360-0591.



O mundo ao contrário. Teorias de justiça urbana do sul global

THE WORLD TURNED UPSIDE DOWN. URBAN
JUSTICE THEORIES FROM THE GLOBAL SOUTH

GIACOMO POZZI¹

A cada 20 de Janeiro, Cabo Verde celebra o dia dos heróis nacionais, que assinala o aniversário da morte de Amílcar Cabral e presta homenagem aos que lutaram pela independência do país. Nessa data, em 2020, eu estava no Mindelo a conduzir investigação etnográfica. Nesse dia, ao ler um jornal local, fiquei intrigado com uma iniciativa comemorativa que teria lugar na Câmara Municipal da cidade. Especificamente, a comemoração incluía uma primeira apresentação pública de um projeto considerado central pelas instituições locais e nacionais para o desenvolvimento económico da ilha: a instalação de uma Zona Económica Especial Marítima em São Vicente (ZEEMSV). Isto, na altura já aprovado pelo Governo, confirmado pela assembleia, como aconteceria mais tarde, transformaria para sempre a ilha de São Vicente, tanto a nível territorial, como socioeconomicamente.

Uma vez identificada a sala da Câmara Municipal onde a apresentação deveria ter lugar, dei por mim sentado com cerca de setenta outras pessoas, todas vestidas com roupas elegantes. A minha camisa de linho não engomada desfigurou o belo salão. As mãos eram apertadas com força, as palminhas nos ombros deixavam manchas de suor.

Com alguns minutos de atraso, a comemoração começou. Um jovem conselheiro, e depois o presidente da Câmara Municipal, salientaram que 20 de Janeiro é o dia do “povo a construir a sua história”, dos “heróis desconhecidos e conhecidos”, da “dedicação à causa pública”. “Encontramos hoje na condição”, disseram, “de não dever esquecer”, especialmente na cidade de Mindelo, que acolheu o próprio Amílcar Cabral durante sete anos no Liceu Gil Eanes e foi o berço de dois dos mais importantes movimentos cabo-verdianos, o primeiro ligado

à revista *Claridade*² e o segundo à revista *Certeza*³. “O dia dos heróis nacionais”, disse o presidente, “é o dia em que recordamos todos aqueles que morreram a lutar pela liberdade, mas também todos aqueles que lutam diariamente contra todas as adversidades”.

Esta última palavra, “adversidades”, expressa com grande ênfase, foi a manobra narrativa para proceder a uma mudança imprudente de direção, e assim falar do plano do Governo para promover um maior crescimento económico e desenvolvimento sustentável e, assim, “limitar a adversidade do povo e expulsar a pobreza”. Para, “finalmente”, fazer de São Vicente “uma ilha moderna”.

Um engenheiro, encarregado pelo Governo de supervisionar o projeto, explicou que, historicamente, a ilha de São Vicente estava ligada ao mar. Entre 1838⁴ e 1902, de facto, a ilha foi um porto de escala obrigatória para o comércio atlântico e para aqueles que transitam pelo oceano. Segundo o engenheiro, foi, em última análise, uma importante plataforma comercial e, sobretudo, uma fonte de riqueza para a população local⁵. Estas referências históricas pareciam particularmente importantes para o engenheiro, porque, nas suas palavras, “a partir do passado podemos pensar no futuro”. O futuro, seguindo a narrativa institucional, poderia ser identificado no estabelecimento de uma Zona Económica Especial (ZEE), ou seja, uma zona com uma legislação económica diferente da legislação em vigor no país a que pertence, na qual basicamente é garantida a possibilidade de derrogação às leis em vigor no quadro das políticas nacionais ordinárias. A peculiaridade das ZEE residiria na sua capacidade de atrair investimento estrangeiro e assim facilitar o reforço da economia industrial e de serviços. A ZEE previa a construção de um porto marítimo, um porto de pesca, uma zona

A *Claridade* é uma revista literária e cultural surgida em 1936 na cidade do Mindelo, e que está no centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana. Os seus responsáveis foram Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa. Resolveram seguir as pegadas dos neorealistas portugueses, assumindo no arquipélago a causa do povo cabo-verdiano na sua luta pela afirmação de uma identidade cultural autónoma baseada na criação da “cabo-verdianidade” e na análise das preocupantes condições socioeconómicas e políticas das Ilhas de Cabo Verde.

2

Em 1838 a companhia Britânica East India estabelecia em São Vicente o primeiro depósito de carvão, ao mesmo tempo que na metrópole o Marquês de Sá da Bandeira decretava que a povoação na Baía do Porto Grande adotasse o nome de Mindelo, em memória do desembarque do exército expedicionário de D. Pedro IV nas praias perto da localidade do Mindelo em Portugal. E para mostrar que de Lisboa seguem também os planos da futura urbe.

4

A Geração da *Certeza* surge à volta de uma revista com o mesmo nome – revista *Certeza* – em 1944. Os autores que constituem esta Geração da *Certeza* marcam uma diferença no modo de fazer literatura em Cabo Verde pelas problemáticas sociais e políticas que decidem vincar.

3

Mais do que um fato histórico, esta última reconstrução é um mito, que tem sido amplamente problematizado; ver, por exemplo, Albuquerque, Santos, 1991.

5

Every January 20, Cabo Verde celebrates its National Heroes' Day, marking the anniversary of Amílcar Cabral's assassination and paying tribute to those who fought for the country's independence. On that date, in 2020, I was in Mindelo conducting ethnographic research. On that day, reading a local newspaper, I felt curious about a commemorative initiative that would take place at the City Council. Specifically, the commemoration included the first public presentation of a project deemed crucial by local and national institutions to the island's economic development: the setting up of the Maritime Special Economic Zone in São Vicente (ZEEMSV). At that time already approved by the Government and later confirmed by the assembly, this would forever change the island of São Vicente, both territorially and socioeconomically.

Once the City Council's room where the meeting would take place was identified, I found myself sitting among other seventy people, all dressed in elegant clothes. My unironed linen shirt disfigured the beautiful hall. Hands were tightly shaken, shoulder taps left sweat stains.

Delayed for a few minutes, the commemoration began. A young advisor, and the Mayor afterwards, stressed that January 20 is the day for "the people to build their history", for the "known and unknown heroes", for the "dedication to the public cause". "Today, we find ourselves in the condition", they said, "where we must not forget", especially in the city of Mindelo, that housed Amílcar Cabral himself for seven years at the Liceu Gil Eanes², and was the birthplace for two of most important Caboverdean movements, the first one linked to *Claridade*³ magazine and the second one to *Certeza*⁴ magazine. "The National Heroes'

Day", said the president, "is the day where we remember all those who died fighting for freedom, but also those who continue to fight daily against all adversities".

This last word, "adversities", expressed with rather emphasis, was the narrative manoeuvre to proceed towards an imprudent change in direction, and thus talk about the government's plan to promote a bigger economical growth and sustainable development and, thereby, "to limit the adversity of the people and expel poverty". So as to, "finally", make São Vicente a "modern island".

An engineer, appointed by the Government to supervise the project, explained that, historically, the island of São Vicente had been connected to the sea. Between 1838⁵ and 1902, indeed, the island was an essential port of call for Atlantic trade and for those who traversed the Ocean. According to the engineer, São Vicente had been an important commercial platform and, mostly, a source of wealth to the local population⁶. These historical references seemed particularly important to the engineer, because, in his own words, "from the past we can think the future". The future, following the institutional narrative, could be identified in the establishing of a Special Economic Zone (SEZ), that is, a zone with economic laws different from those from the rest of the country, where basically it is guaranteed the possibility of derogating the laws in force within the national ordinary policies' framework. The SEZ's peculiarity would consist in its capability to attract foreign investment thus facilitating the enhancement of the industrial and service economy. The SEZ envisaged the creation of maritime port, a fishing port, an industrial zone, fish farming and processing

T.N.: Gil Eanes High School.

³ *Claridade* is a literary and cultural magazine that appeared in Mindelo in 1936, central to a movement of cultural, social and political emancipation of Caboverdean society. Those responsible for it were Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva and Jorge Barbosa. They decided to follow the footprints of Portuguese neorealists, taking on, in the archipelago, the cause of the Caboverdean people in their struggle for the affirmation of an autonomous cultural identity based on the creation of "Caboverdean" and the analysis of the worrying political and socioeconomic conditions of Cabo Verde's islands.

⁴ The Geração da Certeza [T.N.: The Certeza Generation, certeza meaning certainty] emerges around a homonymous magazine – *Certeza* magazine – in 1944. The authors that constitute this Geração da Certeza establish a different way of conducting literature in Cabo Verde by the social and political problematics they decide to stress.

²

³

⁴

⁵ In 1838, the British company East India established the first coal deposit in São Vicente, at the same time when, in the metropole, the Marquess of Sá de Bandeira was decreeing that the population from Porto Grande's bay area was to adopt the name Mindelo, in memory of the landing of Dom Pedro IV's expeditionary forces on the beaches around Mindelo, in Portugal. And to show that from Lisbon they also follow the future city's plans.

⁶ More than a historical fact, this last reconstruction is a myth that has been widely problematised; see, for example, Albuquerque & Santos, 1991.



Praça Nho Jon, Grace Ribeiro, 2020 / Nho Jon square, Grace Ribeiro, 2020.

industrial, instalações de aquicultura e de transformação de peixe, laboratórios de investigação marinha, e infraestruturas para a produção de energia renovável. Além disso, dados os consideráveis benefícios fiscais, estâncias turísticas, hotéis e casinos seriam também incluídos na área. Nas palavras do engenheiro, a ideia é realocar tudo o que está relacionado com a indústria para áreas dedicadas. Como uma cascata, o plano prevê um desenvolvimento de serviços, alojamento para turistas, mas também um desenvolvimento ecológico. Por todas estas razões, com uma notável mudança semântica, o povo cabo-verdiano, no Dia dos Heróis Nacionais, já não foi convidado a praticar formas de resistência, como as praticadas por Amílcar Cabral e outros heróis nacionais, celebradas nesse mesmo dia, mas sim formas de resiliência, ou seja, ser capaz de se adaptar à mudança exigida pela entrada na modernidade.

A uma curta distância da Câmara Municipal, ficam os bairros marginalizados da cidade. Num certo sentido “zonas económicas (muito) comuns” no contexto cabo-verdiano, lugares que acolhem os naufragos da modernidade, como diria Latouche (1991). Desde que cheguei ao Mindelo, tinha frequentado principalmente estas áreas,

segundo a equipa de arquitetos da Iniciativa Outros Bairros (doravante IOB). O seu trabalho tinha-me impressionado particularmente e, dada a vontade das pessoas de contacto, tínhamos celebrado um acordo de colaboração.

Um dia antes do Dia dos Heróis Nacionais, no coração do bairro Alto da Bomba, o bairro onde a IOB atuava, tinha testemunhado uma longa e exaustiva negociação entre os arquitetos do projeto e um residente local. O tema da disputa foi a construção de um degrau, parte de uma escadaria maior, e o seu desenho. Especificamente, o residente de uma casa adjacente à encosta onde a escadaria seria construída, necessária para evitar a erosão do solo causada pela chuva, pediu aos arquitetos que modificassem o plano original para que pudesse aproveitar a operação de repavimentação e consolidar a soleira da sua porta frontal. Os arquitetos consideraram que tal operação era possível e sensata, pelo que se tinham comprometido a tentar satisfazer o pedido. Pela minha parte, perguntei-me: que sentido faria dedicar uma manhã inteira de trabalho e muita energia a uma tal operação? A resposta foi clara para mim após algumas semanas de participação nas atividades da iniciativa: seja um degrau, uma ligação ao



Vista aérea da praça Nho Jon, Ângelo Lopes, 2020 / Aerial view of the Nho Jon square, Ângelo Lopes, 2020.

facilities, maritime research laboratories, and infrastructures for producing renewable energy. Besides, given the significant tax benefits, tourism resorts, hotels and casinos would also be included in the area. In the engineer's words, the idea is to relocate everything industry-related to the dedicated areas. Like a cascade, the project envisions service development, tourist accommodation, but also ecologic development. For all these reasons, with a noticeable semantic change, the Caboverdean people, in the National Heroes' Day, were not invited to practice forms of resistance, like those by Amílcar Cabral and other national heroes celebrated on that day, but forms of resilience, that is, to be able to adapt to the change demanded by modernity's entering.

A short distance from the City Council lie the city's marginalised neighbourhoods. In a certain way, "(very) common economic zones"⁷⁷ within the Caboverdean context, places that take in modernity's castaways, as would say Latouche (1991). Ever since arriving to Mindelo, I had mainly stayed within those areas, following the team of architects from the Iniciativa Outros Bairros (hereafter, IOB). Their work had particularly impressed me and, given the contact persons' will, we made a collaboration agreement.

A day before the National Heroes' Day, in the heart of the Alto de Bomba neighbourhood, where the IOB was operating, I witnessed a long and exhausting negotiation between the project's architects and a local resident. The theme of the dispute was the building of a step, part of a larger stairway, and its design. Specifically, the resident of a house adjacent to the slope where the staircase would be built, necessary to prevent soil erosion caused by rain, asked the architects to change the original plan, so as to draw on from the resurfacing operations to consolidate his front door's threshold. The architects considered such operation was possible and sensible, and so committed to fulfil the request. For my part, I asked myself: what sense would it make to dedicate an entire morning's work and so much energy to such an operation? After a few weeks of being part of the initiative, the answer became clear for me: if it was a step, a sewage connection, a square, this operation of territorial transformation had to happen in a place of, I would dare to say "radical", dialogue with those who had more legitimacy to have a word for it than others: the Alto de Bomba residents. And thus the action of care, listening and dialogue, became the axes of a practice of intervention and territorial development that centred its interests in the needs, techniques, competences, and desires of those who have contributed, throughout the years and with significant investment of economic capital, social and symbolic, to those territories transformation.

T.N.: Translated from the original text's quote: zonas económicas (muito) comuns.

sistema de esgotos ou uma praça, qualquer operação de transformação territorial teve de ter lugar em diálogo, atrevo-me a dizer “radical”, com aqueles que tinham mais legitimidade do que outros para ter uma palavra a dizer: os residentes do Alto de Bomba. E assim, a ação de cuidado, escuta e diálogo, tornou-se o eixo de uma prática de intervenção e desenvolvimento territorial que colocou no centro dos seus interesses, as necessidades, técnicas, competências e desejos daqueles que contribuíram, ao longo do tempo e com grande investimento de capital económico, social e simbólico, para a transformação desses territórios.

Em mais de uma ocasião, ouvi dizer que “Cabo Verde é uma terra onde tudo é possível”. Não sei se isto é verdade, para melhor ou para pior, mas posso dizer com certeza que Mindelo é hoje um lugar de contenda entre duas ideias muito diferentes de desenvolvimento territorial, paradigmaticamente expressas pelas duas experiências etnográficas acima apresentadas: a primeira assenta nas ideologias da modernidade, do progresso e do liberalismo; a segunda baseia-se em práticas de cuidado, diálogo e valorização do existente. A primeira é a consequência de uma história de exploração, colonização, adaptação às lógicas capitalistas. O segundo desafia este paradigma, colocando as pessoas no centro, em particular aqueles que foram colocados à margem da sociedade. Contudo, é precisamente a partir das margens que podemos mostrar como repensar políticas de desenvolvimento territorial, formas de cidadania, práticas originais de estabelecimento e construção comunitária. Em última análise, estas duas políticas de desenvolvimento baseiam-se em formas antagónicas de imaginar o futuro, partindo da consciência de que o futuro é um fato cultural (Appadurai, 2013), e como tal é construído a partir da capacidade de imaginar o que pode ser, o que será e o que desejamos que seja.

Através desta breve reflexão, pretendo mostrar que a IOB representa um caso paradigmático de intervenção territorial e de política habitacional pública, parte de uma série mais vasta de iniciativas que, surgindo em contextos pós-coloniais, podem mostrar a nível global uma via para repensar o papel da intervenção estatal, o valor das políticas e práticas habitacionais, e as diferentes formas de cidadania,



Diálogo entre moradores de Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

de facto, desvirtuando o pressuposto que prevê uma total dependência imaginativa, simbólica e material dos territórios do Sul Global em relação ao Norte. Os antropólogos Jean e John L. Comaroff argumentaram (2012) que a Euro-América está a evoluir cada vez mais rapidamente em direção ao Sul Global. Se nos concentrarmos nos aspetos negativos desta transição, os raios da foice da exclusão aparecem cada vez mais amplos no Norte Global, num processo que – num aparente paradoxo – parece aproximar inexoravelmente o Norte “moderno” do Sul “selvagem”. Embora isto possa em parte ser certamente verdade, como tenho demonstrado noutros lugares (Pozzi, 2020), podemos argumentar que o Sul Global representa também um laboratório capaz de explorar diferentes formas pelas quais as vozes dos damnés de *la Terre* (Fanon, 1961)



Dialogue between residents of Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

More than once, I have heard “Cabo Verde is a land where everything is possible”. I do not know if this is true, for better or worse, but I can surely say that Mindelo is today a place of dispute between two rather different ideas of territorial development, paradigmatically expressed by the two above mentioned ethnographic experiences: the first one stands on the ideologies of modernity, progress and liberalism; the second is based on practices of care, dialogue and the valorisation of the existent. The first is the consequence of a history of exploitation, colonisation and adaptation to capitalist logics. The second challenges this paradigm, placing people at the core, particularly those who were placed on the fringes of society. However, it is precisely from

the margins we can show how to rethink the policies of territorial development, ways of citizenship, original practices of community construction and establishing. Ultimately, these two development policies are based on antagonistic modes of imagining the future, from the notion of it being a cultural fact (Appadurai, 2013), and how it is constructed from the capacity of imagining what can be, what will be and what we want it to be.

Through this brief reflection, I intend to demonstrate the IOB is a paradigmatic case of territorial intervention and public housing policy, part of a vaster array of initiatives that, emerging in post-colonial settings, can show at a global level a way to rethink the role of state intervention, the value of housing policies and practices, and the different modes of citizenship, indeed challenging the premise that states the Global South’s sheer imaginary, symbolic and material dependance on the North. Anthropologists Jean and John L. Comaroff have argued (2012) that Euro-America is progressively evolving towards the Global South. If we focus on this transition’s negative aspects, the beams of exclusion’s sickle are getting wider in the Global North, in a — apparently paradoxical — process that seems to be bringing the “modern” North inexorably closer to the “wild” South. Although this in part may seem surely true, as I have demonstrated elsewhere (Pozzi, 2020), we can argue the Global South also represents a laboratory capable to explore different ways through which the voices of the *damnés de la Terre* (Fanon, 1961) escape their confining to the categories of marginality. Instead, they find spaces to realise their centrality, offering important contributions for a wider intellectual and political effort (Malighetti, 2012), destined, first and foremost but not only, to promote a more radical and concrete urban justice. It is therefore about investigating this “upside down world”: a world where the North, finally, becomes available and willing to listen to and learn from the South. For that, I will compare the IOB to a housing intervention programme in a self-built neighbourhood in the outskirts of Lisbon, that I have had the chance to investigate. Comparing the two cases will highlight the differences, inviting a more general reflection on the management of informal housing.

escapam ao seu confinamento nas categorias de marginalidade. Em vez disso, encontram espaços para realizar a sua centralidade, oferecendo importantes contribuições para um esforço intelectual e político mais amplo (Malighetti, 2012), destinado, antes de mais, mas não só, a promover uma justiça urbana mais radical e concreta. Trata-se, portanto, de investigar este “mundo ao contrário”: um mundo em que o Norte, finalmente, se torna disposto e capaz de ouvir e aprender com o Sul. Para tal, vou comparar a IOB com um programa de intervenção habitacional num bairro auto-construído nos arredores de Lisboa, que tive a oportunidade de investigar. A comparação entre os dois casos salientará as diferenças, convidando a uma reflexão mais geral sobre a governação da habitação informal.

BULLDOZING STATE OF MIND⁶

Desde 2013, tenho vindo a trabalhar em políticas de habitação pública – entendidas tanto como narrativas contextualizadas (Shore, Wright, 1997) quanto como práticas de governação da marginalidade urbana (Wacquant 2004) – visadas a governação da vulnerabilidade habitacional urbana. Tenho observado estas formas de intervenção pública em diferentes contextos, incluindo Amadora (Lisboa, Portugal), Milão (Itália), Mindelo (ilha de São Vicente, Cabo Verde) e Cidade Velha (ilha de Santiago, Cabo Verde). Para efeitos da nossa reflexão, vale a pena deter-me num programa que pude investigar etnograficamente entre 2013 e 2014 no contexto português: o Programa Especial de Realojamento (conhecido como PER, Decreto-Lei n. 163/93 de 7 de Maio, alterado pela última vez pelo Decreto-lei n. 271/2003, de 28 de Outubro).

O PER proporcionou aos municípios das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, as duas maiores cidades portuguesas, a oportunidade de providenciar a eliminação material dos bairros informais localizados nos seus territórios (Cachado 2012). Ao mesmo tempo, permitiu o realojamento dos residentes destas zonas em bairros sociais de habitação.

Contudo, a implementação do Programa, realizada mais de vinte anos após a formulação original do programa no 1993, produziu contradições significativas em relação ao imaginário da habitação social produzida pelas instituições promotoras (ACIDI, 2011; Alves, 2013; Cachado, 2012, 2013; Conceição, 2011; de Sousa Lopes, 2011; Pozzi, 2017).

O Programa surgiu da vontade política de governar a proliferação de bairros informais em território nacional português. Há três eixos principais de intervenção em que se baseia (Cachado, 2012, pp. 146-148): primeiro, a “erradicação” das barracas. O problema é enquadrado pelo Decreto Lei desta forma:

O problema da habitação, sendo, sem dúvida, um dos mais importantes, pelo reflexo na qualidade de vida das populações, encontra-se longe de estar resolvido, quer em termos qualitativos, quer em termos quantitativos. A procura de soluções para este problema leva a considerar a necessidade da implementação urgente de medidas prioritárias [...]. A erradicação das barracas, uma chaga ainda aberta no nosso tecido social, e conseqüente realojamento daqueles que nelas residem impõem a criação de condições que permitam a sua total extinção (Decreto-Lei n. 163/93 de 7 de Maio, DR, I Série – A n. 106 07/05/1993).

Em segundo lugar, prevê, distanciando-se das políticas nacionais anteriores (Ferreira 1994), o envolvimento direto dos municípios no processo de implementação. Este tipo de difusão administrativa pode ser compreendido de duas maneiras: por um lado como uma tentativa de dotar o projeto de uma maior capilaridade e, por outro lado, como um desejo de delegar e descentralizar a implementação. Assim escreve o legislador:

A efetiva resolução do grave problema social de habitação exige que as autarquias locais envolvidas neste programa assumam claramente o objectivo da eliminação das barracas como uma das suas tarefas

N.d.T: Em português, esta expressão, formulada pelo historiador urbano Lewis Mumford, pode ser traduzida como “espírito de destruição”.

BULLDOZING STATE OF MIND

Ever since 2013, I have been investigating public housing policies – both understood as contextualised narratives (Shore & Wright, 1997) and practices (Wacquant, 2004) – aimed at running urban housing vulnerability. I have observed these modes of public intervention in different contexts, including Amadora (Lisbon, Portugal), Milan (Italy), Mindelo (São Vicente, Cabo Verde) and Cidade Velha (Santiago, Cabo Verde). For the purpose of our reflection, it is worth for me to pause in a programme I was able to ethnographically study between 2013 and 2014 in the Portuguese context: the Programa Especial de Realojamento⁸ (also known as PER, Decree-Law no. 163/93 of May 7, last change by the Decree-Law no. 271/2003, October 28).

The PER provided the opportunity for the municipalities of Lisbon and Porto, the two largest Portuguese cities, to arrange the material disposal of the informal neighbourhoods within their territories (Cachado 2012). At the same time, it allowed for the rehousing of those area's residents in social housing neighbourhoods. However, the implementation of the programme, more than twenty years after its original formulation in 1993, generated significant contradictions before the social housing imaginary produced by the involved institutions (ACIDI, 2011; Alves, 2013; Cachado, 2012, 2013; Conceição, 2011; de Sousa Lopes, 2011; Pozzi, 2017).

The Programme emerged from the political will to govern the proliferation of informal neighbourhoods in the Portuguese territory. It is based on three main intervention axis (Cachado, 2012, pp. 146-148): first, the “eradicating” of shacks. The problem is thus framed by the Decree-Law:

The housing problem, being, undoubtedly, one of the most important, given its impact on the populations' quality of life, is far from being solved, be it on qualitative terms, be it on quantitative terms. The search for solutions to this problem leads to the considering the need for urgent implementing of priority measures [...]. The eradicating of these shacks, still an open wound in our social fabric, and the consequential rehousing of those who reside in them impose the creation of conditions that allow for their total extinction (Decree-Law no. 163/93 of May 7, DR, I Series – A no. 106 07/05/1993)⁹

Secondly, it contemplates, moving away from previous national policies (Ferreira, 1994), the direct involvement of the municipalities in the implementation process. This kind of administrative diffusion can be understood in two ways: on the one side, as an attempt to provide the project with greater fluidity, and, on the other, as a desire to delegate and decentralise the implementation. Thus writes the legislator:

The effective resolution of the serious social problem of housing demands the local autarchies involved in this programme to clearly assume the aim of eliminating the shacks as one of their priority tasks, involving the establishing of a serious commitment with the central administration and, mostly, with the citizens to the resolution of this problem [...] (Decree-Law no. 163/93 of May 7, DR, I Series – A no. 106 07/05/1993:2381)¹⁰

Finally, the third axis of intervention that can be identified is a moral one

T.N.: Literally, 'Special Rehousing Programme'.

8

T.N.: Translated from the original text's quote: *O problema da habitação, sendo, sem dúvida, um dos mais importantes, pelo reflexo na qualidade de vida das populações, encontra-se longe de estar resolvido, quer em termos qualitativos quer em termos quantitativos. A procura de soluções para este problema leva a considerar a necessidade da implementação urgente de medidas prioritárias [...]. A erradicação das barracas, uma chaga ainda aberta no nosso tecido social, e consequente realojamento daqueles que nelas residem impõem a criação de condições que permitam a sua total extinção.*

9

T.N.: Translated from the original text's quote: *A efetiva resolução do grave problema social de habitação exige que as autarquias locais envolvidas neste programa assumam claramente o objetivo da eliminação das barracas como uma das suas tarefas prioritárias, envolvendo o estabelecimento de um compromisso sério com a administração central e, sobretudo, com os cidadãos para a resolução deste problema.*

10

prioritárias, envolvendo o estabelecimento de um compromisso sério com a administração central e, sobretudo, com os cidadãos para a resolução deste problema. [...] (Decreto-Lei n. 163/93 de 7 de Maio, DR, I Série – A n. 106 07/05/1993: 2381).

Finalmente, o terceiro eixo de intervenção que pode ser identificado é um eixo moral (Cachado 2012): ou seja, a expectativa de que a execução do processo de realojamento atue como um estímulo para mudar o estilo de vida das populações residentes. Especificamente:

[...] a criação de condições a uma plena integração destas populações na comunidade e combatendo os problemas de criminalidade, prostituição e toxicodependência, entre outros, a que a exclusão social motivada pela falta de condições habitacionais condignas as deixou votadas [...]. (Decreto-Lei n. 163/93 de 7 de Maio, DR, I Série – A n. 106 07/05/1993: 2381).

Em resumo, emerge uma contradição programática íntima e estrutural na formulação do D.L.: não só é utilizada uma terminologia problemática, ideológica e negativamente conotada (barracas, chaga social, extinção, eliminação, etc.), como esta mesma terminologia se baseia num discurso generalista e estereotipado sobre a pobreza, o que faz com que as ligações sejam difíceis de sustentar de um ponto de vista empírico, como, por exemplo, a estreita ligação existente entre habitação precária, desvio/crime e exclusão social.

Pude observar a implementação deste programa no bairro de Santa Filomena, situado na Amadora. O bairro surgiu no início dos anos 60, na sequência da ocupação de alguns terrenos rurais localizados perto da linha ferroviária que liga a cidade de Lisboa à cidade de Sintra. Os ocupantes eram inicialmente famílias de extração camponesa e de nacionalidade portuguesa do campo do sul do país (Alves, 2013). As guerras de independência das colónias portuguesas e o marcado processo de suburbanização da zona periférica da capital lusófona (Nunes, 2010) tornaram o bairro um destino para os migrantes da África Ocidental desde o início dos anos 80 (Góis 2006; Grassi 2006; Batalha, Carling, 2008). A partir dos anos 90,



Reunião com moradores no Fernão de Pó, Jakob Kling, 2020.
Meeting with residents in Fernando Pó, Jakob Kling, 2020.

o bairro caracterizou-se por um elevado grau de segregação espacial, étnica e socio-económica dos residentes, a grande maioria dos quais eram nativos cabo-verdianos. Em 2007, o terreno em que o bairro foi construído foi adquirido por um Fundo de Investimento Imobiliário (VillaFundo), gerido pelo maior grupo bancário privado português, Millenium BCP (Habita, 2014). Muitos dos habitantes do bairro – cerca de metade – foram excluídos do programa de realojamento em habitação social porque se mudaram para cá após o censo de 1993. Para aqueles que chegaram ao bairro após o censo, apenas uma parte do Programa deveria ser realizada, nomeadamente a demolição das suas casas, sem qualquer compensação. Hoje em dia, onde outrora estava o bairro, só há escombros.

Foi precisamente a destruição dos edifícios, evocada retoricamente pelas instituições como último recurso num processo de modernização necessário, que pareceu representar o verdadeiro pivot sobre o qual repousava o projeto de realojamento. De acordo com a documentação encontrada, tanto para os investidores privados como para a Câmara Municipal – ambos envolvidos na compra e venda de terrenos para construção – a despoluição material e social destes espaços foi a premissa essencial para promover o desenvolvimento da área.



Praça Nho Jon, Ângelo Lopes, 2020.
Nho Jon square, Ângelo Lopes, 2020.

(Cachado, 2012), that is, the expectation that the execution of the rehousing process acts as a stimulus to change the lives of the resident populations. Specifically:

[...] the creation of conditions to a complete integration of these populations in the community and fighting the, among others, criminality, prostitution and addiction issues, to which social exclusion motivated by the lack of proper housing conditions relegated them to [...]. (Decree-Law no. 163/93 of May 7, DR, I Series – A no. 106 07/05/1993:2381)¹¹

In short, an intimate and structural programmatic contradiction emerges in the D.L.'s formulation: not only a problematic terminology is used, ideologically and negatively connoted (shacks, social wound, extinction, eliminating, etc.), as this very terminology is based on a generalist and stereotypical discourse on poverty, which makes connections hard to sustain from an

empirical point of view, like, for example, the close connection between precarious housing, deviation/crime and social exclusion.

I was able to observe this programme's implementation in the Santa Filomena neighbourhood, in Amadora. The neighbourhood arose during the early 1960s, following the occupation of some rural lands close to the railway that connects Lisbon to Sintra. The occupiers were initially Portuguese families of peasant extraction from the rural areas of the South (Alves, 2013). The Portuguese colonies' independence wars and the marked suburbanisation process of the lusophone capital's peripheral zone (Nunes, 2010) have made the neighbourhood a destination for West African migrants since the early 1980s (Góis, 2006; Grassi, 2006, Batalha & Carling, 2008). From the 1990s onwards, the neighbourhood was characterised by a high level of spatial, ethnical, and socioeconomic segregation of the residents, most of whom native of Cabo Verde. In 2007, the land where the neighbourhood was built was acquired by a Real Estate Investment Fund (VillaFundo), managed by the largest Portuguese private banking group, Millennium BCP (Habita, 2014). Many of the neighbourhood's residents — about half — were excluded from the social rehousing programme because they moved here after the 1993 census. For those who came to the Neighbourhood after the census, only a part of the Programme was to be fulfilled, namely the tearing down of their houses, without any compensation. Currently, where once was the neighbourhood, only debris remain.

It was precisely the tearing down of buildings, rhetorically elicited by the institutions as the last resort in a necessary modernisation process, that seemed to represent the true pivot on which the rehousing project rested. According to the found documentation, these spaces' material and social unpolluting was the essential premise to promote the area's development, both to the private investors and the City Council — either involved in the selling and buying of land for building.

T.N.: Translated from the original text's quote: *a criação de condições a uma plena integração destas populações na comunidade e combatendo os problemas de criminalidade, prostituição e toxicod dependência, entre outros, a que a exclusão social motivada pela falta de condições habitacionais condiznas as deixou votadas.*

AGIR PARA PENSAR PARA AGIR

Como mencionado na introdução, a IOB propõe uma alternativa ao “*bulldozing state of mind*” (Mumford, 1961) dos projetos habitacionais ocidentais. Certamente, não é representativo de todas as políticas habitacionais públicas cabo-verdianas⁷, mas é um caso paradigmático sobre o qual vale a pena refletir. Dado o espaço limitado, centrar-me-ei a enunciar e analisar uma dezena de características do projeto, o que creio fazer da IOB um projeto capaz de transmitir uma reformulação das lógicas que impulsionam a *governance* global das práticas de *squatting*, da informalidade e da vulnerabilidade habitacional, promovendo uma maior justiça urbana.

1. Como salientado por vários interlocutores, nalguns casos mesmo institucionais, a IOB problematiza criticamente o sentido das políticas habitacionais implementadas até agora em Cabo Verde: de facto, isto acontece graças à sua capacidade de não limitar a sua ação a uma intervenção técnica, mas sim à sua vontade de incluir ações de natureza social e, em última análise, política. A IOB baseia-se na ideia de que a intervenção nos territórios não se pode limitar a uma ação técnica desligada do contexto, mas que, antes de mais, é necessário trabalhar nos diferentes contextos, afirmar a sua presença, confrontar-se longamente com as pessoas, não só durante a elaboração do plano de trabalho, mas também durante a execução das obras, valorizar o *habitat* (em termos arquitetónicos) e o *habitus* da comunidade local (em termos sociológicos, ver Bourdieu, 1977), e só no fim operar.

2. A IOB problematiza uma suposição institucional e comum que é difundida tanto no Norte como no Sul globais: nomeadamente, a conceção negativa associada a vida nos bairros informais ou auto-construídos. Esta ideia, ou talvez ideologia, está subjacente à maioria das ações levadas a cabo em bairros informais. A

vida, nestes lugares, não pode deixar de ser intolerável. O caso português narrado acima ilustra eficazmente esta premissa. A IOB, por outro lado, apesar de ser coordenada por pessoas privilegiadas em relação ao target da operação, sublinha vários aspetos positivos da vida nos bairros: por exemplo, a dimensão comunitária e coletiva da vida quotidiana, a presença profundamente enraizada de redes de ajuda mútua, a possibilidade de acesso à propriedade da terra, etc. A IOB tenta desconstruir a ideia de que estes espaços devem necessariamente ser abandonados. Para que isto não aconteça, é necessário compreender porque é que estes espaços são vistos como “inabitáveis”. Do ponto de vista dos arquitetos do projeto, em primeiro lugar porque os bairros auto-construídos carecem de infraestruturas adequadas: água, eletricidade, esgotos, pavimentação de estradas, transportes, etc. Em segundo lugar, porque o centro da cidade é acima de tudo um centro simbólico e representa o espaço de vida apropriado para demonstrar uma vida bem-sucedida. Finalmente, porque os bairros informais são frequentemente dominados por uma forte estigmatização territorial, que proporciona uma espécie de continuidade entre formas precárias de vida, marginalidade, crime e violência. A IOB propõe um repensar da relação centro-periferia, partindo do seu significado amplamente simbólico. Afinal, a burguesia escolhe frequentemente viver à margem das cidades, mas apenas quando lhe é garantida uma série de privilégios que não podem faltar para a promoção de um genérico “bem-estar”.

3. A IOB problematiza a ideia Lecorbusiana, mas ainda difundida no mundo do planeamento, e mais geralmente das políticas públicas, da imutabilidade do Plano (Scott, 1998). O caso português, deste ponto de vista, é mais uma vez exemplar. A IOB, no entanto, critica fortemente a ideia, a noção e

Ver, por exemplo, o programa Casas para Todos, apoiado pelo Governo Português e amplamente criticado por vários estudiosos da política de habitação pública, definido pelo Governo como “um conjunto integrado de medidas de política, programas e ações capazes de instituir uma dinâmica contínua e sustentada de produção de habitação orientada para o combate ao défice habitacional em Cabo Verde, alargando o acesso à habitação a todos os estratos socio-económicos da população, capitalizando recursos institucionais em favor da redução do défice habitacional, articulando os setores sociais da administração pública, promovendo novas tecnologias de construção, democratizando o acesso a solos urbanizados”. Mais recentemente, o Governo de Cabo Verde licenciou o Plano Nacional de Habitação (PLANAH 2021-30), com o objetivo de investir um montante superior a 167 mil milhões de escudos [1.507 milhões de euros] na criação de condições de habitação no país,

com um défice e uma necessidade habitacional que excede as 24 mil casas. O plano já foi criticado pela sua frágil estratégia de construção de massa, que provou ser um fracasso em vários países. Contudo, existem também outros casos considerados particularmente virtuosos na área, tais como o projeto do Governo de Cabo Verde de desenvolvimento integrado de Chã das Caldeiras, no Fogo, para o qual o Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura (M. EIA) foi convidado (Paiva, Simões, 2019) ou o “Laboratório da Preguiça” na Ilha de São Nicolau. Em parceria e sob coordenação da ONG Atelier Mar e com o M. EIA, o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (DARQ) e a Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa (Patrimónios), comprometeram-se com o desenvolvimento de uma ação integrada de planeamento estratégico, desenho urbano e arquitetura para a Vila da Preguiça, São Nicolau.



TO ACT TO THINK TO ACT

As mentioned in the introduction, the IOB proposes an alternative to the western housing projects⁹ “bulldozing state of mind” (Mumford, 1961). Certainly, it is not representative of all Caboverdean public policies on housing¹², but it is a paradigmatic case worthy of being reflected upon. Given the limited space, I will focus on indicating and analysing ten of the project’s characteristics, which I believe make the IOB a project capable of transmitting a reformulation of the logics that have bolstered global governance of squatting practices, informality and housing vulnerability, promoting a larger urban justice.

1. As highlighted by several interlocutors, some even institutional ones, the IOB critically problematises the direction of the housing policies implemented in Cabo Verde thus far: in fact, this happens not only because of its ability to not limit its action to a technical intervention, but also to its will in including actions of social and, ultimately, political nature. The IOB is based on the idea that the intervention on territories cannot limit itself to a decontextualised technical action, but that, first and foremost, it is necessary to work in the different contexts, affirm its presence, confronting people at length, not only during the design of the work plan, but also during the construction itself, valorising the habitat (architecturally speaking) and the local community’s habitus (sociologically speaking, see Bourdieu, 1977), and, only in the end, operate.

2. The IOB problematises an institutional and common assumption that is diffused in both the Global North and the Global South: namely, the negative conception of informal or self-built neighbourhoods. This idea, or, perhaps, ideology, underlies most of the actions carried out in informal neighbourhoods. Life, in

these places, cannot stop being intolerable. The above mentioned Portuguese example clearly illustrates this premise. The IOB, in turn, despite being coordinated by people who are privileged before those of the operation’s target, stresses several positive aspects of such neighbourhoods’ life: for example, the community and collective scope of daily life, the deeply rooted presence of mutual help networks, the possibility to access the land’s property, etc. The IOB tries to deconstruct the idea that these spaces should necessarily be abandoned. For this not to happen, it must be understood why these places are regarded as “inhabitable”. From the point of view of the project’s architects, firstly because self-built neighbourhoods lack adequate infrastructures: water, electricity, sewage, paved roads, transport, etc. Secondly, because the city centre is most of all a symbolic centre and represents the appropriate space to showcase a successful life. Finally, because informal neighbourhoods are frequently dominated by a great territorial stigmatisation, allowing for the continuing of precarious ways of life, marginality, crime, and violence. The IOB proposes a rethinking of the relation centre-periphery, from its vastly symbolic meaning. After all, the bourgeoisie frequently choses to live along the cities’ fringes but only when certain privileges are guaranteed for promoting a general “well-being”.

3. The IOB problematises Le Corbusier’s idea of the Plan’s immutability (Scott, 1998), a still widely diffused concept in planning and, more generally, in public policies. In this regard, the Portuguese case is, yet again, exemplary. The IOB, however, strongly criticises the idea, the notion and the need of the Plan. The Project Plan, indeed, frequently tends to prevail over the very project and its execution, noticeably disarticulating the

See, for example, the programme Casas para Todos [T.N: Houses for All], supported by the Government of Portugal and widely criticised by several public housing policies scholars, defined by the Government by an “integrated set of measures of policies, programmes and actions capable of instituting a continuous and sustained dynamic in the production of homes aimed at fighting the residential deficit in Cabo Verde, widening the access to housing to the entire population’s socioeconomic strata, capitalising institutional resources on behalf of the habitation deficit’s reduction, articulating the public administration’s social sectors, promoting new building technologies, democratising the access to urbanised soils”. More recently, the Government of Cabo Verde has licensed the National Housing Programme (PLANAH 2021-30), aiming to spend over 167 thousand million escudos [1.507 million euros] in the creation of housing conditions in the country,

with a housing deficit and necessity that exceeds 24 thousand homes. The plan has already been criticised by its fragile strategy of mass construction, that has demonstrated to be a failure in several countries. However, there are another cases that have been virtuously considered in the field, such as the Government of Cabo Verde’s project for the integrated development of Chã das Caldeiras, at Fogo, to which the Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura (M_EIA) was invited (Paiva, Simões, 2019) or the “Laboratório da Pregaíça” at São Nicolau. Jointly and under the coordination of NGO Atelier Mar and M_EIA, the Department of Architecture from the University of Coimbra (DARQ) and the UNESCO Chair in Intercultural Dialogue of Portuguese Influenced Patrimonies (Patrimónios), have committed to the developing of an integrated action of strategic planning, urban design and architecture for Vila da Pregaíça, in Ribeira Brava, São Nicolau.

a necessidade do Plano. O Plano de Projeto, de facto, tende frequentemente a prevalecer sobre o próprio projeto e a sua realização, desarticulando efetivamente a relação entre planeamento e viabilidade, entre imaginação e realidade, entre possibilidade e experiência. O que a IOB valoriza é o dinamismo do projeto, as inúmeras possibilidades que se abrem no terreno, a efervescência da realidade social. Tudo isto, inevitavelmente, não pode ser previsto pelo Plano e deve, portanto, ser problematizado. Como me disse um arquiteto do projeto: “Aqui não é um problema desfazer e reconstruir”.

4. A IOB baseia-se num repensar da noção de vida. Ao libertar a vida da sua dimensão exclusivamente técnica, privada e económica, a IOB propõe-se valorizar a dimensão pública, coletiva, praticada, social e política da experiência humana (e não apenas humana) da habitação. Daí, por exemplo, a consideração de concentrar as intervenções nas infraestruturas e elementos públicos do bairro e não na habitação. Isto também serve para reforçar os elementos da vida do bairro que devem ser protegidos e valorizados, em contraste com uma visão burguesa da propriedade privada e da vida como dimensão privada da existência.

5. A IOB argumenta que a questão do lar coincide com a questão da terra. Esta perspetiva, já face à tradição marxista (Engels, 1872), argumenta que a possibilidade de fazer uma casa, de obter “segurança ontológica” (Madden, Marcuse, 2016), decorre também da possibilidade de obter a posse legítima da terra. Daí um tema subterrâneo, mas sempre presente no planeamento da IOB, nomeadamente o reconhecimento dos direitos dos ocupantes.

6. A IOB atua através da ligação estratégica de diferentes níveis de governação política do território: da Câmara Municipal ao Gabinete do Ministério, do Governo central às lógicas internacionais e transnacionais. A IOB, através do seu trabalho, realiza uma costura e um diálogo entre estas diferentes dimensões de governação, mostrando a necessidade de uma ação integrada que reflita a multi-escalaridade das intervenções no território.

7. A IOB funciona numa tentativa de desburocratizar a própria intervenção o máximo possível.

A burocracia é uma forma de

governo particularmente omnipresente e, na maioria dos casos, opressiva (Graeber 2015). Representa um meio entre as ações dos cidadãos e as políticas dos governantes (Herzfeld 1992). Na vida quotidiana, segundo IOB, a burocracia não só retira muita energia e força aos elementos centrais do trabalho, mas, acima de tudo, impede a construção de uma ligação entre as instituições e a cidadania, impedindo de facto um diálogo direto entre as diferentes esferas da sociedade. A IOB propõe uma ação direta nos territórios, inspirada pelo trabalho dos movimentos sociais e não do Estado, prevendo a presença de interlocutores sempre presentes na zona, garantida pelas visitas contínuas da equipa do projeto, mas também pela decisão de localizar o escritório mesmo no coração do bairro visado pela intervenção.

8. A IOB reflete não só sobre o passado e o presente do bairro em que intervém, mas também e talvez acima de tudo sobre o seu futuro. Neste sentido, realiza aquela ação de imaginário social, típica das ciências do planeamento, sem, contudo, um olhar desencantado e alienado, mas antes presente, atento e consciente. Neste sentido, também antecipa e problematiza uma série de riscos incluídos em projetos de regeneração urbana. Não menos importante, por exemplo, o risco de promover uma gentrificação das áreas reabilitadas. Para evitar isto, a IOB inclui na sua ação uma série de operações destinadas a reforçar, também economicamente, a comunidade com a população local: por exemplo, dá prioridade à contratação de trabalhadores que vivem no bairro sob intervenção, envolve empresas locais, mobiliza a cidadania, convida as pessoas a participar nas obras.

9. A IOB exerce a sua ação apoiada por uma visão complexa do território, da paisagem e do ambiente. Em particular, considera esta última como uma rede interligada de sujeitos e subjetividades humanas, animais, vegetais e, indiretamente, espirituais. Neste sentido, parece abordar as perspetivas das ontologias indígenas (ver Viveiros de Castro, 2014), que consideram o ambiente como o resultado de uma complexa interligação entre diferentes entidades. Isto surge, por exemplo, da vontade de incluir peritos em sistemas ambientais no projeto, de modo a valorizar, por um lado, os



relationship between planning and viability, between imagination and reality, between possibility and experience. What IOB values is the project's dynamism, the countless possibilities opened in the field, the social reality's effervescence. All this, inevitably, cannot be predicted by the Plan and must, therefore, be problematised. As one of the project's architect told me: "Here, undoing and rebuilding is not an issue".

4. The IOB is based on a rethinking of the notion of life. Freeing life from its exclusively technical, private and economical dimension, the IOB proposed to value the public, collective, practiced, social and political dimension of (not only) human housing experience. Hence, for example, the focus on intervening in the neighbourhood's public spaces and infrastructures rather than in houses. This also serves the purpose of stressing the elements of the neighbourhood that ought to be protected and valorised, in contrast to a bourgeois vision of private property and of life as existence's private sphere.

5. The IOB poses the matter of the home coincides with that of the land. This perspective, in the face of Marxist tradition (Engels, 1872), argues the possibility of making a house, that of obtaining "ontological safety"¹³ (Madden, & Marcuse, 2016), derives from the possibility of attaining legitimate possession of land. Thus, an underlying but always present theme in the IOB's planning, namely, the recognition of squatters' rights.

6. The IOB acts through the strategic connection between different levels of the territory's political governing: from the City Council to the Ministry's Office, from the central Government to international and transnational logics.

7. The IOB works towards the lessening, as much as possible, of the intervention's bureaucratic aspects. Bureaucracy is a particularly omnipresent type of governing and, in most cases, being oppressive (Graeber, 2015). It represents a means between the

citizens' actions and the rulers' policies (Herzfeld, 1992). In daily life, according to the IOB, not only bureaucracy drains energy and strength from the work's core elements, but also, most of all, prevents the construction of a connection between institutions and citizenship, indeed impeding an open dialogue between society's different spheres. The IOB proposes direct action on the territories, inspired by the work of social movements, rather than the State's, always contemplating the presence of interlocutors in the field, guaranteed by project team's ongoing visiting, but also by the decision to locate the office itself in the heart of the targeted neighbourhood.

8. The IOB not only reflects on the past and the present of the neighbourhood where it takes action, but also, and perhaps mostly, on its future. In this regard, it performs that action of social imaginary, typically from the sciences of planning, without, however, a disenchanted and alienated gaze, but rather with a present, attentive and conscious one. As such, it also anticipates and problematises various risks included in urban regeneration projects. No less important, for example, the risk of promoting the rehabilitated areas' gentrification. To avoid this, the IOB includes in its action several operations that aim at strengthening, also economically, the community with the local population: for instance, it prioritises the hiring of workers that live in the Neighbourhood in intervention, involving local companies, mobilising citizenship, inviting people in taking part of the construction.

9. The IOB exerts its action supported by a complex vision of the territory, the landscape and the environment. Particularly, it regards the latter as an interconnected web of human, animal, vegetable and, indirectly, spiritual, subjects and subjectivities. In this sense, it seems to approach indigenous ontologies' perspectives (see Viveiros de Castro, 2014), that consider the environment as a complex interlinkage between different entities. This

T.N: Translated from the original text's quote: "segurança ontológica".

conhecimentos locais sobre o assunto e, por outro, um saber-fazer capaz de enfrentar e, se possível, resolver os peculiares problemas hidrogeológicos locais.

10. Tudo o que foi apresentado até agora não seria possível sem uma abordagem auto-reflexiva radical. A IOB baseia-se, de facto, num questionamento contínuo do próprio planeamento: esta operação nunca é solipsista, mas visa antes desarticular a ligação entre verdade e método (Gadamer, 1960) e propor uma intervenção capaz de se repensar continuamente, os seus instrumentos, as suas próprias capacidades e possibilidades de intervenção, a fim de realizar um trabalho tão coerente quanto possível com a visão que os próprios habitantes têm desse território.

CONCLUSÕES: DESATAR OS MECANISMOS DE SILENCIAMENTO

Neste pequeno texto, tentei refletir sobre a IOB a partir da sua capacidade de promover uma maior justiça urbana. Para este fim, demonstrei desde a introdução que a intervenção territorial é sempre manobrada por uma certa intencionalidade política, que muitas vezes repousa sobre ideologias de desenvolvimento modernistas. Tanto no caso do ZEEMSV como no PER português, a tentativa de fazer uma tábua rasa do existente para impor um certo tipo de desenvolvimento territorial é clara. No caso português, em particular, o processo de destruição dos bairros informais parece representar, na sua violência “urbicida”, ou seja, com vista à anulação do ambiente urbano (Coward, 2009), um ponto de convergência simbólica e política de diferentes práticas institucionais (Pozzi, 2020), relacionadas mais genericamente com o tratamento securitário e violento das perspetivas de habitação subalterna (Ingold 2000) e de diferentes formas de marginalidade urbana.

O caso da IOB, por outro lado, mostra que é possível uma ação pública diferente, que não atua nos territórios através de políticas de criminalização ou práticas violentas, mas sim através de um trabalho lento e radical de socialização. Neste sentido, a IOB mostra que as ações de transformação urbana nem sempre têm de ser lançadas do outro lado, mas que podem

arises, for example, in the will to include environmental systems experts in the project, so as to value, on the one side, the local knowledges on the matter and, on the other, a knowing-how-to-make capable of facing and, if possible, solving the local peculiar hydrogeological issues.

10. All that has been thus far presented would not be possible without a radical self-reflective approach. The IOB is based, in fact, on the continuous questioning of the planning itself: this operation is never solipsist, but rather aims at disarticulating a connection between truth and method (Gadamer, 1960), and proposing an intervention capable of unceasingly thinking itself, its instruments, its own abilities and possibilities, so as to perform a work as coherent as possible to the vision of the territories' own residents.

CONCLUSIONS: UNTYING THE SILENCING MECHANISMS

In this brief text, I tried to reflect on the IOB from its ability to promote a larger urban justice. For this end, I have demonstrated since the introduction that territorial intervention is always manoeuvred by a certain political intentionality, often based on modernist ideas of development. Both in the cases of ZEEMSV as the Portuguese PER, the attempt to make a tabula rasa from the existing conditions so as to impose a certain kind of territorial development is clear. In the Portuguese case, particularly, the process of destroying informal neighbourhoods seems to represent, in its “urbicidal” violence, that is, aimed at annulling the urban environment (Coward, 2009), a point of symbolic and political convergence of different institutional practices (Pozzi, 2020), more generically related with the securitising and violent treatment of subaltern housing's perspectives (Ingold, 2000) and of different ways of urban marginality.

The IOB, in turn, shows a different public action is possible, not approaching the territories with criminalisation policies nor violent practices, but through a slow and radical work of socialisation. In this way, the IOB demonstrates the urban transformation actions do not have to be always launched from the other side, but they can be shared



ser partilhadas e construídas coletivamente com aqueles que têm o direito de expressar a sua opinião sobre o que está a acontecer ou poderia acontecer nos territórios que há muito habitam e que ajudaram a moldar e a construir. A IOB não fala em nome destas pessoas. Isto presumiria que os habitantes não têm voz, ou são incapazes de falar por si próprios. Em vez disso, a IOB tenta desatar os mecanismos de silenciamento que impedem as suas vozes de serem ouvidas. Faz isto principalmente, mas não só, através da arquitetura, através da cura dos lugares. Isto envolve necessariamente a cura das feridas que afetam as comunidades há muito sujeitas à violência das ideologias de progresso, modernidade e desenvolvimento, e negligência institucional.

A IOB acaba por nos falar de justiça urbana. Fá-lo mostrando-nos que o mundo pode ser visto e concebido ao contrário. De facto, que o mundo precisa de ser abordado e concebido ao contrário.

and collectively constructed with those who have the right to express their opinion about what is happening, or could be happening, in the territories where they have lived for ages, and helped to shape and build. The IOB does not speak on behalf of those persons. This would assume the residents have no voice, or are incapable of speaking for themselves. Rather, the IOB tries to untie the mechanisms of silencing that prevents their voices to be heard. It does so mainly, but not only, through architecture, through the curing of places. This necessarily involves the healing of the wounds which affect the communities that have long been subjected to the violence of the ideologies of progress, modernity and development, and institutional negligence.

The IOB speaks to us about urban justice. It does so showing us the world can be regarded and conceived of upside down. In fact, what the world needs is to be approached and conceived of upside down.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

ACIDI (Alto Comisariado para a Imigração e Dialogo Intercultural) (2011). Acesso à Habitação e problemas residenciais dos imigrantes em Portugal. Malheiros, J.M. ed., Lisboa, Ed. ACIDI.

ALBUQUERQUE, L. de, & SANTOS, M.E.M. (1991). História geral de Cabo Verde. Lisboa/Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical/D.G. do Património Cultural de Cabo Verde.

ALVES, R. (2013). Para uma compreensão da segregação residencial: o Plano Especial de Realojamento e o (Anti:)Racismo. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

APPADURAI, A. (2013). The Future as Cultural Fact. Essays on the Global Condition. London, Verso Books.

BATALHA, L., & CARLING, J. eds. (2008). Transnational Archipelago. Perspectives on Cabo Verdean Migration and Diaspora. Amsterdam, Amsterdam University Press.

BOURDIEU, P. (1977). Outline of a Theory of Practice. Cambridge, Cambridge University Press.

CACHADO, À.R. (2013). O Programa especial de Realojamento. Ambiente histórico, político e social. *Análise Social*, 206, XLVIII(1), (pp. 134-152).

— (2012). Uma Etnografia na Cidade Alargada. Hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento. Lisboa, ISCTE.

COMAROFF, J., & COMAROFF, J.L. (2012). Theory from the South. Or, How Euro-America is Evolving Toward Africa. London and New York, Routledge.

CONCEIÇÃO, A. (2011). Falemos de Casas. Heterogenia e Habitar. O Bairro Sustentável, Tese, Faculdade de Engenharia, Universidade da Beira Interior.

COWARD, M. (2009). Urbicide. The politics of urban destruction. London and New York, Routledge.

DE SOUSA LOPES, R.N. (2011). Aprender com os erros. Os modelos urbanísticos dos bairros de habitação social em Portugal pós 25 de Abril de 1974. Tese, Faculdade de Engenharia, Universidade Católica Portuguesa.



Festa de fim de obra, Francisco Craveiro, 2021.

End-of-construction party, Francisco Craveiro, 2021.

ENGELS, F. (1872). *The Housing Question*. Co-operative Publishing Society of Foreign Workers.

FANON, F. (1961). *Le Damnés de la Terre*. Paris, François Maspér.

FERREIRA, A.F. (1994). *Habitação social: lições e prevenções para o PER*. Sociedade e Território, 20 (pp. 8-10).

GADAMER, H.G. (1960). *Wahrheit und Methode*. Tubingen, J.C B. Mohr.

GÓIS, P. (2006). *Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Lisboa, Acime.

GRAEBER, D. (2015). *The Utopia of Rules: On Technology, Stupidity, and the Secret Joys of Bureaucracy*. Brooklin, Melville House.

GRASSI, M. (2006). *Cabo Verde pelo Mundo: o género e a diáspora cabo-verdiana*. Lisboa, ICS.

HERZFIELD, M. (1992). *The Social Production of Indifference: Exploring the Symbolic Roots of Western Bureaucracy*. Chicago, University of Chicago Press.

INGOLD, T. (2000). *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York, Routledge.

LATOUCHE, S. (1991). *La planète des naufragés. Essai sur l'après-développement*. Paris, La Découverte.

MADDEN, D.J., & MARCUSE, P. (2016). *In Defense of Housing: The politics of Crisis*. London, Verso Books.

MALIGHETTI, R. (2012). *Políticas de Marginalización y Nuevas Formas de Ciudadanía en las Favelas de Rio de Janeiro*. In *Espanña Cuellar, R., Gorza, P., eds. La problemática de la inseguridad. La Paz, Observatorio de Políticas Públicas y Sociales Universidad Mayor de San Andrés* (pp. 79-99).

MUMFORD, L. (1961). *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. New York, Harcourt, Brace & World.

NUNES, J.P.S. (2010). Dos Subúrbios Citadinos aos Subúrbios Metropolitanos. Estrutura de povoamento e morfogénese da metrópole de Lisboa (1950-2001). *Cidades, Comunidades e Territórios*, 20/21 (pp. 123-137).

PAIVA, J. C. de, & SIMÕES, S. org. (2019). *Desenhar Chã: em Chã das Caldeiras, na Ilha do Fogo, Cabo Verde*. Porto, Edição i2ADS e Ponto & Vírgula.

POZZI, G. (2017). Cronache dell'abitare. Pratiche di costruzione informale e rialloggiamento forzato nel quartiere Santa Filomena (Lisbona). *Antropologia*, 4(1) (pp. 49-69).

— (2020). If buildings could talk: Makeshift urbanity on the outskirts of Lisbon. In Martínez, F. ed. *Politics of Recuperation. Repair and Recovery in Post-crisis Portugal*. London, Bloomsbury Academic (pp. 75-99).

SCOTT, J.C. (1998). *Seeing like a State. How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Heaven, Yale University Press.

SHORE, C., WRIGHT, S.E. eds. (1997). *Anthropology of Policy. Critical Perspectives on governance and power*. London and New York, Routledge.

VIVEIROS DE CASTRO, E. (2014). *Cannibal Metaphysics*. Minneapolis, Minnesota University Press.

WACQUANT, L. eds. (2004). What is a Ghetto? Constructing a sociological concept. In Smelser, N.J., & Baltes, P.B. eds. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. London, Pergamon Press.

A Bomba que levou o sangue ao Alto

PUMP TO THE TOP*

T.N.: A play on words, considering *Alto de Bomba* could be literally translated as Pump's Top.



VERÓNICA PINTO¹

Desembarquei na Ilha de S. Vicente a 5 de setembro de 2021, a autoconvite de última hora. Na bagagem, levava comigo outras ilhas, de igual país, mas diferente vida. Contudo, à medida que diminuía a distância que me separava da costa, apercebia-me de que aquilo que as outras tinham de verde, esta tinha de terracota. Quando, por fim, pisei terra firme e o mareio me deu tréguas, tive a sensação de que a única condição que entre si partilhavam era a cartográfica, por representar ordenadamente sobre uma superfície plana a forma abstrata de um arquipélago comum.

Algumas horas de descanso entre uma viagem e outra foram as suficientes para recolher uma célere primeira impressão da ilha, nublada pela chegada a Alto de Bomba. Recordo com nitidez a imagem representativa desse instante, que recortada pela moldura da janela do carro, permitia antever uma realidade distinta do cenário apresentado ao turista que chega por mar. Anfiteatro sobre o Atlântico, colorido pelas mãos de quem nele habita, Alto de Bomba assumia-se espontânea e informalmente sob um contínuo gesto de improviso. Porém, algo naquele bairro diferia de qualquer outro que visitara nas ilhas passadas, em territórios igualmente distantes do turista comum: como artérias onde o sangue fluía, estavam vivas aquelas ruas.

Foi demasiado breve o período em que a Iniciativa Outros Bairros fez parte da minha rotina, mas a cada boleia do Nuno até ao escritório, estimava particularmente a magia de um percurso indeterminadamente extensível. A um trajeto de apenas cinco minutos, somavam-se sucessivamente mais cinco, tal era a quantidade de assuntos (sempre) urgentes a resolver pelo caminho. Recordo que, no final do segundo dia, figuravam já na minha memória as principais ruas e lugares, não pelas suas características geográficas ou arquitectónicas, mas sim pela especificidade dos trabalhos que decorriam simultaneamente em cada um deles. Das conversas com os moradores às reuniões de vizinhos, das soluções construtivas às logísticas de gestão de obra, do trabalho administrativo ao jogo político, ao longo de um só dia de trabalho, via o Nuno navegar por entre as mais diversas tarefas. À sua sombra,

I landed at São Vicente island on September 5, 2021, following a last minute self-invitation. In the luggage, I took other islands with me, same country, but of different lives. However, as the distance that separated me from the coast diminished, I realised that what the others had of greenery, this one had of terracotta. When, at last, I stepped on firm land and the seasickness gave me truce, I had the feeling the only condition they shared amongst each other was cartographic, as it neatly represents a shared archipelago's abstract shape on a flat surface.

Some hours of rest between one trip and the other were enough to collect a swift first impression of the island, clouded upon reaching Alto de Bomba. I clearly remember that moment's representative image, framed by the car window, which allowed for foreseeing a reality different from the scenario offered to the tourist who arrives by sea. An amphitheatre over the Atlantic, coloured by the hands of those who inhabit it, Alto de Bomba emerged spontaneously and informally under a continuous gesture of improvisation. Nevertheless, something in that neighbourhood differed from any other I had visited in the other islands, in territories equally far from the common tourist: just as arteries through which the blood flows, those streets were alive.

The period in which the Iniciativa Outros Bairros was part of my routine was just too brief, but each and every lift given by Nuno up to the office particularly valued the magic of an indeterminately extensible journey. Five minutes were successively added to a five minute route, given the (always) urgent issues to be solved along the way. I remember that, at the end of the second day, the main streets and places were already carved in my memory, not by their geographical or architectural aspects, but by the specificity of the works that were simultaneously taking place in each of them. From talks with residents to neighbours' meetings, from building solutions to construction management, from office work to the political game, in a day's work, I witnessed Nuno navigate throughout all kinds of different tasks. Under his shadow, I was able to closely accompany the mechanics of several of them and, through them, corroborate the elasticity of a subject as complex as life itself:



Casa dos vizinhos dos escritórios da IOB em Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020 / House of the neighbors of the IOB offices in Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2020.

pude acompanhar de perto a mecânica de várias e, através delas, comprovar a elasticidade de uma disciplina tão complexa quanto a própria vida: a Arquitetura. As suas ações, tão variadas na sua gênese, transbordavam o espectro convencionalmente expectável para qualquer ofício. Mas se o papel da Arquitetura reside na atribuição de significados às estruturas que nos permitem demorar sobre a Terra, ser-se arquiteto neste lugar constitui essencialmente um exercício de mediação e empatia. Aqui, o lugar não funciona apenas como ponto de partida nem o seu entendimento precede necessariamente o ato de construir. Trata-se sim, por um lado, de um objeto em investigação contínua, mote para um paralelo mecanismo de descoberta que torna operativos esses

Architecture. Its actions, so variable in its genesis, exceeded any craft's conventionally expectable spectrum. But, if Architecture's role resides in giving meaning to the structures that allows us to linger on Earth, to be an architect in this place is essentially constituted by an exercise of mediation and empathy. Here, the site is not solely a starting point, nor its understanding necessarily precedes building. Rather, it is, on the one hand, an object under continuous research, motto for a parallel mechanism of discovery that renders such meanings operative. As an interlocutor, if the architect were to come out as imposing or as an impostor, it would mean to sacrifice the residents' trust, who place in her hands the building of a stage for their daily life. On the other hand, representing an external entity, sensible to the reality in which she intervenes,

mesmos significados. Enquanto interlocutor, uma atitude impostora e impositiva da parte do arquitecto sacrificaria a confiança dos habitantes, que depositam na sua figura a construção de um palco para o seu quotidiano. Por outro lado, o facto de representar uma entidade externa e sensível à realidade em que intervém, permite-lhe contribuir com novas perspectivas, assim como antecipar necessidades e problemas parcialmente invisíveis à própria população.

Contudo, por todo o arquipélago de Cabo Verde, outros arquitectos foram deixando provas de atitudes antagónicas face a bairros como o de Alto de Bomba, recorrendo à expulsão e realojamento massivo dos seus habitantes em grandes estruturas homogéneas de habitação social coletiva. Nestas, os moradores veem-se forçados a abandonar as suas rotinas em benefício de um modelo que não lhes corresponde nem ausculta, e que rapidamente se revela obsoleto sob inúmeros pontos de vista. Mas o problema não é estático nem advém apenas dos arquitectos, a não ser que se assuma que o são todos aqueles responsáveis pela organização e gestão do espaço. O crescimento exponencial de territórios autoconstruídos é sintoma de um corpo maior, que mais do que socorrer é urgente desconstruir. Torna-se, portanto, fundamental o desenvolvimento de sistemas baseados em processos e não em produtos, que saibam considerar e potenciar os seus pontos positivos e reestruturá-los a partir das suas próprias características, valores e recursos.

A Iniciativa Outros Bairros não poderia ilustrar melhor este cenário positivo de resposta. Como uma Bomba que permitiu levar o sangue ao Alto e redesenhou sob a forma de ruas as suas artérias, constitui um exemplo claro de um esforço coletivo de superação das dificuldades que outrora o impediam de fluir. Ao explorar o espaço público enquanto segmento de articulação entre os moradores e o meio, a correspondência e a proximidade com os mesmos revelam-se a chave do seu sucesso, o que sublinha a necessidade de a partir dele se exportarem ferramentas e não receitas.

São hoje visíveis por todo o território de Alto de Bomba as sementes dessa recuperação, assim como o são nas vidas de quem nele habita ou por ele passou. Sementes de



Plantação de árvore Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.
Tree planting Alto de Bomba, Grace Ribeiro, 2021.

esperança para o ofícioda Arquitetura, que ali soube provar que o seu valor reside na influência que possibilita e produz, mais do que nas evidências físicas que aparenta. Um cortar de asas a iniciativas como esta representa a descredibilização do habitat enquanto base de relação com o Mundo, mas acima de tudo o desinvestimento em territórios cuja intervenção é digna de atenção urgente.

Recordo, por último, a imagem débil de uma árvore recém-plantada numa nova praça que ganhava no bairro a sua forma, associada a uma voz que dizia: Não basta plantar as árvores, é necessário primeiro aprender a apreciar a sombra.



Vista do escritório da IOB no Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021 / View of the office of IOB in Alto de Bomba, Francisco Craveiro, 2021.

allows for contributing with new perspectives, just as anticipating needs and issues that are partially invisible to the very population.

Yet, throughout the entire archipelago of Cabo Verde, other architects have been leaving evidences of opposing attitudes towards neighbourhoods like Alto de Bomba, resorting to its inhabitants' massive eviction and resettlement in large homogenised structures of social collective housing. There, the residents are forced to abandon their routines on behalf of a model that neither matches nor considers them, rapidly revealing itself obsolete in various aspects. But the problem is not static nor does it arise solely from architects, unless one assumes all those responsible for organising and managing space are such. The exponential growth of self-built territories is a symptom of a larger body, that needs deconstruction more than it needs saving. The developing of systems based on processes rather than on products thus becomes fundamental, holding the consideration and potentiation of its positive aspects while restructuring them from their very characteristics, values and resources.

The Iniciativa Outros Bairros could have not better illustrated this positive scenario of response.

Like a Pump that allowed for the blood to flow to the Top and redesign its arteries in the shape of streets, it represents a clear example of a collective effort towards the overcoming of the challenges that once prevented it from flowing. By exploring the public space as segment of an articulation between its residents and the surrounding environment, the correspondence and proximity between the two represent the key to its success, highlighting the need to extract tools from it, and not recipes.

Currently, the seeds of such rehabilitation can be regarded throughout Alto de Bomba, just as in the lives of those who live there, or have been there. Seeds of hope for the craft of Architecture, which could demonstrate its value resides in the influence that it enables and produces, rather than the displayed physical evidences. Severing the wings of initiatives like these represents the habitat's discredit as a basis for connecting with the World, but, most of all, the disinvestment in territories that require an urgently alert intervention.

Lastly, I recall the frail image of a newly-planted tree in a new square that was being shaped in the neighbourhood, linked to a voice that said: It is not enough to plant trees, one must first appreciate shade.

Direito ao lugar e ao espaço público nas áreas autoproduzidas: reflexões a partir do Alto de Bomba, Mindelo, Cabo Verde

THE RIGHT TO PLACE AND PUBLIC SPACE
IN SELF-PRODUCED AREAS: REFLECTIONS
FROM ALTO DE BOMBA, MINDELO, CABO VERDE

ANA SILVA FERNANDES¹





URBANIZAÇÃO E A LUTA PELOS DIREITOS CIDADÃOS

A urbanização acelerada constitui um fenómeno que se tem vindo a intensificar ao longo de várias décadas, em particular no Sul Global, mas que não pode ser considerado recente: se surgiam já menções no final do século XIX, a bibliografia de meados do século XX alertava para o escalar deste fenómeno (Abrams, 1969; Turner, 1977), reforçado pelo êxodo das áreas rurais para as cidades em explosão (Mangin, 1970). Atualmente já não são (apenas) as massas de recém-chegados às áreas urbanas que produzem a sua multiplicação, mas também o crescimento demográfico da população residente. O ritmo intenso deste processo de urbanização tem impossibilitado o seu acompanhamento com capacidade de cobertura infraestrutural, geração de rendimento económico, disponibilidade de serviços sociais ou políticas de habitação que possam apoiar as famílias, intensificando-se a precariedade habitacional, a ocupação de áreas de risco, as limitações ou ausência de titularidade da terra, a falta de redes básicas, assim como a inexistência de espaço público qualificado para uma grande parte da população urbana.

A continuidade e intensificação deste processo ao longo de várias décadas tem ditado não só a expansão e o aumento das áreas urbanas produzidas nestas condições, como também a incorporação de materiais perenes em adição/substituição a outros mais precários, assim como uma progressiva densificação e transformação destas áreas. A multidimensionalidade das necessidades em cada contexto, a sobreposição de lógicas e padrões, assim como a persistência e perpetuação de fatores de vulnerabilidade, mostram que a urbanização, profundamente assimétrica, constitui um processo complexo, não só de desafiante resolução, como até de problematização e conceptualização.

INFORMALIDADE, AUTOCONSTRUÇÃO E AUTOPRODUÇÃO – DIFERENTES VISÕES E A BUSCA DE NOVAS EPISTEMOLOGIAS

Várias são as designações usadas para descrever as áreas urbanas e construções que resultam da urbanização acelerada, em particular as marcadas por uma maior precariedade. Estes diferentes conceitos demonstram também a variedade de perspectivas, agendas e entendimentos

URBANISATION AND THE STRUGGLE FOR CITIZEN RIGHTS

Accelerated urbanisation constitutes a phenomenon that has been increasing for several decades, particularly in the Global South, but it cannot be considered recent: if there were already references to it in the late 19th century, the mid-20th century's bibliography warned about this phenomenon's escalating (Abrams, 1969; Turner, 1977), enhanced by exodus from rural areas to booming cities (Mangin, 1970). Currently, it is not (only) the masses of urban areas' newcomers that produce their multiplication, but also the demographic growth of the residing population. This urbanisation process's intensive rhythm has been making its accompanying impossible in regard to the capacity in infrastructural coverage, output of economic income, availability of social services or housing policies that may support families, increasing the housing precarity, the occupying of risk areas, the limitations or absence of land ownership, the lack of basic networks, as well as the non-existence of quality public space to a large part of urban population.

This process's continuing and intensifying throughout several decades has dictated not only the expansion and growth of urban areas produced in such conditions, but also the incorporation of perennial materials in addition/replacement of other precarious ones, and these areas' progressive densification and transformation. The necessities' multidimensionality in each context, the superimposing of logics and patterns, just as the persistence and perpetuity of vulnerability factors, demonstrate that urbanisation, profoundly asymmetrical, constitutes a complex process, not only of challenging resolution, but also of problematisation and conceptualisation.

INFORMALITY, SELF-BUILDING AND SELF-PRODUCTION – DIFFERENT VIEWS AND THE SEARCH FOR NEW EPISTEMOLOGIES

The used designations to describe urban areas and constructions resulting from accelerated urbanisation, particularly those characterised by great precarity, are several. These different concepts also demonstrate the variety of perspectives, agendas and understandings on this process, just as their operationalising.

sobre este processo, assim como a sua operacionalização.

Se o termo *slum* tem sido usado há muitas décadas, e constituiu título do *Global Report on Human Settlements* de 2003, “The Challenge of Slums” (UN-Habitat, 2003) – contendo inclusivamente uma descrição dos critérios para a sua definição e medição (p.10) –, este representa uma designação que tende a ser cada vez menos usada, apesar de constando pontualmente nos relatórios mais recentes da mesma agência internacional (UN-Habitat, 2020).

O conceito de *assentamento informal* ganhou entretanto maior visibilidade, tanto no âmbito académico como no campo de trabalho das agências internacionais, embora seja também ele criticado: tanto no carácter de oposição a uma pretensa “formalidade” – e portanto contestando as visões dicotómicas que opõem formal/informal, centro/periferia (Coquery-Vidrovitch, 1992; Oppenheimer, Raposo, 2007), como igualmente discutindo que “informalidade não é sinónimo de pobreza” nem de ausência de regulação, mas antes uma forma de desregulação e de influência direta do Estado (Roy, 2009a).

A noção de autoconstrução tem também sido adotada em algumas circunstâncias, embora desde logo (Abrams, 1969) surgindo reflexões que defenderam não só não constituir o único processo de materialização das habitações surgidas através do processo de urbanização acelerada, como também alertando para os perigos da sua adoção nas políticas direcionadas a famílias de menores recursos, realçando a sobrecarga adicional que poderia acarretar em quotidianos já extremamente fustigados pela precariedade.

A ideia de autoprodução constitui, por sua vez, um termo (Oppenheimer, Raposo, 2007) que pretende realçar não só o papel dos residentes na decisão sobre a sua habitação, seja por mão própria (autoconstrução) seja por empreitada localmente encomendada (ainda que sem um técnico responsável na mediação), como também combater o carácter pejorativo de outras designações adotadas, realçando as características, valores e contributos das famílias envolvidas neste processo, razão pela qual também se usa esta designação na presente reflexão.



Ferramentas de obra, Diogo Bento, 2019 / Construction tools, Diogo Bento, 2019.

If the term *slum* has been used for various decades, and constituted the 2003 *Global Report on Human Settlements*’ title, “The Challenge of Slums” (UN-Habitat, 2003) – also including a description for the criteria to its definition and measurement (p. 10) –, it represents a designation that tends to be less used, despite punctually appearing in the same international agency’s more recent reports (UN-Habitat, 2020).

The concept of informal settlement gained, in the meantime, more visibility, both in the academic context and within international agencies’ work-field, even though it is also criticised: on the one hand, by opposing a supposed “formality” – and thus contesting the dichotomic views that contrast formal/informal, centre/periphery (Coquery-Vidrovitch, 1992; Oppenheimer, Raposo, 2007) –, and, on the other, by arguing “informality is not a synonym for poverty” nor for lack of regulation, but rather a mode of deregulation and direct State influence (Roy, 2009a).

A habitação autoproduzida tem sido abordada em todos os territórios africanos de língua oficial portuguesa: em Moçambique (Carrilho et al, 2001; Jenkins, 2013; Jorge, Melo, 2014; Lizancos et al, 2018), Angola (Viegas, 2016), Guiné-Bissau (Andrade, 2011), Cabo Verde (Lima, 2015) e São Tomé e Príncipe (Fernandes, 2016), numa perspectiva de melhor conhecimento e valorização.

De facto, nos estudos sobre urbanização acelerada, investigações recentes têm destacado a importância de compreender as qualidades urbanas de territórios geralmente considerados periféricos, como as áreas vulneráveis em cidades ocidentais consolidadas, ou as áreas autoproduzidas no designado Sul Global, e no continente africano em particular (Carrilho et al, 2001; Oppenheimer, Raposo, 2007). Essa tendência visa evitar a importação de modelos inadequados, mas também produzir conhecimento das 'margens' como uma "epistemologia importante para o planeamento" (Roy, 2005) que pode contribuir localmente, mas também globalmente, para os estudos e ações urbanas (Roy, 2009b; Pieterse, 2014; Simone, Pieterse, 2017).

No entanto, as ações para qualificar as áreas autoproduzidas continuam a ter um papel residual face à escala deste fenómeno, e os esforços de melhoria das condições socioespaciais nestes territórios necessitam de maior investimento e escala.

REFLEXÕES A PARTIR DE CABO VERDE

A urbanização em Cabo Verde, ainda que demonstrando padrões e ritmos de crescimento que se aproximam de outras cidades do Sul Global, e em particular do contexto africano de língua oficial portuguesa, detém especificidades muito vincadas, relacionadas com as suas características geográficas, o seu perfil histórico-cultural e com as suas dinâmicas económicas, que se refletem nos padrões de ocupação territorial e na produção da habitação.

The notion of self-building has also been adopted in some circumstances, although, from the outset (Abrams, 1969), there were observations arguing it does not constitute the single case of housing materialisation derived from the accelerated urbanisation process, while also warning about the dangers in its adopting in policies towards lower income families, highlighting the additional weight it would pose on lives already too harmed by precarity.

The idea of self-production constitutes, in turn, a term (Oppenheimer, Raposo, 2007) that intends to highlight not only the residents' role in their decisions on their very houses, be it with their own hands (self-building) or locally hired contractors (even if without a technician responsible for mediation), but also the fighting against the pejorative side of other designations, stressing the characteristics, values and contributes of the families involved in this process, which is also the reason to use this designation in this reflection.

Self-produced housing has been approached in every Portuguese-speaking African territory: Mozambique (Carrilho et al, 2001; Jenkins, 2013; Jorge, Melo, 2014; Lizancos et al, 2018), Angola (Viegas, 2016), Guinea-Bissau (Andrade, 2011), Cabo Verde (Lima, 2015) and São Tomé and Príncipe (Fernandes, 2016), aiming at its better acknowledging and valorising.

In fact, in studies on accelerated urbanisation, recent research have pointed out the importance of understanding the urban qualities of territories usually deemed peripheral, like underprivileged areas in consolidated Western cities or self-produced areas in the so-called Global South, particularly in the African continent (Carrilho et al, 2001; Oppenheimer, Raposo, 2007). That tendency aims to avoid the importing of inadequate models, but also to produce knowledge from the 'margins' as an "important epistemology for planning"² (Roy, 2005), that may contribute locally, but also globally, for urban studies and actions (Roy, 2009b; Pieterse, 2014; Simone, Pieterse, 2017).

T.N.: Translated from the original text's quote: *epistemologia importante para o planeamento.*

CABO VERDE: A HABITAÇÃO COMO UM PROCESSO

No panorama cabo-verdiano é visível que uma marcada parcela das habitações urbanas se apresenta permanentemente em construção: os resultados preliminares dos Censos de 2021 apontam que os “edifícios clássicos não concluídos” representam aproximadamente 28% do parque edificado existente, a que acrescem cerca de 2% de “edifícios não clássicos (barracas, casas de bidão, contentores, etc.)” (INE, 2021). Para estas famílias, a casa não constitui um produto ou bem estático, mas antes um projeto em contínua transformação, que vai reagindo às mudanças nas necessidades familiares e aos recursos passíveis de serem mobilizados no agregado. Esta condição – da habitação como processo –, embora especialmente visível nos contextos de maior precariedade e limitação de rendimentos (pela escala deste setor), não se circunscreve a esse enquadramento, sendo perceptível desde as situações mais precárias da casa de tambor (construída com chapas de depósitos de combustível) que se vai consolidando e ampliando no tempo, até algumas habitações mais confortáveis (ainda que permanentemente inacabadas) da classe média.

Vários fatores contribuem para essa flutuação, nomeadamente os relacionados com a diáspora e a recorrente circulação entre ilhas, assim como a preponderância da economia informal e a instabilidade de rendimentos de muitas famílias.

A diáspora cabo-verdiana constitui um fenómeno conhecido, estimando-se que a população a residir fora do território possa ultrapassar a residente em solo nacional (MIOTH & ONU-Habitat, 2019, p.18, baseado em dados INE), tendo as remessas económicas deste sector não só um importante papel no PIB, como estimando-se que se reflita também no investimento na habitação privada em Cabo Verde. Este processo aparenta ser muitas vezes materializado através da construção progressiva de uma habitação para o futuro,

However, the actions to qualify the self-produced areas still play a residual role against this phenomenon’s dimension, and the efforts for improving socio-spatial conditions in these territories need larger investment and scale.

REFLECTIONS FROM CABO VERDE

The Urbanisation in Cabo Verde, although showing growth patterns and rhythms close to other cities in the Global South, especially within the Portuguese-speaking African context, has rather pronounced specificities, related to its geographic characteristics, its historical-cultural profile and its economic dynamics, which are mirrored in the patterns of territorial occupation and in the housing production.

CABO VERDE: HOUSING AS A PROCESS

On the Caboverdean panorama, it is visible that a fair amount of urban housing presents itself as permanently under construction: the preliminary results from the 2021 Census point out that “unfinished classic buildings”²³ represent approximately 28% of the existing building stock, with the adding of 2% “non-classic buildings (shelters, tin-houses, containers, etc.”²⁴ (INE, 2021). To these families, the house is not a product or a static good, but, rather, a project in continuous transformation, reacting to the changes in family needs and to the resources that can be mobilised within the household. This condition — of housing as process —, although particularly visible in the contexts of most precarity and limiting resources (given this sector’s scale), is not circumscribed to such framing, being perceptible from the most precarious situations, like drum-houses (made from fuel containers’ metal sheets) that, in time, progressively become bigger and more consolidated, to middle class’s more comfortable houses (even if permanently unfinished).

Several factors contribute for such fluctuation, namely those related to the diaspora and recurring circulation between islands, just

T.N.: Translated from the original text’s quote: *edifícios clássicos não concluídos*.

3

T.N.: Translated from the original text’s quote: *edifícios não clássicos (barracas, casas de bidão, contentores, etc.)*.

4



Trabalho de pedra, Diogo Bento, 2019 / Stone work, Diogo Bento, 2019.

que se vai desenhando e concretizando de acordo com as possibilidades, permanecendo inacabada recorrentemente por um período prolongado.

Da mesma forma, também a circulação laboral entre ilhas, implicando a residência em diferentes territórios e a flutuação demográfica, tem levado a utilizações temporárias ou sazonais das habitações, assim como a processos continuados de investimento na construção, intercalados com períodos de suspensão ou redução da capacidade de investimento e acompanhamento das obras.

A economia informal e a instabilidade de rendimentos de muitas famílias constitui igualmente um importante determinante na (in)capacidade de escolha de muitas famílias, entre habitações que exigem encargo

as the predominance of informal economy and many families' inconsistent income.

The Caboverdean diaspora constitutes a known phenomenon, as it is estimated the population living abroad exceeds those residing on national ground (MIOTH & ONU-Habitat, 2019, p.18, based on INE data), as the remittances constitute not only a very important role in the GDP, but also a relevant part of the investment in private housing in Cabo Verde. This process appears to be often materialised through the progressive construction of a house for the future, being progressively designed and realised, recurrently staying unfinished for a lengthy period.

In the same way, the labour circulation between islands, which entails residing in different territories and demographic fluctuation, has also been giving way to the houses' temporary or seasonal occupation, as



Casa de Tambor no Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021 / "Casa de Tambor" in Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

fixo (como crédito bancário ou renda mensal) e as que apresentam maior flexibilidade, nomeadamente as que são autoproduzidas por processos incrementais e de acordo com a disponibilidade de recursos. Assim, perante a recorrente flutuação de rendimentos, de dinâmicas ou reconfigurações familiares, assim como de compromissos laborais, a flexibilidade da habitação como um processo oferece algumas opções interessantes para as famílias e a valorizar nas políticas de habitação.

No entanto, a habitação em si não constitui o garante único de condições socioespaciais dignas e de direito ao lugar: a inexistente ou incompleta infra-estruturação a que se assiste em grande parte das áreas autoproduzidas (em que se destaca em particular a dificuldade no abastecimento de água, que é transportada e vendida a famílias nestas zonas com preços mais elevados que os da rede pública); a dificuldade de acessos (agravadas quando as habitações se implantam em encostas íngremes e expostas ao impacto das pontuais, mas intensas chuvas torrenciais); ou a falta de equipamentos e espaços públicos qualificados (que dificultam a vivência local, a fruição de espaços partilhados e o acesso a serviços necessários para o quotidiano) constituem desafios que necessitam ser contornados.

well as continuing processes of investment in construction, intercalated with periods of suspension or reduction of investment and construction monitoring.

Informal economy and many families' income instability are equally important factors in the (in)capacity of such families' choices, between houses that entail fixed costs (such as bank loans or monthly rents) and more flexible ones, namely those self-produced by incremental processes and following the resources' availability. Thus, before the recurring fluctuation in income, family dynamics or reconfigurations, and employment commitments, the housing flexibility as a process offers interesting options for families and should be considered in housing policies.

However, housing in itself does not constitute the sole guarantee for decent socio-spatial conditions and the right to place: the non-existent or incomplete infra-structure system in most self-produced areas (especially the challenges in water supply, as the water is transported and sold to families in these areas at a higher price than the public network); the difficulties of access (worsened when the houses are located in steep slopes and exposed to the impact of the rare but intense torrential rain); or the lack of quality facilities and public space (that hamper local living, the usage of



Seja nas habitações de maior envergadura e conforto, mas implantadas em condições de inexistente ou incompleta infraestruturação, seja em especial em torno das habitações autoproduzidas com menores recursos, estas dificuldades podem ser superadas através de intervenções de melhorias de acessos e estabilização de terrenos, do escoamento de águas pluviais, de redesenho do espaço público e de criação de locais de encontro, num processo que possa ser participativo e envolver os residentes na coprodução de soluções, permitindo em simultâneo o reconhecimento, a valorização e a qualificação das habitações autoproduzidas.

A INICIATIVA OUTROS BAIRROS: INOVAÇÃO E CONSTRANGIMENTOS

Essas preocupações constituíram a base da metodologia moldada pela equipa da Iniciativa Outros Bairros (Flores, 2021; Flores, Pina & Fortes, 2021) que procuraram trabalhar a qualificação do espaço público não só através das soluções técnicas de desenho urbanístico e cobertura infraestrutural, como também pelo envolvimento dos residentes nas decisões de projeto, na promoção cultural de jovens, assim como na geração de emprego local e capacitação laboral.

Estes são, portanto, contributos em que este projeto se distingue: a proximidade, operada pela instalação do gabinete técnico local no bairro, para diálogo em contínuo com os residentes, acompanhamento da obra e eventuais adaptações quando necessário; a qualidade do desenho urbanístico, tendo em cuidada consideração as especificidades do terreno, os materiais locais e as formas de vida da vizinhança, para a criação de espaços dignos, atrativos e confortáveis; o rigor orçamental, procurando gerir com contenção o financiamento, através da clara definição de prioridades e procedimentos; o incentivo à construção civil e a criação de emprego no bairro, através da contratação de empreiteiros locais e de trabalhadores da vizinhança, gerando rendimento para as suas famílias; e pela capacitação de residentes, através da mobilização de grupos (de que resultaram os projetos Kubaka e B.I.P.) e da criação do grupo de mulheres calceteiras (Amdjer na Obra), realçando assim valores locais existentes (Fernandes,

shared spaces and the access to necessary daily life services) constitute challenges that need to be avoided.

Be it in larger and more comfortable houses, but built on a situation of non-existent or incomplete infra-structures, or, especially, in those self-produced with fewer resources, these challenges can be overcome through some interventions towards the improving of accesses and land stabilising, drainage of rainwater, public space redesign and creation of gathering points, in a process that can be participative and involve the residents in the co-production of solutions, simultaneously allowing for the acknowledging, valorisation and qualification of self-produced housing.

THE INICIATIVA OUTROS BAIRROS: INNOVATION AND CONSTRAINTS

Those concerns constituted the basis for the methodology shaped by the Iniciativa Outros Bairros' team (Flores, 2021; Flores, Pina & Fortes, 2021), who sought to work on the public space's qualifying not only through the technical solutions of urban design and infra-structure coverage, but also by involving the residents in the project's calls, the youth's cultural support, creating local job opportunities and work capacitation.

These are, therefore, contributes in which this project stands out: proximity, operated by setting the local technical office within the neighbourhood, for the continuous dialogue with the residents, work supervising and eventual necessary alterations; the urban design quality, especially considerate of the terrain's specificities, local materials and the neighbourhood's ways of life, aiming at the creation of proper spaces, attractive and comfortable; the budgetary discipline, seeking to moderately manage the funding, with the priorities' and procedures' clear definition; the encouraging of civil construction and the creating of jobs in the neighbourhood, through the hiring of local contractors and workers from the neighbourhood itself, producing income for their families; and the residents' capacitation, through the mobilising of groups (which gave way to the projects Kubaka and B.I.P.), and the creating of the group of women pavers (Amdjer na Obra), thus highlighting existing local values (Fernandes, in Flores, 2021, pp.17-18). However, this impact is threatened by

in Flores, 2021, pp.17-18). No entanto, este impacto é ameaçado pela instabilidade do seu financiamento, que cria a incerteza sobre a continuidade deste projeto.

PROVISÃO HABITACIONAL VERSUS QUALIFICAÇÃO URBANA: UMA FALSA OPOSIÇÃO?

Embora o Perfil do Sector de Habitação de Cabo Verde tenha sinalizado em 2019 uma parcela nacional de 8.7% dos agregados familiares em défice habitacional, considerando-o a “quantidade de habitações inexistentes ou inadequadas sem condições de habitabilidade” (MIOTH & ONU-Habitat, 2019, p.18), esta proporção agrava-se nos contextos urbanos, e em particular das maiores cidades, como Praia e Mindelo. Se a esse número, que se foca no défice quantitativo de habitação (a falta de casas), se somarem as situações de défice qualitativo (em que as habitações existentes necessitariam de qualificação), a proporção de casos dispara.

As políticas públicas para combater a precariedade socioespacial têm assumido diferentes abordagens que se estendem das estratégias de promoção direta de habitação (através da construção de novos fogos e do realojamento de famílias), até às de melhoria das condições existentes (recorrendo à regularização fundiária dos lotes com habitação autoproduzida, à colmatação de infraestruturas básicas, à qualificação dos espaços públicos e ao apoio à consolidação das construções).

No entanto, subsiste um visível desequilíbrio no financiamento que recorrentemente tem privilegiado as estratégias de provisão habitacional, em contraste com a limitação de recursos disponibilizados para a melhoria de áreas autoproduzidas existentes, tanto no contexto alargado dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Fernandes & Nascimento, 2018), como também em Cabo Verde (MIOTH, 2021b; MIOTH, 2021a). No entanto, se o debate em torno destas estratégias parece por vezes ser colocado na perspectiva de uma oposição

the recent suspension of its funding, raising uncertainty on this project's continuity.

HOUSING PROVISION VERSUS URBAN QUALIFYING: A FALSE OPPOSITION?

Although Cabo Verde's Housing Sector Profile has signalled, in 2019, a 8.7% national percentage of family households in housing deficiency, considering it “the number of non-existent or inadequate housing without habitability conditions”⁷⁵ (MIOTH & ONU-Habitat, 2019, p. 18), this ratio worsens in urban contexts, particularly in larger cities, like Praia and Mindelo. If we add to this value, which is focussed on the quantitative housing deficit (lack of houses), the qualitative deficit situations (where existing housing require improvement), the numbers skyrocket.

The public policies for fighting socio-spatial precarity have taken on different approaches that range from strategies of directly promoting housing (building new homes and resettling families), to those of improving the existing conditions (resorting to the regularisation of self-produced housing plots, the repairing of basic infra-structures, the qualifying of public spaces, and the supporting of the buildings' consolidation).

Nevertheless, a visible funding imbalance subsists, recurrently favouring the housing provision strategies, in contrast to the limited resources for improving existing self-produced areas, both in the context of Portuguese-speaking African countries (Fernandes & Nascimento, 2018), and Cabo Verde (MIOTH, 2021a; MIOTH, 2021b). However, if the debate on these strategies seems to be at times positioned as an opposition between the two approaches, there could be, rather, a stronger effort in conciliating and conjugating these axes, allowing for the coexistence of public production of new housing, and the highly necessary significant investment in qualifying public spaces within existing self-produced contexts. These logics, given their distinct nature, can be complementary in their goals, impacts, and areas of focus.

T.N.: Translated from the original text's quote: *quantidade de habitações inexistentes ou inadequadas sem condições de habitabilidade.*



Casa de Tambor no Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021 / "Casa de Tambor" in Alto de Bomba, Marcelo Londoño, 2021.

entre estas abordagens, poderia antes existir um maior esforço de conciliação e conjugação destes eixos, que permitisse a coexistência da produção pública de nova habitação, a par com um altamente necessário investimento substancial na qualificação dos espaços públicos nos tecidos autoproduzidos existentes. Estas lógicas, uma vez que têm naturezas diferentes, poderão ser complementares nos objetivos, impactos e zonas de incidência.

PARA UM EFETIVO DIREITO AO LUGAR

A autoprodução de habitação nas cidades cabo-verdianas, e nas maiores áreas urbanas do Sul Global, constitui um processo em rápida e permanente expansão, densificação e mudança. Face a uma contínua transformação, esta dinâmica exige respostas que possam, também elas, não só dialogar com as múltiplas dimensões em causa, como também suportar mecanismos flexíveis e adaptáveis às transformações dos agregados familiares e constituir um garante de condições dignas de habitabilidade, perante rendimentos reduzidos e/ou instáveis, procurando igualmente contribuir para a estabilidade socioeconómica das famílias.

TOWARDS AN EFFECTIVE RIGHT TO PLACE

The self-producing of housing in Caboverdean cities, and in the Global South's largest cities, constitutes a process of quick and permanent expansion, densification and change. In the face of continuous transformation, this dynamic demands answers that can not only engage in dialogue with the multiple aspects at stake, but also support mechanisms which are flexible and adaptable to changes in the family households, guarantee dignified living conditions, before low and/or unstable incomes, equally seeking to contribute to the families socio-economic stability.

Before the phenomenon of self-production of housing and the predominance of housing deficiency, it is possible to understand the impossibility of facing it solely through replacement strategies created by the building of homes, even if in large-scale. As such, the resources which would be necessary to mobilise – both investment-wise and in technical monitoring – demonstrate the endeavour's breadth largely exceeds the means for keeping track of it, besides the building of homes being a sectorial response, when the challenges are multi-dimensional.

Face à escala do fenómeno da autoprodução de habitação e da preponderância das carências habitacionais, percebe-se a impossibilidade de lhe fazer face unicamente através de estratégias de substituição criadas pela construção de habitação, mesmo que massiva. Assim, os recursos que seriam necessários mobilizar – quer em termos de investimento, quer de acompanhamento técnico – demonstram que a envergadura da demanda ultrapassa largamente a capacidade de a acompanhar, além da construção de habitação constituir uma resposta setorial, quando as exigências são multidimensionais.

Assim, se o investimento público na construção de habitação tem assumido um papel preponderante no orçamento público em Cabo Verde e se prevê que continue a representá-lo (MIOTH, 2021a), tal não substitui a necessidade de investir simultaneamente, e com recursos igualmente substanciais, na qualificação e consolidação dos tecidos autoproduzidos existentes, através da melhoria dos acessos, da cobertura infraestrutural e do desenho e conforto do espaço público nestas áreas, que podem ser realizados a par com a assessoria técnica para a melhoria das habitações.

A Iniciativa Outros Bairros demonstrou não só o impacto alargado desta abordagem – mostrando que, com o orçamento equivalente a cerca de meia dúzia de apartamentos construídos de raiz, foi possível melhorar as condições socioespaciais de 171 agregados familiares (Flores, 2021) –, como igualmente que esta ação pode conciliar a dimensão física com a atuação sobre múltiplas vertentes imateriais, em que o processo de redesenho do lugar pode gerar oportunidades laborais e rendimentos para as famílias, assim como oferta cultural e envolvimento cidadão. O reconhecimento local e internacional do seu mérito e impacto – demonstrado no acolhimento e envolvimento no bairro, assim como na recente nomeação para o altamente prestigiado Aga Khan Award for Architecture 2022 (AKDN, 2022) –, realçam não só a qualidade técnica desta iniciativa, mas acima de tudo a sua capacidade para mobilizar as ferramentas da arquitetura e do urbanismo para gerar efetiva melhoria multidimensional na qualidade de vida dos residentes e na consolidação de uma cidade sustentável

Accordingly, if public investment in the construction of houses has assumed a key role in Cabo Verde's public budget, and it is expected for it to continue as such (MIOTH, 2021a), that does not replace the need for simultaneously investing, with equally significant amounts, in the qualifying and consolidating of existing self-produced fabrics, through the bettering of accesses, infrastructural coverage and the public space's design and comfort in these areas, which can be made along the technical support for the homes' improvement.

The Iniciativa Outros Bairros has not only demonstrated this approach's wide impact – showing that, with a budget equivalent to half a dozen newly built apartments, it was possible to improve the socio-spatial conditions for 171 households (Flores, 2021) –, but also this action can conciliate the physical features with acting on several immaterial aspects, where the process of redesigning the place may generate work opportunities and income for the families, just as offering culture and citizen involving. Its impact's local and international appreciation – demonstrated in how the neighbourhood welcomed it and involved itself in it, as in the recent nomination for the prestigious Aga Khan Award for Architecture 2022 (AKDN, 2022) – not only stress this initiative's technical quality, but, most of all, its ability to mobilise architecture's and urbanism's tools in generating an effective multidimensional improvement to the residents' quality of life, and consolidating a sustainable city (socially impacting, economically viable and environmentally responsible).

Promoting the right to the city (Lefebvre, 1968) and the habitat's decent conditions constitutes an important field for public action, where acting on different dimensions is essential, from responses to housing, to the improving of the existing urban fabrics, particularly focussing on qualifying infrastructures and the public space through participative processes with actual citizen involvement, where the Iniciativa Outros Bairros stands out. More than an experimental project, the Iniciativa Outros Bairros demonstrates – through its technical quality, budgetary rigour, multidimensional impact, and the citizens' co-producing and involvement – that it can be a mode of action and a pillar of an integrated public policy, only missing the securing of its continuity.



(socialmente impactante, economicamente viável e ambientalmente responsável).

A promoção do direito à cidade (Lefebvre, 1968) e de condições dignas do habitat constitui um campo importante de atuação pública, sendo essencial a ação em diferentes dimensões, que se estendem das respostas habitacionais à melhoria dos tecidos urbanos existentes, em particular focando na qualificação infraestrutural e do espaço público através de processos participativos de efetivo envolvimento cidadão, em que a Iniciativa Outros Bairros se destaca. Mais do que um projeto experimental, a Iniciativa Outros Bairros prova – pela qualidade técnica, pelo rigor orçamental, pelo impacto multidimensional, e pela coprodução e pelo envolvimento cidadão – que pode constituir-se como modo de atuação e ser pilar de uma política pública integrada, sendo necessário apenas assegurar a sua continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

AKDN (2022) “Aga Khan Award for Architecture announces 2022 shortlist”, *Press Releases*, Aga Khan Development Network. URL: <https://www.akdn.org/press-release/aga-khan-award-architecture-announces-2022-shortlist>, acedido a 19.06.2022.

ABRAMS, C. (1969) *Housing in the Modern World: Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World*, Londres: Faber and Faber.

CARRILHO, J.; et al (2001) *Um Olhar para o Habitat Informal Moçambicano: de Lichinga a Maputo*, Maputo: Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (FAPF-UEM).

COQUERY-VIDROVITCH, C. (1992) *Africa: Endurance and Change South of the Sahara*, Berkeley: University of California Press.

CMP & UN-Habitat (2015) *I Encontro internacional em gestão e planeamento de assentamentos informais e habitação: Instrumentos, Risco e Vulnerabilidade (GPAIH)*, Praia: Câmara Municipal da Praia e United Nations Human Settlements Programme.

FERNANDES, A. S.; Nascimento, A. (2018) O “Direito à Cidade” nos PALOP, *Cadernos de Estudos Africanos*, 35, (pp.109-132).

FERNANDES, A. S. (2016) *Entre remediar e solucionar: A estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza. São Tomé e Príncipe como laboratório*, Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

FLORES, N. – coord. (2021) *Outros Bairros: a urbanização informal como um modo de urbanização*, Mindelo: Iniciativa Outros Bairros e Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação.

FLORES, N.; PINA, E.; FORTES, E. (2021). Voz(es) sem lugar, lugar(es) sem vozes. *Estudo Prévio*, 19 (pp. 36-44).

INE (2021) *V Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH-2021) – Resultados Preliminares*, Praia: Instituto Nacional de Estatística.

JENKINS, P. (2013) *Urbanization, Urbanism and Urbanity in an African City*, Palgrave Macmillan.

JORGE, S.; MELO, V. (2014) Processos e Dinâmicas de Intervenção no Espaço Peri-Urbano: o caso de Maputo, *Cadernos de Estudos Africanos*, 27, (pp.55-77).

LEFEBVRE, H. (1968) *Le Droit à la Ville*, Paris: Editions Anthropos.

LIMA, K. (2015) *Do quarto de casa ao bairro – (Re)Qualificação dos bairros precários da cidade da Praia*, FAUP (Dissertação de Mestrado Integrado).

LIZANCOS, P.; et al (2018) *Kaya Clínica. Una experiencia universitaria de aprendizaje-servicio para el abordaje alternativo del derecho a techo*, Universidade da Coruña.

MANGIN, W. ed. (1970) *Peasants in Cities: Readings in the Anthropology of Urbanization*, Boston: Houghton Mifflin Company.



Detalhe da construção de uma casa de tambôr no Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019.

Detail of the construction of a "casa de tambôr" in Alto de Bomba, Diogo Bento, 2019.

MIOOTH & ONU-Habitat (2019a) *Perfil do Sector de Habitação de Cabo Verde*, Praia: Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação & Organização das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos em Cabo Verde.

MIOOTH & ONU-Habitat (2019b) *Política Nacional de Habitação de Cabo Verde*, Praia: Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação & Organização das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos em Cabo Verde.

MIOOTH (2021a) *Plano Nacional de Habitação 2021-2030*, Praia: Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação.

MIOOTH (2021b) *Realizações 2016-2021*, Praia: Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação.

OPPENHEIMER, J.; RAPOSO, I. (2007) *Subúrbios de Luanda e Maputo*. Lisboa: Edições Colibri.

PIETERSE, E. (2014) "Epistemological Practices of Southern Urbanism", AAC *Academic Seminar*, University of Cape Town.

ROY, A. (2005) Urban Informality: Toward an Epistemology of Planning, *Journal of the American Planning Association*, 71(2), (pp.147-158).

ROY, A. (2009a) Why India cannot plan its cities: informality, insurgency and the idiom of urbanization, *Planning Theory*, 8(1): (pp.76-87).

ROY, A. (2009b) The 21st-Century Metropolis: New Geographies of Theory, *Regional Studies*, 43(6), (pp.819-830).

SIMONE, A.; Pieterse, E. (2017) *New Urban Worlds: Inhabiting Dissonant Times*, Cambridge: Polity.

TURNER, J. F.C. (1977) *Housing by people. Towards autonomy in building environments*, Pantheon Books.

UN-Habitat (2003) *The Challenge of Slums – Global Report on Human Settlements 2003*, Nairobi: United Nations Human Settlements Programme.

UN-Habitat (2020) *World Cities Report 2020 – The Value of Sustainable Urbanization*, Nairobi: United Nations Human Settlements Programme.

VIEGAS, S. L. (2016) Urbanisation and Peri-Urbanisation in Luanda: A Geopolitical and Socio-Spatial Perspective from the Late Colonial Period to the Present, *Journal of Southern African Studies*, (pp.595-618).



Outros Bairros em Alto de Bomba: por uma política para o *habitar*

OTHER NEIGHBOURHOODS IN ALTO DE BOMBA:
FOR A POLITICS OF DWELLING

ADELINO GONÇALVES

AQUECIMENTO

**Soy todos los autores que he leído,
toda la gente que he conocido,
todas las mujeres que he amado.
Todas las ciudades que he visitado,
todos mis antepasados...**

Jorge Luís Borges, 1981

Ser, estar, morar, habitar são predicados, estados de alma, conceitos-ação, construções sociais ou autoconstruções?

São tudo! São tudo e ao mesmo tempo!

É isso que significam as palavras de Jorge Luís Borges numa entrevista que deu em 1981, durante uma tormenta criada por um artigo publicado no número 44 da *Cabildo*, uma revista argentina. Nesse artigo, o autor, Aníbal d'Angelo Rodríguez, que assinou com o pseudónimo Dan Yellow, dissertava sobre a ideia de que *Borges No Existe*, imagine-se! Que, na realidade, ele era um grupo de escritores encarnado numa figura das artes de representação.

Pois bem, a seguir, com surpresa ou não, a glosa foi ampliada em vários meios de comunicação social a nível internacional, atirando várias ironias para a discussão. Foi esse o caso do *L'Express*, francês, onde se chegou a dizer que a revista argentina tinha publicado uma mentira com o artigo de Dan Yellow!

Ora este, indignado com o *L'Express*, não se fez esperar e publicou uma reação no número seguinte da *Cabildo* onde dizia: "Si yo afirmara, por ejemplo, que Francia no existe y alguien se tomara tan en serio esta afirmación mía como la anterior, podría cundir el pánico. [...] Afortunadamente, no hay por qué. Pero la Francia que conocí y amé, la Francia cuyo idioma aprendí y cuya literatura frecuenté, esa Francia parece haber sido sustituida por una mala comedia representada por actores de segunda". (Fermosel, 1981)

Como se vê, a tormenta atingiu naquela altura um nível, por assim dizer, "delicado". "Delicado" porque fazer ironias com as identidades é sempre muito arriscado, sejam a identidade de nações, de culturas, subculturas ou das pessoas, individualmente ou em coletivo. É um risco porque mexe no que nos construiu e nos mantém como somos, ou seja, mexe no que nos liga ao mundo.

De facto, mexer no que nos construiu e nos liga ao mundo pode acordar monstros!



Acesso realizado no projeto pontual 01, Ângelo Lopes, 2020.

Access carried out in punctual 01 project, Ângelo Lopes, 2020.

É verdade que pode acordar amizades que temos como eternas, pode acordar paisagens que jamais esqueceremos ou todo o amor que habita em nós. Mas ironizar as identidades também pode acordar demónios!

Assim, não admira que ao ser entrevistado por causa da tormenta criada a respeito da sua identidade como autor literário, Jorge Luís Borges tenha entrado no barco da ironia e tenha dito: *No estoy seguro de que yo exista, en realidad. Soy todos los autores que he leído, toda la gente que he conocido, todas las mujeres que he amado. Todas las ciudades que he visitado, todos mis antepasados...* (Fermosel, 1981)

Naquele momento, para adensar a glosa, ele até podia ter dito que ele próprio também era Heidegger e que quando se

WARM-UP

**I am every author I have read,
everyone I have known, every woman
I have loved. Every city I have visited,
all my ancestors...¹**

Jorge Luís Borges, 1981

*Being, being in, living, dwelling*² are attributes, states of mind, action-concepts, social constructs or self-constructs?

All of them! They are all of them and at the same time!

That is what Jorge Luís Borges' words mean in an interview given in 1981, during a turmoil created by an article published in issue 44 of *Cabildo*, an Argentinian magazine. In that article, the author, Aníbal d'Angelo Rodriguez, signing with the pseudonym Dan Yellow, talked about the idea that Borges does not exist³, imagine that! That, in truth, he was a group of writers incarnated in a figure from the performing arts.

Well, after that, surprisingly or not, the gloss was internationally amplified in the media, with several ironies added to the discussion. That was the case of *L'Express*, French, where it was even written that the Argentinian magazine had published a lie with Dan Yellow's article!

In turn, Aníbal d'Angelo Rodriguez outraged by *L'Express* did not lose time and published a reaction in *Cabildo*'s following issue: "If I would say, for example, that France does not exist and someone would take this claim as seriously as my previous one, panic would spread. [...] Fortunately, there is no motive for that. However, the France I met and loved, the France whose language I learnt and whose literature I visited, that France appears to have been replaced by a bad comedy played by small-time actors."⁴ (Fermosel, 1981)

As one can see, the turmoil reached a, let's put it this way, "delicate" point. "Delicate"



Vista da cidade do Mindelo, a partir de Alto de Bomba,
Fotografia de Diogo Bento 2019 / View of the city of Mindelo,
from Alto de Bomba, Photograph by Diogo Bento, 2019.

because ironising with identities is always quite risky, be it the identities of nations, cultures, subcultures or people, individually or collectively. It is a risk because it tampers with what has built us and maintains us who we are, that is, it tampers with what connects us to the world.

Indeed, tampering with what has built us and connects us to the world can wake up monsters!

T.N.: Translated from the original text's quote: *Soy todos los autores que he leído, toda la gente que he conocido, todas las mujeres que he amado. Todas las ciudades que he visitado, todos mis antepasados.*

1

T.N.: In Portuguese, "being" can mean either "ser" or "estar": while the latter refers to being present, the former has to do with having a state or a condition. I have added "in" so as to attempt an approximation to the original, conveying two differing states: ser, estar has thus been translated to "being, being in", as "in" supports the spatial aspect of it.

2

T.N.: Translated from the original text's quote: *Si yo afirmara, por ejemplo, que Francia no existe y alguien se tomara tan en serio esta afirmación, más como la anterior, podría causar el pánico. [...] Afortunadamente, no hay por qué. Pero la Francia que conocí y amé, la Francia cuyo idioma aprendí y cuya literatura frecuenté, esa Francia parece haber sido sustituida por una mala comedia representada por actores de segunda.*

4

3



Alto de Bomba depois das chuvas de 2020, Jakob Kling, 2020.
Alto de Bomba after 2020 rains, Jakob Kling, 2020.

descrevia a ele mesmo como o resultado de uma construção do mundo que visitou, do mundo em que vivia, dos seus antepassados e das pessoas que conhecia, era a maneira de ele dizer “dasein”. Mais: Borges também podia ter dito que publicou em 1954, sob o pseudónimo Martin Heidegger, um texto com o título *Construir habitar pensar* e que não pôs vírgulas entre os três conceitos porque eles “...constituem uma única experiência [pois], o homem deve estar integrado na natureza, num lugar que tenha construído sem muito artifício, numa casa dedicada ao pensamento.” (Sennett, 2018, p. 128) Por isso dizia que, originalmente, *construir* significava *habitar*. (Heidegger, 1954, p. 145)

Jorge Luís Borges podia ter dito tudo isto, mas, como se sabe, não disse.

Não era necessário.

EMBRAIAGEM

Aproximando-nos do que este texto trata, o que era mesmo necessário – agora mais do que nunca – era que se entendesse que a identidade das pessoas,

individualmente ou em comunidade, é um conceito gémeo do habitar.

É um conceito gémeo, porque habitar é construir um lugar e a ele pertencer. É morar nesse lugar e nele ter bem-estar.

Mais, mais necessário ainda era que os fazedores de políticas públicas que se diz que são políticas de habitação, não confundissem o habitar com a “construção de prédios de apartamentos”.

Habitar não é sequer sinónimo de *casa*, muito menos de *apartamento*! As casas ou os apartamentos fazem parte do habitar, mas este não se esgota nas casas ou nos apartamentos.

Habitar é ser de um lugar!

É construí-lo e a ele pertencer.

Morar nele e nele ter bem-estar.

Por isso, habitar não é uma “coisa”.

É um estado de permanente interação com o lugar que nos fez e que nós fizemos. Por ser muito complexo, o habitar e o que faz a sua essência abrem-se a tantas interpretações. Desde leituras que incidem nos usos e vivências do(s) espaço(s), que incidem nas expressões estéticas, sociais e artísticas com que nos relacionamos com o(s) outro(s) ou que incidem nas atividades que desenvolvemos para subsistir.

Assim, o habitar interessa a muitas disciplinas. Desde a antropologia e a sociologia, até à psicologia e à ecologia. Mas também à filosofia, arquitetura, economia, medicina e muitas outras disciplinas. Não apenas a qualquer uma delas, mas a todas e em articulação. É por isso que não é nada aconselhável resumir o habitar à construção de casas para providenciar habitação.

E onde é que era importante que os fazedores de políticas de habitação não fizessem esta confusão?

Em todo o lado!

Em todo o lado porque em todo o lado se confundem estes conceitos e, pior, simultaneamente a classe política confunde “ambição política” com “ambição própria” e, como se sabe, esta baixa muito facilmente as armas ao mercado imobiliário, em detrimento daquela.

Por isso, é necessário que os políticos que têm a responsabilidade de fazer e implementar políticas de habitação, sejam literatos e coerentes; que compreendam que uma política de habitação é (redundantemente) uma política multissetorial, pois habitar é muito mais do que viver em casas ou apartamentos.



It's true it can wake up friendships we hold as eternal, it can wake up landscapes we will never forget or all the love that lives in us. But ironising with identities can wake up demons!

So, it is not surprising that upon being interviewed due to such turmoil about his identity as a literary author, Jorge Luís Borges boarded the irony boat and said: "I am not sure I exist, actually. I am every author I have read, everyone I have known, every woman I have loved. Every city I have visited, all my ancestors..."⁵ (Fermosel, 1981)

In that moment, to thicken the gloss, he could have even said that he, himself, was also Heidegger and that when he described himself as the result of a construction of the world he visited, the world he lived in, his ancestors and the people he knew, it was his way of saying "*dasein*". Furthermore: Borges could also have said that he had published under the pseudonym Martin Heidegger, in 1954, a text entitled *Building dwelling thinking*⁶ and that no commas were placed amongst the three concepts as they "...constitute a unique experience [as] man must be inserted in nature, in a place he built without much artifice, in a house dedicated to thinking."⁷ (Senett, 2018, p. 128). That is why, originally, he said *building* meant *dwelling*. (Heidegger, 1954, p. 145)

Jorge Luís Borges could have said all that, but, as it is known, he did not.

It was not necessary.

CLUTCH

Getting closer to what this text is all about, what was really necessary – now, more than ever – was understanding people's identities, individually or in community, is a twin concept to dwelling. It is a twin concept because dwelling is building a place and belonging to it. It is to live in that place and to feel well in it.

Even more necessary would be for the makers of public policies, those called housing policies, to not confuse dwelling with "the construction of apartment buildings".

Dwelling isn't even a synonym for *house*, let alone *apartment*! Houses and apartments are part of dwelling, but the latter is not limited to the former two.

Dwelling is being from a place!

It is to build it and to belong to it.

To Live in it and feel well in it.

Therefore, dwelling is not a "thing". It is a state of permanent interaction with the place that made us, and that we made. Due to its complexity, dwelling and what constitutes its essence are open to so many interpretations. From readings that fall on space(s)'s uses and experience, on aesthetic, social and artistic expressions with which we relate to the other(s) or on the activities we develop so as to survive.

As such, many subjects are interested in dwelling. From anthropology to sociology, to psychology and ecology. But also philosophy, architecture, medicine and several others. Not just any one of them, but all of them, in articulation. This is why it is not advisable to reduce dwelling to the construction of homes to provide housing.

And where would it be important for the makers of housing policies to not mix this up?

Everywhere!

Everywhere because these concepts are mixed up everywhere and, worse, the political class simultaneously mixes "political ambition" with "personal ambition" and, as it is known, the latter lowers its guard before the real estate market, in detriment of the former.

This is why it is necessary for the politicians who have the responsibility to make and implement the housing policies to be literate and coherent; to understand that a housing policy is (redundantly) multi-sectoral, as dwelling is much more than living in houses or apartments.

T.N.: Translated from the original text's quote: Soy todos los autores que he leído, toda la gente que he conocido, todas las mujeres que he amado. Todas las ciudades que he visitado, todos mis antepasados...

5

T.N.: In the original text: Construir habitar pensar.

6

T.N.: Translated from the original text's quote: ...constituem uma única experiência [pois], o homem deve estar integrado na natureza, num lugar que tenha construído sem muito artifício, numa casa dedicada ao pensamento.

7

ACELERAÇÃO

O arrazoado do Aquecimento e da Embraiagem tem implícito, simultaneamente, um elogio e um lamento. Um elogio que é dirigido ao método adotado pela Iniciativa Outros Bairros (IOB) na atuação em Alto de Bomba, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde, para ensaiar a reabilitação de assentamentos autoconstruídos e precários. Um método que assenta em premissas fundamentais para melhorar o habitar das pessoas que moram nestas áreas urbanas em Cabo Verde.

A perspetiva da IOB, tal como assumida em 2019 pelo Governo de Cabo Verde através de Eunice Silva, Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação, era a de alargar a sua intervenção a outros 2 bairros da cidade de Mindelo – Covada da Bruxa e Fernando Pó – tendo Alto de Bomba como um laboratório vivo do método adotado, ou seja, depois de Alto de Bomba, Covada da Bruxa e Fernando Pó!

É esta memória que as pessoas destas 3 áreas autoconstruídas de Mindelo guardam. Destas áreas e não só.

Pois bem, até ao início dos trabalhos de planeamento da estratégia de intervenção no Alto de Bomba, este tipo de áreas urbanas tinha sido objeto de ações uniformizadas no âmbito das políticas de habitação em Cabo Verde (com foco na construção de conjuntos habitacionais), o que significa, desde logo, que o habitar de uma parte considerável da população urbana cabo-verdiana, não preocupou (no sentido de não ser priorizado) até recentemente e de forma substancial, os fazedores de políticas públicas.

Então, o que os preocupou sempre e bem?

Foram as políticas de habitação!

Aliás, como não podia deixar de ser, o direito à habitação condigna está consagrado na Constituição da República de Cabo Verde no Artigo 71º – Habitação e Urbanismo. Porém, habitar não carece apenas da *...criação de condições económicas, jurídicas, institucionais e infraestruturais adequadas...*, nem apenas da *...iniciativa privada na produção de habitação e [de se] garantir a participação dos interessados na elaboração dos instrumentos de planeamento urbanístico.*

Habitar carece de muito mais!

ACCELERATION

What has been argued in the Warm-Up and in the Clutch implies, simultaneously, a compliment and a lament. A compliment to the method adopted by the Iniciativa Outros Bairros (Other Neighbourhoods Initiative) [IOB] in its operations in Alto de Bomba, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde, to test self-built and precarious settlements. A method based on fundamental premises to improve the dwelling of people who live in these urban areas of Cabo Verde.

IOB's aim, as assumed in 2019 by the Caboverdean government through Eunice Silva, Minister for Infrastructures, Territorial Planning and Housing, was that of expanding its intervention to two other neighbourhoods from Mindelo – Covada da Bruxa and Fernando Pó –, as Alto de Bomba would serve as a living laboratory for the adopted method, in other words, after Alto de Bomba, Covada da Bruxa e Fernando Pó!

This is the memory kept by the people of these three Mindelo self-built areas. Not only from these three areas.

Well, until the start of the work planning for Alto de Bomba's intervention strategy, these types of urban areas had been subjected to standardised actions following Cabo Verde's housing policies (with emphasis on the building of housing complexes), which means that the dwelling of a significant part of the urban Caboverdean population only very recently and substantially represented a concern (as it was not prioritised) to the makers of housing policies.

So, what has always worried them?

The housing policies!

In fact, as it should, the right to proper housing is consecrated in article 71 — Housing and Urbanism — of the Constitution of the Republic of Cabo Verde. Nevertheless, dwelling not only lacks the *creation of the adequate economical, juridical, institutional and infrastructural conditions, the private initiative in the production of housing while guaranteeing the participation of those concerned with the elaboration of urban planning's instruments.*

Dwelling lacks so much more!

Dwelling is being from a place.

It is to build it and to belong to it.

To Live in it and feel well in it.

Now, given that the precarious



Habitar é ser de um lugar.
É construí-lo e a ele pertencer.
Morar nele e nele ter bem-estar.

Ora, tendo em conta que nas duas maiores cidades cabo-verdianas (Praia e Mindelo, respetivamente com cerca de 137 mil e 69 mil habitantes) os assentamentos precários constituem uma parte considerável das suas periferias e que estas não param de crescer, alargando ou densificando-se, isto significa que a precariedade habitacional (que não se resume à falta de habitações) faz parte da paisagem urbana destas cidades, mas não fez parte da “paisagem” das políticas públicas até há poucos anos.

Aliás, porque a precariedade habitacional também faz parte da paisagem de outras cidades e lugares de Cabo Verde, somos levados a concluir que o habitar de uma parte considerável da população urbana a nível nacional não foi considerado, até recentemente, com políticas fortes para o melhorarem efetivamente.

Será que a melhoria do habitar nos assentamentos autoconstruídos vai ser considerada a partir de agora? Ou será uma conclusão errada? Precipitada?

Pois bem, estar a discutir-se esta questão agora é, quiçá, o maior ganho da IOB. É graças ao método adotado pela IOB que esta discussão está a ter lugar, e que é um método que assenta em princípios de intervenção que não confundem os problemas que se instalam na cidade, com as suas causas.

Falta de habitação condigna não é o PROBLEMA das áreas autoconstruídas, é apenas uma parte! É assim que a IOB entende as áreas urbanas autoconstruídas e, por isso, não cai na tentação de dar uma resposta aparentemente mais simples, ainda que muito dispendiosa, a uma faceta dos problemas destas áreas, em detrimento do intrincado de questões que criam essa precariedade. Essas questões, essas causas também têm de ser objeto de intervenção das políticas públicas, nacionais ou locais.

No entanto, não é este o método mais comum para fazer face ao problema da precariedade habitacional e o que ocorre amiúde é não distinguir-se o problema das suas causas e, com esta confusão, pensar-se assim:
“O problema é habitação? É falta

settlements in Cabo Verde’s two largest cities (Praia and Mindelo, with, respectively, 137 thousand inhabitants and 69 thousand inhabitants) constitute a significant part of its peripheries and they do not cease to grow, expanding in their area or becoming denser, this means that the housing precariousness (which must not be reduced to a lack of houses) is part of the urban landscape of these cities, but only in recent years it has become part of the public policies’ “landscape”.

As a matter of fact, as the precariousness in housing is also part of other Caboverdean cities and places’ landscape, we have to conclude that, at a national level, the dwelling of a significant part of the urban population has only been recently considered, with strong policies to actually improve it.

Will the improvement of dwelling in self-built urban settlements be considered from now on? Or is it a wrong conclusion? Precipitated?

Well, discussing this matter now, is, perhaps, IOB’s greatest gain. It is thanks to IOB’s adopted method that this discussion is happening, a method based on principles of intervention that do not mix the issues that are installed in the city with their causes.

The lack of proper housing is not the self-built areas’ PROBLEM, it is just one part of it! That is how IOB understands self-built urban areas and, because of that, it does not fall into the temptation of providing an apparently simpler, yet costly, answer to a side of these areas’ problems to the detriment of the intricate issues that create such precariousness. These issues, these causes, must also be targeted by the public, national or local policies.

However, this is not the most common method to face the issue of housing precariousness and what often happens is the non-distinction between the problem and its causes and, with this mix-up, thinking in such manner: “Is housing the issue? Is it the lack of proper housing? So, let there be housing units, no matter the location but preferentially where the land’s cheaper.” This is the result. Then comes the launch of a programme claiming that *Houses for Everyone* will be built, but no answers for all sides of the matter dwelling are given. Only an attempt to provide roofs, as if it were enough!

de habitação condigna? Então construam-se prédios de habitação, seja onde for e de preferência onde os terrenos sejam baratos.” É este o resultado. A seguir lançam-se programas em que se diz que se vai construir *Casa para Todos*, mas não se dão respostas a todas as facetas do problema do habitar. Apenas se tenta dar tetos, como se isso bastasse!

E se os prédios de apartamentos forem construídos em sítios que não estão servidos de transportes coletivos e ficarem a milhas de escolas e de mercados? E se as pessoas que forem realojadas ficarem longe dos lugares onde viviam e aos quais dizem e sentem que pertenciam? E se essas pessoas perderem as relações de amizade e vizinhança que tinham nos lugares onde viviam? E se a economia dessas famílias assentava nesses lugares onde viviam? E se as pessoas perderem o seu lugar?

ELOGIO DA VIAGEM

Estas são as preocupações da IOB e que a fazem contestar a opção da construção de novos bairros de habitação social como regra. Por isso é que o método de intervenção da IOB é outro.

É original?

Nunca ninguém pensou do modo como se pensa na IOB?

Não. O método da IOB não é original em termos internacionais e luta contra as mesmas forças com que lutaram todos os outros que pensaram e atuaram do mesmo modo antes, nomeadamente contra a força do mercado imobiliário e a de todas as atividades que lhe estão associadas!

O método não é original e podemos recuar até à década de 1960 para identificar, em Itália, algumas das possíveis referências do método da IOB, no que diz respeito às intervenções necessárias para resolver problemas habitacionais que se manifestam de uma forma localizada nas cidades. No final dessa década, entendendo que o desenvolvimento das cidades evoluiria no sentido da sua própria desagregação se elas fossem deixadas a si mesmas a lidar com as lógicas do capital, emergiu na região da Emília-Romanha, um movimento político que tornou esta região um campo fértil para o ensaio de políticas urbanas que se caracterizavam,

What if housing units were to be built in places without collective transportation, miles away from schools and markets? What if the relocated people were to be far from the places where they lived in, from where they feel they belong to? What if those people were to lose the relations of friendship and neighbourliness they had where they lived in? What if these families' economic activities was based on those places where they lived in? What if those people were to lose their place?

IN PRAISE OF THE JOURNEY

These are the IOB's concerns and this is what makes it contest the construction of new social housing quarters as a pre-established rule. This is why the IOB's method of intervention is different.

Is it original?

Has not anyone ever thought in the same manner as the IOB?

No. The IOB's method is not original, internationally speaking, and it is fighting against the same forces those who have thought and acted likewise have fought against, namely against the forces of the real estate market and very activity associated to it!

IOB's method is not original and we can go back to the 1960s to identify, in Italy, some of the method's possible references in respect of the necessary interventions to solve housing problems, locally manifested within cities. At the end of such decade, following the understanding that the cities' development would end up in their own disintegration if they would be left to deal with the logic of capital by themselves, a political movement emerged in the region of Emilia-Romagna, a movement that turned such region into a fertile ground for experimenting in urban policies fundamentally characterised by the configuration of historical centres as factors in urban cohesion.

At that time, most of the cities' populations lived in the old urban areas. However, it was evident that such areas' tertiarisation, along with the peripheries' unregulated growth, would result in various kinds of instabilities, especially social ones.

In this respect, Bologna's case is one of the most discussed. This city has been a laboratory for such policies and what was sought was, precisely, to avoid the periphery becoming a pile-up of residential areas without services;



Alto de Bomba depois das chuvas de 2020, Jakob Kling, 2020 / Alto de Bomba after 2020 rains, Jakob Kling, 2020.

fundamentalmente, por configurar os centros históricos como um fator de coesão urbana.

Nessa altura ainda era nas áreas urbanas antigas que vivia grande parte da população das cidades. Porém, era notório que a terciarização dessas áreas, a par do crescimento desregulado das periferias, iriam criar desequilíbrios de toda a ordem nas cidades, sobretudo desequilíbrios sociais.

O caso de Bolonha é um dos mais discutidos a este respeito. Esta cidade foi um laboratório de ensaio daquelas políticas e o que se procurou foi, precisamente, evitar que a periferia se convertesse num amontoado de áreas de habitação desprovidas de serviços; que o centro histórico permanecesse como uma área residencial; e que a população participasse ativamente na gestão da cidade como coisa pública.

to keep the historic centre as a residential area; and for the population's active participation in the management of the city as a public thing.

This was crucial to what was argued by the coordinators of the installed expanded process of urban intervention: "If the historical centre is the cause and effect of the metropolitan development process, the issues of preservation and reorganisation cannot (in turn) be questioned and solved solely within the historical nucleus' scope."⁸ (Cervellati, *et al.*, 1981, p. 16).

Cohesion was the watchword; that is what could not be lost.

This is why thoroughly understanding the problem, its origins and causes, and acting upon its various aspects was regarded as the key to solving the issues of certain parts of the city. In fact, given the cities' complexities, their problems are always plural.

T.N.: Translated from the original text's quote using the author's own translation. Original text's quote: Se o centro histórico é causa e efeito do processo de desenvolvimento metropolitano, os problemas de conservação e reordenamento não podem (por sua vez) ser colocados e resolvidos apenas no âmbito do núcleo histórico. Quote used by the author:

Si le centre historique est la cause et l'effet du processus de développement métropolitain, les problèmes de conservation et de réorganisation ne peuvent (à leur tour) être posés et résolus dans le seul cadre du noyau historique.

Era esta a ideia-base defendida pelos coordenadores de um processo alargado de intervenção urbana que então se instalou: “Se o centro histórico é causa e efeito do processo de desenvolvimento metropolitano, os problemas de conservação e reordenamento não podem (por sua vez) ser colocados e resolvidos apenas no âmbito do núcleo histórico.”¹ (Cervellati, *et al.*, 1981, p.16)

Coesão era a palavra de ordem; era o que não se queria perder.

Por isso é que se entendia que para resolver os problemas de uma parte da cidade, era preciso compreender cabalmente o problema, ou sejam as suas origens, as suas causas, e atuar sobre as suas diversas facetas que o compunham. De facto, dada a complexidade das cidades, os seus problemas são sempre problemas plurais.

Por isso se entendia que não basta intervir apenas sobre uma faceta do problema.

Pois bem, qual foi o instrumento urbanístico que se preparou para resolver os problemas em Bolonha que se manifestavam naquela altura no centro histórico e evitar que surgissem mais problemas habitacionais noutras áreas da cidade, nomeadamente na periferia?

*Piano Edilizia Economica e Popolare!*²

Foi um plano centrado na questão “habitação” e tanto na sua preparação, como na sua implementação, não se renderam ao mercado imobiliário!

A preocupação era o direito à cidade e a qualidade do habitar. De se *morar* no centro histórico e nele ter bem-estar, o que implicava muito mais do que casas ou apartamentos, feitos de novo ou reabilitados.

Sinais deste método no caso de Bolonha?

A construção de equipamentos públicos na periferia, a par da construção de habitações; a sistematização de regras para reabilitação de edifícios do centro histórico para habitação; a participação dos pais na gestão das escolas; o refreamento da terciarização do centro histórico.

Sim, habitar é muito mais do que residir em casas ou apartamentos...



Alto de Bomba depois das chuvas de 2020, Jakob Kling, 2020.

This is why it is considered that intervening upon a single aspect of the problem is not enough.

Well, then, what was the urban instrument prepared to solve the problems that were emerging in Bologna’s historical centre and to avoid the occurrence of other housing problems in different areas of the city, namely its periphery?

The Plan for Economic and Popular Housing!⁹

It was a plan centred in the issue of “housing”, never conceding to the real estate market, be it in its preparation or in its implementation!

It was concerned with the right to the city and with the quality of dwelling. To live in the historical centre and to feel well in it, meaning so much more than houses or apartments, new or refurbished.

Tradução do autor do texto “Si le centre historique est la cause et l’effet du processus de développement métropolitain, les problèmes de conservation et de réorganisation ne peuvent (à leur tour) être posés et résolus dans le seul cadre du noyau historique.”

T.N.: In Italian: *Piano di Edilizia Economica e Popolare*.



Alto de Bomba after 2020 rains, Jakob Kling, 2020.

Na mesma década, mas em Portugal, era defendido o mesmo método de atuação para resolver problemas habitacionais das cidades com o caso da Ribeira/Barredo, no Porto. Na altura, esta área do Porto tinha diversos problemas e muito preocupantes, como a insalubridade e degradação do edificado ou sobrepovoamento, com habitações a serem arrendadas, em simultâneo, a várias famílias.

Num Estudo de Renovação Urbana do Barredo (ERUB) coordenado por Fernando Távora (1969, p.37), defendia-se que, do “...ponto de vista urbanístico, as operações de renovação urbana deverão enquadrar-se num conceito global de Cidade, dado que são operações que pela sua importância e suas consequências, não se compadecem com uma visão do fenómeno em si, mas devem antes ser encaradas como

Evidences of this method in Bologna? The construction of public services buildings in the periphery along with housing complexes; the systematisation of rules for the historical centre buildings’ refurbishment, aiming at housing; the participation of parents in the managing of schools; the restraint of tertiarisation in the historical centre.

Yes, dwelling is much more that residing in houses or apartments...

In the same decade, but in Portugal, the same method was advocated for solving the cities’ housing problems, like the Ribeira/Barredo case in Porto. At that time, this area had several and quite alarming problems, like the buildings’ insalubridade and degradation, as well as overpopulation, with some houses being simultaneously rented to different families.

Coordinated by Fernando Távora (1969, p. 37), the Barredo Urban Renovation Study¹⁰ (ERUB), argued that from “...a town planning perspective, the operations of urban renovation must be framed within a global concept of City, since they are operations that by their importance and consequences that are not concerned with a vision of the phenomenon in itself, but, rather, must be faced as fundamental elements and stimulating poles of an urban restructuring.”¹¹

Upon the presentation of the foundation of ERUB’s options, Fernando Távora (1969, p. 32), symbolically and revealing his concerns, argued “...that men are worth infinitely more than houses...”¹²

So, what did Fernando Távora stand for?

He stood for the right to people remain where they lived, because dwelling is being from a place. It is to build it, thus to belong to it.

In this way, Fernando Távora (1969, p. 32) drew attention to the fact of “...the population’s total displacement (...) [being] extremely inhumane; a population, by its acquired rights and obligations the City has before it, is not amenable to massive dislocations that not only hurt its economic

T.N.: In Portuguese: *Estudo de Renovação Urbana do Barredo.*

10

T.N.: Translated from the original text’s quote: “...ponto de vista urbanístico, as operações de renovação urbana deverão enquadrar-se num conceito global de Cidade, dado que são operações que pela sua importância e suas consequências, não se compadecem com uma visão do fenómeno em si, mas devem antes ser encaradas como elementos fundamentais e pólos dinamizadores de uma reestruturação urbana.”

11

T.N.: Translated from the original text’s quote: “...que os homens valem infinitamente mais do que as casas...”

12

elementos fundamentais e pólos dinamizadores de uma reestruturação urbana.”

Em jeito simbólico e revelando as suas preocupações, ao apresentar os fundamentos das opções do ERUB, Fernando Távora (1969, p.32) defendia “...que os homens valem infinitamente mais do que as casas..”

Então, o que é que Fernando Távora defendia?

Defendia o direito de as pessoas ficarem no lugar onde moravam, porque habitar é ser de um lugar. É construí-lo e, por isso, a ele pertencer.

Assim, Fernando Távora (1969, p. 32) chamava a atenção para o facto de “...a deslocação total da população [...] [ser] extremamente desumana; uma população, pelos seus direitos adquiridos e pelas obrigações que a Cidade tem para com ela, não é passível de deslocações maciças que ferem não apenas os seus interesses económicos, mas toda a sua estrutura social e psicológica.”

Portanto, o método da IOB tem raízes que nos levam longe no tempo.

Levam-nos longe no tempo, mas também nos levam à ideia de que uma política do habitar não se constrói num recinto fechado onde apenas os políticos têm acesso, mas é antes uma construção partilhada. Partilhada, desde logo, com os principais visados, ou seja, os moradores das áreas urbanas a intervencionar, mas também com a academia, onde projetos pedagógicos podem produzir uma reflexão crítica essencial para se compreenderem as várias facetas dos problemas e indagar possíveis respostas.

Isto aconteceu tanto em Bolonha como no Porto. No primeiro caso, com trabalhos coordenados por Leonardo Benevolo no início da década de 1960, importantes para a definição de regras para reabilitação de edifícios do centro histórico; no segundo caso, com trabalhos coordenados por Octávio Lixa Filgueiras na disciplina *Arquitetura Analítica* do curso de Arquitetura da Escola Superior

interests, but also its entire social and psychological structure.”¹³

So, IOB’s method has roots that take us back in time.

They take us back in time, but they also take us to the idea that a politics of dwelling is not built within an enclosed arena only accessed by politicians, but, rather, it is a shared construction. Shared with those most concerned, i.e., the ones who reside in the urban areas targeted to be transformed, but also the academy, where pedagogical projects can produce an essential critical reflection on this matter’s various issues and seek possible answers.

This happened both in Bologna and in Porto. In the former, with works coordinated by Leonardo Benevolo during the early 1960s, relevant in the definition of rules to the rehabilitation of the historical centre’s buildings; in the latter, with works coordinated by Octávio Lixa Filgueiras in the Architecture course’s subject *Analytical Architecture*¹⁴, in the Superior School of Fine Arts of Porto¹⁵ (Moniz, Correia, Gonçalves, 2019).

Since the 1960s, the construction of international agendas for sustainability has come a long way, defining 17 main goals with which we are committed to, more precisely, 17 main goals and 169 targets, with 231 monitoring indicators.

Goal 11 – Sustainable Cities and Communities – is what concerns us here: the living conditions in Cabo Verde’s self-built areas and IOB’s experiment in Alto de Bomba’s urban rehabilitation.

One of the targets in Goal 11, intended to be fulfilled until 2030, is “... to guarantee that everyone has access to safe, adequate and affordable housing, and basic services, and to better the conditions within slums.”¹⁶ I underline better, as it differs significantly from renovating self-built areas or displacing people.

Mind, “renovating” means demolishing everything and building something else, i.e., re-urbanising!

T.N: Translated from the original text’s quote: *...a deslocação total da população [...] [ser] extremamente desumana; uma população, pelos seus direitos adquiridos e pelas obrigações que a Cidade tem para com ela, não é passível de deslocações maciças que ferem não apenas os seus interesses económicos, mas toda a sua estrutura social e psicológica.*

13

T.N: Translated from the original text: *Escola Superior de Belas Artes do Porto.*

15

T.N: Translated from the original text’s quote: *...garantir o acesso de todos a habitação segura, adequada e a preço acessível, e serviços básicos, e melhorar as condições nas favelas.*

de Belas Artes do Porto (Moniz, Correia, Gonçalves, 2019).

Ora, da década de 1960 até agora, percorreu-se um caminho longo na construção de agendas internacionais para o desenvolvimento sustentável com 17 objetivos com os quais todos estamos comprometidos, mais precisamente, 17 objetivos e 169 metas, com 231 indicadores de monitorização.

O Objeto 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis é o que nos preocupa no caso em apreço: as condições de vida nas áreas autoconstruídas de Cabo Verde e a experiência levada a cabo pela IOB para a reabilitação urbana de Alto de Bomba.

Uma meta do Objeto 11, que se pretende cumprir até 2030, é “...garantir o acesso de todos a habitação segura, adequada e a preço acessível, e serviços básicos, e melhorar as condições nas favelas.” Sublinho melhorar, pois é muito diferente de renovar áreas autoconstruídas ou de deslocar as pessoas.

Atenção, “renovar” significa demolir tudo e construir outra coisa nova, ou seja, reurbanizar!

Pois bem, veja-se o grau de sucesso, melhor, de insucesso deste método no caso de Dharavi, uma das maiores áreas autoconstruídas da Ásia. Como defende Liza Weinstein (2014), um processo de reurbanização de favelas não pode deixar de ter em consideração o ativismo que se gera em torno do direito à cidade, do direito de permanência das pessoas nos locais onde vivem.

De acordo com ela, Mukesh Mehta, coordenador mais recente do processo de reurbanização de Dharavi, através de um Redevelopment Project preparado pelo Governo indiano, rapidamente reconheceu a força dos moradores em Dharavi, em particular da sua inserção em “redes (globais) de ativistas dedicados à questão da habitação” (Weinstein, 2014, p.139). Por

Well, then, take this method’s level of success, or, rather, failure, in Dharavi, one of Asia’s largest self-built areas. As argued by Liza Weinstein (2014), a re-urbanisation process of slums cannot disregard the activism generated around the people’s right to the city, the people’s right to stay in the places where they live.

According to her, Dharavi’s re-urbanisation process’s most recent coordinator, Mukesh Mehta, through a redevelopment project set by the Indian Government, early understood the strength of Dharavi’s residents, particularly in their inclusion within “(global) networks of activists dedicated to housing issues”¹⁷ (Weinstein, 2014, p. 139). Because of that, the method had to be reconsidered, as the word of order for these processes should not be “to impose urban models”.

So, improving the living conditions in self-built areas is IOB’s motto. This is why the adopted method in Alto de Bomba’s intervention was based on seeking the answer to the question: “...can collective actions in self-built zones contribute to the emergence of a collective subject that assures the recognition of the local way of life?”¹⁸ (Flores, Pina, Fortes, 2020, p. 29)

The praise is given. And the lament!?

The lament refers to the indetermination of IOB’s continuity since the end of 2021, an indetermination that has led to complaints¹⁹ by people from Alto de Bomba, while unsettling many others.

DISQUIETUDE: WHAT’S NEXT?

In three years of intervention in Alto de Bomba, the impact IOB has generated in this self-built area of Mindelo, as well as the debate produced on these kind of urban areas’ future, has been significant and varied. In fact, it could not have been any other way, as IOB’s adopted method was based on a politics of dwelling and, as such, integrally reading Alto de Bomba’s issues and,

T.N: Translated from the original text’s quote: *redes (globais) de ativistas dedicados à questão da habitação.*

17

T.N: Translated from the original text’s quote: *...podem ações coletivas em zonas autoconstruídas contribuir para o aparecimento de um sujeito coletivo que garanta o reconhecimento do modo de vida local?*

18

One of the manifestations that made itself most heard, was made by the group of pavers *Amdjer at Obra* (a collective founded in 2019 through IOB) with an Open Letter sent to Minister Eunice Silva. In that Letter, they displayed

19

significant expectations to the continuity of the requalification of Alto de Bomba’s public space and “...the construction of the water deposit and the electrical grid, of water supply, sewage and pluvial drainage...” (*Amdjer na Obra* teme desemprego com estagnação das obras”, 2021), and also to the expanding of IOB’s action to Covada da Bruxa e Fernando Pó, as announced in 2019 and on IOB’s launch. T.N: *Amdjer na Obra* is Caboverdean creole for Women in the Working Site.



Acesso realizado no projeto pontual 03, Marcelo Londoño, 2021 / Access carried out in punctual 03 project, Marcelo Londoño, 2021.

isso, o método teve de ser revisto, porque a palavra de ordem nestes processos não deve ser “impor modelos urbanos”.

Pois bem, melhorar as condições de vida nas áreas autoconstruídas é o lema da IOB. Por isso é que o método adotado na intervenção em Alto de Bomba se baseou na procura da resposta à questão: “...podem ações coletivas em zonas autoconstruídas contribuir para o aparecimento de um sujeito coletivo que garanta o reconhecimento do modo de vida local?” (Flores, Pina, Fortes, 2020, p. 29)

O Elogio está dito. E o lamento!?

O lamento é relativo à indefinição da continuidade da IOB que se instalou no final de 2021, uma indefinição que tem dado azo a reclamações³ de pessoas de Alto de Bomba e que inquieta muito muitas outras pessoas.

INQUIETAÇÃO: QUE CAMINHO?

Em 3 anos de intervenção em Alto de Bomba, os impactos gerados pela IOB nesta área autoconstruída de Mindelo, bem como na

in the same manner, seeking to provide an answer to them.

Dwelling in Alto de Bomba, bettering dwelling in Alto de Bomba is what concerns IOB. So, the team did not limit themselves to think about solutions to better the housing conditions nor did they restrict the reflection and interventions supported to the interiors of the houses.

The descriptions of these interventions and the setting up of IOB’s strategy have already been published²⁰ and, consequently, it is not necessary to do it here. Regardless, it is important to highlight one of the most important aspects of IOB’s global strategy and the interventions themselves: their quality.

As for the interventions in the public space, such quality is evident in the solutions’ architectonic features, with the use of unpretentious materials and building systems, albeit employed with great sensibility and efficiency. With regard to projects that intervene in the socio-economical context of Alto de Bomba’s

Uma das manifestações que se fez ouvir mais alto a este respeito foi feita pelo grupo de calceteiras *Amdjer na Obra* (um coletivo fundado em 2019 através da IOB) com uma Carta Aberta enviada à Ministra Eunice Silva. Nessa Carta manifestam uma enorme expectativa sobre a continuidade das obras de requalificação do espaço público de Alto de Bomba e “...da construção do depósito de água e das redes de eletricidade, de abastecimento de água, de esgoto e de drenagem pluvial...” (“*Amdjer na Obra* teme desemprego com estagnação das obras”, 2021), bem como sobre o alargamento da ação da IOB para as zonas de Covada da Bruxa e Fernando Pó, tal como foi anunciado em 2019 no lançamento da IOB.

discussão sobre o futuro deste tipo de áreas urbanas, foram variados e significativos. Aliás, não podia ter sido de outra forma, dado o método adotado pela IOB se basear numa política para o habitar lendo de forma integrada os problemas de Alto de Bomba e procurando dar-lhes resposta do mesmo modo.

Habitar Alto de Bomba, melhorar o habitar em Alto de Bomba é o que preocupa a IOB. Por isso, a equipa não se limitou a pensar em soluções para melhorar as condições de habitabilidade das casas ou não limitou a sua reflexão e as intervenções que promoveu ao interior das casas.

As descrições destas intervenções e da montagem da estratégia da IOB para Alto de Bomba já foram publicadas noutras edições⁴ e também surgem nesta, pelo que não é necessário fazê-lo aqui. De qualquer forma, é importante dar relevo a um dos aspetos mais importantes da estratégia global da IOB e das intervenções propriamente ditas: a sua qualidade.

No que toca às intervenções nos espaços públicos, essa qualidade revela-se nas características arquitetónicas das soluções, com recurso a materiais de construção e sistemas construtivos nada pretensiosos, mas usados com grande sensibilidade e eficiência. No que diz respeito a projetos de intervenção no quadro social económico das famílias de Alto de Bomba, essa qualidade está bem sintetizada nas palavras de Miriam Lopes, moradora jovem que criou um negócio de venda de iogurtes para os trabalhadores nas obras, quando diz “Eles ajudaram-me muito. Assim como eu os ajudei, ajudaram-me muito também, porque eu estava a ganhar o “pão” para dar aos meus filhos”. (Outros Bairros, 2020, 2:54)

Ora, estas qualidades já foram reconhecidas internacionalmente com a atribuição do primeiro lugar à Reabilitação Urbana de Alto de Bomba no prémio “Obra

families, that quality is well abridged in the words of Miriam Lopes, a young resident who created a yogurt selling business aimed at the construction workers, she says that “They helped me a lot. Just as I have helped them, they have helped me greatly, because I was earning the “bread” to give to my children”²¹. (Outros Bairros, 2020, 2:54)

Now, these qualities have already been internationally recognised with ArchDaily’s Work of the Year Award in 2022²². Still, it is important to stress the interventions in the public spaces have been imagined as a vehicle to create a “structure” in Alto de Bomba. Structure in the physical space, of course, but also in the social and economic space of this area of Mindelo.

The requalification of Alto de Bomba’s public spaces has not been solely thought as this self-built area’s “embellishment”, but as a means to respond to urgent needs, namely, to improve mobility and to strengthen the area’s building stability, by creating pluvial drainage systems. But, the same interventions in the public space were also made to bolster the social relations within Alto de Bomba’s community, creating comfortable leisure areas. Moreover, as the projects were elaborated with the participation of Alto de Bomba’s people, and the works were executed by the men and women of Alto de Bomba (either by the collective *Amdjer na Obra*, founded in 2019 through IOB, or through men hired by the contractor that won the competition for this construction), the requalification of the public spaces has allowed for IOB to implement “...collective actions elaborated from the real/local [and] to establish new bridges that enable the places’ recognition from a collective subject. Such collective subject is understood as a group of different citizens or movements who are capable of building a single voice that assures the

As publicações referidas estão inseridas nas Referências Bibliográficas. 4

T.N: Translated from the original text’s quote: Eles ajudaram-me muito. Assim como eu os ajudei, ajudaram-me muito também, porque eu estava a ganhar o “pão” para dar aos meus filhos 21

In this regard, refer to <https://www.archdaily.com/981366/architecture-as-a-transforming-agent-urban-rehabilitation-in-cape-verde> 22

do Ano Archdaily” de 2022⁵. Ainda assim, importa relevar que as intervenções em espaços públicos foram pensadas como um veículo para criar “estrutura” em Alto de Bomba. Estrutura no espaço físico, claro, mas também estrutura no espaço social e económico desta área de Mindelo.

A requalificação de espaços públicos de Alto de Bomba não foi pensada meramente como um “embelezamento” desta área autoconstruída, mas como um meio para dar resposta a necessidades prementes, nomeadamente, melhorar a mobilidade e reforçar a estabilidade construtiva de toda a área, com a criação de sistemas de drenagem das águas pluviais. Mas, as mesmas intervenções no espaço público foram feitas para consolidar as relações sociais dentro da comunidade de Alto de Bomba, criando áreas confortáveis para o convívio. Aliás, porque os projetos foram elaborados com a participação das pessoas de Alto de Bomba e porque esses projetos foram executados com a participação de homens e mulheres de Alto de Bomba nas obras (quer através do coletivo *Amdjer na Obra*, fundando em 2019 através da IOB, quer através de homens contratados pela empresa de construção vencedora do concurso para estas obras), a requalificação dos espaços públicos permitiu à IOB pôr em prática “...ações coletivas elaboradas a partir do real/local [e] estabelecer novas pontes que permitam o reconhecimento dos lugares a partir de um sujeito coletivo. Sujeito coletivo esse que se entende como um grupo de diferentes cidadãos ou movimentos capazes de construir uma voz única que assegure a possibilidade de participação coletiva.” (Flores, Pina, Fortes, 2020, p. 29)

A IOB investiu também nouro tipo de intervenções aparentemente menos visíveis, quicá estruturalmente mais importantes para o quadro económico e social de Alto de Bomba. Desde logo a própria constituição do coletivo *Amdjer na Obra*, o que implicou a criação de respostas a problemas que podem parecer básicos numa vista apressada, mas

possibility of collective participation.”²³ (Flores, Pina, Fortes, 2020, p. 29).

IOB has also invested in another kind of interventions, less evident at first, but, perhaps, more important to Alto de Bomba’s socio-economical framework. The very constitution of the collective *Amdjer na Obra* meant that answers had to be provided to problems that appeared to be simple, at a glance, but that in such context had nothing straightforward about them. Answers were required so as to train a group of 10 women from Alto de Bomba in this activity. The training was guaranteed through IOB with five paver women from São Nicolau, Cabo Verde, with on-site coaching at Alto de Bomba.

Nevertheless, besides the pavers’ technical training, other responses had to be given: to deconstruct the prejudice regarding the building industry being culturally occupied by men, meaning that IOB had to enrol in a dialogue with the community, which was extremely important to the collective *Amdjer na Obra*’s social affirmation. This must not be forgotten! One must not forget that *Amdjer na Obra* was born out of the answers created by IOB to the people’s questions, needs and demands, so as to improve dwelling in Alto de Bomba.

In addition to this action that directly impacted several families’ economies, IOB also intervened in Alto de Bomba’s cultural scenario by promoting a hip-hop Creative Residency. In fact, after having learnt of KUBAKA’s existence, a small home studio from an Alto de Bomba resident, IOB launched this initiative curated by Redy Wilson Lima, and scaled up by Revan Almeida, Lenine Melo and Carlos Hernâni, resulting in the album KUBAKA (2021), produced with musicians that live in Alto de Bomba and DJs from Mindelo.

We must therefore return to IOB’s method.

If Alto de Bomba’s Problem is a plural one, the solutions cannot be singular. Especially if one considers that the solution can be to build a *House for Everyone*, doing nothing to ensure

Veja-se a este respeito a notícia disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/945781/reabilitacao-urbana-de-alto-de-bomba-outros-bairros>

5

T.N.: Translated from the original text’s quote: “...ações coletivas elaboradas a partir do real/local [e] estabelecer novas pontes que permitam o reconhecimento dos lugares a partir de um sujeito coletivo. Sujeito coletivo esse que se entende como um grupo de diferentes cidadãos ou movimentos capazes de construir uma voz única que assegure a possibilidade de participação coletiva.”

23

que no contexto em causa não têm nada de básico. Foi preciso dar respostas para a formação nesta atividade a um grupo de 10 mulheres de Alto de Bomba. Pois bem, a formação técnica foi assegurada através da IOB com 5 mulheres calceteiras da ilha de São Nicolau, Cabo Verde, com uma aprendizagem *in loco* em Alto de Bomba.

No entanto, além da formação técnica das calceteiras, propriamente dita, houve também que dar respostas de outro tipo: desconstruir o preconceito de o setor da construção civil ser culturalmente ocupado por homens, o que implicou que a IOB fizesse um trabalho de diálogo com a comunidade que foi importantíssimo para a afirmação social do coletivo *Amdjer na Obra*. Isto não pode ser esquecido! Não se pode esquecer que *Amdjer na Obra* nasceu com as respostas que a IOB criou para as perguntas, necessidades e exigências da população, para melhorar o habitar em Alto de Bomba.

Além desta ação que produziu impactos diretos na economia de várias famílias, a IOB também interveio sobre o quadro cultural de Alto de Bomba promovendo uma Residência Criativa *hip-hop*. De facto, depois de se ter tomado conhecimento da existência de KUBAKA, um pequeno estúdio caseiro de um morador de Alto de Bomba, a IOB lançou esta iniciativa, com a curadoria Redy Wilson Lima, e deu-lhe escala com a participação de Revan Almeida, Lenine Melo e Carlos Hernâni, resultando na edição do álbum KUBAKA (2021) produzido com músicos que vivem em Alto de Bomba e DJ's de Mindelo.

Assim, temos de voltar ao método da IOB.

Se o Problema de Alto de Bomba é um problema plural, as soluções não podem ser singulares. Muito menos se se pensar que a solução pode ser construir *Casa para Todos*, sem fazer nada que assegure resultados substancialmente melhores do que os conseguidos com os anteriores exemplos desta solução, nomeadamente em Mindelo, e que foram muito limitados.⁶

substantially better results than those obtained with this solution's previous examples, namely in Mindelo, which were quite limited.²⁴

The issue is the people's dwelling. It is to understand their aptitudes, their capacities, their needs, wills and aspirations. This is IOB's disquietude, a disquietude that, regarding the action in Alto de Bomba, also has seeds in the academy, as was the case in Bologna and in Porto in the 1960s. As for Alto de Bomba, the seeds are in M_EIA's — Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura²⁵ — pedagogical practises, in the "...academic work — *No te ne kemim* — [...], conceived to understand Alto de Bomba's urban model..."²⁶ (Flores, Pina, Fortes, 2021, p. 36) with the collaboration of Manoel Ribeiro (Flores, Ribeiro, 2016) and performed by architects, teachers, trainees and students that collaborated in IOB from the beginning.

The IOB team has long read Alto de Bomba's problem as plural and where several sides can be pinpointed rather easily: the self-built constructions' precarious conditions where about 450 families live in, many of them *tin-houses*²⁷; the lack of infrastructures and services of collective interest, of sewage and of physical space safety.

The problem is plural, indeed, but one can identify a common root: segregation. Segregation or exclusion, whatever one may call it. Something well summed up in Eros's (Alto de Bomba resident) words, when he said that *now, after IOB's interventions, Alto de Bomba is Mindelo*.

If now Eros feels Alto de Bomba is Mindelo, it means that before he did not sensed it as such. Finally, Eros has an *address*, a *place built without much artifice, in a house dedicated to thinking*.

Eros is every person from Alto de Bomba.
And not only from Alto de Bomba!
Eros is also the people from Covada da Bruxa e Fernando Pó.

And more!
Eros is everyone that lives in Cabo Verde's self-built areas.

A este respeito, veja-se a avaliação feita por Danilo Lopes Rosário (2022), do grau de aceitação dos modelos habitacionais construídos através do programa Casa para Todos em Mindelo, São Vicente, e Porto Novo, Santo Antão.

6

In this regard, refer to Danilo Lopes Rosário's (2022) assessment on the level of acceptance of the housing models built through the programme Casa para Todos [T.N.: A House for Everyone] in Mindelo, São Vicente island, and Porto Novo, Santo Antão island.

24

TN: University Institute of Art, Technology and Culture.

T.N.: Translated from the original text's quote: "...trabalho académico - No te ne kemim - [...], pensado para entender o modelo urbano de Alto de Bomba..."

25

26

T.N.: The original text reads *casas-lata*.

27

O problema é o habitar das pessoas. É perceber as suas aptidões, as suas capacidades, as suas necessidades, vontades e aspirações. Esta é a inquietação da IOB, uma inquietação que, no caso da ação em Alto de Bomba, também tem germes na academia, como aconteceu também em Bolonha e no Porto na década de 1960. No caso de Alto de Bomba, as sementes estão em práticas pedagógicas do M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, no “...trabalho académico – *No te ne kemim* – [...]”, pensado para entender o modelo urbano de Alto de Bomba...” (Flores, Pina, Fortes, 2021, p. 36) com a colaboração de Manoel Ribeiro (Flores, Ribeiro, 2016) e realizado por arquitetos, professores, estagiários e estudantes que colaboram na IOB desde o início dos trabalhos.

Assim, há muito que a equipa da IOB vinha lendo o problema de Alto de Bomba como um problema plural e no qual se conseguem identificar facilmente várias facetas: as condições precárias em que vivem cerca de 450 famílias em habitações autoconstruídas, muitas delas *casas-lata*; a falta de infraestruturas e serviços de interesse coletivo, de saneamento e de segurança do espaço físico.

O problema é plural, é verdade, mas consegue-se identificar uma causa de fundo comum: segregação. Segregação ou exclusão, como se queira chamar. Uma causa bem resumida nas palavras de Eros (morador de Alto de Bomba), quando disse que *agora, depois das intervenções da IOB, Alto de Bomba é Mindelo*.

Se agora Eros sente que Alto de Bomba é Mindelo, quer dizer que antes não o sentia como tal. Finalmente Eros tem *morada*, tem um *lugar construído sem muito artifício, numa casa dedicada ao pensamento*.

Eros são todas as pessoas de Alto de Bomba.

De Alto de Bomba e não só!

Eros também são as pessoas de Covada da Bruxa e Fernando Pó.

Mais!

Eros são todas as pessoas que vivem em áreas autoconstruídas em Cabo Verde. Pois bem, o que acontecerá se a IOB não tiver continuidade?

Seguir-se-á o vazio de ideias e o

uso de soluções com provas dadas de ineficácia para melhorar o habitar das pessoas?

ESPERANÇA

Dizem que é a última a morrer, mas não é verdade. Ela não morre sequer! Não morre porque todos nós somos os *autores que lemos, todas as pessoas que conhecemos, todas as mulheres e homens que amámos, todas as cidades que visitámos, todos os nossos antepassados*.

Isto não morre. Habita em nós.

É o que nos constrói e “só” precisamos de lhe dar uma morada.

As pessoas de Alto de Bomba podem não reparar, mas não têm outra alternativa se não darem, elas próprias, continuidade à IOB, porque o que a IOB lhes trouxe, ficou nelas. Construiu um pouco mais delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVELLATI, P. L., SCANNAVINI, R., & ANGELIS, C. d. (1981). *La nouvelle culture urbaine. Bologne face à son patrimoine*. In: Paris: Éditions du Seuil.

CERVELLATI, P. L., & SCANNAVINI, R. (1973). *Bologna: politica e metodologia del restauro nei centri storici*. Bologna: Mulino.

FLORES, N., PINA, E., FORTES, E. (2021). Voz(es) sem lugar, lugar(es) sem voz. *Estudo Prévio*, 19, 36-44 [Disponível em <http://hdl.handle.net/11144/5232>] [2022.05.22]

FLORES, N. (2019, Out, 19). *OUTROS BAIROS: as intervenções nos bairros de Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando de Pó*. BUALA. [Disponível em <https://www.buala.org/pt/cidade/outros-bairros-as-intervencoes-nos-bairros-de-alto-de-bomba-covada-de-bruxa-e-fernando-de-poj>] [2022.05.22]

FLORES, N., RIBEIRO, M. (2016). *No te ne kemim*. BUALA. [Disponível em <https://www.buala.org/pt/cidade/no-te-ne-kemin>] [2022.05.22]

LOPES, Â., FLORES, N. (2020). Outros Bairros. *Tracce Urbane. Rivista Italiana Transdisciplinare Di Studi Urbani*, 4 (7). https://doi.org/10.13133/2532-6562_4.7.16861

Well, then, what will happen if IOB has no continuity? The void of ideas and the use of solutions already proven as inefficient to improve people's dwelling?

HOPE

They say it is the last thing to die, but it is not true. It does not die! It does not die because we are *every author we have read, everyone we have known, every women and men we have loved, every city we have visited, all our ancestors.*

This does not die. It dwells in us.

It is what builds us and we “just” have to give it an address.

The people from Alto de Bomba may not notice, but they have no alternative other than to continue IOB themselves, because what IOB has brought them, stayed in them. It built a little more of them.



BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

MONIZ, G. C., CORREIA, L. M., & GONÇALVES, A. (2019). Fernando Távora Oporto's Urban Renewal: A Changing Moment in Urban Rehabilitation Policy Debate. *Journal of Urban History*, 45(4), 765–785. <https://doi.org/10.1177/0096144216688453>

HEIDEGGER, M. (1954). Building Dwelling Thinking. In M. Heidegger (1971). *Poetry, Language, Thought* (pp. 143-159). Harper & Row.

ROSÁRIO, D. L. (2022). *Habitação Social: Inclusão no tecido urbano consolidado e integração do modus vivendi no construído*. Mestrado Integrado em Arquitetura. M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultural, Mindelo.

SENNET, R. (2018). *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record.

TÁVORA, F. (1969). *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Direção de Serviços de Habitação – Repartição de Construção de Casas.

VELA, M. L. (2022). Ciudad, territorio y paisaje: intersecciones concretas. *Dearq*, 32, 81-85. <https://doi.org/10.18389/dearq32.2022.09>

WEINSTEIN, L. (2014). *The Durable Slum: Dharavi and the Right to Stay Put in Globalizing Mumbai*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press

OUTRAS REFERÊNCIAS / OTHER REFERENCES

“Amdjer na Obra” teme desemprego com estagnação das obras. (2021, Agosto). *A Nação*. [Disponível em <https://www.anacao.cv/noticia/2021/08/23/amdjer-na-obra-teme-desemprego-com-estagnacao-das-obras/>]

FERMOSEL, J. L. A. (1981). Jorge Luis Borges: “No estoy seguro de que yo exista en realidad”. *El País*. [Disponível em https://elpais.com/diario/1981/09/26/ultima/370303206_850215.html] [2022.05.28]

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL / AUDIOVISUAL REFERENCE

Outros Bairros (2020, Jul., 5). Outros Bairros, resumo primeira fase. [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/Nbca-rdEm1A>

Outros Bairros - uma reflexão sobre as políticas para a urbanização da pobreza e a construção de cidadania

OUTROS BAIRROS: A REFLECTION ON THE
POLICIES FOR THE URBANISATION OF POVERTY
AND THE CONSTRUCTION OF CITIZENSHIP

ÁLVARO DOMINGUES

1. INFORMALIDADE

A designação “urbanização informal” simplificou-se e banalizou-se para, de um modo genérico, designar formas de urbanização da pobreza que se produzem à margem dos regulamentos formais sobre urbanização e uso de solo e, por isso, nos antípodas da urbanização planeada. Sendo ignorada, tolerada, intervencionada ou, frequentemente, destruída pela ação do Estado, a urbanização informal constitui uma espécie de estado de excepção ou de flutuação onde tudo pode acontecer. Constituída por assentamentos que se desenvolvem em terrenos desvalorizados – inundáveis, declivosos ou sujeitos a outros riscos naturais, sem infraestruturas, periféricos, etc. –, tanto pode permanecer por longos períodos nessa condição, como, derivado da própria dinâmica da urbanização, atingir elevados níveis de valorização que aumentam as tensões e conflitos sobre a sua existência e modo de regulação.

Entretanto, funciona o mercado e códigos de conduta que se constituem à margem do aparato legal e, por isso, se tornam altamente sensíveis a práticas e formas de organização social extremamente problemáticas ou mesmo criminosas. Não havendo titulação formal da propriedade, cadastro, contratos de arrendamento, registos de compra e venda, normas construtivas, definição de espaço público..., tudo se passa num cenário propício à completa fragilização dos mais fracos e, no outro extremo, ao reforço do poder paralelo de líderes, milícias e outras organizações que, pela força e pela chantagem, tiram partido das condições de precariedade e pobreza dos que nada têm e que são invisíveis perante o Estado e os seus sistemas de regulação. A informalidade é tudo aquilo onde o Estado não está presente - ou está de forma discricionária -, ou está de forma indirecta e encapotada, associado a interesses particulares. Por isso, a informalidade não é apenas um assunto de assentamentos precários conotados com populações pobres.

À margem da lei e do Estado de Direito, o estatuto de ilegalidade é a fonte dos maiores paradoxos e fragilidades. Ao mesmo tempo, é o próprio Estado, o aparato legal e o sistema de justiça que definem a própria “informalidade” e o seu contrário (i.e., a regulação formal da urbanização, de tudo aquilo que é planeável e que vincula os sectores público e privado). O certo também

Cavoc Brumedje, Diogo Bento, 2019.



“Cavoc Brumedje”, Diogo Bento, 2019.



1. INFORMALITY

The designation “informal urbanisation” has been made simple and banal to, generically, designate modes of urbanisation of poverty that are produced beyond the formal regulations of urbanisation and land use and, consequently, are an antipode of planned urbanisation. Ignored, tolerated, intervened or, frequently, destroyed by the State’s actions, informal urbanisation consists in some sort of state of exception or fluctuation where anything can happen. Constituted by settlements that grow on devalued lands – flood areas, slopes or subject to other natural risks, without infrastructures, outlying, etc. –, it can either fall within that condition for a long period of time, or, following urbanisation’s inherent dynamics, reach high levels of valorisation that increase the tensions and the conflicts on its existence and mode of regulation.

Meanwhile, the market and the codes of conduct keep on functioning, constituted beyond the legal apparatus and, as such, informal urbanisation becomes highly sensitive to extremely problematic, even criminal, ways of social organisation. Without the property’s formal ownership, registry, lease contracts, definition of public space..., everything occurs within a setting conducive to the complete embrittlement of the weakest and, at the other end, to the paralleled strengthening of leaders, militias and other organisations that, by the use of force and blackmail, take advantage of the conditions of poverty and precariousness of those who have nothing and who are invisible before the State and its regulation systems. Informality is all that in which the State bears no presence – or only discretionarily present –, or where it is in an indirect and disguised manner, involved with private interests. For this reason, informality is not just a matter of precarious settlements associated with poor populations.

Remote from the Rule of Law, the statute of illegality is the source of the greatest paradoxes and fragilities. Simultaneously, the State itself, the legal apparatus and the justice system define the very own “informality” and its opposite (i.e., the formal regulation of urbanisation, of all that can be planned and binds the public and private sectors). Nevertheless, the rapid urbanisation we’ve been witnessing for the



Construção de casa de tambôr no Alto de Bomba, Álvaro Domingues, 2021 / Construction of a “casa de tambôr” in Alto de Bomba, Álvaro Domingues, 2021.

é que a urbanização rápida a que temos vindo a assistir nas últimas décadas, sobretudo no denominado Sul Global, é, em grande parte, “informal”, reflectindo a incapacidade dos Estados em resolver as necessidades de uma enorme massa de pobres, seja em matéria de habitação, de serviços como a saúde e a educação, e de direitos básicos de cidadania.

É habitual (e cómodo) separar o “sector informal” do “formal”, remetendo o primeiro para o domínio das economias de subsistência e da auto-organização à margem do sistema económico dominante, o capitalismo global. A verdade é que não é essa a questão: o sistema é o mesmo e alguns casos mediáticos como o grande bairro de lata Dharavi em Bombay, Índia, demonstram como é que de forma altamente organizada se produz para o mercado global, explorando o trabalho e a dignidade humana de quem não tem outra hipótese de vida que não seja aceitar essas condições. Como refere Ananya Roy e outros reputados urbanistas, a urbanização informal é um *modo de urbanização* e não um sub-produto ou um desvio de um modo de urbanização considerado ideal-tipo (habitualmente estudado, praticado e conhecido

last few decades, especially in the so-called Global South, is, mostly, “informal”, reflecting the States’ incapacities in answering to the needs of an enormous mass of poor people, be it in housing, in services such as health and education, and in basic citizenship rights.

It is common (and comfortable) to separate the “informal sector” from the “formal”, placing the former within the field of subsistence economies and self-organisation beyond the dominant economic system, global capitalism. The truth is that this is not the question: the system is the same and some media cases like the great slum of Dharavi in Mumbai, India, demonstrate how, in such highly organised manner, to produce to the global market, exploring the work and the human dignity of those who have no choice in life other than accepting such conditions. As mentioned by Ananya Roy and other renowned urbanists, informal urbanisation is a *mode of urbanisation* and not a by-product or a deviation to a mode of urbanisation considered ideal (usually studied, practised and known in developed economies). Formality and informality are fluid concepts that tell us more about the



Baixo Jon D'Évora, Álvaro Domingues, 2021 / "Baixo Jon D'Évora", Álvaro Domingues, 2021.

nas economias desenvolvidas). Formalidade e informalidade são conceitos fluidos que nos dizem mais acerca dos modos de legitimação de determinadas práticas e formas de governação e exercício do poder, do que acerca das características próprias deste sistema binário de classificação.

Em tempos de neoliberalismo e de privatização das “coisas públicas” -infraestruturas e serviços – tudo se confunde ainda mais. O poder do capital (veja-se a pressão do sistema financeiro internacional sobre as dívidas soberanas e as recomendações para as privatizações de bens e serviços públicos e para a centralidade do financiamento privado) corrompe e pressiona o sistema público e o aparelho do Estado, e a “informalidade” ganha terreno fora dos socialmente excluídos.

As denominadas parcerias público-privado, as operações consorciadas, os regimes de concessão/exploração,

modes of legitimation of certain practises, ways of governance and exercise of power, than the intrinsic characteristics of this binary system of classification.

In times of neoliberalism and privatisation of “public things” – infrastructures and services – all becomes more confused. The power of capital (take the global financial system’s pressure on sovereign debts and the recommendations for privatising goods and public services and for the centralisation of private funding) corrupts and pressures the public system and the State apparatus, and “informality” gains ground amidst the socially excluded. The so-called public-private partnerships, operations in consortium, the concession/exploratory agreements, the creation of special agreements, etc., be it on infrastructures, on housing, or on services, have paved an easy way for every kind of urban operations and other investments, with the

a criação de regimes especiais, etc., seja para infraestruturas, habitação, seja para serviços, abrem caminho fácil a todo o tipo de operações urbanísticas e outros investimentos, envolvendo a apropriação indevida de solo, a expulsão de populações, a criação de zonas de acesso exclusivo, de zonas especiais e toda uma série de acções que aprofundam as desigualdades e transformam a sociedade num arquipélago de ilhas de ostentação, riqueza, bem-estar, pobreza, miséria ou esquecimento. Quando os direitos de cidadania que são consignados pela Constituição – a habitação, a saúde, a escola, etc. – passam a ser organizados em modo privado com uma lógica mercantil, o cidadão passa a simples consumidor; pode protestar enquanto utente, mas só tem acesso aos bens e serviços que pode pagar e, nesse caso, a esfera pública reduz-se ao mercado cuja única lógica, como se sabe, é o lucro.

Este tem sido o suicídio da democracia, sobretudo em países onde era já muito frágil, tendo-se sucessivamente vindo a reduzir a um ritual eleitoral onde vale tudo para o mercado político do voto e para derivas autoritárias mais ou menos explícitas. Pelo caminho, perde-se o desígnio fundamental da democracia em matéria de justiça social, redistribuição e equidade, garantias basilares do estatuto de cidadania e protecção aos mais pobres; pelo caminho, perde-se também a noção do colectivo, do comum, da garantia de acessibilidade a direitos sociais universais. Na enxurrada, é a própria legitimidade do Estado de Direito e do seu funcionamento que estão em causa. Uma sociedade profundamente fracturada entre uma maioria de pobres e uma elite reduzida que circula nas portas giratórias do poder – político, económico, financeiro – e dos negócios do poder, é uma sociedade que acaba por desistir de lutar pelos seus direitos, resignando-se, deixando-se manipular por pequenos favores, caciquismo ou grandes campanhas de propaganda, fragmentando-se em grupos e indivíduos que vão procurando soluções nas malhas da vizinhança, da família alargada, de contactos na emigração e de remessas dos emigrados, na pequena economia de proximidade ou do trabalho ocasional.

A globalização – o outro nome que se dá ao capitalismo desorganizado – e a liberalização do comércio, têm vindo a fragilizar as economias/países excessivamente dependentes.

improper appropriation of land, the expel of populations, the creation of exclusive access and special zones, and several more actions that deepen inequalities and transform society in an archipelago of ostentation, wealth, well-being, poverty, misery or oblivion. When the citizenship rights provided by the constitution – housing, health, schooling, etc. – become privately organised within a mercantile logic, the citizen becomes a mere consumer; one may protest as a user, but can only access the goods and services one can pay and, in this case, the public sphere is reduced to the market, whose sole logic is, as it is known, that of profit.

This has been the suicide of democracy, especially in countries where it already was quite fragile, successively reduced to an electoral ritual where, for the vote's political market and the more or less explicit authoritarian drifts, anything goes. Along the way, democracy's fundamental design in terms of social justice, redistribution and equity, cornerstones of the statute of citizenship and of the protection of the poor, is lost; along the way, the notions of collectiveness, the common, and the guaranteed access to universal social rights are lost. In the torrent, it is the Rule of Law's very own legitimacy and its functioning that are at stake. A society profoundly fractured between a majority of poor people and a reduced elite that circulates through power's revolving doors – political, economic, financial – and businesses, is a society that, in the end, gives up fighting for its rights, resigned, letting itself be manipulated by small favours, *caciquismo*, or other great campaigns of propaganda, fragmenting itself into groups and individuals that search for solutions within the networks of neighbours, extended families, emigration contacts and the emigrants' remittances, in the small economy of proximity or of casual labour.

Globalisation – the other name for disorganised capitalism – and the liberalisation of trade have been weakening the excessively dependent economies/countries. The equation puts together the asphyxia of sovereign debt, the great necessities of an impoverished population and a territory lacking in infrastructures, bureaucracy, nepotism and, when it is the case, an excessive dependence on the export of goods resulting from extractivism



Covada de Bruxa Álvaro Domingues, 2021 / "Covada de Bruxa", Álvaro Domingues, 2021.

A equação junta a asfixia da dívida soberana, as grandes necessidades de uma população empobrecida e de um território mal infraestruturado, a burocracia, o nepotismo e quando existe, uma excessiva dependência da exportação de mercadorias resultantes do extractivismo – mineral, agrícola, pesqueiro, etc. – que transfere para o exterior a grande parte do valor acrescentado, deixando pegadas ambientais por vezes problemáticas e uma muito baixa criação de rendimento salarial. O caso do investimento chinês tem sido estudado particularmente desde 2007/10. Em 2012, a China tornou-se o maior mercado de exportação para os países africanos; 90% dessas exportações são combustíveis, minerais e metais. Em 2017 os 4 principais exportadores – Angola, África do Sul, República do Congo e Gana – concentravam 80% das exportações. O envolvimento mais visível da China em África diz respeito a contratos para projetos em infraestruturas implementados e financiados por empresas chinesas. Fragilizados e/ou envolvidos

– mineral, agrícola, fishing, etc. – that transfers to the exterior a great amount of added value, causing sometimes problematic environmental footprints and a quite poor creation of income. The case of Chinese investment has been particularly studied since 2007/10. In 2012, China became the largest export market for Africa; 90% of such exports are fuels, minerals and metals. In 2017, the four main exporters – Angola, South Africa, Republic of the Congo and Ghana – represented 80% of all exports. China's most visible involvement with Africa concerns contracts for projects in infrastructures implemented and financed by Chinese companies. Weakened by and/or interested in such businesses, the African States end up having to guarantee compensations in very unequal conditions – land for large agricultural and forestry projects, and for urbanisation, preference for the buying of Chinese products, to name a few examples¹.

Linda Calabrese and Xiaoyang Tang (2020) Africa's economic transformation: the role of Chinese investment, *The University of Manchester*, ESRC-DFID Growth Research Programme.



Casa de tambor em processo de consolidação, Nuno Flores, 2019 / “Casa de tambor” in a consolidation process, Nuno Flores, 2029.

nesses negócios, os Estados Africanos acabam por ter que garantir contrapartidas em condições muito desiguais – terra para grandes projetos agrícolas e florestais e terrenos urbanizáveis, preferência de compra de produtos chineses, por exemplo.

China typically offers African countries a “complete package” of support including money, technical assistance, and influence on an international level resulting from association with China. In some countries, China’s investment is aligned to that of the Angola Model where loans to African countries are repaid in the form of natural resources instead of monetary resources.

2. OUTROS BAIRROS, OUTRAS POLÍTICAS

Em matéria de políticas públicas de habitação de renda controlada, existem dois modelos dominantes:

– o primeiro, herdeiro das políticas social-democratas do pós-guerra na Europa, é o de produzir conjuntos habitacionais em massa

China typically offers African countries a “complete package” of support including money, technical assistance, and influence on an international level resulting from association with China. In some countries, China’s investment is aligned to that of the Angola Model where loans to African countries are repaid in the form of natural resources instead of monetary resources.²

2. OUTROS BAIRROS, OTHER POLICIES

In terms of public policies in subsidised housing, there are two dominant models:

– the first, heir to Europe’s post-war social democrat policies, consists in mass producing housing complexes – the so-called “social housing quarters”, a pile-up of small sized apartments in high density urban settlements. It is a State initiative (land, project, construction, management), the rents are reduced and the homes are assigned following a priority criteria that combine the household low incomes with other indicators of vulnerabilities/difficulties

Carla D. Jones, Mengge Li, Hermann Ndofo (2020), Correlates of Politics & Economics: how Chinese Investment in Africa Changes Political Influence, *USA Foreign Policy Research Institute*, p.16. <https://www.fpri.org/wp-content/uploads/2022/03/chinese-investment-in-africa-final.pdf>



– os chamados “bairros sociais”, amontoando blocos de apartamentos de dimensões reduzidas em assentamentos urbanos de alta densidade. A iniciativa é estatal (solo, projeto, construção, gestão), as rendas reduzidas e a atribuição de casas segue critérios de prioridade que conjugam rendimentos baixos do agregado familiar com outros indicadores de fragilidade/dificuldades (dependentes, incapacitados, crianças, desempregados de longa duração, etc.). As soluções são altamente estandardizadas e rígidas;

– o segundo, recente e de inspiração neo-liberal, baseia-se em contratos do Estado com empresas financeiras e imobiliárias para construção massiva de casas unifamiliares ou conjuntos de habitação colectiva destinadas a contratos de renda resolúvel em que o arrendatário passa a proprietário. Seguindo várias modalidades (de escalões de rendimento da classe média-baixa ao sorteio para entrega directa a famílias sem qualquer rendimento ou com rendimento muito precário e descontínuo). “Minha casa, minha vida” (Brasil) é o programa de maior escala e mais conhecido. Para além da má qualidade da construção, a localização periférica é estratégia recorrente para diminuir os custos de produção.

As duas soluções (a primeira só é possível havendo recursos no orçamento geral do Estado e/ou capacidade de endividamento) apostam em nova urbanização e, melhor ou pior, articulam-se com os planos de expansão/estruturação urbana.

Contudo, um dos resultados da urbanização rápida (também em Cabo Verde, sobretudo na Praia e no Mindelo) foi a produção “espontânea” de casas das mais variadas dimensões e qualidade, da pequena casa de chapa metálica ou bloco de cimento, a casas enormes, inacabadas (frequentemente ocupadas apenas numa parte) e auto-construídas à medida que vai havendo dinheiro da emigração ou de oportunidades pontuais de trabalho na ilha de residência ou noutra. A diversidade encontrável adapta-se a um sem número de possibilidades e modos de vida, incluindo a criação de animais domésticos, pequenas oficinas e parcelas de terreno disponíveis para qualquer eventualidade de crescimento ou melhoria do fogo.

As soluções infraestruturais e o acesso à mobilidade são muito

(reliance, incapacities, children, long-term unemployment, etc.). The solutions are highly standardised and rigid.

– the second, recent and of neoliberal inspiration, is a State initiative with financial and real estate companies aiming for the mass construction of single family houses or collective housing buildings, destined to rent-to-own contracts in which the lessee becomes the owner, following several modalities (from ranking lower middle class incomes to drawing a direct handover to families without any income or with very low, precarious and discontinued incomes). “*Minha Casa, Minha Vida*” [“My House, My Life”], in Brazil, is the largest and best known programme. Apart from the poor construction quality, the peripheral localisation is a recurrent strategy so as to lower production costs.

Both solutions (the first is only possible through the existence of resources in the General State Budget and/or debt capacity) aim at new urbanisation and, for better or worse, are articulated with the urban expansion/structure plans.

Nevertheless, one of rapid urbanisation’s consequences (also in Cabo Verde, especially in Praia and in Mindelo) was the “spontaneous” production of houses, all shapes and sizes, from the tiny, metal sheet or concrete block, ones, to the gigantic, unfinished ones (frequently, only partially occupied), self-built as remittances of emigrants become available or some job opportunities come up in an island, where one resides or not. The diversity one may find adapts to an endless number of possibilities and ways of life, including livestock breeding, small workshops, and small land parcels that allow for the eventual need of the home’s growth or improvement. The infrastructural solutions and the access to mobility are always insufficient and unequal – water supply and sanitation, trash collection, electricity, tarmac or flagstone, no pavements nor trees, etc. The wireless telecommunications service has dropped out of these conventional logics and self-produced energy can also enable other network-disconnected approaches. To compensate the proximity to structured urbanisation where there are more job opportunities, services or businesses, and in

insuficientes e desiguais em todas as questões – água e saneamento, recolha de lixo, energia eléctrica, asfalto ou calcetamento, inexistência de passeios e arborização, etc. O serviço de telecomunicações sem fios desligou-se destas lógicas convencionais, tal como a auto-produção de energia pode também possibilitar outras lógicas desligadas das redes. Para compensar a proximidade à urbanização estruturada onde há mais oportunidade de emprego, de oferta de serviços ou de negócio, e num contexto de oferta deficitária de transporte colectivo, ocupam-se terrenos altamente declivosos e as casas multiplicam-se espontaneamente ao longo de caminhos e trajectos os mais variados, desde simples acessos de pé posto, bicicleta ou moto, a, raramente, vias precárias com capacidade de circulação de veículos automóveis, autocarros ou camiões. Exceptuando vias de circulação, o espaço público ocorre de forma escassa e aleatória – a envolvente de uma sentina, um patamar não edificado no topo de uma colina, um encontro de vias, alargamentos esporádicos de ruas, etc.

Como se pode imaginar, desde a marcação de um terreno, à construção ou à tentativa de registo e legalização, são inúmeros os agentes sociais, individuais, em grupos ou empresas, que tornam possível toda esta dinâmica e dela tiram partido. Por sua vez, o Estado, considerado genericamente, assume os mais diversos e contraditórios papéis, tolerando aquilo que é incapaz de resolver. Os moradores oscilam entre a indiferença e a reivindicação, habituados a resolver as coisas contando com eles próprios, com a família, alguns vizinhos ou amigos. As mulheres ocupam um papel central na garantia do funcionamento do dia a dia.

Por todas estas razões e estando criadas e enraizadas estas situações, as operações de urbanização das áreas de génese informal, devem constituir uma prioridade absoluta em matéria de política pública pelo potencial de efeitos directos e indirectos que estão implícitos nas práticas de projeto *in situ*:

- o Estado passa a estar próximo através dos mediadores que são os projectistas acompanhadores de obra, produtores de um cadastro, de um mapeamento físico e social do bairro e de conhecimento dos seus líderes ou esquecidos, das suas

a context of insufficient collective transport, highly steep lands are occupied and houses spontaneously multiply throughout various trails and tracks, from simple footpaths sometimes used with bicycles or motorcycles, to, seldom, precarious roads that allow for the circulation of cars, buses or trucks. Except for these roads, trails and tracks, the public space occurs scarcely and randomly – around a bilge, a non-edified plateau at the top of a hill, a confluence of roads, streets' sporadic widenings, etc.

As one can imagine, from marking a plot of land to the construction or the attempt to register and legalise it, there are countless social agents, individuals, in groups or in companies, that allow for all this dynamic and take advantage from it. In turn, the State, generically considered, takes on the most diverse and contradictory roles, tolerating what it is incapable of resolving. The residents oscillate between being indifferent and demanding, used to solving things on their own, with their family, some neighbours or friends. Women play a fundamental role in the keeping of everyday life.

For all these motives, and as these situations have been created and are established, the urbanisation operations within areas of informal inception must constitute an absolute priority in public policies due to the direct and indirect effects that are implicit in the project practises in situ:

- the State becomes closer through the mediators: designers who accompany the construction, producing a property registry, a physical and social mapping of the neighbourhood and its leaders or forgotten elements, their needs and expectations..., breaking with the dangerous propensity towards fragmentation, “every man for himself”, and local “mafias” powers;

- that presence and continuous action, that permanent attention to what one is getting to know, constitute very diverse occasions to connect public and private institutions, municipal services, associations and other socially oriented organisations, companies that manage/produce infrastructures and services of public use; without that institutional web, one can hardly structure a society, a collective, a sense of belonging;



carências e expectativas..., quebrando-se a tendência perigosa de fragmentação, do cada um por si, do poder das “máfias” locais;

- essa presença e ação contínua, essa atenção permanente ao que se vai conhecendo, constituem ocasiões muito diversas para conectar instituições públicas e privadas, serviços municipais, associações e outras organizações com finalidades sociais, empresas gestoras/produtoras de infraestruturas e serviços de uso público; sem essa malha institucional dificilmente se pode estruturar uma sociedade, um colectivo, um sentimento de pertença;

- os projetos têm um carácter adaptativo, com uma elevada capacidade de articular regras e modos de fazer gerais, com necessidades e oportunidades locais, solucionando pequenos conflitos que nasceram por processos que evoluíram por somatório mais ou menos aleatório de acções individuais e estabilizando situações dúbias, indefinidas, não resolvidas que, finalmente, terão que se estabilizar na construção da própria solução;

- garantido o núcleo duro dos objectivos/programa do projeto e praticado o método evolutivo e reflexivo – não dar o passo seguinte sem avaliar o já dado; aprender com a prática; ter capacidade de resolução de conflitos e de adaptação a imprevistos; tirar partido de uma oportunidade não esperada, etc.

- , o próprio projeto transforma-se em “obra aberta” porque já se imaginaram outras benfeitorias, porque se acumulou experiência e vontade de fazer, porque se viram resultados, porque aumentou a confiança entre uns e outros..., e por isso se podem pensar outros voos;

- o envolvimento de mão-de-obra local, para além de ser uma fonte de rendimento importante, é ocasião também para se fazer formação profissional, para se discutir e participar, para se sentir que todos podem fazer parte, para, finalmente, construir comunidade e participação que são palavras que se dizem com facilidade para denominar coisas que a maior parte das vezes não existem, ou não pré-existem porque são resultado de processos contínuos, por vezes longos, por vezes tortuosos;

- estes modos de construção de colectivos quebram a anomia social e os efeitos de demonstração numa determinada realização podem

- the projects have an adaptive character, with a great capacity to articulate rules and general ways of doing, with local opportunities and necessities, solving small conflicts originated by processes that evolved from a somewhat random sum of individual actions, stabilising originating dubious, undefined, unresolved situations that, finally, will have to become stabilised in the very solution's construction;

- with the core of the project's goals/ programme assured and with the carry out of the reflexive and evolutive method: not taking the next step without assessing the one taken; learning from practice; having the capacity for solving conflicts and adapting to unforeseen situations; taking advantage from an unexpected opportunity, etc.;

- the project itself becomes an “open work” because other betterments have already been imagined, because experience and willingness to make have been acquired, because results have been witnessed, because confidence amongst each other has been enhanced..., and, for such reasons, other flights can be contemplated;

- involving local labour, besides being an important source of income, it is also a chance to perform vocational training, to discuss and to participate, to feel that everyone can be involved, to, finally, build community and engagement, words that are easily said to name things that most of the time do not exist, or do not pre-exist, as they are a result of sometimes long, even tortuous, continuing processes;

- these collective modes of building shatter social anomaly and the demonstrative effects of a certain accomplishment may be that which assures the transfer of such “collective capital” to other challenges, especially in terms of services and facilities of proximity – recreation rooms, small sports facilities, places to access communication and information technologies, to support school homework, to aid single mothers, to provide health and hygiene care, to cook meals, of cultural/artistic initiatives, etc. Basically, the institutionalising of associations, small companies, cooperatives and other organisations makes the collective “visible”, articulable, producing agents and relational joints with other actors, institutions and initiatives.

ser o garante de que se pode transferir esse “capital colectivo” para outros desafios, sobretudo em matéria de serviços e equipamentos de proximidade – salas de convívio, pequenos equipamentos desportivos, espaços de acesso a tecnologias de informação e comunicação, de ajuda nos trabalhos escolares, a mães solteiras, a cuidados de higiene e saúde, de preparação de refeições, de iniciativas artísticas/culturais, etc. Basicamente, a institucionalização de associações, pequenas empresas, cooperativas e outras organizações torna o colectivo “visível”, articulável, produzindo mediadores e rótulas de relação com outros actores, instituições e iniciativas.

A Iniciativa Outros Bairros constrói lugares comuns, soluções à medida, comprometem os moradores e o Estado, desenham horizontes, tornam a sociedade visível e ajudam a desenravar situações que apenas nasceram para gerir a escassez, as necessidades básicas, a sobrevivência, mas também a abertura de horizontes.

The Iniciativa Outros Bairros builds common places, made-to-measure solutions, commits the residents and the State, draws horizons, makes society visible and helps to unlock that which only appeared to manage scarcity, basic needs, survival but also the widening of limits.





PREFÁCIO

NOURA AL-SAYEH HOLTROP

Noura Al-Sayeh Holtrop é arquiteta e curadora e atualmente consultora da Autoridade de Cultura e Antiguidades do Bahrein para as políticas culturais e o patrimônio, bem como para estratégias de reabilitação urbana. Criou várias instalações arquitetônicas temporárias e permanentes e foi co-curadora da exposição Reclaim, a primeira participação do Bahrein na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2010, que recebeu o Leão de Ouro da Bienal no mesmo ano. Desde 2015, lidera o projeto Patrimônio Mundial da UNESCO “Pearling, Testimony of an Island Economy”, que recebeu o Prêmio Aga Khan de Arquitetura em 2019. É também membro do conselho do Museu Palestino.

Noura Al-Sayeh Holtrop is an architect and curator currently advising the Bahrain Authority for Culture and Antiquities on cultural and heritage policies as well as urban rehabilitation strategies. She has built a number of temporary and permanent architectural installations and was the co-curator of Reclaim, Bahrain’s first participation at the Venice Architecture Biennale in 2010 that was awarded a Golden Lion. Since 2015, she has headed the Pearling, Testimony of an Island Economy UNESCO World Heritage project, which received the Aga Khan Award for Architecture in 2019. She is a board member of the Palestinian Museum.

CAPÍTULO 1

NUNO FLORES

Arquiteto e consultor, atualmente, desenvolve atividade nas áreas da arquitetura e urbanismo essencialmente em Portugal. Entre 2019 e 2022 foi consultor do Gabinete da Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação, Cabo Verde, e desenhou e implementou a Iniciativa Outros Bairros (IOB), ação experimental para a reabilitação das áreas auto-produzidas de Cabo Verde, nomeadamente Alto de Bomba Covada de Bruxa e Fernão de Pó. Com a equipa da IOB, em 2022, foi Prémio Obra do Ano, portal Archdaily Brasil; Prémio Nacional de Arquitetura na categoria Espaço Público, Cabo Verde; e finalista do Aga Khan Award for Architecture. Em 2024, também com a equipa da IOB foi distinguido com Ammodo Architecture Award. É doutorado em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto onde é investigador colaborador do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

Architect and consultant, currently working in the areas of architecture and urban planning, mainly in Portugal. Between 2019 and 2022, he was a consultant for the Office of the Minister of Infrastructure, Spatial Planning and Housing, Cabo Verde, and designed and implemented the Other Neighborhoods Initiative (IOB), an experimental action for the rehabilitation of self-produced areas in Cabo Verde, namely Alto de Bomba Covada de Bruxa and Fernão de Pó. With the IOB team, in 2022, he received the Work of the Year Award from the Archdaily Brazil portal; the National Architecture Award in the Public Space category, Cabo Verde; and was a finalist for the Aga Khan Award for Architecture. In 2024, also with the IOB team, he was distinguished with the Ammodo Architecture Award. He holds a PhD in Art Education from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto, where he is a collaborating researcher at the Institute for Research in Art, Design and Society.

ÂNGELO LOPES

Ângelo Lopes, 1980, Cabo Verde. Arquiteto e artista, cofundador da “Oficina de Utopias” atua no cruzamento transdisciplinar entre a arquitetura, a fotografia, o cinema e o design. Mestre pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, pós-graduado em cinema pelo M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura. Integrou a equipa do projeto premiado, nacional e internacionalmente, OUTROS BAIRROS. Em 2022, foi Prémio Obra do Ano, portal Archdaily Brasil; Prémio Nacional de Arquitetura na categoria Espaço Público, Cabo Verde; e finalista do Aga Khan Award for Architecture. Em 2024, também com a equipa da IOB foi distinguido com Ammodo Architecture Award. Foi docente no M_EIA e colaborou no Atelier José Gigante Arquitectos.

1980, Cabo Verde. Architect and artist, co-founder of *Oficina de Utopias*, working at the transdisciplinary intersection of architecture, photography, cinema, and design. He holds a Master’s degree from the Faculty of Sciences and Technology of the University of Coimbra and a postgraduate degree in Cinema from M_EIA – University Institute of Art, Technology and Culture. He was part of the team of the award-winning project *OUTROS BAIRROS*, nationally and internationally recognized. In 2022 the project received the *Obra do Ano Award* (ArchDaily Brazil), the *National Architecture Award* in the Public Space category (Cape Verde), and was a finalist for the *Aga Khan Award for Architecture*. In 2024, also with the IOB team, he was awarded the *Ammodo Architecture Award*. He taught at M_EIA and collaborated with Atelier José Gigante Arquitectos.

ERICKSON FORTES

Erickson Victor Leite Delgado Fortes, natural da ilha de São Vicente, Cabo Verde. Mestre em Arquitetura pelo Instituto Universitário de Arte Tecnologia e Cultura (M_EIA). Em 2020 ingressou como arquiteto na equipa da Iniciativa Outros Bairros e desde 2022 faz parte da Operação de Cadastro Predial da Cidade do Mindelo.

Erickson Victor Leite Delgado Fortes, born on the island of São Vicente, Cabo Verde. He holds a Master’s degree in Architecture from the University Institute of Art, Technology, and Culture (M_EIA). In 2020, he joined the team at the Initiative for Other Neighborhoods as an architect, and since 2022, he has been part of the Property Registration Operation for the City of Mindelo.

JAKOB KLING

Jakob Stefan Kling, arquiteto do escritório Architekturbüro Kling em Ludwigsburg (Alemanha) e co-fundador do Coletivo RAM, de Mindelo, Cabo Verde. Licenciado na Bauhaus-Universidade Weimar, em 2016, com experiência profissional em trabalhos realizados no Chile, Suíça. Em Cabo Verde integrou a equipa da Iniciativa Outros Bairros, entre 2019 e 2020, bem como, foi colaborador de diferentes projetos do M_EIA, Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, no Mindelo.

Jakob Stefan Kling, architect at Architekturbüro Kling in Ludwigsburg, Germany, and co-founder of the RAM Collective, in Mindelo, Cabo Verde. He graduated from Bauhaus University Weimar, in 2016, and has professional experience with projects in Chile and Switzerland. In Cabo Verde, he was part of the team at the Iniciativa Outros Bairros between 2019 and 2020, and also worked on various projects with M_EIA, the University Institute of Art, Technology, and Culture in Mindelo.

ELAINE DE PINA

Mestre em arquitetura pelo M_EIA Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, tendo feito dois anos da Licenciatura em Arquitetura na Universidade de Coimbra. Vencedora do prémio URDI 2021 com a peça “Barro Fresco”, e após contribuir no projeto OUTROS BAIRROS (2019-2021), trabalha atualmente entre a elaboração de pequenos projetos e a construção civil.

Master’s degree in Architecture from M_EIA University Institute of Art, Technology, and Culture, having completed two years of a Bachelor’s degree in Architecture at the University of Coimbra. Winner of the URDI 2021 award with the piece “Barro Fresco” and, after contributing to the project OUTROS BAIRROS (2019-2021), currently works between the development of small projects and construction.

MIRIAM KARGBO

Moradora de Olt de Bomba. Fez formação em calçatamento com o grupo *Amdjer na Obra*. Trabalha regularmente na área do comércio e fez parte da equipa da Iniciativa Outros Bairros.

Resident of Olt de Bomba. Received training in paving with the *Amdjer na Obra* group. Regularly works in the commercial sector and was part of the Other Neighborhoods Initiative team.

NELIDA CORREIA

Moradora de Olt de Bomba, São Vicente. Licenciada em Educação pela Universidade de Cabo Verde e fez parte da equipa da Iniciativa Outros Bairros.

Resident of Olt de Bomba, São Vicente. Graduated in Education from the University of Cabo Verde and was part of the Other Neighborhoods Initiative team.

EMA BARROS

Formada em Arquitetura e Urbanismo, no Brasil. Trabalha em Cabo Verde desde 2013, primeiro na Câmara Municipal da Praia como coordenadora do Programa de Regularização de Assentamentos e Construções Irregulares, depois trabalhou no Departamento de Ordenamento do Território, como ponto focal nos projetos sobre agricultura Urbana e Planeamento de Ações para Resiliência da Cidade. Em 2018, foi coordenou o projeto: “Ecoturismo na Piscina Natural das Salinas”, na Ilha do Fogo, onde trabalhou com uma comunidade de pescadores. Como ativista desde 2013, vem colaborando com diversos coletivos e movimentos sociais, junto com outros profissionais, em projetos como iPericentro, Djumbai Libertário, MapaUrbe e Longan Mon.

She holds a degree in Architecture and Urbanism from Brazil. She has been working in Cabo Verde since 2013, initially at the Praia Municipal Council as coordinator of the Programme for the Regularisation of Informal Settlements and Constructions. She later worked in the Department of Spatial Planning, serving as a focal point for projects on urban agriculture and the planning of actions for city resilience. In 2018, she coordinated the project *Ecotourism at the Natural Pool of Salinas* on the island of Fogo, where she worked with a fishing community. As an activist since 2013, she has collaborated with various collectives and social movements, alongside other professionals, on projects such as iPericentro, Djumbai Libertário, MapaUrbe, and Longan Mon.

JASON FERREIRA

Morador em Olt de Bomba, São Vicente. Fez parte da equipa da Iniciativa Outros Bairros e é técnico de Energias Renováveis.

Resident of Olt de Bomba, São Vicente. He was part of the Other Neighborhoods Initiative team and is a Renewable Energy technician.

GRACE RIBEIRO

Mestre em arquitetura pelo M_EIA Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura. Participou nas residências, Catchupa Factory – Novos Fotógrafos em 2017 e na UPCycles em 2022. Concilia a fotografia e o audiovisual com um olhar atento sobre a transformação dos territórios e da paisagem do particular contexto insular de Cabo Verde. Destacam-se as curtas-metragens “Cabral – Artesão da Liberdade” e “Homi Grandi” ambos desenvolvidos no âmbito da ACACV em parceria com a Fundação Amílcar Cabral.

Master of Architecture, M_EIA Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura. She has participated in the residencies Catchupa Factory - Novos Fotógrafos in 2017, and UPCycles in 2022. She balances photography and audiovisual media with a watchful gaze on the transformation of territories and landscape in Cabo Verde's insular context. Selected works include “Cabral – Artesão da Liberdade” and “Homi Grandi”, both developed under the ACACV [Cabo Verde Cinema and Audiovisual Association] in concert with the Amílcar Cabral Foundation.

DAVI [BOCA]

Morador de Alto de Bomba, São Vicente. Ajudante de pedreiro durante um ano nas obras da reabilitação urbana de Alto de Bomba. Atualmente, trabalha pontualmente em obras de construção na cidade de Mindelo.

Resident of Alto de Bomba, São Vicente. Worked as a bricklayer's assistant for a year on the urban redevelopment project in Alto de Bomba. Currently, he works occasionally on construction projects in the city of Mindelo.

ELIZIO NEVES

Morador de Alto de Bomba, São Vicente. Trabalha regularmente em obras como ajudante de pedreiro e trabalhou um ano como ajudante de pedreiro nas obras da reabilitação urbana de Alto de Bomba.

Resident of Alto de Bomba, São Vicente. Regularly works in construction as a bricklayer's assistant and worked for a year as a bricklayer's assistant on the urban redevelopment project in Alto de Bomba.

EROS SILVA [GUNSTER]

Morador de Alto de Bomba, São Vicente. Ajudante de pedreiro durante um ano nas obras da reabilitação urbana de Alto de Bomba. Atualmente, trabalha pontualmente em obras de construção na cidade de Mindelo.

Resident of Alto de Bomba, São Vicente. Worked as a bricklayer's assistant for a year on the urban redevelopment project in Alto de Bomba. Currently, he works occasionally on construction projects in the city of Mindelo.

WILLY RODRIGUES

Morador de Alto de Bomba, São Vicente. Trabalha regularmente em obras como ajudante de pedreiro e trabalhou um ano como ajudante de pedreiro nas obras da reabilitação urbana de Alto de Bomba.

Resident of Alto de Bomba, São Vicente. Regularly works in construction as a bricklayer's assistant and worked for a year as a bricklayer's assistant on the urban redevelopment project in Alto de Bomba.

JOÃO CARDOSO [KNISS]

Natural de Santo Antão e morador de Alto de Bomba, São Vicente. Trabalha regularmente em obras como pedreiro e trabalhou um ano como ajudante de pedreiro nas obras de reabilitação urbana de Alto de Bomba.

Born in Santo Antão and living in Alto de Bomba, São Vicente. He regularly works in construction as a bricklayer and worked for a year as a bricklayer's assistant on the urban redevelopment project in Alto de Bomba.

AMILCAR GOMES [XANDEI]

Residente em Campim, São Vicente. Trabalha regularmente na construção civil como ajudante de pedreiro e trabalhou durante um ano como ajudante de pedreiro no projeto de requalificação urbana em Alto de Bomba.

Resident of Campim, São Vicente. Regularly works in construction as a bricklayer's assistant and worked for a year as a bricklayer's assistant on the urban redevelopment project in Alto de Bomba.

AMDJER NA OBRA - ADELAIDE GOMES, CILÉSIA LOPES, EDINELIA VERÍSSIMO, ELIANA BRITO, LEILA FORTES, MAÍSA FORTES E SAMIRA ROCHA

Somos um grupo de mulheres, chefes de família que lutam para construir um espaço dentro da construção civil. Pretendemos divulgar e continuar a cumprir o nosso sonho de ter uma vida autónoma. *Amdjer na obra* surgiu da formação que a equipa de Outros Bairros realizou no bairro de Alto Bomba, ilha de São Vicente, Cabo Verde. Atualmente o grupo é formado por 7 mulheres. A possibilidade de calçar as ruas do nosso próprio bairro deu sentido à formação que, hoje em dia, consolida a relação do grupo com outras mulheres, o que contribuiu para a construção de novas utopias no Alto de Bomba.

We are a group of women, women-heads of household, who struggle to build a place for ourselves within the construction sector. We aim to share our work and to continue fulfilling our dream of achieving an autonomous life. *Amdjer na Obra* emerged from a training programme carried out by the Outros Bairros team in the neighbourhood of Alto de Bomba, on the island of São Vicente, Cabo Verde. The group is currently made up of seven women. The opportunity to pave the streets of our own neighbourhood gave meaning to the training and has since strengthened the group's relationship with other women, contributing to the construction of new utopias in Alto de Bomba.

LEILA FORTES

Mulher, 49 anos, mãe de 5 filhos. Antes era doméstica e a formação de calceteira foi uma grande oportunidade que apareceu na minha vida porque sustento-me com este trabalho que muito me orgulha.

Woman, 49 years old, mother of five children. I previously worked as a domestic worker, and the training to become a stone paver was a great opportunity that came into my life, as I am now able to support myself through this work, which makes me very proud.

ADELAIDE GOMES

Mulher, 33 anos. Estava desempregada mas interessei-me pela calcetaria e fiz a formação da IOB. Fiquei muito curiosa e gosto muito da experiência, apesar de ser um trabalho muito cansativo. Quando pudemos trabalhar juntas entendi que é um trabalho digno e tenho orgulho de fazer parte das mulheres calceteiras porque nos sentimos muito capazes de desempenhar esta profissão.

Woman, 33 years old. I was unemployed, but I became interested in stone paving and took part in the training programme of the IOB. I became very curious and really enjoy the experience, even though it is very demanding work. When we were able to work together, I understood that it is dignified work, and I am proud to be part of the women stone pavers, because we feel very capable of carrying out this profession.

CILEZIA LOPES

Mulher, 38 anos e mãe de 3 filhos. Trabalhava como empregada doméstica quando havia trabalho. Agarrei a oportunidade de ser calceteira e mudei a minha vida porque já consigo sustentar a minha família. Sinto muito orgulho do meu trabalho.

Woman, 38 years old and mother of three children. I worked as a domestic worker whenever there was work available. I took the opportunity to become a stone paver and changed my life, as I am now able to support my family. I feel very proud of my work.

EDINÉLIA VERÍSSIMO

Mulher, 29 anos. Trabalhava numa padaria, mas saí para ser calceteira. Agarrei esta oportunidade e a minha vida mudou porque assim consigo sustentar a minha casa. Este trabalho ajuda-me muito porque já dá para pagar o Jardim da minha filha.

Woman, 29 years old. I worked in a bakery, but I left to become a stone paver. I took this opportunity and my life changed, as I am now able to support my household. This job helps me a lot, as it allows me to pay for my daughter's kindergarten.

ELIANA BRITO

Mulher, 21 anos, de Monte Sossego e mãe de 1 filho. Saí da escola e decidi trabalhar por motivos económicos. Hoje sou formada em calcetamento que aprendi por curiosidade. Hoje acho que o trabalho é fácil, gosto dele e com o tempo tenho vontade de ensinar.

Woman, 21 years old, from Monte Sossego and mother of one child. I left school and decided to work for economic reasons. Today, I am trained in stone paving, which I initially learned out of curiosity. I now find the work easy, I enjoy it, and over time I feel motivated to teach others.

MAÍSA FORTES

Mulher, 43 anos. Calcetaria, mãe de 6 filhos, chefe de família e cuidadora de uma mãe idosa. Gostei de aprender e quero dar continuidade à formação de outras mulheres. Orgulho-me de ser calceteira porque sou mãe solteira e assim melhorei muito a vida dos meus filhos.

Woman, 43 years old. Paver (stone paving), mother of six children, head of household and caregiver to an elderly mother. I enjoyed learning and want to continue by training other women. I am proud to be a paver because I am a single mother, and through this work I have greatly improved my children's lives.

SAMIRA ROCHA

Mulher, 43 anos. Antes a minha vida era difícil pela dificuldade de pagar o aluguer de casa. Atualmente, além de já não pagar, também vivo melhor com o trabalho de calceteira. Orgulho-me de ser calceteira pelo trabalho que pude participar na construção do meu bairro e da rua da minha casa.

Woman, 43 years old. Stone paver, mother of six children, head of household, and caregiver to an elderly mother. I enjoyed learning and would like to continue by helping train other women. I am proud to be a stone paver because I am a single mother, and through this work I have greatly improved my children's lives.

MARIA DE MONTE

Trabalha como peixeira na aldeia do Carrizal, ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Pontualmente, trabalha como calceteira para a Câmara Municipal da Ribeira Brava.

She works as a fish vendor in the village of Carrizal, on the island of São Vicente, Cabo Verde. Occasionally, she works as a stone paver for the Ribeira Brava Municipal Council.

ETAULINA FARIA

Mulher e mãe de 3 filhos. Trabalha como peixeira na aldeia do Carrizal, ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Pontualmente, trabalha como calceteira para a Câmara Municipal da Ribeira Brava.

Woman and mother of three children. She works as a fish vendor in the village of Carrizal, on the island of São Vicente, Cabo Verde. Occasionally, she works as a stone paver for the Ribeira Brava Municipal Council.

ARCÂNGELA FARIA

Mulher e mãe de 3 filhos. Trabalha como peixeira na aldeia do Carrizal, ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Pontualmente, trabalha como calceteira para a Câmara Municipal da Ribeira Brava.

Woman and mother of three children. She works as a fish vendor in the village of Carrizal, on the island of São Vicente, Cabo Verde. Occasionally, she works as a stone paver for the Ribeira Brava Municipal Council.

CALCETEIRAS DO CARRIÇAL - MARIA DE MONTE, ETAULINA FARIA, ARCANGELA FARIA, ANGELA BRITO, MARIA DE BRITO

Somos um grupo de mulheres, chefes de família que lutam para construir um espaço dentro da construção civil. Pretendemos divulgar e continuar a cumprir o nosso sonho de ter uma vida autónoma. O grupo surgiu a partir de uma formação de calcetamento dada pela Câmara Municipal da Ribeira Grande, bem como, mantém o sonho de calcetar a estrada de 21 km que liga Carrizal ao Jucalinho, ilha de São Nicolau. Em 2020, foram as calceteiras responsáveis por orientar a formação em contexto promovida pela Iniciativa Outros Bairros, realizada na zona de Alto Bomba, ilha de São Vicente, Cabo Verde, e que contribuiu para a formação do grupo de calceteiras *Amdjer na Obra*.

We are a group of women, heads of household, who are fighting to build a place for ourselves within the construction sector. We seek to share our work and continue pursuing our dream of achieving an autonomous life. The group emerged from a stone paving training programme provided by the Municipality of Ribeira Grande, and it continues to hold the dream of paving the 21 km road that connects Carrizal to Jucalinho, on the island of São Nicolau. In 2020, the stone pavers were responsible for leading the on-site training promoted by the OUTROS BAIROS Initiative, carried out in the Alto Bomba area on the island of São Vicente, Cabo Verde, which contributed to the formation of the group of stone pavers *Amdjer na Obra*.

RITA RAINHO

Artista e Investigadora, Portugal/Cabo Verde, 1986. É a primeira investigadora de carreira (CEEC) do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da FBAUP – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É Doutorada em Educação Artística (bolseira FCT), Mestre em Arte e Design para o Espaço Público, Licenciada Artes Plásticas, FBAUP. Foi consultora de Educação Artística na Iniciativa Outros Bairros e atualmente, juntamente com a equipa IOB, faz parte do projeto ISOB, premiado pela Ammodo Architecture Award.

Artist and Researcher, Portugal/Cabo Verde, 1986. She is the first career researcher (CEEC) at i2ADS – Research Institute in Art, Design and Society, FBAUP – Faculty of Fine Arts of the University of Porto. She holds a PhD in Art Education (FCT fellow), a Master's degree in Art and Design for Public Space, and a Bachelor's degree in Fine Arts (FBAUP). She was a consultant in Art Education for the *Outros Bairros* Initiative and is currently part of the ISOB project together with the IOB team, which was awarded the Ammodo Architecture Award.

ANGELA BRITO

Mulher e mãe de 3 filhos. Trabalha como peixeira na aldeia do Carriçal, ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Pontualmente, trabalha como calceteira para a Câmara Municipal da Ribeira Brava. Além de calceteira foi responsável pela mercearia do Carriçal e, atualmente, trabalha num lar de idosos em Lisboa.

Woman and mother of three children. She works as a fish vendor in the village of Carriçal, on the island of São Vicente, Cabo Verde. Occasionally, she works as a stone paver for the Ribeira Brava Municipal Council. In addition to her work as a paver, she runs the grocery shop in Carriçal and currently works in a nursing home in Lisbon.

MARIA DE BRITO

Mulher e mãe de 3 filhos. Trabalha como peixeira na aldeia do Carriçal, ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Pontualmente, trabalha como calceteira para a Câmara Municipal da Ribeira Brava. Sente-se preenchida sempre que pode ensinar calcetamento porque entende que assim colabora para a emancipação de todas as mulheres.

Woman and mother of three children. She works as a fish vendor in the village of Carriçal, on the island of São Vicente, Cabo Verde. Occasionally, she works as a stone paver for the Ribeira Brava Municipal Council. She feels fulfilled whenever she is able to teach stone paving, as she understands this as a way of contributing to the emancipation of all women.

VANESSA MONTEIRO

Designer de moda formada a partir da Universidade da Beira Interior (UBI) e Mestre em Branding e Design de Moda (UBI e IADE, 2013). Em 2019, criou o atelier/loja Vanessa Monteiro Design. Autora de duas coleções de vestuário, *Women Car(ry)e it All* (2017) e *Di Terra* (2014), ambas apresentadas na cidade do Mindelo. Enquanto coletivo, atua no projeto *Neve Insular* (2018) e desempenhou funções enquanto colaboradora no Centro Nacional de Artes, Artesanato e Design (2017-22) e editora de moda na GQ Portugal (2015-16).

Fashion designer, graduate of University of Beira Interior (UBI), and MA in Branding and Fashion Design (UBI and IADE, 2013). In 2019, she created the studio/store Vanessa Monteiro Design. Author of two clothing lines, *Women Car(ry)e it All* (2017) and *Di Terra* (2014), both presented in Mindelo. Collectively, she is part of the project *Neve Insular*¹ (2018) and has collaborated in the National Centre of Arts, Crafts and Design (2017-22) and as a fashion editor at GQ Portugal (2015-2016).

T.N.: Portuguese. Literally, Island Snow.

FABIANA VENCEZLAU

AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – Salgueiro/PE – Brasil

Eu sou Fabiana Vencezlau, quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE - Brasil. Professora e pesquisadora quilombola leciono na Escola José Nêu de Carvalho. Escrevo poemas e tenho graduação em Letras e Pedagogia pela FACHUSC – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e em Educação Intercultural no Pensamento Decolonial, estou mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sócia da AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas atuo em várias comissões. Como militante do movimento quilombola integro o Coletivo Nacional de Educação da CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e sou membra do NAPP de Igualdade Racial da Fundação Perseu Abramo.

AQCC — Conceição das Crioulas Quilombola² Association, Salgueiro/PE, Brazil

I am Fabiana Vencezlau, Quilombola from Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE, Brazil. Teacher and Quilombola researcher, I teach at the José Nêu de Carvalho School. I write poems and I have graduated in Humanities and Pedagogy, from the FACHUSC – Faculty of Human Sciences, Sertão Central. Expert in Portuguese and Literature, and in Intercultural Education in Decolonial Thinking, I am an M.A. Student in Humanities at the Rio Grande do Sul Federal University. A member of AQCC – Conceição das Crioulas Quilombola Association, Salgueiro/PE, Brazil –, I take part in several commissions. As an activist in the Quilombola movement, I am part of CONAQ's – the National Coordination of Articulating Rural Black Communities – National Collective of Education, and a member of the Foundation Perseu Abramo's NAPP – Pedagogical and Psychosocial Support Group of Racial Equality.

REDY LIMA

Formado em Sociologia e doutorando em Estudos Urbanos. Investigador colaborador do Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, membro do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África e da Associação Portuguesa de Antropologia. Desenvolve pesquisas no contexto cabo-verdiano nos campos da sociologia urbana, da violência, do crime e da juventude e dos movimentos Sociais.

Redy Wilson Lima holds a graduated in Sociology and currently pursuing a PhD in Urban Studies. He is a collaborating researcher at the Center for African, Asian, and Latin American Studies at the Lisbon School of Economics and Management, University of Lisbon. He is also a member of the Council for the Development of Social Science Research in Africa and the Portuguese Association of Anthropology. His research focuses on the Cabo Verdean context, specifically in the fields of urban sociology, violence, crime, youth, and social movements.

GZOO

Morador de Cavoc Burmedje, São Vicente. Realiza com regularidade trabalho de pintura no setor da construção civil e dedica-se à música, nomeadamente Hip-hop, participando em trabalhos com diferentes estudos com músicos de Cabo Verde.

Resident of Cavoc Burmedje, São Vicente. He regularly works as a painter in the construction sector and is also dedicated to music, articularly hip-hop, collaborating on projects with different collectives and musicians from Cabo Verde.

T.N.: *Quilombola* is an inhabitant of a *Quilombo*, a Brazilian settlement founded by people of African origin, mainly escaped slaves.

MANU AB

Cria de Santo Antão, mas criado em São Vicente. Apaixonado por arte e pela vida, gosta de todos os estilos de música e da cultura caboverdiana. Participou em diferentes grupos de teatro e de música e trabalha regularmente com músicos de Hip-hop.

Born in Santo Antão and raised in São Vicente. Passionate about art and life, he enjoys all styles of music and Cabo Verdean culture. He has taken part in different theatre and music groups and works regularly with hip-hop musicians.

NONOCK

Morador de Olt de Bomba, São Vicente. Apaixonado por desenho e música, nomeadamente Hip-hop, já participou em diferentes trabalhos com músicos do seu bairro e de outras zonas de São Vicente.

Resident of Alto de Bomba, São Vicente. Passionate about drawing and music, particularly hip-hop, he has participated in different projects with musicians from his neighbourhood and from other areas of São Vicente.

TELMO LUZ

43 anos, amante incondicional do Hip Hop Criolo, sendo que este amor juntamente com a paixão pela escrita, levou-me a criar o Blogue *Fralda pa Mundo*, onde tento decifrar e dar a conhecer a outras pessoas o que de melhor se faz no Hip Hop Criolo, na vertente do Rap.

43 years old, an unconditional lover of Creole Hip Hop. This love, together with his passion for writing, led him to create the blog *Fralda pa Mundo*, where he seeks to interpret and share with others the best of Creole Hip Hop, particularly in rap.

JOSÉ [REVAN] ALMEIDA

Licenciado em Design no MEIA – Instituto Superior de Arte, Tecnologia e Cultura. Designer de profissão e músico autodidata, 33 anos, nascido em Tarrfal de São Nicolau, Cabo Verde. Rapper, ativista cultural e fundador da editora/marca Kaza Preta, participou em festivais como o Festival Baía das Gatas (2019) e a Praia de Tedja, em São Nicolau. Como designer, integra regularmente eventos culturais em Cabo Verde e colabora com empresas e organizações não governamentais.

Bachelor's degree in Design at MEIA – Institute of Art, Technology and Culture, professional designer and self-taught musician, 33 years old, born in Tarrfal de São Nicolau, Cabo Verde. Rapper, cultural activist and founder of the label/brand Kaza Preta, he has taken part in festivals such as the Baía das Gatas Festival (2019) and Praia de Tedja, in São Nicolau. As a designer, he regularly participates in cultural events in Cabo Verde and collaborates with companies and non-governmental organisations.

DJ LETRA

É de São Vicente é um dos fundadores do hip-hop cabo-verdiano nos anos 90 e produtor de vários rappers cabo-verdianos. Ele defende a profissionalização da produção de beats e o reconhecimento dos criadores locais, com um papel fundamental no desenvolvimento da sonoridade rap no arquipélago.

From São Vicente, he is one of the founders of Cape Verdean hip hop in the 1990s and a producer of several Cape Verdean rappers. He advocates for the professionalization of beat production and for the recognition of local creators, playing a fundamental role in the development of rap soundscapes in the archipelago.

BIA FERREIRA

Mineira, cantora e compositora, Bia Ferreira conquistou o Brasil com a canção *Cota Não é Esmola*, canto de resistência antirracista. Multi instrumentista, cantora, compositora, arranjadora, produtora musical e ativista, Bia nasceu no interior de Minas Gerais e iniciou seus estudos na música aos 3 anos. Bia Ferreira conceituou sua arte como MMP: Música de Mulher Preta. E passou a se comunicar artisticamente com o intuito de educar, conscientizar e informar pessoas a quem foram negados os acessos aos debates sobre as demandas da luta antirracista no Brasil, bem como questões ligadas ao movimento LGBT e ao amor afrocentrado. Suas canções são leitura obrigatória para o vestibular da UNB tanto para o Ensino médio, quanto para o Ensino Superior. Além de ser citada em provas do vestibular da UFMG e UFPR.

From Minas Gerais, singer and songwriter, Bia Ferreira rose to prominence in Brazil with the song *Cota Não é Esmola* (“Affirmative Action Is Not Charity”), an anthem of anti-racist resistance. A multi-instrumentalist, singer, songwriter, arranger, music producer, and activist, Bia was born in the interior of Minas Gerais and began studying music at the age of three. She conceptualized her art as MMP: Música de Mulher Preta (Black Woman’s Music), using her artistic practice to educate, raise awareness, and inform audiences who have been denied access to debates around the demands of the anti-racist struggle in Brazil, as well as issues related to the LGBTQ+ movement and Afro-centered love. Her songs are required reading for the University of Brasília (UnB) entrance exams at both secondary and higher education levels, and are also cited in entrance examinations at UFMG and UFPR.

ELISA LUCINDA

Nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1958, e desde cedo se dedicou à poesia e ao teatro. Formou-se em Jornalismo em 1982, mas seguiu a carreira artística ao mudar-se para o Rio de Janeiro em 1986, onde estudou interpretação teatral na CAL. Destacou-se no teatro com espetáculos poéticos autorais e com a peça *Parem de falar mal da rotina*, além de fundar a Escola Lucinda de Poesia Viva. Atuou em novelas de destaque na televisão brasileira e construiu uma sólida carreira no cinema nacional. Como escritora, publicou diversos livros de poesia e prosa, sendo hoje uma das artistas mais expressivas do Brasil.

She was born in Vitória, Espírito Santo, in 1958, and from an early age dedicated herself to poetry and theatre. She graduated in Journalism in 1982, but pursued an artistic career after moving to Rio de Janeiro in 1986, where she studied acting at CAL (Casa de Artes de Laranjeiras). She stood out in theatre through her authorial poetic performances and the play *Parem de falar mal da rotina*, and also founded the Escola Lucinda de Poesia Viva. She has appeared in major Brazilian television dramas and built a solid career in national cinema. As a writer, she has published several books of poetry and prose and is considered one of the most significant Brazilian artists of today.



CAPÍTULO 4

ANTÓNIO TAVARES

Conhecido fora da Europa como um dos melhores bailarinos da dança africana contemporânea, António Tavares, é também músico e agitador cultural. Iniciou a sua carreira na cidade do Mindelo, como bailarino do Grupo Mindel Stars, com o qual fez a sua primeira digressão internacional em 1986, atuou na Holanda, Senegal, França e Macau. Em 1991 fundou os grupos Crêtcheu e Compasso Pilon. Além de trabalhar com vários coreógrafos portugueses, desenvolveu o seu próprio trabalho seguindo uma linha de criação afro contemporânea, e criou inúmeros projetos. Já partilhou palcos com criadores como Pina Bausch, Bebe Miler entre outros. Desde 2016 é diretor artístico do Centro Cultural do Mindelo, São Vicente, Cabo Verde.

Known outside Europe as one of the leading dancers of contemporary African dance, António Tavares is also a musician and cultural activist. He began his career in the city of Mindelo as a dancer with the Grupo Mindel Stars, with whom he made his first international tour in 1986, performing in the Netherlands, Senegal, France, and Macau. In 1991, he founded the groups Crêtcheu and Compasso Pilon. In addition to working with several Portuguese choreographers, he developed his own work following an Afro-contemporary creative line and created numerous projects. He has shared stages with creators such as Pina Bausch and Bebe Miller, among others. Since 2016, he has been the Artistic Director of the Mindelo Cultural Center, São Vicente, Cabo Verde.

RAQUEL DA SILVA

1984, Porto, Portugal. Após frequência no curso de Arquitetura e Urbanismo dedica-se, desde 2009, à produção cinematográfica sobretudo em Portugal tendo também passado por diversas produções no Brasil, Perú e Cabo Verde, Nigéria. O principal foco são os projetos de cinema e vídeo arte nas vertentes documental, ficcional e experimental.

1984, Porto, Portugal. After attending the course of Architecture and Urbanism, she has been dedicating herself since 2009 to cinematographic production, especially in Portugal, while having been part of several other productions in Brazil, Peru, Cabo Verde, Nigeria. She focusses on cinema and video-art in documental, fictional and experimental aspects.

IRLANDO FERREIRA

Curador, Gestor Cultural e Investigador. Eleito pela revista de artes inglesa Apollo Magazine (2020) como um dos pensadores mais influentes de África com menos de 40 anos de idade, Irlando Ferreira foi Curador Chefe (2023), Director e Programador da CNAD (2015-2022). É Mestre em Gestão e Estudos da Cultura e autor do livro “Cabo Verde, Economias Criativas, Que Benefícios para o País?”. Bolseiro de investigação pela ICI.

Curator, Cultural Manager, and Researcher. Elected by the English art magazine Apollo Magazine (2020) as one of the most influential thinkers in Africa under 40 years old, Irlando Ferreira was Chief Curator (2023), Director, and Programmer at CNAD (2015-2022). He holds a Master’s degree in Cultural Management and Studies and is the author of the book “Cabo Verde, Creative Economies, What Benefits for the Country?” He is also a research fellow at ICI.

BENTO OLIVEIRA

1973, Santo Antão, Cabo Verde. Bento Oliveira, após completar os estudos primários em Ribeira Grande, mudou-se para São Vicente, onde as primeiras impressões da paisagem local despertaram o seu interesse pelas artes visuais como forma de expressar as suas emoções. A topografia acidentada e a sensualidade da paisagem, tanto geográfica quanto humana, influenciaram profundamente seu desenvolvimento poético e visual. Depois de se formar em Educação Artística com especialização em Artes Plásticas na Amazônia, ele voltou a Cabo Verde, onde continua a ser sua principal fonte de inspiração. Bento tem participado em várias exposições, tanto individuais quanto coletivas em várias partes do mundo.

1973, Santo Antão, Cabo Verde. After completing primary school in Ribeira Grande, Bento Oliveira moved to São Vicente, where his first impressions of the local landscape sparked his interest in visual arts as a way to express his emotions. The rugged topography and the sensuality of the landscape, both geographical and human, profoundly influenced his poetic and visual development. After earning a degree in Art Education with a specialization in Fine Arts in the Amazon, he returned to Cabo Verde, which remains his main source of inspiration. Bento has participated in numerous exhibitions, both solo and group shows, in various parts of the world.

EUNICE SILVA

É engenheira e política cabo-verdiana. Foi Ministra das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação (MIOTH) (2016 – 2025), e tutelou a Iniciativa Outros Bairros até 2021.

She is a Cabo Verdean engineer and politician. She served as Minister of Infrastructure, Spatial Planning and Housing (MIOTH) from 2016 to 2025, during which she supervised the *Outros Bairros* Initiative until 2021.

JOÃO PEDRO MATOS FERNANDES

É engenheiro civil e gosta. Foi consultor em organizações públicas e privadas, gestor de empresas públicas e privadas, trabalhou e morou em Moçambique e gosta de África. Foi responsável político em Portugal e nessa altura criou o Fundo Ambiental que, entre outras coisas, financiou esta iniciativa de intervenção nos bairros do Mindelo. Nas muitas profissões que teve houve sempre um traço comum, o território. Agora, voltou a ser consultor, gestor e professor: e gosta.

He has worked as a consultant in public and private organizations, managed public and private companies, and lived and worked in Mozambique, where he developed a fondness for Africa. He also held political office in Portugal, during which he created the Environmental Fund, which, among other initiatives, funded the intervention in the neighborhoods of Mindelo. Across the many roles he has held, one common thread has always been territory. Today, he has returned to work as a consultant, manager, and teacher – and he enjoys it.

ROSÁRIO LUZ

Rosário Luz é ensaísta, colunista e contribui para vários programas noticiosos nacionais. Os seus textos abordam os problemas económicos, sociais e de género da atualidade Cabo-verdiana, a partir da experiência histórica do país e das tradições culturais locais.

Rosário Luz is an essayist, columnist, and contributes to several national news programmes. Her texts address economic, social and gender issues in Caboverdean actuality, from the country's historical experience and local cultural traditions.

HELENA GUERREIRO

Nasceu em Lisboa, no dia 3 de abril de 1970. Formação académica – Licenciou-se em Relações Internacionais, em 1994, pela Universidade Lusíada de Lisboa. Percorso profissional – Ingressou nos quadros do Instituto da Cooperação Portuguesa em 1999. Desde essa data desempenhou funções na área da Cooperação para o Desenvolvimento, nomeadamente no Instituto de Apoio ao Desenvolvimento e, presentemente, no Camões I. P. A sua atividade tem estado focada na gestão e acompanhamento de projetos, na preparação de programas estratégicos e na avaliação e monitoria. Entre 2017 e 2022 exerceu funções de Adida de Cooperação na Embaixada de Portugal na cidade da Praia, Cabo Verde, período durante o qual acompanhou, entre outros, os projetos e programas da Cooperação Portuguesa focados nas temáticas ambientais, com particular destaque naqueles que promoviam práticas inovadoras e sustentáveis.

Was born in Lisbon on April 3, 1970. Academic Background – She graduated in International Relations in 1994 from the Universidade Lusíada de Lisboa. Professional Career – She joined the Portuguese Cooperation Institute in 1999. Since then, she has worked in the field of Development Cooperation, particularly at the Institute for Support to Development and, currently, at Camões I.P. Her work has been focused on project management and monitoring, strategic program preparation, and evaluation. Between 2017 and 2022, she served as a Cooperation Attaché at the Portuguese Embassy in Praia, Cabo Verde, where she oversaw, among other things, Portuguese Cooperation projects and programs related to environmental issues, with particular emphasis on those promoting innovative and sustainable practices.

ALEXANDRA CARVALHO

Licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1992. Em abril de 2023 assumiu funções de Presidente do Conselho de Administração da TTSL – Transtejo Soflusa. Desenvolveu uma carreira extensa na administração pública, com destaque para cargos de direção no Ministério do Ambiente, onde foi Secretária-Geral (em regime de substituição) e Diretora do Fundo Ambiental. Exerceu ainda funções na área das relações internacionais e assuntos europeus, coordenando a participação do Ministério na Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia em 2007. Iniciou a sua carreira no Governo de Macau, participando na revisão do sistema jurídico local e nas negociações luso-chinesas.

She graduated in Law from the Faculty of Law of the University of Lisbon in 1992. In April 2023, she assumed the position of Chair of the Board of Directors of TTSL – Transtejo Soflusa. She developed an extensive career in public administration, notably holding senior management roles at the Ministry of the Environment, where she served as Secretary-General (in an acting capacity) and Director of the Environmental Fund. She also worked in the fields of international relations and European affairs, coordinating the Ministry's participation in the Portuguese Presidency of the Council of the European Union in 2007. She began her career in the Government of Macau, contributing to the revision of the local legal system and to the Luso-Chinese negotiations.

CARLOS SILVA

Carlos Filipe Santos Correia e Silva é engenheiro civil com mais de 11 anos de experiência em gestão de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável. Entre 2019 e 2024 atuou como CEO da Infraestruturas de Cabo Verde, liderando programas de requalificação e acessibilidade em todo o país, sempre promovendo práticas inovadoras e sustentáveis.

Carlos Filipe Santos Correia e Silva is a civil engineer with over 11 years of experience in infrastructure project management and sustainable development. From 2019 to 2024, he served as CEO of Infraestruturas de Cabo Verde, leading rehabilitation and accessibility programs across the country, always promoting innovative and sustainable practices.

SAMUEL SANTOS

Arquiteto Urbanista desde 2007, com ampla experiência em projetos diversificados, incluindo arquitetura hospitalar, hoteleira, industrial e design de interiores. Docente de arquitetura na Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Nomeado ao Prémio Nacional de Arquitetura 2015 pelo projeto do Edifício EMPROFAC Mindelo.

Urban Architect since 2007, with extensive experience in diverse projects, including healthcare, hospitality, industrial architecture, and interior design. Faculty member of the architecture department at Jean Piaget University of Cabo Verde. Nominated for the National Architecture Award 2015 for the EMPROFAC Mindelo Building project.

ADELINO GONÇALVES

Doutor em Arquitetura pela Universidade de Coimbra, onde é Professor do Departamento de Arquitetura e Investigador Centros de Estudos de Arquitetura – do Território ao Design. A sua investigação incide sobre políticas urbanas e a integração da reabilitação urbana e da salvaguarda patrimonial no desenvolvimento urbano, temas sobre os quais tem diversas publicações, de que destaca Património Urban(ístic)o e Desenvolvimento. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Adelino Gonçalves holds a PhD in Architecture from the University of Coimbra, where he is a Professor in the Department of Architecture and a Collaborating Researcher at the Centre of Architectural Studies – from Territory to Design. His research focuses on urban policies and the integration of urban rehabilitation and heritage preservation in urban development, subjects on which he has various publications, including Património Urban(ístic)o e Desenvolvimento. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ANA SILVA FERNANDES

Arquiteta e urbanista, investigadora de pós-doutoramento no Centro de Estudos Nuno Portas – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (PT) e na FAPF-UEM (MZ) e docente convidada na FAUP (PT), interessada em políticas urbanas relacionadas com vulnerabilidade socioespacial e foco no desenvolvimento local e em processos participativos, em particular nos territórios africanos lusófonos e no contexto português.

Architect and urbanist, post-doctoral researcher at Nuno Portas Research Centre – Faculty of Architecture, University of Porto (PT) and FAPF-UEM (MZ), and guest lecturer at FAUP (PT), interested in urban policies related to socio-spatial vulnerability and focussed on local development and participative processes, particularly within Portuguese-speaking African territories and the Portuguese context.

ÁLVARO DOMINGUES

Melgaço, 1959. É doutorado em Geografia Humana, docente e investigador na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Entre outras obras é autor de *Paisagens Transgênicas* (Museu da Paisagem 2021), *Volta a Portugal* (Contraponto, Lisboa, 2017), *Território Casa Comum* (com Nuno Travasso, FAUP, Porto, 2015), *A Rua da Estrada* (Dafne, Porto, 2010), *Vida no Campo* (Dafne, Porto, 2012) e *Políticas Urbanas I e II* (com Nuno Portas e João Cabral, F. C. Gulbenkian, Lisboa, 2003 e 2011), *Cidade e Democracia* (Argumentum, Lisboa, 2006). Escreve no jornal *Público*.

Melgaço, 1959. Domingues holds a PhD in Human Geography and is a lecturer and researcher at the Faculty of Architecture of the University of Porto. Among other works, he is the author of *Paisagens Transgênicas* (Museu da Paisagem, 2021), *Volta a Portugal* (Contraponto, Lisbon, 2017), *Território Casa Comum* (with Nuno Travasso, FAUP, Porto, 2015), *A Rua da Estrada* (Dafne, Porto, 2010), *Vida no Campo* (Dafne, Porto, 2012), and *Políticas Urbanas I e II* (with Nuno Portas and João Cabral, F.C. Gulbenkian, Lisbon, 2003 and 2011), *Cidade e Democracia* (Argumentum, Lisbon, 2006). He writes for the newspaper *Público*.

GIACOMO POZZI

Giacomo Pozzi é investigador em Antropologia Cultural no Departamento de Humanidades da Universidade IULM em Milão (Itália). Desde 2013, realiza investigação etnográfica em Portugal, Itália e Cabo Verde sobre os temas da vulnerabilidade habitacional, políticas públicas e marginalidade urbana. Em 2020 colaborou com a Iniciativa Outros Bairros.

Giacomo Pozzi is a researcher in Cultural Anthropology in the Department of Humanities at IULM University in Milan (Italy). Since 2013, he has been performing ethnographic research in Portugal, Italy and Cabo Verde on the themes of housing vulnerability, public policies and urban marginality. In 2020, he collaborated with the Initiative Outros Bairros.

FRANCISCO CRAVEIRO

Francisco Craveiro nasceu no Porto em Setembro de 1993, onde vive e trabalha actualmente. Estudou arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e apresentou a sua tese de mestrado “Informalidade e resistência: a partir da agência da Iniciativa Outros Bairros em Mindelo, Cabo Verde”, em Julho de 2021, depois de ter integrado durante um período de seis meses, como arquitecto, a equipa da Iniciativa Outros Bairros na ilha de São Vicente.

Francisco Craveiro was born in Porto on September, 1993, where he currently lives and works. He studied architecture at the Faculty of Architecture, University of Porto, where he presented his master thesis “Informalidade e resistência: a partir da agência da Iniciativa Outros Bairros em Mindelo, Cabo Verde” [TN.: Informality and resistance: from the agency of the Initiative Outros Bairros in Mindelo, Cabo Verde] in July 2021, after being part of the Initiative Outros Bairros’ team in São Vicente island for six months, as an architect.

VERÓNICA PINTO

Aveiro, 1996. Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, reconhece na sua prática a procura de um lugar comum, próximo nas suas linguagens e atento ao mundo. Integra actualmente o atelier de arquitectura Parto, no qual tem vindo a desenvolver um trabalho de cruzamento entre a arquitectura e a pedagogia. Forma também parte da equipa do festival BONS SONS, onde participa na tradução coletiva de um território em lugar de encontro.

Aveiro, 1996. An architect from the Faculty of Architecture of the University of Porto, recognizes in her practice the search for a common ground, close in its languages and attentive to the world. She is currently part of the architectural studio Parto, where she has been developing work that intersects architecture and pedagogy. She is also a member of the BONS SONS festival team, where she contributes to the collective translation of a territory into a meeting place.

QUEILA FERNANDES

Nasceu em Lagedos, Santo Antão, em 1994, e cresceu em São Vicente, mantendo uma forte ligação afetiva às ilhas de Santo Antão e Santiago. Interessada desde cedo em fotografia e cinema, iniciou a sua prática fotográfica aos 17 anos. Expôs o seu trabalho no Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design, em Mindelo, e participou em exposições e festivais internacionais, incluindo a *Catchupa Factory*, o festival *Afrika Sovoies* (França) e a IX Bienal de Jovens Criadores da CPLP.

Was born in Lagedos, Santo Antão, in 1994, and grew up in São Vicente, maintaining strong emotional ties to the islands of Santo Antão and Santiago. Interested in photography and cinema from an early age, she began her photographic practice at 17. Her work has been exhibited at the National Centre for Art, Craft and Design in Mindelo, and she has participated in international exhibitions and festivals, including *Catchupa Factory*, *Afrika Sovoies* (France), and the 9th CPLP Young Creators Biennial.

MARCELO LODOÑO

Fotógrafo documental formado em Estudos de Cinema e em História e mestre em História Moderna e Contemporânea. Trabalha predominantemente com temas de longo prazo para encontrar a essência das suas histórias. Observa os problemas e contradições que as sociedades modernas e tecnológicas enfrentam, criando uma reflexão sobre a sociedade. Seu objetivo é aumentar a conscientização e promover a reflexão e discussão sobre esses temas.

Colombian documentary photographer who majored in Cinema studies, and a degree in History and Master's degree in Modern and Contemporary History. He works predominantly with long term themes, to find the essence of his stories. He observes the problems and contradictions that modern and technological societies confront, creating a reflection of society. His objective is to raise awareness and promote reflection and discussion on these topics.

DIOGO BENTO

Nasceu em 1984. Vive e trabalha entre Lisboa, Portugal e São Vicente, Cabo Verde. A sua prática artística é informada por um entendimento da paisagem enquanto espaço de construção cultural, em constante confronto com as suas idiosincrasias físicas e simbólicas. O seu trabalho tira partido das possibilidades visuais e narrativas da fotografia e da instalação para dar forma a esta reflexão sobre o lugar da paisagem, através de uma abordagem a temas que passam pela ecologia, história, ciência, arquitectura, urbanismo ou decolonialidade. Tem actuado enquanto artista, fotógrafo, curador e educador em diversos projectos artísticos. É membro fundador da Associação AOJE (organização sem fins lucrativos dedicada à fotografia) e um dos impulsionadores da residência artística *Catchupa Factory* – Novos Fotógrafos (2016–2022). É assistente convidado em Fotografia na Universidade Lusófona, em Lisboa.

Born in 1984. Lives and works between Lisbon, Portugal, and São Vicente, Cabo Verde. His artistic practice is informed by an understanding of landscape as a space of cultural construction, constantly confronted by its physical and symbolic idiosyncrasies. His work takes advantage of the visual and narrative possibilities of photography and installation to shape this reflection on the place of the landscape, through an approach to themes such as ecology, history, science, architecture, urbanism, or decoloniality. He has worked as an artist, photographer, curator, and educator in various artistic projects. He is a founding member of AOJE (a non-profit organization dedicated to photography) and one of the driving forces behind the *Catchupa Factory* – New Photographers artist residency (2016–2022). He is a guest lecturer in Photography at Universidade Lusófona in Lisbon.

Este livro foi impresso em cartolina Arena
Natural Rough 90g [miolo] e 300g [capa]
pela Penagráfica. Composto nas fontes
Messina Sans, Messina Modern e
Messina Serif [Luzi Type] e Plakat
Grotesk [Good Type Foundry].



Outros Bairros Initiative

AN INVISIBLE, RELATIONAL
FORM OF URBANISM
COMMITTED TO THE SOCIAL
STRUGGLES OF ALTO
DE BOMBA, CABO VERDE



i2ADS.

INSTITUTO DE
INVESTIGAÇÃO
EM ARTE, DESIGN
E SOCIEDADE



ID_CAI
Colectivo de Acção
e Investigação

ammodo
architecture



OUTROS BAIRROS